*-****, A-Z, Aa-Zz, Aaa-Lll4

[32], 456 pp.

ELOGIOS
DOS
REVERENDISSIMOS PADRES
DD. ABBADES GERAES
DA
CONGREGAÇAÕ BENEDICTINA
DO
REYNO DE PORTUGAL,
e Principado do Brazil.

QUE OFFERECE

AO R.MO P. P. GERAL
FR. JOAÕ BAPTISTA
DA GAMA
Ex-Geral Benedictino &c. &c.

SEU AUTOR

O P. Fr. THOMAZ DE AQUINO
Olisiponense, Monge, e Pregador Geral Jubilado
da mesma Cõgregaçaõ, D. Abbade do Mosteiro de
S. Bento da Victoria da Cidade do Porto &c.

PORTO:

Na Offic. de FRANCISCO MENDES LIMA.

M.DCC.LXVII.
Com todas as licenças necessarias.

R.^MO SENHOR.

EM me preocupar de perplexidade na eleiçaõ de Patrono, concebi o nobre, e grande penſamento de offerecer a V. Rma. eſtes Elogios, no meſmo pô-

to, em que me animei a eſcrevelos. Elles ſe fazem dignos de huma eſtimaçaõ a mais diſtinta na poſteridade, pela excellencia dos Varoẽs de quem fallo; mas como as ſuas heroicas acçoens padecem no meu eſtillo hum grande rebate do ſeu merecimento, naõ precizo menos que a protecçaõ de V.Rma. para que o ſeu reſpeito me defenda da cenſura dos criticos, que attendendo á grandeza dos objectos, que me propuz neſta obra, naõ deixaráõ de culpar a groſſaria, e falta de polidéz, com que os deſcrevo. Para eſte beneficio eſpecialmente me lembrou dedicar a V.Rma. os Elogios, que lhe offereço, porque no primeiro ponto de viſta divizei em V.Rma. todas as qualidades de Mecenas. A grandeza de eſpirito, para naõ deſprezar aquem buſca com humildade a ſua protecçaõ: a generoſidade de animo, para favorecer benigno, aquem no reſpeito do ſeu nome aſpira á felicidade de apparecer no Orbe literario á viſta de tantos ſabios, e eruditos.

Eſtou bem certo, que eſtes judicioſamente haõ de reflectir, em que a minha offerta, ainda que defeituoſa pelo artifice, he a mais proporcionada a V. Rma. porque enchendo V. Rma. com tanto acerto a Dignidade, que occuparaõ no tempo precedẽte os Varoẽs illuſtres, de quem

 fallo,

fallo, em V.Rma. admiraraõ todos as prerogativas, com que elles ſe enobreceraõ. A de religiaõ, porque he bem notoria a regularidade, com que preſidio ſendo D. Abbade do Moſteiro de Pendorada, e depois no de S. Thyrſo, onde com emulaçaõ ſanta cuidou em eſtabelecer hũa obſervancia competidora, da que floreceo nos principios da noſſa Reforma no ſeculo de 1500. ſendo Prelados daquelle Moſteiro os Rmos. PP. Fr. Pedro de Chaves, e Fr. Placido de Villalobos, noſſos Reformadores. Paſſou a mayor vigilancia no lugar de D. Abbade Geral deſta Congregaçaõ; pois toda ella conhece em V. Rma. o zelo, a efficacia, e o cuidado, que lhe deve a conſervaçaõ da obſervancia, e o ſeu augmento em todos os Moſteiros. A da ſciencia; porque na utilidade de muitas almas ſe admirou o progreſſo dos ſeus eſtudos, promovendo eſtes nos Collegios, e Moſteiros da Congregaçaõ, em que liberaliza aos mais applicados os favores, com que ſe eſtimulaõ os benemeritos para ſeguir as fadigas literarias com incanſavel diſvello.

Naõ me lembro da nobreza do ſangue, que o anima; porque eſta qualidade he a de que V. Rma. mais ſe eſquece como exemplar Religioſo, que deixou a vaidade mundana na flor da idade; mas ſe eſte principio he quem influe nos co-

raçoens espiritos generozos em todo o estado, seja-me licito dizer, que o coraçaõ de V. Rma. se alenta com o illustre sangue dos Monteiros, Gamas, Teixeiras, e Queirozes, vinculado por muitas alianças com o dos Mecias, Medeiros, Mancelos, Amaraes, e Almeidas, como reconhece o mundo no Senhor Custodio Luiz de Abreu e Gama, irmaõ de V.Rma. Fidalgo da Caza de S.Magestade, e Senhor do morgado de Touriz, na Villa de Cea; sendo a Caza de V. Rma.taõ nobre, e antiga em izençoens, privilegios, e honras, que ja no tempo do Conde D. Hẽrique de Portugal cõta as suas regalias, como se pode ver no Real Archivo da Torre do Tombo, e no foral do Senhor Rey D.Manoel; naõ sendo de pouca honra á mesma Caza de V.Rma.ter no Convento de Santa Anna da Cidade de Leiria, tres lugares a seu arbitrio. Naõ me lembro tambem de varios ascendentes de V.Rma. que em justa remuneraçaõ dos serviços, que fizeraõ á Patria, empunharaõ os bastoẽs de Governadores de algumas Praças; porque entendendo ser esta narraçaõ hum ponto, de que se offende a sua religiosa modestia, mais se lizongea de attender a seus grandes tios o Rmo.P.M.Fr.Feliciano da Gama, D. Prior Geral da Ordem de Christo, e o Illmo.Joaõ da Costa Leitaõ, Lente

de

de Prima de Leys na Universidade de Coimbra, e Monsenhor da Igreja Patriarcal de Lisboa.

A estes que V. Rma. tem sempre observado como exemplares de virtudes, e letras, conformou de tal sorte a conduta da sua vida, que offenderia eu gravemente o respeito de V. Rma. se imaginasse explicalo agora. Mas porque todas estas circunstancias, que em V. Rma. considero, saõ as que revestiraõ de merecimento, e louvor os Varoens, de quem trato nestes Elogios, fica bem evidente aos olhos do mundo, que com justa proporçaõ se offerecem a V. Rma. nesta obra as acçoens dos Dons Abbades Geraes desta Congregaçaõ, merecedores do nosso respeito, huns pelo nascimento, outros pelas letras, e a mayor parte delles pelas virtudes.

Mas porque naõ fique em silencio a mayor acçaõ, que o nobre espirito de V. Rma. meditou em beneficio da Congregaçaõ, he justo que se admire o seu zelo, dando ao supremo lugar, que acabava de occupar, o mais digno successor em o Rmo. P. M. D. Fr. Manoel Caetano do Loreto. Este Rmo. P. que nasceo em o mundo aos 25. *de Dezembro de* 1724. *tendo por nobres pays a Manool Pires de Almeida, e D. Brigida Jozefa Valente, recebeo a graça do baptismo na freguezia de Santiago de Bedoido,*

da

da Villa de Estarreja no Bispado do Porto. Instruido nas maximas de religiaõ, e nos preceitos da latinidade, conseguio do Rmo.P.P.G.Fr. Thomás do Sacramento o nosso habito, que vestio no Mosteiro de S. Thyrso aos 2. de Agosto de 1742. Professou com aceitaçaõ do seu merecimento; e ouvindo Artes no Mosteiro de S. Romaõ ao P.M.D.Fr. Antonio de S.Joaõ Baptista; estudou Theologia no Collegio de Coimbra. A sua applicaçaõ, prespicacia, e engenho o fizeraõ digno do magisterio, e seguindo a Universidade, recebeo as insignias doutoraes em 9. de Outubro de 1755. fazendo bem conhecido o seu talento naquella Athenas Lusitana, especialmente nas Opposiçoẽs que por Alvará de 6. de Março de 1765. se fizeraõ á Cadeira de Prima. A Congregaçaõ, que reconhecia o seu merecimento, e letras o empregou seis annos sucessivos no exercicio de Secretario; e conciliando neste lugar o amor, e veneraçaõ de todos, foi elevado a D. Abbade Geral com pluridade de muitos votos no Capitulo Geral do prezẽte anno de 1767.dispensando estes no impedimẽto de haver sido Secretario, como se praticara mais vezes nas eleiçoens de outros Rmos. e na falta de annos de Religiaõ, como socedeo no anno de 1641. com o Rmo.P.M.Fr. Pedro de Souza.

Sen-

Sendo pois este Rmo. Prelado aquelle, em quem V.Rma. sabia, e virtuosamēte descançou o pezo da sua Dignidade, para que a observancia, e as sciencias floreçaõ em huma bem ajustada harmonia; por todos os motivos se faz merecedor do nosso respeito o seu zelo, e a sua conduta, obrigando os votos de todos, e com especialidade os meus, para dezejar a V.Rma. como agradecidos as felicidades, e bençaõs, que com dilatada maõ pode liberalizar o Omnipotente.

DE V. REVERENDISSIMA.

Obrigadissimo subdito, e servo

Fr. Thomás de Aquino.

LICENÇAS.

DA ORDEM.

O Pregador Geral Fr.Joaõ Baptiſta da Gama, D. Abbade Geral da Ordem de S.Bento no Reyno de Portugal, e Eſtados do Brazil, Senhor Donatario dos Coutos Tibaens, Mendo, Eſtella, e nelles Ouvidor, Capitaõ mór, Alcaide mór, Coudel mór, &c.&c.

Pela prezente concedemos licença ao M.R.P.Pregador Geral Fr.Thomas de Aquino, para que poſſa fazer imprimir o livro que compôz, e ſe intitula = Elogios dos Reverendiſſimos DD. Abbades Geraes da Congregaçaõ Benedictina de Portugal = viſto ſer approvado por peſſoas doutas deſta noſſa Congregaçaõ, ás quaes cometemos o ſeo exame.Dada neſte Moſteiro de S. Martinho de Tibaẽs ſob noſſo ſignal e ſelo da Congregaçaõ, e refrendada pelo Secretario della aos 6. de Janeiro de 1767.

Fr.Joaõ Baptiſta da Gama.
Dom Abbade Geral da Congregaçaõ.

Lugar ✠ do Sello.

De mandado de Sua Reverendiſima.

Fr.Manoel Caetano do Loreto, *Secretario.*

DO

Censura do M.R.P.M.Fr.Manoel do Espirito Santo, Leitor Jubilado na sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, Consultor da Bulla &c.&c.

Illustrissimos, e Reverendissimos Senhores.

ESTES Elogios que se encontraõ no prezente volume todos saõ hum fiel testemunho da perfeita, e bem avultada facundia do seu Autor o M.R.P.Fr. Thomás de Aquino, benemerito filho, e hum dos melhores ornamentos da preclarissima Congregaçaõ do inclito Patriarca S. Bento, a qual muito se condecóra com este especial, e religiosissimo Monge existente no Mosteiro desta Corte, a onde com naõ pequena admiraçaõ dos melhores eruditos enche o emprego de Pregador Geral, satisfazendo primorosamente os preceitos da Oratoria sagrada. Tanta singularidade naõ póde a modestia religiosa occultar ás sonoras vozes da fama; porque esta agora pertende tambem fazer notorio ao mundo, o quanto a applicaçaõ deste insigne Autor ainda mais transcende em seus estudos, passando a ser perfeitissimo Historiador. Empenhou-se na particular empreza (naõ pouco laboriosa) em descrever as heroicas acçoẽs de todos os seus Reverendissimos Padres, que na mencionada Congregaçaõ empunharaõ o baculo com a suprema Dignidade prelaticia desde o principio da sua reforma ate o tempo presente. E sendo cada huma delas hum ajustado, e vigoroso ex-

emplar para a imitação nas virtudes, nunca deixará de ser forçozo, e perpetuo documento para delle se aproveitarem todos os mais Prelados assim domesticos, como estranhos, abraçando no seu governo os dictames da melhor dispozição, com o acerto na economia para o bom augmento do bem espiritual, e temporal de cada huma das sagradas Familias religiosas. E obra de que com grande evidencia resulta ao publico tanto aproveitamento, he precizo se faça publica em todo o mundo por meio dos caracteres da estampa, quãdo nella não se descobre couza dissonante, e contra os dogmas de nossa santa Fé, ou recta instrucção de bons costumes. Assim o julgo sendo Vossas Illustrissimas do mesmo sentimẽto, que determinarão como forem servidos. Real Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa 15. de Fevereiro de 1767.

Fr. Manoel do Espirito Santo.

Censura do M.R.P.M.Fr.Theodoro de S.Jozé; Mestre na sagrada Theologia, Consultor do S.Officio, Examinador Synodal do Patriarcado, e das Tres Ordens Militares, Consultor da Bulla da Cruzada, Ex-Provincial da Ordem dos Pregadores &c.

Illustrissimos, e Reverendissimos Senhores.

LI por ordem de Vv. Illmas. o livro de que trata esta petição de que he autor o Rmo.P.M.Fr. Thomás de Aquino, Monge, e Pregador G.da illustre Ordem de S. Bento, e em cada Prelado, cujos Elogios encontro nesta obra descubro o quanto esta

pre-

preclara familia se conserva na exacta observancia da vida monastica, o que naõ he pequena gloria para a mesma familia, e grande consolaçaõ para os alumnos della, e particularmente para o sapientissimo autor destes Elogios, por ser a douta penna com q̃ os escreve o instrumento que os fas manifestos no mundo para honra da religiaõ, gloria de Deos, e edificaçaõ dos que os lerem, e para que se façaõ por meyo do prelo mais manifestos, eu lhe naõ acho couza alguma que se opponha aos dogmas da nossa santa Fé, e bons costumes. Vv. Illmas. mandaráõ o q̃ forem servidos. S. Domingos 1. de Junho de 1767.

Fr. Theodoro de S. Jozé.

VISTAS as informaçoens podesse imprimir o livro de que se trata, e depois conferido tornará para se dar licença que corra; que sem ella naõ correrá. Lisboa 5 de Junho de 1767.

Carvalho. Thorel.

DO ORDINARIO.

Censura do M.R.P.M.D.Fr. Joaõ Baptista de S. Caetano, Monge de S. Bento, Oppositor âs Cadeiras de Theologia na Universidade de Coimbra, Qualificador do Santo Officio, Procurador Geral da sua Congregaçaõ Benedictina na Corte de Lisboa. &c. &c.

Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor.

O Livro com o titulo de = Elogios dos Rmos. DD. Abbades Geraes da Congregaçaõ de S. Bento = he composto pelo M.R.P. Pregador Geral Fr. Thomás de Aquino Monge da minha sagrada

Or-

Ordem, e hoje D.Abbade do Mosteiro de S. Bento da Victoria do Porto. Nele estaõ escritas, com hũa elegancia digna delas, as vidas da queles Monges, que mereceraõ a primeira Dignidade da Ordem pelas suas letras, e virtudes, e que hoje nos servem á imitaçaõ, e exemplo: o Autor he hum daquelles Religiosos, dequem os mais aprendem, e que a Congregaçaõ destinou para a instrucçaõ dos fieis, nomeando-o ministro da palavra de Deos, que anuncia nos templos, e hoje elegendo-o Prelado de hum dos mayores Mosteiros, de que se compoem. A este conhecimento naõ posso dizer a V. S. couza, que naõ seja em abono do livro, e louvor do seu Autor, e se me fica livre algum arbitrio he so o de pedir a V. S. a confirmaçaõ dos acertos da minha Ordem, concedendo a esta obra a licença, q̃ merece para sair a luz publica. Lisboa no Collegio de Nossa Senhora da Estrella 9. de Junho de 1767.

Fr. João Baptista de S. Caetano.

VISTA a informaçaõ pode-se imprimir o livro, de que se trata, e depois conferido tornará para se dar licença que corra; sem aqual naõ correrá. Lisboa 11 de Junho de 1767.

Coelho.

DO

DO PAÇO.

Censura do M.R.P.M.D.Fr. Manoel do Cenaculo, Religioso da Terceira Ordem, Consultor do Santo Officio, Examinador Synodal, e das Tres Ordens, Censor da Bulla da Cruzada, Chronista da sua Religiaõ, Capelaõ mór da Armada Real &c. &c.

Senhor.

QUANDO os Escritores trabalhaõ em ser uteis, e produzem com dignidade, merecem a opportuna recomendaçaõ, que tanto dista de suspeitoza, quanto aquellas virtudes a fazem ser necessaria. O Autor da Obra prezente, pela sua notoria literatura, soube avaliar o preço, com que provocavaõ a sua admiraçaõ as muitas prendas, de que foraõ dotados os Prelados Geraes de sua Illustre Ordem. Incapaz de deixar esteril a propria meditaçaõ á cerca de huns objectos, dignos das veneraçoens do publico, intenta porpor-lhos para que aquelle os respeite, e os imite. Eu tambem creio ser este escrito huma demonstraçaõ do muito, que ja no Autor aproveitou o exemplo alheio, quando costuma produzir frutos de sciencia, e de virtude: eis aqui huma utilidade da Obra, que promette neste principio repetidos os bons effeitos. He vario o assumpto, de que se trata: nelle aprende o leitor, das muitas acçoens, que se descrevem desempenhadas com prudencia, merecedora de nobre emulaçaõ: nelle se encontra a literatura cultivada com ardor: a observancia monastica retida com tenacidade: as virtudes de todos os generos respiraõ

pra-

praticadas com edificaçaõ. Enche as attençoens a narraçaõ de huns sugeitos qualificados por ascendentes nobilissimos, por serviços literarios, e pelo zelo, e discriçaõ, com que elles formáraõ, e tem conservado ate ao presente huma Congregaçaõ muito observante, grave, sabia, e que fas gloria ao Imperio Felicissimo de Vossa Magestade. E como a penna que descreveo este assumpto, foi movida por hum espirito bem educado, e de boas luzes, o seu dezempenho assegura-lhe a reputaçaõ, e faz-me persuadir, que deve gozar da luz publica. Vossa Magestade mandará o que for servido. Convento de N.Senhora de Jezus de Lisboa da Ordem Terceira de S.Francisco em 14. de Julho de 1767.

Fr Manoel do Cenaculo.

QUE se possa imprimir vistas as licenças do Sãto Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Meza conferido para se taxar, e dar licença para correr, e sem ella naõ correrá. Lisboa 17 de Julho de 1767.

Fonceca. Pacheco. Castro.

PRO-

PROLOGO.

AINDA que a memoria dos Varoẽs Illuſtres naõ eſpira quando elles cahem na ſepultura, feridos pelo golpe da mortalidade, parece juſto, que para eternizar os ſeus nomes, os façamos recomendaveis por meyo da eſtampa á poſteridade. Coſtuma eſta algumas vezes reflectir a vida dos q̃ nos precederaõ em tempo, e ao encontrar na fraqueza do meſmo barro, de que ſe compoem, os eſtimulos mais fortes, que lhe reprezẽtaõ como faceis os caminhos da perfeiçaõ, que ſe lhe propunhaõ os mais difficultozos, com generoſo impulſo ſe empenha em ſeguir os paſſos de ſeus mayores. As ſuas virtudes, a que attendem com reſpeito, ſaõ as que reverberando com mageſtade as luzes, lhe inſpiraõ no coraçaõ o exercicio dellas, lembrando-lhe que eſte foi em vida o principio de que reſultou áquelles Heroes a eſtimaçaõ, que ainda depois da morte cõſervaõ com univerſal applauzo. As acçoẽs glorioſas, que praticaraõ com immortal credito da ſua virtude, moſtraõ, que eſtas lhe deraõ o nome, e conciliáraõ o reſpeito, que até nas meſmas cinzas ſe dedica á ſua memoria veneravel.

Sendo pois eſtes os fins, que fazem louvavel o exercicio, e decoroſo o trabalho, dequem pertende reprezentar na ſerie dos tempos aos vivos, o diſtinto merecimento dos que ſomente ſe lhes propoem para a imitaçaõ nas acçoens illuſtres, naõ he o meu intento na prezente obra mais, que expôr a vida daquelles, para que ſirvaõ de exemplar, a que ſe conformem pela obſervancia regular, os que venturo-

*** ſa-

ſamente os imitaõ pela profiſſaõ do Inſtituto Benedictino. Eſte foi talvez o fim principal, com que o Rmo.P.D.Marco Antonio Scipiaõ, eſcreveo os Elogios dos Illuſtriſſimos Abbades do Moſteiro de Caſſino, que ſahiraõ á luz na Cidade de Napoles no anno de 1643. e dezejando eu imitar na empreza, ainda que me naõ he poſſivel no eſtillo, puro, e ſublime, a eſte famozo Eſcriptor, confeſſo naõ ſer outro o meu intento neſta obra, mais que formar os Elogios dos Rmos. Dons Abbades Geraes deſta Congregaçaõ Benedictina de Portugal, para fazer reſpeitavel a ſua memoria, e para que as ſuas acçoens virtuoſas, e grandes ſirvaõ de exemplar aos filhos de hũa Congregaçaõ, que ſe deſvanece com a gloria de haver tido taõ excellentes Pays. Serviráõ de modelo para a perfeiçaõ as ſuas virtudes; e cuidarei em recomendalas ſem tropeçar no vicio da lizonja; tanto porque na ſepultura naõ tem lugar o obſequio, que declina em adulaçaõ, como porque na ſinceridade das expreſſoens ſe ha de ver claramente, que naõ mendiga hyperboles a grandeza do ſeu merecimẽto.

Naõ pertendo que os leitores me louvem pelos Elogios, que eſcrevo; nem temo que me cenſurem por ſer humilde o eſtillo, com que os formo; pertendo ſim que a minha penna deſcreva, ainda que ſem eloquencia, nem ſublimidade, a verdade com pureza, pois ſó eſta he o fim da Hiſtoria, e a ley de todas as artes, na expreſſaõ de S.Agoſtinho in Doct. Chriſtian.

Lex omnium artium ipſa veritas eſt.

Vale.

NO-

NOTICIA PREVIA
DA RELIGIAÕ DE
S. BENTO
Até o tempo da Reforma, que teve em Portugal.

HE ponto estabelecido pelos Escriptores mais criticos, e judiciosos, que o Principe dos Patriarcas S.Bento nasceo no fim do V. seculo da Igreja no anno de 480. Sua patria foi Nursia, Cidade da Italia, situada no Ducado de Espoleto. Sua familia taõ illustre, como antiga, porque seu pay Anicio Euproprio, e sua mãy Claudia Abundancia, eraõ reconhecidos como frondozos ramos de troncos os mais respeitaveis da Europa. Consagrouse a Deos na puericia, deixando com heroica resoluçaõ o mundo aos quatorze annos da sua idade. Fez aspera penitencia no deserto de Subláco, distante quatorze legoas da Corte de Roma. Aqui edificou doze Mosteiros desde o anno de 510. ate o de 529. Deixou este lugar por inspiraçaõ do Ceo, e subindo ao monte Cassino, que distava de Sublaco quarenta legoas, nelle começou a estabelecer a vida monastica, aos 49. annos de sua idade, dos quaes havia consumido em Subláco 35. Destruidos naquelle

monte os templos profanos de Apollo, e Venus, entrou a fazer conhecido o nome do Senhor á gentilidade cega, que o ignorava. Edificou sobre as ruinas do Paganismo o famoso Mosteiro, que havia ser cabeça de sua Ordem em todo o Orbe Catholico; e á sombra de sua doutrina, e exemplo entrou a formar heroes, que houvessem de instruir o mundo nos dogmas da religiaõ christaã, e na observancia de huma Regra, que havia alcançar por antonomasia o titulo de Santa. Escreveo esta em 73. Capitulos, e tendo por director, e mestre das liçoens, que estampou nella, ao Espirito Santo, mereceo que cincoenta annos depois de seu feliz transito fosse lida, e approvada pelo Santo P.e Doutor da Igreja S.Gregorio Magno, e por Zacharias, sendo a primeira que alcançou solemne approvaçaõ entre as dos mais Patriarcas. A sua excellencia intensiva tem a mayor confirmaçaõ nos Pontifices, Concilios, Canones, e Autores; que bem a ponderáraõ; a extensiva se admira em haver chegado a lugares bem remotos de Cassino em vida do illustre Patriarca. Chegou ao Reyno de Sicilia por maõs de S. Placido, Protomartyr Benedictino no anno de 536. Chegou a Hespanha, e Portugal no de 537. e finalmente a França por S. Mauro no de 543. Estabelecido desta sorte o Instituto Benedictino, deixou de viver S. Bento, e cheyo de merecimentos sahio do mundo em 21. de Março de 543. tendo de idade 63. annos.

Havendo entrado a Regra de S.Bento em Hespanha, a Cidade de Toledo, Corte entaõ dos Reys, foi a primeira, que vio os discipulos, que o Santo Patriarca enviou desde Italia para satisfazer as piedosas supplicas, com que se lhe pediraõ. O Mosteiro de

de S. Pedro de Cardenha, edificado pelos annos de 544. foi o domicilio destes Monges, dequem fazem honrosa memoria os AA. elogiando a pureza de sua vida, e a preciosidade de suas mortes. Illustraraõ as Provincias Tarraconense, e Betica com a sua doutrina, e santidade; e destinados alguns para a Provincia Lusitana, guiados por Deos se encaminharaõ á Cidade de Coimbra, que Atáces, Rey dos Alanos, fundára de novo pelos annos de 400. e que depois esteve sugeita aos Suevos, e da hi aos Godos, antes que os Mouros entrassem nas Hespanhas. Duas legoas, e meya ao Nascente de Coimbra descobriraõ o escabrozo, e aspero sitio de Lorvaõ, e alegres de encontrar hum lugar, enterrado aos olhos do mundo, e so com vista do Ceo, nelle escolheo sua habitaçaõ o Monge Lucencio, que foi o fundador, e primeiro Abbade deste solar Benedictino de Portugal, como escreve o Illmo. D. Rodrigo da Cunha na 1.p. Cap. 4. do seu Catalogo dos Bispos do Porto. Edificou-se esta Caza, segundo as melhores conjecturas, no anno de 537. por cuja cauza tem de antiguidade no prezente anno de 1767. naõ menos que 1230. annos; pois consta, que a sua Igreja se dedicou aos Santos Martyres Mamede, e Pelagio a 29. de Mayo de 537. seis annos antes, que passa-se a melhor vida o Patriarca S. Bento, que espirou no de 543. como fica dito.

Fundado o Mosteiro de Lorvaõ começaraõ a florecer em virtudes os seus habitadores. Os fieis admirados com a excellencia de sua vida lhe offereciaõ á competencia, rendas, e bens, com que a conservassem. Elles se rezistiaõ, porque em observancia da Santa Regra no Cap. 48. queriaõ viver, imitando

os

os Sagrados Apoſtolos, e antigos Padres, do trabalho de ſuas maõs. Inſiſtindo porem os ſenhores da terra, em que aceitaſſem os bens, que lhe offereciaõ, elles os aceitaraõ (por naõ ſer contra a Regra de S. Bento poſſuir rendas em commum) dizendo: *queriaõ viver á merce dos Reys, dos Senhores, e dos fieis da terra.* Neſta perfeiçaõ de vida paſſaraõ mais de 170. annos; chegou o de 714. e perturbada a paz pela geral deſtruiçaõ de Heſpanha, naõ ſe perdeo a de Lorvaõ por miſericordia do Senhor. Os Mouros, ſupoſto que barbaros, permittiraõ áquelles ſantos Monges, viver na ſua ley, e religiaõ, pagando certo tributo em cada anno. Hum dos primeiros Reys Mouros, por nome Alboacem, filho de Mahumet Alhamar, izentou de toda a vexaçaõ eſte Moſteiro, (como referem as memorias de Lorvaõ, Brito, e Sandoval) pelo bom agazalho, que ſeus Monges lhe fizeraõ em certa occaziaõ; creſcendo em o Rey eſta boa vontade de lhe fazer beneficios deſde que pelos rogos do Abbade daquella Caza, e da ſua Communidade, experimentou hum filho ſeu, que muito amava, a conſervaçaõ da vida, quazi perdida.

Correraõ 200. annos pouco mais, ou menos, deſde o Rey D. Ramiro ate o Rey D. Fernando de Caſtella, e vendo-ſe Portugal neſte largo eſpaço, hũas vezes obediente aos Reys Catholicos, outras ſogeito aos Barbaros, em fim pelos annos de 900. ſentio hũ tirano, e mayor golpe no impeto de Mahomet Almançor, que aſſolou as Cidades de Coimbra, Vizeu, Lamego, Porto, Braga, Tuy em Galiza, e Compoſtella. Inhabitada Coimbra por ſete annos, Lorvaõ, como Çarça myſterioſa, naõ ſe via abrazado do fogo inimigo. Eſcandalizados porem os Monges com

com a visinhança dos Mouros, meditaraõ o modo, com que se podia sacudir o jugo. Dous delles pediraõ ao Senhor de Coimbra licença para ir em romaria a S.Salvador de Oviedo, e concedida esta, chegaraõ com imenso trabalho no mez de Outubro, á prezença do Rey D. Fernando Magno, que por aquelle tempo se achava em Carriaõ. Foraõ bem aceitos do Rey, áquem miudamente deraõ conta do sitio de Coimbra; do numero de Mouros, que ali havia, do cuidado com que vigiavaõ, e quaõ importante lugar era esta Cidade para os Christaõs.

Prometeo o Rey, ouvida esta relaçaõ, o seu amparo: sahio em pessoa a campo, com hum poderoso exercito. O Abbade de Lorvaõ lhe sahio ao encontro, e acompanhando-o sempre, e os seus Monges, no meyo do arrayal celebravaõ missas, e cumpriaõ os divinos officios. Seis mezes durou o cerco, sem se render a Cidade, e como por falta de mantimentos ordenasse o Rey, podesse voltar á sua patria, e caza quem quizesse, se em quatro dias naõ chegasse o sustento, que esperava, offereceraõ os Mõges de Lorvaõ quanto tinhaõ, gados, aves, pescado, legumes, paõ, e vinho, para remedio desta necessidade publica. Com esta provizaõ, apertando o Rey o cerco, se rendeo a Cidade. Deraõ o Abbade, e Monges o festivo parabem ao Rey, e offerecendolhe este a Cidade para que tomassem della o que quizessem, nada quizeraõ aceitar mais que a confirmaçaõ das merces, que os Reys seus antecessores lhe haviaõ feito; do que admirado o Rey lhes mãdou passar Carta, verdadeiramente regia, em que testifica a seus filhos, e successores serem *estes Monges os melhores de quantos em seus Reynos tinha.*

Taes

Taes eraõ os Monges de Lorvaõ na fidelidade, e ſerviço,com que obzequiavaõ aos ſeus Principes; porem havendo mais de 640. annos, que faziaõ celebre pelas ſuas virtudes aquelle Moſteiro, viraõ-ſe obrigados a deixalo quando o Rey D. Sancho I. do nome, ſe empenhou como Rey em dar eſte Moſteiro a ſua filha a Senhora D. Thereza, cujo cazamento com o Rey D. Affonſo IX. de Leaõ, declarou o Summo Pontifice por illicito, na falta de diſpenſa Apoſtolica, paſſou eſta Caza Benedictina a ſer Ciſterciense, deſde 24. de Dezembro de 1200. Porem deixando eſta narraçaõ como ponto menos principal,o certo he,que a Religiaõ Benedictina ſe propagou tanto em o noſſo Reyno de Portugal, que chegou a contar mais de 130. Moſteiros, florecendo a obſervancia da Santa Regra no dilatado eſpaço de ſetecentos annos.

Cada hum dos Moſteiros era governado por hum Abbade perpetuo, que os Monges elegiaõ, na conformidade da meſma Regra. Zelavaõ eſtes a obſervancia, e por iſſo ſe admiravaõ virtudes ſingulares, tanto nos Prelados, como nos ſubditos. Porem como a malicia dos tempos perverte todas as couzas, começaraõ os Abbades perpetuos Benedictinos a ſeguir o exemplo da Igreja Primaz de Braga, e Cathedral do Porto, e mais Sés. Porque os Biſpos dividiraõ as rendas, que eraõ para uzo em Communidade, entre ſi, e o ſeu Cabido, como fez em Braga o Arcebiſpo D.Joaõ, chamado o Ovelheiro, e no Porto o Biſpo D.Martim Pires; o meſmo começaraõ a fazer os ditos Abbades, que levavaõ duas partes das rendas,a titulo de agazalhar os hoſpedes, e peregrinos, que tanto lhes recomenda a Santa Regra; deixando

do ao Convento huma fó parte,de que naõ fe podia bem fuftentar. Daqui rezultava á obfervancia hum detrimento notavel, porque dividindo-fe em penfoẽs particulares, o que fe devia expender em Communidade, dava-fe occaziaõ a que fe relaxaffe o theor de vida, em que fe devem confervar os profeffores de huma Regra. Para efta relaxaçaõ cõcorreraõ muito as entradas dos Mouros em varios tempos; as guerras entre o noffo Reyno, e o de Caftella; as fomes, e as peftes, e os mais fuceffos calamitozos, que foccederaõ no grande efpaço de 863. annos, que correraõ defde o anno de 537. em que entrou em Portugal a Santa Regra, até o de 1400. pouco mais, ou menos, em que começaraõ a ver-fe Comendatarios perpetuos. Eraõ eftes tantos em numero pelos annos de 1464. que requerendo o Cardeal Portuenfe ao Papa Paulo II. naõ concedeffe huma Cõmenda perpetua de certo Mofteiro de França, que fe lhe pedia, refpondeo o Papa: Que defde o tempo de Califto III. eleito em 1455. e de Pio II. feu anteceffor eraõ tantas, que eftavaõ encomendados mais de quinhentos Mofteiros a Cõmendatarios feculares. Affim o efcrevem Renato Chopino, Jacob Papienfe, Tamburino, e outros.

Começando pois em o noffo Reyno eftas Commendas, efpecialmente defde o tempo do Cardeal Alpedrinha D. Jorge da Cofta, aquem a Corte de Roma obzequiou mais que a de Portugal, entrou a relaxar-fe mais a obfervancia monaftica. Naõ cuidavaõ os Cõmendatarios mais que em utilizar as fuas peffoas, e Cazas com as rendas, que percebiaõ; pouco, ou nada cuidavaõ, em que os Monges, que lhes eraõ fugeitos, defempenhaffem as obrigaçoens do

Instituto, que professavaõ. Por esta cauza era bem sensivel em todos os Mosteiros, em que prezidiaõ a falta de observancia regular; e como a corrupçaõ dos costumes leva sempre o homem a mayor desordem, pouco havia quem lamentasse aquella falta, pelo interesse, que lhe resultava, de viver conforme a liberdade de suas paixoẽs, e apetites. Era igual, ou similhante a este damno espiritual da Religiaõ, o temporal dos Mosteiros; por que faltando nos Abbades Cõmendatarios o zelo, e cuidado da Observancia regular, naõ era muito que deixassem de interessarse no augmento temporal das suas Cazas. A de Deos se via arruinada pela relaxaçaõ, em que viviaõ os Monges sem o estimulo de hum Prelado, que os animasse, ou instruisse na perfeiçaõ; as suas rendas perdidas, e dissipadas, porque os mesmos Cõmendatarios naõ cuidavaõ mais, que em receber as que lhe pertenciaõ. Aos Monges assistiaõ muy parcamẽte, e como lhes faltavaõ com o que era precizo para a conservaçaõ da vida, e decencia do estado, naõ se escandalizavaõ, nem dohiaõ na consciencia de que estes naõ vivessem conformes ao seu estado, nem de que fosse similhante á liberdade secular a sua vida. Em fim, do descuido dos Cõmendatrios se originou toda a relaxaçaõ, em que viviaõ os subditos, e a notavel perda de bẽs, que experimentaraõ os Mosteiros; merecendo a falta do seu zelo no espiritual, e temporal das Cazas, que administravaõ, aquella afrontosa expressaõ, que escreveo no liv. 1. cap. 8. de suas obras o famoso Joaõ Trullo: *Hi Commendatarii sunt, qui Monasteria relaxarunt, labefecerunt, & corruperunt.* Esta verdade he bem constante entre os eruditos na Historia daquelles seculos; mas para que se manifeste

feste de algum modo, eu a exponho em alguns Cõmendatarios do Mosteiro de Tibaẽs, de cujos Abbades triennaes, que saõ os Geraes da Congregaçaõ, escrevo os Elogios.

Governado o Mosteiro de Tibaens no espaço de 403. annos por 16. ou 17. Abbades perpetuos, que elegeo o Convento, conforme lhe prescreve a Santa Regra, quizeraõ os Monges por morte do Abbade D.Gonçalo proceder a nova eleiçaõ. Oppoz-se a ella hum Procurador do Cardeal Alpedrinha, que residia em Roma, e como este na quella Curia, era Datario de todos os Beneficios de Portugal, ficou sendo mais de dous annos Comendatario de Tibaẽs, assim como era de outros sete Mosteiros Benedictinos, seis de Cister, e dez de Santo Agostinho. Da sua assistencia em Roma he bem facil de entender, em que observancia viviriaõ os subditos estando sem pastor, em Portugal. Foi a Roma com D. Pedro de Noronha, Embaixador do Rey D.Joaõ II. Fernaõ de Pinna, Chronista mór do Reyno. Renunciou nelle o Cardeal Alpedrinha o Mosteiro de Tibaens pelos annos de 1492. A sua residencia ordinaria em Lisboa, fez com que perdesse Tibaẽs quinze Igrejas, naõ lhes acudindo ao tempo, em que vagavaõ. Seu filho Ruy de Pina, que socedeo em III. Abbade, naõ degenerou de seu pay em cuidar pouco naquella Caza. Se naõ foraõ iguaes as perdas, naõ foi menor o seu descuido na utilidade della. O IV. Abbade Fr. Antonio de Sá, Portuguez, mas professo no Mosteiro de Monserrate, depois de haver sido no seculo Dezembargador do Senhor Rey D. Manoel, foi o que começou a interessar-se como exemplar religiozo, que era, no augmento, e esplendor do seu Mos-

ceiro. Chamado de Hefpanha pelo Senhor D. Joaõ III. para governar o Mofteiro de Alcobaça, o que fez quatro annos, vagáraõ os Mofteiros Benedictinos de Tibaens, Carvoeiro, e Arnoya. O Rey o nomeou Abbade Cõmẽdatario de todos elles; e eftando no intento de que efte excellente Varaõ reformaffe todos os Mofteiros de S. Bento, naõ o executou, porque muitos do Confelho de Eftado lhe reprefentaraõ, ¡que fendo o Reyno pobre, naõ havia rendas, com que fe remuneraffem os ferviços das peffoas benemeritas, fe naõ as do patrimonio de S. Bento. Que pouco luziriaõ eftas Cazas, e avultariaõ diante de Deos os feus ferviços, fe a ambiçaõ, com que pertendiaõ os bens alheyos hia a diminuir ao mefmo Deos a gloria na falta de confervaçaõ de quem tem mayor obrigaçaõ para fervilo!

Naõ obftante efte eftorvo da Reforma, que meditava o piiffimo Rey, cuidou o Abbade Fr. Antonio de Sá muito na parte, que lhe tocava, vifto naõ poder cuidar, como fe intentára, em o todo. Fez em Tibaẽs hum dormitorio, e as officinas, de que depois fe utilizaraõ os Padres Reformadores. Aceitou noviços, e os criou em notavel obfervancia, trazẽdo para Meftre delles o admiravel Monge Fr. Joaõ Chanones, Francez de naçaõ, e profeffo em Monferrate; aquelle que no dito Mofteiro foi pay, e meftre efpiritual de Santo Ignacio de Loyola na fua converfaõ, veftindo-lhe o habito dos Irmaõs leigos de Monferrate; habito em que fe livrou da opreſaõ dos Florentinos, que no anno de 1523. o prenderaõ como efpia, tomando-o na fua protecçaõ o D. Abbade Benedictino do Mofteiro de Santa Maria de Florença. Retirouſe efte exemplariffimo Monge,

pe-

pelas ſaudades de Monſerrate, áquelle Santuario, e deixando em Tibaens imitadores das ſuas virtudes, com eſtes continuou o D.Abbade Fr.Antonio de Sá a obſervancia 15. ou 16. annos, até que faleceo em 10. de Agoſto de 1550.

Seguio-ſe em V. e ultimo Abbade Cõmendatario de Tibaens D. Bernardo da Cruz, da illuſtriſſima Ordem de S.Domingos, e Biſpo que fora de S.Thome, e havendo nelle religiaõ, e prudencia, para conſervar no eſtado, em que ſeu anteceſſor deixára o Moſteiro, nelle faleceo dia de Paſcoa de 1565. Viviaõ por entaõ os Monges deſta Caza com mayor perfeiçaõ, que os das outras; porem como lhes faltava quem os animaſſe com a doutrina, e com o exemplo a viver ſegundo a regra de S. Bento, eraõ tantos os deſcuidos na ſua obſervancia, que ſo o nome os dava a conhecer por ſequazes deſte ſagrado Inſtituto. Naõ edificavaõ muito os proximos com a regularidade de ſua vida; porque devendo eſta ſer de Monges, elles eraõ muito ſimilhantes aos ſeculares. Naõ inſpiravaõ reſpeito os ſeus coſtumes, por que as ſuas deſordens os faziaõ pouco eſtimaveis. A ſua obſervancia ſe ſe attendia, naõ era mais que para o deſprezo. A obediencia eſtava ligada ao temor do caſtigo; as ſuas acçoens eſtragadas com a corrupçaõ de alguns vicios. Em fim, havia introduzido a relaxaçaõ no meyo do Santuario o ſeu veneno, e arruinado os Moſteiros, naõ havendo quem com maõ poderoſa reparaſſe nas Cazas de Deos os ſeus eſtragos.

Chegando porem o tempo, em que o Senhor das miſericordias, quiz fazer magnifica oſtentaçaõ do ſeu poder, e bondade, ſabiamente diſpoz que de-

to-

todos estes membros, ou Mosteiros Benedictinos se formasse hum corpo estimavel, e formozo. Reservou para os tempos do Senhor Rey D. Sebastiaõ, e de seu tio o Cardeal Rey esta grande gloria; e inspirando no magnanimo coraçaõ de D. Antonio da Silva, Abbade Cõmendatario de Santo Thyrso o principio desta famosa obra, aquelle Mosteiro foi a baze, em que lançou os alicerses de huma verdadeira Reforma. Para a estabelecer chamou do Santuario de Monserrate, do Reyno de Cataluña, dous Varoens escolhidos, que foraõ os Rmos. Padres Fr. Pedro de Chaves, e Fr. Placido de Villalobos, cujos Elogios entro a escrever, naõ só porque elles foraõ os Reformadores dos Mosteiros, de que se compoem esta Congregaçaõ, senaõ os dous primeiros Geraes, que teve depois de erigida em hum só corpo neste Reyno de Portugal.

ERRATAS.

Pag.	reg.	Erros.	*Emendas.*
108.	26.	e inteira.	*e inteireza.*
194.	14.	concluio.	*conciliou.*
267.	4.	1659.	1639.

NO-

NOTA PRELIMINAR.

ESCREVENDO *a vida do Rmo. P. Fr. Pedro de Chaves Reformador, e* 1. *Geral desta* Congregaçaõ, *me vi obrigado a formar mais corpo de historia, que elogio, para referir com individuaçaõ os varios sucessos, que teve com a mesma Reforma; e sendo que esta precizaõ me disculpa o faltar ás leys, que devem observar-se nos Elogios, julguei que era justo precaver neste lugar todo o reparo, para que a critica judicioza me naõ culpe quando neste primeiro Elogio, e algum outro achar, que a forma delles declina em historia.*

ELOGIO I.

DO R.mo P.Fr. PEDRO DE CHAVES

1. *Reformador*, e 1. *Geral Benedictino.*

A VIDA, e acçoens memoraveis do Heroe, que me proponho neste Elogio, saõ taõ dignas da veneraçaõ, e respeito, que intento conservar-lhe por meyo da estampa, que sem attender a grossaría da penna, que as descreve, espero se eternizem na memoria dos Benedictinos pela sua mesma grandeza. Resplandeceo esta singularmente em o nosso Portugal, desde que o Senhor Cardeal Rey D. Henrique, declarou Reformador, e Geral da Congregaçaõ Benedictina, que de novo erigia, ao Rmo. P. Fr. Pedro de Chaves; mas para que busquemos esta grandeza no seu principio, he proprio desta narraçaõ examinar a sua origem.

Na Villa de Çafra alem do Guadiana, na Estremadura, nasceo Pedro de Chaves no anno de 1514. Seus pays, que entre os do seu povo, eraõ distintos, em nenhuma couza cuidaraõ mais que na educaçaõ deste filho. Inspiravaõ-lhe ternamente ao coraçaõ o amor das virtudes, e o aborrecimento dos vicios, para que formando hum plano das acçoẽs christaãs, em que devia empregar-se, seguisse huma vida conforme a os dogmas da religiaõ, e obrigaçoẽs do christianismo. Correspondeo feliz-

A mente

mente a os piedozos intentos de ſeus progenitores a boa indole deſte amavel filho. Todo elle ſe aplicou a deſempenhar as grandes ideas, que formavaõ ſobre a ſua conduta. Entrou a deſprezar o mundo antes de o conhecer perfeitamente. Naõ fez cazo da eſtimaçaõ humana, quando eſta principiava a lizonjear o ſeu merecimento. Applicado ás ſciencias tomou por principio dellas o ſanto temor de Deos, para que o fruto de ſuas obras, naõ degeneraſſe da raiz, de que procedia. Seu genio docil nada emprendia com mayor diſvelo, que imitar as acçoẽs virtuoſas de ſeus mayores. Seu eſpirito habil, e prompto para ſe avançar no real caminho da virtude, ſó a eſta attendia como a hum termo, a que ſe devem encaminhar os projectos de hum homem, que aſpira a acreditar-ſe ſabio, e prudente. Naõ empregando o coraçaõ nas eſperanças vaidoſas do ſeculo prezente, ſo cuidava na felicidade, que o futuro promete aos que vivem ſegundo os dictames da razaõ, e da probidade. As riquezas, que na ſua caza eraõ abundantes, naõ ſe lhe propunhaõ ſenaõ como prizoẽs, que podiaõ captivar-lhe a liberdade, e corromper-lhe o coraçaõ. Por iſſo as abandonou, e todos os mais cõmodos, que lhe figurava a idade florente, eo ſublime engenho, de que liberalmente o enriqueceo a graça, e a natureza.

Deſenganado aſſim; entrou a contemplar, que o mundo naõ devia ſer o theatro, em que repreſentaſſe as acçoẽs illuſtres, que imaginava executar; e querendo que ſomente Deos foſſe teſtemu-

nha

nha dellas, antepoz o eſtado religioſo aos mais; para que o eſtavaõ convidando a diſtinçaõ do naſcimento, e o merecimento peſſoal. Lançou os olhos pelas familias Sagradas, e pelos Moſteiros mais celebres em obſervancia; e reconhecendo, por inſpiraçaõ ſuperior, que o eſtimulava a ſer virtuoſo, longe dos tumultos do ſeculo, que o Inſtituto Benedictino florecia com ſingularidade no Santuario de Monſerrate, eſcolheo eſte retiro para tratar ſeriamente da juſtificaçaõ de ſua alma. Ignora-ſe o anno, em que ſe aliſtou por filho de S. Bento em Monſerrate; mas ſe a diſtancia dos tempos nos ocultaõ eſta memoria, naõ ſe perdeo a da ſua virtude em os annos, que viveo em aquella Caza. He conſtante na hiſtoria della, que Fr. Pedro de Chaves foi hum dos filhos mais dignos, que ella teve. Entregue aos exercicios monaſticos, era na adoleſcencia objecto de admiraçaõ aos que ſeguiaõ as virtudes havia muitos annos, e modelo da obſervancia para os que de novo a procuravaõ. Nos actos de religiaõ era o mais prompto; na pratica das virtudes o mais deligente. Sua humildade profunda; ſua obediencia cega, e exacta. A modeſtia de ſeu roſtro, e acçoẽs inſpiravaõ devoçaõ, e ternura. Sua candidez, e ſingeleza de animo o reſpeito, que pertendem alcançar, e nunca merecem as acçoẽs, que dirige o artificio. Na pureza de vida, ſe naõ excedia, igualava a os que mais ſe adiantavaõ em viver como anjos, ſendo homẽs. No deſprezo dos bens caducos, era competidor famoſo dos que ſomente trabalhaõ para conſeguir

os eternos. Sabemos em fim que por eſtas, e outras virtudes, em que reſplandecia, todos os Monges daquelle Santuario empregaraõ nelle os votos, elegendo-o Meſtre dos Noviços na quella Caza, lugar que exercitou por dilatados annos.

Neſte laboriozo emprego, para que ſe devem eſcolher com mayor cuidado, que para as Prelazias, os ſugeitos mais avultados em perfeiçaõ, e talento, porque da ſua prudencia, ou falta della pende o eſplendor da vida religioſa, pela reprovaçaõ, ou aprovaçaõ dos individuos com que ſe formaõ as Familias Sagradas; neſte emprego digo, ſe achava o P.Fr. Pedro de Chaves, quando o Rmo. Fr. Diogo de Lerma Geral da Congregaçaõ de Heſpanha, e varaõ bem conhecido pelo ſeu merecimento, o deſtinou para que paſſaſſe a Portugal, em qualidade de Reformador da nova Congregaçaõ que ſe pertendia eſtabelecer neſte Reyno. Era elle entaõ governado pela Senhora Rainha D. Caterina, que por morte de ſeu marido D. Joaõ III. regía em nome de ſeu neto o Rey D. Sebaſtiaõ, que na quelle tempo naõ contava mais de quatro annos. No trono Apoſtolico prezidia á Igreja o Papa Paulo IV. a quem ſe encaminharaõ as ſuplicas em beneficio deſta Reforma, a que deu occaziaõ o motivo ſeguinte.

Havia ſocedido a D. Miguel da Silva, Biſpo de Viſeu, e depois Cardeal, no lugar de Abbade Comendatario do Moſteyro de Santo Thyrſo, ſeu ſobrinho D. Antonio da Silva, irmaõ do Conde de Portalegre. Aceitou elle com goſto eſta Dignidade,

mas

mas com desagrado a obrigaçaõ, com que se lhe deu, de que reformasse o Mosteiro, porque sentio com o agravo huma condiçaõ, que a nenhum de seus antecessores se havia posto. Entendendo porem christaãmente, que Deos o escolhia para instromento glorioso de huma obra, de que havia resultar ao mesmo Deos grande gloria, e ao seu nome hum credito o mais avultado, entrou no empenho de executar como vontade do Altissimo o que em outra hora se lhe propoz como agravo, com que o offendiaõ os homens. Para conseguir este fim, nem attendeo a despezas, nem se poupou a diligencia alguma. Pedio efficazmente á Senhora D. Caterina, Governadora deste Reyno, cartas de favor, e protecçaõ para sua sobrinha, e nora a Princeza D. Joanna, que entaõ governava Castella, na auzencia de seu irmao D. Felipe, querendo que esta Senhora mandasse da Congregaçaõ de Hespanha dous Monges taõ benemeritos, que podessem reformar na observancia o seu Mosteiro de Santo Thyrso. Conseguio a graça, que pertendia, e a empenho da protecçaõ real da Princeza D. Joanna, concedeo o Rmo. P. Geral Fr. Diogo de Lerma, junto em Diffinitorio com alguns Prelados, que viessem a Portugal os Monges, que se pediaõ, naõ obstante haver Constituiçaõ Capitular, que prohibia passarem a Reynos estranhos os Religiosos da mesma Congregaçaõ Benedictina de Hespanha.

Vencida esta primeira difficuldade, quiz o Geral Hespanhol significar claramente a obediencia, comque satisfazia a vontade da Augusta Princeza, que

que ſe moſtrava agradecida pela condeſcendencia aos ſeus rogos. Expedio para execuçaõ da ſua promeſſa huma Provizaõ ao Moſteiro de Monſerrate, e expondo nella os motivos, que obrigavaõ a lavrala; naõ conſtrangeo com obediencia, ſe naõ que perſuadio com admoeſtaçoens a os PP. Fr. Pedro de Chaves, e Fr. Placido de Villalobos (de quem tratará o II. Elogio) quanto ſeria do ſeu agrado, que ambos ſe encarregaſſem deſta Reforma. Lida a Provizaõ, e ponderada a empreza pelos dous Monges mencionados nella, naõ foi pequeno o embaraço, que lhes rezultou na cõſideraçaõ do grande empenho para q̃ ſe viaõ deſtinados. A ſua hnmildade lhes propunha, que naõ eraõ habeis, nem idoneos para tomarem em ſi o pezo de hum emprego taõ grande: a honra de Deos lhes dizia, que a Providencia eſcolhe os inſtromentos debeis, e fracos, quando delles quer uzar para confuzaõ dos fortes. Naõ ſendo porem eſte ponto daquelles, que ſe reſolvem ſem huma reflexaõ prudente, e judicioſa, aſſentaraõ ambos em ſeguir o parecer de ſeus mayores, intereſſando as oraçoẽs proprias, e alheyas, para que o Ceo lhes inſpiraſſe o que foſſe mais do beneplacito do Altiſſimo. Reſultou deſtes rogos a acorde determinaçaõ de obedecer á vontade de Deos, e do Prelado, e ſem que na execuçaõ do que ſe devia obrar, houveſſe a minima demora, ſahio o P. Fr. Pedro de Chaves, e ſeu Companheiro do Santuario de Monſerrate aos 30. de Setembro de 1558.

Chegou a Valhadolid com felicidade, e havendo de

de beijar a maõ á Princeza D.ª Joanna, bufcou ao Embaixador de Portugal Martim Correa da Silva, aquem o Comendatario de Santo Thyrfo havia já efcrito fobre efte importante negocio. Recebeo elle com agrado a os dous Monges, e conduzindo-os á prezença da Princeza Real, ali encontraraõ as demonftraçoẽs de favor, e alegria, com que os Principes fabem dar a mayor fatisfaçaõ a feus Vaffalos. Naõ fó lhes offereceo efta Senhora o que era precizo para cõmodo da jornada, fe naõ que lhes recomendou que de Portugal lhe efcreveffem, quando foffe neceffario, porque eftava prompta a liberalizar-lhes merces, em que reconheceffem a grandeza de feu animo real.

Sahindo da Corte bufcou o P. Fr. Pedro ao feu Rmo. Geral, que entaõ fe achava no Mofteiro de Ovaraens, e recebendo delle a bençaõ, que lhe conferio, cheyo de confolaçaõ, e agrado paternal, lhe pedio a inftruçaõ, e licenças, que fe faziaõ precizas para entrar em huma empreza de tanta ponderaçaõ. Defpedidos do Rmo. P. Geral os novos Reformadores, começaraõ o caminho de Portugal na companhia de hum Clerigo, que por ordem do Abbade Comendatario de S. Thyrfo os efperava, para os conduzir ate a Villa de Pinhel, em que era Vigario. Nefte lugar defcançaraõ o breve efpaço de dous dias; e continuando a jornada, em toda a parte encontraraõ a boa vontade, e animo, com que D. Antonio da Silva os chamava; porque a fua advertencia, e generofidade difpoz, que nos lugares a que chegavaõ achaffem quanto lhes

lhes era precizo para o comodo do ſeu tranſporte. Elle enviou em diſtancia do Moſteyro a ſua familia principal para que o recebeſſe, e acompanhaſſe; elle meſmo os recebeo na entrada de ſua caza com os ſignaes de caridade a mais perfeita, e de coraçaõ o mais generozo. Neſte caritativo, e obſequioſo cortejo ſe paſſaraõ quatro dias; porem como o P. Fr. Pedro de Chaves, naõ vinha mais que a cuidar na vinha do Senhor, que ſe achava diſſipada, paſſado eſte breve tempo de deſcanço, perguntou ao D. Abbade Cõmendatario qual era a ſua vontade, e que determinava ſe fizeſſe naquelle Moſteiro? Reſpondeo elle: que de prezente naõ podia dimittir as rendas da quella Caza; porem que em quanto a os Monges della elle lhos entregava, e a juriſdiçaõ, que nelles tinha, para que correſſe por conta do ſeu cuidado o inſtruilos, ſegundo as maximas da obſervancia Monaſtica.

Deu-lhes renda ſufficiente para a ſua conſervaçaõ; e prometendo ao P.Fr. Pedro o ſeu favor, e amparo para o mais que foſſe precizo, moſtrou no diſcurſo do tempo na execuçaõ, que a ſua promeſſa naõ conſiſtira ſomente em palavras. Era eſte Fidalgo verdadeiramente illuſtre; porque eſmaltava a nobreza de ſeu ſangue com o ornato das virtudes. Era devoto, e pio. Frequentava os officios divinos com religiaõ, e piedade. Eſmoler para com todos os pobres; exemplar para com as gentes. Aſſim o teſtificava, e deixou eſcrito o P.Fr. Pedro de Chaves; porque em cinco annos, que viveo em companhia de D. Antonio da Silva, confeſſa, que lhe

lhe ſervio ſempre de edificaçaõ , e nunca de eſcandalo a ſua vida. Acabou eſta em Sevilha, para onde ſe havia retirado com pretexto de attender a hũa moleſtia grave, que padecia; mas a verdade he, que o naõ ſer bem aceito neſte Reyno ſeu tio D. Miguel da Silva, Biſpo de Vizeu, foi cauza de que elle buſcaſſe fóra da patria a fortuna, que lhe naõ foi mais propicia em a mudança que fez.

Chegando, como fica dito, ao Moſteiro de S. Thyrſo os novos Reformadores antes do Advento de 1558, nenhum contentamento receberaõ com a ſua vinda os Religioſos, que nelle habitavaõ. Sabiaõ eſtes, que a ſua vida era mais regulada pelos dictames da propria vontade, que pelos da razaõ; e como no P. Fr. Pedro reſplandecia huma obſervancia exacta, eſta ſe lhe propoz como objecto de horror deſdeque o viraõ. Huns ſe auzentavaõ temerozos de ſugeitar-ſe a huma vida mortificada, e Religioſa; outros allegavaõ, que ſeguiaõ os paſſos, dos que lhe precederaõ, ſem advertir, em que eſtes fizeraõ duvidozo o ponto da ſalvaçaõ eterna, ſe he que naõ choràraõ a tempo as faltas, que tiveraõ na guarda da Santa Regra Benedictina. Entre eſtes Religioſos naõ havia ſenaõ dous, que tiveſſem feito profiſſaõ, e ainda hum deſtes a havia celebrado com certas condiçoens bem alheyas do acto, que executara. Achando-ſe neſte eſtado os que ficaraõ no Moſteiro (porque a os que ſe auzentaraõ naõ ſe podia acudir com o remedio conveniente) entrou o P. Fr. Pedro de Chaves a perſuadir com o ſeu exemplo, que he a arma mais forte, e mais fina, com que ſe armaõ

os Prelados para vencer, e penetrar os coraçoẽs dos Subditos, huma vida taõ regular, e obſervante, que inſpirava veneraçaõ, e reſpeito, ainda aos que mais reſiſtiaõ a ſe conformar com o exemplar, que Deos lhes propunha aos olhos.

Contradiziaõ muitos eſta obſervancia, porem diſſimulando o P. Reformador, como medico perito, os fernezîs deſtes enfermos, eſperava que haviaõ de cobrar ſaude quando a graça do Senhor lhes infundiſſe nos entendimentos a luz da verdade, e doutrina, que intentava enſinar-lhes. Como meſtre cuidava em deſterrar-lhe as ſombras da ignorancia, em que viviaõ, por falta de eſtudos: como prudente disfarçava a groſſaria das reſpoſtas, que lhe davaõ, como quem eſtava neſcio nas regras da policia. Morava entre elles para os attrahir com os frequentes actos de amor, e caridade: rezava com elles em o Coro, para lhes enſinar a empregar-ſe no ſerviço de Deos com a maior perfeiçaõ: comia na ſua companhia no refeitorio para lhes ſervir de modelo na temperança, modeſtia, e ſilencio, com que ſe deve ſeguir aquelle acto. Perſuadia-lhes emfim, que a vida de Monge era muito differente da que praticavaõ, e que naõ podiaõ juſtamente gozar as rendas, que os fieis haviaõ deixado para conſervaçaõ de Varoẽs pios, e Religioſos, ſem que viveſſem conforme as leys de Religiaõ, e piedade.

Todas eſtas reflexoẽs do P. Reformador eraõ aſperas, e deſabridas áquelles Monges. Falar-lhes em oraçaõ, e liçaõ, era lingua eſtranha, e incognita para elles. Perſuadir-lhes exercicios eſpirituaes,

naõ

naõ era menos, que excitar nas ſuas palavras zombarias. As obras de humildade, e deſprezo, eraõ no ſeu conceito actos de hypocriſia; porque coſtumados a huma vida ocioſa, julgavaõ como affectaçaõ de virtude as acções humildes, em que o ſeu Reformador ſe ocupava. Naõ deixava porem eſte de empenhar-ſe para com Deos, afim de que allumiaſſe aquelles entendimentos cegos, aquellas vontades rebeldes, conhecendo bem, que a mudança de huma tal vida, havia ſer unicamente obra da maõ direita do Excelſo. Aſſim o moſtrou o Ceo na reſoluçaõ de Fr. Gonçalo de Santa Maria. Buſcou eſte ao P. Reformador, e ſegurando-lhe que Deos o eſtava chamando interiormente, propoz deſde logo abraçar o beneficio da vocaçaõ. Significou-lhe, que queria profeſſar, e dimittir de ſi as rendas, que percebia, ſogeitando-ſe em tudo mais a viver conforme a obſervancia da Regra, de que trazia o habito; e que nas ſuas maõs ſe entregava, para que delle diſpozeſſe como foſſe ſervido.

Deſagradou eſta ſanta reſoluçaõ aos mais companheiros; porem como Deos o fez conſtante, e forte para ſeguir ſem tropeço o caminho ſeguro, naõ ſo perſiſtio na vontade de profeſſar, ſenaõ que ſervio de exemplar aos mais para a imitaçaõ. Deu o P. Reformador conta deſta mudança de Fr. Gonçalo a D. Antonio da Silva; e alegrando-ſe elle ſumamente da porta, que Deos franqueava ao importante negocio da Reforma, determinou-ſe o dia, em que ſe havia fazer a profiſſaõ ſolemne. Chegou eſte, e como as ceremonias, com que os Benedictinos celebraõ aquelle acto ſaõ cheyas de

 pie-

piedade, e devoçaõ, foi inexplicavel o contentamento, que o D. Abbade Comendatario recebeo, vendo professar aquelle Monge. Por conta da sua grandeza esteve todo o luzimento daquelle dia; e augmentouse o seu gosto muito mais, vendo que o novo professo entrava no empenho de persuadir aos seus antigos Companheiros, que o imitassem. Consideraraõ estes a alegria, em que vivia Fr. Gõçalo depois de professo, e segurando-lhes elle a intima dor, que o penetrava de naõ haver mudado de vida muito antes, quizeraõ gostar das mesmas delicias, q̃ elle affirmava encõtrára em a nova observancia, que seguia. Que o P. Reformador tivesse nesta conversaõ huma grande parte, naõ se pode duvidar, tanto porque em Monserrate havia dado dictames de piedade, e religiaõ ao dito Fr. Gonçalo de Santa Maria, quando passou por aquelle Mosteiro, fazendo jornada para Roma, como porque entrando em Portugal, buscou com diligencia este Monge, que em Monserrate lhe disse, era Claustral em o nosso Reyno. Foi elle a primicia do seu laborioso emprego da Reforma; e tanto mais agradavel, quanto mais servio de modelo, e exemplar aos mais, que seguindo os seus passos fizeraõ profissaõ, do que rezultou no Cõmendatario D. Antonio da Silva hũ contentamento muito especial.

Hum unico individuo, desta Caza se rezistia a sugeitar sua liberdade á obediencia. A idade de 25. annos, e a pouca regularidade, com que vivia lhe reprezentavaõ as delicias temporaes, como objectos os mais agradaveis, e os bens, que possuhia, como correntes de que naõ podia soltar-se o coraçaõ. Entrou-

trou o P. Reformador a instar vivamente na sua conversaõ, mas revestido das virtudes proprias para reduzir ao rebanho do Senhor aquella ovelha, que outro Prelado menos advertido, lançaria talvez com a sua imprudencia em hum fatal precipicio. Sofria com paciencia as palavras injuriozas, com que este Monge ultrajava o seu respeito; e com humildade dissimulava os oprobrios, que contra a sua vida, e doutrina proferia sem acordo. Recorria na oraçaõ a Deos com efficacia a mais rara, esperando que o Pay das misericordias, e Deos de toda a consolaçaõ pozesse os olhos nesta ovelha, que era a ultima, que se resistia a entrar como as mais, no seu rebanho. Póde tanto com o Senhor esta instancia, que em huma noite, fóra de horas, o buscou aquelle Monge, e lhe disse: que elle se via tocado de Deos por huma parte, mas por outra todo prezo ao mundo com motivos, que pareciaõ desculpaveis. Alentou o P. Reformador o espirito deste Monge, já abalado, mas naõ de todo movido para seguir a vida religiosa; e persuadindo-lhe que cuidasse na sua salvaçaõ fervorosamente, certificou-o de que os embaraços temporaes ficavaõ por conta do seu cuidado. Nesta reposta recebeo aquelle Monge, atelli rebelde á vocaçaõ divina, o ultimo impulso para obedecer-lhe, e sacrificando aos dictames da razaõ a desordem da sua vontade, naõ só fez deixaçaõ dos bẽs, que possuhía, se naõ q̃ declarou sinceramente ao P. Reformador a onde estavaõ algumas peças de mayor estimaçaõ, e valia, para que dellas dispozesse o que lhe parecesse conveniente, e justo. Cheyo de ternura paternal recebeo o P. Reformador este

novo

novo filho em os braços; e determinando o dia para a ſua profiſſaõ, foi eſta a mais ſolemne de todas, porque o D. Abbade Comendatario ſe empenhou em que foſſe mais feſtivo aquelle dia, em que ſe dedicava todo a Deos hum Monge, que naõ ſó foi o mais opoſto áquella Reforma, ſe naõ o ultimo, em quem ſe completavaõ os piedoſos intentos da ſua Religiaõ, e Caridade. Aqui ſe deve admirar quanta foi a miſericordia do Senhor, e a efficacia de ſeu ſervo o P. Reformador na converſaõ deſte Monge; porque os ſeus coſtumes depois de profeſſo ſervíaõ de aſſombro a os meſmos a quem antes naõ edificavaõ. Era brando, e ſuave para todos, ſendo que no tempo antecedente era aſpero, e deſabrido. Frequentava a oraçaõ com tal exceço, que depois dos officios divinos, e nas horas vagas ſe achava no Coro, todo entregue a eſte ſingular exercicio. Purificava com penitentes lagrimas os deſcuidos paſſados da ſua vida; e ſendo no amor do proximo eſtremoſo, era nas obrigaçoẽs de Monge o mais exacto.

Porem ſe em Fr. Franciſco do Porto (eſte era o ſeu nome) vio o P. Reformador brotar na florente idade os frutos dignos de penitencia pela doçura de ſua doutrina, naõ foi menor o ſeu goſto quando vio que no ultimo prazo da vida, renunciava aos muitos bens, e riquezas caducas, que poſſuhia, o P. Fr. Alvaro de Lugo. Era eſte Monge profeſſo em hum dos Moſteyros da noſſa Congregaçaõ de Heſpanha; mas retirando-ſe a Portugal, vivia no Moſteiro de S. Thyrſo, deſcuidado, como os mais, da obſervancia, que devia ao eſtado, que profeſſára.

Naõ

Naõ reſiſtio á nova reforma daquella Caza; mas nem por iſſo deixava de poſſuir, e reter alguns bens, que ſe deviaõ incorporar ao todo da Comunidade. Soube o P. Reformador deſte erro, em que eſtava o dito Monge, e buſcando com ſuavidade os meyos de emendalo, lhe ſegurou que incorria penas de proprietario, ſe naõ dimittia de ſi os bens, de que ſe utilizava. Reſiſtio a eſte avizo paternal o Monge, taõ velho na idade, como no ſeu erro; porem como vio, que o P. Reformador eſtava diſpoſto a mudar a benignidade de pay, na autoridade de prelado, tocado de ſuperior impulſo ſe reſolveo no dia ſeguinte a fazer entrega de tudo, ſem que reſervaſſe nem para o proprio uzo couza alguma, que lhe ſerviſſe de embaraço á conſciencia. Porem naõ foi o temor do caſtigo quem o moveo a eſta obra, que executou; foi ſim a luz de Deos, e a perſuaçaõ da quelle varaõ prudente, que o inſtruhia; porque ſe ſabe, que deſde aquelle ponto reformou a vida, ſervindo de exemplar a todos os Monges. Em nenhũa occaſiaõ o viſitou o P. Reformador, que naõ o achaſſe, ou orando, banhado todo em lagrimas, ou lendo eſpiritualmente para recreaçaõ de ſua alma. Reconhecia tanto o que devia a Deos, e ao P. Reformador, que ſe no ſilencio da Oraçaõ gratificava ao Senhor a grandeza de ſua bondade, e clemencia, na publicidade confeſſava ao P. Reformador, e lhe dizia em altas vozes: *Vós Padre, depois de Deos, me ſalvaſtes, tirando a peſte de mim, que me tinha atado ſem liberdade. Agora vivo, e tomo gram goſto nas couzas de Deos, porque o tirei das couzas enganozas do mundo.* Saõ palavras formaes, com que ſe explicava, ſegundo

ſegundo deixou eſcrito o meſmo P. Reformador; que naõ duvidou affirmar a bemavẽturança da quelle Monge, attendendo a obſervancia, e regularidade, com que fechou o periodo de ſeus dias.

Achando-ſe neſte eſtado aquella Caza, naõ perdia tempo o P. Reformador em dar àquelles Monges as normas de obſervancia. Perſuadia naõ terem couza propria, a que ſe prendeſſe o coraçaõ. Evitar as comunicaçoens externas, em que ſe perde o amor da ſolidaõ, e retiro. Empregar o tempo na liçaõ dos livros devotos, com que ſe deſvanecem os penſamẽtos opoſtos á vida chriſtaã, e religioſa. Meditar ſériamente ſobre os noviſſimos do homem, para evitar os peccados; e ſobre a Vida, e Paixaõ de Chriſto para bem ſe entranharem no amor de Deos. Em fim, elle ſe empenhava em deſterrar as ſombras, e trevas da ignorancia, em que os ſepultára a falta de eſtudos, para que deſembaraçados de prejuizos os entendimentos, podeſſem comprehender a ſolida, e verdadeira doutrina, em que dezejava fazelos ſabios, e perfeitos. Sendo para comſigo parco, e moderado no ſuſtento, naõ faltava em aſſiſtir aos ſubditos com abundancia, conforme ao preceito da Regra conhecẽdo, como prudente, e diſcreto, q̃ naõ ſe póde eſtabelecer o trabalho da vida religioſa em os animos, aquẽ naõ obriga o cuidado dos Prelados em os trazer ſatisfeitos. A todos mandava veſtir, ſegundo a forma do habito, com q̃ ſahira de Monſerrate, e eſte he o motivo, porque na Cõgregaçaõ Benedictina de Portugal naõ ſeguimos a forma de veſtir, que ſe vê na Italia, Alemanha, e França, ſe naõ a de Heſpanha, como oriundos de hum Reformador, que ſe criou

em

em Monſerrate.

Lembrado eſte ſempre da grande obſervancia da-quella Caza, cada dia augmentava a perfeiçaõ dos Monges ſeus ſubditos, mas de tal ſorte, que ſem os gravar de hum golpe, ſuavemente os inſtruhia; porque ſe de hum lance quizera introduzir todo o rigor monaſtico, nenhum dos ſubditos o abraçára como elle meſmo confeſſava, e prudentemente reflectia. Naõ faltava em permittir-lhes as recreaçoẽs honeſtas, e religioſas, com que ainda na aſpereza de Monſerrate ſe fortalecem os eſpiritos para ſuſtentar com mais vigor o pezo dos trabalhos; e ſendo que queria os ſeus Monges promptos, e diſpoſtos ſempre para o ſeguirem nos actos mais penozos, elle era o primeiro que os animava com o ſeu exemplo, imitando neſte cazo o grande Cezar, que poſto na frente do ſeu exercito nunca diſſe aos ſoldados, que mandava *Ide*, ſe naõ *Vamos*.

Da qui reſultava ao P. Reformador a conſolaçaõ de ver, que todos ſeguiaõ o Coro ſem tardança, e os mais actos de Comunidade com perfeiçaõ exacta. Celebravaõ todos os dias o ſacrificio do altar, e obſervando nelle hũa conformidade perfeita com o exemplar, a que attendiaõ, era edificaçaõ do povo a piedade, e ternura, com que ſe viaõ miniſtrando como Sacerdotes do Altiſſimo. Para mayor, e total obſervancia da Santa Regra cuidou muito o P. Reformador, em que ſe naõ faltaſſe com a eſmola aos pobres, porque ſe ate áquelle tempo naõ ſe cuidava neſte ponto, divertindo-ſe as rendas em uzos profanos, era precizo, que entrando a Religiaõ na quella Caza, naõ ſe faltaſſe em cumprir o

C que

que noſſo Santo Patriarca pela ſua ardente caridade tanto nos recomenda. Mandou fazer hum alpendre para comodo dos pobres na portaria; e mandando fabricar hoſpedarias para os Religiozos, e peregrinos, que vinhaõ ao Moſteiro, era inexplicavel a caridade, com que acudia a todos. Deſte acto heroico, e muito proprio dos Prelados, que aſpiraõ a ſer imitadores do Patriarca, de quem herdaraõ o nome de Abbade, ou de Pay, reſultou ao illuſtre Reformador tanta felicidade, e tanto nome, que naõ ſó o acclamavaõ os povos vizinhos Eſmoler piedozo, ſe naõ que Deos lançou as ſuas benções ſobre aquella Caza, chegando as ſuas rendas para o ſuſtento de muitos Monges, ainda no ſeu tempo, ſendo que no anterior apenas baſtava para onze.

Naõ ſe clauſurou ſomente no Moſteiro de S. Thyrſo o ardente zelo do P. Reformador. Chegou á Igreja de S. Joaõ da Fóz, que he Vigairaria do dito Moſteiro. Ali mandou pôr hum primoroſo retabolo, ſegundo a perfeiçaõ da arte na quelle tempo, e ornando de veſtimentas ſagradas a Sacriſtia, e de decente ornato a Igreja, nella mandou miniſtrar a palavra de Deos áquelles vizinhos do Moſteiro com grande utilidade de ſuas almas. Bem ſe vio eſta no fervor, e piedade, com que ſe empregavaõ ali todos na obſervãcia da ley de Deos, pois ſe affirmava conſtantemente, que das exhortaçoẽs dos noſſos Monges pendera muito a felicidade daquelle povo.

Neſte admiravel pé de Religiaõ ſe achava o Moſteiro de S. Thyrſo, quando pareceo bem ao P.

Re-

Reformador dar conta do bom principio da ſua reforma ao Senhor Cardeal D. Henrique, e á Senhora D. Caterina, Governadores do Reyno. Veyo a Lisboa com ſeu companheiro o P.Fr.Placido de Villalobos, e ſendo benignamente recebidos deſtes Principes, pediraõ lhes quizeſſem conceder ſua Provizaõ real para a Reforma de outros Moſteiros. Deraõ-lhes Suas Altezas em reſpoſta, que ſe cuidaria neſte negocio recorrendo a Roma, para que o Summo Pontifice concedeſſe Bullas, em virtude das quaes ſe podeſſe formar com todos os Moſteiros Benedictinos deſte Reyno huma Congregaçaõ; porque em hum ſó naõ podia conſervar-ſe a nova Reforma principiada.

Vagou neſte tempo por morte do Cõmendatario D. Paulo o Moſteiro de Paço de Souza, e requerendo o P. Reformador ao Senhor D. Henrique lho concedeſſe, naõ ſe lhe defferio, pelo intento, em que eſtava de o dar aos PP. da Companhia, como a diante veremos. Por eſta repulſa, e pela dilaçaõ, que houve em ſe impetrarem as Bullas, ſe reſolveo o P. Reformador em voltar á ſua Congregaçaõ de Heſpanha com licença do ſeu Rmo. Geral. Attendeo primeiro ao eſtado, em que ſe achava o Moſteiro de S.Thyrſo, e julgando que a boa regularidade, em que viviaõ os Monges naõ precizava da ſua aſſiſtencia, ſatisfez-ſe muito de que o P. Fr. Placido de Villalobos quizeſſe ficar por Prior, e Reformador da quella Caza. Auzentou-ſe com effeito para Caſtella; porém como o Santo P.Pio V. concedeo a Bulla dezejada, que ſe deveo muito ás inſtancias do P.Fr. Placido, pedio o Senhor Cardeal

aõ Geral de Heſpanha enviaſſe ſegunda vez a eſte Reyno o P. Fr. Pedro de Chaves para a execuçaõ della. Alem da Provizaõ, e cartas, que deu para eſte fim, mandou o dito Senhor pôr letras de cambio para os gaſtos da jornada, moſtrando naõ ſó a piedade, com que ſe intereſſava neſta materia, ſe naõ a grandeza, com que concorria para ver executado o que ſuſpirava.

Recebendo as cartas do Senhor Cardeal o Geral Heſpanhol no Moſteiro de Cella nova em Galiza, onde ſe achava viſitando, expedio ſem demora huma Provizaõ, em que mandou ao P. Fr. Pedro de Chaves, aſſiſtente na quelle tempo no Moſteiro de S. Salvador o Real de Onha vieſſe á ſua prezença. Quiz elle obedecer promptamente, porem como de huma parte ſe lhe propunha a difficuldade, que teve já na reforma de hum ſó Moſteiro, e de outra a obrigaçaõ, que lhe inſtava de vizitar os de Heſpanha, para o que eſtava eleito em Capitulo Geral, naõ aſſentio, nem repugnou ao que ſe lhe inſinuava, ſe naõ que eſteve prompto a ſeguir a vontade de Deos, bem manifeſta na determinaçaõ do ſeu Prelado. Como eſte lhe perſuadio, que a obra, para que o chamavaõ era de Deos, naõ ſoube reziſtir a ſua humildade, e obediencia. Recebeu a bençaõ, e inſtruçoens do ſeu Rmo. Geral, ſahindo da ſua prezença no fim de Mayo de 1569. Em Medina del Campo ſe lhe fez entrega do dinheiro, que o Senhor Cardeal D. Henrique lhe mandou pôr prompto para as deſpezas do caminho, e continuando eſte em direitura ao Moſteiro de Tibaens, cabeça hoje da Congregaçaõ Benedictina

deſte

deſte Reyno, nelle foi recebido com grande goſto; porque os Monges da quella Caza com ſentimentos diverſos aos de outras, eſperavaõ com ancia ſer reformados; indicio manifeſto de que na quelle Moſteiro, ſe conſervára ſempre hum effluvio da obſervancia, e virtude, em que fóra fundado.

Partio para a Corte de Lisboa, e antes de entrar, ſoube o P. Reformador, que a peſte eſtava declarada neſta Cidade, e que por eſta cauza ſe achavaõ em Cintra o Senhor Rey D. Sebaſtiaõ, e o Cardeal ſeu tio. Apozentou-ſe em S. Bento de Xabregas, onde o receberaõ com muito agrado, e notavel hoſpitalidade, para que em Cintra foſſe admittido ſem o eſcrupulo de haver entrado em Lisboa. Chegou áquella Villa, e foi bem recebido, e mais o P. Fr. Placido de Villalobos de Suas Altezas; porque o Senhor Cardeal dezejava muito a ſua vinda, para ver o principio da Reforma.

Ali falou varias vezes a Suas Altezas; porem como eſtes Senhores ſe retiràraõ a Alcobaça com o temor da peſte, que hia graſſando, teve avizo do Senhor Cardeal o P. Reformador, para que ſeguiſſe a Corte, porque naquelle lugar ſeria mais facil o attendelo. Neſta jornada padeceo o dito Padre, e ſeu Companheiro graves incomodos; porque os povos temeroſos de que elles vieſſem de Lisboa, mais de huma vez lhes ſuſpenderaõ o paſſo. Franqueou-ſe-lhe porem em virude de huma Provizaõ real, que levavaõ para ſer bem recebidos nos lugares, a que aportaſſem, e chegando finalmente ao Moſteiro de Alcobaça, nelle ſe hoſpedaraõ quinze dias. Experimentáraõ na quella Caza a caridade, e gran-

grandeza, que he propria dos noſſos Benedictinos-Ciſtercienſes; porque naõ obſtante eſtar na quelle Moſteiro a pozentado o Rey, o Infante, e toda a Corte, elles foraõ ſempre attendidos com huma eſpecial veneraçaõ. Neſtes dias ſe lavráraõ as Provizoens, e mais papeis neceſſarios para a execuçaõ das Bullas; e neſte expediente ſe moſtrou efficaz o Doutor Antonio Carvalho, Secretario do Senhor Cardeal, que as mandou exarar em mais de trinta folhas de papel.

Em Alcobaça deu o Rey, e o Senhor Cardeal, como executor das Bullas do S. P. Pio V. ao P. Fr. Pedro de Chaves o titulo, e dignidade de D. Abbade de Tibaēs, que era a Cabeça da Ordem a 22. de Julho de 1569. Nomeou-o Geral de toda ella por dez annos, conforme a faculdade Pontificia, que lhe concedia nomear Geral, e Abbades para qualquer Moſteiro, que vagaſſe no eſpaço da quelle tempo, por naõ haver ainda Monges, que podeſſem fazer eleiçaõ. Deraõ ao novo Geral Provizoēs para tomar poſſe dos Moſteiros, que ainda tinhaõ Cõmendatarios, e para que os podeſſe logo vizitar; dando-lhe juntamente Cartas para os Ordinarios de Braga, e Porto, a fim de que lhe deſſem todo o favor, e auxilio, deziſtindo de qualquer juriſdiçaõ, que tiveſſem ſobre os Religioſos. Inſinuavaõ eſtas cartas, que o Summo Pontifice mandava, ſe formaſſe de todos os Moſteiros Benedictinos huma Congregaçaõ, ſugeita a hum Geral, eleito em cada triennio. Alem diſto recebeo Provizaõ para Antonio Franciſco Varajaõ, Vigario Geral de Braga, para que diſcorrendo pelos Moſteiros, lhe deſſe poſſe

delles

delles no espiritual, e temporal, que lhe tocava, depois da morte dos Comendatarios.

Munido com estas ordẽs regias, e despedido de Suas Altezas, se encaminhou ao Mosteiro de Tibaẽs, nomeado em as Bullas por cabeça da Congregaçaõ, o novo Rmo. Havendo de tomar posse, pedio, naõ só ao dito Vigario Geral de Braga, se naõ tambem aos Doutores Bartholomeu do Vale, e Francisco de Chaves, e a outras muitas pessoas ecclesiasticas, e seculares de distinçaõ, quizessem autorizar aquelle acto. Elles o fizeraõ com grande vontade, e antes de entrar em Capitulo se offereceo aos olhos do Rmo. Geral o P. Fr. Jeronimo de Guimaraens, Prior do Mosteiro de Pombeiro, de quem algũs affirmavaõ, ser hum dos mais opostos á nova Reforma. Recebeu-o com agrado o Rmo. P. Reformador, e significando elle, que vinha assistir á sua posse, foi introduzido com os mais na Caza de Capitulo, em que revendicou a sua reputaçaõ, como veremos. Fez o Rmo. Geral hũa breve fala, taõ espiritual, como douta na prezença dos Monges, e assistentes; e preguntando aos Religiosos o Vigario Geral de Braga se tinhaõ, que opòr á eleiçaõ do Rmo. Fr. Pedro de Chaves, D. Abbade da quella Caza, e Geral da Congregaçaõ? Responderaõ: que em nada se opunhaõ, antes rendiaõ a Deos as graças humildemente por lhes conceder hum sugeito, que podesse ser Reformador de toda a Ordem. Aqui tomou a voz de todos o Prior de Pombeyro, porque com palavras doutas, e edificativas rendeu os louvores á Deos, e instruhío aos prezentes para receberem com gosto, e alegria o

novo

novo Reformador, que o Ceo lhes dava. Em ſignal de que aceitava a obſervancia, pedio logo ao Rmo. hum eſcapulario da Reforma, deixando o que trazia de Clauſtral, e ſe mandou tonſurar do modo, que prezentemente uzamos, ſegundo o coſtume, e eſtilo da Congregaçaõ de Heſpanha.

Acabado o acto da poſſe, ſe fez huma Prociſſaõ ſolemne, com as Oraçoens *pro gratiarum actione.* Pregou doutamente o P. D. Joaõ Pinto, Comendatario do Moſteiro de Carámos, de Conegos Regrantes de S. Agoſtinho. De tudo fez hum auto o Eſcrivaõ do Archivo da Sé Primaz, e Notario Apoſtolico Ambrozio Nabo, dando fé de que o novo Rmo. tomara poſſe do eſpiritual, e temporal da quelle Moſteiro, em que naõ havia já Comendatario.

Paſſados poucos dias ſe aprezentáraõ as Provizoẽs do Senhor Cardeal D. Henrique; huma em Braga ao veneravel Arcebiſpo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, illuſtre filho da Religiaõ de S. Domingos; outra no Porto ao Illmo. D. Rodrigo Pinheiro, digniſſimo Biſpo da quella Diocefe. Pediraõ ambos as Bullas da Reforma, para ſe examinarem em Relaçaõ; e ſendo viſtas, reſponderaõ ambos: q̃ ſuas Senhorias obedeciaõ promptamente naõ ſó ao que mandava o Sùmo Pontifice, ſe naõ ao que determinava o Senhor Cardeal, como executor das meſmas Bullas. Paſſaraõ provizoẽs nas ſuas juriſdiçoẽs reſpectivas, para que ſe guardaſſem, e cumpriſſem as Bullas, e Ordens regias conforme ao que nellas ſe continha.

Mediando pouco tempo, foi o Rmo. P. Geral em

em companhia do Doutor Vigario Geral; e do sobredito Notario, tomar posse dos Mosteiros, que se achavaõ no Arcebispado de Braga; e naõ havendo contradiçaõ mayor em lhe prestarem sugeiçaõ, e obediencia, passou á Diocese do Porto, onde executou o mesmo, acompanhado do Vigario Geral da quelle Bispado, que era o Doutor Magalhaẽs. Naõ tomou porém posse do Mosteiro de Paço de Souza o Rmo. porque estando o Cardeal D.Henrique com o intento de dar este Mosteiro aos PP. da Companhia, deu Provizaõ ao Rmo. para que o visitasse no espiritual, e temporal, mas com ordem, de que naõ tomasse posse delle. Bem instaraõ os Monges da quella Caza, para que o fizesse; mas querendo o Rmo. P. mostrar a profũda obediencia, com que attendia a vontade do Senhor Cardeal naõ assentio ás suplicas dos Religiosos, que talvez inspirados do Ceo queriaõ precaver os disgostos, que depois se haviaõ ter com os PP. da Companhia. De todas estas posses, que se tomaraõ de cada Mosteiro formou o Notario Ambrosio Nabo instromentos, que se achaõ lançados em hum livro, que está no Cartorio de Tibaẽs, e se deve cõservar em qualquer Mosteiro, que for cabeça da Congregaçaõ.

Concluido este negocio, entrou o P.Rmo. no cuidado de convocar Capitulo Geral, como ordenavaõ as Bullas Pontificias, naõ so para dar conta aos Abbades, e Priores do que se havia feito, senaõ para estabelecer Diffiniçoẽs proprias, e convenientes aos Mosteiros, e Religiozos deste Reyno; porque nem todas as de Castella eraõ accomodadas para este. Determinou-se o dia para este Congresso,

e a elle chamou o Rmo. o Prelado de cada Caza, e hum Procurador eleito por votos do Convento, para que requereſſe em Capitulo Geral o que foſſe util, e conveniente ao ſeu Moſteiro reſpectivo. Já neſte tempo havia eleito o Senhor Cardeal Abbades triennaes em os Moſteiros, que por naõ terem já Comendatarios, ſe haviaõ unido á Congregaçaõ. Convocaraõ-ſe pois no Moſteiro de Tibaẽs, que ainda hoje he cabeça da Ordem, no anno de 1570. ſendo eſte o primeiro Capitulo Geral Benedictino, de que ſe acha memoria neſte Reyno. Nelle ſe ordenaraõ as Diffiniçoẽs, que pareceraõ mais neceſſarias: elegeraõ-ſe Diffinidores, Vizitadores, e outros officiaes, a que prezidio o Rmo. Geral, diſpondo, e ordenando o que era proprio para reforma dos coſtumes, obſervancia da regra de S.Bento, economia dos Moſteiros, e finalmente o mais, que conduzia para dar completa ſatisfaçaõ ao que mandavaõ as Bullas Pontificias.

Temia prudentemente o Rmo. que naquelle primeiro Capitulo, houveſſe contradiçaõ em receber as diffiniçoẽs, que lhe pareciaõ juſtas; porem foi tanta a ſuavidade, com que ſe houve em eſtabelecelas, e tanto o rendimento, com que os Monges ſe ſugeitaraõ a ellas, e lhe pediraõ outras (que naõ ſe animava a propôr, por ſer muito opoſtas aos coſtumes, e vida clauſtral, em que eſtavaõ) que elle meſmo rendia a Deos as graças, vendo o fervor, com que aſpiravaõ a ſer perfeitos. Eſte feliz ſuceſſo lhe alentou o animo notavelmente, e deu occaziaõ a que com ſuavidade, e prudencia viſitaſſe com outro Monge, ſeu companheiro, os Moſteiros, inſpirando

pirando mais com o exemplo de Pay, que com a autoridade de Prelado o que se devia observar para desempenho da vida religiosa. Sua caridade era extraordinaria para com os subditos; porque sabia compadecer-se, já da ignorancia de hũs, para os instruir com a sua doutrina, já das miserias de outros, para reprehender nelles os descuidos, em que cahiaõ por serem homens. Sua humildade era rara, porque nunca o lugar supremo, em que estava, lhe permittia attender com menos estimaçaõ aos inferiores. Parecia igual com todos, sendo entre elles o mayor. Na conversaçaõ, e trato naõ formava da sua dignidade trono, a que muitas vezes naõ se animaõ a chegar os que temem a superioridade dos que nelle assistem. Em fim, era benigno, affavel, e mizericordioso para todos; virtudes, que lhe mereceraõ formar de si mesmo hũ exemplar, a que se devem conformar todos os mais Prelados, para ser perfeitos.

Com estas admiraveis instruçoẽs se governou a Congregaçaõ dous annos; e estando determinado que se celebrasse segundo Capitulo Geral em hum dos Mosteiros do Minho, mandou o Senhor Rey D. Sebastiaõ, que este se fizesse em Lisboa, para cujo fim concorreo S. Alteza com huma grande esmola. Chegando á Corte o Rmo. Geral deu parte de todos os sucessos da Reforma ao Rey D. Sebastiaõ, e a seu tio o Cardeal Infante, e achando em Suas Altezas as mayores demõstraçoẽs de agrado, e satisfaçaõ da sua pessoa, lhe fizeraõ a honra de dizer: Que elles sabiaõ a differẽça, com q̃ se vivia já em os seus Mosteiros; q grande recolhimento dos seus

Monges; a perfeiçaõ dos Officios divinos; a comiſeraçaõ com os pobres, e o como viviaõ religioſamente em cõmunidade, e que lhe recomendavaõ muito cuidaſſe no augmento, fazendo que o encomendaſſem a Deos nos ſeus Moſteiros, pedindo-lhe graça, e acerto para o bom governo de ſeus Reynos.

Satisfeito com eſtas reaes expreſſoẽs o Rmo. P. entrou a penſar ſobre a fabrica de hũ Moſteiro em a Corte. * Lembrou-ſe que a Religiaõ de S. Bento era ſó conhecida na Provincia do Minho, em q̃ tem varios Moſteiros, e naõ em a Capital do Reyno, onde as mais Ordens Religioſas tem as ſuas Cabeças. Para dar impulſo a eſte ſeu dezejo, eſcreveo ao Senhor Cardeal, e incũbindo eſta deligẽcia ao Rmo. Fr. Placido de Villalobos, eſperou da ſua actividade a execuçaõ deſte intento. Tratou o dito P. com S. A. eſte negocio, e pareceo-lhe bem, que o ſitio de Sãta Barbara, no caminho de Arroyos, era lugar proprio para edificar Moſteiro, pela abũdancia de agoa, que nelle havia, e porque á Ermida da Santa concorria baſtante gente, eſpecialmente nas quartas feiras. Eſtava o dito ſitio emprazado a Antonio Nunes, Eſcrivaõ da Camera, cujas propriedades eraõ da Cõmenda de S. Braz da Sé, de Santa Clara, e de outras peſſoas eccleſiaſticas. Pedio Antonio Nunes pelo treſpaſſo dos prazos oito mil cruzados; e feriaõ precizos mais de outros oito, para dar aos ſenhorios outras, e taõ boas herdades livres; alem de ſer a Ermida, e certas hortas, q̃ ali havia, pertẽcentes á Cõmẽda de D. Antonio, Conde de Caſcaes, q̃ naõ ſe podiaõ deſmembrar ſem licença do Rey.

* *Anno* 1571.

Nenhũa

Nenhũa destas difficuldades sabia o Senhor Cardeal, nem tambem, que o sitio era pouco sadio, e sem nenhuma vista; mui perto da estrada, e com outros muitos inconvenientes, todos oppostos á edificaçaõ de hum Mosteiro regular, que se queria estabelecer. Sendo porem esta a vontade do Senhor Cardeal, aquem naõ haviaõ informado bem os que lhe persuadiaõ a eleiçaõ, e compra deste lugar, continuou o P. Fr. Placido mais de hum anno em vencer difficuldades. Conveyo ultimamẽte D. Antonio, em que se avaliasse a Ermida, e hortas, e que dando El-Rey licença, e dando-se-lhe o que os avaliadores dissessem, trespassaria em nós as terras, que no dito sitio lhe pertenciaõ. Avaliou-se tudo em duzẽtos, e cincoenta mil reis. Mandou o Senhor Rey D. Sebastiaõ depositar estes na maõ de Diogo Valente, depositario da Cidade, para que com a sua importancia se comprasse outra Herdade, em que naõ ficasse defraudada a cõmenda de D. Antonio. Tudo se executou; porem como ao celebrar a escritura, intentasse o dito D. Antonio, que a Capella mór do Mosteiro, que se havia de edificar, fosse sua, naõ se contentando so, de que em algum lugar determinado ficassem as suas Armas, para memoria de que fora seu aquelle lugar, desagradou de tal modo ao Senhor Cardeal este seu empenho, em que efficazmente insistia, que mandou, naõ se tratasse mais com o dito D. Antonio sobre a compra da quelle sitio, mas que se buscasse outro.

Naõ era o Rmo Fr. Pedro de Chaves (que entaõ se achava na Corte, chamado pelo Senhor Cardeal para a concluzaõ deste negocio) contente de

ver

ver o ſitio, que ſe eſcolhera para edificar Moſteiro; tanto porque lhe faltava largueza, como porque a viſta ſe embaraçava nos olivaes, que eſtaõ ate Noſſa Senhora do Monte; porem cedia ao goſto do Senhor Cardeal, aquem o Architecto del-Rey Affonſo Alvares, havia perſuadido, que o dito ſitio era muito bom, e proporcionado para ſatisfazer o deſignio de S. A. Tambem o meſmo Rmo. naõ ſe agradou da boa vontade, ou agrado extraordinario, com que o ſobredito depoſitario da Cidade recebeo os 250U. que por ordem del-Rey ſe depoſitaraõ na ſua maõ, como vaticinando o trabalho, que havia ſoceder em cobralos, naõ ſe effeituando a venda do dito ſitio. Aſſim foi na verdade; porque naõ ſe concluindo, e fugindo pouco depois com varios depoſitos o dito Depoſitario, naõ ſe cobrou ſe naõ depois de dous annos a dita quantia por força de hũa penhora, que ſe fez em huma quinta, e cazaes, que elle tinha no termo de Cintra, havendo falecido prezo no Limoeiro de Lisboa.

Paſſado anno, e meyo na deligencia de comprar o ſitio do campo de Santa Barbara, em que naõ ſe cuidou mais pela ordem, que deu o Senhor Cardeal, entrou o Rmo. Geral a lançar os olhos para o lugar eminente ao ſitio de Alcantara, em que eſtá edificada a Capella de Santo Amaro. Nella dizia miſſa algumas vezes o Rmo. P. que morava em hũas cazas junto de Alcantara. Como a viſta ſe dilatava muito da quelle ſitio, e nelle lhe pareceo ſe havia deſcobrir agoa para ſerviço de hum Moſteiro, havendo largueza de campo, em que ſe edificaſſe ſem embaraço, fallou neſta materia com o Juiz da Confraria,

fraria, que Santo Amaro tem na quella Ermida, que era Joaõ d'Horta, e com os Officiaes da mefma Cõfraria, aquem propoz fería muito do ferviço de Deos houveffe ali hum Mofteiro de S. Bento, attendẽdo a eftar confagrado aquelle monte á veneraçaõ de hum Santo que fora o primeiro de feus difcipulos. Naõ efcutáraõ elles com agrado efta propoziçaõ; porque no eftabelecimento da Confraria na quella Ermida percebiaõ utilidade grande; mas para fe evadirem ao empenho, com que o Rmo. P. infiftia na fua pertençaõ, allegaraõ, que havia hum Breve, em que o Summo Pontifice prohibia com claufulas muito fortes, que naõ fe intrometeffe ninguem em perturbar a confervaçaõ da Confraria eftabelecida na referida Capella. Naõ perdeo o animo com efta refpofta o Rmo P. antes efcrevendo logo ao Senhor Cardeal, que fe achava em Almeirim, lhe reprefentou a bondade, e conveniencia, que achava no fitio de Santo Amaro, para que houveffe de fundar-fe na quelle lugar o Mofteiro.

Mandou S. A. fem demora chamar o Juiz, e Officiaes da dita Irmandade, e declarando-lhes a fua vontade lhes diffe: Que do Papa fe haveria fuplemento do Breve, e que em quanto á Confraria lhe fegurava a confervaçaõ, e augmento, lembrando-lhes a mayor honra, que lhe rezultava de eftar em hum Mofteiro, e o mayor bem, que fe feguia aos moradores de Alcantara, tendo na quelle fitio Religiofos, que lhe miniftraffem os Sacramentos, e acudiffem em as neceffidades efpirituaes de fuas almas. Pode muito efta voz de S. A. para inclinar as vontades ao que pertendia o Rmo. Geral, e por que

que os Illuſtriſſimos Fidalgos Luiz de Saldanha, e D. Fernando de Menezes ſe empenharaõ neſta materia, ja por devoçaõ a S. Bento, já por conveniencia de ter na ſua vizinhança hum Moſteiro, em que ſe celebraſſem os officios divinos a toda a hora, foraõ as võtades do Juiz, e Officiaes da quella Ermida condeſcendendo no meſmo, que ateli repugnavaõ. Como o lugar, em que ſe acha a Capella era pequeno, entrou o Rmo. P. a cuidar na compra de hum cazal, com quem confrontava, o qual era de Gaſpar Limpo, cantor que havia ſido del-Rey D. Joaõ III. Pedio elle pelo dito cazal quatro mil cruzados, em attençaõ a varios foros de cazas, e pumares, que tinha na ribeira de Alcantara, e naõ ſe dando por ſatisfeito com tres mil, e trezentos cruzados, que ſe lhe offereciaõ, inſiſtio em o primeiro preço, naõ obſtante o reſpeito de Luiz de Saldanha, que ſe intereſſava a noſſo favor com grande empenho. Tambem naõ valeo para com elle o de D. Fernando de Menezes, porque ſem concluir couza alguma ſe retirou da Corte, dizendo, hia paſſar a ſemana ſanta no Convento da Carnota, ſendo que foi, como diſſeraõ, ver huma Herdade no termo de Villafranca de Xira, que eſperava comprar com os quatro mil cruzados, que tinha por certo ſe lhe dariaõ pelo cazal ſobredito do ſitio de Santo Amaro. Porem toda eſta idea ſe desfez pela ſua auzencia, e pela cazualidade ſeguinte:

Chegou a ſemana ſanta deſte anno de 1572. e achando-ſe na companhia do Rmo. Geral o P. Fr. Jeronimo de Guimaraens, Prior do Moſteiro de Pombeiro, no ſabbado ſanto ſe reſolveo eſte a ouvir

vir o Officio daquella manhaã no Mosteiro da Espe rança, tendo o Rmo. Fr. Pedro ido pelo mesmo fim ao Convento do Carmo. Sentou-se junto ao P. Fr. Jeronimo o Escrivaõ da Fazenda real Gaspar Rebello, e perguntando ao dito P. que lugar haviaõ escolhido para edificar o seu Mosteiro? Elle lhe expoz, que nada se concluira ate aquelle dia, ainda que intentavaõ, que fosse no sitio de Santo Amaro, referindo-lhe o estado, e embaraço, em que se achava esta dependencia. Gaspar Rebello o ouvio; e naõ lhe parecendo bem o intento lhe disse, que o lugar naõ era proprio, por ser muito longe da Cidade: que o preço do Cazal era exorbitante; sem área para cerca aquelle sitio; sem agoa para o serviço de hum Mosteiro, e em fim muito sugeito a ventos, e muito exposto ás inclemencias do inverno: que elle sabia de hum lugar naõ longe, com cerca de vinhas, e olivaes, com poço de agoa, e juntámente com cazas, em que desde logo se podia habitar, sendo o preço muito menor, que o do Cazal, que se pertendia, de Santo Amaro.

Gostosamente ouvio o P. Fr. Jeronimo a Gaspar Rebello, e ajustando com elle buscalo na mesma tarde na sua quinta, que era perto do lugar, sobre que lhe falára logo com o Rmo. Geral se poz a caminho, para naõ perder nem hum só instante, em negocio, que tanto os interessava. Buscaraõ a Gaspar Rebello, e recebendo-os este com agrado, os conduzio a ver huma quinta, que estava junto da Fonte Santa. Naõ agradou ella, pela tristeza do sitio, ao Rmo. Geral; porem Gaspar Rebello o animou, e guiando-o a outro sitio, em que estava

E huma

huma quinta de Antonio Nunes do Algarve, esta lhe agradou sumamente pela extensaõ da vista, e pela largueza do campo. Pareceo-ao Geral, que seria difficultoza de conseguir-se a dita quinta; mas Gaspar Rebello lhe persuadio, que seria facil, dizendo: Que o possuidor Antonio Nunes a havia rematado por trezẽtos, e trinta mil reis, q̃ lhe devia Henrique Luiz, assistente na Ilha de S. Thomé, e porque a dita remataçaõ naõ fora legitima, como pertendia mostrar Duarte Peixoto, genro do sobredito Henrique Luiz, que sobre esta propriedade demandava ao possuidor Antonio Nunes, facil sería, que elle a largasse, dando-se-lhe os trezentos, e trinta mil reis, e o mais, que houvesse gasto na mesma Quinta. Alem disto aconselhou, que se escrevesse ao Senhor Cardeal, para que este insinuasse a Antonio Nunes ser do seu real agrado, que trespassasse o direito, que tinha nesta quinta, cobrando o que se lhe devesse para satisfaçaõ da sua divida, e bem feitorias della.

Notavelmente se agravou Antonio Nunes de que Gaspar Rebello houvesse descuberto ao Rmo. Geral o modo, porque elle possuhia a dita quinta; pois dizendo-lhe o P. Fr. Jeronimo de Guimaraens, ao ver huns aciprestes na quelle lugar, que elles estavaõ demandando hum Mosteiro; elle lhe respondeo: que tambem o demandavaõ cinco filhas, que tinha, alem de outros filhos, em que devia cuidar. Escreveo o Geral largamente ao Senhor Cardeal sobre este ponto, sendo mensageiro das cartas o mesmo Escrivaõ da Fazẽda Gaspar Rebello. Foi servido S. A. escrever, naõ só a Antonio Nunes, para que houves-

se

ſe de treſpaſſar o direito que tinha a eſta Quinta; ſe naõ tambem a Antaõ Martins, para que largaſſe ao dito Geral outra quinta pequena, que eſtava junto a eſta.

Remeteo S.A. eſtas Cartas ao ſeu Secretario Manoel da Fonſeca, e mandando elle chamar aos ditos homẽs, para lhes inſinuar o goſto, que S.A. tinha neſte negocio, reſponderaõ ambos: que eſtavaõ promptos a obedecer-lhe. Naõ foi aſſim em ſe falando no preço; porque Antonio Nunes pedia dous contos de reis pela ſua quinta; e Antaõ Martins pela outra, muito mais do que pedira á Camera deſta Cidade quando lha quiz comprar, para curar nella os feridos da peſte. Reprezentou-ſe difficultoza a empreza ao Geral, por ſe achar ſem dinheiro, e ſer o preço, que ſe lhe pedia exorbitante; mas para vencer o animo de Antonio Nunes ſe valeo do Conde de Vimioſo, verdadeiro devoto de S. Bento; para que o ſeu reſpeito abrandaſſe a ambiçaõ da quelle homem. Naõ ſe conſeguio couza alguma; porem como o Senhor Cardeal ſe havia recolhido já de Almeirim para a Corte, eſte mandou chamar á Pedro de Noronha, que por ſer hum dos principaes companheiros no contrato com Antonio Nunes, conſeguio delle, que prometeſſe treſpaſſar o direito daquella quinta por ſete centos, e oitenta mil reis, ficando por averiguar a demanda, que trazia com Duarte Peixoto, e outros acredores, a que ſe devia ſatisfazer.

He inexplicavel o cuidado, e trabalho, que o Rmo. P. teve neſta diligencia; porem como a obra era de Deos, aquem elle encomendava em ſuas

 fer-

fervorosas, e continuas oraçoẽs, este Senhor lhe inspirou ao coraçaõ em hum dia, que fosse em companhia do Rmo. Fr. Placido falar a Antonio Nunes. Tomou esta resoluçaõ, e começando a tratar com elle este ponto, lhe offereceo por principio de paga do que se havia justo com Pedro de Noronha, duzentos mil reis. Segurou-lhe, que iria pagando, se elle vencesse a demanda; e no cazo de ser vencido, lhe daria o que houvesse custado a quinta, e o que fosse razaõ: que se trataria do preço com Duarte Peixoto, e que lhe concedesse estar na quinta, em quanto estas couzas se averiguavaõ. Ouvio Antonio Nunes benignamente estas propoziçoẽs, e assentindo a ellas recebeo os duzentos mil reis, de que passou cautella, dando por bom o ajuste que havia feito com Pedro de Noronha, e concedendo ao Rmo. e a seus Companheiros estar na quella Quinta, com poder de fazerem nella bemfeitorias. Vencido este passo, que naõ era pouco difficultozo, buscou o Geral a Duarte Peixoto, genro de Henrique Luiz, e offerecendo-lhe por princio de paga, do que pertendia haver da mesma quinta, cem mil reis, com obrigaçaõ de lhe dar o que pertendia se Antonio Nunes vencesse a demanda, ou o que a quinta valía, se elle vencesse; foi Deos servido, que se desse por satisfeito deste contrato, e recebesse os cem mil reis, dando huma cautella, ou recibo delles.

Neste meyo tempo havia ajustado já o Rmo. P. com Antaõ Martins a quinta da Saúde em quinhentos mil reis; mas porque era necessario, conforme a Ordenaçaõ do Reyno, licença do Rey pa-

ra

ra possuir herdades, e bens de raiz, o Senhor Rey D. Sebastiaõ o concedeo benignamente, assignando todas as Provizoẽs, que eraõ necessarias para este effeito. Vieraõ estas á maõ de Martim Gonçalves, Escrivaõ da Puridade, e lembrado elle de que os Monges Claustraes da Provincia do Minho viviaõ em pouca observancia, naõ quiz rubricalas; porque temia (confessava elle depois) que edificando-se este Mosteiro fóra da Cidade, seria nelle a Religiaõ, como a que se praticava antigamente nos outros Mosteiros, sugeitos a Comendatarios. Mudou de opiniaõ em breve tempo; porque vendo a boa regularidade, perfeiçaõ de vida, e inteireza de costumes, em que viviaõ os subditos do novo Geral, frequẽtava muito o seu Mosteiro, e nelle dizia missa muitas vezes, attrahido da piedade, e devoçaõ, com que os Benedictinos celebravaõ os Officios divinos no coro, e no altar. Em fim, passáraõ na Chancelaria do Reyno as Provizoens, com que se concluiraõ as compras, e posse destas quintas.

Querendo porem o Rmo. Geral satisfazer a Antaõ Martins os quinhentos mil reis, em que se havia ajustado pela quinta da Saude, se oppoz fortissimamente a esta venda sua mulher, que allegando, queria para a sua recreaçaõ a dita quinta, de nenhũ modo conveyo no ajuste, que seu marido fizera. Para o embaraçar de todo mandou conduzir para a mesma quinta a armaçaõ de cazas, moveis e mais trastes proprios para estabelecer-se nella, e estando tudo prompto, e disposto, como ordenára, ella mesmo intentou com a sua assistencia impedir os designios de seu marido. Estando pois para montar em

em huma mula, em que se havia conduzir, experimentou hum taõ máo sucesso, originado da cazualidade de huma queda, que a fez mudar de opiniaõ. Entendeo, que podia ser castigo da sua opoziçaõ áquella venda, o trabalho que experimentava, e temerosa de que naõ parasse neste só a sua renitencia, consentio em a venda, que seu marido Antaõ Martins acabou de concluir, recebendo do Rmo. Geral o preço, em que a ajustára.

Deste modo foi Deos servido, que vencidas as difficuldades, se achasse hum sitio proprio para a edificaçaõ do Mosteiro. Occultamente embaraçou o naõ se ajustar a Ermida do Campo de Santa Barbara, talvez porque os Monges viviriaõ sempre descontentes pelos incomodos, que naquelle lugar se representavaõ; e da mesma sorte divertio o sitio de Santo Amaro, em que naõ havia cazas, cerca, arvores, e agoas de que o Mosteiro se utilizasse desde a sua fundaçaõ. Para esta se executar felizmente parece que havia rezervado o Ceo ao Rmo. Fr. Pedro, Reformador, e 1. Geral desta Congregaçaõ em o nosso Reyno, este sitio admiravel. Naõ estava naquelle tempo metido nos tumultos da Corte, nem tambem muito longe della. He lugar muito sádio, e puro para conservaçaõ dos seus habitadores. Tem agradavel vista sobre as correntes do Tejo, e naõ menos sobre os edificios da Cidade, que por todas as partes se descobre, sem prejuizo de ninguem, nem do mesmo Mosteiro. Neste lugar se achavaõ entaõ pomares excellentes, vinhas muito fortes, e olivaes plantados a muito custo. Havia agoa em tanta abundancia, que se naõ

es-

esgotou, nem ainda em os annos de mayor ſeca; ſendo que o gaſto das obras, e da Caza era muito, e todos ſe aproveitavaõ da meſma origem. Em fim o ſitio era taõ grato, e taõ ameno, que podia edificar-ſe nelle a caza de recreaçaõ para hum Principe, que attẽde as delicias, em q̃ vive como objecto da ſua grandeza nas horas, que permitte de deſafogo ao eſpirito.

Tanto que o Rmo. Geral pelos ajuſtes, que fizera com Antonio Nunes, e Duarte Peixoto, entrou na ſobredita Quinta, com licença de fazer nella bemfeitorias, deu parte de tudo que havia executado ao Senhor Cardeal. Ouvio eſte goſtoſamente a noticia, e no meſmo ponto montando a cavalo, foi ver o ſitio, que ſe havia eſcolhido. Mandou a Affonſo Alvares, architecto del-Rey, que o acompanhaſſe; e logo que chegou á dita quinta ſe agradou tanto do lugar, que eſtando em huma formoſa ſala, em que havia ſeis janellas para a Cidade, e para o mar, naõ ſe levantou de huma cadeira largo tempo, louvãdo muito a bondade do ſitio, tanto pela delicia da viſta, como pela capacidade do lugar. Ali meſmo mandou S. A. a Balthazar Alvares, ſobrinho do dito architecto, tiraſſe aquelle ſitio em hum papel, o que executado ſe retirou a ſeu Palacio, goſtozo, e ſatisfeito do lugar, que ſe eſcolhera.

Começou o Rmo. Geral a transformar em caza de Religiaõ eſta quinta, e principiando pela Igreja ſe formou o corpo della com a formoſa, e grande Sala, de que já ſe fez mẽçaõ. De huma antecamera, q̃ ſe dividio da Sala com hum arco, ſe fez a Capella

pella mór; e formando de outras cazas, que havia aos lados destas, hum Cruzeiro, nellas se erigiraõ mais dous altares, alem do principal. As mais officinas se traçaraõ conforme a planta, que fez o architecto Affonso Alvares, porem com tanto disvelo do Rmo. Geral, que em menos de dous annos se viraõ acabadas estas officinas: Igreja, Sacristia, Caza de Capitulo, Refeitorio, cozinha, dispensas, celeiro, adega, portaria, e dormitorio com accomodaçaõ para trinta Monges. Para toda esta maquina concorreo a Religiaõ, conforme a sua possibilidade, e forças, que eraõ poucas; porem o Senhor Rey D. Sebastiaõ, que a dezejava ver completa, assistio com a sua piedade, que talvez servio de estimulo aos fieis para o imitarem. Foi crescendo a devoçaõ nelles, e como o povo reconheceo, que estes Religiosos eraõ os proprios filhos de S. Bento, mudaraõ os cultos, que rendiaõ ao que se venera em o Convento de Xabregas de Conegos seculares de S. Joaõ Evangelista, em obsequio do que se dava a conhecer como verdadeiro Pay, e Patriarca dos Monges Benedictinos.

Completa a Igreja determinou o Rmo. Geral, que a primeira Missa, que se celebrasse nella fosse em a noite do Natal de 1573. Chegou a sua vespera, e como o estrondo dos sinos deu a saber, q̃ havia na quelle lugar huma nova Caza para louvor de Deos, foi inexplicavel o contentamento da visinhança daquelle distrito, especialmente dos que nelle tinhaõ quintas, ou para recreaçaõ por tempo, ou por morada.

Fechado o Mosteiro com clauzura, entrou a praticar-

ficar-se nelle huma observancia taõ exacta, que o povo concorria em copiosa multidaõ a assistir aos officios divinos, e a pedir os ouvissem de confissaõ. Era grande a falta de Ministros para este Sacramẽto em os mais Convẽtos da Cidade, porque o Illmo. Arcebispo della D. Jorge de Almeida havia prohibido, que nenhum Religioso confessasse sem ser examinado por elle, ou por quem elle mandasse. Todos se rezistiraõ a este exame, porque julgaraõ se devia cometer a seus Prelados respectivos esta deligencia; e por esta falta havia no povo desconsolaçaõ, porque estava principiando já o tempo da Quaresma de 1574. Attendendo o zelo, e caridade do Rmo. Geral a esta affliçaõ do seu proximo, e buscando ao Arcebispo lhe propoz a grande instãcia, com que os fieis buscavaõ em o seu novo Mosteiro o Sacramento da Penitencia. Perguntou-lhe o Illmo. Arcebispo: quantos Religiosos havia naquella Caza, e quaes eraõ habeis para o ministerio? e como o Rmo. P. lhe respondesse: Havia seis Pregadores, e Confessores, que haviaõ vindo de Coimbra, e de outros Mosteiros, homens doutos, e de vida exemplar, sua Senhoria concedeo a todos elles, sem outro exame mais, que a fama notoria de sua vida religiosa, e perfeita, que podessem cõfessar, e pregar em quãnto lhes naõ mandasse o cõtrario.

Beijou a maõ do illustre Diocesano o Rmo. P. por hum favor singular, em que expressava o bom conceito, que fazia de seus subditos; e fazendo-se publica esta graça, foi taõ grãde o concurso do povo naquella Caza, que principiando todos os dias

F muito

muito cedo seis confessores a ouvir os penitentes até depois do meio dia, e igualmente de tarde até ser noite, naõ podiaõ acudir a todos como dezejavaõ. Publicou-se na Corte a inteireza, e suavidade de sua doutrina, e dezejando a Senhora Rainha D. Catherina, que se estabelecesse no seu Palacio, varias vezes mandou pedir ao Geral Confessores, que ouvissem as suas Damas, e mais familia, enviando creados, e bestas, que os conduzissem. O mesmo faziaõ as Senhoras da Corte, que naõ podiaõ sahir de suas cazas, resultando deste trabalho incansavel, com que se acudia a todas, naõ so a gloria de Deos, que se procurava como fruto principal da quellas fadigas, se naõ ainda huma especie de respeito, que excedia as mais Cõmunidades, sendo que estas se faziaõ bem attendiveis, pelo numero, e qualidade dos sugeitos, com que se adornavaõ.

Estabelecido assim o Mosteiro no espiritual, começou o Rmo. P. a cuidar no augmento temporal delle. Comprou a D. Maria da Silveira hum pedaço de terra, que ficava á parte do Norte da cerca do Mosteiro; e da parte do Nascente outra terra, em que havia oliveiras, e hum poço de agoa doce. Ajũtou ambas, e com outro pedaço de terra, que o Hospital real lhe largou, cobrando a renda, que delle percebia, em outra terra, que se comprou para este fim, compoz huma grande Cerca, em que depois se edificou o Mosteiro, que hoje existe de S. Bento da Saude.

Naõ custaraõ ao Rmo.P. pouco trabalho as compras destas fazendas; porque a Sé desta Cidade pedia os dizimos dellas, e queria prohibir, que se com-

comprassem outras por se naõ diminuirem as suas rendas. Porem como se lhe fizeraõ evidentes os Privilegios, em que os Sũmos Pontifices izentaõ os Benedictinos de pagar dizimos das terras, que se lavraõ, e cercaõ nos muros dos seus Mosteiros, desistiraõ deste empenho por justiça, e por favor, sem que nesta materia se tornasse a falar em nenhũ tempo.

Como na terra, que se havia comprado a D. Maria da Silveira, estavaõ muitos corpos de pessoas, que faleceraõ no tempo da peste, por estar a mesma terra contigua á caza da saude, que estava na quinta, que se comprou a Antaõ Martins, ordenou o Rmo. Geral, que alem de outros suffragios, fosse a Cõmunidade todos os annos em dia dos Fieis Defuntos rezar sobre aquelle campo algũs Responsos. Assim se executava, e tendo determinado, que na quelle lugar se edificasse hũa Ermida com o titulo dos Fieis de Deos, esta se naõ levantou, ou porque a Camera desta Cidade, aquem pertencia a obra, naõ a mandou fazer, ou porque se julgou que esta falta se supria abundantemẽte na multidaõ de suffragios, que se fazem pelos fieis no Mosteiro, que depois se edificou.

Cuidou o Rmo. P. no adorno da Igreja com o mayor disvelo. Mandou fazer de vulto as Imagens de N. Senhora de Monserrate, a da Senhora dos Prazeres, a de N.P.S. Bento, e a de sua irmãa Santa Escolastica, obras em que se esmerou o primor, e arte do celebre Flamengo Estacio Matias. Para ornato da Capella mayor ajustou com os confrades de N. Senhora da Conceiçaõ do Convento de S.Frãcisco,

cifco, as admiraveis pinturas, que ainda hoje exiſtem na Capela de N.Senhora dos Prazeres do Moſteiro de S. Bento. Em fim cuidou em todos os ornamentos, que ſe faziaõ precizos, conſeguindo pela ſua actividade, e pela induſtria do P. Fr. Balthazar de Refoyos, Sacriſtaõ mór do dito Moſteiro, q̃ houveſſe nelle ſeis ornamentos, taõ bem acabados, e perfeitos quanto pedia o goſto da quelle tempo. O Senhor Rey D. Sebaſtiaõ, e ſeu tio o Senhor Cardeal deraõ a eſte Moſteiro os primeiros Sinos. O Rey D. Phelipe, que ſocedeo neſte Reyno hum pallio de tella de ouro; hum Calix precioſo, e outras alfayas de eſtimaçaõ, que o tempo conſumio com a ſua voracidade.

He indiſpenſavel, que neſte lugar ſe faça huma particular, e diſtinta mençaõ da Sereniſſima Senhora Infante D. Maria, filha do Senhor Rey D. Manoel, pois ao ſeu zelo ſe deve a prenda, que os Benedictinos tem de mayor eſtimaçaõ neſte Reyno. A impulſos da ſua grande piedade, e devoçaõ para com S. Bento, eſcreveo eſta Senhora ao Pontifice, a alguns Cardeaes, e a D. Joaõ Tello, Embaixador deſte Reyno na Corte de Roma, pedindo ao Papa, que da grande reliquia de S. Bento, que eſtava no Moſteiro de S. Paulo em Roma lhe mandaſſe hũa parte para ſe colocar neſte novo Moſteiro de Lisboa, e no de Santarem, na Ermida dos Apoſtolos, que a meſma Senhora mandou fazer, e depois nos deu para ſe edificar nella o Moſteiro, que hoje exiſte. Ouvida em Roma eſta piedoſa ſuplica, quiz o Pontifice differir-lhe com a conceſſaõ do que pedia a Sereniſſima Infante. Mandou para eſte fim ao Moſ-

teiro

teiro de S. Paulo o Embaixador D. Joaõ Tello, e hum Cardeal, pedindo encarecidamente a reliquia. O D. Abbade, e Convento, pela eſtimaçaõ, que della faziaõ, ſe eſcuzaraõ com humildade de concedela; porem eſtando Sua Santidade empenhado neſte ponto, mandou outro Cardeal chamado Alciato com o Embaixador de Portugal, e o Doutor Antonio Pinto, Secretario da Embaixada, com ordem de que intimando ao D. Abbade, e Monges preceito de obediencia, naõ ſe recolheſſem ſem trazer comſigo a ſuſpirada reliquia. Reſponderaõ os Monges, vendo eſta reſoluçaõ; que depois do Sacramento Euchariſtico, naõ tinhaõ joya de mayor valor, que a ſanta reliquia; porem obedecendo reverentes ao preceito pontificio, concederaõ que com huma delicada ſerra ſe ſeparaſſe da canela do braço huma parte, do comprimento de hum dedo, e de largura o que continha a canella. Recolheuſe o Cardeal Alciato ao ſacro Palacio havendo deſempenhado a empreza, que ſe lhe recomendára, e o Santo Padre ficou ſummamente ſatisfeito, porque dezejava que a devoçaõ da Sereniſſima Infante tiveſſe effectivamente a poſſe deſta reliquia. Entregou-a ao Embaixador, e como a Senhora D. Maria teve a certeza de que D. Joaõ Tello eſtava de poſſe della, lhe eſcreveu ordenando, que a dividiſſe em duas partes, enviando logo huma dellas por hum Irmaõ do meſmo Embaixador, que eſtava de caminho para Heſpanha, e reſervando a outra para trazer comſigo, na retirada, que havia fazer brevemente para eſte Reyno. Tudo executou D. Joaõ Tello; e mandando huma parte da reliquia em hũa

pe-

pequena caixa, incorporada em outra, ambas preciozas, chegaraõ em fim a Lisboa, naõ chegando o ſeu condutor, que faleceo em huma terra, chamada Col de Valaguer, entre Barcelona, e Valença.

Fez-ſe entrega em Lisboa ao P. Fr. Placido de Villalobos deſta precioſa reliquia, aquem acompanhava hũa autentica do Sũmo Põtifice, e certidoẽs do Embaixador D. Joaõ Tello, e de ſeu Secretario o Doutor Antonio Pinto; e recolhendo-ſe ao ſeu Moſteiro o Rmo. P. com huma peça da mayor valia, foi immenſo o jubilo, e alegria, com que os Monges renderaõ a Deos as graças por ſe dignar autorizar a quella ſua Caza com huma taõ eſtimavel reliquia. Logo o Rmo. Geral a quíz ver approvada, e autorizada. Levou-a ao Illmo. Arcebiſpo D. Jorge de Almeida, junto com a autentica de Roma, e venerando com muita piedade o Illmo. Prelado a dita reliquia, lhe deu ſua approvaçaõ, e tornou a entregar ao Rmo. Geral. Foi eſte ſem demora ao Paço; e ſignificando em reaes, e devotas expreſſoẽs a Sereniſſima Senhora D. Maria o goſto, que lhe reſultava de ver em Portugal eſta reliquia, a collocou em hum cofre, em q̃ eſtavaõ outras, ordenando ao Rmo. P. que em certo dia, que lhe ſignalou, voltaſſe áquelle Palacio, porque entaõ a queria ver, e adorar.

Chegou aquelle dia, e ſabendo S. A. que o P. Geral hia a cumprir o que foſſe de ſeu real agrado, baixou a meſma Senhora, acompanhada de ſua Camereira mór D. Conſtança, Damas, e mais familia de ſua caza á Capella, em que coſtumava ouvir Miſſa. Mandou collocar em huma meza, ricamente

ornada

ornada a ſagrada reliquia, e tirando-a o Rmo. Geral da primeira, e ſegunda caixa, em que eſtava enſerrada, foi notavel a devoçaõ, com que todos a veneráraõ. A Sereniſſima Infante a beijou, e como eſta piedoza acçaõ era acompanhada de lagrimas, huma dellas cahio em a meſma reliquia, ficãdo ſignalada nella de tal ſorte, que ainda hoje ſe diviſa pela differença da côr, que ſe obſerva naquella parte da reliquia, em que entaõ cahio.

Neſte acto taõ pio, quanto devoto quiz Deos Senhor noſſo moſtrar, que a reliquia de ſeu ſervo Bento ſe havia enobrecer com eſtupendos milagres. Cheya de fé, e eſperanças no merecimento do Santo pedio a Camereira mór ao Rmo. Geral, que applicaſſe a ſagrada reliquia a hum dos olhos de ſua filha (que depois foi Condeſſa de Mira) porque padecia nelle moleſtia, que afeava a ſua gentileza, e a que naõ davaõ remedio os profeſſores. Reveſtiose de fé o Rmo. P. e applicando a ſagrada reliquia experimentou aquella Senhora, naõ ſó a melhora, porque ſuſpirava, ſe naõ o ficar izenta de lezaõ algũa. Em fim, concluio-ſe eſte piedozo acto, deixando o Rmo P. em poder de S.A. a ſanta reliquia, em quanto ſenaõ fez o braço de prata dourado, ſobre hum livro, em que ſe vê ainda hoje engaſtada. A outra, que veyo de Roma, em companhia do Embaixador D. Joaõ Tello, eſteve em poder da Sereniſſima Infante até a ſua morte; porem como pelo falecimento deſta Senhora ficou ſeu teſtamenteiro o Illmo. Arcebiſpo D. Jorge de Almeida, eſte a entregou ao Rmo. Fr. Pedro de Chaves, tirando della huma pequena parte, que ſe deu ao Conven-

to

to de S. Bento velho de Xabregas. A parte, que recebeo o Rmo. Geral se collocou em hũ braço de prata, e se levou ao Mosteiro de S. Bento da Villa de Santarem, para que deste modo se cumprisse a vontade, e intentos da Serenissima Infante, que dezejava fosse o Mosteiro de Lisboa, e o que dezejava edificar em Santarem, depositos da quella sagrada reliquia, que com tanto empenho alcançára.

Nesta larga digressaõ, que tenho feito, naõ intento mais, que significar a gratidaõ dos Benedictinos aos Serenissimos Principes, que os favoreceraõ. A' Senhora D. Maria, Princeza estimavel de Portugal, dotada de engenho raro, de formosura grande, de virtude insigne, de animo soberano; porque a esta Senhora deve a Congregaçaõ de S. Bento deste Reyno a mayor prenda, que tem na reliquia de seu Patriarca. Ao Senhor Cardeal Rey D. Henrique, seu irmaõ; porque a elle se deve a esmola, que fez á mesma Congregaçaõ, ajudãdo-a na edificaçaõ do primeiro Mosteiro, que teve na Corte de Lisboa; mandando tambem tirar em Roma por conta de sua real fazenda as Bullas da Reforma, e as que eraõ precizas, para que se comutasse a D. Joaõ Pinto, administrador do Mosteiro de S .Miguel de Refoyos de Basto, este Mosteiro em o de Caramos dos Conegos Regrantes, ficando aquelle livre para se incorporar na Congregaçaõ de S. Bento. Em menos palavras; a este Principe se deve em Portugal, naõ só a Reforma das mais Religioens, se naõ especialmente a da Benedictina. O Senhor Rey D. Joaõ III. mostrou que a dezejava, porque chamando do Collegio Benedictino de S.

Vicente

Vicente de Salamanca ao P. Fr. Antonio de Sá, D. Abbade da quelle Mosteiro lhe deo os Mosteiros de Tibaẽs, o de Carvoeiro, e Arnoya para que os reformasse. Naõ se executou porem este intento, porque pouco tempo depois os deu o mesmo Rey a seu filho o Senhor D. Duarte, que era Arcebispo de Braga. A morte do dito Infante deixou livres os taes Mosteiros; mas ainda que D. Bernardo, da Ordem de S. Domingos, e Bispo de S. Thomé, que socedeo na Commenda dos taes Mosteiros, quiz adiantar a reforma, que principiara D. Antonio de Sá, nada se concluío, porque os Religiosos naõ viviaõ em Cõmunidade, antes estavaõ longe da perfeiçaõ religiosa, porque se lhes permitiaõ bens, e rendas, que os constituhiaõ em perigoso estado. Estava em fim reservada a gloria desta Reforma, para o tempo do Senhor D. Henrique, pois attendẽdo a honra, que resultava a Deos da que se estabelecera no Mosteiro de Santo Thyrso, a empenhos de seu illustre Cõmendatario D. Antonio da Silva, quiz se praticasse a mesma em todos os outros Mosteiros Benedictinos, formando delles o corpo de huma nova Congregaçaõ.

Vagaraõ por este tempo o Mosteiro de Santo André de Rendufe, de que era Cõmendatario Henrique de Souza; o de Santa Maria de Pombeiro, por morte de Antonio de Mello; o de S. Romaõ de Neiva, cujo Comendatario matáraõ dentro do dito Mosteiro os seus parentes, pelo naõ querer renunciar em hum sobrinho; o de S. Salvador de Travãça, pela renuncia, que fez delle, a instancias do Senhor Cardeal, o seu Cõmendatario D. Fulgencio,

filho do Duque de Bragança; o de S. Miguel de Refoyos de Basto, e o Collegio de Coimbra, pela desistencia de D. Joaõ Pinto; e como o Senhor Cardeal era taõ empenhado em formar esta nova Congregaçaõ, todos estes Mosteiros se incorporáraõ com o principal, e cabeça que he o de Tibaens.

Antes destes havia vagado no anno de 1560. por morte do Commendatario D. Paulo o Mosteiro de Paço de Souza, e ignorando o Rmo. Geral, que o Senhor Cardeal queria fazer Cõmendatario delle a D. Manoel Santo, Bispo de Targa, buscou ao mesmo Bispo para que este quizesse intrepôr o seu valimento para com o Senhor Cardeal, a fim de que elle desse o dito Mosteiro para se reformar. Escuzou-se o Bispo deste empenho, dizendo: que muitas pessoas affirmavaõ, que o Senhor Cardeal o queria fazer Commendatario daquella Caza, e que por isso, naõ lhe estava bem fallar em hũa materia, em que parecia, hia lembrar-se a S. A. para que o nomeasse. Passados poucos dias fallou o Senhor Cardeal ao Bispo na data do dito Mosteiro, mas naõ claramente, porque a industria, e importunaçaõ dos Padres da Companhia haviaõ obrigado a que o Senhor Cardeal, como por força, mudasse a võtade, que tinha de o dar ao referido Bispo. Soube este, q̃ se lavravaõ as Provizoẽs necessarias a favor dos PP. da Companhia, e naõ podẽdo soffrer as suas intrigas buscou ao Senhor Cardeal, e lhe fallou taõ desenganadamente, que este se resolveo a mandar fazer outras Provizoẽs, em que deu o Mosteiro ao dito Bispo, com esperança de que brevemente sería dos PP. da Companhia, por ser o Bispo muito velho.

lho. Aſſiſtia eſte em Evora, e pela ſua idade avançada, naõ ſe atrevia a reger os Religioſos do ſeu Moſteiro, cuja obſervancia ſe achava em tal deſordem na quelle tempo, que mandando o Senhor Cardeal aos Monges Fr. Affonſo de Sorrilha, e Fr. Placido de Villalobos, para os viſitar, elles ſe auzentáraõ todos do Moſteiro na meſma noite, em que chegáraõ a elle eſtes dous varoẽs exemplares.

Valeraõ-ſe deſta occaſiaõ os PP. da Companhia, e inſtando fortemente com o Senhor Cardeal, para que o Biſpo renunciaſſe nelles o dito Moſteiro, em fim o conſeguiraõ, rezultando deſta renuncia, que o Biſpo fez, por condeſcender com a vontade de S. A. a morte do meſmo Biſpo, que faleceo de paixaõ dentro em breves dias. Entraraõ os PP. da Companhia a desfrutar as rendas da meza Abbacial por mais de dez annos, e juntamente parte da Conventual, que importava mais de tres mil cruzados; e ſendo que eſte Moſteiro de Paço de Souza era hum dos mais habeis para ſe reformar, por ſer abundãte de rendas, e dever eſtar nelle Capelaẽs, que encomendaſſem a Deos os Bemfeitores, que o dotaraõ, eſpecialmente o grande Egas Moniz, cujas reſpeitaveis cinzas ali deſcançaõ, alcançáraõ os ditos PP. que o Senhor Cardeal o applicaſſe ao ſeu novo Collegio, que edificou em Evora.

Eſtimulados os Religioſos Clauſtraes deſte ſuceſſo; porque da poſſe q̃ os PP. da Companhia tomavaõ do ſeu Moſteiro ſe ſeguia a extinçaõ delle, enviáraõ á Corte de Roma dous Mõges com hũa informaçaõ, baſtãte a deſtruir aquella maquina, autoriſada com o teſtemunho de peſſoas principaes da quella vizinhan-

nhãça. Expunhaõ a qualidade do Mosteirõ; o como era apto para se reformar, e ainda para ser cabeça dos mais, q̃ se reformavaõ; q̃ naõ era merecedor de se extinguir, porque naõ lhe faltava sitio, nem rẽda; e que estãdo cercado de familias nobres, e illustres, nelle se podia fazer a Deos tanto, ou mais serviço, do que se esperava nos outros Mosteiros, q̃ se uniaõ em Congregaçaõ. Levaraõ os ditos Religiosos procuraçaõ bastãte para o que era precizo, e aprezentando-se ao Summo Pontifice, lhe allegáraõ, que o dito Mosteiro naõ devia ser extincto, porque elle se naõ comprehendia no Breve do S. P. Pio V. que concedia, que os Mosteiros de S. Bento, e S. Agostinho, em que naõ houvesse sitio, rendas, ou Religiosos sufficientes para se reformarem, estes taes se podessem dar a outras Ordens. E porque o dito Mosteiro estava em bom sitio, com abundancia de rendas, e dez Religiosos, naõ lhe faltando Igreja, Coro, Livraria, e ornamentos para os Officios divinos, pediaõ a sua Santidade o mandasse pôr em o numero dos que se reformavaõ, e de que se compunha a nova Cõgregaçaõ Benedictina deste Reyno.

Fez gostoza armonia nos ouvidos do Santo Padre esta reprezentaçaõ; porque os PP. da Companhia o haviõ informado em termos verdadeiramente oppostos; e querendo differir com brevidade ao que lhe pediaõ, cometeo este negocio a dous Cardeaes. Estavaõ estes para dar sentença, depois de ouvir ambas as partes; porem como os PP. da Companhia entenderaõ, que ella naõ era a seu favor, porque os rectissimos juizes se inclinavaõ para a justiça da cauza, pozeraõ os embargos, que sempre lhe minstrou a sua astucia, para que se dilatasse

a

a pronuncia della. Efcreveraõ com fummo cuidado ao feu Provincial nefte Reyno, para que fallaffe aos Religiofos de Paço de Souza, e lhes prometeffe dar-lhes em fua vida as fuas raçoẽs, que tinhaõ entre fi, e que os livrariaõ de fer reformados, com tanto, que, revogaffem as procuraçoẽs, que haviaõ dado aos que eftavaõ em Roma. Que foi o mefmo, que infpirar-lhes huma contradiçaõ aos auxilios divinos, e huma rebeliaõ á vontade, e intentos do Senhor Cardeal que dezejava ver reformados todos os Religiofos de S. Bento.

Trataraõ os PP. da Companhia taõ forte, e aftutamente com os Religiofos de Paço de Souza efte ponto, que efquecidos da fua obrigaçaõ, e corrompidos do veneno, aceitaraõ o partido, antepondo a perverfa liberbade, com que queriaõ ver-fe izentos da Reforma ao zelo, com que antes procuravaõ, que naõ fe extinguiffe o feu Mofteiro. A inftancias dos PP. da Companhia, confirmou o Senhor Cardeal, e o Bifpo do Porto efte contrato; mas tendo noticia delle o Rmo. Fr. Pedro de Chaves, cheyo de zelo apoftolico, bufcou a S. A. e lhe propôz, que efte facto era illicito, porque punha em eftado de perdiçaõ aquelles mefmos, aquem elle por ordem de S. A. havia vifitado, e pofto em Cõmunidade, e vida mais religiofa. Refpondeo S. A. fugerido, e aconfelhado pelos que querem denominar-fe benemeritos filhos da Igreja: que depozeffe o feu efcrupulo, porque nefte contrato naõ fe fazia mais, que pôr aquelles Religiofos no eftado, em que eftavaõ antes, que os mandaffe vizitar: mas a efta repofta fatisfez com humildade e conftancia o Rmo.

P.

P. dizendo : Que elle de nada tinha eſcrupulo; mas que attendeſſe S. A. ſe o devia ter. Seguio-ſe entre os homens ſabios, e pios notavel eſcandalo deſte contrato ,porque devendo os PP. da Companhia cuidar, em que aquelles Religioſos ficaſſem em hum eſtado, em que podeſſem ſalvar-ſe, cumprindo o que prometeraõ na ſua profiſſaõ, ſó cuidaraõ no modo de haver a ſi as rendas das mezas Abbacial, e Conventual da quelle Moſteiro, que verdadeiramente hia a extinguir-ſe.

Chegou em fim a Roma a revogaçaõ das Procuraçoens, e o illicito contrato, que ſe havia feito; e tanto que ſe entregou aos dous Cardeaes Juizes, diſſeraõ eſtes aos Procuradores do Moſteiro : Que já os naõ podiaõ ouvir; porque eſtava revogada a ſua procuraçaõ; e porque os mais eraõ contentes de deſiſtir da demanda, elles deviaõ fazer o meſmo. Aſſim o executaraõ, vendo-ſe ſem procuraçaõ.Hum delles voltou ao Reyno; outro morreo em Roma. Os mais ficaraõ na liberdade deteſtavel, que appeteciaõ : os PP. da Companhia com as rendas, porque trabalharaõ com inexplicavel diſvelo, ſegundo o eſtudo das ſuas maximas.

Naõ ſe paſſou muito tempo, ſem que houveſſe quem zeloſamente reclamaſſe eſte contrato, diante do Pontifice Gregorio XIII. Expedio eſte ſegundo Breve, em o qual cometia ao Senhor Cardeal D. Henrique, e ao Veneravel Arcebiſpo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, cuidar cada hum delles em tirar huma informaçaõ exacta do dito Moſteiro, e achando, que naõ tinha as qualidades precizas para ſe reformar, ficaſſe ſendo dos PP. da

Com-

Companhia, como lhes havia concedido no primeiro Breve; mas achando ſer idoneo para a Reforma o informaſſem diſſo. Cometeo o Senhor Cardeal eſte informe a D. Manoel de Siabra, que depois foi Biſpo de Ceuta. Eſte deixando em ſilencio o q̄ podia ſer utilidade da quelle Moſteiro, ſo informou do que naõ falava o Breve, dizendo: que na quella Caza naõ havia homẽs doutos, nem exemplares, que podeſſem ſervir de edificaçaõ aos povos: o q̄ na verdade aſſim era, porque naõ havia eſtudos, nem obſervancia. Mas por iſſo meſmo ſe faziaõ mais dignos de inſtrucçaõ, e reforma. O Arcebiſpo de Braga foi peſſoalmente ao dito Moſteiro; e fazendo exacta a ſua informaçaõ, a enviou ao Senhor Cardeal ſegundo elle meſmo diſſe. Qual das informaçoens chegou a Roma, naõ conſta ao certo; mas deve-ſe ſuppôr que foi a de D. Manoel de Siabra, e naõ a do Arcebiſpo; porque informando eſte, que o dito Moſteiro era digno de ſer cabeça da Congregaçaõ de S. Bento neſte Reyno, com tudo expedio o Papa Gregorio XIII. novo Breve, em que mandava ſe extinguiſſe o Moſteiro, até em o nome, acabados que foſſem os Religioſos, que entaõ viviaõ; ficando por eſta nova conceſſaõ os PP. da Companhia percebendo, naõ ſo a renda da meza Abbacial, ſe naõ quarenta mil reis, que vagaraõ por morte de cada hum dos Religioſos.

Teve noticia deſte facto o Senhor Rey D. Sebaſtiaõ, e ſentido de que ſe extinguiſſe hum Moſteiro de tanta autoridade, edificado por hum varaõ taõ celebre, qual foi Egas Moniz, e acudindo como Padroeiro delle pela ſua conſervaçaõ, o tirou aos PP.

PP. da Companhia. Sentiraõ eſtes amargamente á perda; mas vallendo-ſe do Senhor Cardeal conſeguiraõ, que eſte o pediſſe com ſumma inſtancia ao Rey, dizendo o queria para conſervar o jazigo, que tinha no Collegio de Evora, que he dos ditos Padres. O Rey o tornou a conceder; mas como havia já dado a D. Joaõ de Caſtro, ſeu Capelaõ mór, quatro centos mil reis naquelle Moſteiro, o Senhor Cardeal conſeguio, que depois da morte de D.Joaõ tornaſſem aos PP. da Companhia, para que em fim gozaſſem toda a renda da meza Abbacial, ficando aos Religioſos ſomente o que éra da Conventual.

Neſte tempo veyo de Evora a Lisboa o Senhor Cardeal, e dignando-ſe tomar o ſeu apozento em o novo Moſteiro Benedictino, e no meſmo Cubiculo do Rmo. Fr. Pedro de Chaves, chamou eſte á ſua prezença para ſe informar ſobre varias couzas de noſſa Ordem. A tudo ſatisfez o Rmo. P. e allegando a pobreza, em que eſtava a Religiaõ, eſpecialmente a quella pequena Caza, lhe rogou quizeſſe S. A. applicar para conſervaçaõ della, alguma parte da renda do Moſteiro de Paço de Souza. Reſpondeu S. A. que lhe naõ fallaſſe em ſimilhante materia; e como o Rmo. P. entendeſſe era do ſeu deſagrado eſte ponto, naõ lhe fallou mais, que em outros, ſobre que S. A. o perguntou.

Recolheu-ſe a Evora o Senhor Cardeal, e o Rmo. Fr. Pedro lhe eſcreveo duas Cartas: huma pedindo licença para ſe recolher á ſua Congregaçaõ de Heſpanha, para deſcançar dos ſeus trabalhos, e requerimentos; outra lãſtimando-ſe da mizeria, em que eſtavaõ os Religioſos de ſua Ordem, carecendo do

pre-

precizo, por se haver concedido aos PP. da Companhia mais de dous contos de reis annuaes, que pessoas illustres, e devotas haviaõ deixado aos filhos de S. Bento, para que vivessem no retiro entregues a Deos, e longe dos cuidados de buscar o necessario para conservaçaõ da vida. Respondeo S. A. ao conteûdo nestas cartas, menos ao ponto immediato. Ellas porem fizeraõ taõ grave impressaõ na consciencia de S. A. que escreveo sem demora ao Papa, pedindo-lhe, que naõ obstante o ter passado Breve, para q̃ o Mosteiro de Paço de Souza se extinguisse, lhe quizesse conceder a meza Conventual delle, para que dando-a á nossa Congregaçaõ, naõ se extinguisse hum Mosteiro taõ insigne.

Concorreo tambem muito para este fim, o ter vindo ao Mosteiro de S. Bento o sobredito D. Manoel de Siábra, sẽdo já eleito Bispo de Ceuta. Cumprimentou-o o Rmo. Geral, e em breves palavras lhe disse: Que elle dezejava ouvir da boca de S. Senhoria, qual era a incapacidade do Mosteiro de Paço de Souza para se naõ reformar, quando elle tinha rendas, sitio, e Religiosos mais que outros. Respondeo o Bispo: que elle naõ informára q̃ o Mosteiro, naõ era idoneo; se naõ que carecia de homẽs doutos, e exemplares, que instruissem, e edificassem o povo. A isto replicou o Rmo. Geral: que para emendar estes defeitos, he que se fazia mais preciza a Reforma, e que por tanto attendesse S. Senhoria, que o mal, que se seguisse, ou o bem, que se perdesse, recahia todo sobre sua alma, e consciencia. Fez grande pezo ao Bispo esta razaõ, e prometeu logo, que em fallando a S. A. lhe persuadiria,

naõ deixaſſe fóra da Reforma o dito Moſteiro. Executou promptamẽte o que prometeu; porque fallando a S. A. lhe pedio com a mayor inſtancia, que mandaſſe pôr em o numero dos mais Moſteiros da Congregaçaõ, eſte de Paço de Souza. Entrou em juſto eſcrupulo S. A. e ou foſſe pela carta, que o Geral lhe eſcreveo, ou pela perſuaçaõ, que lhe fez o Biſpo, naõ ſó cuidou, em que naõ ſe extinguiſſe o Moſteiro, ſe naõ em que ſe nos deſſe a renda da meza Conventual, que importaria pouco mais de quatro centos mil reis.

Concedeo para eſte fim o Papa Gregorio XIII. novo Breve ao Senhor Cardeal, que ja era Rey, e nelle lhe facultou, que a meza conventual, o eſpiritual, e o mais, que pareceſſe a S. A. ſe reſtituiſſe á Congregaçaõ de S. Bento. Foi de grande conſolaçaõ para o Rmo. Geral eſta noticia, porque dezejava, como bom paſtor, ver no gremio da Congregaçaõ as ovelhas, que o naõ tinhaõ; porem diſſaboreou o ſeu goſto huma clauſula do Breve, que mandava, ſe deſſem aos Religioſos, que exiſtiaõ, as ſuas raçoens em ſua vida, fazendo-os izentos da reforma, e com liberdade de as poder comer onde quizeſſem, para dar por eſte modo cumprimento ao contrato, que com elles haviaõ feito os PP. da Companhia, quando alcançáraõ a revogaçaõ das procuraçoens, que tinhaõ dado aos que eſtavaõ em Roma. Sentio o P. Geral no intimo do coraçaõ eſta, e outras clauzulas, naõ ſó porque devia ſatisfazer da meza Conventual as porçoẽs da quelles Religioſos, cuja obrigaçaõ lançaraõ de ſi com induſtria os PP. da Companhia, ſe naõ eſpecialmente porque os Religioſos

da

da quella Caza ficavaõ izentos da Reforma, em que poderiaõ ſer muito perfeitos. Mas porque naõ pareça ſer arbitrario o meu conceito, tranſcreverei eſte ſentimento do meſmo Rmo. com as formaes palavras, que elle deixou eſcritas na Relaçaõ, que formou de todos os ſuceſſos da Reforma: *Quanto ſerviço de Deos niſto fizeraõ os ditos Padres da Companhia, e quanta ajuda deraõ a os Religioſos para ſe ſalvar; pois lhe procuraraõ izençaõ de quem os podera ter recolhidos, e em ſerviço de noſſo Senhor, eu o remeto a eſſe meſmo Senhor.* Eſta foi a ſua lamentaçaõ.

Chegado o dito Breve chamou com muita preſſa o Senhor Rey D. Henrique ao P. Geral, que ſe achava na Provincia do Minho. Obedeceo eſte á voz do Soberano, e fazendo huma trabalhoza jornada, por ſer o inverno rigorozo, em fim chegou á Corte. Beijou a maõ ao Rey, e dando-lhe eſte parte do Breve, que recebera, e o que elle nos concedia, ſegunda vez lhe beijou a maõ, agradecido ao favor. Entre outras couſas lhe diſſe S. A. que de nenhum modo queria, que os PP. da Companhia moraſſem, como ja moravaõ nas cazas do Commendatario, q̃ eſtavaõ incorporadas no Moſteiro, para evitar alguma differença que podiaõ ter comnoſco. Naõ ſei ſe reflectia ja o advertido Rey no ſeu orgulho, ou ſe prognoſticava a dura viſinhança, que nos haviaõ de fazer no tempo futuro!

Sabendo os ditos Padres a determinaçaõ regia, pediraõ ao Rey lhes mandaſſe dar humas cazas, que eſtavaõ na quinta, chamada Granja do Franco, pois de nada nos ſerviaõ. Aſſim o entendia o Rey, quãdo diſſe ao P. Geral, que lhas deſſe; porem como

 eſte,

eſte, depois de informado, expoz a S.A. q̃ a Quinta, e Cazas, que lhe pediaõ, era a melhor couza, que o Moſteiro tinha, naõ inſtou S.A. mas ordenou ao Geral, lhes mandaſſe edificar cazas, em que eſtiveſſem comodamente dous PP. da Companhia, o que logo ſe executou, para evitar a importunaçaõ, com que elles pediaõ ao Senhor Cardeal Rey a Grãja do Franco, porque ſuſpiravaõ.

Paſſando logo S.A. a dar execuçaõ ao Breve, ordenou que aos Religioſos, que viviaõ na quella Caza ſe deſſem ſuas porçoẽs, ou raçoens para as comer fora do Moſteiro, onde quizeſſem, ficando ſugeitos ao Ordinario, ſem que a Congregaçaõ tiveſſe com elles couza alguma. Alem da renda da meza Conventual nos deu S. A. cem mil reis annuaes. Sincoenta delles na Igreja de Pedorîdo, em que os PP. da Companhia traziaõ já demanda com o Vigario, e freguezes; e ſincoenta na renda dos cazaes, que traziaõ hũs homens pobres, que naõ a podiaõ pagar. Deſoneraraõ-ſe por eſte modo os PP. da Companhia dos encargos de levantar a Igreja de Pedorîdo, de dar para ella cera, e azeite para as lampadas; e eſtando a Congregaçaõ de S. Bento por tudo o que entaõ diſpoz S. A. pelo que era do ſeu patrimonio, naõ o eſtiveraõ os ditos PP. depois, movendo demandas ſobre o meſmo, que elles eraõ obrigados a fazer na Igeja de Pedorîdo.

Porem naõ pode admirar, que os PP. da Companhia ſe empenhaſſem em Portugal tanto, em conſeguir as rendas de hum Moſteiro taõ abundante, qual era o de Paço de Souza, porque tiveraõ hum Rey, que os favorecia, ſeguindo, ou excedendo o amor,

e

e liberalidade, com que ſeu Irmaõ o Senhor D. Joaõ III. os admitio neſte Reyno; o que ſuſpende o mũdo he, que elles pertendeſſem moſtrar como encargo de conſciencia ao Emperador Fernando III. que eſtava obrigado a dar á Religiaõ da Companhia os Moſteiros, que ſe haviaõ extinto na Alemanha por cauza das herezias, e ſe hiaõ recuperando por força das armas Imperiaes. Eſtes Moſteiros, que pertẽciaõ a varias ordens Religioſas, eſpecialmente á Benedictina das Congregaçoẽs Melicenſe, Caſtalenſe, e Bursfeldenſe, na Auſtria, Hungria, e Baviera, quiz o dito Emperador, que ſe reſtituiſſem, por direito de reverſaõ, ás Religioẽs, de que haviaõ ſido, tanto que ſe tiraſſem aos hereges; porque naõ eſtavaõ extintos de jure, ſe naõ de facto. Requereraõ contra eſta determinaçaõ Imperial os PP. da Companhia, e querendo meter em ponto de conſciencia eſte negocio, naõ pertendiaõ menos, que dever-ſe-lhes de obrigaçaõ os Moſteiros, que foraõ das outras familias religioſas. Naõ aſſentio o ſabio Emperador á ſua pertençaõ, antes com editos publicos mandou ſe entregaſſem ás Ordens, a que pertẽciaõ, os Moſteiros, q̃ as ſuas vitorioſas armas haviaõ libertado do poder dos Hereges por toda a Alemanha. Ouvio-ſe com aplauzo na Corte Romana eſta reſoluçaõ, e ella mereceo, que o S. P. Urbano VIII. a approvaſſe, eſcrevendo ao Emperador, aquem enviava a bençaõ apoſtolica deſde o trono Pontificio; ſignificando tambem os Eminẽtiſſimos Cardeaes do Sagrado Collegio o goſto, com que ouviaõ huma determinaçaõ de tanta equidade, e juſtiça. Tudo ſe póde ver mais largamente no erudito livro, q̃ ſobre eſta

esta materia estampou o grande Beneditino Romano Hay, impresso no anno de 1636. com o titulo *Astrum inextinctum.*

Demorou-se a penna nesta dilatada noticia historica do Mosteiro de Paço de Souza, pois sendo elle hum dos mais abundantes, que podera ter a Congregaçaõ de S. Bento, foi o unico, que vio quazi extincto, a empenho dos PP. da Companhia, o P. Reformador. O seu zelo, e a sua actividade foi quem se oppôz á sem-razaõ dos que pertendiaõ extinguilo; e ainda que naõ alcançou, que a renda da meza Abbacial deixasse de applicar-se ao Collegio dos PP. da Companhia de Evora, com tudo he certo, que se naõ fosse a sua instancia, e requerimentos na presença do Senhor Cardeal Rey, naõ existiria o dito Mosteiro, nem em o nome, como concedia o primeiro Breve de Gregorio XIII. e ficaria sendo todo elle, e as suas rendas da Companhia, como pertendiaõ os seus Religiosos.

Porem tornando ja aos sucessos, que teve o Rmo. Geral, depois de estabelecida a Reforma, naõ foraõ pequenas as difficuldades, que se lhe oppozeraõ, e naõ venceria se o seu espirito, e animo naõ fossem muito robustos, e superiores. Tudo contradizia aos piedosos intentos do seu ardente zelo: os subditos, em quem queria dissipar os habitos do homem velho, e estabelecer as virtudes de hum varaõ perfeito: os estranhos, que por esta Reforma viaõ fechadas as portas aos seus interesses: os Principes da Igreja, que naõ podiaõ estender largamente a maõ para conceder Beneficios. Por estas, e outras cauzas, morto o Papa S. Pio V, naõ quiz seu sucessor

Gre-

Gregorio XIII. confirmar as Bullas, que expedira seu antecessor, antes no anno de 1574. revogou a segunda, que S. Pio V. concedera. O Senhor Rey D. Sebastiaõ as havia pedido, contratando com a Sé Apostolica; que naõ se provessem em consistorio do Papa, e Cardeaes os nossos Mosteiros; que naõ houvesse Cõmendatarios. Para conseguir esta graça offereceo mais de vinte mil cruzados, que o S. P. Pio V. naõ aceitou, querendo conceder gratuitamente o que o Rey pedia. Quiz Gregorio XIII. seguindo as regras da Chancelaria, prover os beneficios que em vida de seu antecessor naõ haviaõ surtido effeito. Por serem vivos ainda no tempo do seu Pontificado algũs Cõmendatarios, intentou dispor das suas rendas depois da morte delles, por naõ estarem estas ainda unidas á nova Congregaçaõ de S. Bento. Naõ era porem isto conforme ás Bullas de seu antecessor; porque estando o principal, que eraõ os Conventos, unidos já em hum corpo, as rendas só se podiaõ unir depois da morte dos Commendatarios, aquem o Papa S. Pio V. as concedia em sua vida, prohibindo, que na falta delles se nomeassem outros, e mandando, que os Conventos, e rẽdas se regessem por Abbades triennaes, sugeitos todos a hum Geral, de quem havia pender o total governo da Congregaçaõ. Alem de que as regras cõmuas da Chancelaria, naõ se deviaõ attender, havendo entre a Sé Apostolica, e o Rey o contrato, de que os Mosteiros, e suas rendas ficassem livres á Congregaçaõ, tanto que vagassem por falecimẽto dos Cõmendatarios.

Vista pelo Senhor Rey D. Sebastiaõ a renitencia de

de Gregorio XIII. em confirmar as Bullas de seu antecessor, tornou a pedir a S. Santidade tivesse por bem unir á nossa Congregaçaõ todos os Mosteiros, em que ainda havia Commendatarios, em falecendo estes. Persistio no seu parecer o Papa, e vendo o Rey, que naõ tinha effeito o que pedia, requereo se lhe restituisse o Padroado dos Mosteiros, que havia dimittido em beneficio da Congregaçaõ. Naõ se pôde evadir a este requerimento o Papa, porque seus antecessores haviaõ concedido o dito Padroado. Passou Breve, em que deu faculdade ao Rey para poder apprezentar como Padroeiro novos Cõmendatarios, por morte dos que existiaõ. Faculdade ao que se vê, contraria aos intentos do Sagrado Concilio de Trento na Sess. 14. Cap. 10. e na Sess. 25. Cap. 21. Reservou porem o Papa prover na terceira parte dos frutos, quando vagasse algum Mosteiro, em quem bem lhe parecesse. Os Mosteiros, em que havia ainda Cõmendatarios eraõ estes: Sãta Maria de Pombeiro; Santo Thyrso; S. Joaõ de Pendorada; S. Miguel de Bostello; S. Joaõ de Arnoya; S. Salvador de Ganfey, e o de Palme, dos quaes mandou o Rey tomar logo posse.

Attendendo a isto o Rmo. P. Reformador, e que a Reforma naõ se podia estabelecer, se o dito Breve se executasse, por serem alguns destes Mosteiros muito principaes, pedio ao Senhor D. Sebastiaõ naõ pozesse em effeito o dito Breve; pois á instancia de S. A. se haviaõ impetrado as Bullas para se formar de todos huma Congregaçaõ. Representou mais, que em beneficio della havia S. A. cedido o Padroado, que nelles tinha; que os incorporados já, eraõ pou-

poucos, e de limitadas rendas, carregados de pẽ-ſoens; e em fim, que para conſervaçaõ de ſua real palavra, e naõ ſe lhe ſeguir deſte novo Breve nenhũ intereſſe, quizeſſe S.A. mandar tomar algum meyo, attendido o beneplacito do Papa. Naõ ſe eſtimulou deſte requerimẽto a Mageſtade, antes para lhe differir o cometeo ao Doutor Paulo Affonſo, e ao P.M. Fr. Franciſco Fureiro, da Ordem de S. Domingos, e Dezembargador da Meza de Conſciencia. Ordenou a ambos; que tomaſſem hum meyo conveniente a Elle, e á Congregaçaõ. Pediraõ elles ao P. Reformador as Bullas, e mais papeis, que tratavaõ eſte negocio, e examinados, e viſtos na dita Meza de Conſciencia, julgaraõ que era precizo a valiar antes, as rendas dos ſete Moſteiros referidos, pertencentes á meza Abbacial. Cometeraõ eſta deligencia a hum Corregedor, e mandando, que por parte da Religiaõ aſſiſtiſſe hum Religioſo, que foi o P. Fr. Joaõ Pinto, acharaõ, que rendiaõ todos treze mil cruzados, pouco mais, ou menos. Houve neſte calculo engano grande; porque naõ devendo entrar nelle cazas, pomares, e couſas ſimilhantes, ſe naõ lançar conta ao rendimento medio, deixado o infimo, e ſupremo, ſe fez mençaõ de couzas, que haviaõ acabar em pouco tempo, para haver de pagar nellas huma pençaõ perpetua.

Avaliada aſſim a renda das mezas Abbaciaes, julgaraõ os ſobreditos Comiſſarios, que ſe deſſe de pençaõ dos treze mil cruzados, a quinta parte, ſem advertir, que o Papa quando concedeo ao Rey o apprezentar Cõmendatarios, reſervou a ſi a terceira parte dos frutos, para os prover em quem quizeſ-

ſe. Eſſa foi talvez a cauza, porque mandando-ſe eſte contrato a Roma, naõ teve confirmaçaõ do Pontifice, ainda que parece haver dado boas eſperanças de o fazer ao Senhor Rey D. Henrique, ſe lhe deſſem alguma parte da dita renda. Nada teve effeito pela morte deſte Senhor. Socedeo na poſſe deſtes Reynos o Rey D. Felipe de Caſtella, e havẽdo entrado na Cidade de Elvas, o buſcou o Rmo. Geral. Referio-lhe os ſuceſſos deſta Reforma, e o contrato, que ſe havia feito com os Senhores Reys ſeus anteceſſores. Ouvio-o o Rey benignamente, e dandolhe boas eſperanças de que favoreceria huma obra, que era tanto do agrado de Deos, e utilidade deſte Reyno, lhe mandou dizer por D. Jorge de Attayde, Biſpo Capelaõ môr, que eſte negocio ſe deſpacharia melhor quãdo eſtiveſſe em Lisboa, e naõ em aquelle tempo, em que ſe achava muito occupado em varios negocios de ponderaçaõ, eſpecialmente no deſpacho da India, para onde ſe expedia novo Vice-Rey.

Pareceu bem ao Rmo. Geral eſta reſpoſta, conhecendo os grandes embaraços, em que ſe achava entaõ a Mageſtade; e recebendo da ſua grandeza huma ajuda de cuſto, que lhe mandou dar para o caminho, veyo eſperar em Sanratem ao Rey, porque ſe affirmava viria por Almeirim. Como porem veyo eſtar muitos dias em Thomar, onde o juraraõ Rey, reſolveo-ſe o Rmo. P. vir eſperalo em Lisboa. Já neſte tempo a lembrança do Rey era taõ grande a reſpeito do Geral de S. Bento, que eſtando em Thomar, entregou ao Biſpo de Leiria D. Antonio Pinheiro a informaçaõ, que ſe lhe deu em

El-

Elvas, para que a visse, e o informasse sobre o que devia fazer-se. Porem naõ teve despacho, em quanto naõ entrou em Lisboa, onde tornando-lhe a fallar o Rmo. Geral, lembrando-lhe o requerimento, que lhe havia exposto em Elvas, logo S. Magestade o cometeu a D. Jorge de Attayde, Capelaõ mór, que por desempenho da sua grande devoçaõ para com S. Bento cuidou sem demora no meyo, que se devia tomar, e a resposta, que se havia dar ao P. Rmo.

Tratou S. Magestade este negocio com seu Confessor, e como o Doutor Paulo Affonsso, por cujo parecer se informou, devia aceitar o contrato, que a Religiaõ havia feito com os Reys seus antecessores. Da parte da Congregaçaõ se havia exposto, que a pençaõ de cinco mil cruzados era grandissima, porque a avaliaçaõ, que se fez das rendas era exorbitante; e attẽdido pela Magestade este requerimento, nos fez merce de tirar mil cruzados, celebrando-se novo contrato de quatro somente. Escreveo a seus Agentes na Corte de Roma, para que pedissem efficasmente a S. Santidade confirmasse este contrato. Naõ o obteve, porque as contradiçoens da quella Curia eraõ muito grandes, sem embargo de que a instancia do Rey era a mais forte, porque quatro vezes escreveo sobre este ponto, por maõ do seu Embaixador na dita Curia. O Papa sim respondeo; mas foi dando a entender, que mais lhe convinha a elle a dita pençaõ, que ao Rey; porque este a podia escuzar, e naõ era razaõ, que elle naõ tivesse alguma cousa, que dar. Neste embaraço da confirmaçaõ do contrato, entrou o Rmo. Geral no em-

penho de que a liberalidade regia de Felipe II. dimittisse de si esta pençaõ dos quatro mil cruzados, e os offerecesse ao Papa, esperando, que com isto mudasse de opiniaõ, e concedendo a graça, que se lhe pedia, tivesse augmento a Reforma, a que Deos N. S. havia dado principios taõ favoraveis. Naõ se conseguio com este Pontifice couza alguma; porem falecendo elle, e subindo á Cadeira Pontificia Sisto V. no anno de 1585. naõ so concedeo ao grande Felipe o Prudente a confirmaçaõ do Breve de S. Pio V. se naõ que ampliou esta graça com outras mayores, que se experimentaraõ em favores singulares, e privilegios mais distintos, a respeito dos Benedictinos.

Naõ teve o Rmo. P. Reformador o gosto de os ver concedidos; porque antes de ser eleito em Pastor Supremo Sisto V. deixou elle o mundo, em que trabalhou sempre por merecer o Ceo. Os trabalhos de huma vida sempre mortificada, e penitente; as vigilias continuas, em que passava as noites lhe foraõ debilitando a vida. Naõ era o pezo dos annos o que notavelmente o opprimia; eraõ sim as fadigas da vida religiosa, e de huma Reforma, em que havia empregado as forças de seu espirito, aquellas que estavaõ pedindo ao seu corpo o descanço da sepultura. Bem o reconheceo elle em tempo conveniente, para cuidar mais anciosо em se dispôr como devia para o fatal passo da eternidade; porque se em toda a vida se esmerou nas virtudes, com que podia conseguila gloriosa, agora que se sentia proximo a sahir do mundo, se empregou com toda a efficacia em conseguir, e segurar a sua posse. Recebeu

beu todos os Sacramentos com huma devoçaõ a mais extremoſa, e enſinando aos que lhe aſſiſtiaõ a conformidade, com que nos devemos render ás diſpoziçoens do Altiſſimo, quando he ſervido ſe execute em nós a ley da mortalidade, entregou nas maõs do Creador o ultimo alento no Moſteiro de Lisboa, que hoje he o Collegio da Eſtrella, aos 10. de Outubro de 1584. tendo de idade mais de ſetenta annos.

Penetrou a ſua ſaudade altamente o coraçaõ dos ſubditos, aquem amára como verdadeiro Pay, e aquem governara mais de treze annos, como excellente Prelado. Huns louvavaõ a ſuavidade, com que eſtabelecera ſobre os eſtragos da relaxaçaõ os fundamentos da obſervancia; outros a prudencia, com que adiantára eſta, ſem que a perfeiçaõ, a que ſubira, fizeſſe inſoportavel o ſeu pezo. Todos em fim elogiavaõ os ſeus merecimentos, porque elles ſe faziaõ acredores de hum louvor cõtinuado. Lembravaõ-ſe das virtudes, que enſinara naõ tanto com a voz, como com o exemplo; e ſe as lagrimas eraõ teſtemunho do muito, que ſentiaõ a perda de hum Reformador exemplar, e ſuave, e de hum Prelado benigno, e obſervante, os ſeus coraçoens ſe enchiaõ de jubilo pela moral piedade de que hum Heroe taõ religioſo, como o Rmo. P. Fr. Pedro de Chaves, terá recebido de Deos em premio de ſuas acçoens heroicas a paz, e ſocego de hũa eternidade glorioſa.

ELO-

ELOGIO II.

DO R.mo P. Fr. PLACIDO DE VILLA-LOBOS

II. Reformador, e II. e III. Geral Benedictino.

O EXCELLENTE Varaõ, de quem vou a fallar neste Elogio, he taõ recomendavel pelo seu merecimento, que se naõ excede, ao menos iguala ao Rmo. Fr. Pedro de Chaves, de quem foi companheiro na Reforma, e sucessor no emprego de D. Abbade Geral da Congregaçaõ de S. Bento neste Reyno. Em a famosa Corte de Lisboa vio a primeira luz da vida no anno de 1527. Seus pays eraõ nobres entre os que mais se distinguem pela grandeza de seus antepassados; o que naõ somente se prova pelo apellido de Villalobos, dos quaes traziaõ a sua origem, se naõ pelo antigo solar da sua caza, que se fazia respeitavel em os seus mayores. Sendo nobre o tronco, de que procedia este ramo, he facil de entender, que elle em chegando a conhecer as obrigaçoẽs, com q̃ nascera, havia cuidar em fazer mais illustre, e frondoza a arvore, de que trazia o seu principio. Bem o mostrou na grande applicaçaõ, com que se dedicou ao estudo, naõ so das artes liberaes, em que sahio perito, se naõ da lingua latina, em que excedeo a muitos. Neste exercicio consumía o tempo da sua mocidade, dando a conhecer, que o excessivo disvelo, com que se instruîa na quelles primeiros rudi-

rudimentos, naõ tinha outro fim, mais que díſpôr a ſua rara capacidade para a comprehenſaõ das ſciencias mais ſeveras.

Eſte era o objecto, a que attendia o ſeu goſto na quella primeira idade; porem diſcorrendo advertido Placido de Villalobos, que o mundo quanto mais lizongea, mais engana, purificou com ſéria reflexaõ a ſua idea, querendo fazer de ſi meſmo hum agradavel ſacrificio ao Senhor. Naõ empregou o ſeu coraçaõ no amor das armas, em que muitos dos ſeus antepaſſados ſe haviaõ acreditado ſoldados valeroſos, ſeguindo com animo as Campanhas, e defendendo a patria com esforço. Menos cuidou em merecer as dignidades, e as togas, que outros conſeguiraõ com merecimento, e illuſtraraõ com honra; porque o ſeu dezejo naõ era outro mais que ſeguir huma vida, em que ſendo mais frequentes os combates, fazem mais glorioſo ao contendor pelo vencimento. Procurou o eſtado religioſo, e aſpirando a ſer perfeito deſde q̃ obedeceo á vocaçaõ de Deos, que o chamava para ſi, eſcolheo o Sãtuario de Mõſerrate, Moſteiro celebre da Congregaçaõ Benedictina de Heſpanha, para nelle tratar, como devia, da ſua juſtificaçaõ.

Recebeo nelle o habito monachal, e dando provas bem ſignificantes do affecto, com que antepozera a todos os mais o eſtado de religioſo, ſervia de admiraçaõ a pureza de ſua vida aos que com circunſpeçaõ lhe obſervavaõ os paſſos. Sendo na idade mancebo, era reſpeitado como anciaõ pelos ſeus coſtumes. Elles reſpiravaõ com hum ar de religiaõ taõ agradavel, que attrahia ſuavemẽte a todos,

para

para lhe render veneraçaõ. Naõ a procurava elle; porque era ſummamente humilde; porem elle a conſeguia; porque no meſmo rendimento, em que ſe confeſſava inferior aos mais, reconheciaõ eſtes a ſuperioridade de ſeu eſpirito.

Mais que todos pezou o ſeu merecimento o Rmo. Fr. Diogo de Lerma, Geral da Congregaçaõ de Heſpanha, pois ſendo-lhe pedidos pela Princeza D. Joanna, ſobrinha, e nora da Senhora D. Catherina, viuva do Rey D. Joaõ III. de Portugal, dous Monges para Reformadores do Moſteiro de Santo Thyrſo, naõ duvidou eſcolher ao P. Fr. Placido de Villalobos, para que paſſaſſe a Portugal, reveſtido com o caracter de ſegundo Reformador. Que o ſeu merecimento foſſe bem diſtinto, ſe colhe com evidencia da idade, em que ſe achava, pois naõ contando mais que trinta, e hum annos, foi eleito para o deſempenho de huma empreza taõ relevante.

Quizera a ſua grande humildade antes obedecer ſempre em Monſerrate, como ſubdito, do que vir mandar em S. Thyrſo, como Prelado, ainda que menos principal; porem como a obediencia do ſeu Geral, era huma voz, em que Deos ſignificava a ſua vontade, naõ heſitou em comprila; depois que os mais prudentes do Moſteiro lhe perſuadiraõ, que o fizeſſe. Parecia-lhe na verdade mayor, que as ſuas forças, o pezo do lugar, para que o deſtinavaõ; mas conhecendo, que a manutencia do Senhor aſſiſte, e conforta aquem naõ buſca com induſtria, e voluntario os empregos, lançou do coraçaõ o temor, que o ſeu conhecimento proprio lhe offerecia. Captivou o entendimento em obſequio da obedien-

cia,

cia, e ajustando com o Rmo. Fr. Pedro de Chaves, primeiro movel destinado para tamanha empreza, vir a este Reyno para a executar, sahio com elle de Monserrate a 30. de Setembro de 1558.

Em toda a derrota da jornada experimentou os mesmos favores, e honras que seu companheiro; porque sendo ambos escolhidos para o ministerio da Reforma, a que se destinavaõ, eraõ comũas a hũ, e outro as merces, e distinçoens, que acharaõ, tãto na Senhora Princeza D. Joanna, Regente de Hespanha, como em D. Antonio da Silva, Cõmẽdatario de S. Thyrso, quando os recebeo na quella Caza, e fica referido. Recolhido neste Mosteiro o P. Fr. Placido, entrou no empenho de mostrar áquelles Religiosos, pouco merecedores deste nome pela sua relaxaçaõ, que o caminho da virtude, he suave, ainda que a porta da salvaçaõ seja estreita. Para este fim praticava as acçoẽs religiosas, que aprendera em Monserrate. Era caritativo; porque lhes soffria com bom animo as razoẽs menos cortezes, com q̃ se explicavaõ. Era humilde; porque naõ se mostrava offendido, se o ultrajavaõ. Sendo superior aos mais, porque D. Antonio da Silva lhe havia dado igualmente, que ao Rmo. Fr. Pedro jurisdiçaõ em todos, naõ parecia se naõ o menor delles; pois nos officios humildes era o primeiro, servindo por este modo de exemplar para a imitaçaõ. Em huma palavra: sendo modesto, e grave em todas as suas açoẽs; moderado, e pobre no sustento, e vestido; obediente, e exacto nas obrigaçoẽs de perfeito Monge, ensinava mudamen te aos q̃ distavaõ muito desta perfeiçaõ religiosa, que os seus passos tinhaõ sido erra-

K dos

dos ate aquelle tempo, porque elles naõ caminhavaõ, ſegundo a Regra, que deviaõ obſervar.

Pôde muito para com os que naõ abandonáraõ o Moſteiro com a vinda dos PP. Reformadores eſte exemplo, acompanhado de inſtruçoẽs continuas, e efficazes. Conhecerãõ os erros, em que viviaõ como cegos; receberaõ a luz, que ſe lhe infundia no meyo de ſuas trevas. Vio-ſe em fim a virtude triunfante no meſmo lugar, em que dominára o vicio, transformando-ſe em agradaveis flores os eſpinhos, que naſciaõ entre as paredes do Santuario. Fazendo profiſſaõ ſolemne os que ate aquelle tempo naõ a tinhaõ feito, começou o Rmo. P. a enſinar-lhes as obrigaçoens do ſeu eſtado. Perſuadia-lhes o exercicio da oraçaõ, em que deviaõ purificar com lagrimas de penitencia os deſcuidos paſſados; e a liçaõ eſpiritual, em que deviaõ aprender as maximas da perfeiçaõ. Recomendava-lhes o ſilencio, e o retiro, como meyos proprios de viver com Deos, ſem ruina de ſuas almas; a mortificaçaõ, a obediencia, e a humildade, como virtudes precizas para ſugeitar a rebeldia das paixoẽs aos dictames do eſpirito; e finalmente tudo o mais que conduzia para formar em cada hum delles a imagem de hum varaõ perfeito. Naõ lhes faltava em couza algũa com o que era precizo para ſuſtento da vida, e reparo do corpo nos veſtidos; moſtrando a hum meſmo tempo, que ſe era Reformador para introduzir nos ſeus animos a obſervancia regular, tambem era Pay para lhes aſſiſtir com o neceſſario para cõmodidade da vida. Porem, naõ he admiraçaõ, em o Rmo. P. o enſinar em Portugal tantas virtudes, tendo o mi-

niſterio,

nisterio,em que o empregáraõ, quando sabemos que ainda antes de sahir de Monserrate, em que havia mais de setenta Monges, primeiro de contar trinta annos de idade, em que o excediaõ muitos, era elle hum dos quatro destinados na quelle Santuario, para ouvir de confissaõ o grande numero de pessoas, que de todas as naçoẽs concorem frequentemente áquella Caza de Monserrate.

Posto na admiravel ordem, que tenho expendido, o Mosteiro de S. Thyrso, veyo á Corte o Rmo. P. com o P. Reformador dar conta do feliz sucesso da Reforma á Senhora Rainha D. Catherina, e ao Senhor Cardeal D. Henrique. Pediraõ provizoens reaes para se reformarem os mais Mosteiros, porem respondendo-lhe suas Altezas: que para este fim era precizo recorrer ao Papa; perturbou-se menos o seu animo, que o do Rmo. Fr. Pedro de Chaves. Este vendo a dilaçaõ, que havia em impetrar as Bullas, determinou recolher-se á sua Congregaçaõ de Hespanha, o que executou; aquelle porem naõ desistio do empenho, porque ficou neste Reyno tratando deste negocio, com a mayor actividade, que lhe foi possivel. Auzentãdo-se o P. Reformador para Castella, com licença do seu Geral, sugeitou-se o Rmo. Fr. Placido a ficar por Prior, e Reformador do dito Mosteiro de S. Thyrso. Animou com a sua prezẽça aquelles novos filhos da sua doutrina, e continuãdo a excitalos com o seu grande exemplo a hũa observancia exacta, colheo por fruto de suas incãsaveis fadigas, ver em cada hum da quelles Monges hum retrato da sua perfeiçaõ, e vida.

Inflamado em o Santo zelo, de que a mesma ob-

fervancia fe extendeffe a todos os Mofteiros Benedictinos, que exiftiaõ nefte Reyno, applicou hum cuidado inexplicavel, e huma deligencia a mais efficaz, para que fe alcançaffem as Bullas. Expoz aos Sereniffimos Senhores D. Catherina, e D. Henrique, quanto era do ferviço de Deos efta grande obra; quanto fe defencarregariaõ fuas confciencias fe confeguiffem, que a Ordem de S. Bento tornaffe aos excellentes, e admiraveis principios, que teve nefte Reyno; quanta fería a felicidade dos que fe falvaffem por efte meyo; e quanta em fim a gloria, que refultava a Suas Altezas, tirando de huma vida perigofa, e relaxada huns Religiofos, que fe podiaõ fazer uteis ao eftado, fe entraffem a inftruir-fe fegundo as regras da primitiva.

Naõ faõ explicaveis os trabalhos, e as contradiçoẽs, que experimẽtou nefta efficaz propofta o Rmo. P. porque contra elle fe conjuraraõ os mais poderofos do feculo, e os que mais fe intereffavaõ em desfrutar o patrimonio Benedictino. Aconfelhavaõ ao Senhor Cardeal continuaffe em eleger Cõmendatarios para os Mofteiros, e que naõ entregaffe eftes â nova Reforma, que principiára em S. Thyrfo, porque havendo Vaffallos benemeritos, aquem fe premiaffem os ferviços feitos em beneficio da Patria, naõ havia modo mais facil de lhes fatisfazer, do q̃ provendo-os neftas Cõmendas. Eftas, e outras foraõ as razoens, com que os menos zelozos do ferviço de Deos queriaõ perfuadir ao Senhor Cardeal, naõ cuidaffe nas Bullas da Reforma; porem fendo a caufa toda de Deos, triunfavaõ as deligencias do Rmo. P. das induftrias, com que o demonio queria perturbar

turbar os ſeus piedozos intentos. O Senhor Cardeal o eſtimava muito pela bem regulada conduta da ſua vida, que aos olhos do mundo ſe fazia reſpeitavel. Naõ ſe moleſtava com as ſuas repetidas inſtancias ſobre eſte importante negocio. Permitia-lhe a entrada de ſeu palacio todas as vezes, que o buſcava, e expreſſamente mandava ſe lhe franqueaſſe a qualquer tempo, e hora, que elle foſſe.

Conſumidos ſeis annos neſtas diligencias, alcançou o Rmo. P. o feliz ſuceſſo, que delles pertendia. Havia-ſe empenhado o Senhor Rey D. Sebaſtiaõ, e ſeu tio o Senhor Cardeal em conſeguir as Bullas, que pediraõ ao S.P. Pio V. e havẽdo S. Santidade concedido benignamente o que ſe lhe pedia, expedio Bulla no anno de 1566. em que determinava ſe formaſſe de todos os Moſteiros Benedictinos de Portugal huma Congregaçaõ, ſimilhante ás de Italia, e Heſpanha. Concedeu-lhe os privilegios, e regalias, de que goſaõ as meſmas Congregaçoẽs; porem como mandava, que os Abbades foſſem perpetuos, inſtou o Rmo. P. em que foſſem triennaes, como nas ſobre ditas Congregaçoens, o que S. Santidade novamente concedeo em Bulla do anno de 1567. Havendo de executar-ſe as ditas Bullas, quiz o Senhor Cardeal chamar a eſte Reyno o P. Fr. Affonſo Sorrilha, que a inſtancias do meſmo Senhor havia já vindo a Portugal, a vizitar em companhia do Rmo. Fr. Placido todos os Moſteiros Benedictinos, em virtude de hum Breve de S. Santidade; porem como o dito P. M. Fr. Affonſo Sorrilha pelo ſeu merecimento, letras, e virtudes, era neſte tempo Geral da Congregaçaõ de Heſpanha, naõ teve effeito

effeito a ſua vinda, e ficaraõ ſuſpenſas por dous annos as Bullas da Reforma.

Soube deſta demora o P. Fr. Coſme de Mendanha (Benedictino Portuguez, que havia acompanhado ao Rmo. Fr. Affonſo de Sorrilha quando voltou para Caſtella) e movido de hum ardente zelo da Reforma, veyo de Salamanca a Lisboa para tratar da execuçaõ das ditas Bullas. Fallou ao Senhor Cardeal, que o recebeu com agrado, e dizendo-lhe que o Monge, que S. A. dezejava neſte Reyno naõ podia vir, por eſtar ſendo Geral na Cõgregaçaõ de Caſtella, lhe propôz que o meſmo Geral naõ duvidaria enviar novamente ao P. Fr. Pedro de Chaves para executor deſta empreza. Satisfez-ſe muito S. A. deſta repreſentaçaõ, e tratando com o P. Fr. Placido eſte negocio, lhe deu Provizaõ, e cartas para o Geral de Heſpanha, e juntamente letra de cambio para os gaſtos, que fizeſſe na jornada o dito P. Fr. Pedro. Partio o P. Fr. Coſme de Mendanha com eſtas Cartas, e achando no Moſteiro de Cella nova em Galiza ao Rmo. Geral de Heſpanha, ali ſe expediraõ as ordens para vir outra vez a Portugal o P. Fr. Pedro de Chaves.

Reſolvido eſte a executar a empreza, para que o chamavaõ, entrou em Portugal com o P. Fr. Coſme de Mendanha no anno de 1569. e aggregando a ſi o P. Fr. Placido de Villalobos, trabalhou eſte incanſavelmente em fallar ao Senhor Cardeal, tanto em Cintra, onde ſe achava com o Rey, por cauſa da peſte, como em Alcobaça, para onde ſe mudou a Corte pelo meſmo motivo. Nomeado em Alcobaça o Rmo. Fr. Pedro em D. Abbade de Tibaẽs, e

Geral

Geral da nova Congregaçaõ, lhe preſtou obediencia o Rmo. Fr. Placido. Fez com elle jornada para a Provincia do Minho, e o acompanhou na poſſe, que tomou de todos os Moſteiros, que exiſtiaõ. Veyo com elle a Coimbra, onde ſe achava o Rey, e o Senhor Cardeal para lhes dar parte de tudo o que ſe havia executado em obſervancia das Bullas Pontificias, e ordẽs regias. Dali paſſou a Abrantes para fallar ao Senhor D. Antonio Prior do Crato, e Cõmendatario do Moſteiro de Pombeyro ſobre algũ contrato deſta Cõmenda, de que percebia dous contos de reis, mas naõ ſe concluìo couza alguma neſte ponto; porque eraõ muitos os que ſe intereſſavaõ em utilizar-ſe de prazos, e rendas, que eraõ do dito Moſteiro.

De Abrantes partio o Rmo.P. com carta do Rmo. P. Geral para o Senhor Cardeal, a fim de que em Lisboa ſe fundaſſe hum Moſteiro de S. Bento, cujo Inſtituto naõ era conhecido em a Corte, ſendo que nella eſtavaõ as cazas principaes, Cabeças de outras Ordens Religioſas. Fallou com S. Altezas o P. Fr. Placido, e naõ deſagradando a ſua pertençaõ, lembrado o Senhor Cardeal de que o P. Fr. Affonſo Sorrilha, eſtando em Lisboa, ſe agradára do ſitio de Santa Barbara, propòz eſte lugar como conveniente para ſe effeituar o que ſe pertendia. Trabalhou o Rmo. Fr. Placido mais de hum anno em vencer difficuldades; mas como D. Antonio, Conde de Caſcaes, de quem era a Ermida poz o mayor obſtaculo, querendo que a Capella mór do Moſteiro foſſe ſua, deſagradou ao Senhor Cardeal tanto eſte intento, que mandou, naõ ſe trataſſe mais com

D.

D. Antonio couza algũa nesta mateira.

Estando ja neste tempo em a Corte o Rmo. Geral, entrou na idea de edificar no sitio de Santo Amaro, como está dito no seu Elogio. Escreveo ao Senhor Cardeal, que estava em Almeirim, e mais o Rmo. Fr. Placido, e agradando-se ambos da eleiçaõ do lugar, cuidou-se com efficacia em conseguilo, o q̃ naõ se effeituou por se descubrir melhor sitio, como está referido. Para conseguir este negocio foi o Rmo. Fr. Placido, como inspirado por Deos, fallar a Antonio Nunes, aquem naõ podiaõ vencer nem os mayores empenhos, pára que se ajustasse no preço, e alcançando delle o que se pertendia, com a entrega de duzentos mil reis por principio de paga, alcançou tambem de Duarte Peixoto, que litigava com Antonio Nunes sobre a legitima remataçaõ da quella Quinta, que estivesse pelas condiçoẽs, que se lhe fizeraõ, dando a este cem mil reis, como principio de paga. O mais que se passou na concluzaõ deste negocio, está escrito no Elogio antecedẽte.

Ajustado o sitio, em que se fundou o Mosteiro, que he o mesmo, em que existe hoje o Collegio de N. Senhora da Estrella, veyo o Senhor Cardeal pessoalmente a elle, e tanto se agradou da situaçaõ, e vista sobre a terra, e mar, que fallando aos PP. Reformadores lhes disse: *Ainda que viestes tarde, escolhestes bem, e melhor q̃ muitos, que vieraõ primeiro.*

Principiou a louvar-se a Deos em aquella Caza com trinta Monges, que o Rmo. Geral chamou de outras da Provincia do Minho; e como o Rmo. Fr. Placido se interessava tanto em fazer conhecidos na sua patria, a Corte de Lisboa, os filhos de seu

Pay

Pay S. Bento, era ſingular a efficacia, com que os perſuadia a ſer continuos em o coro, frequentes no confeſſionario, perfeitos nos officios divinos, e em todas as acçoẽs muito exemplares. Da qui naſceo a veneraçaõ da Senhora Rainha D. Catherina, porque muitas vezes mandava buſcar Religioſos á dita Caza, para confeſſar as ſuas Damas, e familia. Da qui tambem o amor, e devoçaõ, com que o Senhor D. Sebaſtiaõ, antes de ſahir para Africa, viſitava o dito Moſteiro; edificando-ſe tanto do bom procedimento, e clauſura deſtes Monges, que em huma occaſiaõ diſſe a D. Jorge II. do nome, Duque de Aveiro: *Naõ ſabia a razaõ, porque haviaõ tirado a eſtes Padres alguns Moſteiros, e que nenhum ſe lhes havia de tirar em quanto foſſe vivo.* Entendendo com piedade catolica, que os Monges antecedentes ao ſeu tempo, eraõ igualmente exemplares, que os prezentes.

Porem naõ fallando na regularidade, com que ſe vivia, como obra dos homens, porque ſo Deos he autor de todo o bem; com tudo naõ ſe pode duvidar, que o Rmo. P. foi hum motor muito principal deſta nova obſervancia. Bem a divizou na ſua peſſoa o Senhor Cardeal D. Henrique, porque deſde o anno de 1565. até 22. de Julho de 1569. lhe confiou o Moſteiro de Tibaẽs para que o governaſſe, o que elle fez ſingularmẽte, inſtruindo aos Monges da quella Caza em todas as obrigaçoens religioſas. A ſua probidade, e exemplo lhe haviaõ dado o emprego de Viſitador, em que acompanhou ao Rmo. Fr. Affonſo de Sorrilha, quando veyo de Caſtella, a inſtançia do Senhor Cardeal, viſitar todos os Moſ-

L teiros

teiros Benedictinos deſte Reyno. As ſuas recomendaveis virtudes o fizeraõ digno, de que o meſmo Senhor por ſua Provizaõ o nomeaſſe D. Abbade de Renduffe no anno de 1570. e depois D. Abbade do novo Moſteiro de Lisboa por ſeis annos no de 1575. e 1578. Fez taõ conhecido neſte lugar o ſeu merecimento, que no Capitulo Geral de 1581. o elegeraõ, conformes os votos, em D. Abbade Geral da Congregaçaõ.

Neſte lugar ſupremo reſplandeceo com tanta luz o ſeu admiravel governo, que ſe empenháraõ em continuar-lhe o exercicio, por licença apoſtolica, no Capitulo Geral de Pombeyro do anno de 1584. O ſeu grande zelo em procurar a uniaõ dos Moſteiros, e Bullas da Reforma, foi quem deo a eſta Congregaçaõ de Portugal o nome, que hoje tem, e a perfeiçaõ de vida, em que eſtabeleceo os ſeus individuos. E naõ ſatisfeito de que em o noſſo continente ſe uniſſem em hum corpo todos os Moſteiros, enviou, ſendo Geral, ao Brazil alguns Monges, que ali deraõ principio á Provincia, que a Religiaõ tem na quelle Principado.

Foi incanſavel nas inſtancias, com que pedio ao Senhor Cardeal D. Henrique, e a ſeus Miniſtros a execuçaõ da Reforma, que ſe meditava; e ſendo grata a S. A. a humildade, com que ſuffria os deſagrados de muitos, que ſe empenhavaõ, em que naõ ſe concluiſſe eſta ſanta obra, conſeguio que a ſua efficacia triunfaſſe das mayores difficuldades, que ſe lhe opunhaõ. Conſeguio tambem del-Rey Felipe o Prudente o Padroado de todos os Moſteiros, cujas Abbadias, e rendas cedeo á Congregaçaõ, para

que

que dellas dispozesse livremente, sem que daquelle tempo para o futuro se apresentassem mais em Cõmẽdatarios. Finalmente conseguio as Bullas de mayor consideraçaõ, que em favor da nova Congregaçaõ passou o S. P. Sisto V. porque se naõ fosse o seu ardente zelo, e cuidado, nem o Monarca, nem o Pontifice dariaõ a ultima perfeiçaõ a esta Reforma pelos embaraços antecedentes desta Corte com a de Roma, naõ querendo o Papa Gregorio XIII. differir ao que pedia o Senhor Rey D. Sebastiaõ, como fica dito no primeiro Elogio.

Acabados os seis annos, em que o Rmo. P. foi Geral, attenderaõ os vogaes quanto era preciza em Lisboa a presença deste excellente varaõ. Elegeraõ-no em D. Abbade do Mosteiro, que se edificara na quella Corte, em que se fazia bem respeitavel o seu nome, conservando-se a sua memoria em a de todos. Entrou na quella Caza em o anno de 1587. e praticando nella as mesmas virtudes, e observancia, em que a havia creado, foi notavel o respeito, e veneraçaõ, que accresceo ao Instituto Benedictino, por força da sua religiosa conduta. Subio o culto divino ao mayor esplendor; as ceremonias da Igreja a huma perfeiçaõ a mais distinta. A Caridade espiritual, e temporal com os proximos, era admiraçaõ detodos; porque se no templo se acudia ás almas com a frequente administraçaõ dos Sacramentos, nas portarias se favorecia aos miseraveis com abundancia para lhes conservar com a esmola a vida.

No interior do Claustro cuidava o Rmo. P. summamente na consolaçaõ dos subditos. Mais era pay pelo amor, que Prelado na autoridade, a respeito de

cada hum delles. Mas nem por isso deixava de uzar da vara, e severidade de juiz, se era precizo suspender para com algum os braços, e suavidade de pay. Era extremoso na caridade, com que assistia aos enfermos: em nada do que lhes era precizo faltava para lhes acudir até convalecerem de todo, ou perderem a vida; resultando deste raro exemplo, que deixou como em herança a seus successores, o amor, e caridade, com que assistem nas enfermidades aos que padecem afflictos.

Presidindo ao seu Mosteiro de Lisboa com estas, e outras virtudes excellentes o Rmo. P. naõ cuidava pouco o seu zelo em augmentar a Religiaõ. Este dezejo, que o levou á Provincia do Alemtejo, foi talvez, quem lhe occasionou a doença, de que faleceo em a Corte. Soube que os moradores da Villa de Landroal na Provincia de Alemtejo, levados da sua grande devoçaõ para com S. Bento, lhe queriaõ edificar hum Mosteiro na mesma Villa, ou como agradecidos ao Santo pela haver livrado do contagio da peste, em tempo que os mais lugares circumvezinhos a padeciaõ, ou como procurando em S. Bento hum protector contra as enfermidades contagiosas. Dava grande impulso a este projecto Diogo Lopes de Sequeira, fidalgo bem conhecido naquella Provincia, e no Reyno pelos relevantes serviços feitos a esta Coroa. Convidou este ao Rmo. Geral a que fosse ver, e examinar o sitio, que se determinava escolher para esta nova fundaçaõ. Elle o fez; mas como a jornada foi em estaçaõ a mais ardente, especialmente naquella Provincia, porque o mez era de Julho recolheu-se á Corte ja enfermo.

Des-

Defcobrio-fe a doença como perigofa, porque era hum pleuriz maligno, e naõ valendo para lhe atalhar os paffos, nem a pericia da arte, nem as medicinas, em fim perdeo a vida aos 16. de Agofto de 1589.

Difpoz-fe para efta hora, a mais tremenda, com os Sacramentos da Igreja, e deixando aos fubditos huma efperança bem fundada da fua falvaçaõ, naõ deixou pouco feridos os feus coraçoens pela faudade de hum Pay, e Prelado o mais recomendavel. Faleceo tendo de idade feffenta, e hum annos, e nove mezes. Deftes gaftou a mayor parte em ferviço da Religiaõ, fendo entre os feus filhos hum dos mais benemeritos. A fua vida foi fempre exemplar; porque na guarda dos mandamentos divinos era perfeito; na obfervancia religiofa muito exacto. A fua humildade taõ rara, que naõ duvidava empregar-fe nos officios mais abatidos. O zelo da honra de Deos o inflamou para cuidar efficazmente na Reforma defta Congregaçaõ de Portugal, que fem duvida naõ chegaria a completar-fe, fe imitando ao Rmo. P. Fr. Pedro de Chaves, fe recolheffe com elle á fua Cõgregaçaõ de Hefpanha, depois de haver reformado o Mofteiro de S. Thyrfo. No de Lisboa acabou feus dias, dignos de huma duraçaõ mais dilatada; as fuas cinzas fe trasladaraõ daquella Caza para o Mofteiro novo de S. Bento da Saude, em que defcançaõ, junto com as do Rmo. Fr. Pedro de Chaves, em diftintas fepulturas. Em fim, efte he o varaõ fingular, que Deos efcolheo para efpelho dos Benedictinos, em quanto fubdito; e para exemplar de Prelados, em quãto D.Abbade de varios Mofteiros, e Geral defta Congregaçaõ.

ELO-

ELOGIO III.

DO R.mo P.Fr.BALTHAZAR DE BRAGA

IV. VII. e X. Geral Benedictino.

SENDO eſte Rmo. P. hum dos mayores ſugeitos que illuſtraraõ a noſſa Congregaçaõ, naõ póde ſer correſpondentẽ ao ſeu merecimento eſte Elogio; porque os noſſos antepaſſados ſe eſqueceraõ muito de notar as acçoens, e virtudes ainda daquelles, que merecem o eſpeciozo titulo de heroes. Naſceo eſte na Cidade de Braga, de cuja patria tomou o ſobrenome, no anno de 1538. e ſendo dotado de huma excellente memoria, e boa comprehençaõ da gramatica, em que ſe acreditou hum dos melhores latinos, conſeguio veſtir o noſſo habito no Moſteiro de S. Thyrſo, logo no principio da Reforma daquella Caza, ſendo Abbade Cõmendario della D. Antonio da Silva, e Prior o Rmo. P. Reformador Fr. Pedro de Chaves. Recebeo a Cogula monaſtica aos 21. annos de ſua idade, no mez de Novembro de 1559. Ordenou-ſe de Sacerdote, e ſeguindo os eſtudos de Filoſofia, e Theologia na Cidade de Coimbra, conſeguio de huma, e outra ſciencia muita noticia; o que bem moſtrou frequentando os pulpitos com aceitaçaõ, e praticando nas materias eſcolaſticas com ſubtileza, alem de poſſuir a lingua Latina na ſua perfeiçaõ, e alguma parte da Grega com intelligencia.

Logo

Logo que o feu talento foi conhecido, começou a Religiaõ a occupalo em os feus empregos. No anno de 1575. o elegeu em Prior do Collegio de Coimbra. No de 1578. em D. Abbade do Mofteiro de S. Romaõ. No de 1581. em D. Abbade de Rendufte. No de 1584. em D. Abbade de Lisboa. No de 1587. em D. Abbade Geral da Congregaçaõ. No de 1593. em D. Abbade de Santo Thyrfo. No de 1596. em Geral fegunda vez. No de 1602. em D. Abbade de Pombeiro; e finalmente no de 1605. em Geral da Congregaçaõ, terceira vez; fem que me lembre de outros lugares lugares honorificos, que occupou nos annos intermedios a eftas Dignidades. Defempenhando todas com hum acerto, digno da noffa memoria, he indifpenfavel, que as acçoens heroicas da fua vida deixem de referir-fe para veneraçaõ do feu grande nome, e para emulaçaõ da pofteridade. Elle parece fer o heroe, que animado de hum efpirito duples, qual era o dos Rmos. PP. Reformadores, fe conftituhio Pay, e novo Reformador defta Congregaçaõ.

Naõ tratando porem fe naõ do tempo, em que foi tres vezes Geral defta Ordem, he digniffimo de louvár-fe pela fuavidade, paz, e harmonia, com que prezidio a feus fubditos, confervando entre elles as mefmas virtudes refpeitaveis. Uzando de huma prudencia a mais judiciofa, diffimulava as faltas, e defeitos, que naõ tocavaõ em pontos fubftanciaes da obfervancia, entendendo como bom operario da vinha do Senhor, que o pertender arrancar zizanias, muitas vezes he cauza de fe perder o bom trigo, e a feára. Naõ deixava porem de emendar os erros,

e os descuidos; mas com tanta brandura, e amor paternal, que dava bem a conhecer, queria ser mais amado, que temido; procurando a emenda com remedios brandos, sem uzar dos asperos, e fortes, que talvez agravaõ mais do que curaõ, as feridas. Castigando com tudo algumas quebras de observancia, era taõ excellente o modo, com que procedia, que os mesmos delinquentes se lhe confessavaõ obrigados, vendo que a sua prudencia estendia a maõ para a emenda da culpa, ao mesmo tempo que os braços, para nelles receber os arrepēdidos. Deste modo se fez Senhor dos coraçoens, e das võtades dos subditos, obrigando estes a que cumprissem a sua na execuçaõ prompta dos seus designios, encaminhados somente ao augmento da perfeiçaõ religiosa.

Era taõ cuidadozo em merecer o amor de todos, que julgando naõ ser bem aceito de alguns os obrigava a que o amassem, pelos favores, e agrado, com que os attendia. Recebia a estes com mais demonstraçoens de caridade, que aos seus intimos amigos; dando com estes signaes do seu amor, e prudencia occaziaõ a todos, de que os amigos o estimassem mais, e os pouco affectos naõ duvidassem de que elle os amava como bons amigos. Dotado de hum brio, e gravidade natural fazia respeitavel a sua Dignidade; mas de tal sorte era affavel, e politico no tratamẽto dos estranhos, que estimavaõ todos a sua conversaçaõ, e civilidade. Entre os mais se distinguia muito o Arcebispo Primaz D. Fr. Agostinho de Jesus, pois sendo hum dos mayores talentos, que por aquella idade se admiravaõ em Portugal, muitas vezes buscava no Mosteiro de Tibaens ao Rmo.

tra-

P. comunicando com elle, e consultando negocios de grande importancia; chegando a publicar, que fallava com Fr. Balthazar de Braga com muita advertencia, porque elle todas as couzas tratava com grande acerto, e que naõ achara na quella Provincia pessoa alguma, que mais o satisfizesse. Similhãtes expressoẽs se ouviraõ outras vezes a pessoas muito doutas, e qualificadas; pois conferindo com o Rmo. P. materias de summa ponderaçaõ, confessavaõ, que a sua communicaçaõ, e trato excedia muito o que a fama publicava em gloria de seu nome.

Sendo de estatura pouco avultada, mostrou sempre grandeza de animo, e coraçaõ magnanimo. Naõ se soçobrava o seu alentado espirito, nem ainda tendo á vista as couzas mais arduas, e difficultozas. Vieraõ a este Reyno por ordem do Rey Felipe o Prudente, e do Cardeal Alberto, Legado á latere, e Governador entaõ do Reyno; como visitadores Apostolicos, dous Monges nossos de Castella F. Alvaro de Salazar, D. Abbade do Mosteiro de S. Milhan, e Fr. Sebastiaõ de Villoslada, ambos sugeitos adornados de virtudes, e letras. Vizitáraõ esta Congregaçaõ sem achar, que reprehender, antes que louvar. Dezejou efficazmente o Cardeal Alberto, q̃ o P. Fr. Sebastiaõ de Villoslada, ficasse nesta Congregaçaõ, e fosse eleito em Geral della. Deteve-o para este fim até o Capitulo Geral de 1590. mas apparecendo nelle com Provizaõ do Cardeal, para que fosse eleito, teve valor o Rmo. P. para suspender o Capitulo por espaço de tres mezes. Mandou Religiosos graves á prezença do Cardeal, e á Corte de Madrid a expor ao Rey a justiça, e razaõ, que assistia

ao Capitulo para proceder livremente nas ſuas elei-çoens. Houve difficuldade em admittir a ſuplica, mas no fim de tres mezes ſe lhe diferio benignamẽ-te, conſeguindo neſta valeroſa conſtancia á Provizaõ do Cardeal, naõ eſtar eſta Congregaçaõ de Portugal, ſogeita á de Caſtella com a meſma eſcravidaõ, em que eſteve o Reyno no dilatado eſpaço de ſeſſenta annos.

Outro lance de ſeu generoſo eſpirito, ſobre as rendas do Moſteiro de S. Martinho do Couto, naõ foi menos conſtante. Intentou o Biſpo do Porto D. Jeronimo, naõ entraſſe a Congregaçaõ na poſſe da terceira parte dellas, com que ficou. Oppoz-ſe o Rmo. P. a eſte intento taõ valeroſamente, que em breve tempo cõſeguio huma amigavel compoziçaõ, alcançando a poſſe daquella terceira parte, que hoje ſe poſſue, havendo perdido as outras duas o ultimo Cõmendatario, em beneficio das noſſas Monjas do Moſteiro de S. Bento da Cidade do Porto. Porem onde mais reſplandeceo a conſtancia do ſeu animo, foi em edificar o Moſteiro, que tem a Congregaçaõ na meſma Cidade do Porto. Quazi toda a Cidade, e Nobreza ſe oppunha a eſte ſeu deſignio. Mandou á Corte de Madrid hum Religioſo grave, e trabalhando com diſvelo eſte negocio, em fim conſeguio licença do Rey, para edificar o Moſteiro, o que effectivamente ſe executou. Lançoulhe a primeira pedra, ſendo Geral a terceira vez no anno de 1608. como conſta da memoria, que ſe vê gravada em hum dos Cunhaes do Clauſtro do meſmo Moſteiro, e diz: *Frater Balthazar de Braga, tertiò Abbas Generalis Sancti Benedicti hunc lapidem jecit: Abba-*

Abbate Fr. Antonio de Azurar. anno D. 1608. Sẽdo porem a grandeza deſte nobre edificio huma prova evidente do ſeu dilatado coraçaõ , ainda he mayor prova da ſua magnanimidade o Moſteiro de S. Bento da Saude de Lisboa , a que o meſmo Rmo. deu principio no anno de 1598. ſendo ſegunda vez Geral. Aſpirando a enobrecer a Corte , com hum edificio , que ſeria dos mais excellentes da Europa ſe chegaſſe á ultima perfeiçaõ , buſcou para fazer a ſua planta o mayor architecto daquelle tempo Balthazar Alvares. Formou eſte a idea , ſegundo a vontade do Rmo. P. e ſahindo eſta á luz,deſde a primeira pedra, bem ſe vê que a mageſtade do templo , portico , portaria , eſcadas, dormitorios, e mais officinas eſtaõ reſpirando o deſmarcado eſpirito de hum Heroe, que ſempre intentou augmentar o eſplendor da Congregaçaõ , ſem reparo a deſpezas , capazes de abater as ideas de hum animo , que naõ foſſe taõ ſublime como o ſeu. Elle foi o que com immenſo trabalho defendeo o direito que a meſma Congregaçaõ tinha ao Moſteiro de Cabanas , naõ lhe faltando contradiçoens dos poderoſos , que em fim cederaõ , conhecendo o Rey Felipe Prudente, que o juſto zelo do bem da Religiaõ o inflamava ; para buſcar o ſeu augmento com incanſavel fadiga.

A eſte Rmo. ſe devem as muitas Bullas , que alcançou do Papa Siſto V. para confirmaçaõ da Reforma , e para que de todo ſe remiſſem os Moſteiros da vexaçaõ , e diſſipaçaõ de rendas , que experimentavaõ na adminiſtraçaõ de Abbades Commendatarios. Foi como hum novo reedificador dos Moſteiros de Pendorada , Pombeiro , Ganfey , Pal-

me, Arnoya, e S. Claudio; ſendo bemfeitor o mais memoravel dos Moſteiros de Lisboa, Coimbra, Porto, e Carvoeiro, aos quaes unio varias rendas para ſua melhor conſervaçaõ.

Pelo que reſpeita ás mais virtudes, era ſummamente exemplar em as ſuas açoens, moſtrando em todas hum fundo ſingular de piedade, e obſervancia. Rezava fora do Coro o officio Divino, e o da Virgem Senhora noſſa de joelhos. Celebrava miſſa com modeſtia, e edificaçaõ mais que ordinaria. Zelava o culto divino com cuidado extremoſo, naõ faltando á aſſiſtencia dos actos de Communidade, nem ainda quando as obrigaçoens dos lugares o podiaõ divertir deſta frequencia. As ſuas palavras eraõ modeſtas, e graves, nem permittio ja mais, que na ſua prezença ſe murmuraſſe de alguem, acudindo promptamente á eſtimaçaõ de todos, ſe ouvia eſtranhar os ſeus defeitos. Foi devotiſſimo da Mãy de Deos, em cuja veneraçaõ celebrava miſſa todos os Sabados merecendo á Senhora, que em hum delles lhe ſobrevieſſe a moleſtia, em que perdeo a vida. Enfermou de hum pleuriz mortal, e adiantando-ſe a moleſtia com accelerados paſſos, em quatro dias lhe debilitou as forças de tal ſorte, que o privou do ultimo alẽto em 24. de Agoſto de 1610. tendo 72. annos de idade, e 51. de Religiaõ. Jaz no Moſteiro de Pombeiro, em que era Conventual, depois que acabou de Geral, terceira vez.

Foi a ſua morte geralmente ſentida dentro, e fora do Clauſtro. Os domeſticos choravaõ a perda de hũ varaõ, cuja vida deve ſervir de norma aos Prelados para o augmento da Congregaçaõ, e amor dos ſubditos:

ditos: os eſtranhos, porque neſte perfeito Monge contemplavaõ virtudes taõ excellentes, que naõ cabendo na clauſura, ſahiaõ della a animar a todos com o ſeu grande exemplo. Deve-lhe a Congregaçaõ os mayores beneficios, porque incanſavelmente cuidou no ſeu eſtabelecimento, no ſeu eſplendor, e na ſua conſervaçaõ; deveraõ-lhe os ſubditos amor de Pay, e zelo de Prelado, em attender o augmento da obſervancia regular, e a ſua conſolaçaõ nos favores, que eraõ permittidos. Em fim, os meſmos ſeculares lhe deveraõ hũa caridade perfeita nas ſuas afflicçoẽs, e deſamparos, aſſiſtindo a huns com o conſelho, e com a eſmola a outros. Mas ſe todos perderaõ neſte Monge, merecedor do nome de Heroe, hum modelo de religiaõ, e de virtude, a ſua memoria os alenta na eſperança bem fundada, de que as acçoẽs heroicas, que praticou em vida, lhe alcançaraõ na morte a paz, e o deſcanço da eternidade.

ELO

ELOGIO IV.

DO ILL^mo^ D. Fr. GONC,ALO DE MORAES.

V. Geral Benedictino.

NENHUMA penna póde eſcrever com melhor eſtilo, nem com mayor autoridade a vida do Illmo.D. Fr. Gonçalo de Moraes, LVI. Biſpo do Porto, que a do Illmo D. Rodrigo da Cunha, ſeu imediato ſuceſſor naquella Dioceſe. Por eſte motivo naõ farei neſte Elogio mais, que ſeguir o que eſte famoſo Eſcriptor refere na 2. part. Cap. 41. do Catologo dos Biſpos do Porto tratando do meſmo Senhor D. Fr. Gonçalo de Moraes.

Naſceo eſte no lugar de Villafranca de Lampazes na Comarca de Traz os montes no anno de 1543. Foi ſeu pay Antonio Borges de Moraes; ſua may Franciſca de Moraes, natural de Bragança, e como eraõ parentes houveraõ diſpenſa apoſtolica para celebrar os deſpozorios. Ambos os conſortes eraõ nobres por ſeus aſcendentes, reſpeitados na quella Comarca: ambos igualmẽte ricos pela abũdãcia de ſuas cazas. Acabou Antonio Borges a vida aos quatro annos de cazado, e deixãdo ſua mulher o lugar de Villafrãca, ſe recolheo a viver na Villa de Anciaẽs, onde educou ſeu filho Gõçalo de Moraes, e outros dous, que lhe ficaraõ, em ſantos, e louvaveis coſtumes. Logo deſde menino reſplandeceo nelles tanto Gonçalo de Moraes, que a ſeus irmaons ſervia de exemplar,

plar, e de admiraçaõ a todos. Era muito devoto, eſpecialmente da Virgem mãy de Deos, a quem rezava ſem falencia o ſeu officio, eſtando de joelhos, ou em pê. Continuou aſſim até os quatorze annos de idade; e como neſte tempo ſabia já com perfeiçaõ a gramatica, inclinou-ſe a ſervir a Deos no eſtado religíoſo. Eſcolheo a noſſa Congregaçaõ, e ſendo admittido a ella, recebeu a Cogulla Benedictina no Moſteiro de Refoyos de Baſto no anno de 1557. Deu em o noviciado excellentes provas do ſeu eſpirito, pelo muito que ſe exercitava na obediencia, e actos de humildade; e merecendo a profiſſaõ, foi mandado alguns annos depois com outros Monges, eſtudar Theologia a Coimbra, recolhendo-ſe todos no Paço da Univerſidade, em que eſtiveraõ alguns annos até ſe fundar o Collegio, que a Religiaõ ali tem ſituado fora da porta do Caſtello. Excedeo a todos ſeus condiſcipulos nos eſtudos, e ſahindo delles com grande adiantamento, mereceo que a Congregaçaõ o occupaſſe nos mayores empregos.

Era obſervantiſſimo da Santa Regra, em que naõ permittia fraçaõ alguma, e taõ conhecido dos Monges o ſeu zelo, que o imitavaõ neſta obſervancia ſem violencia, vendo que elle era o primeiro, que a praticava. Entre as mais virtudes, com que ſe adornou o ſeu eſpirito, brilhou a da Caſtidade; porque evitava com o mayor cuidado, tudo o que podia ſer mancha deſta virtude, obrigando de tal modo o ſeu exemplo aos ſubditos, q̃ ſerviaõ todos com as ſuas acçoens de edificaçaõ ao eſtado eccleziaſtico, e ſecular. Fugia de toda a converſaçaõ menos util, ou pouco honeſta, reſultando da ſua gravidade,

vidade, e modeſtia huma reforma bem ſenſivel nas açoens dos outros. Reprehendia as faltas com tanto zelo, que muitos o attribuhiaõ a rigor do genio; porem os mais conſiderados claramente percebiaõ, que a ſua ardencia naſcia da caridade, que lhe abrazava o coraçaõ.

Havendo ſido Prior no Moſteiro de Santarem, e Prelado de outras Cazas, com grande credito, e zelo da obſervancia monaſtica, foi eleito em D. Abbade Geral da Congregaçaõ no anno de 1590. a petiçaõ do Rey Felipe II. porque tendo informaçaõ plena do ſeu merecimento, e virtudes, naõ duvidou eſcrever aos vogaes daquelle Capitulo Geral, exhortando-os a que attendeſſem ao P. Fr. Gonçalo de Moraes, de ſorte que o elegeſſem por ſeu Geral. Collocado neſte emprego, mais pareceo Reformador, do que Geral, porque a obſervancia floreceo de tal modo, que naõ duvida affirmar o Illmo. D. Rodrigo da Cunha, que aquella idade podia competir com a outra, em que a Religiaõ naſceo, e ſe publicou ao mundo. Vizitou todos os Moſteiros, deixando nelles Eſtatutos taõ uteis ao governo eſpiritual, e temporal, que todos ſe augmentaraõ em virtudes, e bens. Naõ o embaraçavaõ porem eſtes cuidados do que devia ter de ſi meſmo. Recolhiaſe á Oraçaõ quando ſe via mais oprimido do governo da Religiaõ, e achando nella todo o alivio, nella recebia mayores luzes para diſpor com acerto as melhores determinaçoens. Acabou o triennio, e livre dos cuidados do lugar, ſe entregou com frequente exercicio aos actos de virtude, e perfeiçaõ, em que ſe empregava. Naõ faltava ao Coro, nem ás mais obri-

obrigaçoens religiosas, e sendo na execução dellas o primeiro, a todos animava com a eloquente, e muda voz do seu exemplo.

Attendido o seu grande zelo em beneficio da Congregaçaõ, o destinou esta para ir á Corte de Madrid, tratar diante da Magestade de Felipe II. da liberdade dos Mosteiros, que o mesmo Rey dava em Commendas ás pessoas principaes do Reyno, em remuneraçaõ dos serviços, que lhe faziaõ. Pareceo muito difficil a empreza; porque mandando o Rey propôr este negocio em Cõselho, sempre achou grande contradiçaõ. Valeraõ porem tanto as boas razoẽs, e deligencia, com que expoz o requerimẽto, e formalizou varios memoriaes, que alcançou o que pertendia, concedendo o Rey provizoens, pelas quaes cedia a esta Congregaçaõ os Mosteiros, que della tinha, renunciando o Padroado delles, e o direito, em que estava de os aprezentar. Gastou nesta comissaõ tres annos, passando naõ so o incomodo de assistir na quella Corte, se naõ a molestia de a seguir para qualquer lugar, a que se mudava.

Voltando ao Reyno foi recebido com a estimaçaõ que merecia a sua pessoa, e o despacho, que conseguira. Deu principio ao Mosteiro de S. Bento da Villa de Santarem, em que fora Prior, e sendo já Bispo do Porto lhe deu esmolas, e comprou rendas, com que se fosse augmentando. Mereceo naquella Villa pelas suas virtudes a veneraçaõ de pay dos seus moradores, aquem elle amava como filhos. Bem mostrou este amor na extremosa deligencia, com que alcançou para elles o perdaõ de haverem tomado a voz do Senhor D. Antonio, Prior do Cra-

N to,

to, na falta do Cardeal Rey. Conseguio esta graça do Rey D. Felipe II. e trazendo-a á Camera da Villa, della mereceo os vivas, e agradecimentos, de que se fazia acredora obra taõ relevante. O eco de seu nome, e virtude soava na Corte, e no Reyno; e em attençaõ ao seu merecimento, estando vago o Arcebispado de Lisboa lhe deraõ nelle huma pensaõ de 400. cruzados, que desfrutou antes de ser Bispo, e quando o era, até o fim de sua vida.

Oprimido com o governo de tantos annos rogou aos vogaes do Capitulo Geral, que attendendo as suas molestias, lhe permittissem viver retirado no Mosteiro de S. Bento de Lisboa, para que sem occupaçaõ, que o distrahisse, se empregasse todo nos exercicios espirituaes da vida religiosa. Conseguida esta licença com a mayor instancia, recolheo-se ao Mosteiro de Lisboa, e fabricando para seu retiro hum apozento separado, com Oratorio, em que dizia missa, e orava, e hum breve jardim, a que sahiá de noite a contemplar o Ceo, e as delicias da gloria, se demorava neste exercicio muitas horas, rendendo a Deos as graças pelos beneficios, e favores, que de sua maõ liberal havia recebido. Taõ consolado vivia neste retiro, e taõ esquecido das couzas do mundo, que ainda sendo Bispo suspirava pelo descanso, e socego do apozento, q̃ deixára.

Estando nesta deliciosa vida foi cõsultado em varios Bispados, que naõ tiveraõ effeito, e para Prezidente de Capitulos Geraes de algumas Religioens; emprego de que sempre se escuzou com honrados pretextos. Naõ se pode eximir com tudo de aceitar a mitra do Bispado do Porto, em que o proveo a

Ma-

Mageſtade de Felipe II. havendo dous annos, que ſe achava vaga por morte do Biſpo D. Jeronimo de Menezes. Ouvio-ſe na Corte de Lisboa eſta noticia da ſua eleiçaõ com o mayor applauzo, porque o ſeu merecimento ſe fazia de todos attendivel. A meſma Camera da Cidade lhe ſignificou o ſeu contentamẽto, enviando-lhe por Antonio Fernandes Pinto, o parabem feſtivo. Sagrou-ſe em Lisboa no anno de 1602. e ſahindo deſta Corte para o ſeu Biſpado, toda a Cidade do Porto o recebeu com as mayores demonſtraçoens de alegria, ſendo autor dellas o Conde de Tarouca D. Luiz de Menezes, que entaõ exercia o emprego de Capitaõ mór da meſma Cidade.

Logo que tomou poſſe do Biſpado entrou no cuidado precizo de aſſiſtir como bom Paſtor aos intereſſes eſpirituaes de ſuas ovelhas. Vizitou no anno de 1603. todo o Biſpado ſem ficar alguma Igreja, em que naõ entraſſe peſſoalmente. Chriſmou em todos os lugares huma grande multidaõ de peſſoas, aquem de muitos annos faltava a adminiſtraçaõ deſte Sacramento, e continuando aſſim toda a viſita, eſcolheo huma das quatro Comarcas da ſua Dioceſe para a viſitar peſſoalmente em cada anno. Diſpendia neſtas viſitas tantas eſmolas, já particulares, já communas, que naõ deixou o ſeu eſmoler de advertir-lhe, era precizo limitar a ſua liberalidade, o que elle naõ fez, porque o ſeu coraçaõ era taõ generoſo, como compaſſivo.

Foi muito zelozo da juriſdiçaõ ordinaria, e dos privilegios da Dignidade Epiſcopal, conſervando em todo o ſeu eſplendor a regalia do lugar, a que o elevára o ſeu merecimento. Dezejava imitar quan-

to lhe era poſſivel ao grande Arcebiſpo de Cãtuaria S. Thomás, cuja vida mandava ler repetidas vezes, para que as ſuas acçoens, e virtudes lhe ſerviſſem de modelo, em as que queria praticar. Sua caza era huma religiaõ reformada, porque nella naõ conſentia ſenaõ peſſoas de bom exemplo, e probidade. Na ſua meza ſe ouvia ſempre, ou Eſcriptura Sagrada, ou livros de devoçaõ, empregando neſte exercicio particularmente, mais horas em cada dia. A ſua caridade era extremoſa, porque conſumia a mayor parte de ſuas rendas em eſmolas particulares, que dezejava muito ſe encobriſſem, e nas publicas, em que favorecia com maõ liberal a todos os pobres da ſua Dioceſe. Acudia aos Moſteiros neceſſitados com parte do ſuſtento da meza, e enfermaria; tendo recomendado a muitos confidentes, que o avizaſſem das peſſoas nobres, donzellas, e viuvas que padeciaõ pobreza, para lhes acudir promptamente com o remedio.

Teve do culto divino hum cuidado inexplicavel. Fez admiraveis obras na ſua Sé, aquem deu, logo que tomou poſſe, hum Pontifical riquiſſimo de tela branca, alem de varios ornamentos de muito preço. Fez quazi de novo a Sacriſtia da Sé, que adornou com excellentes caixoens, e armarios, em que collocou com a mayor decencia as preciozas reliquias. Entrou logo no empenho de huma obra, com que immortalizou o ſeu nome. Foi eſta a Capella mór da meſma Sé, que levantou deſde os fundamentos, com tanta magnificencia, que pode competir com os mayores Templos da Heſpanha. Era dotado de hum animo taõ generoſo, que temẽdo o Cabido, e a

Ci-

Cidade, que ao demolir-se a Capella antiga perigasse o cruzeiro, e corpo da Igreja, o advertiraõ do seu cuidado, para que desistisse da empreza. Naõ se perturbou o coraçaõ: ouvio a instancia, e respondeo com generoso espirito: que lhe naõ dava cuidado cahisse a Sé; porque entaõ levantaria outra, melhor, e mais sumptuosa, que esta, que existia. Concluio-se a excellente fabrica com a maior perfeiçaõ, porque para a estructura della convocou de todo o Reyno os artifices, mais primorosos, que havia. Mandou vir de fóra de Portugal huma estante maravilhosa do Coro, e grades de metal, com que enobreceo a grande custo a mesma Capella. Tambem mandou fazer hum pulpito de excellente jaspe; e rasgou em toda a Sé varias janellas, que deraõ ao nobre edificio nova alma, pela muita luz, que lhe introduziraõ. Enriqueceo de muitas peças de ouro, e prata o sagrado Templo; e comprou cento, e vinte mil reis de juro, que deixou para fabrica da mesma Capella, e para outra de S. Gregorio Magno, que mandou collocar fronteira ao aljube, para nella ouvirem missa os que estavaõ prezos.

Applicou-se a outras muitas obras; e com particular cuidado ordenou na Claustra da Sé, na Capella de N. Senhora da Saúde, hum carneiro muito espaçozo, para nelle depositar os Ossos de todos os Bispos, seus antecessores, que estavaõ dispersos em varios lugares da mesma Sé. Trasladou-os a este deposito com solemne pompa, e recolhendo-os em tumulos separados, em cada hum delles gravou em laminas de bronze, epitafios, que daõ a conhecer quem saõ os illustres Prelados, que descançaõ, reduzi-

duzidos pelo eſtrago da morte, na quellas cinzas. Em fim, meditando alguma obra da honra de Deos, e culto divino lhe faltou a vida para ſatisfazer ao ſeu dizignio; porem baſtaõ as admiraveis que executou, eſpecialmente a da Capella mór, que temos referido, para eternizar a ſua memoria.

No tempo do ſeu governo ſe admirou no Clero, e no povo huma eſtupenda reforma; porque o digniſſimo Prelado era o eſpelho, e a fórma do ſeu rebanho, pela virtuoſa conduta de ſua vida. Sabía premiar os benemeritos, mas naõ deixava de caſtigar os delinquentes. Era pay nas demonſtraçoens do amor; juiz na ſeveridade das penas. Nos actos, em que devia repreſentar a autoridade de Prelado, ninguem o excedeo em conſiliar o reſpeito, tendo a eſtimaçaõ da Dignidade por couſa taõ ſagrada, que de nenhũ modo cõſentia o que era menos decoroſo ás ſuas prerogativas. No particular porem era com extremo humilde; porque nada eſtimava menos que os pontos de honra, e elevaçaõ, com que os amadores do mundo ſe enſobervecem, e elle por genio natural aborrecia.

Tendo aſſim governado com edificaçaõ, e exemplo o ſeu Biſpado quinze annos, lhe ſobreveyo no mez de Outubro de 1617. huma doença grave, que em breves dias ſe conheceu mortal. Recebeu dos medicos o Illmo. Biſpo eſta noticia, e naõ ſe lhe fazendo eſtranha, porque ſempre cuidava em que havia morrer, quiz acabar a vida, como religioſo, que era, na mayor pobreza. Chamou á ſua prezença o ſeu Eſmoler, e Almoxarife, e lhes ordenou, que trouxeſſem ali todo o dinheiro, que havia em caza,

para

para o repartir com os pobres, e ſatisfazer aos criados os ſerviços, que lhe haviaõ feito. Diſpendeo-ſe o dinheiro pelos Moſteiros pobres, por viuvas recolhidas, e pelas donzelas de honeſto procedimento; concorrendo neſte tempo ao Palacio huma multidaõ ſem numero de pobres, que inconſolavelmẽte choravaõ a perda, que temiaõ, na falta de hum Prelado o mais eſmoler. Enviou logo á Sé algumas telas, e veludos, que havia deſtinado para varios ornamentos. Mandou tambem outros para huma Capella ſua, que mandára edificar junto á Villa de Anciaens na Comarca de Traz os montes, para nella ſe ſepultarem os Oſſos de ſeus avós. Inſtituhio em a meſma hum morgado com oitenta mil reis de juro, que lhe vinculou com outras propriedades, chamando a elle em primeiro lugar a ſeu irmaõ Antonio de Moraes, que ainda vivia ao tempo do ſeu falecimento.

Chegou em fim o termo de ſeus dias, e conhecendo elle, que eſtava proximo ao ultimo inſtante, tendo recebido os Sacramẽtos com a mayor piedade, e devoçaõ, pedio lhe deſſem huma vela benta, que deſde muitos annos guardava para aquella hora. Ordenou a ſeus Capellaens, e mais peſſoas, que lhe aſſiſtiaõ, lhe rezaſſem, em quanto eſpirava a Paixaõ de Chriſto, eſcripta por S. Mateos, pela conſolaçaõ, que recebia em a ouvir; depois o Evangelho de S. Joaõ, que começa: *In principio*, e ultimamente a Ladainha da Senhora. Começaraõ todos a ſatisfazer eſta ultima funçaõ, em que podiaõ obſequialo, e eſtando com os olhos cheyos de lagrimas, que motivava a ſua ſaudade, elle os attendia com ſemblante alegre, e ſereno, como quem dezejava

java ainda no extremo alento ſervir de conſolaçaõ á ſua familia, e ſubditos. Finalmente eſpirou quando ſe lhe reſava o Evangelho de S. Joaõ, ficando ſeu roſtro taõ formoſo, que mais parecia vivo, que defunto. Tinha de idade 74, annos, e de Biſpo 15. Faleceo no mez de Outubro de 1617. ſendo Pontifice da Santa Igreja Paulo V. e Rey de Portugal Phelipe II. do nome neſte Reyno.

No dia ſeguinte ſe cuidou em dar a ſeu corpo ſepultura, e devendo eſta ſer na Capella mór, como ordenara no ſeu teſtamento, e tratára com o Cabido, a empenho de ſeus emulos, que naõ poderaõ arguilo na vida inculpavel, foi privado da quella honra depois da morte. Foi ſepultado, mais por paixoens particulares, que pela razaõ de direito, na Capella da Senhora da Saude, no carneiro, em que mandara depoſitar os Oſſos de ſeus anteceſſores; porem como Deos tem particular cuidado da honra, e gloria de ſeus ſervos, alguns annos depois foi trasladado para a Capella mór, que levantára, em virtude da ſentença, que ſe proferio contra os que no tempo da ſua morte ſe opozeraõ a eſte honorifiço obſequio, juſtamente devido á memoria de hum Prelado taõ virtuoſo, e taõ illuſtre. No ultimo anno de ſeu Biſpado entraraõ na Cidade do Porto os PP. Carmelitas Deſcalços, dando-lhes elle licença por intervençaõ do Conde Governador Diogo Lopes de Souza. Entraraõ no dia 13. de Junho de 1617. e apoſentando-ſe em humas cazas particulares na rua da Vitoria, nellas collocaraõ o Santiſſimo a 16. do dito mez.

Eſtas ſaõ as noticias, que do Illmo. D. Fr. Gonçalo

lo de Moraes, LVI. Biſpo do Porto, e V. Geral da noſſa Congregaçaõ, deixou eſcriptas o Illmo. D. Rodrigo da Cunha, Biſpo de Portalegre, e do Porto, Arcebiſpo de Braga, e de Lisboa, e hũ dos principaes autores da liberdade de Portugal na feliz acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ IV. e ſendo a ſua penna taõ douta, quanto veridica no que eſcreve naõ pode ſer eſtranho, que eu ſeguiſſe fielmente as ſuas paſſages, eſcrevẽdo a vida deſte Illmo. Prelado. Havendo porem omittido eſta illuſtre penna hũa acçaõ taõ grande, qual foi dividir eſte Illmo. Prelado no anno de 1602. a Igreja de S. Joaõ de Belmõte na da Vitoria, e S. Nicolao, para dar aos Religioſos de S. Agoſtinho o lugar, em que fundaraõ o ſeu Convento de S. Joaõ o Novo na Cidade do Porto, he juſto, que façamos mençaõ della por credito da ſua grandeza para com os Religioſos Agoſtinhos, que agradecidos ao ſeu amor, e generozidade aſſim o publicaõ no quadro, que no anno de 1735. mandaraõ formar, e conſervaõ na Sacriſtia do dito Convento com a effigie veneravel do meſmo Illmo. Biſpo. Delle fazem mençaõ com grande reſpeito Manoel de Faria e Souza, D. Franciſco Moreno Porcel, Fr. Gregorio de Argaes, e o eruditiſſimo Abbade de Sever, Diogo Barboſa Machado na ſua Bibliotheca Luſitana tom. 2. pag. 398. em cujo lugar ſe animaõ de nobres expreſſoens as virtudes deſte Heroe, que nos eſtados de Monge, e de Biſpo ſe deu a conhecer reſpeitavel.

O ELO-

ELOGIO V.

DO R.mo P. Fr. ANTONIO DA SILVA

VI. Geral Benedictino.

NAÕ pode desculpar-se o descuido, que tiveraõ os que nos precederaõ em tempo, deixando de escrever as acçoens daquelles, que respeitaraõ por seus Mayores. Parece que suspensos em admirar as suas virtudes, julgaraõ que as pennas naõ podiaõ descrevelas com a magestade, e decencia, que lhes era devida. Cuidavaõ mais em os imitar, que em fazelos conhecidos á posteridade, sendo que esta se animaria mais para lhe render a veneraçaõ, de que se fez digno o seu merecimento, se visse estampada a memoria das acçoens, e virtudes, que elles praticaraõ. Este motivo me obriga a formar huma breve memoria do Rmo. P. Fr. Antonio da Sylva, de quem a tradiçaõ affirma ser Religioso memoravel.

Nasceo no lugar de Pombeyro, no Julgado de Felgueiras, duas legoas distante da villa de Guimaraens no Arcebispado de Braga, correndo o seculo de 1500. ainda que ignoramos o dia, mez, e anno de seu nascimento. Igualmente se ignora o em que recebeo o Santo Habito, maş he certo, que foi antes da Reforma, no Mosteiro de Pombeiro. Tomou Ordens de Epistola a 5. de Março de *** no Mosteiro de Tibaẽs, as quaes lhe conferio o Cõmendador do mesmo Mosteiro D. Fr. Bernardo Bispo de

S. Thome com licença do veneravel Arcebiſpo Primaz D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. Da grande eſtimaçaõ que fizeraõ delle os Padres Reformadores, ſe colhe com evidencia, que foi Monge muito eſpiritual, e obſervante.

Foi Prior do Moſteiro de Palme, antes de haver nelle Abbades triennaes, por ſer ainda vivo o ultimo Commendatario, que o adminiſtrou. No anno de 1584. foi eleito Abbade do Moſteiro do Couto, mas naõ ſe verificando eſta eleiçaõ por eſtar intruzo na dita Abbadia o P.Fr. Antonio Gõçalves, Monge profeſſo da noſſa ordem, foi o meſmo Rmo.P. eleito no meſmo anno de 1584. em D. Abbade de Paço de Souza, no Capitulo Geral, q̃ ſe celebrou no Moſteiro de Pombeyro. Governou com acerto a quella Caza, dando grande impulſo ao augmento della, que haviaõ principiado ſeus anteceſſores. Pela aceitaçaõ, com que fez eſte lugar mereceo, que renunciando a Abbadia do Moſteiro de Baſto o P. Fr. Placido de Tibaens, no anno de 1592. foſſe provido neſte lugar na Junta de 9. de Janeiro de 1593. e logo no Capitulo de 9. de Mayo do meſmo anno, celebrado no Moſteiro de Lisboa, em D. Abbade Geral da Congregaçaõ, com grande goſto de todos, pelo juſto receyo que haviaõ concebido, de que o Geral foſſe Heſpanhol. Deu ſingulares providencias para o augmento eſpiritual da Congregaçaõ; e outras para os bens temporaes, fazendo ſe reſtituiſſem algũs, que eſtavaõ ja alienados. Aos Monges da Provincia do Brazil, que andavaõ diſperſos, obrigou a que ſe recolheſſem á Cidade da Bahia, e Pernambuco onde eſta Congregaçaõ tinha ja Moſteiros;

O 2 inten-

intentando efficazmente, que se edificasse outro no Rio de Janeiro. Da mesma sorte pertendeo, com assenso dos Capitulares, edificar outro Mosteiro na Villa de Cascaes, mas naõ teve effeito este seu dezejo, e pia intençaõ, porque o Conde de Monsanto faltou em cumprir muitas, e grandes promessas, que voluntariamente havia feito para este fim.

Intentou, e conseguio felizmente, que a observãcia, e governo de todos os Mosteiros fosse uniforme, tirando a diversidade, que nascia de varios estilos antigos, misturados com algũs uzos proprios da Congregaçaõ de Hespanha. Estabeleceo, que o nosso Procurador na Curia de Roma, tivesse hum Companheiro, que se instruisse com elle nas dependencias desta Congregaçaõ, e lhe podesse succeder no lugar, quando aquelle faltasse por qualquer incidẽte. Alcançou em seu tempo dous Breves Apostolicos, bem estimaveis. Hum confirmatorio dos que Sisto V. e outros Pontifices haviaõ concedido; o segundo para que os Abbades desta Congregaçaõ podessem dar Ordẽs menores, conceder dimissorias aos seus subditos, fazer Pontificaes, pôr Vigarios ad nutum &c. o que tudo he prova evidente do zelo, vigilancia, e cuidado, com que procedeo no governo desta Congregaçaõ, que administrou com justiça, e inteira, como afirma o Rmo. Fr. Leaõ de S. Thomás, no 1. tom. da sua Bened.Lusit.pag.394.

Dispoz no mesmo Capitulo, em que o elegeraõ Geral, que as rendas dos Mosteiros de Palme, S. Romaõ, e S. Claudio, se unissem ao Mosteiro de Lisboa, para que na Corte se conservasse huma Caza, a que se deu principo sem propria subsistencia.

Ha-

Havendo procedido no governo de todas com o mayor acerto, naõ se pôde exemir a que no anno de 1599. o elegessem D. Abbade do Mosteiro de Pombeiro. Satisfez este emprego com a mesma actividade, e zelo, com que se houve em os mais; e recolhendo-se a viver em socego no dito Mosteiro, livre ja de cuidados, que saõ inseparaveis das Dignidades, fechou o periodo da sua vida no mesmo lugar, em que começou a viver, sendo este o berço, em que nasceo para os trabalhos, e ao mesmo tempo a sepultura para o descanço. Ignora-se com tudo o anno, mez, e dia, em que Deos o chamou a si, para lhe conferir o premio, a que aspirou com acçoẽs, e virtudes muito recomendaveis.

ELO-

ELOGIO VI.

DO R.mo P. Fr. PLACIDO FERREIRA *VIII. Geral Benedictino.*

NA Cidade Capital do Reyno a Corte de Lisboa teve o ſeu naſcimento a 4. de Agoſto de 1550. o Rmo. Fr. Placido Ferreira, que no ſeculo ſe chamou Domingos, em veneraçaõ do illuſtre Patriarca, em cujo dia naſcera. Na idade florente de deſeſeis annos o inſpirou Deos a veſtir a Cogula de S. Bento, e com licença dos Rmos. PP. Reformadores foi noviço, e profeſſou no Moſteiro de Paço de Souza, ſendo ainda Cõmendatario delle o Biſpo de Targa D. Manoel Santo. Neſte tempo haviaõ preſtado ja obediencia aos PP. Reformadores os Monges daquella Caza; e aſſim foi eſte o primeiro filho, e Monge, que ella teve depois da Reforma.

Ignoramos a mayor parte das acçoẽs da ſua vida; porem huma, de que temos eſpecial noticia, he baſtante a acreditar o ſeu nome. Eſtando em Lisboa trabalhou com zelo incanſavel, em que o Senhor Cardeal D. Henrique, naõ deſſe aos PP. da Companhia o dito Moſteiro de Paço de Souza, como intentava fazer. Para eſte fim buſcou repetidas vezes, e rogou com inſtantes ſupplicas ao Senhor Cardeal conſeguindo a ſua actividade, e deligencia, que nos ficaſſe o Moſteiro com as rendas, que nelle temos, dando-ſe ſomente parte dellas aos PP. da Com-

Companhia. Vendo estes, que naõ podiaõ conseguir o que dezejavaõ, buscáraõ ao Rmo. P. e o tentaraõ, offerecendo-lhe ser Abbade Cõmendatario de muitos Mosteiros, se desistisse deste de Paço de Souza, para que o Senhor Cardeal o desse á Companhia. Naõ assentio ás offertas, que lhe fizeraõ, antes como bom Religiozo, e filho de S. Bento respondeo: Que naõ permittisse Deos, que por interesse algum particular, deixasse elle ja mais de promover a observancia da Regra, que professava. Com esta, e similhantes respostas satisfez tambem a pessoas da primeira grandeza, que em favor dos PP. da Companhia se empenhavaõ com elle ao mesmo respeito, fazendo-lhe offertas de grandissima conveniencia.

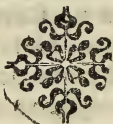
Attendido o seu zelo, e talento, foi eleito em Abbade do Mosteiro de Paço de Souza no anno de 1580. sendo elle o primeiro, que teve aquella Caza, depois da Reforma. No de 1584. foi Abbade do Mosteiro de Pendorada, eleito no Capitulo privado de 1583. que eraõ os que se celebravaõ no meyo do triennio. No anno de 1587. foi Abbade de Travanca; no de 1593. do Mosteiro de Lisboa: no de 1599. D. Abbade Geral da Congregaçaõ; e no de 1605. segunda vez Abbade de Lisboa, sem que me lembre do emprego de Vizitador, e de outros, em que se occupou no tempo, que lhe durou a vida. Todos estes lugares mereceo o Rmo.P. pela sua virtude,e talẽto.Era bom Theologo,e dos melhores Pregadores, q̃ se ouviaõ; porem mais que tudo resplãdeceo nelle o zelo da Religiaõ,e a caridade dos proximos.Para os levar todos a Deos se encaminhavaõ sempre ás suas praticas, mostrando hum zelo o mais

puro

puro da salvação das almas. Era dotado de huma prudencia singular para o governo; muito amante da paz, e ancioso de que a Religiaõ se conservasse em socego. Para augmentar a Congregaçaõ alcançou del-Rey Felipe II. licença para fundar na Cidade de Aveyro hum Mosteiro, e certamente teria execuçaõ o seu dezejo, se o seu governo naõ fosse triennal, faltando tempo, quando era mais precizo, para sahir á luz com esta nova fundaçaõ, em que meditava. Cuidou muito em adiantar as livrarias dos Mosteiros; e fazendo-se amavel de todos, por hũa condiçaõ benigna, e por hum animo compassivo, acabou o tempo de seu governo com saudade universal.

Sendo Conventual no Mosteiro de Santo Thyrso, e achando-se no da Cidade do Porto, occupado em dependencias da Cõgregaçaõ, no anno de 1613. o assaltou a ultima enfermidade. Dispoz-se para aquella hora, como verdadeiro Religioso, e pedindo os Sacramentos, os recebeo com piedade, e devoçaõ. Entregou nas maõs do Creador o seu espirito aos 4. de Agosto de 1613. dia, em que fechava o periodo de 63. annos de idade. Era Abbade daquelle Mosteiro o P. Fr. Antonio dos Reys, que depois foi Geral desta Cõgregaçaõ, e D. Abbade Geral della o Rmo.P.Fr. Thomás do Soccorro. Assistio este ás honras funeraes, acompanhado de muitos Prelados, e Religiosos graves da nossa, e outras Religioẽs; e para explicar a sua saudade na morte de hum Pay, taõ digno da sua veneraçaõ se lamentavaõ todos com as palavras, que N. P. S. Bernardo exprimio na Oraçaõ funebre de S. Humberto: *Se-*

para-

paravit à nobis mors dulcem amicum, prudentem, consiliarium, fortem. Jaz em o Mosteiro do Porto, mas a sua memoria consta do Archivo do Mosteiro de Santo Thyrso, que lhe assigna a patria, que temos referido; ou porque nasceo em Lisboa, ainda que fosse oriundo do lugar de Dous Portos, na Comarca de Torres Vedras, ou porque a Capital do Reyno he mais conhecida, que o lugar humilde, e pequeno, de que a Benedictina Lusitana repetidas vezes o faz natural, contra o que se refere na sua vida, que se conserva, como ja disse, no Mosteiro de S. Thyrso.

ELOGIO VII.

DO R.mo P. Fr. PEDRO DE BASTO IX. *Geral Benedictino.*

SE as respeitaveis determinaçoẽs da Santa Igreja naõ me prohibissem dar o nome de Veneravel, aquem ella naõ tem declarado como tal, este Rmo. P. seria hum dos que me arrebatasse a penna para o honrar com este decoroso titulo. A sua grande virtude, a sua observancia, e bom exemplo seriaõ poderosos motivos para o elogiar com aquelle nome. Nasceo no Conselho de Basto, de que tomou o sobrenome, no lugar de Valdebouro, no anno de 1521. e sem que da vida, que praticou no seculo nos restem algumas noticias, unicamente sabemos, que no anno de 1555. ou no de 1556. recebeo no Mosteiro de Refoyos de Basto o Santo habito, sendo Abbade Commendatario daquella Caza, o Rmo. Fr. Diogo de Murça, da Ordem de S. Jeronimo.

Abraçou com tanto affecto a vida religiosa, que em todas as suas acçoẽs se admirava huma fiel correspondencia á vocaçaõ divina. Era obediente sem especulaçaõ do que se lhe mandava. Observante da Santa Regra com huma exaçaõ estupenda. Continuo na Oraçaõ, liçaõ dos Santos Padres, e obras de mortificaçaõ. Amante do silencio, e do retiro; humilde de coraçaõ, e muito puro, tanto nas acçoẽs, como nas palavras. Aborrecia os louvores, porque

os

os ouvia com trifteza, e com lagrimas, ao mefmo paffo, que recebia com alegria, e com agrado a pouca attençaõ, com que o tratavaõ os que naõ fabiaõ avaliar o feu merecimento. Eftimava os empregos que alguns defprezaõ por humildes; e fendo no feu conceito o menor de todos feus Irmaõs, elle era o primeiro, que os cortejava ao encontrar-fe com elles, naõ efperando que eftes fe adiantaffem nefte obzequio, em que como Pay da Religiaõ devia fer attendido, e venerado de todos.

Dando-lhe a Religiaõ por focio a hum Monge, que o ajudaffe a rezar, era taõ grande o refpeito, que lhe confervava, que naõ fo recebia delle os confelhos, que lhe dava, por entender era efta humildade, a que devia praticar para fer perfeito, fe naõ que os attendia com caridade, e amor, parecendo-lhe as advertencias, que lhe fazia, hum dos ferviços mais dignos da fua gratificaçaõ. Ouvia quaefquer palavras, que pareciaõ de admoeftaçaõ como fe foffem as dos feus mayores, e era taõ defpido de fatisfaçaõ propria, que nem em fubdito, nem em Prelado executava couza alguma, fem que conforme a Santa Regra, ouviffe o parecer alheyo, a que fem difficuldade fe accomodava.

Tanta era a fua humildade, que fallando com qualquer Monge Sacerdote, ou leigo, naõ cobria a cabeça, por mayor que foffe o frio, ou por menores que foffem aquelles, com quem tratava, enfinando mais como humilde, que como Prelado, que ainda aos inferiores refpeitava, como fe foffe o menor de todos. Nem os annos, nem a autoridade o difpenfaraõ nunca de tratar da fua peffoa, e do

P 2 feu

ſeu apozento naquelles ſerviços, em que podia occupar a hum creado. Elle varria o cubiculo, em q̃ morava; elle fazia a pobre, e penitente cama, em que dormia. Compadecido de algum pouco ſerviço, que lhe fazia hum ſocio, que a obediencia lhe deſtinára, muitas vezes lhe dizia, que offereceſſe pelo amor de Deos o muito, e grande trabalho, que lhe cauzava.

O amor de Deos, em que ſe abrazava, pelo frequente exercicio da oraçaõ, e pratica das virtudes, lhe excitavaõ no coraçaõ hum amor do proximo em gráo ſublime. Naõ ſo tratava aos Monges com affabilidade, e conſolaçaõ, ſe naõ que favorecia aos pobres com a mayor compayxaõ, e liberalidade. Trazia ſempre o temor de Deos tanto diante dos olhos, que do teor de ſua vida, e de algumas palavras, que ſe lhe ouviraõ, proferidas com ſingeleza, ou inadvertencia ſe collegio, que naõ havia cometido offenſa grave em nenhum tempo, eſpecialmente no eſtado de religioſo. Por eſte motivo ouvia com huma eſpecie de ſuſpençaõ fallar nas deſordens, e peccados, que havia no mundo, dizendo: que lhe parecia couza bem alheya de hum Criſtaõ o offender a Deos, e que naõ ſabia quaes eraõ aquelles que ſe atreviaõ a ſimilhante maldade, e que em quanto a ſi, naõ ſe lembrava, de que no eſtado de Religioſo houveſſe cometido peccado de Comiſſaõ; palavras, que proferio outras muitas vezes.

Sendo amantiſſimo da obſervancia, e da penitencia, naõ uzava de camizas de linho, mas das de eſtamenha, a mais aſpera, e a mais groſſa. Fez jornada da Provincia do Minho a Lisboa com huma ſo camiza

miza, que levava veſtida, e com ella ſe recolheu á Provincia, pedindo no Moſteiro de Lisboa huma empreſtada a hum noviço, em quanto ſe lavava a que trazia, porque era a unica, que conſervava a ſua pobreza. Nos actos de Cõmunidade, era naõ ſo frequente, ſenaõ o primeiro, ainda nas horas mais penoſas; de ſorte, que recolhendo-ſe a viver no Moſteiro de Travanca, depois que acabou de Geral, todas as noites ſe levantava ás duas horas, que ſaõ as meſmas, em que nos outros Moſteiros da Congregaçaõ vaõ os Monges a Matinas, o que naquella Caza naõ ſe obſervava, por ſe achar entaõ nella Collegio de Filoſofia.

Das duas horas ate as cinco da manhaã ficava em oraçaõ, e preparaçaõ para dizer miſſa. Celebrava eſta com muita devoçaõ, e lagrimas, e ainda que pertendia encubrir eſtas, naõ o podia fazer, porque no tempo da comunhaõ lhe banhavaõ o roſtro em grande abundancia. As mais horas do dia, que ſe gaſtavaõ no exercicio da Aula, conſumia o Rmo. P. no da Oraçaõ em o coro, diante do Santiſſimo. E ſe alguma vez encontrava o Lente de Artes, que era o Rmo. P. M. Fr. Leaõ de S. Thomás, indo para a Cadeira, lhe dizia com humildade, e agrado: Perdoai-me, que vos houvera de ir ouvir muitas vezes, mas ja agora *quæ ſurſum ſunt quærite, quæ ſurſum ſunt ſapite.*

Muitas acçoẽs ſe referem deſte Rmo. P. que abonaõ a ſua virtude. Entre ellas ſe conta como eſpecial huma, que parece revelaçaõ de Deos. Sendo Abbade do Moſteiro de Renduffe pelos annos de 1584, ſahindo a Cõmunidade do Refeitorio para dar graças

ças na Igreja, como he costume, mandou, que o leitor da primeira meza, os que a ella serviraõ, e os mais que estavaõ na segunda sahissem juntamente, fechando-se a porta do Refeitorio. Acabou a Communidade de sahir, e ao tempo, em que se hia cantando o Psalmo: *Miserere mei Deus*, se arruinou a caza do Refeitorio, cahindo todo o tecto delle, sem que nenhum vivente experimentasse neste successo algum incomodo. Todos attribuiraõ a inspiraçaõ particular esta determinaçaõ do Prelado; pois naõ sendo costume sahir do Refeitorio os da segunda meza, quando os da primeira vaõ dar graças a Deos em a Igreja, esta dispoziçaõ particular, e insolita lhes salvou a vida, que na ruina daquella caza teriaõ hum perigo inevitavel.

Sendo as virtudes deste Rmo. P. attendiveis desde o tempo da Reforma, logo os PP. Reformadores se valeraõ do seu prestimo para estabelecimento da observancia. No I. Capitulo de 1570. foi eleito em Prior do Collegio de Coimbra. No II. de 1575. foi Prior do Mosteiro de Santo Thyrso. No III. de 1578. foi 1. Abbade de Coimbra. No de 1581. Abbade do Mosteiro de Lisboa. No de 1584. Abbade do Mosteiro de Renduffe. No de 1589. segunda vez de Lisboa. No de 1599. Abbade do Porto, e em fim Dom Abbade Geral da Congregaçaõ no de 1602. sem que façamos mençaõ dos mais empregos, que teve nos triennios medios das Prelazias. Em todos estes lugares honorificos cuidou o Rmo. P. no augmento da observancia com hum disvelo inexplicavel; e sẽdo o seu exemplo o incẽtivo mayor para a perfeiçaõ, em todos os Mosteiros a que presidio,

ſidio, floreceo a regularidade monachal com admiraçaõ dos eſtranhos.

Acabou o tempo de Geral, e dezejando viver ſó para Deos em o retiro, buſcou o Moſteiro de Travanca. Ali ſe exercitava em Oraçaõ continua, e mais actos de piedade, que eſtaõ referidos. Chegou o tempo de entregar nas maõs do Senhor o ſeu eſpirito, e havendo recebido os Sacramentos da Igreja com a mais edificante devoçaõ, a nenhuma couza reſpondia, ſe naõ quando lhe perguntavaõ ſe queria rezar o officio da Senhora; porque entaõ acudia logo dizendo: *Ave Maria.* Aſſim ſocedeo pouco tempo antes, que eſpiraſſe, pois dizẽdo-lhe o ſeu companheiro, ſe queria rezar da Senhora, elle foi o primeiro, que diſſe: *Domine, labia mea aperies.* Continuou o nocturno do Domingo, e deu as bençaõs das liçoẽs como ſe eſtivera com ſaude conſtante. Diſſe-lhe o companheiro, que deſcançaſſe, e que depois continuariaõ as Laudes; porem naõ havendo paſſado mais eſpaço, que o de alguns Credos, eſpirou, indo como piamente entendemos, entoar as Laudes da Santiſſima Virgem na ſua prezença. Faleceo aos 8. de Janeiro de 1608. naõ obſtante dizer a Benedictina Luſitana, por erro de huma letra, que foi a ſua morte no antecedente de 1607. Aſſim conſta da ſepultura, que tem no meyo do Cruzeiro da Igreja do Moſteiro de Travanca, onde faleceo aos 86. annos de ſua idade, e 52. de religiaõ, havendo entrado nella, como elle meſmo dizia, quando ja contava 34. Deſte Rmo. P. fazem digna memoria alguns Autores do noſſo Reino, deſcrevendo com expreſſoẽs notaveis as excellẽcias da ſua vida, e a precioſidade da ſua morte. ELO-

ELOGIO VIII.

DO R.mo P. Fr. ANSELMO DA CONCEIÇAÕ.

XI. Geral Benedictino.

NASCEO este Rmo. Padre no lugar de Canavezes da Provincia do Minho, correndo o seculo de 1500. e naõ havendo individual noticia do anno, em que veyo ao mundo, da mesma sorte ignoramos o em que vestio nosso habito, ainda que sabemos foi antes da Reforma. No Capitulo Geral de 1590. foi eleito em D. Abbade do Mosteiro de Renduffe; e no de 1593. em Diffinidor Consiliario. Sendo porem reconhecidas de todos as suas virtudes, e letras, e que Deos o enobrecera com talento especial, para cuidar em negocios da mayor ponderaçaõ, o elegeraõ Procurador em Roma para tratar na quella Curia as grandes dependencias, em que se achava a Congregaçaõ por aquelle tempo. Esteve dous triennios em a dita Corte, e ao seu zelo, e actividade se devem os muitos Breves, e Bullas, que alcançou, naõ so para o bem cõmum, espiritual, e temporal desta Congregaçaõ, se naõ tambem para o particular de varios Mosteiros. Voltou ao Reino cheyo de merecimẽto, porque na Curia Romana conseguio o nome de Religioso de virtude, douto, zelozo, e politico, e na Religiaõ o respeito de filho benemerito.

Por este motivo foi elleito em Abbade do Collegio

gio de S. Bento de Coimbra no Capitulo geral de 1599. Deſempenhou com taõ grande acerto eſte lugar, que no Capitulo ſeguinte de 1602. lhe confiaraõ o emprego de Diffinidor mór. Satisfez com aceitaçaõ de todos eſta ocupaçaõ; e ſendo promovido a D.Abbade do Moſteiro de Pombeiro no anno de 1605. fez reſplandecer a obſervancia regular de tal ſorte em a meſma Caza, que obrigados os vogaes do Capitulo celebrado em 1608. a buſcar hum digno ſuceſſor do Rmo. P. Fr. Balthazar de Braga, para a Dignidade de Geral, naõ acharaõ alguem ornado de tanto merecimento como eſte Rmo. P.

Correſponderaõ os ſeus acertos á expectaçaõ de todos, porque as ſuas acçoens foraõ as mais louvaveis em beneficio da Congregaçaõ, e dos Moſteiros. Tirou do Moſteiro de S. Joaõ de Arnoya rendas, com que attendeo á fabrica, e decoro da Sacriſtia do Collegio de Coimbra. Multou cada hum dos Moſteiros do Arcebiſpado Primaz em oitenta mil reis, para que com eſta pençaõ ſe edificaſſe o Hoſpicio de S. Bento, que a Religiaõ conſerva em a Cidade de Braga. Tambem multou os do Biſpado do Porto em trinta mil reis para ornato, e ſubſiſtẽcia das hoſpedarias do Moſteiro de S. Bento do Porto. Cuidou com eſpecial providencia no augmento dos eſtudos, e das letras, e para conſeguir eſte luſtre da Congregaçaõ com facilidade applicou ſeis centos mil reis do Moſteiro de Baſto, e quatro centos do Moſteiro de Travanca, para que com eſte ſubſidio podeſſe conſervar-ſe no Collegio de Coimbra mayor numero de Collegiaes do que havia ate aquelle tempo.

Confiderando o Rmo. P. defde que efteve em Roma, que a noffa Congregaçaõ Caffinenfe fe regulava com perfeita obfervancia, fem haver nella mais que hum fo preceito grave, e contemplando tambem que os Breves Põtificios concedidos a efta Congregaçaõ, em ordem a eftabelecer leys, declaravaõ, que eftas naõ obrigaffem gravemente, concebeo huma averfaõ taõ grande á multidaõ de preceitos graves, que fe haviaõ introduzido, fegundo o eftillo da Congregaçaõ Benedictina de Hefpanha, que abolio a mayor parte delles. Julgou-os como embaraço, e cauza de muitos efcrupulos para as confciencias timoratas, e dezejando ver a feus fubditos fem efta oppreffaõ a mais fenfivel, dezejou, que á imitaçaõ da Congregaçaõ de Caffino, efta de Portugal fe governaffe do mefmo modo, e com os menos preceitos, que foffe poffivel. A' fua deligencia deve o Mofteiro do Porto as rendas, que fe lhe applicaraõ do de Pendorada.

Tendo noticia de que na Provincia de S. Bento do Eftado do Brazil havia diffençoens, a que fe devia acudir com prompta, e efficaz providencia, convocou huma Junta no Mofteiro de Bafto a 25. de Julho de 1609. Eftabeleceo acertadas difpofiçoẽs para a fua quietaçaõ, nomeando aos Padres Fr. Romano, e Fr. Urbano por Vifitadores da mefma Provincia, e concedendo ao que lá fe achava naquelle tempo, todos os poderes de Geral, com referva de aceitar noviços, ou de mandar algum Monge para efte Reyno.

Concluio finalmẽte o tempo de feu governo com faudade univerfal de todos os fubditos, q̃ o refpei-

tavaõ

tavaõ como Prelado, e o amavaõ como Pay; mas pedindo a utilidade da Religiaõ, e o estabelecimẽto da observancia, que o Rmo. P. a propagasse em quanto lhe durava a vida, no Capitulo Geral de 1614. foi eleito em D. Abbade do Mosteiro de Lisboa. Governou anno, e meyo no Convento velho, que hoje he o Collegio de N. Senhora da Estrella, e estando o novo de S. Bento da Saude já com capacidade de se habitar, para elle se trasladou o Cõvento em 8. de Novembro. de 1615. concluindo nesta Caza o Rmo. P. o restante do seu governo. Acabou este com grande aceitaçaõ, e recolhendo-se a descançar no Mosteiro de Bostello dos trabalhos, que havia tido, ja na Corte de Roma, conseguindo do S. P. Clemente VIII. sete Bullas em beneficio desta Congregaçaõ, ja sendo Prelado em os diversos Mosteiros, que temos referido, em fim, acabou a vida no dito Mosteiro de S. Miguel de Bostello, em que jaz sepultado.

ELOGIO IX.

DO R.mo P. Fr. THOMAS DO SOCCORRO.

XII. e XX. Geral Benedictino.

QUANDO algum Varaõ se faz illustre pelas suas acçoens, como este, dequem fallo no prezente Elogio, naõ se perde a sua memoria pelo descuido dos que a deviaõ conservar com a mayor deligencia, porque o respeito dos estranhos a immortaliza com o rasgo de muitas pennas, e pelo beneficio da estampa. Tal he este Rmo. P. de quem faz mençaõ o Rmo. P. M.Fr. Leaõ de Santo Thomáz na Bened. Lusit. tom. 1. part. 2. pag. 395. e o erudito author da Bibliot.Lusit. tom. 3. pag. 750. em breves expressoẽs, e em mais dilatadas o Licenciado Jorge Cardozo no Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 530. o qual vou a seguir, por ser o que mais largamẽte estampou e descreveo as acçoẽs memoraveis deste Rmo. Prelado.

Nasceo em a augusta Cidade de Braga, de pays humildes, porẽ muito exemplares, no anno de 1566. O amor e temor de Deos foraõ os primeiros alimẽtos, com que se nutrio na boa educaçaõ dos mesmos pays virtuosos, e pios que foraõ Amador Gomes, e Elena Francisca. Porem ao mesmo tempo, em que se adiantava na idade, crescia nos bons costumes, e dezejo de aproveitar nos estudos, o que brevemẽte alcançou sabendo ler, escrever, arithmetica,

tica, e gramatica com perfeiçaõ.

Conheceraõ, como bons meſtres de eſpirito; os quilates do ſeu merecimento, os Rmos. PP. Fr. Pedro de Chaves, e Fr. Placido de Villalobos, primeiros pays, e Reformadores deſta Congregaçaõ, e naõ eſperando valedores, que o patrocinaſſem, elles meſmos o convidaraõ a ſer noſſo Monge, na eſperança bem fundada dos grandes frutos, que prometia de futuro huma mocidade toda entregue a exercicios de piedade, e de virtude. Acudio o Rmo. P. ſem demora ao beneficio da vocaçaõ, e julgando, que era favor eſpecial da Providencia, a offerta do eſtado porque ſuſpirava, naõ deſcançou até que recebeo o noſſo habito, no Moſteiro de Renduffe em o 1. de Março de 1585. tendo 19. annos de idade.

Como o Rmo. P. viveo no ſeculo, ajuſtado com as obrigaçoẽs do Chriſtianiſmo, naõ experimentou contradiçaõ em deſempenhar as de Religioſo. Entregou-ſe á Oraçaõ, penitencia, e mais actos da Communidade taõ profundamente humilde, e taõ obſervante, que naõ ſo mereceo a profiſſaõ, ſe naõ tambem o ſer preferido a muitos no receber Ordens Sacras, e no ingreſſo dos eſtudos. Fez neſtes tantos progreſſos, que alem de comprehender a Geografia, e Chronologia com excellencia, ſe acreditou bom Theologo, e Pregador de grande nome. Por eſte motivo o deſtinou a Congregaçaõ a viver no Moſteiro de Lisboa, querẽdo q̃ para o Clauſtro foſſe meſtre da perfeiçaõ religioſa, e para os ſeculares tambem meſtre da doutrina Chriſtaã, e evãgelica.

Fazendo-ſe conhecida a ſua prudencia, e zelo em conquiſtar para Deos muitas almas, o encarregou a

Con-

Congregaçaõ de huma empreza muito glorioſa; qual era governar a Provincia de S. Bento no Eſtado do Brazil. Para eſte fim o elegeu em Provincial della na Junta de 7. de Novembro de 1602. Chegou áquelle Eſtado; e conſeguindo de ſeus ſubditos a paz, e boa armonia, que dezejava, para deſvanecer o conceito, em que eſtavaõ de pouco obedientes, e orgulhozos, conſeguio tambem pelo amor, e caridade, com que tratava os Gentios, ignorantes da Fé Catholica, que muitos da ſua juriſdiçaõ abraçaſſem o conhecimento della. Governava a eſtes com ſuavidade; compunha as ſuas diſſençoẽs; acudia-lhes nos trabalhos, e perſuadia-lhes o mais importante negocio, que era a ſalvaçaõ eterna. Mas ſendo que o ſeu genio era docil, e brando, para ſe perſuadir da razaõ; elle ſe moſtrou valerozo, e intrepido repetidas vezes na quelle Eſtado com algũs homens poderoſos, que intentaraõ delle concordaſſe com a ſua opiniaõ em alguns pontos, que naõ eraõ conformes com a vontade de Deos, e com a rectidaõ da ſua conſciencia.

Neſta inteireza de procedimento, e obſervancia regular ſe áchava o Rmo. P. quando a Religiaõ o chamou ao Reyno para occupar em novos exercicios a ſua virtude, e o ſeu talento. Elegeraõ-no em D. Abbade do Moſteiro de S. Romaõ na Junta de 10. de Março de 1607. e logo no Capitulo Geral de 1608. em D. Abbade do Moſteiro de Travanca. Dezempenhou eſta Dignidade com tanto credito ſeu, e conſolaçaõ dos ſubditos, pelo muito que cuidava no augmento da obſervancia, e no tratamento dos Monges, que no Capitulo ſeguinte de 1611. o ſubli-

ma-

maraõ em D. Abbade Geral da Congregaçaõ. Foi o ſeu governo hum dos mais ſuaves, e pacificos, que houve depois da Reforma; pois ſendo elle o primeiro nos actos da Cõmunidade, nas mortificaçoẽs, e exercicios penozos da vida regular, conſeguia facilmente, que os ſubditos obſervaſſem o meſmo a que elle os animava com ſeu exemplo.

Havendo no tempo de ſeu Generalato chegado Breve Pontificio, em que o Papa Paulo V. a inſtancias del-Rey Felipe II. comutava a ultima vontade da Sereniſſima Infante D. Maria, filha do Senhor Rey D. Manoel, concedendo que foſſe de Cõmendadeiras da Ordem de Aviz, e ſugeito á Meza da Conſciencia, hum Moſteiro, que a meſma Senhora ordenou no ſeu teſtamento, foſſe para 63. Religioſas, que guardaſſem a Regra de S. Bento, e foſſem ſubditas do Geral da dita Ordem, oppoz-ſe o Rmo. P. a eſta comutaçaõ daquella ultima vontade. Lembrou as fortes clauſulas do teſtamẽto a eſte reſpeito; porem como a inſtancia, que ſe fazia para ſer de Commendadeiras o novo Moſteiro, era de hum Soberano, naõ teve lugar a ſua propoziçaõ, que fazia mais por ſatisfazer a obrigaçaõ do lugar, em que ſe achava, que por conveniencia de ter ſugeitas ao ſeu governo o Illuſtriſſimo Moſteiro da Encarnaçaõ da Corte de Lisboa, ſendo certo que em nenhum tempo ſe rendeo a Congregaçaõ Benedictina deſte Reyno a admittir a direçaõ das ſuas Religioſas. Cuidou muito o Rmo. P. no augmento dos eſtudos, e das letras, favorecendo com eſpeciaes demonſtraçoẽs de amor, e benevolencia aos Monges applicados ás ſciencias. Teve efficaz dezejo de dimi-

dimittir o Generalato, e fez deixaçaõ delle; porem naõ se lhe admittindo a renuncia, em fim o concluîo com aceitaçaõ universal do seu grande zelo, e dos seus acertos.

No Capitulo Geral de 1617. foi eleito em Abbade do Mosteiro de Basto; no de 1623. em Abbade do Porto, e desempenhando este, e os mais lugares com a prudencia, e zelo, que lhe eraõ naturaes em o governo, em fim naõ se pode eximir a que segunda vez o elegessem em D. Abbade Geral da Congregaçaõ no anno de 1629. Foi a sua eleiçaõ summamente estimada, porque reconhecendo todos quanto o Rmo. P. cuidava em fazer suave a observancia, e conservar em paz, e tranquilidade a Religiaõ, socegaraõ os animos perturbados de alguns, que com impaciencia recuzavaõ admittir hũas novas Leys, que pertendeo estabelecer o Rmo. P. M. Fr. Leaõ de Santo Thomáz, seu antecessor. Com effeito no tempo deste Rmo. P. se publicaraõ as Constituiçoẽs Benedictinas, em que elle trabalhou muito, como hum dos Deputados principaes; mas com tanta suavidade, e prudencia as póz em execuçaõ, que os mesmos, que as temiaõ, as abraçaraõ. Tal he a differença, que encontraõ nos animos dos subditos os Prelados que mandaõ com amor, ou os que dominaõ com imperio! Elle foi o que para melhor intelligencia da Regra de S. Bento, a traduzio da lingua Latina na materna, dando-a á luz.

Empenhado em uzar de brandura, e naõ de severidade no governo dos subditos, costumava o Rmo. P. sendo Prelado, ao sahir do seu apozento escarrar alto, ou fechar a porta de modo, que fosse sentido, para

para q̃ com eſte avizo ſe recolheſſem os que ſe deſcuidavaõ na guarda do ſilencio, ou eſtavaõ diſtrahidos nos dormitorios. Tudo quanto podia acabava com modo ſuave, e brando; mas ſendo precizo naõ deixava de uzar da vara do rigor, porque no ſeu coraçaõ, e animo reſidiaõ as virtudes da piedade, e da juſtiça. Outra excellente qualidade, que enobrecia eſte Prelado, era dar-ſe todo ao governo eſpiritual, ſeguindo os actos da Religiaõ, ainda na idade mais avãçada, como ſe foſſe mãcebo robuſto, e de grandes forças. O governo temporal deſcãçava nos inferiores, aquem o cometia, naõ querẽdo ja mais ver com ſeus olhos dinheiro, nem couzas de menos porte, porque entendia ſer proprio de hum Prelado o cuidado eſpiritual da ſua Cõmunidade, a Oraçaõ, e contemplaçaõ, em que de ordinario pernoitava, regando a terra com muitas lagrimas.

Para confuzaõ da ſoberba humama, e para credito da ſua grande humildade, he digno de ponderar-ſe, que ainda nas mayores Dignidades, e ſendo Geral de S. Bento, fazia gala de ſer filho de hum pobre, e humilde official. Quando o encontrava, ſe apeava logo, e lhe beijava a maõ com o joelho em terra, buſcando-o muitas vezes na loja, em que trabalhava, e demorando-ſe com elle de eſpaço, para que o mũdo viſſe, q̃ o ſer Geral de S. Bento, naõ o fazia eſquecer dequem lhe dera o ſer, e a creaçaõ.

Vendo-ſe finalmente opprimido dos annos, e das moleſtias, pedio ao Capitulo Geral do anno de 1632. lhe concedeſſe viver retirado no Moſteiro de Carvoeiro, porque dezejava em paz, e ſocego pòr o ultimo termo a ſeus dias. Conſeguio o que pertendia, e reco-

lhendo-ſe áquella Caza, nella ſe entregou mais viva-mente aos ſantos exercicios de oraçaõ, e cõtempla-çaõ, que ſempre exercitou na ſua vida. Reſava de joelhos o officio divino, e outras muitas devoçoẽs, ſendo eſpecial a do culto de Noſſa Senhora do Deſ-terro, aquem annualmẽte offerecia hũa ſolemne feſti-vidade, por eſpaço de oito dias. Para louvor da Se-nhora rogou ao Rm.P. M.Fr. Leaõ de Sãto Thomás, compozeſſe o officio do Deſterro, de que ainda ho-je uza eſta Congregaçaõ.

Neſtes louvaveis actos de piedade, e religiaõ paſ-ſou dez annos; hũas vezes entrevado na cama, outras de pé, mas frequentãdo os exercicios da Cõmunida-de. Contrahio moleſtias, q̃ lhe cauzavaõ dores inſo-portaveis; mas era taõ rara a ſua paciencia, que no meyo da ſua mayor affliçaõ, naõ ſe ouvia na ſua boca mais q̃ louvores de Deos, e actos de cõformidade. Foi-ſe diſpõdo para o fim da ſua peregrinaçaõ com confiſſoẽs geraes, e frequẽcia de Sacramẽtos; e quã-do ja naõ podia celebrar cõmungava muitas vezes. Chegou o termo de ſua vida, e cõfiado nas chagas do Redemptor, em cuja veneraçaõ já mais deixou de cõceder o q̃ ſe lhe pedia, nas ſuas maõs entregou o ultimo alẽto aos 2. de Abril de 1642. quãdo cõtava 76. annos de idade, e 57. de Mõge. Seu corpo jaz ſe-pultado na Igreja do Moſteiro de Carvoeiro; onde deſde a humilde ſepultura advertem as ſuas reſpeita-veis cinzas aos profeſſores do Inſtituto Benedictino, q̃ ali ſe eſcõde aos noſſos olhos hũ Varaõ q̃ ſervio de eſpelho da perfeiçaõ aos Mõges, em quanto ſubdi-to, e de exemplar a todos os Superiores, em quanto Prelado.

ELO-

ELOGIO X.

DO R.mo P. Fr. ANTONIO DOS REYS, *XIII. XVII. e XXI. Geral Benedictino.*

AINDA que as grandes acçoẽs daquelles homens, que tocaraõ o heroiſmo, daõ motivo a que ſe forme dellas huma dilatada hiſtoria, naõ paſſará de breve Elogio, eſte que trata do Rmo. P. Fr. Antonio dos Reys, porque ſaõ poucas as noticias, que nos deixaraõ os antigos, ſendo elle hum dos mayores ſugeitos, que enobreceraõ a Congregaçaõ.

Naſceo em o Biſpado do Porto, no lugar de Azurar, junto a Villa do Conde, e ſem que tenhamos noticia do anno em que veyo ao mundo, ſo ſabemos, que no de 1588. a 7. de Janeiro recebeo a Cogulla monachal no Moſteiro de Santo Andre de Renduffe. O Rmo. Fr. Gonçalo de Moraes, Biſpo do Porto, depois de Geral de S. Bento, teve a gloria de admittir eſte pertendente, que no ſeculo ſe achava já condecorado com Ordens Sacras, e inſtruido no eſtudo de Theologia na Univerſidade de Coimbra. As excellentes qualidades, que adornavaõ o ſeu eſpirito, e a ſua capacidade, bem conhecida por todos os Monges, o fizeraõ digno da profiſſaõ Religioſa. Pouco depois tomou as ultimas Ordens, e havendo celebrado miſſa, entrou a Congregaçaõ a aproveitarſe do ſeu grande preſtimo, e talento; porque já

todos reconheciaõ nelle huma aptidaõ admiravel para merecer ao Santo Habito os mayores creditos. Foi mudado para o Mosteiro de S. Bento da Corte de Lisboa, e havendo-lhe confiado Deos hum grande deposito de sciencia para bem desempenhar o exercicio da Palavra, nelle se escutavaõ as suas vozes com grande gosto, resultando da sua doutrina muita utilidade ás almas. Era sũmamente benigno para todos, e divizando nelle huma brandura, e zelo da Religiaõ, que o faziaõ amavel, estes predicados estimaveis o elevaraõ a occupar muitos empregos, e dignidades, que dezempenhou com distinta satisfaçaõ.

Foi eleito em Prior, e Vigario do Mosteiro de S. Joaõ da Foz, e naõ perseverou neste lugar quanto suspiravaõ os moradores daquelle distrito, aquem edificava com o seu exemplo, e aquem instruhia com a doutrina mais saudavel, porque a Religiaõ o empregou em Procurador Geral na Cidade do Porto; occupaçaõ, em que deu as provas mais evidentes do seu merecimento, e actividade, em tratar as dependencias da Ordem. Deste emprego passou ao de Abbade do Mosteiro de S. Maria de Carvoeiro no anno de 1604. e como nesta Dignidade mostrou o especial talento, que Deos lhe dava para o governo economico da Religiaõ, duas vezes o empregou esta no lugar de D. Abbade do Mosteiro do Porto nos annos de 1605. e 1611. Dezempenhou dignamente os lugares de Diffinidor, e Visitador mór da Congregaçaõ, e levado pela maõ do seu merecimento ao emprego mais sublime, a que chegaõ nas Religioens os filhos benemeri-

meritos, tres vezes foi D. Abbade Geral Benedictino nos annos de 1614. 1623. e 1632.

Dotado de huma prudencia ſingular, cuidou em todo o tempo de Prelado em deſempenhar eſte nome, e o de Abbade. Sem faltar ao caſtigo, uzava de ſuavidade em o modo. Naõ faltava ao que pedia a juſtiça, pois nunca deixou aos delinquentes ſem a pena, que mereciaõ; porem naõ ſe eſquecia da miſericordia, lembrado de que a fragilidade humana he inclinada ao mal, deſde o ſeu principio. Prezidia a todos, mais com o exemplo, que com a authoridade. A ſua modeſtia, e affabilidade lhe inſpiravaõ o ſer mais amado, que temido dos ſubditos, como recomenda noſſo Padre S. Bento, aos que ſaõ Prelados. Por eſte motivo o reſpeitavaõ como Pay os que eraõ ſubditos: e da ſua boca naõ ſe ouvia ſe naõ a voz de Filho para todos; termo de que uzava para lhes ſignificar, que os amava como Abbade, que he o meſmo, que Pay.

Cuidou com eſpecial eſtudo em governar ſem perturbaçaõ, nem tumultos, reconhecendo, que a paz, e boa armonia ſaõ os laços, com que ſe prendem os coraçoẽs para viver em perfeita uniaõ, e caridade. Promovia as mais virtudes ſem violencia mais forte, que aquella que imprimia no coraçaõ dos ſubditos o ſeu exemplo, ſabendo que os Paſtores devem exprimir em ſi a fórma, e o modelo, a que attenda, e ſe conforme o ſeu rebanho. Foi eſtremoſamente zelozo do augmento da Religiaõ. O Moſteiro do Porto lhe deveo huma grande parte da ſua magnificencia. Adornou a quinta de Maſſarellos, chamada o Bicalho, pertencente ao dito

Moſ-

Moſteiro, com hum edificio de Cazas, que a fez eſtimavel, e rendoza. No primeiro triennio, em que foi Geral ſe applicou muito em eſtabelecer bens, e rendas, com que podeſſem ſuſtentar-ſe ſem indigencia os Moſteiros, reconhecendo que a obſervancia regular naõ pode conſervar-ſe, ſem que os Monges ſejaõ aſſiſtidos com independencia externa, de cuja falta tem reſultado em muitos a diſtracçaõ, e pouco recolhimento do Clauſtro, em que vivem.

No ſegũdo triennio ordenou com a mayor actividade a ultima perfeiçaõ da Igreja do Collegio de Coimbra, que havendo principiado alguns annos antes, naõ ſe acabaria em muitos, ſe o animo do Rmo. P. naõ ſe intereſſara em dar-lhe o ſuſpirado complemento. Renovou ao meſmo tempo o Moſteiro da Eſtrela em Lisboa, para que ſerviſſe de Collegio, e Caza de eſtudos, como perſeverou até o anno de 1755. em que o fatal terremoto do 1. de Novembro arruinou a mayor parte deſte edificio, lançando muito delle em terra, com perda conſideravel. Meditou com grande zelo dos eſtudos, como ſe educariaõ em hum Collegio Benedictino de Roma algũs Monges deſta Congregaçaõ; e havendo diſpoſto o modo, e eſtabelecido rẽdas para q̃ effectivamẽte foſſem dous aſſiſtir naquella Curia, naõ conſeguio o effeito dezejado, por alguns incidentes, que deſvaneceraõ eſte penſamento.

Continuou com grande empenho as obras do Moſteiro de Lisboa, e levando até a mayor perfeiçaõ, em que ſe vê ainda hoje, eſte nobiliſſimo edificio, paſſou a cuidar no Moſteiro da Villa de Santarem, a que deu a forma, com que perſeve-

rou

rou de Igreja, e dormitorios até o ſobredito anno, e terremoto de 1755. Todos os outros Moſteiros lhe deveraõ incanſavel applicaçaõ, porque naõ ſo cuidava em conſervar-lhes os bens, que poſſuhiaõ, ſe naõ em recuperar os muitos, que andavaõ alienados. Por eſta cauza eraõ frequentes as ſuas conferencias com os Prelados de cada hum delles, inſtruindo a todos na obſervancia da Religiaõ, a que os promovia com a pratica das virtudes, e nos dictames do governo temporal, em que o ſeu zelo o havia formado hum excellente, e pratico economico. Examinou com eſpecial deligencia por ſi meſmo os Cartorios dos Moſteiros, e fazendo averiguaçaõ exacta das rendas, e propriedades, que lhe pertenciaõ, conſeguio a reſtituiçaõ de muitas, que o deſcuido dos antepaſſados haviaõ perdido, por falta de zelo, e actividade em conſervar o patrimonio Benedictino, de que muitos furtivamente ſe utilizavaõ.

No terceiro, e ultimo triennio do Generalato applicou todas as ſuas forças em eſtabelecer a obſervancia. Enviou á Corte de Roma as Conſtituiçoens, com que até o preſente tempo ſe governa eſta Congregaçaõ, e conſeguindo do S. P. Urbano VIII. ſerem examinadas, e viſtas com maduro, e judicioſo conſelho, alcançou a approvaçaõ de todas, e a confirmaçaõ de muitas, que naõ ſo conſervaõ a Congregaçaõ na obſervancia, que profeſſa, ſegundo a Regra de S. Bento, ſe naõ que evitaõ as deſordens, a que conduzem as paixoens humanas, quando naõ há Leys, e penas, que ſabia, e poderoſamente cohibaõ os exceſſos, que

nas

nas republicas religiosas devem extirpar-se até as ultimas raizes.

Havendo governado com tanto accordo, prudencia, zelo, religiaõ, e caridade esta Congregaçaõ, intentou no fim do terceiro triennio deixar o Mosteiro de Tibaens, para que o Rmo. P. Fr. Manoel da Cruz, aquem escolhera por sucessor, governasse independente do seu arbitrio; porem naõ consentindo este na auzencia do Rmo. P. por julgar a sua prezença summamente necessaria naquelle Mosteiro, nelle viveo o tempo, que lhe restou a vida. A sua assistẽcia naquella Caza servia de utilidade grãde ao bem da Cõgregaçaõ. O Rmo. actual discretamente se instruhia nas maximas de governo, em que o Rmo. P. Fr. Antonio dos Reys era o mais perito. Os Monges aprendiaõ nas suas heroicas acçoens os documentos mais saudaveis para a satisfaçaõ das obrigaçoẽs religiosas.

Chegou porem o tempo em que havia receber o premio de seus trabalhos, e visitando-o Deos com huma molestia, que lhe durou alguns mezes, foi esta de melancolia taõ profunda, que o fazia buscar o retiro com o mayor cuidado, e deligencia, fugindo de ver, e tratar qualquer pessoa, ainda as da sua especial amizade. Naõ foi possivel divertir-lhe os pensamentos tristes, e melancolicos, a que se entregava, por cauza da sua molestia, e sobrevindo a esta huma febre, que o mortificou alguns dias, se dispoz com os Sacramentos para conseguir a felicidade eterna. Contava mais de setenta annos de idade, e dezejando todos, que a sua duraçaõ fosse mais dilatada, o pezo dos an-

nos

nos, a continuaçaõ dos trabalhos, os exercicios da penitencia lhe extinguiraõ o espirito, para que fosse comum despojo da mortalidade no dia 6. de Fevereiro de 1637. Seu corpo foi sepultado na Sacristia do Mosteiro de Tibaens, onde as veneraveis cinzas descançaõ, esperando o grande dia, em que o seu espirito as ha de assumir para com ellas gosar o premio, que a nossa piedade confia estará gosando já na eternidade.

ELOGIO XI.

DO R.mo P.Fr. MAURO DE SANTIAGO, *XIV. Geral Benedictino.*

NA vida deste Rmo. Prelado naõ se pode dilatar muito a minha penna, porque a falta de noticias, que temos das suas acçoẽs, faz com que seja brevissimo o seu Elogio. Nasceo em Villa do Conde de honrados pays; e tendo merecimẽto, e qualidades, que o faziaõ digno de ser admitido ao nosso habito, recebeo este aos 13. de Abril de 1583. em o Mosteiro de Sãto Thyrso, por merce do Rmo. P. Fr. Placido de Villalobos. Foi sempre Monge de exemplar observãcia, e muito zelozo do culto divino, como escreve o Rmo. P. M. Fr. Leaõ de Santo Thomás. Por este motivo o elegeraõ Abbade do Mosteiro de Paço de Souza no anno de 1611. e dando a este lugar a satisfaçaõ, que esperavaõ todos; no Capitulo Geral de 1617. foi eleito em D. Abbade Geral da Congregaçaõ. Deu com o mayor acerto grandes providencias para que os bens da Religiaõ naõ estivessem sugeitos á ultima destruiçaõ, que os ameaçava. Foi muito advertido nas eleiçoẽs, que fazia de sugeitos para satisfazer os empregos, em que os occupava. Nas suas resoluçoẽs attendeo sempre com prudencia o pezo da condiçaõ humana, e a fragilidade dos mortaes, para que naõ fosse intoleravel o jugo das obrigaçoẽs, a que os sugeitava a obediencia. Poz em ordem as Constituiçoẽs desta

Cõ-

Cõgregação; e para a Provincia do Brazil reformou as Diffiniçoẽs, que julgoũ mais importantes, e necessarias.

Dezejou efficazmente dilatar a Fé pela conversaõ dos Gentios, mandando Religiosos a esta grande empreza, que premeditou executar no estado do Maranhaõ; porem faltando licença del-Rey Felipe III. e tambem o seu governo mais dilatado para ter effeito hum pensamento taõ nobre, quanto pio, naõ teve o gosto de ver em execuçaõ este admiravel projecto. Teve porem a gloria de concluir outro de grande utilidade para a Congregaçaõ; porque remio huma pensaõ onerosa de sete centos mil reis, que o Mosteiro de S. Thyrso pagava todos os annos ao Cardeal Farnezio, com a gravissima obrigaçaõ de os mãdar entregar na Corte de Roma. Defendeo as regalias dos seus Mosteiros com a mayor actividade, e zelo. No governo espiritual, e temporal mostrou vigilancia, e cuidado de Monge o mais observãte, e de Prelado o mais sollicito. Estas qualidades excellentes o fizeraõ taõ estimavel, que no anno de 1623. o elegeraõ em D. Abbade do Mosteiro de S. Bento de Lisboa, q̃ elle aceitou mais por obedecer, que por se agradar. Acabou felizmente este governo, e dezejando viver em retiro, e livre de cuidados, se recolheo ao Mosteiro de Palme. Porem naõ lhe durou ali muito a vida, porque no seguinte anno de 1627. faleceo aos 10. do mez de Fevereiro. Seu corpo jaz sepultado na Capella mór do dito Mosteiro, em que descança.

ELOGIO XII.

DO R.mo P. Fr. MANCIO DA CRUZ, *XV. Geral Benedictino.*

NA augusta Cidade de Braga vio a primeira luz da vida o Rmo. P. de quem escrevo agora a memoria. Instruido nos rudimentos da latinidade, em que excedeo muito aos seus contemporaneos, o inclinaraõ seus virtuosos pays ao estado religioso; e conseguindo felizmente ser admittido ao nosso Santo Habito, deu em o noviciado excellentes provas da sua vocaçaõ. Mostrou desde aquelle tempo claros indicios das virtudes, em que depois havia florecer; e sendo promovido aos estudos, foi grande investigador da Theologia, tanto escolastica, como positiva. Foi Pregador de muita aceitaçaõ, e consumindo no exercicio do pulpito huma grande parte de seus dias, foraõ excellentes os frutos, que recolheo deste laborioso, e santo emprego. O tempo, que lhe restava das obrigaçoens religiosas, gastava em continua liçaõ dos Santos Padres, e dezejando instruir aos mais com os documentos, que bebia em fontes taõ saudaveis, compoz varias obras, que se conservaõ manuscriptas na livraria do Mosteiro de Tibaẽs, naõ vendo a luz publica, mais que huma dellas, que se imprimio em Coimbra no anno de 1621. Foi esta, a que intitulou: *Espelho espiritual de Noviços* que dividio em quatro partes. A primeira, he huma Instru-

Instrução para bem se confessarem. A segunda, hũa ponderação, e attenção, com que devem ler, e ouvir os preceitos da Regra. A terceira das tentaçoens, que costumaõ ter. A quarta das que tem cõtra as leys, e estatutos da Religiaõ.

Querendo com esta excellente obra ensinar os dictames da virtude aos que buscaõ a Religiaõ, naõ se interessou menos em instruir os Religiosos. Compoz com profundo juizo, e muito trabalho, onze volumes, a que deu por titulo *Torre de David* e comprehendeo nelles varias materias escolasticas, escripturarias, e concionatorias, que podem ministrar grande auxilio aos que buscaõ nas divinas letras autoridades poderosas para estabelecer os dogmas da Religiaõ, e a pureza dos costumes. Desta estimavel colleçaõ, por descuido dos homens, ou injuria dos tempos, naõ se achaõ na livraria de Tibaens mais que sete volumes; o 3. 4. 5. e 6. fazem huma perda consideravel. Para levar em fim ao Ceo todas as creaturas, compoz o Rmo. P. hum tratado, que intitulou: *Escada para subir a Deos, composta de quinze degráos*: obra, em que singularmente resplandece o seu espirito, pela excellencia, com que trata a theologia mystica.

Sendo o merecimento deste grande Varaõ bem conhecido, porque as suas virtudes o faziaõ recomendavel para os mayores empregos, muitas vezes o escolheo a Congregaçaõ, para que nos lugares mais distintos lhe conciliasse mais avultados creditos. Foi Provincial desta Religiaõ no Estado do Brazil, eleito na Junta de 22. de Junho de 1595. e fazendo com que a dita Provincia se conservasse na obser-

obſervancia regular, em que ainda florece, immortalizou o ſeu nome pela affabilidade, prudencia, e zelo, com que lhe preſidio em tres annos.

Recolhido ao Reyno foi eleito em Abbade do Collegio de Coimbra no anno de 1614. No de 1617. occupou o emprego de Diffinidor, e merecendo neſte, e nos mais lugares, que teve, ſubir ao ſupremo da Congregaçaõ, no anno de 1620. foi eleito em D. Abbade Geral com goſto univerſal de todos os Monges. Occupando o Rmo. P. digniſſimamente eſte emprego, naõ teve a Congregaçaõ a fortuna de ver as felicidades, que lhe prognoſticavaõ as ſuas ſingulares diſpoſiçoens. Apenas enchia hum anno de governo, quando lhe faltou a vida, merecedora de mais dilatada duraçaõ. Eſtava em Oraçaõ, e diſpondo-ſe para celebrar o Santo Sacrificio da miſſa no dia 3. de Mayo de 1621. quando hum accidente mortal o lançou por terra na Sacriſtia, em que ſe achava. Acudiraõ os Mõges, e conduzindo nos braços o eſtimavel pay, aquem amavaõ de coraçaõ, convocaraõ ſem demora da Cidade de Braga os profeſſores da medicina mais peritos. Cuidáraõ eſtes no remedio mais conveniente a hum accometimento taõ maligno; mas naõ havendo lugar de applicalo, porque ſobreveyo novo accidente, nos braços de ſeus ſubditos, que choravaõ inconſolaveis a ſua perda, rendeo ao Senhor o eſpirito, deixando a todos a conſolaçaõ moral, de que as ſuas virtudes, por ſerem grandes, lhe conſeguiriaõ huma imortalidade glorioſa. Seu corpo foi ſepultado em o lanço do Clauſtro, junto da Igreja do Moſteiro de Tibaens, em que faleceo, e neſte lugar deſcançou até 29. de

Abril

Abril de 1752. dia em que trasladou ſeus Oſſos para a Capella mór do dito Moſteiro, o Rmo. P. M. Fr. Joaõ Baptiſta no ſegundo triennio, em que foi Geral deſta Congregaçaõ, como elegantemente affirma o Epitaphio da meſma ſepultura, que he o ſeguinte.

Tranſtulit huc cineres Manci Baptiſta Joannes;
Doctrinâ hi ſimiles; integritate pares.
Ille Caput meruit ſemel eſſe, bis Ordinis iſte;
Ille probus, Sapiens, doctor & iſte pius.
Jure igitur Sapiens cineres Sapientis honorat,
Quáque poteſt tantum ſuſcitat iſte virum.

Trata deſte Rmo. P. a Bened. Luſit. tom. 1. pag. 396. Biblioth. Luſit. tom. 3. pag.

ELO-

ELOGIO XIII.

DO R.mo P, Fr. MARTINHO DA APREZENTAÇAÕ.

XVI. Geral Benedictino.

ESTE he o primeiro filho, que a nobre, e antiga Villa de Guimaraens, deu a esta Congregaçaõ para occupar o lugar de D. Abbade Geral della. Nasceo aos 28. de Outubro de 1561. recebendo na pia baptismal o nome de Simaõ, em memoria do Apostolo, em cujo dia veyo ao mundo. Seus pays eraõ muito nobres, e aparentados com familias illustres deste Reyno, o que naõ so mostra o appelido de Guimaroens, de que uzava, se naõ tambem a nobreza, que ainda conserva a familia da quinta junto a Guimaraẽs chamada Lamelas.

Por auzencia de seu pay Lourenço Golias de Guimaroens, aquem o Rey destinou para a cobrança de algumas rendas da fazenda real no Estado do Brazil, ficou Simaõ Golias de Guimaroẽs entregue ao cuidado de hum tio seu Ambrozio Vaz Golias. Cuidou este na educaçaõ de seu sobrinho com disvelo; e sendo a nobreza do sangue, quem animava o seu espirito, se reconhecia na florente idade de desoito annos ser hum dos mais esforçados Cavalheros da mesma Villa. Foraõ provas do seu valor, e animo dous lances arriscados, em que o empenhou a sua honra. Hum na Villa. de Guimaraẽs, onde se defendeo, com a espada na maõ, de hum partido de

de Castelhanos, que ali se achavaõ de prezidio causando em muitos hum grande estrago, ao ver-se ultrajado de hum Alferes do mesmo presidio: outro na Cidade da Bahia, onde castigou com muitas feridas o pouco respeito, com que os criados do Governador o trataraõ em certa occaziaõ. A que teve de ir áquella Cidade originou-se de querer persuadir a seu pay voltasse á sua patria, e caza, de que sem haver ja precizaõ, vivia auzente; mas vendo, que as suas vozes naõ produziaõ effeito, elle se recolheo ao Reyno.

Servio ao Rey no estado de Soldado quatro annos, embarcando-se em algumas Armadas. O tempo, que lhe restava deste exercicio residia na Cidade de Coimbra, em companhia de huns Primos, que seguiaõ a Universidade. Naõ foi porem a liberdade militar bastante a inficionar-lhe o coraçaõ com os vicios; porque naõ perdendo de vista as obrigaçoẽs de catholico, e de nobre, cuidou em que a gentil prezença, a candura de genio, o incentivo do sangue, e o exercicio do Campo, naõ lhe servissem de embaraço para caminhar aos precipicios, a que ordinariamente se arrojaõ os que seguem na adolescencia aquella vida. Padeceo naquelle tempo huma queixa gravissima de accidentes quotidianos, e como nos remedios humanos naõ achou alivio, buscou o divino por intercessaõ de S. Gonçalo de Amarante, aquem visitou muitas vezes na sua Caza. Conseguio, estando no meyo de hum fatal accidente, a certeza da sua melhora, e levantando-se da cama vigorozo, testificou lhe apparecera o Santo, segurando-lhe, naõ teria mais repetiçaõ da dita quei-

za. Foi ao Convento de S. Domingos de Guimaraēs, onde mandou cantar *Te Deum laudamus* em acçaõ de graças; e partindo no ſeguinte dia para Amarante, naõ ſo a pé, ſe naõ deſcalço, a cumprir huma novena, e varios votos, ali fez autenticar eſte milagre do Santo, alcançando da ſua poderoſa interceſſaõ, naõ lhe repetir mais na ſua vida aquella moleſtia.

Por haver convalecido della, e ver-ſe reſtituido à ſaude conſtante, ſe reſolveu a deixar o mundo para ſervir a Deos em o Clauſtro. Penetrado deſte nobre ſentimento eſtãdo em Lisboa, pedio ao Rmo. P. Geral Fr. Placido de Villalobos o Santo habito, e havendo eſte examinado a ſua vocaçaõ, lhe concedeo o que ſuſpirava, permittindo-lhe que noviciaſſe em hum dos Moſteiros do Minho, que mais lhe agradaſſe. Partio da Corte para a Provincia, e intentando recolher-ſe no Moſteiro de Pombeyro, naõ o executou por entender, que o pouco numero de Monges, que por aquelle tempo havia na dita Caza, naõ podia ſuſtentar o pezo da obſervancia, que elle dezejava encontrar. Buſcou para eſte fim o Moſteiro de Tibaens, e pedindo nelle o habito, conſeguio ſe lhe veſtiſſe a 21. de Novembro de 1586. tendo de idade 25. annos. Mudou entaõ o nome de Simaõ em Martinho, em obſequio do Santo Biſpo, Padroeiro da quella Caza, e em memoria do dia tomou a Aprezentaçaõ por ſobrenome, ainda que o da ſua familia foi o que mais prevaleceo, pois a Congregaçaõ o appelidou ſempre com o nome de Fr. Martinho Golias.

Começou o noviciado com hum eſpirito taõ grãde

de de penitencia, que naõ se contentando com as mortificaçoẽs, e asperezas, que a Religiaõ prescreve, castigava o corpo, tendo licença de seu mestre, com disciplinas, que o banhavaõ em sangue. Uzava de cilicios, e instromentos, que o affligissem com tal excesso, que foi precizo mandar-lhe por obediencia, mitigasse o rigor daquella vida. Servia de estimulo, e exemplar aos mais Noviços, mostrando em todas as acçoẽs, que praticava, que os pensamentos, em que meditava, eraõ agora tanto mais nobres, e excellentes, quanto vay de servir a Deos na Religiaõ, ou o servir ao Rey em a campanha.

Acabado o noviciado, e conhecida a sua capacidade, o nomearaõ Procurador do Mosteiro de Renduffe, ainda antes de ser Sacerdote. Passou ao Mosteiro de Pombeyro, e nelle disse missa nova, sendo D. Abbade o P. Fr. Bento do Salvador. Nesta Caza foi secretario, e interprete do Rmo. P. Fr. Sebastiaõ de Villoslada; pois vindo a este Reyno por ordem do Rey Felipe Prudente, e do Cardeal Alberto, visitar esta Congregaçaõ, tomou por secretario este Monge, naõ so para intelligencia da lingua Portugueza, que entendia pouco, se naõ porque reconheceu nelle hum distinto merecimento; o que bem confirmou, ja rogando-o para que passasse com elle a Castella; já deixando-o muito recomendado nesta Congregaçaõ, quando se auzentou deste Reyno.

Por estes merecimentos se fez digno o Rmo. P. de que no anno de 1593. o escolhessem para Secretario do Rmo. Fr. Antonio da Silva, o qual reconhecendo o seu talento descançou inteiramente no

ſeu cuidado , moſtrando a experiencia , naõ ſe enganara, pois ſatisfazia ao emprego com hum deſembaraço o mais notavel na expediçaõ dos negocios. O mais importante , e conſideravel , que trabalhou, e conſeguio foi a poſſe do Moſteiro de Cabanas ; pois tendo a Religiaõ ſentença contra ſi, elle lhe formou embargos , que ſuſtentou com tanta juſtiça, e actividade , indo peſſoalmente á Cidade do Porto, que naõ ſo alcançou o ſerem bem attendidos, ſe naõ o tomar poſſe a Congregaçaõ do dito Moſteiro.

Reſpeitando ao ſeu merecimento o Capitulo Geral de 1599. o diſpenſou , *nemine diſcrepante*, em quatro annos de habito, para ſer eleito em Prelado ; porque conforme as Conſtituiçoẽs daquelle principio da Congregaçaõ , eraõ preciſos deſeſeis annos, naõ tendo elle ainda ſe naõ doze. Foi eleito em Abbade de Renduffe, e de tal modo ſatisfez eſte lugar, que ſe acreditou digno de outros mayores. Promoveo a obſervancia com a voz, e com o exemplo. Tratou aos Monges com amor , e liberalidade. Fez quaſi toda a cerca do Moſteiro; na horta huma fonte , muitas ruas de parreiras , e hum grande pomar. Na Igreja o retabolo da Capella mor , huma grande lampada , e banqueta de caſtiçaes de prata. Na Sacriſtia hum ornamento de damaſco branco ; na torre mandou pôr o ſino principal.

Acabado eſte governo , e ſendo eleito em Biſpo do Porto o Rmo. D. Fr. Gonçalo de Moraes , eſcolheo ao P. Fr. Martinho para ſeu companheiro , e adminiſtrador da ſua Caza , conforme o eſtilo monaſtico. Concedeo o Rmo. P.Fr. Balthazar de Braga, ſendo Geral terceira vez , eſta licença , approvando

muito

muito a escolha. Sahio o Rmo. P. a acompanhar o Senhor Bispo, e formando daquelle Palacio a imagem de huma recoleta, mereceo pela boa direçaõ, que tinha para o governo espiritual, que o dito Prelado o nomeasse Vizitador de todas as Religiosas da sua jurisdiçaõ. Cumprio perfeitamente este lugar; e para melhor direcçaõ das de S. Bento do Porto, e Vairaõ, compoz humas Constituiçoens muito conformes ao seu estado; porque supposto, que naõ era letrado, possuhia entendimento claro, era muito prudente, e bem versado na liçaõ dos livros mais doutos, e espirituaes daquelle seculo, tendo em materia de governo o melhor voto. Naõ tiveraõ porem effeito as ditas Constituiçoẽs, porque o Rmo. P. se vio obrigado, a instancias de seu primo Pedro Alvares Pereira, Secretario, e Conselheiro de Estado, a acompanhalo á Corte de Valladolid, para tratar huma dependencia de muita honra, e credito, na qual facilmente conseguio bom despacho pela actividade, e prudencia do P. Rmo.

Estava elle neste tempo occupado no lugar de Abbade de Paço de Souza, e sendo que custou muito ao Bispo do Porto perder a sua companhia, cedeo della em utilidade da Congregaçaõ. Neste Mosteiro fez obras admiraveis porque achou imperfeitissimas as officinas. Fez caza de refeitorio, cozinha, dous lanços do Claustro, e parte de hum dormitorio. Na Igreja dous altares collateraes, perfeiçoando o retabolo da Capella mòr. Porem o que mais enobrece a sua memoria, he que achando os Ossos do grande D. Egas Moniz, os de sua mulher, e filhos em hũa sepultura ordinaria, e quazi em esquecimento lhe

fez

fez huma trasladaçaõ ſolemne, e publica para a Capella mór, metendo a ſepultura no arco da parede á parte do Evangelho, mandando dourar as figuras de meyo relevo, em que ſe repreſenta a celebre hiſtoria deſte Reyno, de haver ido o meſmo D. Egas Moniz, ſua mulher, e filhos, preſentar-ſe a El-Rey de Caſtella, para ſatisfazer a palavra, que havia dado de q̃ o Senhor D. Affõſo Hẽriques, lhe daria omenagem depois do Cerco de Guimaraẽs, ſobre cuja Villa eſtava, aqual capitulaçaõ naõ quiz obſervar o Principe, como menos decoroſa ao ſeu valor. Fez depois da meſma trasladaçaõ ſumptuozos officios, a q̃ aſſiſtio a Nobreza, e Fidalgos daquella viſinhãça, admirãdo todos eſta acçaõ illuſtre, em q̃ moſtrou a piedade de Religioſo, e a nobreza de eſpirito, que o animava. De tudo formou inſtromentos publicos, que ſe conſervaõ no archivo de Paço de Souza.

Concluido o ſeu governo com muito acerto, foi eleito em Viſitador no anno de 1608. Neſte emprego teve o Rmo. P. varios ſuceſſos, em que moſtrou o ſeu valor, e prudencia. Hum com ſeu intimo amigo o Biſpo D. Fr. Gonçalo, aquem reconciliou com o Rmo. P. Geral Fr. Anſelmo da Conceiçaõ ſobre alguns pontos de juriſdiçaõ, em que eſtavaõ differentes. Outro no Moſteiro de Lisboa, onde com prudencia reduzio a boa armonia as contrariedades de alguns Monges, fomentadas pelo orgulhozo eſpirito de hũ, q̃ depois deixou eſta Cõgregaçaõ, e profeſſou em hũa de Italia. Outro finalmẽte com o Viſitador ſeu companheiro, Monge douto, e letrado; pois querendo eſte eſtabelecer hum ponto de clauſura, ſe oppoz o Rmo. P. e ſendo eſta materia

pro-

proposta ao Collector, e sabendo della o Vice-Rey deste Reyno, e o Inquizidor Geral D. Pedro de Castilho, todos assentaraõ, que a prudencia do Rmo. P. era mais conforme com a razaõ, e justiça, que a determinaçaõ de seu Companheiro, suposto que religioso, e letrado.

No anno de 1611. foi eleito em D. Abbade do Mosteiro de Lisboa, que era o da Estrela. Cuidou muito em dar magestozo principio ao q̃ se edificava de novo, que he o de S. Bento da Saude, e continuando nelle os dormitorios, e mais officinas com hum extraordinario disvelo, nem por isso deixava de augmentar aquelle, a que presidia, tanto no culto da Igreja, como na continuaçaõ das obras. Mandou fazer para recreaçaõ da Cõmunidade a quinta de Sacavem com huma Ermida, em que collocou a imagem de N.P. S. Bento. Deu principio á quinta de Alcacer do Sal, para o augmento da renda do seu Mosteiro. Com a sua religiosa conduta mereceo as estimaçoens dos principaes Fidalgos da Corte, como foraõ o Marquez de Castello Rodrigo, os Condes de Miranda, Attougia, Penaguiaõ, e outros, os quaes naõ so estavaõ pelas decisoẽs do Rmo. P. quando entre elles havia qualquer duvida, se naõ que o escolhiaõ por arbitro de suas consciencias, fazendo do seu talento, e prudencia huma especial veneraçaõ. Acabou com saudade de todos este lugar, e sendo eleito Diffinidor no anno de 1614. se recolheo a viver no Mosteiro de Pombeiro, taõ entregue ao exercicio das virtudes, que frequentava os actos de Cõmunidade sem falencia, nem permittia, que o izentassem de obrigaçaõ alguma.

No

No anno de 1617. foi eleito ſegunda vez em D. Abbade de Lisboa, e ſendo elle o primeiro, que teve rezidẽcia triennal em o Moſteiro novo, foi tambem primeiro em cuidar na ſua perfeiçaõ. Começou eſta pela Igreja, e Sacriſtia, mandando fazer dous ornamentos inteiros de tella; hum branco para os Pontificaes; outro roxo para o tempo de Advento, e Quareſma; dando de eſmola ao Moſteiro de Santarem, outro ornamento antigo, que havia na ſua Caza. Fez duas tocheiras grandes, e dous grandes caſtiçaes de prata para a Igreja. Deu principio ás Confrarias do Santiſſimo Sacramento, e de S. Amaro, que ſe extinguiraõ por falta de fervor, e devoçaõ, e á Irmandade de N. Senhora das Anguſtias, que ainda hoje ſe conſerva com muita veneraçaõ, e piedade. Trouxe ao Clauſtro do Moſteiro agoa, que deſcobrio na cerca, ſendo eſte o unico da Corte, que a teve nativa dentro em ſi meſmo. Reedificou de novo a quinta de Povos; e havendo de collocar em huma Ermida de N. P. S. Bento, que fez na meſma quinta, a ſua Imagem, mandou cantar na Matriz de Villa Franca, pelos noſſos Monges huma Miſſa ſolemne, em que houve Sermaõ, de cujo acto receberaõ os moradores da Villa hum eſpecial goſto, e muita conſolaçaõ.

Teve o Rmo. P. ſingular modo para merecer a eſtimaçaõ, e conceito, que faziaõ delle. Por eſte motivo veneravaõ muitos o noſſo habito, eſpecialmente huma illuſtre Senhora D. Franciſca Telles, que rezolvendo-ſe a deixar os ſeus bens com obrigaçaõ de muitos legados pios, nomeou por teſtamẽteiro, e adminiſtrador delles no tempo, em que

fale-

faleceo; ao Rmo. Abbade, e a ſeus futuros ſucceſſores. Para melhor eſtabelecimento do ſeu reſpeito, e da Religiaõ, valeo muito ao Moſteiro, naõ ſo o merecimento peſſoal deſte Rmo. Prelado, ſe naõ tambem o achar no Dezembargo do Paço dous tios ſeus, Ruy Pires da Veiga, que depois foi Biſpo de Elvas, e o Doutor Sebaſtiaõ Barboza; tendo na Camera da Cidade outros dous parentes os Doutores Gonçalo de Faria de Andrada, e Simaõ do Valle Peixoto, todos ſugeitos, que o eſtimavaõ, tãto pela razaõ do ſangue, como pelo merecimento da peſſoa.

Vindo neſte tempo a eſte Reyno Felipe III. de Caſtella, e II. de Portugal, no mez de Junho de 1619. lhe foi beijar a maõ o Rmo. P. á Villa de Almada. Admirou o Rey a ſua veneravel prezença, e fazendo a honra de dizer á ſua Corte, que o julgava Prelado grave, e diſcreto, confirmou eſte real conceito, dignando-ſe aceitar, e Suas Altezas hũa eſplendida, e delicada merenda, que o Rmo. P. lhes offereceo em o ſeu Moſteiro. Vio S. Mageſtade, e AA. curioſamente todo o edificio, e aceitando o refreſco com o mayor agrado, retribuiraõ em honras, com que trataraõ ao D. Abbade, o animo generozo, com que os obſequiava. Por cauza deſta jornada a Lisboa, que foi a que deu na ſua grandeza ao Rey, hum dia do mayor contentamento, que elle confeſſava haver tido ja mais, hoſpedou o Rmo. P. no ſeu Moſteiro os Biſpos de Vizeu D. Joaõ Manoel, e o de Portalegre D. Lopo de Sequeira. Contemplaraõ ambos a regular obſervancia em que viviaõ os Monges, e vendo que o Prelado era o pri-

V meiro

meiro no exemplo, naõ ceſſavaõ de louvar a ſua regularidade, preſtando-lhe hum reſpeito bem merecido. Ambos o elegeraõ por ſeu confeſſor, em quãto eſtiveraõ naquella Caza, merecendo-lhe a ſua ſaudade huma afeiçaõ taõ pia, que em nenhum tempo perderaõ a ſua correſpondencia, e amizade.

He digno de referir-ſe neſte lugar para louvor da mortificaçaõ, e virtude deſte Rmo. P. que ſendo o applauſo, e ſolemnidade da entrada, que o Rey fez em Lisboa, o mais luzido, e magnifico, que viraõ ja mais as Heſpanhas, e concorrendo a admirar eſta grandeza os Biſpos, e Grandes de todo o Reyno, os Prelados, o noſſo Geral Fr. Mauro de Santiago, e varios Abbades da Provincia do Minho, naõ ſahio do Moſteiro eſte Rmo. P. a ver couza alguma, nem em o dia ſolemne daquella entrada, nem nos antecedentes a ella. O meſmo praticou ſendo D. Abbade do Porto, pois havendo Prociſſoẽs de muito apparato, e grandeza, que paſſavaõ pela meſma rua, ſobre que cahia a ſua janella, nem a eſta chegava no tempo, em que ellas paſſavaõ. O mais he, que propôz comſigo naõ entrar em Guimaraẽs ſua patria, a ver ſeus Irmaons, e parentes, ſendo mui poucas as vezes, que foi a ſuas cazas no tempo de Prelado. Era taõ amigo do retiro, que quazi nunca ſe via fora do ſeu apozento, tendo por unica conſolaçaõ o viver recolhido, tratando ſempre com Deos pelo exercicio da Oraçaõ.

Completo eſte triennio foi eleito no ſeguinte de 1620. em Diffinidor mor: no de 1621. por falecimento do Rmo. Fr. Mancio da Cruz ſubio ao mayor emprego de D. Abbade Geral deſta Religiaõ.

Foraõ

Foraõ neste lugar bem conhecidas as grandes qualidades, que o faziaõ digno delle. A sua prudencia, rectidaõ, justiça, amor, e affabilidade, com que tratava os negocios, e dependencias da Congregaçaõ, e de seus subditos, lhe mereceraõ para com estes hum respeito de verdadeiro Pay, e com os estranhos huma veneraçaõ de Prelado digniſſimo de outros mayores empregos. Ouvia com attençaõ as supplicas de seus Monges, e respondendo ás suas cartas por maõ propria, nem dava occasiaõ a que deixassem de expor-lhe o que era precizo para seu desafogo, nem lhes faltava com a consolaçaõ, em o que era possivel. Foi porem muito constante em naõ differir a empenhos, que se oppunhaõ ao bom governo da Religiaõ, o que bem mostrou na mudança de hum Monge, pois empenhando-se contra ella os que governavaõ o Reyno, e chamando por esta cauza o Rmo. P. a Palacio, elle lhes respondeo com tanta inteireza, que desistiraõ do empenho; acrescentando a isto, que se elles Governadores lhe perturbassem a boa armonia do governo da sua Ordem, buscaria a Corte de Madrid para expôr á Magestade a verdade, e justiça da sua cauza. O mesmo lhe socedeo com o Colletor de Roma, conseguindo que naõ tivessem effeito humas Provizoẽs, que passara em detrimẽto da observancia Religiosa.

Voando a fama da sua brandura, e suavidade por toda a parte, tomaraõ alguns Monges, que se haviaõ auzentado da Ordem, o prudente acordo de a buscar. Recebeo a todos com braços de Pay, que se compadecia dos erros dos filhos prodigos; mas para que o delicto naõ ficasse sem pena, naõ deixou

V 2 de

de os castigar, ainda que com amor. Fez no Mostei- ro de Tibaens admiraveis obras. Enriqueceo a Sacristia de alfayas, como foraõ cinco calices de prata dourados, hum pallio rico, muitas vestimentas de damasco, e outras mais. Fez o Claustro da Igreja, e nelle hum chafariz muito bom, a que conduzio agoa em grande abundancia. No segũdo Claustro fez dous lãços delle, e renovou o chafariz, mãdando fazer no transito de hum para outro Claustro, huma Capella dedicada a S. Amaro. No pateo dos moços mandou fazer outro chafariz, e na horta huma fonte. Fez tambem hum lanço do dormitorio, e nelle huma espaçoza aula para se ler Filozofia no Curso, que abrio de 34. Collegiaes, escolhendo para elle os sugeitos mais dignos, que naõ so desempenharaõ o tempo de seu estudo com aceitaçaõ, se naõ que veneraraõ sempre ao Rmo. P. como bemfeitor, e patrono seu.

Foi muito louvado este Rmo. pelo Cardeal D. Constantino Caetano, Monge nosso, pois escrevendo-lhe elle de Roma a pedir huma ajuda de custo para a grande obra do Collegio Gregoriano, que edificou naquella Curia, o Rmo. P. lhe enviou hũa grossa esmola, pedindo ao Cardeal, que com ella mandasse fazer accomodaçoẽs, em que se recolhessem dous Monges deste Reino, que dezejava fossem estudar no dito Collegio. Com seu favor, e conselho se fez o Santuario do Mosteiro de Lisboa, que hoje se conserva na Sacristia. Deu para elle algum dinheiro, e a primeira vez, que se mostrou ao publico, que foi nas outavas do Natal de 1623. houve Lausperenne com excellente musica, e Sermoẽs de

ma-

manhaã, e de tarde, acudindo innumeravel povo.

Acabando de Geral no anno de 1623. se retirou ao Mosteiro de Ganfey, para se empregar com mais socego nos exercicios espirituaes; porem como a gota artetica, que padecia, o opprimio muito, houve de mudar de sitio por conselho dos medicos. Mudou-se para o Mosteiro de Pombeiro, e naõ tendo naquella Caza mais conversaçaõ, que com Deos, servia de exemplar, e modelo de observancia a todos os Monges. No anno de 1626. o elegeraõ em Abbade do Mosteiro do Porto, e sendo que se escuzou com a mayor efficacia, que lhe foi possivel, cedeo ás instancias vehementes, que lhe fizeraõ, por utilidade da Congregaçaõ. Conciliou neste lugar, como em os mais, a veneraçaõ de todos. Os Condes Governador, e Camereiro mór o tratavaõ familiarmente; e em certas controversias, que tiveraõ, o elegeraõ arbitro, resultando da sua prudencia, e razoẽs o reconciliarem-se com amizade mais estreita, e com mais constante armonia. Era confessor de suas esposas, e confiaraõ ambas tanto nas oraçoens do Rmo. P. que lhe pediraõ, rogasse a Deos lhe desse filhos. Em breve tempo viraõ completo o seu dezejo, concedendo Deos a cada huma destas Senhoras filho varaõ. A de Penaguiaõ em agradecimento offereceo a N. Senhora do Desterro huma grande Lampada de prata; a de Miranda huma formosa casoula de prata á mesma Senhora. Em fim, a veneraçaõ destas fidalgas era a mais distinta para com o Rmo. Prelado, especialmente desde o tempo, em que huma filha da Condessa de Penaguiaõ experimentou melhoras de humas sezoens rebeldes, cujo

favor

favor se attribuhio ás visitas, que lhe fez, e oraçoẽs, que por ella offereceo o Rmo. D. Abbade.

Neste Mosteiro fez menos obras, por serem limitadas as suas rendas; mas com tudo mandou fazer cinco Calices de prata dourados, e dous sinos de bastante grandeza. No anno de 1629. o elegeo o Capitulo Geral em Diffinidor mór; e recolhendo-se ao Mosteiro de Pombeyro, nelle mandou fazer á sua custa huma custodia de muito preço para o Santissimo. Estreitou nesta Caza com mais aperto a sua recluzaõ voluntaria, pois naõ sahia do seu apozento, entregue todo a Deos nos exercicios santos de Oraçaõ mental, e liçaõ. Nestas occupaçoẽs pias se achava o Rmo. P. quando no mez de Agosto de 1630. o accometeu hum accidente de parlezia. Acudiraõ-lhe os professores da medicina com remedios terminantes, e recebendo por beneficio delles grande alivio, assim passou até o mez de Outubro. Neste lhe repetio a molestia mais fortemente. Fez-lhe leza toda huma parte, e perturbou-lhe a falla de tal sorte, que naõ pronunciava couza alguma com distinçaõ. Como lhe foi possivel, e no discurso de seis mezes, que durou na enfermidade, se confessou geralmente, pedio perdaõ publico das suas faltas, e desapropriou-se de tudo nas maõs do Prelado. Cõmungou muitas vezes neste tempo, com grandes signaes de arrependimento, e havendo recebido, por modo de Viatico, dous dias antes da sua morte, o Sacramẽto, lhe deo terceiro accidente, em que esteve dous dias. Finalmente espirou a 4. de Abril de 1631. tendo de idade 70. annos. menos 7. mezes, e de habito 45. Jaz sepultado no cruzeiro da Igreja de Pombeiro.

Era

Era eſte Rmo. P. dotado de huma caridade ſingular, e muito eſmoler. Applicava quotidianamente meya porçaõ do ſeu ſuſtento para os pobres. Veſtia a alguns com o que conſervava do ſeu uzo. Sabendo em huma occaziaõ, que huma noviça de certo Moſteiro do Minho ſe demorava profeſſar por falta de vinte mil reis, lhos mãdou dar com o mayor ſegredo. Outras vezes deu a algumas donzelas, para ajuda de ſeus dotes, dez, ou vinte mil reis; em fim, nunca ſe negou a conceder eſmola, que ſe lhe pediſſe. Teve rara modeſtia nas palavras, e converſaçoẽs, evitando neſtas toda a murmuraçaõ com o mayor cuidado. Era muito amante da penitencia, mortificado, e auſtero comſigo meſmo, uzando, em quanto naõ foi doente, de camizas de eſtamenha. Affavel, e cortez com as peſſoas, que tratava; liberal com os ſubditos, e de animo generozo para ſervir a todos; merecendo com eſtas, e outras virtudes, que o eſtimaſſem como Varaõ excellente, e que ſentiſſem a ſua falta, penetrando-ſe na ſua morte daquelles effeitos, que coſtuma gerar em os coraçoens obrigados huma bem merecida ſaudade.

ELO-

ELOGIO XIV.

DO R.mo P. M. D. Fr. GREGORIO DAS CHAGAS.

XVIII. Geral Benedictino.

O Descuido, que tiveraõ os nossos antepassados em escrever as acçoens dos seus Mayores, he cauza, como ja deixo põderado em outros Elogios, de naõ formar a alguns, o que merecem as suas virtudes, e letras. Este he o motivo porque tratando do Rmo. P. M. Doutor Fr. Gregorio das Chagas serei menos extenso do que pede a sua memoria, que por tradiçaõ sabemos ser muito recomendavel para a nossa lembrança.

Nasceo em a Corte de Lisboa, como escreve o Rmo. P. M. Fr. Leaõ de Santo Thomás, e entrando na Congregaçaõ Benedictina logo nos principios da sua Reforma, foi hum dos filhos mais benemeritos, que a illustraraõ. Era Religioso summamente observante do Instituto, que professava, e resplandecia nelle hum espirito de religiaõ taõ fervoroso, que com o seu exemplo animava a todos a desempenharem as obrigaçoens do seu estado. Praticou sempre vida mortificada, e penitente, e o seu zelo pelo augmento da Congregaçaõ, e perfeiçaõ do culto divino foi taõ distinto, que o obrigou a compor o primeiro Breviario Benedictino, que teve esta Congregaçaõ, e vio a luz publica no anno de 1606. Foi amantissimo da pobreza, e taõ exacto na observancia

cia defte voto, que fem expreffa licença dos Prelados naõ difpunha couza alguma, do que pertencia ao feu uzo, deixando de valer-fe, para obrar de outro modo, daquellas licenças, que ordinariamẽte fe concedem aos Monges, aquem qualifica o feu merecimento, e o feu caracter.

Sendo refpeitavel pelas virtudes, naõ era menos pelas letras. Naõ houve na Univerfidade de Coimbra em que era Doutor graduado, quem o excedeffe em autoridade no feu tempo. Por merce particular del-Rey entrou na Junta de Reformaçaõ, que fez o Reytor D. Francifco de Menezes; e fendo efte elevado á Dignidade Epifcopal de Leiria, foi o P. M. Fr. Gregorio das Chagas eleito Vice-Reytor, por acclamaçaõ de toda a Univerfidade. Exerceo efte emprego com grande prudencia, e inteireza, lendo muitos annos a cadeira pequena de Efcriptura, que levou por votos dos eftudantes, fendo oppozitor a ella com o Doutor Gabriel da Cofta, Collegial de S. Pedro, em tempo do Reytor D. Fernando Martins Mafcarenhas, que depois foi Bifpo do Algarve, e Inquifidor Geral. Efperava oppor-fe á cadeira grãde, em que jubilou o P.M. F. Luiz do Efpirito Sãto; mas como o Rey a concedeo ao Doutor Gabriel da Cofta, deixou o Rmo. P. a Univerfidade, e fe retirou á Provincia do Minho. Efteve nella algũs annos, como o novo Reytor D. Joaõ Coutinho, Bifpo que foi de Lamego, e Arcebifpo de Evora, o chamou para a Univerfidade, vagando a cadeira grande de Efcriptura, por fer provido em Conego Magiftral de Lisboa o Doutor Gabriel da Cofta, fez El-Rey merce ao Rmo. P. da mefma Cadeira, que

 teve

teve ſete , ou oito annos , ſubindo depois á Cadeira de Prima , em cujos exercicios completou vinte annos de Lente. Eſcreveo algũs livros que naõ chegaraõ a imprimir-ſe por lhe faltar a ultima lima de ſeu autor. Os tratados porem que dictou na Univerſida ſobre o Profeta Habacuc , e ſobre as Viſoens de Iſaias , e S. Paulo, ſaõ huns monumentos conſtantes da ſua piedade , e erudiçaõ. Foi inſigne eſcripturario ; e excellente eſpeculativo; predicados, que o faziaõ attendivel dos mayores homens do noſſo Reyno, que naõ duvidavaõ conſultalo em materias de grande ponderaçaõ. O Senhor Biſpo do Porto , D. Fr. Gonçalo de Moraes, dequem tratei ja em outro Elogio , conſervava hum livro de pareceres , e conſultas do Rmo. P. com muita eſtimaçaõ.

Havendo inſtruido muitos diſcipulos neſta Congregaçaõ, por ſer o primeiro , que leo Artes depois da Reforma ; e havendo merecido na Univerſidade de Coimbra os mayores applauzos , ſendo o primeiro Doutor , que tivemos nella , quizeraõ os mais intereſſados no augmento da Religiaõ, que o exemplo deſte grande Monge ſerviſſe de brilhante luz em diverſos lugares. Deraõ-lhe o de Abbade do Collegio de Coimbra no anno de 1596. o de Abbade do Porto em 1602. e outra vez o de Abbade de Coimbra em 1608. Satisfez eſtes empregos com tãto eſplendor, e credito, que ſervindo-lhe como de degraós para o mais ſublime , o ellegeraõ em D. Abbade Geral da Congregaçaõ no anno de 1626. Naõ o acompanhou a vida mais que anno , e meyo neſte lugar ; mas baſtou eſte pouco tempo para conhecerem todos, que a ſua capacidade era taõ gran-

de

de para o governo domeſtico de ſeus ſubditos, quã-
to havia ſido o ſeu talento para a direçaõ de innu-
meraveis diſcipulos. Todos perceberaõ, que no
Rmo. P. havia Deos formado hum Varaõ, capaz de
inſpirar as letras, e virtudes aos que ſeguiaõ as vo-
zes da ſua doutrina, e magiſterio.

Sendo porem inconſtantes as felicidades deſte ſe-
culo, no meyo de ſua mayor conſolaçaõ experimẽ-
taraõ os filhos deſte amavel Pay, o mais ſenſivel
golpe. Faltou o tempo de admirar as ſingulares ac-
çoens deſte grande Prelado, porque a eſte faltou a
vida. Enfermou no mez de Outubro de 1627. e
agravando-ſe a moleſtia, ſem que os profeſſores da
medicina acertaſſem com os remedios terminantes
para atalhar os ſeus paſſos, em breves dias multi-
plicou ella as ſuas forças, e rendeo aquelle nobre eſ-
pirito. Faleceo aos 31. daquelle mez, e anno em o
Moſteiro de S. Bento da Victoria do Porto, onde ſe
lhe deo ſepultura diante do altar de N. Senhora.

ELOGIO XV.

DO R.mo P. M. D. Fr. LEAÕ DE SANTO THOMA'S.

XIX. e XXIII. Geral Benedictino.

NA antiga, e celèbre Cidade de Coimbra nasceo de honrados pays o Rmo. P. dequem fallo agora. Desde a tenra idade se applicou ao estudo da gramatica, e rethorica, em que excedeo com grande vantagem aos de seu tempo; e porque do berço parece se encaminhava ja a servir a Deos, teve nos primeiros annos hum Beneficio na Igreja do Salvador, de que era Paroco hum tio seu. Buscado de algumas Religioẽs, pelo conhecimento, que tinhaõ do seu talento, e capacidade, a todas preferio a nossa. Conseguio o ingresso por merce do Rmo. P. Fr. Balthazar de Braga no 1. triennio, em que foi Geral, e recebeo o habito no Mosteiro de S. Thyrso aos 7. de Março de 1590. dia do Angelico Doutor S, Thomás, em cujo obsequio tomou o sobrenome. Foi a sua vocaçaõ taõ singular, que para naõ encontrar embaraço, que a divertisse, nem a sua propria may revelou o intento, com que estava, de abraçar a vida Religiosa. So teve noticia do estado, em que estava seu filho, quando este noviciava ja no Mosteiro de S. Thyrso. A saudade, e o amor a obrigaraõ a fazer jornada áquelle Mosteiro, e rogando ao D. Abbade o P. Fr. Luiz do Espirito Santo lhe restituisse seu filho, obrigado das suas inces-

santes

ſantes lagrimas o Prelado, trouxe á prezença della o meſmo filho. Ordenou-lhe declaraſſe alli a ſua võtade, e como eſta era conſtante de ſervir a Deos naquelle eſtado, reſpondeo: que ja era, e havia ſer filho de S. Bento, antepondo neſta ratificaçaõ da ſua vontade, a vocaçaõ de Deos aos rogos de ſua may, dequem ſe apartou quazi ſem a ver. Naquelle anno, e nos exercicios de coriſta deu excellentes provas da ſua piedade, e religiaõ. Paſſou aos eſtudos de Filoſofia, e Theologia, e moſtrou taõ admiravel engenho, que o famoſo Soares Granatenſe, Lente de Prima na Univerſidade de Coimbra, lhe chamava por antonomazia o ſeu Diſcipulo, favor, a que elle ſe moſtrou ſempre agradecido, ja ſeguindo as ſuas ſentenças com o mayor reſpeito, ja citando-o nas ſuas poſtillas, diſputas, e mais eſcritos com o honroſo titulo de ſeu Meſtre.

Acabados os eſtudos leo Filoſofia no Moſteiro de Travanca, e depois Theologia no Collegio de Coimbra. Paſſados alguns annos recebeo o graó de Doutor, ſendo elle o ſegundo Monge deſta Cõgregaçaõ, que ſe graduou depois da Reforma, porque o primeiro foi o Rmo. P. M. Fr. Gregorio das Chagas. No anno de 1613. vagou a cadeira de Gabriel, e oppondo-ſe a ella com o P. M. Fr. Manoel de Lacerda, Auguſtiniano, levou a cadeira por votos dos Eſtudantes, e tomou poſſe della a 3. de Junho do meſmo anno. Foi grande o applauzo da Univerſidade; mas aggravando o ſeu Oppozitor para a Meza da Conciencia com huma prova inſufficiente, originada de hum erro do Secretario, intentando moſtrar, que o Rmo. P. entrara em caza do Secre-
tario

tario em hum dos dias da oppoziçaõ, soffreo com animo generozo, ser desbulhado da posse da mesma cadeira, que se conferio a seu Oppozitor, naõ obstante a confissaõ do mesmo Secretario no Conselho da Universidade, e a prova de vinte testemunhas, que a favor do P.M.Fr. Leaõ abonavaõ o contrario.

Premiou Deos a sua paciencia, e conformidade em breves dias; porque subindo seu Oppozitor á cadeira de Durando, elle occupou a de Gabriel. Leo nella mais de vinte annos; e passando á de Durando, attendido o seu merecimento, o igualou El-Rey em privilegios, e renda á de Prima. Naõ percebia a renda, por se achar a Universidade gravada de empenho; presidia com tudo aos actos, verificando-se nelles a merce dos privilegios. Sobio á Cadeira de Escoto por favor del-Rey D. Joaõ IV. pouco depois á de Vespera, e ultimamente á de Prima de que tomou posse em 11. de Abril de 1648. Vespera de Pascoa, sendo este dia o mesmo, em que se cometeo o erro, por cujo motivo lhe tiraraõ em outro tempo a cadeira de Gabriel; circunstancia a que elle attendeo no acto da posse principiando a fallar com aquellas palavras de S. Paulo: *O'altitudo divitiarum Sapientiæ, & Scientiæ Dei.*

Enchendo trinta, e oito annos no exercicio destas cadeiras, fez celebre o seu nome na Universidade, e no Reyno. Admiravaõ todos as luzes de seu entendimento na exposiçaõ, e clareza de sua doutrina. De todas as partes se buscavaõ as suas postillas com a mayor deligencia. Porem naõ se limitava so no exercicio da especulaçaõ o seu talento. Elle se fez bem recomendavel na interpretaçaõ das Escripturas.

Por

Por isso ainda hoje se respeitaõ os dous Tratados sôbre a Peregrinaçaõ de Jacob, e Vestes Sacerdotaes de Araõ, que elle ditou quando substituia a cadeira de Escriptura. Nelles se admira a exposiçaõ literal, solidamẽte corroborada com a doutrina dos SS. PP. em que era muito versado, e huma serie de conceitos taõ elevados, que o exaltaõ sobre os mayores engenhos da sua idade. Era igualmente sublime quãdo discurria nos pulpitos; ornado de magestade, e delicadeza quando orava na Universidade, ou conferia o graó aos doutorandos. Substituhio muitas vezes por auzencia do Reytor da Universidade, este honorifico emprego; e no Conselho foi eleito em Vice-Reytor, lugar a que deu satisfaçaõ no espaço de hum anno com respeitavel prudencia, e suma inteireza.

Sendo estes os premios, que mereceo á Universidade pelas suas letras, naõ mereceo menos á Congregaçaõ pelas suas virtudes. No anno de 1620. foi eleito em Abbade do Collegio de Coimbra, e desempenhando este lugar com o mayor acerto, no de 1627. com gosto de toda a Congregaçaõ foi elevado a D. Abbade Geral della, por morte do Rmo. P. M. Fr. Gregorio das Chagas. No de 1632. tornou a occupar o emprego de D. Abbade de Coimbra, em que mostrou hum zelo extremoso do culto divino. Enriqueceo a Sacristia de ornamentos preciosos, e outras alfayas de custo. Fez que se acabasse a Igreja nova, que elle mesmo sagrou com grãde solemnidade a 19. de Março de 1634. No dia seguinte, vespora de N. P. S. Bento trasladou da Igreja velha a sua Imagem com huma procissaõ solemne, a que assisti-

affiſtiraõ as Familias religioſas, e a Nobreza da Cidade. Concluío o ſeu governo com aceitaçaõ bem merecida, e como a Religiaõ reconhecia quanta honra lhe reſultava da ſua bem regulada economía, ſegunda vez o elegeo em D. Abbade Geral no anno de 1638. ſem fazer lembrança de outros empregos, em que o Rmo.P.lhe grangeou os mayores creditos.

Sendo Geral a primeira vez deu principio á Igreja do Moſteiro de Tibaens no anno de 1628. e na Corte de Lisboa edificou o Collegio, a que deu o titulo de N. Senhora da Eſtrella, no meſmo ſitio em que os PP. Reformadores fundaraõ o primeiro Moſteiro, como fica dito nos ſeus Elogios. Cuidou com huma particular attençaõ na obſervancia regular, no augmento dos eſtudos, e nas obras dos Moſteiros. Compoz para o governo delles, e da Congregaçaõ as Conſtituiçoẽs monaſticas, com que ſe regula, em eſtilo taõ puro, e elegante, que daõ bem a conhecer a pureza, com que fallava, e eſcrevia a lingua Latina. Compoz tambem em a meſma o Officio da Trasladaçaõ de N. Patriarca, o de N. Senhora dos Prazeres, o do Deſterro, e o do Santiſſimo Nome de Maria. Tambem he obra ſua, e digna de ſeu grande talento a Benedictina Luſitana, que dividio em dous tomos; compondo o primeiro no tempo, em que era ſegunda vez Geral, e o ſegũdo nos ultimos annos de ſua vida; fazendo,como he notorio, immortal no orbe literario o ſeu nome com eſta obra, em que os eruditos deſcobrem huma copioſa noticia das letras ſagradas, e profanas, e os Benedictinos o verdadeiro eſtabelecimento, progreſſo, e eſplendor da noſſa Religiaõ em Portugal.

Sen-

Sendo Geral no anno de 1640. teve o contentamẽto, e gloria de preſençiar na Corte de Lisboa, onde ſe achava, a feliz acclamaçaõ do Senhor D. Joaõ IV. e como na Mageſtade do Rey experimentou a honra de o prover na Cadeira de Eſcoto, teve licẽça para lhe offerecer o 1. tomo da ſua Benedictina Luſitana.

Conſumida a vida em fadigas religioſas, e literarias, ſe vio accometido com mayor força da enfermidade da gota, que o opprimia com frequencia. No ultimo accidente lhe tomou os braços, os hombros, e o peito, e augmentando-ſe a febre, deu a conhecer era mortal a queixa. Diſpoz-ſe com eſte avizo o Rmo. P. a eſperar a morte com a mayor conformidade, e havendo recebido os Sacramentos com diſpoziçaõ bem edificativa para os circunſtantes, em fim eſpirou aos 6. de Junho de 1661. tendo de idade 86. e de habito 71. Seu corpo jaz ſepultado no meyo do Cruzeiro da Capella mór do Collegio de S. Bento de Coimbra, onde faleceo com ſentimento univerſal dos domeſticos, e eſtranhos; porque no Rmo. P. M. Fr. Leaõ de S. Thomás experimentaraõ aquelles hum Prelado, que antepoz os affectos de pay aos rigores de juiz, e eſtes a amizade, e converſaçaõ de hum homem que apparece como unico em cada ſeculo. Em fim, ſentiraõ todos a ſua perda, porque era virtuozo, e letrado, praticando nas acçoens religioſas as maximas, e doutrina, que enſinava a todos, e que por iſſo o faziaõ digno de huma duraçaõ mais dilatada.

ELOGIO XVI.

DO R.mo P.M.Fr. MANOEL DE S. CRUZ XXII. *Geral Benedictino.*

NASCEO em Villa do Conde eſte Rmo.P. que no ſeculo ſe chamou Manoel Carneiro, tendo por pays Domingos Alvares, e Briolanja Carneiro. Deveo a eſtes huma educaçaõ taõ pia, e cuidadoza do ſeu aproveitamento, que adiantandoſe igualmente nos bons coſtumes, e eſtudo da gramatica, mereceo ſer admittido á noſſa Congregaçaõ no Moſteiro de Renduffe, onde lhe mandou veſtir o ſanto habito o Rmo. P.Fr. Balthazar de Braga, ſendo Geral ſegunda vez, e Abbade da meſma Caza o P. Fr. Eugenio de Santiago, aos 4. de Junho de 1598.

Entrando nos eſtudos de Filoſofia, e Theologia alcançou tanta comprehenſaõ deſtas ſciencias, que mereceo ſer eleito Meſtre; mas eſtando neſte exercicio o deſtinou o Rmo. Fr. Antonio dos Reys a ſer Procurador da Religiaõ na Corte de Roma. Tratou ali as dependencias, que inſtavaõ, com tanta efficacia, e zelo, que naõ ſe demorando muitos annos em aquella Curia, vio o fim, que ſuſpirava, a todas ellas. Recolhido a eſte Reyno foi eleito em Abbade do Moſteiro de Paço de Souza no anno de 1620: no de 1626. Abbade de Boſtello; no de 1632. D. Abbade de Pombeiro, onde preſidio a duas Juntas por comiſſaõ do Rmo. P. Fr. Antonio dos Reys,

ſendo

ſendo Geral a terceira vez. Acabado eſte governo, ſubio com aceitaçaõ univerſal ao lugar ſupremo de Geral da Congregaçaõ no anno de 1635. Cuidou com vigilancia na obſervancia monaſtica, e na temporalidade dos Moſteiros, eſpecialmente no de Tibaens, em que fez muitas, e admiraveis obras, augmentando as rendas do Moſteiro. Ao do Couto unio as de Ocella. Erigio em Abbadia, na Provincia Benidictina do Brazil, a Prezidẽcia do Moſteiro de S. Paulo. Trabalhou muito por ſe eximir aos empenhos, com que a Duqueza de Mantua pertendia lhe largaſſe a Religiaõ o Moſteiro de S. Joaõ da Foz para nelle formar huma fortaleza, que ſerviſſe de ſegurança á barra da Cidade do Porto. Antes de concluir o ſeu triennio naõ deixou de experimentar algum diſgoſto, originado da eleiçaõ de hum Procurador, que eſcolhera para tratar as dependencias da Religiaõ em a Curia Romana; porque votando os aſſiſtentes da Junta, que convocou para eſta eleiçaõ, com pareceres diverſos, eſta falta de uniformidade excitou huma perturbaçaõ de animos, que naõ teve fim ſe naõ em o ſeguinte Capitulo Geral, em que o dito Procurador naõ entrou, por evitar mayor inquietaçaõ, e deſaſocego.

Havendo pois eleito em ſucceſſor da ſua Dignidade ao Rmo. P. M. Fr. Leaõ de S. Thomás no anno de 1638. ſe retirou a viver em o Moſteiro do Porto. Ali eſteve menos de tres annos, porque huma enfermidade breve lhe tirou a vida aos 2. de Fevereiro de 1641. e no dito Moſteiro deſcança ſepultado.

ELOGIO XVII.

DO R.mo P.M.D. Fr. PEDRO DE SOUZA XXIV. *Geral Benedictino.*

PARA tecer o presente Elogio naõ deixo de entender, que o rasgo da minha penna he tosco, e que os meus periodos naõ tem couza alguma de eloquentes. He sublime o Heroe, que se me offerece aos olhos; e por isso sem proporçaõ as expressoẽs, com que deve escrever-se a sua vida. Ella desde o primeiro alento, com que respirou até o ultimo suspiro, em que desfaleceo se fez memoravel; porque o Ceo, e a fortuna o deu a conhecer ao mundo todo. O seu nascimento o manifestou como Grande, o seu merecimento como mayor. Assim esmaltou a grandeza da sua origem com o resplandor das virtudes, que conseguio a veneraçaõ das gentes, e a estimaçaõ dos Principes. No seculo desempenhou o caracter de Fidalgo illustre; na Religiaõ as obrigaçoens de Monge observante, e perfeito. Em fim, as suas acçoẽs foraõ sempre recomendaveis, porque no mundo, e no Claustro se fez respeitavel em todo o tempo o Illmo. e Rmo. Senhor Fr. Pedro de Souza.

Nasceo em a Villa de Pombal no anno de 1599. e sendo a Varonia da sua Caza a de Vasconcellos, hũa das mais illustres, e antigas de Hespanha pela sua origem, como affirmaõ constantemẽte os Genealogicos, teve por pays a Luiz de Souza Ribeyro, e Vasconcelos, e D. Maria de Moura. Por avos paternos

ternos Simaõ de Souza Ribeiro e Vaſconcelos, Alcaide mór, e Commendador de Pombal, e D. Catherina de Noronha, filha de Gomes de Mello, Alcaide mor de Lamego. Os maternos foraõ Fernaõ Rodriguez de Almada, Provedor da Caza da India, e D. Izabel de Moura, filha de Luiz de Moura, todos Fidalgos bem illuſtres, e conhecidos em o noſſo Reino. Sendo eſta a origem de Pedro de Souza e Vaſconcelos, he facil de entender, que ſeus illuſtriſſimos pays empregaraõ na educaçaõ delle, hum cuidado o mais diſtinto, e hum amor o mais terno; naõ ſo porque era o immediato ſuceſſor da ſua Caza, ſe naõ porque ficou ſẽdo o herdeiro della, por morte de ſeu irmaõ Franciſco de Souza e Vaſconcelos, deſtinado a herdar o primeiro Conde de Caſtellomelhor Ruy Mendes de Vaſconcelos.

Era taõ admiravel a indole de Pedro de Souza, que ſobre ella eſtribavaõ todos huma eſperança bem fundada, de que na idade varonil ſeria exemplar de perfeiçaõ eſte Fidalgo, em quem na adoleſcencia ſe divizavaõ as prendas mais ſingulares. Sua prudẽcia era de Varaõ; ſuas acçoens de heroe. O ſeu reſpeito para com Deos o mais catolico, e pio; a veneraçaõ para com o Principe a mais obſequioſa, e affectiva. Reſpeitava os Grãdes como ſe naõ fora hũ delles; attẽdia aos inferiores como ſe foſſe ſeu igual. A todos ſe moſtrava affavel, ſem que perdeſſe o ſeu decoro; para todos era benigno, ſem mancha da ſua grandeza. Amando a Deos vivamente, era em extremo compaſſivo para favorecer aos que buſcavaõ o ſeu amparo. Para os domeſticos era ſoberano dyeo de ſuavidade; para os eſtranhos hũ protector o

mais

mais follicito da fua confolaçaõ, e remedio. Liberal fem declinar em prodigo; efmoler fem tropeçar na vaidade. Modefto nas acçoens, em que naõ fe encontrava artificio; grave no femblante, mas fem que o reveftiffe de feveridade. Em fim, as virtudes mais recomendaveis, fe admiravaõ nos feus poucos annos, prometendo eftes, que no tempo futuro feria Pedro de Souza e Vafconcelos o Heroe, que elevaffe ao ultimo ponto de foberania a gloria de feus illuftriffimos afcendentes, fervindo de modelo aos Fidalgos, que feguem a Corte, e de affombro ao mundo pelo ferviço do Monarca.

Efte era o conceito, que faziaõ todos vendo em Pedro de Souza adornado o efplendor do fangue com o preciofo ornato das virtudes. Porem reflectindo elle, em que eftas naõ podem confervar-fe em os tumultos do feculo, fem hum incanfavel trabalho, porque a lizonja tiranamente as offende, e a liberdade, em que fe vive desfgraçadamente as deftroe, com generozo animo fe determinou a bufcar eftado, em que com fuavidade augmentaffe a perfeiçaõ de vida, que defde o primeiro uzo da razaõ começara. Attendeo o eftado religiofo como o mais proprio para confeguir efte fanto intento, e havendo de abandonar o mundo, a fua caza, o amor dos parẽtes, e as comodidades, que lhes miniftrava o feu illuftre nafcimento, efcolheo, feguindo a grande piedade de feus Pays, a Religiaõ, que elles mais eftimavaõ. Foi efta a Congregaçaõ de S. Bento, porque de tempos muito antigos moftrou fempre a illuftriffima Caza, de que defcendia, a fua grande devoçaõ para com efte Patriarca.

Ou-

Ouvida esta resoluçaõ, taõ constante, quanto sublime naõ se difficultou aos amaveis pays dar para a execuçaõ della o seu consentimento; por que suposto permittiaõ separar-se da sua companhia o herdeiro de sua Caza, bem viaõ que esta resoluçaõ generoza de seu filho, hia a segurar naõ menos, que a herança eterna. Os laços do amor sim os embaraçava, para que naõ dimittissem dos braços esta prẽda, se naõ unica, a mais estimavel entre as mais, que extremosamente amavaõ; porem como a sua piedade era heroica, esta cortou as prizoens do sangue, fazendo que na entrega deste filho a Deos executassem o mais nobre sacrificio. Mostraraõ a generozidade de seu espirito dando a S. Bento este filho, como desempenho das obrigaçoens, que confessavaõ dever-lhe, e como prenda da sua devoçaõ, em que eraõ os mais singulares, e os mais distintos.

Aceito com sũmo gosto da Religiaõ este Illustrissimo Pertendẽte, o Mosteiro de Tibaẽs foi a Caza, em que aos 15. de Março de 1614. recebeo o habito monachal, que estimaraõ sempre os Imperadores, os Reys, os Duques, e Grãdes do mũdo, de quem a Historia nos refere haver deixado as Coroas, os Ceptros os Imperios, e as illustres Cazas, por seguir o Instituto Benedictino. Era D. Abbade Geral da Cõgregaçaõ a primeira vez o Rmo. P. Fr. Thomás do Soccorro; e sẽdo q̃ o seu governo se fez recomẽdavel pelas acçoẽs memoraveis, q̃ no seu Elogio deixo escritas, a faltar-lhe esta gloria lhe bastára somente a que lhe resultou de haver recolhido no seu tempo por filho da mesma Cõgregaçaõ a Fr. Pedro de Souza.

Entrou este em o noviciado, e nelle procedeo de tal

tal modo, que sem muita especulaçaõ entenderaõ todos quaõ perfeito Monge havia ser no progresso de sua vida. Era singular no amor da Religiaõ; extremoso na observancia della. A sua modestia rara; a sua humildade profunda. Na obediencia prompto, e exacto; na sugeiçaõ o primeiro, eo mais cuidadozo. A guarda do silencio era para elle hum dos pōtos mais recomendaveis; a promptidaõ em as couzas minimas, hum dos cuidados, que mais o interessava. Os actos de Comunidade todos lhe pareciaõ suaves, sendo que a sua idade naõ era mais que de quinze annos. Era porem taõ forte, e vigoroso o seu espirito, que a todas as obrigaçoens religiosas se offerecia com animo generoso, e alentado. Desta observancia inferiaõ todos, que em Fr. Pedro de Souza se formava hum exemplar da perfeiçaõ para os mais Monges; e naõ foi errado o seu conceito, porque elle lhes servio de norma, ou se considere subdito, obedecendo; ou se attenda como Prelado, mandando.

Passado o tempo, em q̃ devia entrar nos estudos, ouvio Filosofia com grande cuidado, e aproveitamento. Passou á Theologia, em que fez grande applicaçaõ, e ventagens a seus condiscipulos; e sendo que a Religiaõ o queria eleger Mestre, elle se escuzou com estranha humildade, allegando em favor da sua escuza, algum impedimento, que sentia na lingua, dizendo repetidas vezes: Que naõ podendo explicar-se bem a si mesmo, menos se explicaria a seus discipulos. Naõ obstante esta humilde renitencia, graduou-se na Universidade de Coimbra, porque naõ era justo, que o seu merecimento, e letras ficas-

sem

sem sem algum premio honorifico.

Avantajou-se tanto nas virtudes, e exemplar procedimento, que a Religiaõ o escolheo para os lugares, que nella se conferem aos mais benemeritos. Foi eleito em Reytor do Collegio de N. Senhora da Estrella de Lisboa no anno de 1638. Neste emprego se achava o Rmo. P. quando a Religiaõ se valeo do seu talento, e autoridade para que na Curia de Roma tratasse de alguns negocios de importancia. Foi áquella Corte, e sendo que o merecimento pessoal de hum pertendente, naõ se distingue nella se naõ quando he avultado, e relevante, mereceo o Rmo. P. que os mayores homens da quelle emporio da Cristandade veneraßem, como muito particular o seu talento. Conseguio por elle felizmente a expediçaõ dos negocios, que o levavaõ áquella Curia; e tendo alcançado para a sua Congregaçaõ o que pertendia, antes de se recolher a Portugal ouvio em Roma com gosto inexplicavel o grande eco, que soou em a mesma Corte, formado pelas vozes, com que os leaes Portuguezes acclamaraõ neste Reyno por seu legitimo Senhor a Magestade do Rey D. Joaõ IV.

Dezejava o P. M. Fr. Pedro de Souza como os mais Fidalgos de Portugal, sacudir o jugo de Hespanha, que os opprimia, e naõ tendo o gosto de ver em Lisboa a acclamaçaõ, que será decantada em todos os tempos, e idades, teve em Roma o contentamento de ouvir a noticia della, que hũ Portugues lhe havia prometido na Igreja de S. Pedro. Assim o escreve o auctor da Restauraçaõ de Portugal na 3. part. da sua historia Cap. 2. pag. 8. referindo huma

atteſtaçaõ do meſmo Rmo. P. que por ſer digna da noſſa memoria, e de credito, pela ſua autoridade, naõ he improprio transcrever-ſe fielmente neſte lugar pelos ſeus meſmos termos = Eſtando eu na Curia Romana ſobre negocios da Ordem, na Igreja de S. Pedro, hum pobre Portuguez, natural da Beira, repreſentava ſer de ſetenta annos, ao qual ouvi muitas vezes repetir, como no anno de 40. haviamos de ter Rey Portuguez. Socedeu-me no mez de Novembro ir á meſma Igreja, e encontrar a eſte pobre, e por graça lhe diſſe, que a era de 40. ſe acabava; que novas tinha do noſſo Rey Portuguez. Elle me reſpondeo: que antes dos 40. acabados ſe havia de apoſſar de Portugal, e logo no dia da Conceiçaõ de Noſſa Senhora aos 8. de Dezembro me tornei a ver com elle acazo na meſma Igreja de S. Pedro, e lhe diſſe: os 40. ſaõ acabados, e naõ temos Rey Portuguez. Reſpondeu-me; deſcance porque ha de vir no tempo, que lhe affirmo. Aos 18. do dito mez de Dezembro chegou a alegre nova a Roma, como em Portugal havia Rey Portuguez, e encontrando-nos ambos me diſſe: Naõ o dizia eu? Ao qual reſpondi: Tomai eſtes quatrins de eſmola, e encomendai-o muito a S. Pedro, e a Deos Noſſo Senhor. Certifico, e juro in Verbo Sacerdotis paſſar na verdade. Tibaens 19. de Junho de 1643.

Doutor Fr. Pedro de Souza
Geral de S. Bento.

Recolhido a Portugal no principio do anno de 1641. deu-ſe a Religiaõ por taõ obrigada do zelo, com que tratou na Curia as ſuas dependencias, que attendendo a elle, e ainda mais ao merecimento da

peſſoa,

pessoa, o elegeraõ em D. Abbade Geral da Congregaçaõ no dito anno de 1641. Governou com prudencia, e acerto; e sendo que os tempos eraõ os mais criticos, porque a mudança do governo de Portugal havia embaraçado a politica de Roma, naõ so em os interesses da Coroa, e estado secular, se naõ tambem no governo das Religioens, e estado ecclesiastico, de tal modo satisfez o Rmo. P. as suas obrigaçoens respectivas, que servio de confuzaõ aos que valendo-se da perturbaçaõ dos tempos, queriaõ na Curia de Roma deslustrar o acerto da sua eleiçaõ. Naõ obstante esta contradiçaõ, he certo que os mais religiosos, e prudentes louvavaõ a sua admiravel conduta. Admiravaõ o seu amor, e caridade para com os subditos, especializando nos favores os que lhe eraõ menos agradecidos. Muitos confessavaõ, que a familiaridade, com que os tratava era mais de Irmaõ, que de Prelado. Outros reconheciaõ que a sua affabilidade, e communicaçaõ era mais de subdito, igual com elles, que de superior mayor, que todos. Para os humildes era suave; para os soberbos severo. Naõ faltando com o premio, aquem o merecia, naõ deixava de castigar aos que eraõ dignos de reprehensaõ mais grave. Todos porem diziaõ, e publicavaõ, que o Rmo. P. desempenhava sem confuzaõ, a actividade de Prelado, e a ternura de Pay. Com estes merecimentos se fez digno, de que a Religiaõ se valesse sempre delle, dezejando que a sua observancia servisse a todos de exemplar. Por este motivo o elegeo no Capitulo Geral de 1650. em D. Abbade do Mosteiro de S. Bento de Lisboa, lugar que a sua humildade naõ escuzou, por

ferviço da Congregaçaõ, ainda que havia fido Prelado fuperior della.

Reconhecida a fua capacidade, e virtude nos empregos da Religiaõ, que dignamente occupava, naõ deixou o Monarca de attender o feu merecimento, promovendo-o a exercicios de pezo mais avultado. Era Rey de Portugal o Senhor D. Affonfo VI. e lembrado de que o Rmo. Fr. Pedro de Souza, era irmaõ daquelle famozo Heroe Joaõ Rodriguez de Vafconcelos, II. Conde de Caftello melhor, que na prizaõ de Carthagena, executada pelos Caftelhanos, no governo das Armas das Provincias de Traz os Mõtes, e Minho, no mãdo do exercito do Alemtejo, no Governo do Eftado do Brazil, no Confelho de Guerra &c. havia dado provas bem fignificantes de amor, e fidelidade para com feu pay o Senhor D. Joaõ IV. e para com elle, efcolheo por arbitro de fua confciencia ao Rmo. P. M. nomeando-o feu Confeffor, como fe refere na Hiftoria Genealogica de Portugal. Fez tanta eftimaçaõ das fuas letras, que lhe comunicava os negocios mais intereffantes; porque eftava bem certo, que imitando as acçoens de feu Illuftriffimo Irmaõ, fe empenhava como elle, na felicidade da fua Coroa. Crefceo efta confiança do Monarca pelo conhecimento do acerto, e prudencia, com que o Rmo. P. infpirava fentimentos de zelo, e de amor no grande coraçaõ de feu fobrinho Luiz de Vafconcelos e Souza, III. Conde de Caftellomelhor, aquelle que pelas fuas excellentes qualidades alcançou fer Efcrivaõ da Puridade, do Confelho de Eftado, primeiro Miniftro, e Valido do mefmo Rey D. Affonfo VI. e ultimamente do Confelho

de

de Eſtado do Senhor Rey D. Joaõ V.

Por todas eſtas circũſtancias, que qualificavaõ o merecimento do Rmo.P.M. o eſcolheo tambem para ſeu Confeſſor o Senhor D. Pedro II. ſendo ainda Principe. Porem ſendo attendido para mayores empregos, o nomeou o Rey D. Affonſo VI. Preſidente da Meza de Regulares, q̃ eſtabeleceo neſte Reyno, fazendo-ſe as conferencias deſta reſpeitavel Aſſamblea no meſmo Quarto do Moſteiro de S. Bento da Saude, em que aſſiſtía o Rmo. P. tendo por ſeu Secretario no expediente hum Monge da meſma Caza. Deſta Prezidencia lhe reſultou tanta honra, que duas vezes foi nomeado para occupar as Mitras. Huma do Biſpado de Angra, a que ſe reſiſtio com humildade, e naõ aceitou: outra do Arcebiſpado Primaz de Braga, que naõ teve effeito.

Tal era, como tenho expendido, o avultado merecimento do Rmo. P. M. porem como a fortuna ſuſpende o curſo, ou muda de ſemblante, quando menos ſe eſpera, iſto experimentou Elle quando no governo do Reyno ſocedeo ao Senhor D. Affonſo VI. ſeu irmaõ o Senhor D. Pedro II. Suſpendeo a ſua fortuna os paſſos, por onde o encaminhava a mayores empregos; naõ lhe moſtrou porem ſemblante muito adverſo, porque no retiro do ſeu Moſteiro de S. Bento de Lisboa, ficou o Rmo. P. meditando a inconſtancia della. Neſte retiro ſe empregava como religioſo exemplar em deſempenhar as obrigaçoẽs monaſticas; e ſendo que a ſua idade, e o ſeu caracter o deſobrigavaõ das mais penozas, nem por iſſo deixava de as praticar com o mayor diſvelo. Para animar a puſilanimidade daquelles, aquem

aquem as enfermidades dispensaõ do mayor trabalho, ou impossibilitaõ os annos, muitas vezes se levantava ás duas horas da noite, em que os Benedictinos vaõ a Matinas conforme a Santa Regra. Para confuzaõ dos que naõ estimaõ as prendas, porque entraõ na Religiaõ, e com que podem servir a Communidade, algumas vezes acompanhava no Orgaõ os Officios Divinos; executando por divertimento, e gosto esta arte, em que a sua curiosidade o fez tambem recomendavel.

Naõ desprezou ja mais exercitar algum emprego, em que a Religiaõ o occupava, ou em que podia haver falta, deixando neste admiravel exemplo recomendado á posteridade, que nenhum emprego ha na Religiaõ, de que possa resultar menos estimaçaõ a seus filhos. Elle foi hum dos mais zelozos de seu esplendor em todo o tempo; hum dos que mais promoveo a sua gloria dentro, e fora da Clausura. Cuidadozo com extremo dos officios divinos; e para augmento, e perfeiçaõ delles mandou fazer á sua custa no Mosteiro de Tibaẽs hum orgaõ, que se poz no anno de 1667. sendo Geral o Rmo. P. F. Bento da Gloria. Deu ao dito Mosteiro o ornamento rico, que ainda existe, com sebastes de veludo vermelho, e sobre elles hum bordado de ouro, e prata, sendo o mais de tella branca. Ao Mosteiro de Lisboa deu tambem á sua custa dous orgaons; hum grande de doze; outro pequeno de seis. Ambos foraõ suaves, e excellentes por mais de hum seculo, e ainda que a diuturnidade do tempo lhe desconcertou no todo a harmonia, ainda resta parte, que em suaves vozes entoaõ a Deos os louvores, que o Rmo. P. dezeja-

va

va eternizar por ellas. Tambem adornou a grãde caza da portariá do Mosteiro de Lisboa com os admiraveis paineis, que nella se conservaõ, obra quazi toda daquelle primoroso artifice Bento Coelho, que na execuçaõ de taes obras podia vaidozamẽte dizer, como outro Zeuzis, que pintava para a eternidade.

Cuidou mais o Rmo. P. em conduzir ao adro, ou terreiro do mesmo Mosteiro agoa, que corresse perennemente para satisfaçaõ do povo; porem havendo consumido nesta empreza hum grande cabedal, pela difficuldade, que havia em passar da cerca para o Terreiro, mediando o edificio desta Caza, suspendeu-se a obra; ainda que para naõ se executar concorreo mais a pouca dispoziçaõ, e industria dos officiaes, que o seu generoso espirito. Por testemunho da sua erudiçaõ compoz, e imprimio huma folha, a que deu o nome de *Arvore Benedictina*, e nella com muita arte, e estudo mostrou por varios ramos as excellencias desta Religiaõ, significando com a autoridade dos escriptores mais celebres os Santos, e os Martires, que floreceraõ nella, os Pontifices, Prelados, e Doutores, que tem tido; os Emperadores, Reys, e Principes, que vestiraõ a Cogulla monachal, os filhos benemeritos, que a honráraõ, as sciencias, e artes, em que foraõ insignes, e finalmente tudo o mais, que conduz para dar como em hum breve mapa huma noticia clara da Religiaõ, que enobreceo como illustre filho.

Adiantando-se assim naõ tanto em annos, como em merecimentos o Rmo. P. chegou o tempo, em que havia receber o premio de suas religiosas virtudes. Enfermou de huma queixa grave, e augmentan-

do-

do-se esta, entendeo logo que estava chegado o termo de seus dias. Cuidou na purificaçaõ de sua consciencia com repetidas confissoẽs geraes, e armou-se com os Sacramentos da Igreja para triunfar dos ultimos combates do inimigo. Foraõ enternecidas as suas lagrimas nestes actos, e ellas obrigaraõ aos Mõges, que lhe assistiaõ para derramarem outras de sentimento pela sua falta. Repetio fervorosos actos de amor de Deos com o mayor espirito; e entrando as forças a render-se ao violento impulso da enfermidade espirou quando ainda naõ completava sessenta, e oito annos aos 14. de Janeiro de 1668. seu corpo foi sepultado na Capella mór do Mosteiro de S. Bento da Saude, debaixo de huma grande campa, que nos esconde as cinzas deste illustrissimo Varaõ. Assistiraõ á pompa funebre as pessoas mais graves da Corte ecclesiasticas, e seculares, que por obrigadas, ou obsequiosas vieraõ lamentar com os Monges a perda, que sentiraõ todos na morte do Rmo. P. M. Doutor Fr. Pedro de Souza.

* *Portugal Restaur. II. p. Liv. VII. Hist. Geneal. de Caza. R. de Portug. &c.*

ELO-

ELOGIO XVIII.

DO R.mo P. M. D. Fr. ANTONIO CARNEIRO.

XXV. Geral Benedictino.

VILLA do Conde foi a patria deste Rmo. Prelado, de quem ignoramos o anno do nascimẽto, e juntamente o nome de seus pays. Recebeo o habito Benedictino no Mosteiro de Rendusse pelos annos de 1609. sendo D. Abbade daquella Caza o P. Fr. Joaõ do Apocalypse, e Geral da Congregaçaõ o Rmo. P. Fr. Anselmo da Conceiçaõ. No ingresso da Religiaõ se chamou Fr. Joaõ de Jezus; depois tomou o nome de Fr. Antonio Carneiro, que conservou sempre, fazendo-se por elle conhecido.

Seguindo os estudos com singular disvelo, mereceo ser creado Mestre, exercicio, em q̃ jubilou, recebẽdo na Universidade de Coimbra o graó, e insignias de Doutor, como escreve o Rmo.P.M.Fr. Leaõ de S. Thomás. No anno de 1632. foi eleito em D. Abbade do Mosteiro do Porto; no de 1638. do Mosteiro de S. Thyrso. Acabando este lugar com aceitaçaõ, teve agrandeza de animo de ir á Corte de Roma, em companhia do Rmo. P. M. Fr. Cypriano de Mendõça a tratar a nullidade do Capitulo celebrado no anno de 1641. naõ obstando á sua deligencia, nem o respeito dos Grandes seculares, com que se embaraçava, nem a proteçaõ de hum Rmo. Ex-Geral, que era Lente de Prima da Universidade, nem finalmen-

te o empenho do Collector,ou Nuncio defte Reyno, que favorecia o partido actual, e dominante. Voltando da Corte de Roma a Portugal, convocou Capitulo Geral em o Mofteiro do Porto no anno de 1644. e mereceo fer eleito em D. Abbade Geral da Congregaçaõ.

Tomou poffe do governo, e logo no principio delle, eftabeleceo algumas actas, que com evidencia moftraõ, que o feu efpirito naõ rendia fugeiçaõ á ambiçaõ do governo. Ordenou, que a Arca, chamada da Congregaçaõ naõ eftiveffe em Tibaens, nem dependente de huma fo vontade, mas de oito; determinaçaõ, que recebeo o Capitulo todo fem difcrepancia de votos. Eftabeleceo outra, que ordenava naõ foffe Geral da Congregaçaõ o Monge, que o houveffe fido ja huma vez; excepto fe foffe tanta a precizaõ da fua peffoa para o dito lugar, que concorreffe para a fua eleiçaõ ao menos tres partes dos votos de Capitulo. Ordenou tambem, que o Tranfito de N. P.S. Bento fe celebraffe com triduo, ainda que focedeffe o trãsferir-fe. Tomou por fua conta a compoziçaõ do Ceremonial, de que uza efta Congregaçaõ, e tendo por adjuntos os Padres Meftres, que lhe pareceraõ mais aptos para o defempenho defta laboriofa fadiga, teve a gloria de ver obfervado,e eftabelecido o uzo do dito Ceremonial Benedictino, refultando delle a uniformidade em todos os actos de religiaõ nos Mofteiros da fua obediencia, que do principio da Reforma ate aquelle tempo fufpiravaõ por hum Directorio, ou Ceremonial impreffo, com que todos fe conformaffem.

Naõ fe limitava porem fó na obfervancia regular

O

o ſeu cuidado. Attendeo á ultilidade temporal da Congregaçaõ com incanſavel providencia. Fez no Moſteiro de Tibaens muitas, e admiraveis obras, que indicavaõ a generoſidade do ſeu coraçaõ; eſpecialmente nas que reſpeitavaõ o culto divino, e a Igreja, cuidando no ſeu adorno, e perfeiçaõ com particular diſvelo. Acudio com grãde zelo ao reparo de varios Moſteiros concorrendo para eſtas obras com generoſo eſpirito. Concluio felizmẽte o ſeu governo; e como elle ſe fazia taõ eſtimavel para o augmento da obſervancia, e dos Moſteiros, no Capitulo Geral de 1650. ſe vio obrigado a aceitar ſegũda vez o lugar de D. Abbade de S. Thyrſo. Satisfez o emprego com o coſtumado acerto, com que ſe houve em todos os mais; porem canſado já dos trabalhos, que havia experimentado em ſerviço da Congregaçaõ, ſe recolheo a deſcançar, para viver ſó para Deos, em o Moſteiro de S. Romaõ. Ali viveo em retiro ſeis annos, cuidando ſeriamente na eternidade a que caminhava; e chegrando ao termo de ſeus dias, em huma breve enfermidade perdeo a vida aos 9. de Julho de 1659. e no meſmo Moſteiro jaz ſepultado.

ELOGIO XIX.

DO R.mo P. M. Fr. MIGUEL DE S. BOAVENTURA.

XXVI. e XXIX. Geral Benedictino.

NASCEO em Villa do Conde o Rmo. P. M. Fr. Miguel de S. Boaventura; e tendo a felicidade de haver herdado de ſeus antepaſſados ſangue muito nobre, ainda foi mais ditozo pelo exercicio das virtudes, a que o eſtimulava o bom exemplo, e educaçaõ de ſeus pays. Correſpondeo aos bons dezejos, que tinhaõ de o ver perfeito, a ſua admiravel indole. Buſcou para fazer progreſſos no caminho da virtude o eſtado religioſo em a noſſa Congregaçaõ. O Rmo. P. Fr. Mauro de Santiago, patricio ſeu, lhe concedeo o ſanto habito, que veſtio no Moſteiro de Tibaẽs aos 30. de Abril de 1617.

Retirado dos perigos do ſeculo ao ſocego do Clauſtro, mereceo a profiſſaõ religioſa, e ſer admittido ao Collegio de Artes, que leo no meſmo Moſteiro, aquelle memoravel ſogeito em virtude, e letras o P. M. F. Paulo da Natividade. Paſſou a eſtudar Theologia no Collegio de S. Bento de Coimbra, e ſendo bem notoria a viveza de ſeu engenho, e a ſua capacidade, foi eleito em Meſtre, laureando-ſe depois Doutor pela Univerſidade.

Sendo bem conhecido o ſeu merecimento o elegeo a Religiaõ em D. Abbade do Collegio de Coimbra no anno de 1638. Deſempenhou eſte lugar com grande

grande credito do ſeu governo; porque naõ ſo completou as muitas obras, que parece eſtavaõ eſperando a ultima perfeiçaõ do ſeu generoſo animo, ſenaõ que adornou a Igreja de paramentos, e alfayas, em que deu a conhecer com evidencia o ſeu zelo a reſpeito do culto divino. Concluido eſte triennio foi eleito em Viſitador mór da Congregaçaõ; e de tal modo cumprio com eſta honroſa, e laborioſa dignidade, que mereceo ſer elevado a D. Abbade Geral no anno de 1647.

Collocado neſte ſublime emprego, moſtrou o caracter de excellente Prelado. Zelava como obſervante, que as obrigaçoens religioſas ſe cumpriſſem com a mayor perfeiçaõ. Naõ permittia ſe tranſgrediſſem as leys, antes na obſervancia dellas empenhava o ſeu poder, e autoridade. Caſtigava os que delinquiaõ em praticalas, e aos que ſatisfaziaõ o que ellas recomendaõ, e mandam, eſtimava com particular caridade. Aos Prelados dos Moſteiros, que cuidavaõ no ſeu augmento, e perfeiçaõ, louvava com publicos elogios; aos que por acazo ſe deſcuidavaõ em deſempenhar a ſua obrigaçaõ, eſtranhava o ſeu deſcuido; obrigando-os ja com a exhortaçaõ, ja com o exemplo a cõſervar o patrimonio dos ſeus Moſteiros, com a deligencia, que deviaõ.

Era frequente nos actos de Cõmunidade, de que naõ ſe deſpenſava ſem cauza muito urgente, e rara vez faltava á Oraçaõ mental, porque ainda dos hoſpedes ſe deſpedia, para naõ deixar de aſſiſtir a eſte ſanto exercicio. Foi taõ amante do retiro, e da clauſura, que delle ſe affirma, com exemplo inaudito, que em mais de quarenta annos de Religiaõ, naõ

ſahio

ſahio mais que huma vez, obrigado da obediencia dos Prelados, a viſitar ſua may na enfermidade, de que faleceo. Neſta acçaõ digniſſima de imitar-ſe, deixou bem recomendado aos Monges o amor do Clauſtro, e do retiro. Enſinou-lhes que o apparecer frequentemente entre os ſeculares, he expòr as acçoens religioſas a huma critica ſevera; ſendo que na companhia dos meſmos ſe obſervaõ outras, que no ſeculo corrompem os bons coſtumes, chegando com ar pernicioſo a inficionar os Clauſtros ſagrados.

No deſapego de parentes foi igualmente ſingular. Nunca eſtes o poderaõ vencer para que lhes deixaſſe huma grande legitima, que lhe pertencia, e de que podia diſpor pela licença, que a Religiaõ lhe concedeo para o poder fazer. Repetidas vezes affirmava, que eſtimára receber delles muito, para que de tudo ſe utilizaſſe a Religiaõ, que eſtimava como verdadeira may. Soffreo com animo generoſo alguns agravos dos ſubditos. Recebia com brandura os meſmos, que o offendiaõ; e ſe algum Monge ſe lhe lançava aos pés, pedindo o perdaõ de alguma falta, que cometera, elle o levantava nos braços com muitas lagrimas, dizendo: que Deos Senhor noſſo naõ eſpera dos peccadores mais do que o ſeu arrependimento para que vivaõ.

Sendo eſtas as virtudes, com que reſplandecia o Rmo. P. ellas lhe mereceraõ ſer eleito ſegunda vez em Geral no anno de 1656. Continuou com o meſmo acerto, que no primeiro triennio as ſuas bem reguladas diſpoziçoẽs. Deſempenhou a Congregaçaõ de hũa ſoma muito conſideravel, com que ſe achava gravada dos governos antecedentes. Eſtimou os

ſabios

ſabios, e amãtes das letras com affecto eſpecial. Mãdou imprimir o II. tomo da Benedictina Luſitana, obra do Rmo. P. M. Fr. Leaõ de S. Thomás. Deu ao Moſteiro de Santarem toda a livraria, que conſervava para ſeu uzo. Em fim, deu a conhecer, que era Prelado igualmente zelozo das virtudes, e das letras; porque ſe amava os obſervantes, tambem favorecia aos doutos. Foi devotiſſimo do Arcanjo S. Miguel, cujo officio rezava todos os dias, trazendo ſempre com ſigo a ſua imagem. Era extremoſo na veneraçaõ de N. P. S. Bento, e com eſpecialidade na da Virgem Senhora noſſa.

Com eſtes admiraveis exercicios continuava o Rmo. P. mas ſobrevindo-lhe repetidos accidentes, quando naõ contava mais de hum anno deſte ſegundo governo, a elles rendeo a vida havendo-ſe preparado com todos os Sacramentos, no dia 9. de Julho de 1657. Seu corpo eſtá ſepultado na Capella de Noſſa Senhora da Conceiçaõ, que ſe venera no Clauſtro do Moſteiro de Tibaens, onde faleceo, e deſcança.

ELO-

ELOGIO XX.

DO R.mo P. Fr. FRANCISCO DOS REYS, *XXVII. Geral Benedictino.*

HUM dos mayores Prelados, que teve a Cõgregaçaõ de S.Bento foi o Rmo. P. Fr. Francifco dos Reys. Nafceo na Cidade Braga; e fendo feus pays nobres pelo fangue, e pelas virtudes, naõ teve efte filho a gloria de aprender com elles as normas de perfeiçaõ, pois antes de contar cinco annos, havia ja perdido hum, e outro. Naõ lhe faltou porem o Ceo com o amparo para a educaçaõ; porque na tutela de hum tio, fimilhante aos pais em os bons coftumes, recebeo os documentos mais uteis para fer perfeito. Encaminhou-o ao eftudo da lingua Latina no Collegio da Companhia daquella Cidade, e reconhecendo, que a fua applicaçaõ o fazia capaz de mayores fciencias, cuidou no modo de vida, em que devia empregalo para as feguir. Examinou a fua inclinaçaõ, e vendo que o feu dezejo era deixar o mundo, e as fuas erradas efperanças, augmentou com os bons concelhos a vocaçaõ, com que afpirava a fer Mõge Benedictino. Eftimou a fua refoluçaõ, porque naquelle tempo fe viaõ florecer fogeitos, que alcançaraõ ainda os PP. Reformadores, e vendo que nefta Congregaçaõ havia muitos, que a bufcaraõ, naõ por comodo da vida, fenaõ, por defprezo do mundo, entendeo que eftes eraõ os verdadeiros meftres, com que feu fobrinho devia

apren-

aprender a ſciencia mais importante, qual he a ſalvaçaõ da alma.

Neſta conſideraçaõ naõ attendeo ás inſtancias efficazes, com que os Padres da Companhia buſcavaõ para a ſua ſociedade a ſeu ſobrinho, antes ſe valeo do Rmo. P. Fr. Balthazar de Braga, para que o admittiſſe a eſta Congregaçaõ, favor que o dito Rmo. benignamente lhe concedeo no anno de 1607. ſendo terceira vez Geral. Deu-lhe o habito de ſua propria maõ no Moſteiro de Tibaens, querendo que neſta Caza ſe animaſſe daquelle fervoroſo eſpirito, com que os Monges della praticavaõ a obſervancia primitiva. Surtio o ſuſpirado effeito eſta determinaçaõ, porque em o noviciado deu o Rmo. P. em compendio huma idea clara das virtudes, com que havia reſplandecer na Religiaõ. Entre ſeus condiſcipulos era diſtinto na modeſtia, na compoziçaõ das acçoẽs, e na humildade. Nas mortificaçoẽs de ſeu corpo era fervorozo, e penitente; em fugir á ocioſidade o mais ſollicito; na obſervancia regular o mais exacto, naõ contando naquelle tempo mais que deſeſeis annos de idade.

Naõ obſtante eſtas virtudes, a que ſe uniaõ as naturaes de brando, pacifico, ſoffrido, e diſcreto, eſteve em contingencia a ſua profiſſaõ, porque informado mal o novo Rmo. Fr. Anſelmo da Conceiçaõ, de que o dito noviço padecia muita falta de viſta, entrou a averiguar ſe na realidade havia a dita falta, para naõ ſe conſervar o tal ſugeito. Tal era o zelo deſte Rmo. Prelado, em naõ querer gravar a Religiaõ com individuos, que entrando nella com moleſtias ſe fazem deſde logo inuteis ao ſerviço della, que no

exame do que ſe lhe advertia naõ dépoz o ſeu eſcru-pulo, ſem que experimentaſſe ſer errado o conceito de quem, ſem conſideraçaõ, o inquietou com aquel-le avizo. Por eſta razaõ, e porque de juſtiça o me-recia, foi admittido á profiſſaõ Fr. Franciſco dos Reys, aquem a Cõmunidade concedeo com unifor-midade os votos.

Contava elle poucos dias de profeſſo quando de Tibaens foi mandado para o Moſteiro de Baſto. Empregou-o o D. Abbade Fr. Alvaro dos Reys em varios officios, mayores que as ſuas forças, porem inferiores ao ſeu talento; e ſendo que no exercicio delles podiaõ dar algum rebate os ſeus merecimen-tos, elle ſe houve de tal modo, que concluio de to-dos hum nome, e hum louvor muito avultado.

Abrio-ſe na meſma Caza Collegio de Filoſofia, e entrando nelle o Rmo. P. foi tanta a ſua applica-çaõ, ſobre o trabalho antecedente da meſma Caza, que hũa queixa do peito muito grave, o ſuſpendeo do eſtudo. Convalecido della continuou a Theolo-gia em Coimbra; porem repetindo a moleſtia o ſeu aſſalto, naõ lhe permittio, que ſe oppozeſſe ás Ca-deiras, em que ſeria excellẽte Meſtre. Pela meſma razaõ ſe achou impoſſibilitado para o laboriozo ex-ercicio dos pulpitos; más empregado ſeu grande ze-lo em ſervir a Religiaõ em outros miniſterios, co-mo por milagre, recuperou, depois de alguns annos, a ſaude perdida. Empregou eſta em acreditar a Congregaçaõ pregando no Moſteiro do Porto, com applauzo, e edificaçaõ daquella Cidade, e me-recendo com eſta honra, que alcançava ao habito ſer attendido para os empregos mais honorificos, o

ele-

elegeo a Congregaçaõ em Abbade do Mosteiro de Ganfey no anno de 1629.

Aceitando este lugar, nelle se deu a conhecer muito superior aos subditos; porque era o primeiro na observancia. O seu genio naturalmente brando o fazia suavissimo. Aborrecia tudo o que podia ser vingança, ou sombra della, e era summamente zelozo da paz, e boa harmonia entre todos. Se alguem se animava a zelar-lhe faltas alheyas, elle as ouvia, sem dar a entender a parte, a que se inclinava; atalhando com esta prudente cautella, que nem excedesse na demasiada censura quem as zelava, nem deixasse de haver quem o avizasse no que era precizo. Notado, pela sua benignidade, de muito brando, costumava dizer: que antes o arguissem de suave que de rigorozo, tendo por certo que mais obriga para a emenda a brandura, que o castigo, e que he melhor dar conta a Deos da misericordia, que se faz ao proximo, que da crueldade, que se executa com elle.

Com os subditos foi liberal em todos os lugares, em que lhes presidio. Naõ faltando ao que era de sua consolaçaõ, segundo os limites da observancia, que naõ permittia se transgredisse, no sustento lhes assistia com abundancia, sem exceder com vicio os termos da grandeza. Recebia os hospedes, e peregrinos com summo agrado; porque aspirando a desempenhar as obrigaçoens de bom Prelado, cuidava muito em satisfazer o que S. Bento recomenda a respeito delles em a sua Regra. Em ordem aos pobres era a sua caridade magnifica; porque sem attender as limitadas posses de alguns Mosteiros, em

que foi Prelado, a todos acudia com o mayor remedio, que lhe era poſſivel. Neſta empreza ſingular da eſmola, com que ſe apagaõ as culpas, e ſe conſerva a vida aos miſeraveis, conſumia o ſeu peculio; mas naõ podendo eſte acudir á multidaõ dos que buſcavaõ o ſeu amparo, das rendas do Moſteiro applicava huma grande parte, para lhes naõ faltar com o alivio. Bem o reconheceraõ os povos do Reyno de Galiza, pois ſendo D. Abbade de Ganfey, em tempo, que huma grãde fome deſpovoou aquelle Reyno, ninguem buſcava na ſua conſternaçaõ o Moſteiro, que naõ achaſſe no Prelado entranhas de piedade. Franqueou as portas para remedio dos afflitos, que batiaõ a ellas; e para os que naõ as buſcavaõ, mas padeciaõ por falta de ſuſtento, mandou ſe vendeſſe o paõ, ou trigo do Moſteiro por hũ preço muito accomodado. Remunerou-lhe Deos eſta ardente caridade com taes vantagens, que as rendas ſe augmentaraõ ao Moſteiro mais do que nũca; e ſendo que a oppreſſaõ da eſterilidade paſſou a Portugal, pela viſinhança de Galiza, naõ ſentia o Moſteiro de Ganfey os trabalhos, e miſerias, que ſe experimentavaõ em outros.

Concluido o tempo deſta Prelaſia de Ganfey com ſummo applauzo, e eſtimaçaõ de todos, foi eleito em Viſitador da Religiaõ no anno de 1632. Aſſiſtio no meſmo Moſteiro, em que acabava de Prelado, ſem receyo de que as excellentes acçoens, que ali obrara, foſſem emendadas pelo ſuceſſor, que lhe deraõ no lugar. Viſitou toda a Congregaçaõ com grande goſto, e conſolaçaõ dos Monges, de quem ſindicava; e ſendo que o emprego o diſpenſava de

algũas

algumas obrigaçoẽs, a todas satisfazia o Rmo. P. frequentando o Coro, e exercicio de virtudes, com que se fazia exemplar aos mais Religiosos. No seguinte Capitulo de 1635. foi outra vez eleito em Abbade de Ganfey, e exercitãdo neste lugar as mesmas virtudes, e acçoens, que ja havia praticado no primeiro governo, he bem crivel, que conciliaria hum respeito muito mais avultado na attençaõ dos que sabiaõ estimar o seu merecimento. Avultou este tanto na Religiaõ, que ao acabar de Prelado da dita Caza, o elegeraõ em Procurador Geral da Curia de Braga no anno de 1638. Desempenhou esta occupaçaõ com grande credito do seu talento; porque se mostrou sollicito, e intelligente em tratar naquella Curia as dependencias da Ordem. Naõ lhe valeo tanto para esta felicidade o ser patricio daquella Corte Primaz, nem o ter nella parentes de qualidade, e respeito, quanto a sua capacidade, e religiaõ, com que se fazia recomẽdavel dentro, e fora da clausura.

Por estes motivos acabado aquelle triennio o elegeraõ D. Abbade do Mosteiro do Porto no anno de 1641. e preenchendo este lugar com huma conduta respeitoza, que augmentou em todos a veneraçaõ á nossa Ordem, novamente mereceo ser reeleito na mesma Abbadia do Porto no anno de 1644. para que fosse notorio a todos, quanto a Religiaõ se satisfazia com o seu serviço, e como lizongeava os moradores daquella Cidade com a presença de hũ Varaõ, aquem elles protestavaõ os mayores obzequios, e cortejos. Foi, alem destes empregos, Diffinidor mór da Congregaçaõ no anno de 1647. e sem que este lugar lhe servisse de estorvo para subir ao Supre-

Supremo, como prohibem as Conſtituiçoens Benedictinas, a reſpeito de alguns empregos, logo no Capitulo ſeguinte de 1650. foi eleito em D. Abbade Geral deſta Congregaçaõ.

Naõ he explicavel o goſto, que receberaõ os ſubditos com a ſua eleiçaõ. Todos reconheciaõ, que ſe no Rmo. P. havia hum Prelado o mais apto para promover a obſervancia, tambem tinhaõ nelle hum Pay o mais benigno para a ſua conſolaçaõ. Aſſim o experimentaraõ; porque o Rmo. P. fez hum governo taõ acertado, que dentro, e fora do Clauſtro immortalizou o ſeu nome. Naõ ſo em o Reyno ſenaõ na America ſoou a fama deſte excellente Prelado; porque a Congregaçaõ de Portugal, e a Provincia do Brazil, que lhe he ſugeita reſplandeceraõ ſingularmente em letras, e virtudes no tempo do ſeu governo.

Acabando o ſeu Generalato ſe recolheo a viver retirado no Moſteiro de S. Thyrſo; porem ſendo a ſua adminiſtraçaõ, e autoridade preciza á Congregaçaõ para augmentar o ſeu bom nome, naõ o deixaraõ no ſeu deſcanço mais que o breve eſpaço de tres annos. No de 1656. o elegeraõ D. Abbade do Moſteiro de Lisboa, e ſendo que as ſuas inſtancias eraõ as mais fortes para ſe eximir do dito emprego, poderaõ mais as da Congregaçaõ para o obrigar a que aceitaſſe. Aceitou com effeito; porem como era zelozo do bem da Religiaõ, e amante das letras, tirou a condiçaõ de que no ſeu Moſteiro ſe havia eſtabelecer logo hum Collegio de Theologia. Conſeguio ſer attendida a ſua propoſta; e tendo o goſto de ver eſtudos naquella Caza, teve a felicida-

de

de de ver nella ſugeitos, que deſempenhavaõ com credito da Congregaçaõ as funçoẽs literarias. Coſtumava dizer, que as letras eraõ o ſangue illuſtre das Religioẽs; e por iſſo eſtimava com particular affecto aos que via mais inclinados ao exercicio dellas; naõ lhes faltando com os beneficios poſſiveis, que ſaõ os eſtimulos, com que os Prelados devem, e podem remunerar as fadigas dos benemeritos, para que a honra, e eſtimaçaõ, que delles fazem, lhes alente o animo para mayores emprezas.

Sendo eſte Moſteiro de Lisboa compoſto de Cõvento, e Collegio, nelle ſe admirou, á ſombra de hum Prelado taõ prudente, huma harmonia a mais ajuſtada. Havia obſervancia, e havia eſtudo. Todas as funçoẽs ſe executavaõ ſem diminuiçaõ deſte, nem fraçaõ daquella. Deu-ſe a conhecer o Rmo. P. como proprio para ſatisfazer as obrigaçoens da Religiaõ, e os eſtilos da Corte. Era cortezaõ ſem deixar de ſer Religioſo. Cõciliou o governo economico com o politico; deixãdo recomẽdado aos ſuceſſores neſte lugar, q̃ o ſer Religioſo ſem politica, he pouco menos que ſer politico ſem religiaõ. Concluindo em fim os annos deſte governo, quando, contava ſetenta de idade, naõ foi poſſivel reſolvelo a que foſſe a Capitulo Geral. Eſcuzou-ſe com os ſeus annos, e moleſtias; ſendo que a verdadeira cauza era o dezejo de naõ ſe embaraçar mais em governos, para ſeriamente tratar da juſtificaçaõ de ſua alma no retiro. Fez deixaçaõ do lugar antes de concluir o ſeu tempo, e por mais que o Prior da Caza, e Communidade lhe fizeraõ inſtancia para que os governaſſe, naõ conſeguiraõ delle outra couza mais, que dimit-

tir

tir de si o governo.

Foi subdito no triennio seguinte do P. M. Fr. Joaõ de Portugal, e sendo que a Religiaõ com a mayor efficacia o convidava para lhe soceder no emprego, elle se escuzou taõ fortemente de aceitar algum, que houveraõ de ceder á sua reprezentaçaõ, fundada no cuidado, que lhe instava da salvaçaõ de sua alma. Entrou a cuidar neste ponto com o mayor disvelo, como quem sentia já em seu corpo os indicios proximos ao transito; e occupando nas dispoziçoens precizas todos os dias, e as horas, eraõ mais frequentes os actos de piedade, em que se exercitava. Celebrava todos os dias com grande fervor de espirito o sacrificio da missa, e tendo em receber o Sacramento augusto hum contentamento inexplicavel, era singular o amor e affecto, com que se dispunha para este acto. Continuou deste modo ate 19. de Julho de 1664. mas querendo o Senhor que este dia fosse o primeiro do seu ultimo desengano, lhe enviou a molestia de sezoẽs, com que em fim veyo a perder a vida. Naõ o achou esta visita do Senhor sem as prevençoens, que no prazo fatal da vida humana saõ necessarias; porem querendo o Rmo. P. justificar-se mais, repetio as deligencias, que Deos lhe inspirava para aquella hora. Recebeu o Sacramẽto da Eucharistia com huma ternura a mais assombroza, e acompanhando com muitas lagrimas este acto, fez com que todos os Mõges as derramassem enternecidos. Pedio logo a Unçaõ, que recebeo com devoçaõ igual, e sentindo que a vida se adiantava ao seu termo, fez a protestaçaõ da Fé, em que explicou com evidencia a firmeza de sua religiaõ,

e virtude. Repetio em obſequio da Virgem Senhora noſſa huma oraçaõ, que todos os dias lhe rezava, e implorando a ſua proteçaõ, e a de ſeu querido Filho na frequencia, com que repetia os nomes ſuaviſſimos de Jeſus, e Maria, cheyo de confiança, e ſem perturbaçaõ de animo, rendeo o eſpirito no 1. de Agoſto de 1664. A ſeu corpo deraõ honrada ſepultura na Capella mór do Moſteiro de S. Bento de Lisboa onde faleceo. Pegaraõ do eſquife na quelle acto o D. Prior Geral de Santa Cruz, os Provinciaes da Companhia, e Trindade, o D. Abbade do Deſterro, e os Priores de S. Vicente de Fora, e S. Domingos, que penetrados todos de ſentimento davaõ aos Monges o juſto pezame da ſua falta.

Ella foi bem ſenſivel na Congregaçaõ, lembrada dos grandes beneficios, que recebera deſte amavel Pay, e Prelado. Trazia á memoria o muito que enriqueceo o Moſteiro de Ganfey com a abundancia de agoa, que a elle conduzio, vencendo grandes difficuldades. Lembrava-ſe, que no Moſteiro do Porto mandára fazer a notavel obra do Santuario, que ſe conſervou na Capella do Deſterro ate o tempo, em que ſe incorporou em outra Capella taõ primoroza, como rica, que no interior do Moſteiro mandou formar por ſua devoçaõ, e grandeza o P. Fr. Mathias de Lacerda. Lembrava-ſe que no Moſteiro de Tibaens erigira o arco, e frontiſpicio da Capella mór, e aboboda da Igreja. Lembrava-ſe, que no Moſteiro de Lisboa mandára adornar a nobre, e admiravel caza da Sacriſtia, que hoje exiſte, levantando deſde os fundamentos a caza imediata, ou ante-Sacriſtia; e lembrando-ſe finalmente de que

ẽste Rmo. P. adminiſtrou com prudencia, ſuavidade, e obſervancia eſta Congregaçaõ, todos eſtes motivos obrigavaõ a ſentir a ſua perda. Os doutos, e eſtudioſos perderaõ tambem nelle o amparo; porque debaixo da ſua proteçaõ ſahio á luz o P. Fr. Frutuozo Pereira com a ſua eſtimavel Arte Latina, e o P. Fr. Gil de S. Bento com a ſua ſatisfaçaõ Apologetica. Lembrando-ſe porem todos de que o Rmo. P. eternizou o ſeu nome na memoria das gentes pelas virtudes, que praticou, ſuſpendem a ſua magoa na pia conſideraçaõ, de que ſe a morte o roubou aos olhos dos ſubditos, aquem ſervia de exemplar, Deos lhe conferio em o deſcanço da ſepultura o premio, que eſtava declamando o ſeu merecimento.

ELO-

ELOGIO XXI.

DO R.mo P. M. D. Fr. ANTONIO DE S. BENTO.

XXVIII. Geral Benedictino.

NA illustre, e agradavel Villa de Vianna do Lima em a Provincia do Minho nasceo, no anno de 1599. o Rmo. P.M. Doutor Fr. Antonio de S. Bento. Seus nobres pays Luiz Homem, e Isabel de Barros se empenharaõ muito na boa educaçaõ deste filho; e para que se empregasse em exercicios dignos da sua qualidade, o recolheraõ a estudar os documentos da virtude, e principios da latinidade, no seminario, que fundou na Cidade de Braga o Veneravel Arcebispo Primaz D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.

Como o Rmo. P. hia ao Mosteiro de Tibaens algumas vezes, naõ so se agradou da observancia religiosa daquella Caza, senaõ que penhorou aos Mõges della com huma esperança grande do seu talento, e capacidade. Pedio o santo habito, e conseguio ser admittido a elle pelo Rmo. P. Fr. Mauro de Sãtiago pelos annos de 1617. Professou com aceitaçaõ universal dos Monges; porque era humilde, obediente, e prompto em satisfazer com exaçaõ as obrigaçoens religiosas. Entrando nos estudos, fez neles taõ admiraveis progressos, que mereceo o elegessem Mestre. Lẽdo Theologia no Mosteiro de Lisboa, tomou o graó de Doutor em a dita Caza;

mas paſſando a ſer Lente no Collegio de S. Bento de Coimbra, novamēte ſe graduou na Univerſidade.

Como o ſeu merecimento, e virtudes eraõ bem notorias, foi eleito em Abbade do Moſteiro de Boſtello na Junta de 30. de Dezembro de 1640. No anno de 1644. foi D. Abbade do Collegio de Coimbra; e no de 1650. do Moſteiao do Porto, em cujos lugares, e no de Viſitador mór deu a conhecer com evidencia o ſeu zelo, e acertado procedimento no governo da Religiaõ. Por eſtas eſtimaveis qualidades ſe fez digno de que no Capitulo Geral de 1653. o elegeſſem para o ſupremo emprego de D. Abbade Geral della. Governou com ſuavidade, e brandura; mas ſem faltar em couza algũa ao cumprimento da obſervancia, ſendo o ſeu exemplo, mais que as vozes, quem perſuadia aos ſubditos a execuçaõ das Leys, e eſtatutos monaſticos.

Fez muitas obras de grande utilidade no Moſteiro de Tibaens. Deu principio á Igreja do Moſteiro de S. Joaõ da Fóz, obedecendo com promptidaõ, e goſto a huma carta del-Rey D. Joaõ IV. que mandava ſe empregaſſe neſta nova fabrica da Igreja o dinheiro, que havia dado pela do Caſtello. Intentou fundar Moſteiros de noſſa Ordem em o Maranhaõ, o que naõ teve effeito por acabar o ſeu tempo de governo, antes de ſe concluirem as licenças precizas para a execuçaõ da ſua vontade. Deu pelo ſeu grande zelo no augmento da Religiaõ, hum forte impulſo ás obras dos Moſteiros, que tem a Provincia do Brazil, na Cidade do Rio de Janeiro, e em S.Paulo.

Por devoçaõ eſpecial á Santiſſima Virgem ordenou, que a Ladainha da Senhora ſe cantaſſe todos

os

os ſabbados nos Moſteiros deſta Cõgregaçaõ; coſtume, que a piedade fez conſtante por obzequio da meſma Senhora, aquem os Benedictinos veneraõ com amor, e ternura de filhos ſummamente obrigados. Para conſervar o culto, e reſpeito da prodigioſa Imagem de Chriſto Crucificado, que tem a Congregaçaõ no Moſteiro de Sãtarem prohibio naõ houveſſe facilidade em manifeſtala; determinando dias, em que ſe devia fazer, e qualidades de peſſoas, com que ſe devia diſpenſar, para que neſta formalidade conſervaſſe a Sagrada Imagem a veneraçaõ, que he juſto ſe dedique a hũ prodigio taõ eſtranho, como ſingular. Mandou traduzir em a lingua materna para direçaõ de ſeus Monges o Exercitatorio eſpiritual, de que uza eſta Congregaçaõ com aproveitamento dos ſeus filhos.

Eſcolheo Religioſos doutos, e intelligentes, que revendicaſſem as rendas, que haviaõ perdido as Religioſas Benedictinas do Moſteiro de Semide. Deu ſabias providencias para deſvanecer as vaſtas ideas, com que algumas ordens Pontificias intentavaõ tomar poſſe do Collegio da Eſtrella, carecendo de fũdamẽto eſta determinaçaõ. Tambem deſvaneceo felizmẽte o empenho, com q̃ ſe intẽtava tirar a eſta Cõgregaçaõ o Moſteiro de Cabanas pela razaõ de ſer huma antiga Commendataria. Cuidou com louvavel zelo em deſtinar para as Abbadias da Provincia de S. Bento do Eſtado do Brazil os Monges mais obſervantes, e benemeritos, reconhecẽdo que a felicidade das Republicas Religioſas conſiſte eſpecialmente na eſcolha dos ſugeitos, que haõ de encher os lugares, e zelar o bem eſpiritual, e temporal

dos

dos ſeus Moſteiros.

Acabou em fim o ſeu governo com eſtimaçaõ, e credito, e recolhendo-ſe ao Moſteiro de S. Bento da Vitoria do Porto para ſervir a Deos em mayor deſcanço, em breve tempo lhe quiz dar o Senhor o premio de ſeus trabalhos. Huma moleſtia violenta de ſuppreſſaõ de ourinas, lhe tirou a vida em breves dias. Tanto que o Rmo. P. reconheceu o combate deſta moleſtia, recebeu os Sacramentos com a mayor diſpoziçaõ, que lhe foi poſſivel. Creſceo a enfermidade, e certificando os medicos, que ſe aproximava o ultimo de ſeus dias, ouvio o Rmo. P. da boca de hum Monge, ſeu amigo, com tanta reſignaçaõ eſta noticia, que abraçando-o ternamente lhe deu o titulo de verdadeiro amigo. Dispoz-ſe com excellentes actos para a hora, em que havia fazer a Deos hum ſacrificio, ainda que indiſpenſavel, muito voluntario da ſua vida, e continuando em amorozos colloquios a repetiçaõ dos ſuaviſſimos nomes de Jezus, Maria, e Jozé, em fim entregou nas maõs do Senhor o ſeu eſpirito ás 7. horas da tarde do dia 26. de Dezembro de 1657. Seu corpo foi ſepultado no dito Moſteiro de S. Bento do Porto, onde em largos annos viveo a ſaudade, que deixou a todos, pela ſua doçura, e affabilidade, pelo ſeu talẽto, e erudiçaõ, alem de outras virtudes, com que ſe fez recomendavel no coraçaõ dos ſubditos, e na memoria dos eſtranhos.

ELO-

ELOGIO XXII.

DO R.mo P. Fr. VICENTE RANGEL, XXX. e XXXI. *Geral Benedictino.*

NA Cidade do Porto, a ſegunda deſte Reyno pelo ſeu comercio, e riqueza, naſceo Vicente Rangel. Seus pays, q̃ eraõ muito nobres, o educaraõ com o cuidado, que lhes recomendava o ſangue, que herdaraõ em ſeus mayores, para animar ſeus filhos, a que os imitaſſem na obſervancia da ley divina, e nas acçoẽs illuſtres, que deviaõ praticar. Fez tanta impreſſaõ em o animo de Vicente Rangel, eſta nobre, e pia educaçaõ, que ſe dedicou todo a ſervir a Deos no eſtado religioſo. Pertendeo o habito monachal, que lhe cõcedeo o Rmo. P. Fr. Antonio dos Reys, no primeiro triennio, em que foi Geral. Veſtio-o no Moſteiro de Tibaẽs no anno de 1614. e profeſſando com ſatisfaçaõ dos Monges daquella Caza, ouvio depois no Moſteiro de Baſto a Filoſofia, que dictou a muitos diſcipulos o P. M. Fr. Paulo da Natividade. Eſtudou Theologia no Collegio de Coimbra, e ſahindo delle com eſpecial talento para o pulpito, o empregou a Religiaõ neſte exercicio, que teve muitos annos no Moſteiro do Porto, com grande credito do noſſo habito, e muita utilidade dos que o ouviaõ.

Attendeo a Religiaõ o ſeu merecimento, e capacidade para os empregos, e querendo que a ſerviſſe nos lugares, em que podia conciliar-lhe muita hõra,

ra, o elegeo D. Abbade do Moſteiro de Pendorada no anno de 1638. D. Abbade de Palme em 1647. e D. Abbade de Renduffe em 1653. Nos triennios, que mediaraõ foi Difinidor, e por tres vezes Procurador Geral da Religiaõ na Curia de Braga. Em todos eſtes empregos procedeo com tãto acerto, que ſe fez ſummamente amavel, tanto dos Religioſos, como dos ſeculares. Com aquelles era affavel, e liberal, pois naõ duvidava gaſtar em ſeu obzequio o peculio, que a Religiaõ lhe permittia para o ſeu uzo, eſpecialmente affiſtindo em Braga, como Procurador Geral; com os ſeculares benigno, e compaſſivo, pois intereſſava o ſeu preſtimo em o que podia ſervir a huns, acudindo eſmoler no que era poſſivel a outros, que o buſcavaõ neceſſitados. Ainda ſendo Abbade de Renduffe, hiaõ de Braga muitos pobres imploral a ſua piedade, e nelle experimentavaõ todos huma compaixaõ extremoſa, para lhes acudir com a mayor caridade.

No anno de 1656. era Diffinidor, e como no ſeguinte de 1657. faleceſſe o Rmo. P. M. Fr. Miguel de S. Boaventura, o Capitulo o elegeo em D. Abbade Geral da Congregaçaõ. Governou com tanto acerto, zelo, religiaõ, e prudencia em dous annos, que naõ podendo ſer reeleito a votos no Capitulo ſeguinte de 1659. por haver Conſtituiçaõ Benedictina, que o prohibe, foi acclamado por todos os Vogaes, con tinuando deſte modo cinco annos ſucceſſivos o lugar de Geral, em que deſempenhou bem o caracter de verdadeiro pay pelo amor, brãdura, affabilidade, e conſolaçaõ, com que tratava aos ſubditos. No tratamento dos velhos, e doentes

foi

foi mais que extremoſo, exceſſivo. Cuidava de cada hum delles, como ſe naõ houvera outro objecto mais, em que exercitar a ſua caridade. Era eſmoler com grãde deſafogo; porque ſempre entẽdeo, que naõ podia faltar couza algũa, aquem gaſtava o que poſſuhia em beneficio dos pobres. Sẽdo Geral veſtia doze deſtes no Couto de Tibaẽs cada anno, ſendo innumeraveis as eſmolas particulares, que fazia para acudir a todos os neceſſitados. Porem naõ eraõ ſo os bens da Communidade os que ſerviaõ a ſeu animo generozo. Tudo o que tinha de ſeu uzo conſumia neſtas obras de piedade. Naõ negou ja mais o ſeu favor áquelles aquem podia amparar, ainda em materias muito importantes para com peſſoas de grande reſpeito, para o que ſe valia algumas vezes de outras, que o podiaõ deſempenhar em o que pedia. Eſta fortuna experimentaraõ alguns, aquem favoreceo o Conde de Caſtellomelhor Joaõ Rodriguez de Vaſconcelos, Governador das Armas da Provincia do Minho, mediante a intervençaõ do Rmo. P. M. Fr. Pedro de Souza, ſeu irmaõ, por inſtancia, e rogos do Rmo. P. Fr. Vicente Rangel.

Foi ſummamente zelozo do culto divino; e por iſſo ſentio com exceſſiva magoa do coraçaõ o atrevimento, com que as Tropas Caſtelhanas do Reino de Galiza profanaraõ no ſeu tempo o Moſteiro de Ganfey, ſituado na margem do rio Minho. No ſeu ſegundo triennio teve o diſſabor de ver o Moſteiro de Baſto reduzido á mayor ruina, por cauza de hum incendio, que padeceo no mez de Setembro de 1659. Teve porem a gloria de dar a ultima perfeiçaõ no anno de 1661. á Igreja do Moſteiro de Tibaẽs

Dd

baẽs, que ſe havia principiado a edificar no de 1628. ſem que nos lembremos de outras muitas obras, em q̃ ſe intereſſou o ſeu cuidado em varios Moſteiros, a que acudia com maõ liberal, e generoſo animo.

Sendo eſtas as reſpeitaveis acçoẽs, com que enobrecia a ſerie da ſua vida, chegou ao termo, em que havia receber o premio de ſuas virtudes excellentes. Enfermou gravemente, e conhecendo, que ſe vizinhava a hora, em que devia ceder ao pezo da corrupçaõ pela ley fatal da mortalidade, deixando o temporal pelo eterno, fez repetidas confiſſoens, e recebeu com a mayor devoçaõ os Sacramẽtos. Rendeo nas maõs do Senhor o ſeu eſpirito aos 6. de Fevereiro de 1665. Foi ſepultado no Cruzeiro do Moſteiro de Tibaens, onde faleceo; chorando ſeus amantes ſubditos com tantas lagrimas a ſua morte, que naõ lhe dando muito lugar a celebrar os officios da ſepultura com deſafogo de animo, bem moſtravaõ, que ſentiaõ no intimo do coraçaõ a falta de hum Pay taõ eſtimavel, que lhes mereceo na vida huma obediencia a mais prompta, e na morte huma eterna ſaudade.

ELO-

ELOGIO XXIII.

DO R.mo P.M.D. Fr. LUIZ DE MOURA, XXXII. *Geral Benedictino.*

NO lugar de Tarouquella no Bispado de Lamego nasceo o Rmo. P. M. Doutor Fr. Luiz de Moura. Sua familia era muito distinta, porque seus antepassados eraõ dos mais nobres da Provincia da Beira. Educou-se nos primeiros annos em caza de hum seu tio, Abbade de huma Igreja secular, e como este era Varaõ, cheyo de probidade, e bom exemplo, inspirou em o sobrinho, com a estimaçaõ dos bons costumes, o amor de ser Religioso. Pertendeo o nosso santo habito; e como o Rmo. P.Fr. Mancio da Cruz reconheceo nelle vocaçaõ, qualidade de nobreza, e merecimento pessoal, que o faziaõ digno do bem, porque suspirava, lhe concedeo, que o recebesse no Mosteiro de S. Bento da Vitoria da Cidade do Porto aos 27. de Mayo de 1620. sendo Abbade daquella Caza o P. M. Fr. Mãcio das Chagas.

Deu em o noviciado provas taõ evidentes do espirito, com que buscava o estado monachal, que lhe concederaõ a profissaõ. Passados os annos competentes, ouvio Filosofia no Mosteiro de Basto em que teve por lente ao P. M. Fr. Luiz Pereira, sendo Geral o Rmo. P. M. Fr. Gregorio das Chagas. Estudou Theologia no Collegio de S. Bento de Coimbra, e fazendo no estudo desta sciencia hum admi-

ravel progreſſo, mereceo ſer eleito Meſtre, tomãdo depois as inſignias de Doutor naquella Univerſidade.

Conhecendo a Congregaçaõ a ſua religioſidade, e talento para a honrar nos empregos, ſe ſervio muito da ſua peſſoa, para o occupar em os mayores. Elegeo-o D. Abbade do Moſteiro de Lisboa, e neſte lugar, em que entrou no anno de 1653. deu bem a conhecer na Corte o ſeu merecimento. Por elle foi creado Examinador das Tres Ordens Militares, e Qualificador do Santo Officio. Neſte ultimo exercicio fez reſpeitavel a ſua chriſtandade, e literatura, por hum excellente, e doutiſſimo parecer, que offereceo na Meza daquelle rectiſſimo Tribunal. Fizeraõ-ſe naquelle tempo varias propoſtas, para ſe admittirem neſte Reyno os Inglezes com ſeus miniſtros predicantes. Oppoz-ſe o Tribunal, Conſervador da Religiaõ Catholica, aos intentos da heretica pravidade, e chamando os officiaes da Caza, para que cada hum delles formaſſe ſeu Parecer ſobre a prezente materia, fez o D. Abbade de S. Bento hũ, taõ douto, e eloquente, que ſe ouvio com grande credito da ſua peſſoa. Moſtrou com as mayores razoens quaõ perniciosa ſeria á pureza da noſſa Naçaõ a doutrina dos Proteſtantes, pregada em publico, e concluindo com ſolidos fundamentos, que naõ ſe devia admitir huma pratica, a mais deſtructiva dos bons coſtumes, entregou aos Senhores Inquiſidores o Parecer. Foi elle taõ reſpeitado naquelle Tribunal, que ſendo novamente chamado á Meza grande o Rmo. P. nella recebeo hum louvor muito honrozo, porque lhe ſignificaraõ a grande eſtimaçaõ, que

faziaõ

faziaõ do ſeu voto, em materia taõ intereſſante á pureza da Religiaõ, e bons coſtumes, e que naõ eſperavaõ elles menos das ſuas letras, e piedade. Eſte foi o nobre elogio, com que hum Tribunal, o mais veneravel do noſſo Reyno canonizou o merecimento do Rmo. Abbade de S. Bento.

Concluido eſte lugar com grande credito da Cõgregaçaõ, e ſatisfaçaõ dos eſtranhos, foi eleito em Viſitador mór, no anno de 1656. Por morte do Rmo. P. M. Fr. Miguel de S. Boaventura, foi Prezidente de Capitulo Geral no anno de 1657. em que ſahio por Geral o Rmo. P. Fr. Vicente Rangel. No ſeguinte Capitulo de 1659. foi promovido a D. Abbade do Moſteiro de S. Thyrſo. Satisfez eſte emprego com tanto agrado, e conſolaçaõ de ſeus ſubditos, que no Capitulo Geral de 1662. mereceo o elevaſſem a D. Abbade Geral deſta Congregaçaõ. Foraõ as ſuas diſpoziçoens, em ſeis mezes, que lhe prezidio, muitas, e bem acertadas, tanto para o augmento das virtudes, como para o eſtabelecimẽto das ſciencias. Naõ ſe logrou porem a felicidade de ver os admiraveis progreſſos, que prometiaõ os ſeus diſignios, porque ſendo muitas as queixas, que padecia, eſtas o opprimiraõ com tal violencia, que lhe tiraraõ a vida a 14. de Outubro de 1662. Sentiraõ notavelmente a ſua falta todos os Monges; porque experimentavaõ nelle hum Prelado, cheyo de amor, e ternura. Era naturalmente brando para com todos. Amigo conſtante, e leal de ſeus amigos. Eſtimava ſingularmente a verdade, e ſingeleza; porque ſe deſagradava muito de ouvir, que ſe vivia com engano, ou com liſonjas. No trato, e communicaçaõ

das

das gentes era affavel, e politico. Se percebía, que alguem lhe era menos affecto, era facil em buſcalo para ſe reconciliar na ſua amizade. Finalmente, naõ ſe reveſtia de ſoberania indiſcreta, nem pela autoridade da peſſoa, nem pela dignidade dos empregos, antes declinava em familiaridade, de que o notavaõ; defeito innocente, de que nunca cuidou em emendar-ſe, porque ſendo as ſuas entranhas de muita piedade para com os ſubditos, a quem tratava como filhos, repetidas vezes dizia, que dezejava moſtrar, que era Pay, cuidando mais em ſer amado, que temido, como recomenda na ſua Santa Regra o N. Patriarca aos Prelados. Todas eſtas virtudes o faziaõ muito eſtimavel; mas naõ lhe durando a vida no ſupremo lugar deſta Congregaçaõ, mais que os ſeis mezes, que temos dito, todos choravaõ com bem merecida ſaudade a ſua morte. Deraõ-lhe honrada ſepultura na Capella de S. Domingos de Silos, que eſtá no Clauſtro do Moſteiro de Tibaens, onde faleceo no ſobredito dia 14. de Outubro de 1662.

ELOGIO XXIV.

DO R.mo P. M. D. Fr. GREGORIO DE MAGALHAENS.

XXXIII. *Geral Benedictino.*

NO 1. de Janeiro de 1603. nasceo na quinta de Carapeços, no Couto do Mosteiro Benedictino de Travanca do Arcebispado de Braga, Manoel Teixeira de Magalhaens. Seus pays Antonio Teixeira de Seixas, e Anna Pinto de Magalhaẽs lhe inspiraraõ ao coraçaõ com tanta suavidade, e efficacia o amor, e temor de Deos, que desde a tenra idade se inclinou á observãcia de sua ley. Fugia os divertimentos pueriz, como se fora de idade muito alheya de os praticar; e estudando com grande applicaçaõ os principios da lingua Latina debaixo do magisterio do P. Pedro Francisco, Abbade da Igreja de Santa Christina de Figueiró, e celebre professor daquella faculdade, excedeo a todos seus cõdiscipulos, que eraõ muitos, constituindo-se pelo seu estudo gramatico, e rethorico excellente.

Conheceraõ os Monges do nosso Mosteiro de Travanca, onde frequẽtava o estudo de Canto chaõ, e muitos actos de piedade, o seu talento, e inclinaçaõ para ser Religioso, e informando ao Rmo. P. Geral Fr. Mancio da Cruz da qualidade, e merecimento deste sugeito, elle o mandou vir á sua prezença. Examinou-o, e approvando o seu maravilhozo talento em taõ poucos annos, lhe mandou lavrar paten-

patente para receber o ſanto habito no Moſteiro de Tibaens. Recebeo goſtoſamente eſta noticia o Pertendente; porem conſiderando ſeus parentes, que a ſua grande capacidade lhes dava eſperanças mayores, de que faria na Univerſidade muitos progreſſos, e teria vantajoſos adiantamentos com a protecçaõ de ſeu tio Fernaõ Pinto de Magalhaens, que andava ja occupando lugares no ſerviço do Rey, oppozeraõ-ſe á ſua reſoluçaõ. Allegavaõ o deſamparo da ſua Caza, na falta que experimentava de ſeu pay, e o amparo de ſua mãy, e irmaãs, aquem devia aſſiſtir, por ſe achar aquella adiantada em annos, e eſtas ſem eſtado. Reforçavaõ, para lhe impedir a vocaçaõ, o empenho com muitas promeſſas, e lhe lembravaõ os motivos de grandes eſperanças, ſenaõ deixaſſe o mundo. Reziſtio a tudo com heroica reſoluçaõ, e ſoltando-ſe dos braços de ſua mãy, e dos embaraços dos parentes, quando contava deſoito annos de idade, veſtio o habito no Moſteiro de Tibaens aos 16. de Fevereiro de 1621. com o nome de Fr. Gregorio de Santa Maria, ſobrenome que depois mudou no de Magalhaẽs por ſe achar neſta Cõgregaçaõ hum primo ſeu com o meſmo nome, e ſobrenome, que elle havia tomado no ingreſſo da Religiaõ.

Veſtido no ſanto habito começou a exercitar a obſervancia regular com grande edificaçáõ de todos. Era muito humilde, e obediente, virtudes, que formaraõ o ſeu eſpecial caracter; porque ſempre os Prelados o acharaõ prompto, ao que lhe mandavaõ, e ſempre os Monges facil, e condeſcendẽte para naõ ſe elevar com os lugares, e letras que o fizeraõ muito

to diſtinto entre todos. Profeſſou com aceitaçaõ dos Monges de Tibaens, e ſendo mudado, em attençaõ de ſua mãy, para o Moſteiro de Travanca, ſua patria, naõ ſe agradou de viver junto a ſeus parentes. Teve as ſuas repetidas viſitas por importunas, e menos uteis ao ſeu recolhimento. Pedio mudança da quella Caza, e conſeguio-a para o Moſteiro de Lisboa, com deſapego notavel dos meſmos, que o amavaõ com extremo. Ouvio Artes no Moſteiro de Baſto, onde leo o P. M. Fr. Luiz Pereira; e dividindo-ſe no fim da Logica eſte Collegio entre o de Coimbra, e Lisboa, neſte acabou de ouvir a Filoſofia. Eſtudou Theologia no Collegio da Eſtrella, e ſendo conhecido o ſeu talento, e capacidade, o elegeo por Meſtre o Rmo. P. Fr. Antonio dos Reys, ſendo terceira vez Geral deſta Congregaçaõ.

Foi Vice-Reitor, e Prezidente do Collegio da Eſtrella no tempo, em que o Rmo. P. M. Reitor Fr. Cypriano de Mendoça, foi á Corte de Madrid por parte da Univerſidade de Coimbra a expôr ao Rey Felippe IV. negocios muito importantes. De Lisboa paſſou a ler Artes no Collegio de Renduffe, cujo trabalho acabou no Collegio de Coimbra. Teve a felicidade de formar com a ſua doutrina, e erudiçaõ muitos, e grandes diſcipulos, os Meſtres Fr. Pedro do Eſpirito Santo, Fr. Andre da Cruz, e Fr. Franciſco da Viſitaçaõ, excedendo a todos, aquelles dous famoſos Meſtres, e Doutores Fr. Manoel de Buarcos, e Fr. Antonio da Luz, eſte bem conhecido na Europa, como Lente de Prima na Univerſidade de Coimbra, aquelle na America, por ſer o primeiro que diffundio em a Provincia de S. Bento do Eſtado do

Brazil as luzes da ſua ſciencia, e doutrina.

Acabado o curſo de Filoſofia, que leo em Coimbra, foi Regente dos eſtudos no meſmo Collegio, e deſempenhando eſte exercicio com muito credito da ſua peſſoa, para o augmentar, e o da Religiaõ, recebeu o graó de Doutor na Univerſidade. Fez os actos, que antecediaõ a eſte premio, com tanto applauzo, que os meſmos, que lhe aſſiſtiaõ o julgavaõ merecedor de huma das Cadeiras a que ſe fazia Oppoſitor. Começou a Religiaõ a conſiderar com mayor circũſpeçaõ o ſeu avultado merecimento, e julgando acertadamente, que a noſſa Provincia do Principado do Brazil conciliaria hum nome reſpeitavel debaixo da ſua conduta, o elegeo em Provincial della no anno de 1647. Duvidaraõ todos, de que elle aceitaſſe o emprego; porem com obediencia, e humildade ſe ſugeitou, cortando com hum lance generoſo dous fortes embaraços; hum em a repugnancia, que lhe fazia o animo á jornada dilatada do mar; outro nas eſperanças, qne lhe dava a Univerſidade, lembradas em muitas inſtancias que lhe fazia o Collegio de S. Pedro para que naõ as deixaſſe. Cortou por tudo com admiraçaõ, e edificaçaõ de todos. Obedeceo á voz de Deos, explicada nas vozes dos Prelados. Embarcou na Cidade do Porto, e naõ obſtando nem o grande enjoo, que padeceo em quazi toda a viagem, nem o perigo de ſe encontrar com muitas naos Holandezas, que infeſtavaõ entaõ os mares, chegou felizmente á Bahia.

Foi recebido naquella Cidade Capital da America com applauzo dos Monges, e ſeculares, e logo na primeira viſta conheceraõ, que o ſugeito aquem obſe-

obſequiavaõ era mayor, que a fama, que havia precedido a ſua chegada. Deſcançou da viagem breves dias, e começando a cortejar aos que o buſcaraõ, mereceo na eſtimaçaõ de todos hũa veneraçaõ muito diſtinta. Cuidou logo na reforma da Religiaõ, e naõ lhe foi difficultozo o conſeguilla, porque elle era o primeiro, que praticava o que perſuadia. Abrio Collegio de Artes no Moſteiro da Bahia, preſcrevẽdo o modo, com que ſe devia compor a Religiaõ no coro, e o eſtudo na aula, para que naõ ſerviſſe huma couza á outra de embaraço nos ſeus reſpectivos exercicios.

Embarcou-ſe ſem demora para o Rio de Janeiro, e livrando-ſe, como por milagre, dos Holandezes, que cruzavaõ aquelle mar com poderoſa armada, chegou á dita Praça, onde o receberaõ com cortejo igual ao que lhe fizeraõ na Bahia. Reformou o eſpiritual do Moſteiro, que ali temos, com a viſita, que nelle fez; e augmentou-o no temporal, com huma grande obra, que mandou emprender. Soube, que naquellas bahias tinhamos huma Ilha, que dava cana ſingular, mas eſtava inutil, porque cuberta de mato. Foi a ella com alguns Monges, e tomando na maõ huma fouce cortou algum mato, e explicou neſta acçaõ a vontade, que tinha de que ſe cortaſſe o mais. Executou-ſe aſſim, e deſta reſoluçaõ reſultou ao Moſteiro grande utilidade. Mandou edificar na meſma Ilha hum Hermida de N. P. S. Gregorio Magno, que hoje dá o nome áquelle lugar.

Concluida eſta, e outras admiraveis obras, ſe embarcou, e ſeu companhiero o P. M. Fr. Franciſco da Magdalena para a Villa de Santos. Chegou

Ee 2 com

com muitos perigos de vida, entrando em huma canóa pela barra de Verteaja. Considerou o Rmo. P. os descomodos, que padeciaõ os Provinciaes, que dali passavaõ á Villa, ou Cidade de S. Paulo, naõ tendo onde se recolher na Villa de Santos. Meditou o modo de acudir a este notavel incomodo; e vẽdo no alto de hum monte, pouca distancia fora da Villa, hum sitio aprazivel, abundante de agoas, e de frutos, com huma Igreja, ou Capella de N. Senhora do Desterro, tratou com hum homem nobre, que a possuhia, o largar-lhe aquelle lugar, para nelle se fazer hũ Hospicio da Religiaõ. Conseguio felizmẽto o seu intento; e feitos os contratos necessarios, para segurança de ambas as partes interessadas nelles, deixou no mesmo lugar hum Monge com outro companheiro, dando ao primeiro o nome de Presidente, titulo com que ainda hoje se conserva aquelle pequeno Domicilio, ou Hospicio.

Passou sem demora a S. Paulo, e naquella Villa o receberaõ com a mayor veneraçaõ os nobres, e Religiosos, q̃ habitaõ nella. Attẽdeo á indecẽcia, com que os nossos Monges viviaõ em hũas cazas terreas, tendo huma Igreja taõ pequena, que apenas cabiaõ nella vinte pessoas. Entrou no pensamẽto de melhorar este edificio, e valendo muito para este fim a intelligencia, e industria do P. P. G. Fr. Jeronimo do Rozario, acharaõ hum homem nobre, que se obrigou a fazer a Capella mór, e parte do corpo da Igreja, dando-lhe a mesma Capella mór para seu enterro. Celebrou-se o contrato com excessiva alegria, e consolaçaõ dos moradores da Villa. Lançou o Rmo. P. Provincial a primeira pedra na Igreja;

cres-

cresceraõ as mais obras com tanto calor, que em breves dias se viraõ as paredes muito fóra da terra. O sobredito P. Fr. Jeronimo do Rosario se applicou de tal sorte á perfeiçaõ da Igreja, que a acabou, enriquecendo o edificio com hum dormitorio, que lhe fez sendo D. Abbade daquelle Mosteiro.

Dadas sabiamente as disposiçoẽs, com que se reduzio a forma de Mosteiro, o que era huma habitaçaõ informe, voltou á Villa de Sãtos o Rmo. Provincial. Hospedou-se ja no dormitorio, que se levãtou em quanto esteve em S. Paulo. Alegrou-se com estes progressos de Religiaõ o seu espiritito, e dando forma, e modo com que se devia viver, e augmentar aquellas obras, voltou ao Rio de Janeiro, deixando nas Villas de S. Paulo, e Santos magoados a todos pela sua auzencia. Visitou naquella Cidade o Mosteiro, herdades, e fazendas, que lhe pertenciaõ, e disposto o que podia adiantar a observancia, passou á Cidade da Bahia. Foi recebido com alvoroço dos subditos, e dos estranhos. Traçou hũ Collegio, que mandou fazer em Villa Velha, e depois naõ teve effeito. Fez a ultima visita naquelle Mosteiro, e tendo chegado do Reyno Patente a seu successor, preparou-se sem demora para voltar a esta Congregaçaõ. Embarcou-se na frota com inexplicavel saudade dos Americanos, em quem a sua memoria se eternizou pelo merecimento de suas letras, e virtudes.

Chegou felizmente ao Reyno, e sendo recebido na Congregaçaõ com muito applauzo das suas disposiçoens no governo da Provincia do Brazil se recolheo ao Mosteiro de Pombeiro, onde leo Theologia

gia ate o fim do triennio. No Capitulo Geral feguinte de 1653. foi eleito D.Abbade do Collegio de Coimbra, e eftando nefte emprego concluhio a fua jubilaçaõ. Governou com muito acerto: defempenhou o Collegio das dividas, que contrahira nos trienios antecedentes: lageou todo o corpo da Igreja, e fez muitas obras na Sacriftia e Collegio, que lhe ferviraõ de grande ornato, e confervaçaõ. Em Bafto mandou fazer o Tombo, em que fe comprehenderaõ no feu tempo, mais de trezentos prazos em nove freguezias, que fe mediraõ, e tombaraõ em utilidade do Collegio.

No Capitulo Geral de 1656. fubio ao emprego de Diffinidor mór. Foi affiftir no Mofteiro de Pombeiro, com tal obfervancia, e bom exemplo, que excepto alguns dias, em que eftava doente, naõ faltava a acto algum Conventual, efpecialmente do coro; louvavel exercicio, em que fe occupou, ou foffe Prelado, ou fubdito, defembaraçando-fe quãto era poffivel de toda a occupaçaõ, que podia eftorvalo. No anno de 1659. teve o emprego de D. Abbade do Mofteiro de Pombeiro. Fez em todas as officinas obras admiraveis, e de importãcia. Comprou fazendas, com que augmentou o patrimonio do Mofteiro, e no governo delle fe houve com muita prudencia, e religiaõ. Defte lugar paffou ao de Vifitador mór no anno de 1662. e falecẽdo no mefmo anno o Rmo. P. Geral Fr. Luiz de Moura, no Capitulo intermedio foi eleito em D. Abbade Geral defta Congregaçaõ.

Entrou no governo della com fatisfaçaõ notavel dos Religiofos, e feculares; porque todos reconheciaõ

ciaõ, que o ſeu merecimento era muito avultado. O ſeu zelo no augmento da obſervancia, a ſua prudencia nas diſpoziçoens ponderadas com maduro conſelho, o ſeu exemplo efficaz para obrigar a todos, a que o imitaſſem, fazia eſtimavel, e reſpeitoſa a ſua conduta. Occupado no deſenho de muitas obras no Moſteiro de Tibaens, mandou executar naquella Igreja hum retabolo da Capella mór, que ſe fez eſtimavel ate o tempo do Rmo. P. Fr. Antonio de Santa Clara, que com outro mais precioſo, e de melhor riſco, uzurpou áquelle a veneraçaõ que tivera no tempo paſſado. Levãtou deſde os fundamentos a varãda do Clauſtro da parte da Igreja, e neſta, e em todo o Moſteiro fez varias obras, que o adornaõ, e enobrecem, eſpecialmente as janelas de ambos os Clauſtros, que ſaõ muitas, e formoſas. Concorreo com baſtãte maõ para ſe começar a grãde caza da Livraria do Moſteiro de Lisboa, naõ faltãdo a outros Moſteiros com o ſoccorro, e providẽcia, que lhe inſpirava o ſeu animo. Em fim, acabou o ſeu governo, cheyo de eſtimaçaõ, e applauzo, e havẽdo dado á Congregaçaõ hum digno ſucceſſor no Rmo. P. P. Jubilado Fr. Bento da Gloria, a inſtancia deſte ſeu particular amigo, ficou vivendo no Moſteiro de Tibaens.

A moleſtia do figado, que padecia, o trabalho dos embarques, que fizera, o enfado do governo, que exercitou tantos annos, e o pezo da idade, ſe conſpiravaõ juntamente a tirar-lhe a vida. Exaſperou-ſe o calor; acúdiraõ os medicos com remedios frios, e repetidos ſóros. Extinguiraõ eſtes o calor natural; ſobreveyo-lhe huma colica pernicioſa, e

naõ

naõ descobrindo os professores mais remedio para vencela, que humas sangrias, estas transmutaraõ a colica em maligna, de que se lhe originou a morte. Conheceo o Rmo. P. que o perigo em que estava, era o mayor: entrou sem dilaçaõ a dispor-se para segurar o passo mais arriscado. Fez muitas confissoẽs com grande miudesa de consciencia, e recebeo o Viatico com edificaçaõ notavel dos que lhe assistiaõ. Neste acto se explicou em huma douta, e espiritual pratica a sua literatnra, e religiosidade. Pedio o Sacramento da Unçaõ com humildes rogos; e continuãdo em amorosos colloquios a Christo Crucificado, e a sua Mãy Santissima, repetia os seus hymnos com fervoroso espirito. Assim continuou algũ tempo, mas attenuando-se os alentos por instantes, rendeo o ultimo na manhaã do dia 6. de Janeiro de 1667. com 64. annos de idade, e 46. de Religiaõ. Seu corpo jaz no Cruzeiro do Mosteiro de Tibaẽs, defronte do altar de N. Senhora do Rozario, onde os Monges lhe deraõ sepultura. Choraraõ a sua morte com sentimento bem merecido, porque nelle reconheciaõ as qualidades, e caracter de Varaõ perfeito.

Era de rostro alegre, e agradavel para todos. Naturalmẽte brãdo, e affavel. Nas suas praticas honesto, e puro. Nas conversaçoens discreto, e judicioso. Fiel para com seus amigos; constante nas suas promessas. Livre de ambiçaõ, pois desprezou o muito, que podera adquirir nos grandes governos, que teve. Zelozo do bem da Religiaõ; pois se empregou todo na sua conservaçaõ, e augmento. Compassivo com os delinquentes; caritativo para os enfermos. Amante da observancia regular; mas sem vexaçaõ dos subditos

ditos; porque ſervindo-lhe de exemplar nos actos de Religiaõ, ſuavemẽte os attrahia a que o imitaſem. Fóra das moleſtias nunca deixou de celebrar o ſacrificio da miſſa; e para que nenhuma occupaçaõ lhe ſerviſſe de embaraço, ſatisfazia muito ſedo eſta obrigaçaõ. Era ſingularmente devoto de Chriſto Crucificado, de ſua Māy Santiſſima, e das almas do Purgatorio, cujos officios reſava indiſpenſavelmente. Em fim mereceo ſer temido dos ſubditos, naõ como Prelado, mas como Pay; pois todos temiaõ dar-lhe diſgoſto, que o obrigaſſe a proceder com caſtigo. Raras vezes uzava deſte, ſem ponderar a qualidade da culpa, para naõ ſentir depois o que ſem conſideraçaõ executára. Por eſte motivo era brando, e ſuave, quando reprehendia, ou caſtigava; digno por eſta razaõ da ſaudade, que ſentiraõ todos na ſua morte; e digno tambem de q̃ na ſua ſepultura ſe eſtampaſſe o elogio breve, e diſcreto, que ſe lavrou na de outro Abbade Santo do Moſteiro de Caſſino com eſtes termos: *Nullus te timet: Omnes te timent, dum ſibi timent. Tardè punis, nè iniquè punias. Rarò punis, nè ſemper doleas, miti, blandâque ſuavitate.*

Deſte Rmo. P. ſe affirma, que abrindo-ſe a ſua ſepultura mais de 40. annos depois de ſeu falecimento, ſe achara o corpo inteiro, e ſeus habitos taõ perfeitos, que parecia enterrado daquella hora. Aſſim o atteſtavaõ algũs Monges fidedignos, eſpecialmẽte o P.M.F.Gaſpar Barreto, Chroniſta da Sereniſſima Caza de Bragança, em a Noticia, que deu da Religiaõ de S. Bento á Academia Real no anno de 1722.

ELOGIO XXV.

DO R.mo P. P. JUBILADO Fr. BENTO DA GLORIA.

XXXIV. e XXXVI. Geral Benedictino.

ENTRE os muitos, e ſingulares Prelados, que deu a eſta Congregaçaõ a Villa de Arrifana de Souza, foi o primeiro, que encheo o lugar de D. Abbade Geral, o Rmo. P. Fr. Bento da Gloria. Naſceo de honrados, e virtuoſos pays, que inſpirando-lhe os ſentimentos mais puros da obſervancia da Ley divina, receberaõ delle huma nobreſa grande pelas acçoens, e virtudes, com que enobreceo os meſmos pays, a patria, e Religiaõ, de que era filho. Inclinado ao noſſo Santo habito, conſeguio veſtilo por merce do Rmo. P. Fr. Thomas do Soccorro no Moſteiro de Renduffe aos 9. de Março de 1613.

Profeſſou com aceitaçaõ de todos, e entrando nos eſtudos tirou delles hum aproveitamento taõ notorio, que attendendo a elle o nomeou a Religiaõ em Pregador Geral. Deſempenhou eſta obrigaçaõ com muito credito ſeu nos Moſteiros de Lisboa, Porto, e Santarem; porque ſendo a ſua doutrina pura, e a ſua palavra efficaz, com eſtas circunſtancias, e com o exemplo de ſua vida, ſabia colher para Deos copioſos frutos. Jubilou neſte exercicio, e aproveitando-ſe a Religiaõ do ſeu talento, e preſtimo para mayores empregos, o elegeo D.

D. Abbade do Mosteiro de Palme em 1644. Satisfez este lugar com tanto acerto, que no Capitulo Geral de 1647. o crearaõ Diffinidor. Entrou a D. Abbade do Mosteiro de Renduffe no anno de 1656. e logo no de 1659. a Visitador mór em cujo exercicio conciliou o amor, e veneraçaõ de todos os Mõges. No anno de 1662. foi D. Abbade do Mosteiro de S. Thyrso; e no de 1665. Geral da Congregaçaõ; Sendo taõ uteis as disposiçoens do seu governo, taõ notavel o augmento espiritual, e temporal de todos os Mosteitos, que no anno de 1671. se fez digno segunda vez desta suprema Dignidade da Religiaõ, dispensando o Capitulo Geral na prohibiçaõ da Ley Benedictina, que ordena, naõ possa ser eleito em Geral outra vez, senaõ aquelle, entre cujo governo houver mediado hum sexenio. Rezistio o Rmo. P. a esta segunda eleiçaõ quanto lhe foi possivel; mas houve de ceder aos rogos de todo o Capitulo Geral, que com instancias, e razoens as mais fortes lhe pedia, aceitasse o lugar, que lhe offereciaõ para bem da Religiaõ, socego, e boa harmonia de todos os seus individuos.

Naõ teve Prelazia alguma, em que naõ mostrasse hum zelo ardente da observancia da Ley de Deos, e das Constituiçoens da Ordem. As suas maximas eraõ as mais bem fundadas nos dictames da razaõ, e da prudencia. A principal, que recomendava, ainda mais com o exemplo, que com a palavra, era esta: Que todo o Prelado que quizesse dar boa conta de si a Deos, e á Religiaõ devia observar tres couzas indispensavelmente: *Naõ faltar a Deos com o culto, e louvor, que se lhe deve. Naõ faltar aos Monges com*

o precizo para a vida, e consolação. Naõ faltar aos pobres com as esmolas, e agazalho de que necessitaõ.

Sendo esta a maxima, que ensinava a todos, esta era a que satisfazia primeiro, que nenhum outro. Por mayores, que fossem os cuidados, por cauza das Prelazias, ou sendo subdito, ja mais faltava ao coro de dia, ou de noite. Nunca para elle entravaõ os Monges, que naõ o chassem já esperado por elles. Naõ so os acompanhava em todos os actos conventuaes, de que as obrigaçoens de Prelado dispensaõ a muitos, se naõ que era o primeiro, para estimular com o seu exemplo a todos, a ser deligentes, e promptos em seguilo. Religioso houve, que sendo por força de seu espirito, exacto em seguir o coro, nunca pode vencer esta deligencia do seu Prelado. Entrou muitas noites, e talvez annos, no empenho de entrar para Matinas (que por observancia da Regra de S. Bento saõ sempre ás duas horas da noite) primeiro, que o Rmo.P. mas sempre se vio excedido da sua deligencia. Huma noite, que entrando para Matinas o naõ vio na Cadeira Abbacial, entendeo, que podia cantar ja o triumfo; mas brevemente se desenganou, de que estava vencido. Vieraõ entrando os Monges, e o Rmo. P. se levantou do chaõ, em que estava orando, lançado por terra na prezença do Altissimo. Era muito dado á Oraçaõ mental, e muitas vezes se percebia, que esta se acompanhava de lagrimas, e suspiros, orando com humilde postura de corpo, prostrado sobre a terra.

Costumava dizer, que o exercicio do Coro era para elle remedio das suas enfermidades; porque entrando para elle com alguma molestia, sahia aliviado

viado de toda a oppressaõ. Foi notavel no cuidado, que teve do culto divino. Concorria com maõ liberal para o ornato da Sacristia, e Igreja, em que queria se precebesse sempre a suavidade de aromas preciosos. Era devotissimo do Archanjo S. Miguel, e de Santa Gertrudes, cujas imagens mandou colocar na Capella desta Santa no Mosteiro de Tibaẽs; mandãdo-lhe fazer o retabulo, e mais ornato, que recebeo a ultima perfeiçaõ sendo Geral o Rmo. P. M. Fr. Antaõ de Faria, como dirá o seu Elogio. Obra foi sua o Coro do Mosteiro de Tibaens, onde as taboas, que nelle se conservaõ, explicaõ as insignias das figuras, que o adornaõ; sendo estas, e outras muitas obras, provas bem significantes do zelo, que o inflamava para cuidar nos templos, e cazas de oraçaõ, em que perenemente se continua o culto, e louvor de Deos.

Movido deste zelo queria q̃ a observancia regular fosse a mais perfeita nos seus subditos; e havendo professor grande de medicina, que lhe disse em hũa occaziaõ: que o rigor, com que se praticava nos seus Mosteiros, era cauza das enfermidades, que muitos padeciaõ; promptamẽte lhe respondeo: Que hum Religioso naõ fazia nada em se expor a hũa leve queixa, quando serve a Deos, e vay a merecer a gloria; pois que hum soldado se expoem, e a sua vida na campanha, quando vay a servir ao Rey, e conquistar huma praça. Era porem taõ grande a sua caridade para com os subditos, que se os via pouco fortes, os dispensava das mayores penalidades, e os mandava tratar com tanta consolaçaõ, que em breves dias se achavaõ vigorosos, para voltar com
mayor

mayor valentia de eſpirito a ſeguir todo o rigor da obſervancia. Mas porque tocamos o ſegundo ponto da maxima,que obſervava com os Monges, he juſto, que façamos mençaõ do ſeu amor paternal.

Sendo para os enfermos terno, e compaſſivo, e naõ faltando em couza alguma ao que era precizo para lhes recuperar as forças perdidas; para os ſaõs era liberal, e magnanimo, naõ conſentindo que no ſuſtento, e veſtido ſe lhes faltaſſe em nada. Muitas vezes reprehendia ao Celeireiro ſe a porçaõ, que ſe miniſtrava ao Noviço, ao Coriſta, ou a qualquer Padre, era inferior á que ſe offerecia a elle Rmo. mãdando inſperadamente da ſua meza os ſeus pratos a eſte, ou áquelle Monge, para examinar ſe havia em todos a meſma igualdade; exemplo que depois ſeguiraõ outros Prelados. Praticava o meſmo a reſpeito da veſtiaria; e ſe percebia, que algum Monge, por falta de poſſes, carecia do que lhe era precizo para ſua mayor deſcencia, naõ lhe permittia gaſtar do peculio, que a Religiaõ lhe concede, ſenaõ que mandava com maõ liberal, e provida, que o P. Roupeiro lhe aſſiſtiſſe, com o que precizava.Zelando a obſervancia regular, naõ deixava de moderar o ſeu rigor, e trabalho no tempo antecedente ao Advento, e Quareſma, querendo que nos dias, que lhe precediaõ ſe animaſſem os Mõges para executar com mayor eſpirito os aſperos, e laborioſos exercicios, que eſta Congregaçaõ ſatisfaz naquelles ſagrados tempos. Naõ deixava, ſendo pay taõ benigno, de ſer juiz muito recto. Sem excepçaõ de peſſoas reprehendia, ou caſtigava aquem o merecia. Uzava porem como diſcreto, e prudente, mais de reprehen-

henſaõ , que do caſtigo , lembrando-ſe que o Prelado deve procurar ſempre a emenda , e nunca a vingança ; e que huma exhortaçaõ paternal he mais poderoſa , que hum caſtigo ; pois eſte exaſpera talvez o animo do culpado , e aquella ſerve melhor , como de lenitivo , á ſua culpa. Como era muito amante do ſilencio , huma das mayores obſervancias Benedictinas , naõ conſentia as fraçoens deſta virtude. Caſtigava os menores, para que ſe coſtumaſſem ao exercicio della ; e aos mais velhos , para que o ſeu exemplo, e autoridade naõ foſſe pedra de eſcandalo aos mais moços. A ſua rectidaõ , e inteireza lhe fazia guardar huma juſtiça bem diſtributiva, porque naõ propunha para os lugares os ſugeitos , que lhe recomendava o amor da patria , ou o affecto, ſenaõ os que ſe faziaõ dignos pelo ſeu merecimento , e utilidade da Religiaõ.

O terceiro ponto da ſua maxima, era naõ faltar aos pobres em couza alguma. Lembrado de que Deos he ſummamente liberal para o homem eſmoler, e que naõ he digno de miſericordia aquelle, que naõ for miſericordioſo, era eſmoler , e compaſſivo mais do que podemos explicar. Ninguem o buſcou afflito , que naõ achaſſe nelle entranhas de piedade. Acudia a todos ſegundo a indigencia de cada hum. Nas freguezias dos Moſteiros , em que era Prelado mandava veſtir a muitos, e a varias cazas de peſſoas recolhidas , enviava eſmolas , com que remiſſem a vexaçaõ de pobreza , em que eſtavaõ. Porem naõ eraõ ſo os bens do Moſteiro os que ſerviaõ a eſtas obras de miſericordia. O ſeu peculio todo ſe conſumia , ou nas do culto divino , ou neſtas, em que a

ſua

ſua ardente caridade o fazia extremoſo.

Chegou porem o tempo, em que havia receber o premio de ſuas heroicas virtudes. Enfermou de hum pleuriz, e ſendo grande a força, com que a moleſtia o accometeu, eraõ muito poucos os ſeus eſpiritos para lhe reziſtir. Conheceraõ os medicos, que os remedios naõ podiaõ ter efficacia para vencer a enfermidade, e hum delles ſe reſolveo a dar-lhe eſta noticia com grande magoa. Ouvio o Rmo. P. o ſeu avizo com ſemblante alegre, e chamando-lhe verdadeiro amigo pelo deſengano, que lhe dava, entrou a diſpor-ſe para a ultima hora. Fez huma larga confiſſaõ da ſua vida, e levantando-ſe da cama, em que o havia proſtrado a moleſtia, recebeo de joelhos o Sagrado Viatico. Neſte acto fez aos Monges huma pratica taõ eſpiritual, e edificante, que encheo a todos de compunçaõ, ternura, e ſaudade. Em tempo habel recebeo o Sacramento da Unçaõ; e eſperando o ultimo termo da vida com actos fervoroſos de amor de Deos, confiado na ſua miſericordia, em fim eſpirou, contando mais de ſetenta annos de idade aos 29. de Mayo de 1672. Seu corpo eſtá ſepuldo na Capella de Santa Gertrudes do Moſteiro de Tibaes, em que faleceo; eſcondendo huma limitada campa aos olhos de ſeus ſubditos os deſpojos de hum Prelado, que fez celebre, pelas acçoens, e virtudes, que praticou em toda a vida, a bem merecida memoria, que devem conſervar na poſteridade os vindouros.

ELO-

ELOGIO XXVI.

DO R.mo P. M. Fr. DAMAZO DA SYLVA, XXXV. *Geral Benedictino.*

A VILLA de Guimaraens, illuſtre berço dos noſſos primeiros Monarcas, foi a patria do Rmo. P. M. Fr. Damazo da Silva. Naſceo de nobres pays, que foraõ Paulo de Freitas, e Anna de Azevedo, e ſe chamou Miguel da Silva, em quanto viveo no ſeculo. Recebeo o noſſo habito no Moſteiro de S. Thyrſo aos 11. de Fevereiro de 1610. com o nome de Fr. Damazo de S. Miguel, ſendo Geral deſta Ordem o Rmo. P. Fr. Anſelmo da Conceiçaõ. Eſtudou Filoſofia, e Theologia, e ſahio do Collegio com eſpecial talento para o miniſterio da Palavra, que frequentou muitos annos nos Moſteiros de Lisboa, e Porto.

Reconhecida a ſua capacidade, e prudencia foi eleito na Junta que ſe celebrou no mez de Mayo de 1641. em Provincial da noſſa Provincia do Brazil. O ſeu zelo, e actividade em reſtituir nos Moſteiros da ſua obediencia alguns pontos de obſervancia, de que haviaõ decahido, lhe occaſionou varias tribulaçoens domeſticas, de que ſe libertou com o amparo do Governador da Cidade da Bahia, com quem cõtrahira huma particular amizade. Embarcou-ſe na primeira frota para eſte Reyno, e chegando a elle ſe recolheo a viver no Moſteiro de Renduffe. Paſſou depois ao Moſteiro de Travanca a aſſiſtir como Pro-

curador do Tombo, e eſtando neſta occupaçaõ o elegeraõ em D. Abbade da meſma Caza no anno de 1653. Governou com muito acerto; porque era ſollicito do bem eſpiritual de ſeus ſubditos, e do temporal do Moſteiro. No anno de 1656. foi nomeado Procurador Geral na Corte de Lisboa; lugar que deſempenhou com muito zelo, e inteireza, merecendo na Corte diſtinta eſtimaçaõ, e na Religiaõ hum grande applauzo. Mereceo por eſte, ſer eleito em D. Abbade do Moſteiro de S. Bento da Vitoria do Porto em 1659. Promoveo neſte emprego com o mayor diſvelo a obſervancia monaſtica, e por força delle mereceo aos eſtranhos huma veneraçaõ eſpecial da ſua peſſoa, e hum reſpeito univerſal para os ſeus ſubditos. Mandou fazer naquella Caza o livro memorial das ſuas rendas; adornou a Igreja com a mayor decencia; aſſiſtio aos Monges com abundancia; ſoccorreo aos pobres com liberalidade.

Deſte lugar paſſou ao de Viſitador mór no anno de 1662. e ſendo que o emprego pede a mayor equidade, elle a moſtrou bem, em caſtigar ſem ſeveridade os culpados, e em louvar ſem lizonja os benemeritos. Parecendo ſevero na preſença, era benigno, e cheyo de caridade em as obras. Por iſſo emendou, ſem uzar de violencia, os defeitos; recebendo com amor paternal os que o buſcavaõ com humildade. No anno de 1665. foi promovido a D. Abbade do Moſteiro de S. Thyrſo, em cujo lugar conſeguio a veneraçaõ dos ſubditos, e reſpeito dos eſtranhos.

He cõſtante prova deſta verdade o favor, que deveo ao Conde de S. Joaõ, depois Marquez de

Tavo-

Tavora, a Miguel Carlos, Conde de S. Vicente, a D. Francifco de Tavora, Conde de Alvor, e ao Conde da Torre; pois obrigados todos da urbanidade, e grandeza, com que os hofpedou no Mofteiro de S. Thyrfo, quando voltavaõ da campanha, o cortejaraõ muito na Corte, quando chegou a ella; fendo Geral. Todos eftes Fidalgos, e outros o bufcáraõ, naõ fo huma, mas repetidas vezes, e o Marquez de Tavora fe lhe offereceo para o conduzir á prezença del-Rey D. Pedro II. honra, que executou. Deu hora ao Rmo. P. e chegãdo efte á Corte Real, baixou o Marquez, e abrindo-lhe a liteira, o conduzio pela maõ ate a vifta do Rey, continuãdo as mefmas honras, e demonftraçoens de eftimaçaõ ate que fe defpedio. Acabou o Rmo. P. a nova Sacriftia de Santo Thyrfo, e levantou defde os fundamentos a ante Sacriftia; e tambem he obra fua a Capelinha de S. Bernardo.

No anno de 1668. havendo grande controverfia na eleiçaõ de Geral, foi o Rmo. P. infperadamente eleito com gofto, e aceitaçaõ de todos. Continuou hum, e outro bem, pelo acerto, e prudencia, com que governou, confeguindo no feu tempo huma concordia, e harmonia fingular em toda a Congregaçaõ. Sendo exacto na obfervancia regular, naõ diffiria aos empenhos, que a encontravaõ. Por efta cauza efcolheo o meyo de naõ abrir Collegio de Filofofia no feu triennio, para fe evadir de mandar a elle os q̃ paffavaõ da idade competente, e outros que naõ a tinhaõ. Foi dotado de fummo defintereffe; pois defprezava com animo generofo qualquer offerta. Muito agradecido aos feus amigos, o que bem

moſtrou, alcançando diſpenſa para lhe ſoceder nō lugar o meſmo Geral, que o havia eleito, que foi o Rmo. P. Fr. Bento da Gloria. Na aceitaçaō de Noviços ſe houve advertido, e conſtante. Eſcuzou-ſe com honeſtos pretextos de aceitar hum, a favor de quem eſcreveo Belchior do Rego, Secretario da Senhora Rainha D. Maria Izabel de Saboya, por entender, que naō buſcava o eſtado religioſo por vocaçaō, ſenaō por fins humanos, pois o Avizo lhe dizia: que de entrar eſte pertendente na Religiaō, pendia o tomar eſtado huma Irmaā ſua, ſendo Religioſa Capucha no obſervātiſſimo Convento do Crucifixo de Lisboa. Em outra occaziaō reſpondeo em cazo ſimilhante ao Marquez de Tavora: *V. Excellencia he meu amigo, e eu ſou ſeu Capellaō; naō me peça por noviço, que naō ſeja ſeu filho, ou ſeu parente:* o meſmo diſſe ao Conde de Unhaō, aquem deveo amizade, e favor, eſpecialmente eſtando em Santarem. Concluio finalmente o ſeu governo com o mayor applauzo; e recolhendo-ſe a deſcançar no Moſteiro de Santo Thyrſo, naō paſſou muito tempo, que naō chegaſſe ao termo de ſeus dias. Enfermou gravemente, e cuidadozo da ſalvaçaō eterna, buſcou primeiro, que o medico do corpo, o da alma. Chamou ſeu confeſſor, e purificando no Sacramento da Penitencia os ſeus defeitos, recebeo o Viatico, e Unçaō com muito acordo. Conſolava animoſamente aos que choravaō a ſua falta, e indo perdendo as forças por inſtantes, acabou a vida aos 29. de Abril de 1672. no dito Moſteiro de S.Thyrſo, em que jaz ſepultado.

ELO-

ELOGIO XXVII.

DO R.mo P. M. D. Fr. JERONIMO DE SANTIAGO.

XXXVII. XXXIX. e XLI. Geral Benedictino.

PERTO das correntes do rio Douro na Villa de Melres, quatro legoas distante da Cidade do Porto, nasceo o Rmo. P. M. Fr. Jeronimo de Santiago. Foraõ seus pays Pedro da Fonceca Coutinho, e Maria Rabella Pereira, ambos taõ conhecidos pela sua nobreza, como pela excellencia de seus costumes. Applicados ambos á boa educaçaõ de seus filhos, cuidaraõ muito, em que este seguisse o estudo das letras, e sciencias, e para que aprendesse os primeiros fundamentos da gramatica, o enviaraõ á Cidade Braga, onde estudou debaixo do magisterio dos Padres da Companhia. Aproveitou com tanta applicaçaõ o tempo, que aos quinze annos de idade admiravaõ nelle seus Mestres hum perfeito latino.

Movido de especial vocaçaõ, pedio ao Rmo. P. Fr. Thomás do Soccorro o habito de nossa Religiaõ; e como para merecer este favor o apadrinhavaõ hũa devoçaõ conhecida, hum procedimento recomendavel, huma capacidade, cheya de boas esperanças para o futuro; facilmente conseguio o que suspirava. Recebeo a Cogulla monachal no Mosteiro de S. Bẽto da Cidade do Porto, em que era D. Abbade o P. Fr. Paulo de S. Miguel pelos annos de 1629. Tanto que professou o mudou a Religiaõ para o Mosteiro de

de Tibaẽs; porque dotando-o a natureza de huma voz admiravel, o ſeu preſtimo era grande para o louvor de Deos em o coro daquella Caza. Paſſou deſte Moſteiro ao de Paço de Souza, e havendo o Rmo. P. M.Fr. Leaõ de Santo Thomás de promover aos eſtudos os ſugeitos mais habeis para ſeguir as letras, no exame que fez peſſoalmente de todos, achou a Fr. Jeronimo de Santiago excedendo aos mais; porque lhe recitou huma oraçaõ latina taõ compoſta, e elegante, que lhe pareceo eſtar ouvindo em Paço de Souza hum dos melhores Oradores da Univerſidade de Coimbra.

Ouvio Filoſofia dous annos no Moſteiro de Baſto, o terceiro no Collegio da Eſtrella em Lisboa. Nelle eſteve alguns annos de Theologia, que acabou de eſtudar no Collegio de Coimbra. A ſua applicaçaõ a eſta mayor das ſciencias, lhe mereceo ſer creado Meſtre pelo Rmo. P. M. Fr. Antonio Carneiro. Aſſiſtio naquella Univerſidade ſete annos, e exercendo na Religiaõ todas as Cadeiras ate a de Prima, tanto neſtas, como nos pulpitos ſe fazia eſtimavel o ſeu talento. Bem o moſtrou em huma occaziaõ, em que faltando, quazi de repente, quem havia pregar no preſtito da feliz acclamaçaõ do Reyno, veyo peſſoalmente o Reytor da Univerſidade convidalo para eſte deſempenho; e ſendo o tempo muito pouco ſatisfez com tanto applauzo eſta acçaõ, que mereceo á ſua peſſoa, e Religiaõ os mayores creditos.

De Coimbra paſſou a aſſiſtir no Moſteiro de Paço de Souza, onde ſe dedicou de tal ſorte ao exercicio do pulpito, que para ſatisfazer ao dezejo, que muitos tinhaõ de o ouvir, era precizo em alguns dias

acudir

acudir a duas, e tres, ou mais Igrejas. Em todas se escutava a sua doutrina com edificaçaõ, e utilidade dos proximos; resultando do seu trabalho tanta gloria ao seu nome, quanto esplendor ao habito. Occupado nestas fadigas externas, naõ deixava de acudir ás obrigaçoens domesticas. Era frequente no coro, e muito zelozo do culto divino, naõ se dispensando pela sua autoridade, nem da assistencia, nem das vozes, que empregava no exercicio de louvar a Deos.

Estando neste laborioso, e louvavel emprego, se valeo a Religiaõ do seu talento para beneficio de muitos. Deu-lhe a Cadeira de Filosofia, que leo no Mosteiro de Basto no anno de 1659. com grande aceitaçaõ, e aproveitamẽto de seus discipulos; porem como no mesmo anno socedeo no dito Mosteiro hũ fatal incendio, acabou de ler este Curso no Mosteiro de Pombeiro. No anno seguinte passou a ler Theogia no Collegio de Coimbra, onde foi Regente dos Estudos; e parecendo conveniente, que tomasse o gráo de Doutor, elle se contentou de o ser pela Religiaõ, e naõ pela Universidade; porque naõ havendo de seguila, por se achar avançado em annos, julgou, que este dispendio era escrupulozo, sendo para mayor utilidade sua, que da Religiaõ.

Começou a servir a esta nos empregos, no triennio do Rmo. P. M. Fr. Gregorio de Magalhaẽs. Foi em lugar delle visitar o Mosteiro de Santarem, e os de Lisboa, levando por companheiro o P. M. Fr. Gaspar das Neves. No anno de 1665. em que foi Geral o Rmo. P. Fr. Bento da Gloria, foi eleito em Procurador Geral da Corte. Desempenhou este lugar

gar com tanto acerto que deu a conhecer o seu profundo talento, expedindo negocios, que pendiaõ havia muitos annos, e tratando outros com grande credito, e honra da Congregaçaõ. Empregado neste exercicio taõ laborioso, naõ deixava de mostrar nos actos literarios a sua capacidade. Argumentava nas Concluzoens, que se prezidiaõ nos Collegios da Corte; via-se nos melhores pulpitos della, ouvindo-se com admiraçaõ, e applauzo as suas vozes. A sua eloquencia natural o fazia estimavel; a sua energia em discorrer, a sua efficacia em persuadir lhe mereciaõ entre todos huma distinta veneraçaõ. O mesmo Rey, e Senhor D. Pedro II. sendo ainda Principe Regente, qualificou o seu merecimento com real voto; pois ouvindo pregar ao Rmo.P, sendo D.Abbade de S. Bento da Saude, o Sermaõ de Passos, que naquelle tempo se faziaõ no Mosteiro, e que o mesmo Senhor honrava com a sua prezença, voltando-se para os Fidalgos, e Corte que lhe assistia disse; Bem prega o nosso Abbade. Tal era o amor, e estimaçaõ, que devia ao Principe, e á Corte, que naõ so elogiavaõ com publicas vozes o seu merecimento, senaõ que o appelidavaõ como amigo nas conversaçoens com o titulo de nosso Abbade de S.Bẽto.

Neste lugar o occupou a Religiaõ no anno de 1668. e mostrando a experiencia, que a sua economia para o governo, era igual á sua literatura para as Cadeiras, esta so Prelazia lhe mereceo, na estimaçaõ dos estranhos, e domesticos, os votos, que lhe davaõ ascenso para os mayores empregos.

Encheo dignamente o de Visitador mor no anno de 1671. e sendo Deos servido chamar á vida eterna

na o Rmo. P. Fr. Bento da Gloria no anno de 1672. a 20. de Junho deste anno, foi eleito o Rmo. P. Visitador em D. Abbade Geral da Congregaçaõ. Foi taõ grata a todos a sua admiravel conduta; taõ util ao augmento da observancia monastica o seu governo, e de tanta consolaçaõ aos subditos a sua benignidade, que sem violencia, antes com summo gosto, o elevaraõ segunda, e terceira vez neste lugar supremo, nos annos de 1677. e 1683. naõ mediando em cada governo, mais de hum triennio, por fazer dispensavel a Ley Benedictina, que prohibe esta eleiçaõ antes do sexenio, o acerto, a rectidaõ, a prudencia, e suavidade, com que o Rmo. P. se houve sempre no governo espiritual, e temporal da Congregaçaõ.

Naõ eraõ so estas as virtudes, que nelle resplandeciaõ. A piedade, a compaixaõ, e mais que tudo, huma brandura muito natural formavaõ o caracter principal do seu espirito. Sentia ver qualquer subdito pouco consolado. Nos castigos naõ estendia a pena ate onde merecia a qualidade da culpa. Misturava com as lagrimas dos que arrependidos buscavaõ os seus pés, as da sua compaixaõ, e piedoso animo. Mas sendo que a misericordia lhe movia o coraçaõ para se explicar, pela mayor parte, em acçoens de brandura; naõ omittia os actos de justiça, quando se fazia indispensavel uzar os termos de rigor. Por esta cauza chamava algũas vezes ao Mosteiro de Tibaens aquelles, que mereciaõ ser reprehendidos, ou castigados; para que nem os Prelados locaes deixassem passar os erros, sem lhe dar a emenda, nem os subditos se animassem a cometelos, fiados na sua brandura. Era extremosamente zelozo da

obſervancia do ſilencio, e ceremonias, e naõ diſimulava em cazo algũ as faltas, que neſte particular ſe cometiaõ. No culto divino empregava o mayor diſvelo; e aſſiſtindo a todos os actos conventuaes, e ainda aos mais penozos indefectivelmente, obrigava com o ſeu exemplo a todos para a imitaçaõ. Era muito dado ao Santo exercicio da Oraçaõ mẽtal; e gaſtando horas neſte fervoroſo emprego, muitas vezes o acompanhava de lagrimas, abrazando-ſe em fogo o ſeu eſpirito.

O eſtabelecimento das virtudes, e obſervancia lhe occupava a melhor porçaõ de ſeus cuidados; mas attendendo ao bem temporal da Congregaçaõ, ſatisfez as obrigaçoens de Prelado o mais zelozo. Fez no Moſteiro de Tibaens o lanço da Galaria, as grãdes eſcadas da Portaria, e patio da Igreja. Mandou acabar as duas formoſas Torres, collocando nellas os dous ſinos mayores, que ali ſe conſervaõ. Comprou para utilidade do Moſteiro a quinta do Pedrozo, e algumas Peſqueiras, que embaraçavaõ no rio goſar com liberdade das que ja ſe poſſuhiaõ. Na Igreja do dito Moſteiro fez por conta do ſeu peculio a Capella do Santo Chriſto, com a perfeiçaõ, e ornato, que ſe vio ate o primeiro triennio do Rmo. P. M. D. Fr. Joaõ Baptiſta, ſeu ſobrinho, que em memoria de ſeu grande tio, levou a mayor perfeiçaõ de riqueza, e pinturas eſta Capella.

Mas naõ ſe limitando ſó ao Moſteiro de Tibaens as ſuas providencias, acudio aos mais com todo o diſvelo. Augmentou muito a livraria do Moſteiro de Lisboa, para onde mandou de outras huma grande copia de livros. Foi protector, e amparo dos Mon-

ges

ges eſtudioſos , e ſabios , reconhecendo , que eſtes ſaõ os que enobrecem , e perpetuaõ o credito da Religiaõ com a ſua doutrina, e eſcritos. Creou Chroniſta deſta Congregaçaõ ao P. P. Geral Fr. Joaõ dos Prazeres , bem conhecido no Orbe literario pela obra , que compoz das Emprezas de S. Bento , e outras muitas , eſtando vago o dito emprego , por haver ſubido ao de Chroniſta mór do Reyno o Rmo. P.P. Geral Fr. Rafael de Jeſus , Monge taõ qualificado deſta Congregaçaõ.

Attendendo á uniaõ , e paz , que ſe devia conſervar na Religiaõ , empregou o ſeu mayor cuidado , e autoridade em obviar dous pontos , de que no tempo futuro ſe podiaõ ſeguir terriveis conſequencias. O primeiro , impedindo , que a noſſa Provincia de S. Bento do Brazil naõ ſe ſeparaſſe da Congregaçaõ; negocio , em que trabalhavaõ com todo o calor os Americanos. O ſegundo , embaraçando naõ tiveſſem voto em Capitulo Geral todos os Monges deſta Cõgregaçaõ ; antevendo que a ſua pluridade cauzaria mayores confuzoens , do que as que naſcem das parcialidades, que por honra, e zelo da Religiaõ elle dezejava extirpar ate as ultimas raizes.

Eſtas foraõ as acçoẽs memoraveis, em que ſe empregou o Rmo. P. ate huma idade muito avançada. Chegou porem o tempo de trocar os trabalhos deſta vida pelo deſcanço da ſepultura. Exaſperada a queixa , que padecia do figado , ordenaraõ os medicos , que ſe ſangraſſe. Naõ permittio ſe lhe acudiſſe com eſte remedio , ſem cuidar primeiro nos principaes de ſua alma. Confeſſou-ſe com grande miudeza no eſpaço de tres dias ; e ſupoſto que recebeo entaõ o

 Sa-

Sacramento, vendo que a moleſtia adiantava os paſſos, pedio o Sagrado Viatico, que lhe miniſtrarão entre as demonſtraçoens mais expreſſivas do ſeu arrependimento, e da ſua eſperança na miſericordia do Senhor. Foraõ attenuando-ſe as forças, e debilitando-ſe as potencias. Perturbou-ſe o juizo com a affliçaõ, que lhe cauſava a moleſtia. Declinou em deſvarios, mas taõ a propoſito para a hora da morte, a que ſe achava proximo, que naõ ſe ouviaõ na ſua boca ſenaõ pſalmos, e antifonas, que repetia truncadas. Pronunciava o doce nome de Jeſus repetidas vezes; outras, algumas oraçoens da Santiſſima Virgem, e de varios Santos, aquem amava. Em fim, continuou algum tempo neſtes colloquios, que no meyo do ſeu delirio produzia a piedade, bem radicada no coraçaõ; mas naõ podendo o eſpirito reſiſtir já á vehemencia da enfermidade, que o opprimia, rendeo o ultimo alento nas maõs do Creador aos 27. de Novembro de 1685. Seu corpo foi ſepultado com o mayor ſentimento de ſeus ſubditos na Capella do Santo Chriſto do Moſteiro de Tibaẽs, que elle adornou, e enriqueceo, por teſtemunho da ſua piedade.

ELO-

ELOGIO XXVIII

DO R.mo P. M. D. Fr. CYPRIANO DE MENDOÇA.

XXXVIII. Geral Benedictino.

NA illustre, e antiga Villa de Ponte de Lima do Arcebispado de Braga, nasceo em o anno de 1598. Antonio Dantas, filho de Bartholomeu Dantas, Cavaleiro da Ordem de Aviz, e de sua mulher D. Branca Correa de Abreu. Sendo ambos os cōsortes muito nobres pela sua origem, e muito catolicos pelas acçoēs de piedade, em q̄ se occupavaõ, cuidaraõ na educaçaõ deste filho com o mayor disvelo; porque na boa indole, que descubriraõ nelle, fundavaõ huma grande esperança, de que no tempo futuro lhe esmaltaria a nobreza do sangue, com a preciosidade das virtudes, e letras. Para o estudo destas o enviaraõ á Cidade de Braga, e procedendo ali com modestia, recolhimento, e applicaçaõ, estes predicados o fizeraõ digno, de que os Padres da Companhia, em cujas aulas estudava os rudimentos da latinidade, o persuadissem a vestir a Roupeta de Santo Ignacio. Entrou na quella sociedade, em que perseverou quatro annos; mas ou fosse porque as maximas daquelle governo naõ lhe agradassem, ou porque as do seu espirito aspiravaõ a observancia mais regular, sahio com effeito daquella Religiaõ, sem que as muitas, e fortes deligencias dos Padres da Companhia podessem desvanecer

necer o ſeu intento.

Recolhido na Caza de ſeus pays, della formou para ſi huma clauzura rigoroſa, porque no recolhimento, e exercicios de piedade deſempenhava as obrigaçoens de Religioſo. Era neſte tempo Geral de noſſa Congregaçaõ a primeira vez o Rmo. P. Fr. Antonio dos Reys, e vendo que Antonio Dantas lhe pedia com inſtancia o ſanto habito, moſtrando, que naõ deixara a Religiaõ da Companhia por falta de eſpirito, ſenaõ por hum eſpecial fervor, que o eſtimulava a viver em Inſtituto mais regular, e obſervante, differio á ſua pertençaõ, e lhe concedeo a entrada. Recebo o habito no Moſteiro de Santo Thyrſo em o anno de 1614. ſendo D. Abbade o P. P. Fr. Romano Cerveira; e para moſtrar, que deixava o mundo ſem reſerva, ate o proprio nome, e appelido de ſeus antepaſſados deixou, trocando o de Antonio Dantas em o de Fr. Cypriano de Jeſus.

Procedeo no anno de ſua approvaçaõ com excellentes demonſtraçoẽs do affecto, com que buſcou o eſtado religioſo, e ſendo admittido á profiſſaõ, cuidou em merecer a eſtimaçaõ de todos pelo exercicio de muitas virtudes, que praticava. Era recolhido, e eſtudioſo, tanto que naõ apparecia mais, que nos actos de Communidade, gaſtando o mais tempo em liçoens eſpirituaes, e uteis para encher a alma de fervor, e de boas eſpecies o entendimento. Promovido aos eſtudos no Moſteiro de Baſto, comprehendeo a Filoſofia com ſubtileza, e paſſando a ouvir Theologia no Collegio de Coimbra, mereceo pela ſua applicaçaõ ſer eleito Meſtre, ate ſe graduar Doutor naquella Univerſidade.

Neſte

Neste estado se achava o Rmo. P. quando sobrevieraõ á mesma Universidade negocios de muita importancia, que se deviaõ tratar na Corte de Madrid, diante da Magestade de Felipe IV. Elegeraõ-no para este emprego, de que se encarregou primeira, e segunda vez; e ou seja porque o Confessor daquelle Monarca era parente do Rmo.P. a que muitos attribuiraõ a felicidade da sua Inviatura, ou fosse porque o seu talento se empenhou em dar satisfaçaõ da empreza, que se lhe confiara, o certo he, que a Universidade foi attendida da Magestade, como esperava, sendo o Rmo. P. bem ouvido na Corte de Hespanha.

Recolhendo-se á Universidade, nella viveo ate o anno de 1635. em que a Religiaõ o elegeo Reytor do Collegio da Estrella em Lisboa. Acabando este lugar com prudencia, e acerto, no anno de 1638. o promoveraõ a Visitador mór da Congregaçaõ. No seguinte Capitulo Geral de 1641. em que se descubriraõ razoens forçozas para sanar algumas nullidades, foi Presidente desta Congregaçaõ, e sendo escolhido juntamente com o Rmo. P. M. Fr. Antonio Carneiro para ser Procuradores da Religiaõ na Curia Romana, vencidas muitas difficuldades, que os interessados no partido dominante oppunhaõ á sua jornada, em fim a emprendeo, e chegou com grande trabalho áquelle Emporio do Orbe Catolico. Tratou com tanta actividade as dependencias, que o levaraõ áquella Corte, que felizmente conseguio os despachos, que pertendia, voltando a Portugal, cheyo de estimaçaõ, e honra, que lhe mereceo a sua prudencia, e autoridade.

No

No Capitulo Geral de 1644. foi eleito em D. Abbade do Mosteiro de Lisboa, onde mostrou claramente o seu talento em unir com armonia estupenda o fervor da observancia com a consolaçaõ dos seus subditos. Descançou livre de cuidados ate o anno de 1650. porem attendendo a Congregaçaõ á utilidade, que lhe resultava da sua economía, neste anno o elegeo D. Abbade do Collegio de Coimbra. Resplandeceo muito neste lugar a conduta de hũ Prelado estimavel; porque fazendo, que os estudos se adiantassem muito naquella Caza, conseguio que a observancia fosse o esmalte da sciencia. Acabou o seu governo, e vendo-se obrigado da caridade a cuidar na educaçaõ de hum sobrinho, orfaõ, e unico herdeiro da sua Caza, assistio com elle ate que chegasse a idade, em que sem o descuido dos poucos annos, soube administrar as rendas, e patrimonio, que lhe pertenciaõ.

Recolhido no socego da clauzura, naõ esperava o Rmo. P. entrar em mayores trabalhos, que os antecedentes; porem chegando o anno de 1674. attendido o seu grande merecimento, foi eleito em D. Abbade Geral da Congregaçaõ. A sua prudencia, experiencia de negocios, e talento para cuidar em materias importantes, acreditaraõ o acerto desta eleiçaõ; mas naõ deixou de ter emulos o seu governo, fundando as queixas naõ tanto em as dispoziçoẽs, que eraõ proprias do Rmo. P. como nas alheyas de alguns, aquem elle confiava parte do pezo da sua Dignidade. Era occaziaõ desta desconfiança a sua idade, avançada já a mais de setenta, e seis annos; mas he indubitavel, que se em algum ponto de menos entidade houve descuidos, que naõ se lhe devem im-

imputar. Ao ſeu zelo, e cuidado devemos hũa grande memoria, porque conſervou o eſplendor deſta Congregaçaõ na obſervancia das leys, e pureza dos coſtumes. Eſtendeo á noſſa Provincia do Brazil o ſeu animo, cuidando muito no ſeu augmento, tanto em virtudes, como em letras. Eſtimou os ſabios, e eſtudioſos, e para moſtrar, que amava os benemeritos, fez Chroniſta deſta Congregaçaõ ao P. M. Fr. Jeronimo Vahia, hum dos ſugeitos, aquem o ſeu grãde engenho, as bellas letras, e as muzas fizeraõ recomendavel á poſteridade.

Acabado o tempo do ſeu governo, ficou o Rmo. P. vivendo no Moſteiro de Tibaens; porem ſendo muito o pezo de ſeus annos, e debeis as ſuas forças, adoeceo com moleſtia, que naõ ſe imaginava perigoſa. Elle a conheceo por mortal, e entrando em hũ admiravel deſengano das couzas temporaes, ſomẽte cuidou nas diſpoziçoens para conſeguir as eternas. Purificou com repetidas confiſſoens a ſua conſciencia, lembrando-ſe ainda dos minimos eſcrupulos, que podiaõ excitar-lhe as acçoes de ſua vida dilatada. Moſtrou o deſapego deſte mundo, na entrega que fez ao Rmo. P. Geral das chaves de tudo o que a Religiaõ lhe permittia para ſeu uzo. Recebeo logo os Sacramentos com grande piedade, e edificaçaõ dos que lhe aſſiſtiaõ. Pedio com muito acordo lhe rezaſſem o officio da agonia, e reſpondendo alegre aos que choravaõ a ſua morte, triſtes, e ſentidos da ſua falta, que eſtava proxima, em fim ſoltou o ultimo alento quando contava oitenta, e hum annos de idade no dia 13. de Janeiro de 1679. Eſtá ſepultado na Igreja do Moſteiro de Tibaẽs, junto ao altar de S. Joaõ Baptiſta.

ELOGIO XXIX.

DO R.mo P. P. GERAL Fr. JOAÕ OZORIO.

XL. *Geral Benedictino.*

NAõ longe do Mosteiro de Travanca, na freguesia de S. Payo de Oliveira do Arcebispado de Braga, nasceo o Rmo. P. P. Geral Fr. Joaõ Ozorio. Recebeo a graça do baptismo a 14. de Mayo de 1618. tendo por pays Feliciano Cardozo, e D. Joanna Ozorio, pessoas naõ so principaes, senaõ illustres. Deveo ao cuidado, e vigilancia destes os documentos de piedade, em que o instruiraõ, e o estudo da latinidade, a que o mandaraõ applicar; e como a sua inclinaçaõ suavemente o dirigia ao estado religioso, significaraõ ao Rmo. P. M. Fr. Manoel de Santa Cruz o dezejo, que tinhaõ de ver a seu filho, Monge desta Congregaçaõ. A qualidade da sua pessoa, e o merecimento, que lhe assistia, na idade de desoito annos, o fizeraõ digno da attençaõ do Rmo. que sem demora lhe mandou vestir o nosso habito no Mosteiro de Tibaens aos 18. de Dezembro de 1636.

Havendo professado com aceitaçaõ da Congregaçaõ foi mandado aos estudos em tempo competente; e mostrando no fim delles, que o seu talento, e capacidade eraõ relevantes, mereceo o elegessem Pregador Geral, para que neste laborioso exercicio servisse a Deos com utilidade das Almas, e á Congre-

gregaçaõ com os mayores creditos. A tudo ſatisfez ate que jubilou; e ſendo que era bem conhecido o ſeu merecimento para empregos mais honorificos, no anno de 1659. o elegeraõ em D. Abbade do Moſteiro de Pendorada. Governando eſta Caza com grãde aceitaçaõ, entrou no Capitulo Geral de 1665. a D. Abbade do Moſteiro de Paço de Souza, e no de 1674. do Moſteiro de S. Thyrſo.

Subio em fim á Dignidade de D. Abbade Geral da Congregaçaõ no anno de 1680. lugar em que moſtrou com evidencia a mais clara o caracter de Prelado em tudo excellente. Logo que tomou poſſe do governo mandou recolher aos Moſteiros, em que eraõ Conventuaes, os Monges, que eſtavaõ por Vigarios de algumas Igrejas, exceptuando ſomente os das Igrejas do Oſſela, o de S. Joaõ da Fóz, e o de Arîz, junto ao Moſteiro de Pendorada, e que há muitos annos eſtá unida ao Collegio de S. Bento de Coimbra. Foi eſte Rmo. muito amante dos Mõges ſabios, e applicados ás ſciencias, premiando por varios modos, e ajudando com maõ liberal aos que queriaõ dar á luz alguma produçaõ literaria. Aſſim o experimentou o P. P. Geral Fr. Rafael de Jeſus, aquem nomeou Chroniſta deſta Congregaçaõ; e aſſim tambem o P. P. Geral Fr. Joaõ dos Prazeres, aquem mandou imprimir o 1. tomo das Emprezas de S. Bento, que ſeu autor lhe offereceo, obrigado da proteçaõ do Rmo. P. que naõ ſo premittio lhe dedicaſſe eſta obra, ſenaõ que empenhou o ſeu reſpeito para que no Capitulo Geral ſe lhe deſſe o titulo de Chroniſta, pelo aſcenſo do P. P. Geral Fr. Rafael de Jezus a Chroniſta mór deſte Reyno.

Attendendo ao empenho, com que ficaraõ muitos Mosteiros por cauza das Guerras, pedio a outros menos opprimidos com este flagello, o donativo de oito centos mil reis cada anno; e com elle acudio aos mais gravados, para que fosse menos sensivel a sua vexaçaõ. Acudio com sabias providẽcias á Provincia de S. Bento do Brazil, fazendo que a observancia, e as letras tivessem no seu zelo, e proteçaõ hum poderoso auxilio para o seu augmento. Todo o seu governo foi cheyo de justiça, e equidade; e por isso mereceo a hũs o respeito, a outros o amor, e a todos hũa estimaçaõ de excellente Prelado, e Pay. Ornou com o mayor aceio a Igreja do Mosteiro de Tibaens, e mandou fazer a caza da Sacristia, e a antecedente, sendo esta a ultima das muitas obras, que fez naquelle Mostieiro, como elegantemente affirma o distico, que se le no umbral da porta da Sacristia de Tibaens:

Hîc operum finis; magnarum metaquè rerum
Ozorii: magno fabrica digna viro.

Acabou em fim com grande aceitaçaõ o seu governo, e recolhendo-se ao Mosteiro do Porto, naõ lhe durou muito a vida, porque faleceo a 30. de Junho de 1683. e na dita Caza lhe deraõ honrada, e decorosa sepultura.

ELO-

ELOGIO XXX.

DO R.mo P.Fr.VICENTE DOS SANTOS, *XLII. e XLIII. Geral Benedictino.*

AOS 12. de Janeiro de 1619. naſceo no lugar de Arrifanna de Souza o Rmo. P.Fr. Vicente dos Santos, ſegundo entre os Geraes, que deu a eſta Congregaçaõ aquelle lugar, que deſde o feliz reinado do Senhor Rey D. Joaõ V. ſe enobrece com o titulo de Villa. Seus pays honrados, e virtuoſos, o encaminharaõ, como aos mais filhos, que tiveraõ, pelo exercicio das virtudes, e eſtudo das ſciencias ao termo da perfeiçaõ. Comprehendidos em breve tempo os fundamentos da Gramatica, em que ſahio bem inſtruido, o inclinaraõ ſeus pays ao eſtado eccleſiaſtico, eſcolhendo a noſſa Congregaçaõ, ou por eſpecial devoçaõ a noſſo Santo Patriarca, ou porque tinhaõ nella já dous parentes taõ qualificados, quaes eraõ o Rmo. P.F. Bento da Gloria, e o P. M. Doutor Fr. Manoel da Aſcençaõ, Lente de Veſpera na Univerſidade de Coimbra, onde mereceo pelo ſeu talento, e erudiçaõ, ſer chamado por antonomaſia o inſigne Veſperario.

Conſeguio Vicente Leal o ingreſſo na Religiaõ; e naõ contando mais de deſaſete annos de idade, veſtio no Moſteiro de Tibaens em 30. de Outubro de 1637. o habito, que lhe concedeo o Rmo. Fr. Mauro de Santiago. Moſtrou em o noviciado, que buſcava a Deos com eſpirito, porque ſeguia a obſervã-

cia

cia regular com todo o diſvelo; e merecendo a profiſſaõ religioſa, com ſatisfaçaõ dos que votaraõ nelle, deu a conhecer no tempo de Coriſta, que aſpirava a ſer perfeito Monge com acçoens virtuoſas, e bom exemplo. Admitido aos eſtudos, os concluio com tanto aproveitamento, que ſe nos pulpitos ſe ouvia como bom Orador, nos Confeſſionarios ſe admirava como excellente Moraliſta.

Foi promovido logo a Prior do Moſteiro de Travanca, e como neſte emprego moſtrou a ſua capacidade, e prudencia, no triennio ſeguinte o eſcolheraõ todos para Procurador da Cõgregaçaõ. Satisfez eſte lugar com zelo, e intelligencia. Cobrou as rendas, ſem vexaçaõ dos cazeiros. Evitou pleitos, e demandas ſobre o provimento, e fabrica das Igrejas. Deu a conhecer a ſua grande capacidade para tratar de negocios, e a ſua boa diſpoziçaõ para o governo economico. Por eſtas circunſtancias foi eleito em D. Abbade do Moſteiro de S. Miguel de Boſtello no anno de 1668. Servio neſta dignidade, que ſe lhe fez eſtimavel pela viſinhança da patria, e por ſer vivos ſeus pays, de exemplar aos ſubditos, e de edificaçaõ aos ſeculares. Era notavel o ſeu recolhimento; poucas vezes ſahia do Moſteiro a viſitar ſeus parentes, e quazi ſempre voltava a pernoitar em caza. No augmento das rendas do Moſteiro ſe houve com grande zelo; cuidou em conſervar as que poſſuhia, e unir-lhe outras, comprando para eſte fim as terras chamadas da Cabreira, que eſtaõ contiguas aos paſſaes. Era caritativo com os ſubditos; eſmoler com os pobres; com os hoſpedes liberal.

Eſtes merecimentos o fizeraõ digno, de que no

Ca-

Capitulo Geral de 1671. o escolhessem os Vogaes para Secretario da Congregaçaõ, sendo Geral della o Rmo. P. Fr. Bento da Gloria, amigo, e parente seu. A expediçaõ, com que se houve neste lugar; a boa intelligencia, com que attendia aos negocios importantes da Religiaõ; e a boa armonia, que inspirava na observancia monastica, sem opressaõ dos que a praticavaõ, o fizeraõ merecedor de ser elleito em D. Abbade do Mosteiro de Pombeiro no anno de 1674. Tomou posse desta Dignidade, e augmẽtando nella as primeiras luzes, que havia diffundido na de Bostello, naõ foi precizo mais, que as acçoẽs virtuosas, que praticava, para encher de respeito os domesticos, e de admiraçaõ os estranhos. Cuidou muito em governar os seus Mosteiros, sem gravar os subditos com os preceitos, em que alguns Prelados descançaõ o pezo dos seus cuidados; pois devendo ser vigilante sobre o rebanho, a que prezidia como pastor, entendia sabia, e prudentemente, que o multiplicar preceitos aos subditos, naõ he menos que armar laços á consciencia, naõ satisfazẽdo com elles os Prelados á obrigaçaõ, que lhes incumbe de pastorear as almas com a sua vigilancia. Esta razaõ o incitou para tirar naquella Caza, huma multidaõ de preceitos, que achou de seus antecessores, querendo que por conta do seu cuidado estivesse a observancia, que outros pertendem estabelecer com o seu descanço. Sendo porem necessario evitar algũa desordem, entregava escripto ao individuo, que a cometera, hum preceito formal de obediencia; e deste meyo suavissimo, de que uzava, lhe resultou sempre, naõ so a emenda do subdito, senaõ a conser-

vaçaõ

vaçaõ do ſeu credito.

A fidelidade, com que adminiſtrava os bens da Religiaõ, o fez exemplar de Prelados. Naõ permittia ſuperfluidades nos gaſtos; nem que as rendas dos Moſteiros ſe diſſipaſſem pelo ſeu deſcuido. Queria que aos Monges, aos pobres, e aos hoſpedes ſe acudiſſe com liberalidade. Naõ aſſentava porem, em que os Prelados podem ſer prodigos dos bens, que adminiſtraõ. Por eſtes motivos mandou com liberal maõ ſatisfazer hum dia a grande perda, que os caens do Moſteiro, ſaltãdo os muros da cerca, fizeraõ no gado dos moradores vizinhos, pagando tal vez naõ ſo o damno, ſenaõ tambem o diſgoſto, que tiveraõ; e pelos meſmos, naõ quiz em outra occaziaõ moſtrar que era prodigo dos bens da Comunidade, ainda que o lance, que ſe offereceo, era proprio para moſtrar acçoens de generoſo, a que o obrigavaõ. Tendo noticia, que algumas terras eſtavaõ hypotecadas a dividas, cuidou com muita deligencia em deſobrigalas. Revolveo o Cartorio, e achando pelos livros delle, que o patrimonio do Moſteiro ſe achava gravemente defraudado, cuidou logo em recuperar o perdido, ou alienado, para evitar o prejuizo, que deſte deſcuido reſultava áquelle Moſteiro de Pombeiro. Em fim, para ornato delle mandou fazer no clauſtro, e Sacriſtia varias obras, ſendo o mais zelozo das que tocavaõ immediatamente ao culto divino.

Acabado eſte governo, foi eleito no Capitulo Geral de 1677. em Companheiro do Rmo. P. M. Fr. Jeronimo de Santiago. Deſempenhou eſte lugar, como os mais; porque ſahindo muito poucas vezes

do

do Mosteiro, e tendo da Congregaçaõ huma larga noticia, e experiencia, assistia ao Rmo. Geral com a sua pessoa, e com o conselho, que em negocios de mayor importancia, foi sempre de muita autoridade, e grande pezo. No Capitulo seguinte de 1680. occupou segũda vez o lugar de D. Abbade do Mosteiro de Pombeiro, em que os Vogaes o elegeraõ, naõ tanto porque attendiaõ o affecto, que conservava áquella Caza, quanto pela utilidade, que a ella resultava da sua bem regulada administraçaõ. Correspondeo á expectaçaõ de todos o juizo, que formaraõ; porque conservou o Mosteiro no estado, em que o pôz no primeiro triennio, e governou nelle hum Collegio de Artes, com summa prudencia, sem que nos seus subditos tivesse que estranhar os excessos, que algumas vezes cauza a falta de madureza em os annos.

No de 1683. occupou o emprego de Visitador mór; e escolhendo o Mosteiro de Travanca para sua residencia, a sua vida era para os Monges o exemplar da observancia naquella Caza. Visitou todas as da Congregaçaõ com tanta prudencia, e bom modo, que naõ deixando sem castigo as faltas, que o mereciaõ, aos mesmos delinquentes deixava obrigados. Aos mais animava para o exercicio das virtudes; exhortando a todos com o seu exemplo a seguir o caminho da perfeiçaõ. Faleceo no fim do trienio o Rmo. P.M.F. Jeronimo de Santiago, sendo Geral terceira vez; e como por ley Benedictina havia ser Presidente de Capitulo o Rmo. Visitador mór, veyo logo para o Mosteiro de Tibaens. Convocou os Padres Capitulares; e attendendo estes ao

ſeu merecimento, prendas, e virtudes, em 27. de Dezembro de 1685. o elegeraõ em D. Abbade Geral. Encheo taõ dignamente eſte lugar nos mezes que correraõ ate o Mayo ſeguinte de 1686. que celebrando-ſe novo Capitulo, o reelegeraõ no ſobredito emprego com ſatisfaçaõ, e applauzo univerſal.

No principio do ſeu governo, em que traçou admiraveis diſpoſiçoens lhe deu hum Monge, ſeu particular amigo o parabem, dizendo-lhe como amãte do bem da Religiaõ: *Que eſperava ver no ſeu governo a obſervancia na mayor reforma.* Reſpondeu-lhe o Rmo. como ſabio, e como prudente: *Darei muitas graças a Deos, quando acabar, ſe deixar a Religiaõ no eſtado, em que a achei.* Entendia como diſcreto o Rmo. P. que para o acerto de huma Reforma he neceſſario muita prudencia, grande trabalho, e dilatado tempo. De outra ſorte, nem os meyos ſe diſpoem com ſuavidade; nem as difficuldades ſe vencem com induſtria; nem das enfermidades antigas ſe convaleſce com qualquer remedio. Alem diſto moſtrou na ſua reſpoſta, como virtuoſo, que naõ eſtando em relaxaçaõ a obſervancia monaſtica, elle naõ aſpirava ao eſpecioſo titulo de Reformador; mas ſo queria conſervar no eſtado, em que achava, a Congregaçaõ, que ſe lhe confiára para governar. Naõ deixou com tudo de reformar o que lhe parecia menos conforme á vida religioſa.

Zelou com grande cuidado a uniformidade no veſtido, e calçado dos Monges; porque ſendo amãte da pobreza, e humildade, naõ podia ver algum exceſſo de fauſto, e vaidade, que ſe hia introduzindo por corrupçaõ dos tempos. Coarctou muito

as

as licenças para ſahir fora, dizẽdo: que as frequentes, e dilatadas eraõ prejudiciaes aos Monges, e de eſcandalo aos ſeculares. Sendo muito obſervante do retiro da clauſura, e do ſeu apozento, teve particular cuidado, em que os Monges praticaſſem as meſmas virtudes ſahindo poucas vezes dos Moſteiros, e guardando nelles com a mayor exaçaõ o ſilencio, que o noſſo Patriarca S. Bento tanto recomenda a ſeus filhos. Na aſſiſtencia dos actos conventuaes, naõ ſo era frequente, ſenaõ o primeiro. Foi taõ amante da pobreza religioza, que ſe fez reſpeitar como modelo dos mais Prelados. Sendo Geral ſegunda vez, e havendo ſido Abbade tantas, acharaõ os Viſitadores da Religiaõ, eſtando na viſita do Moſteiro de Tibaens, que todo o dinheiro, que o Rmo. P. tinha para ſeu uzo, naõ paſſava de deſoito toſtoens, que elle lhes manifeſtou em huma bolça.

Era no ſuſtento de ſeu corpo muito parco, ao meſmo tempo q̃ para o dos Mõges liberal, e abundante. Moſtrava-ſe com todos affavel, e benigno na converſaçaõ, e tratamento, dizendo: que o reſpeito de Prelado naõ ſe conſerva melhor, que pelo amor de Pay. Aos Religioſos modernos, que via cuidadozos nas ſuas obrigaçoens, louvava, e moſtrava graça eſpecial, para os encher de mayor fervor na obſervancia; para os menos deligentes ſe reveſtia de reſpeito, e ſeveridade, para que emendaſſem o ſeu deſcuido. Occupado neſtas obras eſpirituaes, naõ ſe eſquecia das temporaes, que eraõ de credito á Congregaçaõ, e de augmento aos Moſteiros. Acabou no de Tibaens as obras, que o Rmo. P. M. Fr. Jeronimo de Santiago deixou incompletas,

por lhe faltar a vida. Mandou fazer a Galaria, e excellẽte dormitorio novo, em que vivem os Rmos. PP. Geraes, ſeus ſucceſſores. Naõ deixou porem nunca a habitaçaõ, em que morava; porque como humilde a eſtimava como menos boa, e como Religioſo queria viver mais no centro da Communidade, para firmar com o ſeu exemplo entre os Monges, a obſervancia religioſa, de que era o exemplar. Eſtabeleceo das rendas da Congregaçaõ, para decencia da peſſoa, e dignidade huma tença ao Rmo. P. M. Fr. Jeronimo de Santiago, natural de Arrifana de Souza, aquem a Mageſtade do Rey D. Pedro II. havia eleito Arcebiſpo de Cranganor.

Cheyo de tantos merecimẽtos, e virtudes ſe achava o Rmo. P. quando Deos foi ſervido chamalo á ſua prezença. Originou-ſe a ſua morte de huma queda, que deu na eſcada de Santa Eſcolaſtica do Moſteiro de Tibaens. Recebeu os Sacramentos com grande fervor de eſpirito, e ternura de coraçaõ, e chegando o dia 12. de Janeiro de 1694. em que cõtava ſetenta, e cinco annos de idade, acabou de viver; deixando-nos a ſua vida obſervante, e religioſa na moral ponderaçaõ, que ſe em outro dia ſimilhante naſceo para a vida temporal, naquelle dia eſpirou para goſar a eterna.

ELO-

ELOGIO XXXI.

DO R.mo P. M. D. Fr. BENTO DE SANTO THOMAS.

XLIV. Geral Benedictino.

NASCEO em a Villa de Arrifana de Souza este Rmo. P. e devendo a seus pays, que eraõ os mais distintos entre os da sua terra, o cuidado de o applicarem aos estudos, tanto se adiantou no da lingua Latina, que mereceo ser escolhido para a nossa Congregaçaõ, por seu parente o P. M. Fr. Manoel da Ascençaõ, Lente de Vespera na Universidade de Coimbra, que fez memoravel o seu nome em todo o Reyno pelas suas letras, e virtudes.

Vestio o Rmo. P. o habito no Mosteiro do Porto, por indulto do Rmo. P. M. Fr. Antonio Carneiro pelos annos de 1645. e sendo mudado, depois de professo, para o Mosteiro de Travanca, de tal sorte dava esperanças do que seria no tempo futuro, que o seu D. Abbade o P. P.Geral Fr. Antonio Sanhudo, se empenhou com o Rmo. P. M. Fr. Miguel de S. Boaventura, para que o admitisse ao Collegio. Dispensado elle so, entre outros muitos, no tempo, que lhe era precizo para entrar nos estudos, excedeo a seus condiscipulos com tanta vantagem, que esta o fez digno de ser o discipulo mais estimado de seu Mestre o Rmo. Fr. Antonio da Luz, aquem a Universidade de Coimbra deu por antonomazia

mazia o nome de Campainha, attendendo, que as vozes de ſua doutrina deraõ ſonoro brado em toda Heſpanha pelas admiraveis poſtillas, que dictou em todas as Cadeiras, ate occupar dignamente a de Prima na meſma Univerſidade.

Acabados os eſtudos de Theologia, foi eleito Meſtre com aceitaçaõ de todos; e paſſados alguns annos ſe graduou Doutor na Univerſidade. Pouco tempo depois de jubilado, houve Oppoziçoens em Theologia, e ſendo elle hum dos que mereceo áquella Univerſidade o mayor applauzo nos ſeus actos, naõ conſeguio provimento, por haver no Concurſo outros mais antigos, que lhe preferiaõ, ſenaõ em o merecimẽto, na anterioridade do tempo. Mas ſe neſta occaziaõ naõ foi provido, brevemente conſeguio o premio do ſeu eſtudo. Em menos de dous annos entrou na Cadeira pequena de Eſcriptura, e logo por ſubſtituiçaõ na Cadeira grande da meſma, que depois teve de propriedade. Regeo ambas com ſummo cuidado, e ſatisfaçaõ em largos annos, porque melhor que algum outro dictou muitas, e elegantes poſtillas, doutos, e excellentes Tratados. Saõ obras ſuas o de Noe, & Arca, o de Abrahaõ, o de Jacob, o de Joſeph, o de Ruth, e outro *in Librum Judicum*, nos quaes todos ſe admira a ſua vaſta erudiçaõ, acompanhada de ſaã doutrina nas queſtoens, que excita, e que reſolve.

Conhecido na Religiaõ o ſeu merecimento, o elegeraõ em D. Abbade do Collegio de Coimbra no anno de 1671. e ſendo que neſte ſubio á Cadeira grande de Eſcriptura, era taõ exacto nas obrigaçoẽs religioſas, que naõ faltava á aſſiſtencia do Coro em

nenhũa

nenhuma hora. O mesmo praticava nos mais actos conventuaes, e no do Refeitorio, em que por observancia das Constituiçoens comia sempre peixe nos dias, que ellas prescrevem, reconhecendo, que o exemplo dos Prelados he o mayor, e mais poderoso estimulo para mover os subditos á imitaçaõ. Preoccupado de melancolia padeceo muitos annos gravissimos escrupulos, e imaginaçoens muito tristes; mas a beneficio das medicinas, que se lhe applicaraõ com o mayor cuidado, e dos ares patrios, em que viveo algum tempo, experimentou melhora taõ conhecida, que recobrando a saude, que havia perdido, voltou á Universidade a desempenhar as obrigaçoens da sua Cadeira.

Celebrando-se Capitulo Geral no anno de 1689. subio a D. Abbade Geral da Congregaçaõ, em que socedeu a seu primo o Rmo. P. Fr. Vicente dos Santos. Dezempenhou este lugar com aceitaçaõ de todos; porque naõ ensinava a observancia aos subditos com vozes mais vivas, que as do seu exemplo. Era amoroso pay dos benemeritos; Prelado severo dos culpados. Naõ attendia a empenhos, nem valias quando se oppunhaõ ao bem da Congregaçaõ; antes com animo cõstante mostrou sempre, que naõ podiaõ ceder aos respeitos humanos os preceitos da observãcia. Elle apromoveo em todos os Mosteiros com o mayor disvelo, e havendo concluido o seu governo com grande acerto, mereceo á sua pessoa huma estimaçaõ muito avultada.

Vagou na Universidade a Cadeira de Vespera, e sendo provido nella, naõ levou este premio sem vigoroso combate; porque o P. M. Fr. Jozé de Carva-

lho,

lho, Religioſo do Carmo Calçado, a pertendeo occupar por ſe achar na de Eſcoto, que lhe he immediata. Prevaleceo com tudo a juſtiça do Rmo. P. contra eſte fundamento, naõ ſo por ſer mais antigo no graó, e promoçaõ ás Cadeiras, ſenaõ porque havia Provizaõ real, que ordenava, que o Lente de Eſcriptura grande podeſſe paſſar á Cadeira de Veſpera, e Prima, conforme a ſua antiguidade. Por occaziaõ deſte requerimento, com que foi á Corte, attendeo a Mageſtade do Senhor D.Pedro II. os ſeus ſerviços, concedendo-lhe hum habito de Chriſto, e cincoenta mil reis de tença, para ſeu ſobrinho Nicolao Pinto.

Tendo regido poucos annos a Cadeira de Veſpera, ſe vio accometido, e com mayor força, da melancolia, que ja padecera em outro tempo; e coſtumando eſta moleſtia encaminhalo a lugares altos, e expoſtos a precipicios, pareceo conveniente, que ſe divertiſſe do eſtudo em caza de hum ſobrinho, Prior de Agueda de cima. Recebeu algum alivio em poucos mezes; e chegando o tempo de Capitulo Geral no anno de 1695. foi convidado efficazmente pelo Rmo. P. M. Fr. Bento da Aſcençaõ para aſſiſtir a elle; naõ ſo porque queria, autorizaſſe com a ſua prezença aquelle Congreſſo, ſenaõ porque imaginava, que com a viſinhança dos ares patrios recuperaria a valentia, e forças, que lhe dezejava. Obedeceo o Rmo. P. a eſta rogativa; porem naõ obedeceo a ſua moleſtia á mudança do clima. Aſſiſtio a Capitulo Geral penetrado, e offendido ſempre da melancolia, que o dominava; e acabado aquelle acto, naõ buſcou a patria para con-

conseguir melhoras, senaõ que voltou ao Collegio de Coimbra para acabar a vida.

Chegou em dous de Junho, dia do Corpo de Deos ao Collegio; e parecẽdo a todos, que a sua molestia o deixara; porque entrou com alegre semblante, e gracioso modo a cumprimẽtar o Prelado, e mais Religiosos, em menos de quatro dias experimẽtaraõ todos o disgosto da sua falta, originada, como se entẽde, da antiga molestia da melãcolia. No dia cinco do dito mez, o buscou no seu apozẽto o Rmo. P.M. Fr. Gregorio do Espirito Sãto, D. Abbade do Collegio, e como o achou triste, e pẽsativo, entẽdeo, q̃ os seus demaziados escrupulos, eraõ cauza da oppressaõ, com q̃ o via. Animou-o dizẽdo-lhe: q̃ no temporal o cõstituhia Prelado daquella Caza, para dispor o q̃ fosse servido, e q̃ no espiritual lhe dava para desafogo da cõsciencia hũ Mõge, que logo nomeou, pedindo ao Rmo. P. que celebrasse missa todos os dias, ou ao menos nos festivos, e de guarda.

Auzẽtou-se o D. Abbade para assistir a hũ graó, q̃ naquelle dia Domingo se dava na Universidade; e havẽdo-o Rmo. P. sempre dotado de genio facil, e flexivel, obedecido ás persuaçoẽs do Prelado, dispozse o largo espaço de hora, e meya para se cõfessar. Fez este Sacramẽto com o Mõge, q̃ se lhe deputou, e celebrou depois missa, com a piedade, e devoçaõ, q̃ costumava. Pelas duas horas da tarde recebeo com demonstraçoẽs de alegria a visita de hũ Oppositor; mas despedido este, ao voltar da Portaria buscou hũ lugar, solitario, e eminẽte, para lhe excitar especies melãcolicas, e perigozas. Buscou-o o Prelado, e outros Mõges, pouco depois, e oomo elle se havia retirado

rado a hũ paſſadiſſo, eminẽte á Capella de N. Senhora da Piedade, ſẽtindo q̃ o buſcavaõ, cahio, ou ſe lãçou, impellido do medo, q̃ lhe infũdia a ſua melãcolia, e triſteza, ſobre o telhado da meſma Capella, q̃ naõ o ſuſtẽtãdo por declíve, o precipitou em ſegũda queda onde recebeo o ultimo perigo. Quebrou nelle hum braço, entrou a lãçar ſãgue pela boca porque lhe rebẽtou nas vêas, e perdeo a voz. Naõ ſe lhe pôde applicar mais q̃ o Sacramẽto da Unçaõ; mas em cinco horas, que teve vida, deu ſignaes externos de perfeito juizo. Com elles reſpondia ás pergũtas, que ſe lhe faziaõ, apertãdo a maõ ao Prelado, em ſignal de que pedia a abſolviçaõ Papal, que lhe lembravaõ para aquella hora. Faleceo a 5. de Junho de 1695. tendo de idade 70. annos. Seu Corpo eſtá ſepultado na Capella de N. Senhora da Piedade do Collegio de Coimbra; e podemos entẽder, q̃ a meſma Senhora lhe alcãçaria o deſcãço eterno, pela ſingular devoçaõ, com que a venerava; e pelo zelo, e cuſto, com que q̃ lhe adornou a dita Capella. Sẽtiraõ a Cõgregaçaõ, e a Univerſidade igualmẽte a ſua morte. Aquella, porque perdia hũ Pay, zelozo, e amante do ſeu eſplendor, docil no trato, compaſſivo com os enfermos, eſmoler com os pobres. Eſta, porque lhe faltava hum Meſtre, que nas Cadeiras, e pulpitos enſinava com delicadeza, e ſegurança os dogmas mais puros, e as verdades mais ſolidas; porem ambas temperaraõ o ſentimento com a eſperança bem fundada, de que as ſuas letras, e virtudes lhe alcançariaõ hum deſcanço permanente.

ELO-

ELOGIO XXXII.

DO R.mo P. M. D. Fr. BENTO DA ASCENÇAÕ.

XLV. Geral Benedictino.

ESTE foi o quarto Prelado mayor, que a Villa de Arrifana de Souza deu para o governo desta Congregaçaõ Benedictina de Portugal. Nasceo aos 12. de Fevereiro de 1659. de honrados, e virtuosos pays, que vigilantes na criaçaõ de seus filhos, nenhum cuidado julgáraõ mais importante, que a observancia da ley, e pureza de costumes, em que os dezejavaõ exemplares. Instruido nos exercicios de piedade, e oraçaõ, que se praticavaõ na caza de seus pays, ajuntou ás virtudes, que aprendia, o estudo da gramatica, da musica, e instromentos; e avantajando-se a muitos nestas prendas, naõ quiz empregalas em outro exercicio mais que o louvar a Deos no estado de Monge. Foi admittido á nossa Congregaçaõ a 7. de Abril de 1657. pelo Rmo. P. Fr. Vicente Rangel; e vestindo no Mosteiro de Tibaens o habito, naõ fez mais do que aperfeiçoar-se nas virtudes, e boas obras, que havia principiado a exercitar em o seculo. Chamou-se no tempo de noviço Fr. Placido de S. Bento; e mudando na profissaõ o nome em Fr. Bento da Ascençaõ, com elle se fez conhecido em quanto lhe durou a vida.

Entrou nos estudos, quando dispoem as Constituiçoens, e satisfazendo as de Religioso observante

juntamente com as de eſtudante cuidadozo, o ſeu notavel procedimento, e grande aplicaçaõ lhe meceraõ ſer creado Meſtre. Leo Artes com muito aproveitamento de ſeus diſcipulos; porque foi hum dos mayores filoſofos, que ſe conheciaõ no ſeu tempo. Acabados os annos deſta occupaçaõ, que exerceo no Collegio de S.Bento de Coimbra, continuou em ler Theologia ate jubilar. Graduou-ſe Doutor pela Univerſidade, e havendo oppoſiçoens, elle foi hum dos ſogeitos, que oſtentou em todos os actos a ſua admiravel literatura. Naõ continuou porem o exercicio das aulas por mais tempo; porque entendeo a Congregaçaõ, que o ſeu preſtimo lhe era mais neceſſario, que á Univerſidade a ſua peſſoa, para enſinar a obſervancia monaſtica, e a pratica das virtudes aos ſubditos, que ſe confiaſſem ao ſeu cuidado.

Celebrou-ſe Capitulo Geral no anno de 1680. e foi eleito em D. Abbade do Collegio de Coimbra. Naõ eraõ os ſeus annos mais de quarenta quando entrou neſte lugar; porem foi tanto o acerto, com que o deſempenhou, q̃ no Capitulo Geral de 1683. o empregáraõ em Procurador Geral na Corte, cujas obrigaçoens ſatisfez com o mayor credito da ſua peſſoa, honra, e eſtimaçaõ do emprego. No anno de 1686. ocupou a Dignidade de D.Abbade do Moſteiro de S.Bento de Lisboa; e dando neſte exercicio as mayores provas do ſeu grande merecimento, o zelo, a prudencia, e vigilancia, com que encheo eſta Prelaſia, lhe conciliáraõ huma eſtimaçaõ univerſal dentro, e fora da Religiaõ. No ſeguinte Capitulo de 1689. ficou no Moſteiro de Tibaẽs com o lugar de

Diffinidor ſegundo; e celebrando-ſe Capitulo Geral ſeguinte de 1692. o ſublimaraõ a D. Abbade Geral de toda a Congregaçaõ.

Quiſeraõ a emulaçaõ, e a inveja notar o acerto deſta eleiçaõ, mas naõ poderaõ desluzir o ſeu merecimento; porque os dous pontos em que ſe eſtribavaõ, mais eraõ louvor, que injuria do Rmo. Geral. Notavaõ huns os poucos annos, que contava de idade, pois naõ eraõ mais de 53. e naõ advirtiaõ que a perfeiçaõ da vida, e naõ a dos annos, he quem conſtitue hũa ancianidade, cheya de reſpeito, conforme a voz do Eſpirito Santo por boca do ſabio. Criticavaõ outros a ſua condiçaõ branda, e ſuave; mas ſem attender, que os imperios mais glorioſos, e os governos mais plauziveis foraõ ſempre aquelles, em que o amor dominou os coraçoẽs, e a brãdura os animos, como nos teſtificaõ as hiſtorias com repetidos louvores. Bem mereceo todos o Rmo. P. porque as ſuas acçoẽs moſtraraõ a prudencia, e capacidade de Varaõ perfeito, e completo: o ſeu governo as qualidades de Pay, e de Prelado o mais eſtimavel; brilhando a ſua luz deſde o trono em beneficio de todos, ſem que as ſombras da emulaçaõ, e inveja lhe podeſſem eſcurecer o luzimento. Sendo inclinado naturalmente á miſericordia, naõ deixava de exercitar, ſendo precizo, os actos de juſtiça. Era ſeu coraçaõ, como de bom Prelado, a urna, em que ſe achavaõ ao meſmo tempo, a vara do rigor para os culpados, junto com o maná da ſuavidade para os benemeritos. Foi liberal para com os ſubditos; e muito eſmoler para com os pobres. Cheyo de piedade, fazendo bem a todos, magnanimo de co-

raçaõ

raçaõ, desprezando as offensas que se lhe faziaõ. Como observante, e zelozo do bem da Congregaçaõ estabeleceo o numero fixo de 410. Monges, a que os Mosteiros podiaõ acudir com as suas rendas, sem se expor ao gravame injusto de empenhos. Como bom administrador, e operario mandou completar a grande obra da galaria, e dormitorio, que se lhe segue, no Mosteiro de Tibaens. Na Igreja, alem de outras obras, mandou fazer as duas famosas tocheiras de prata, e os dous baculos de S. Bento, e Santa Escolastica, que ainda se conservaõ.

Acabou o seu governo, e celebrando Capitulo Geral com mais quietaçaõ do que pertẽdiaõ os menos affectos á sua pessoa, ficou em o Mosteiro de Tibaẽs, animando com o seu exemplo aquelles aquem havia ensinado com a sua doutrina. Naõ lhe durou porem muito tempo a vida, para ver na Congregaçaõ os progressos da boa armonia em q̃ a deixára. A queixa de hum tuberculo o oprimio gravemente em breves dias. Dispoz-se com os Santos Sacramentos para a ultima hora, a que se aproximava por instantes, naõ contando mais que cincoenta, e oito annos de idade, e quarenta de Religiaõ, cedeo ao rigor da molestia as forças do espirito aos 22. de Novembro de 1697. sendo chorada a sua falta dos que reconheciaõ a grande razaõ, com que a sentiaõ, havendo perdido nelle hum estimavel Prelado. Seu corpo jaz debaixo do arco do Cruzeiro do Mosteiro de Tibaens, onde lhe deraõ sepultura.

ELOGIO XXXIII.

DO R.mo P. M. D. Fr. JOZE' DE S. BOAVENTURA.

XLVI. e XLVIII. Geral Benedictino.

ESTE he o quarto filho que a Cidade de Braga deu á noſſa Congregaçaõ Benedictina para occupar a Dignidade de D.Abbade Geral della. Naſceo naquella auguſta Cidade de honrados, e virtuoſos pays, recebẽdo a primeira graça do baptiſmo na Parochia de S. Joaõ do Souto aos 22. de Janeiro de 1637. A boa educaçaõ, que recebia, fez no ſeu coraçaõ huma impreſſaõ taõ poderoſa, e taõ ſuave, que ſeguindo o caminho da verdade com amor, e ternura, ja mais perdeo a modeſtia do ſemblante, a honeſtidade dos olhos, a compoſiçaõ das acçoens, e outras virtudes, que nelle ſe admiráraõ deſde os annos puerís. Aplicado ao eſtudo da lingua latina conſeguio por hum exercicio ſerio, e huma excelente memoria huma dilatada comprehenſaõ da ſua amenidade; porque naõ obſtante o embaraço, que teve de continuar o eſtudo das letras, obrigando-o ao exercicio das armas na vida de ſoldado, bem ſe vio no progreſſo de ſeus dias, que conſervava com feliciſſima tenacidade mais as liçoens de Minerva, que as de Palas.

Dezembaraçado da vida militar pertendeo o noſſo Santo Habito, a que deſde minino teve huma affectuoſa devoçaõ. Alcançou o goſto de o veſtir por merce

merce do Rmo. P. Fr. Vicente Rangel no Mosteiro de Tibaẽs no primeiro de Março de 1658. As demonstraçoẽs que deu de huma perfeita vocaçaõ pela inteireza de sua vida, e bôs costumes, lhe mereceraõ a approvaçaõ. Professou, e continuãdo o tempo foi admittido ao Collegio de Artes, q̃ leo no Mosteiro de Tibaẽs o P. M. Fr. Balthezar dos Prazeres. Entre os discipulos que teve, este foi o de mayor estimaçaõ para seu Mestre; porque ao mesmo tempo em que se adiãtava no estudo da sciencia, se fazia muito distinto pelo amor da observancia religiosa. Acabou a Theologia com o mesmo merecimento. Foi creado Mestre com estimaçaõ de todos, e com aplauzo. Leo Artes no Mosteiro de Pombeyro no anno de 1673. sendo Geral a primeira vez o Rmo. P. M. Fr. Jeronimo de Santiago. Formou muitos e excellẽtes discipulos, que depois illustraraõ a Cõgregaçaõ nas Cadeiras, nos pulpitos, e nos lugares, q̃ administraraõ.

Jubilado em Theologia, e graduado em Doutor, começou a servir a Religiaõ nos empregos, depois de a ter enobrecido com as fadigas literarias. Foi nomeado Procurador na Corte de Roma, para tratar varias, e importãtes dependẽcias desta Congregaçaõ, e da Provincia do Brazil. Satisfez a sua comissaõ com felicidade, e acerto; e em quatro annos, que assistio naquella Curia, cabeça do Orbe Catolico, grangeou a esta Congregaçaõ, e á sua pessoa hum credito, e respeito especial; porque as suas letras se fizeraõ attendiveis, e a sua observancia estimavel.

Recolheu-se ao Reyno, cheyo de veneraçaõ, e de aplauzo; e como o seu merecimẽto era notorio a todos, no Capitulo Geral de 1689. o elegeraõ D. Abbade

bade do Collegio de S. Bento de Coimbra. Encheo este lugar com todas as circunstancias de excellente Prelado. Os Monges o estimavaõ como pay, e reverenceavaõ como Abbade. A Universidade o attendia como letrado, fazendo da sua prudente conduta huma aceitaçaõ especial. Entrou no Capitulo Geral de 1692. com tanta estimaçaõ, que o elegeraõ Procurador Geral na Corte Bracharense. Desempenhou com tanto acerto esta ocupaçaõ que no Capitulo seguinte de 1695. mereceo que lhe offerecessem a suprema de D. Abbade Geral desta Cōgregaçaõ. Procedeo com tanta utilidade della no seu governo, q̃ naõ mediando mais de hum triennio, foi segunda vez eleito no anno de 1701. Continuou com o mesmo acerto as suas disposiçoēs; porque as suas maximas se regulavaõ pelas da prudēcia. Zelozo da honra de Deos mandou varios Monges da Provincia do Brazil annunciar o Evangelho em os Certoēs daquelle Principado. Nelle adiantou a observācia monastica com a mesma efficacia que nesta Cōgregaçaõ. Foi grande operario em beneficio della, e hum dos Prelados, que mais cuidou na conservaçaõ das suas regalias, e privilegios. Impedio com boa providencia, que a quinta de Alcacer, pertencente ao Mosteiro de Lisboa, naõ se vendesse aquem efficazmente a pertendia; e que a herdade do Alandroal naõ se emprazasse pelo notavel prejuizo, que resultaria ao mesmo Mosteiro. No governo dos Monges procedia attento, misturando a severidade com a brandura, o favor com o castigo, para que nem os benemeritos carecessem do premio merecido, nem os delinquē-tes da pena, que correspondesse aos seus descuidos.

Aſſim concluîo o Rmo. P. o ſeu governo; porem como a fortuna eſtá mudando continuamente de ſemblante, alguns incidentes de pouca conſideraçaõ lhe trocáraõ em adverſo, o que ſempre vira agradavel. Em outro tempo o eſcolheraõ para Prelado mayor, como Iris que devia ſerenar os animos de alguns menos contentes do governo, que exiſtia; agora naõ agradavaõ as ſuas ideas, porque talvez as julgáraõ, com menos prudencia, perturbadoras do ſiſtema, em que queriaõ eſtabelecer-ſe. Em fim, mudou o tempo proſpero, em adverſo; mas naõ foi lance da fortuna, ſenaõ da providencia, porque o Rmo. P. entrou em hum alto deſengano. Formou ideas proprias da eternidade, e reflexoens bem ſerias ſobre as couzas do mundo para que o coraçaõ naõ tiveſſe mais eſperanças, que nas felicidades, que naõ tem mudança. Neſtas conſideraçoens as mais importantes empregava os ſeus dias, e como os annos eraõ mais de 74. huma moleſtia breve lhe debilitou as forças, e rendeo o eſpirito aos 18. de Mayo de 1711. Seu corpo jaz ſepultado no meyo do Cruzeiro da Capella mór do Moſteiro de Tibaens, onde faleceo.

ELO-

ELOGIO XXXIV.

DO R.mo P. P. Fr. SILVESTRE DA TRINDADE.

XLVII. Geral Benedictino.

NA Cidade de Braga naſceo o Rmo. P. Fr. Silveſtre de honeſtos, e virtuoſos pays, que deſde o berço o foraõ inſtruindo na obſervancia da ley divina, e amor das virtudes. Taõ ſuavemente ſe imprimio a eſtimaçaõ dellas na ſua boa indole, que fazendo no ſeu coraçaõ huma aprehenſaõ a mais forte, naõ houve ja mais imagẽs, que lhe disfiguraſſem a ſua beleza, em quanto lhe durou a vida. Aplicado aos eſtudos, entrou no penſamento de ſer religioſo; e ſendo a noſſa Congregaçaõ a que eſcolheo com eſpecialidade, teve hum grande eſtorvo para conſeguir logo eſta fortuna. Aliſtaraõ-no por ſoldado, e naõ podendo eximir-ſe de ſervir ao Rey por algum tempo, nunca perdeo as eſperanças de ſervir a Deos na vida religioſa em toda a vida. Naõ foi a militar, coſtumada a todo o genero de liberdade, baſtante a extinguir com as ſuas deſordens o fervor de ſeu eſpirito. Sem faltar ao exercicio das armas, continuava juntamente o das virtudes, eſtudando na Campanha a vencer os inimigos viſiveis com esforço, para que algũ dia ſoubeſſe triunfar com valentia de outros inviſiveis no retiro da clauſura. Agradou-ſe Deos tanto dos ſeus bons propoſitos, que com eſtupenda miſericordia, ſatisfez a

ſua vocaçaõ. Deſembaraçou-o da milicia temporal para que o ſerviſſe na da Religiaõ, porque ſuſpirava. Conſeguio eſte bem por indulto do Rmo. P. Fr. Vicente Rangel, que informado do raro procedimento, e prendas deſte Pertendente lhe mandou receber o Santo Habito no Moſteiro de S. Bento da Cidade do Porto, ſendo D. Abbade o P. Pregador Geral Fr. Antonio Sanhudo.

Veſtio a Cogula em 3. de Março de 1658. e lançando deſde aquelle tempo por bazes fundamentaes das mais virtudes, em que floreceo, a humildade, e obediencia, eſtas foraõ as que caracterizaraõ a ſingular canduta da ſua vida. Profeſſou com agrado dos Monges, que conheciaõ o ſeu merecimento. Paſſou depois a eſtudar Artes no Moſteiro de Tibaẽs, ſeguindo a direçaõ do P. M. Fr. Balthazar dos Prazeres, que ſabia, e virtuoſamente inſpirava nos diſcipulos, junto com as liçoens da Filoſofia as de hũa obſervancia a mais exacta. Ouvida a Theologia, entrou a frequentar os Pulpitos. Logrou eſtimaçoẽs neſte exercicio, porque alem de ſer a ſua doutrina muito pura, e bem fundada; a organizaçaõ do corpo, a mageſtoſa voz, e a regularidade das acçoens concorriaõ ſingularmente, para que ſe ouviſſe com aplauzo, e com edificaçaõ.

Tudo o que eſte exemplar Religioſo podia adquirir no exercicio do pulpito, ou eſtipendio de miſſas, empregava com bençaõ dos Prelados, e ſua licença, em acudir as urgentes precizoens da Caza de ſeu pay. A meſma fortuna, que em outro tempo a abaſtou, lhe havia faltado de tal ſorte agora, que naõ podia ſubſiſtir ſem que a ſoccorreſſe eſte filho

com

com a ſua caridade, e pruvidẽcia. O ſeu amor raro por excellencia na veneraçaõ de ſeu pay em toda a fortuna; a ſua reverencia filial, em que ninguem o igualou, o obrigavaõ para cuidar da conſervaçaõ de ſeu pay com o mayor diſvelo. Conſervava ſendo Monge, ſendo D. Abbade, e ſendo Geral de S. Bẽto o meſmo reſpeito, veneraçaõ, e amor, q̃ lhe dedicou na idade pueril. Nem a decadencia dos bẽs, de q̃ o privou a cõdiçaõ dos tempos fez q̃ ſe eſqueceſſe de q̃ era ſeu filho, quando ſe vio no lugar ſupremo da Religiaõ; deixãdo aos vindouros neſta acçaõ, q̃ praticava á imitaçaõ dos grãdes heroes, que eſtimavaõ a ſeus pays, humildes por naſcimẽto, ou menos abundantes de riquezas, hum exemplo bem ſingular, q̃ reprehende em muitos a falta de eſtimaçaõ, que fazem dos que lhes deraõ o ſer, e a pouca caridade, com que os ſoccorrem, quando licitamente podem, e praticava o Rmo. Fr. Silveſtre da Trindade.

Por eſtas virtudes da humildade, e obediencia, com que venerava a ſeu proprio Pay, e aos Prelados, o levou Deos ao lugar de D. Abbade do Moſteiro de Ganfey no anno de 1692. Satisfez eſte emprego com tanto aplauzo dos eſtranhos, e com cõſolaçaõ taõ grande de ſeus ſubditos, que entrando em Capitulo Geral no anno de 1698. todos os Vogaes o acharaõ digno de que ſubiſſe a encher a Dignidade de D. Abbade Geral deſta Congregaçaõ. Naõ erraraõ neſta eleiçaõ os votos; porque ſublimado no emprego, illuſtrou a Religiaõ com decóro, e aos ſubitos com o mayor exemplo. Floreceo o augmento da obſervãcia com a ſua prudente direçaõ, e o temporal dos Moſteiros pelo ſeu grande

grande zelo. Deſpertou o eſquecimento, ou quebrou o encanto, em que eſtava a Igreja do Moſteiro do Porto ha muitos annos; e continuando eſte nobiliſſimo Templo com grande deſpeza, ſervio de eſtimulo aos Rmos. ſeus ſuceſſores para q̃ o elevaſſem á magnificencia, em que ſe vê neſtes tempos. Mandou levantar na Cidade de Braga o Hoſpicio, que a Religiaõ ali conſerva. No Moſteiro de Tibaẽs mandou fazer a famoza Caza, em que ſe celebraõ os Capitulos Geraes, e a da Livraria. Repartio em beneficio de outros Moſteiros copioſas eſmolas; acudindo tambem com eſtas aos pobres, que da ſua liberalidade recebiaõ hum perenne ſoccorro nas ſuas mayores indigencias.

Havendo conſeguido por todos eſtes motivos os titulos de reverente filho, de eſtimavel pay, de Geral excellente, chegou ao termo de ſeus dias com queixa que naõ parecia mortal. Reconhecido porem o perigo, em que eſtava, entrou em hum grande deſengano. Purificou a conſciencia por confiſſoens repetidas, recebeo os Sacramentos, e rendido á força da moleſtia eſpirou no 1. de Novembro de 1705. Jaz ſepultado no Moſteiro de Tibaẽs, em que faleceo, debaixo do arco Cruzeiro da meſma Igreja, onde entre a ſaudade, que merecia aos Monges a ſua admiravel vida, e reſpeitaveis virtudes, deraõ ao ſeu corpo honrada ſepultura.

ELO-

ELOGIO XXXV.

DO R.mo P. M. D. Fr. PEDRO DA ASCENÇAÕ.

XLIX. e L. Geral Benedictino.

A Vida defte Rmo. P. foi huma alternativa taõ continuada de fuceffos, ja profperos, ja adverfos, que naõ pode defcrever-fe fem que a penna fe demore em referir os altos defignios da Providencia a feu refpeito. Foi muito varia a fua fortuna, e muito differentes os feus progreffos, porque defde o nafcimento ate a morte houve que admirar em a fua vida. Nafceo em a Cidade de Braga, e foi baptizado na freguezia de S. Victor no mez de Abril de 1653. Seus pays eraõ virtuofos, e limpos; porem a fua caza naõ chegava mais que a huma fortuna mediana. Emendou efte defeito a fingular indole de feu filho. Na idade pueril fe vio enriquecido de dotes, baftantes a adiantar o feu nafcimento, e a falta de meyos, que havia na caza, em que nafcera, para o fazer venturofo. Percebeo a latinidade com engenho taõ vivo, que teve gala excellente em a locuçaõ, e elegancia natural em explicar-fe; naõ fo em a lingoa materna, em que falou fempre com propriedade, fenaõ em a latina, uzando das regras, e figuras com hum eftillo o mais polido. Teve da muzica huma noticia bem completa; da arpa exercicio com magifterio.

Eftas prendas o fizeraõ digno de fer admitido em a

a noſſa Congregaçaõ. O Rmo. P. M. Fr. Jeronimo de Santiago lhe mandou lançar o habito no Moſteiro de Tibaens a 4. de Mayo de 1674. eſtando na acçaõ de Capitulo Geral, em que acabava o ſeu primeiro triennio. Profeſſou ſendo Geral o Rmo. P. M.Fr. Cypriano de Mendoça; e deſempenhando os annos antecedentes aos eſtudos com aceitaçaõ dos Monges, entrou no anno de 1677. a ouvir Artes, que ditou a muitos diſcipulos com aproveitamento, o P. M. Fr. Joaõ de Santo Thomás. A ſua grande actividade em penetrar as ſubtilezas da Filoſofia, e a ſua eſpeculaçaõ theologica lhe mereceraõ ſer eleito Meſtre, cujo emprego deſempenhava com diſtinçaõ entre os mais. Eſtas luzes porem, com q̃ enobrecia a cadeira, como bom Meſtre, e os pulpitos, como excellente Orador daquelle ſeculo, offenderaõ a debilidade da viſta de alguns, que naõ podendo ſuportar taõ brilhantes golpes, ſe declaravaõ emulos do ſeu luzimento, ou invejoſos do reſplandor, que naõ podiaõ eclypſar.

Continuou o Rmo. P. a liçaõ de eſtudos, em que jubilou; e tendo merecimentos para ſer attendido, entre os aplauzos dos que o reconheciaõ, e as detraçoẽs dos que o invejavaõ, começou a exercitar os lugares mais reſpeitoſos da Congregaçaõ. Foi eleito Procurador Geral na Corte de Lisboa no anno de 1698. e logo no de 1701. D. Abbade do Moſteiro de S. Bento na meſma Corte. A ſua urbanidade, e politica com os eſtranhos; a ſua benignidade, e clemencia com os ſubditos; a ſua miſericordia, e compaixaõ com os pobres, lhe formáraõ, a pezar da inveja, os degraós para ſubir ao mayor emprego.

Che-

Chegou a Capitulo no anno de 1704. e foi ſublimado a D. Abbade Geral da Congregaçaõ; lugar que continuou no anno de 1707. por conceſſaõ apoſtolica. Concluidos eſtes ſeis annos ſuceſſivos de governo, ſe achava o Rmo. P. arbitro da Congregaçaõ. A beneficencia, que era attributo inſeparavel da ſua condiçaõ lhe unia huns; a dependencia, que he prejuizo notavel da condiçaõ dos homens, arraſtrava outros para que o ſeguiſſem. Como porem havia chegado a tocar o zenith da grandeza, e autoridade, foi indiſpenſavel que declinaſſe deſte ponto o mais ſublime. Experimentou ingratidoẽs dos que lhe eraõ mais obrigados. Sentio incomodos, e trabalhos no tempo, em que a ſua idade, e reſpeito eſtavaõ pedindo deſcanſo. Conſtante porem no meyo das adverſidades, com que o oprimio a fortuna, foi ſempre ſuperior á ſua inconſtancia. Magnanimo de coraçaõ era facil em perdoar as injurias que recebia; moſtrando que o varaõ alentado naõ perde o animo, nem ainda tendo diante dos olhos a mayor ruina.

Cuidou ſendo Prelado, e Geral no augmento da Congregaçaõ com baſtante diſvelo. Foi grande operario nos Moſteiros, a que preſidio. No de Tibaens mandou dourar com primor o Coro, e as quatro ultimas Capellas da Igreja; no terreiro mandou fabricar o grande Cruzeiro, que nelle ſe admira. No Moſteiro do Porto deu o ultimo impulſo á obra da Igreja, que elle meſmo benzeo em Põtifical. Empregou em outras muitas obras de grandeza, e utilidade os bens da Congregaçaõ; e teve prerogativas dignas de tanta memoria, como as

calamidades diverſas, que padeceo.

Em fim deſenganado de que a ſua fortuna naõ podia mudar de aſpecto, para ſe lhe moſtrar agradavel como em outro tempo, cuidou em ſeguir o caminho, que a Providencia lhe deſcubria, o mais ſeguro para alcançar huma felicidade permanente. Penetrou-ſe das conſideraçoens do ſeculo futuro; e praticando as acçoens religioſas, a que o facilitava a clareza do entendimento, cuidou em viver para Deos, pezando-lhe de naõ ter morrido mais ſedo para o mundo. Neſte eſtado ſe achava o Rmo. P. em caza de ſeus parentes, quando ſe vio acometido de hum accidente apopletico. Teve alguns dias para conhecer que chegava o ultimo de ſua vida. Diſpoz-ſe com os ſignaes de verdadeiro catolico, e de excellente religioſo; e augmentando a moleſtia o ſeu combate, finalmente eſpirou aos 64. de idade a 26. de Junho de 1717. Seu corpo eſtá ſepultado no Moſteiro de Santo Andre de Renduffe, para onde o conduziraõ, naõ obſtante o ſer Conventual do Moſteiro de Tibaẽs, em que ficou depois de Geral.

ELO-

ELOGIO XXXVI.

DO R.mo P. M. D. Fr. ANTAÕ DE FARIA.

LI. Geral Benedictino.

FOI este Rmo. Padre descendēte da nobilissima familia, e Caza dos Farias, cujo solar he o Castelo de Faria, jūto á Villa de Barcellos. Nasceo na Cidade de Evora, e foi baptizado na freguezia de S. Nicolao no mez de Novembro de 1655. Teve por pay a Antaõ de Faria e Silva, que depois foi D. Prior de Palmela da Ordem militar de Santiago. Chamou-se no seculo Francisco da Silva, nome, que só mudou no ingresso da Religiaõ. Viveo alguns annos em Evora, onde aprendeo os rudimentos da latinidade. Passou depois á Corte de Lisboa a viver em companhia de seus primos D. Henrique Henriques, senhor das Alcaçovas, e D. Maria Luiza, aquem prestou obediencia de filho, porque experimentava nelles o amor de pays. Continuou o estudo de gramatica, e Filosofia no magisterio do P. Sebastiaõ de Magalhaens, da Companhia de Jesus, Confessor do Senhor Rey D. Pedro II. e privado do seu Conselho intimo. Contava 19. annos de idade, quando seus illustres parentes lhe conheceraõ hum affecto especial ao nosso Habito. Buscou o senhor das Alcaçovas ao Rmo. P. M. Fr. Cypriano de Mendoça, e fazendo-lhe prezente a vocaçaõ de Francisco da Silva, conseguio o despacho da sua rogativa. Informou-se

o Rmo. da ſciencia, vida, e coſtumes do Pertendẽdente, e achando-o digno do beneficio, a que aſpirava, o levou na ſua Companhia para o Moſteiro de Tibaens, onde recebeo a Cogulla aos 27. de Abril de 1675. mudando naquelle acto, naõ ſo de eſtado, ſenaõ de nome, porque trocou o de Franciſco da Silva, pelo de Fr. Antaõ de S. Franciſco.

Tendo em o noviciado por meſtre o P.P. Fr. Rafael de S. Luiz, aprendeo na ſua doutrina a exercitar as virtudes religioſas. Reſplandeceo eſpecialmẽte na humildade, e obediencia, bazes principaes, em que ſe levanta com ſegurança o eſtado de religiaõ. Continuando em louvaveis exercicios mereceo, que o Capitulo Geral o diſpenſaſſe no tempo, que devia preencher para entrar nos eſtudos; porque a ſua capacidade dava eſperanças de que faria muitos progreſſos, ſeguindo os eſtudos. Começou a ouvir Filoſofia no Moſteiro de Tibaẽs, e acabou no de Renduffe, para onde ſe mudou o Collegio, por moſtrar a experiencia, que o exercicio da aula naõ he compativel com a eſtreita regularidade da obſervancia do Coro. Eſtudou Theologia no Collegio da Eſtrella em Lisboa; e merecendo ſer creado Meſtre, continuou eſta occupaçaõ naquelle Collegio, e no Moſteiro de S. Bento, onde recebeo o graó, e borla de Doutor com agrado, e eſtimaçaõ de todos.

Era muito recolhido, e inimigo da ocioſidade; por iſſo conſumia o tempo, que lhe reſtava do eſtudo, e do coro, já em bordar, o que fazia com primor, já em fazer outras obras para ornato da Igreja, e dos Altares, em cujo obſequio diſpendia quanto a

Reli-

Religiaõ lhe concedia para ſeu uzo. Comſigo porem era muito parco , porque o ſeu tratamento era religioſo o ſeu apoſento pobre , as ſuas alfayas poucas, e ſem vaidade mundana. Jubilou com creditos de bom Meſtre , e Orador , vivendo no Moſteiro de S. Bento da Saude alguns annos, deu exemplos dignos de imitar-ſe. Seguia o coro ſem violencia; aſſiſtia aos enfermos com hũa eſpecial caridade; eſtimava aos mais velhos com hum reſpeito ſingular; acudia aos pobres com grãde piedade, naõ ſe horrorizãdo dos mais deſpreſiveis , aquem muitas vezes lavava, e veſtia com edificaçaõ notavel dos que ſabiaõ eſtes excellentes actos de miſericordia, que praticava.

Neſtes louvaveis exercicios ſe achava occupado o Rmo. P. quando o Senhor D. Pedro II. nomeou para Biſpo de Lamego ao Senhor D. Thomás de Almeida, que depois foi Patriarca I. de Lisboa, e Cardeal da Santa Igreja. Tinha eſte ſaudozo , e memoravel Prelado razoens grandes de affinidade com o Rmo. P. por ſer cazada com D. Jorge Henriques ſenhor das Alcaçovas , e ſeu ſobrinho, a ſenhora D. Magdalena de Bourbon, irmaã do meſmo Senhor Biſpo. Amava tanto ao P.M. que o convidou inſtantemente para lhe fazer companhia em Lamego. Reſiſtio elle com humildes deſculpas eſta honra; porem obrigado dos rogos de ſeus parentes, cedeo ao empenho do novo Biſpo. Eſtimou eſte ſummamente eſta noticia , e empenhado na execuçaõ effectiva do ſeu , goſto, conſeguio do Rmo. P. M. Fr. Jozé de S. Boaventura licença, para que o P. M. Fr. Antaõ de Faria lhe fizeſſe companhia. Nomeou-o logo Provizor do ſeu Biſpado, e eſtabelecendo-lhe renda

que

que com o emulumento da occupaçaõ chegaria a quinhentos mil reis, estes lhe deixou livres ao seu uzo; porque na grandeza do seu Palacio nenhuma cousa faltava á subsistencia, e decóro do Rmo. Provisor.

Encheo neste honroso emprego dous annos, taõ recolhido no Palacio, como havia sido na clausura; taõ edificante aos seculares, como o fora aos seus Monges. No exercicio de Ministro temperava a justiça com a misericordia. Nas visitas do Bispado, a que sahio algumas vezes, uzava da vara de juiz, jũto com o amor de pay. Obrigava os delinquentes com a suavidade do castigo; e os mesmos que temiaõ a maõ, que lhes fulminava a pena, a vinhaõ beijar agradecidos ao favor, que lha constituĩa menor, que os seus delictos. Naõ tirava deste emprego interesse algum; porque os chamados emulumentos ficavaõ nas maons dos pobres repartidos em esmolas, havendo occazioens, em que se recolhia a Lamego mais pobre, do que sahira, por conta deste compassivo, e santo disperdicio.

Passados estes annos melhorou de emprego o Rmo. P. porque melhorou de Bispado o Senhor D. Thomás de Almeida. O Senhor Rey D. Joaõ V. o promoveo de Bispo de Lamego para o Porto, e sendo que a graduaçaõ era menor, as regalias dos governos belico, e politico, o fez mais respeitavel. Nomeou-o Regedor das justicas naquella Relaçaõ, e Governador das Armas no seu partido, querendo que na Igreja empunhasse o baculo de Pastor, e no Campo o bastaõ de General. Estimou o Rmo. Fr. Antaõ de Faria esta promoçaõ, naõ so porque de

hum

hum bom retiro paſſava a viver em huma Cidade populoſa, e rica, ſenaõ eſpecialmente porque ſe viſinhava aos ſeus Monges, que naquelle territorio tem ſeis Cazas, naõ havendo nem hũa no Biſpado de Lamego, donde ſahia. Chegaraõ as Bullas, e o Senhor D.Thomás o nomeou para em ſeu nome tomar poſſe da Catedral, elegendo-o tambem Governador do Biſpado. Sahio de Lamego acompanhado de toda a Nobreza, e dos pobres; eſtes chorando a ſua perda, aquelles a ſua auzencia; mas todos obrigados á ſua bondade, que elle ratificou aos Cavalheiros com cortejos, aos pobres com beneficios na ultima deſpedida. Continuou a jornada, e chegando ao Porto, naõ foi alojar-ſe no Palacio Epiſcopal, em que o eſperavaõ, ſenaõ no Moſteiro de S. Bento, onde todos o receberaõ com grãde goſto; porque huns nunca o haviaõ viſto, e outros ha muitos annos.

Logo que chegou o cortejaraõ o Cabido, a Relaçaõ, a Nobreza, e o Povo. Todos voltavaõ goſtoſos de o verem, porque o ſeu genio era affavel, ſeu trato politico, e ſincero. Diſpoſto o dia, em que havia tomar poſſe, ſahio do Moſteiro, acompanhado de duas Dignidades da Sé, e muitos Religioſos. Chegou á Catedral, e fazendo aquelle acto com as formalidades coſtumadas, ſe recolheo ao Moſteiro com a meſma aſſiſtencia, que fazia mais plauzivel o eſtrondo dos ſinos, e o alvoroço do povo. Rezidio no Moſteiro, onde com os mais adjuntos, attendia as dependencias da Mitra. Chegou o Illmo. Biſpo, e havendo diſpoſto o Rmo. P. o que era precizo para a ſua entrada, que ſe celebrou com a mayor

mayor pompa, o acompanhou á Sé, recolhendo-se com elle ao Paço, em que residio todo o tempo, em que esteve naquella Cidade. O exercicio de Provisor em Lamego o instruhio bem para desempenhar esta occupaçaõ em o Porto. Sendo grande o seu trabalho, era mayor a deligencia em desembaraçar os negocios, que naõ pediaõ dilatada averiguaçaõ. Naõ demorava as dependencias com prejuizo dos pleiteantes. Servia a todos com promptidaõ, e com affabilidade, em ouvilos, e despachalos.

Nesta multidaõ de negocios se achava o Rmo. P. bem esquecido de que a sua fortuna o elevasse de Provizor do Porto a D. Abbade Geral da Congregaçaõ de S. Bento; mas veyo a conseguir esta Dignidade, quando os interesses da Religiaõ lhe davaõ nenhum cuidado, em comparaçaõ dos que lhe cauzavaõ os da Mitra. Achava-se na Curia de Roma hũ Monge, com diversos fins, que os de governo; e inspirado do zelo da boa armonia, e imparcialidades, que dezejava ver nesta Congregaçaõ, rogou ao Santo P. Clemente XI. quizesse nomear para o Capitulo Geral futuro de 1710. hum Presidente independente, e zelozo, e naõ Monge desta Religiaõ, que com a sua autoridade obviasse tudo o que podia ser perpetuidade de governo, e desordem. Foi bem ouvida a sua supplica, e despachando-a como pedia, de motu proprio, certa sciencia, e irrefragavel noticia mandou cõmissaõ deste negocio ao Senhor D. Thomás de Almeida, Bispo do Porto. Deu o Illmo. Bispo noticia deste Breve ao Rmo. P. M. Fr. Pedro da Ascençaõ, Geral que era naquelle tempo; e como o Breve dispunha, que se celebrasse o Capitulo

Geral

Geral no Porto , circunſtancia incomoda , e menos conveniente á Congregaçaõ , buſcou logo o Rmo. P. Geral ao Senhor Biſpo, ſignificando-lhe a honra, que a Congregaçaõ recebia em o ter por Preſidente de Capitulo , mas que a mudança de Caza para celebrar-ſe era impraticavel. Attendeo as razoẽs que ſe propunhaõ o Illmo. Prelado, e querendo o que era mais util ao bem da Congregaçaõ concordou com o Rmo. P. Geral, em que o Moſteiro de Santo Thyrſo foſſe o teatro deſte congreſſo.

Juntos naquella Caza o Illmo. Preſidente com os Vogaes , ſe executáraõ os actos preliminares ás eleiçoens com felicidade, porque tudo ſe achava em boa armonia , e uniaõ. Houve para a eleiçaõ de Geral algum embaraço , naſcido de algumas deſcõfianças menos juſtificadas. Neſtas circũſtancias, concordáraõ os Rmos. Padres Fr. Pedro da Aſcençaõ , e Fr. Jozé de S. Boaventura em que cahiſſe a ſorte no Rmo. P. M. Fr. Antaõ de Faria, que quando menos o eſperava, ſe vio eleito em D. Abbade Geral no anno de 1710. Applaudiraõ os domeſticos , e eſtranhos a eleiçaõ; eſtes porque reconheciaõ as ſuas letras , e virtudes no exercicio de Provizor do Porto; aquelles porque eſperavaõ , que havia adiantar a gloria do ſeu bom nome, ſendo D. Abbade Geral de S. Bento.

Dezempenhou eſta expectaçaõ em o governo. Era eſtimado como Prelado , e amado como Pay. Com os ſubditos era affavel ; com os enfermos caritativo , e com os pobres eſmoler. Eſtas virtudes , que exercitou ſendo particular, tiveraõ melhor occaziaõ de reſplandecer no lugar ſupremo, em que preſidia

a todos. Honrava com eſpecial cuidado aos Prelados locaes, e ſe era precizo reprehender, ou eſtranhar nelles algum defeito, o fazia com tanta cautela, que mal ſe percebia; tirando por eſte modo aos ſubditos a liberdade de empregar com menos attençaõ os olhos nos Prelados. Sendo recto em caſtigar as faltas de obſervancia, ſempre no ſeu animo prevalecia a miſericordia á juſtiça. Frequentava o Coro, quando naõ havia occupaçaõ urgente do lugar, que o impediſſe. Celebrava quotidianamente o Sacrificio da miſſa, ſem q̃ os dias, em que devia fazer jornada lhe embaraçaſſem eſte ſãto exercicio.

Naõ obſtante eſta ſingular conduta, eſta paz, e ſuavidade do ſeu governo, ſentio nos fins delle as mais penoſas contradiçoens, e diſabores. Empenhou-ſe o inimigo cõmum em deſtruir a concordia, ſemeando entre o bom trigo a mayor zizania. Creſceo a tempeſtade nas veſperas do Capitulo futuro; porque os accidentes fataes do tempo adulteravaõ a razaõ, confundindo a verdade com a mentira. Acudio a eſtas deſordens o Illmo. Biſpo Preſidente; porque diſſipando as borraſcas, que ameaçavaõ ao Capitulo Geral de 1713. a mayor perturbaçaõ, deu por ſuceſſor ao Rmo. Fr. Antaõ de Faria, o Rmo. P. M. Fr. Gregorio do Eſpirito Sãto, Varaõ reconhecido da Religiaõ, da Univerſidade, e de todos por admiravel em letras, e virtudes.

Concluido aſſim o governo da Religiaõ, ſe retirou o P. Rmo. a continuar o de Provizor em o Porto, com mayor honra, veneraçaõ, e reſpeito, por ſe achar reveſtido com o caracter de Ex-Geral de S. Bento. No anno de 1716. foi aſſiſtir a Capitu-

lo

lo Geral, e ſendo que podia ſer nelle arbitro, as ſcenas ſe trocaraõ de tal modo, que os mais amigos, e os mais obrigados lhe faltaraõ com o cortejo. Diſſimulou como prudente eſta falta de attençaõ, que naõ deixou de ſentir, porque era homem. Sendo porem magnanimo o coraçaõ, e fidalgo o ſeu eſpirito naõ alterou eſta mudança o ſeu animo generoſo, antes ſe ſatisfez com o goſto de que no lugar de D. Abbade Geral da Congregaçaõ ſe empregaſſe hum Monge taõ benemerito como era o Rmo. P. Pregador Jubilado Fr. Pedro dos Martyres. Recolheu-ſe ao Porto, e no exercicio da Provizoria continuou ate ſer promovido no meſmo anno de 1716. a Patriarca de Lisboa o Senhor Biſpo D. Thomás de Almeida. Quiz eſte que o Rmo. P. o acompanhaſſe na Corte, como havia feito em Lamego, e no Porto; porem elle ſe eſcuzou com tanta efficacia, que ſahio, para recolher-ſe no Moſteiro de Tibaens, ao meſmo tempo que o Senhor D. Thomás de Almeida fez jornada para tomar poſſe do Patriarcado.

Recolhido em Tibaens entrou ſem embaraço de negocios a louvar a Deos, e ſervir a Santa Gertrudes Magna, de quem foi devotiſſimo. Nem a autoridade de Pay deſta Congregaçaõ, nem o privilegio dos annos, nem o caracter de Meſtre jubilado lhe ſerviraõ de eſcudo para ſe izentar dos exercicios da religiaõ. Frequentava o Coro, e os mais actos penoſos com edificaçaõ dos Monges; gaſtando o tempo que lhe reſtava deſtes empregos, e da miſſa em eſtar recolhido, e ſervindo a Santa Gertrudes, porque o aſſeyo, e a dorno da ſua Capella era o ſeu mayor cuidado. Sahia raras vezes do Moſteiro,

porque naõ ſendo a cortejar o Illmo. Primaz D.Rodrigo de Moura Telles, ou a outras peſſoas de diſtinçaõ, ſe diſpenſava de todos os mais comprimentos. Ainda para viſitar por alguns dias a ſeu ſobrinho Antonio Jozé de Almada, Fidalgo bem conhecido na Provincia do Minho, e no Reino, era precizo, que eſte, e os mais ſobrinhos o rogaſſem com a mayor inſtancia. Em fim, amava o retiro, e recolhimento de tal modo, que nem á meſma cerca, e hórta do Moſteiro baixava ſenaõ por hũ acazo.

Entregue aos exercicios de piedade reſpeitava com eſpecial ternura as Chagas de Chriſto, e nenhũa couza licita lhe pediaõ em contemplaçaõ dellas, que naõ concedeſſe benigno. De Maria Sãtiſſima, e ſeu eſpoſo S. Jozé era taõ devoto, que ainda nas meſmas jornadas trazia na liteira conſigo as imagens de J. M. J. para que a memoria do ſeu Deſterro ſuavizaſſe o incomodo dos caminhos. Eſtimava tanto ao Patriarca S. Franciſco, que alem do reſpeito, com que o invocava, ſe mandou aliſtar, ſendo Geral de S.Bẽto, por ſeu Irmaõ terceiro, com vaidade ſãta da Religiaõ Franciſcana. Venerava ao noſſo famoſo Portuguez Santo Antonio com culto taõ eſpecial, que nos Conventos da Piedade do Porto, e no de S. Fructuoſo, junto a Braga, ſe encaminhava de joelhos deſde a porta da Igreja ate o ſeu altar. Favorecia os filhos deſtes Santos com maõ liberal, e o meſmo exercitava com as obſervantiſſimas filhas de Santa Thereza em o Porto, enviando para ornato da ſua Igreja perfumes, flores, e ramos de mimo, e grandeza.

Sendo eſta a veneraçaõ, com que reſpeitava os ſobre-

ſobreditos Santos, e ſeus filhos, muito ſe eſpecializou a ſua devoçaõ para com a noſſa eſtimavel, e glorioſa Santa Gertrudes, cuidando na Capella que lhe eſtá dedicada no Moſteiro de Tibaẽs. Já o Rmo. P. Pregador Geral Fr. Bento da Gloria havia empregado (como temos dito no ſeu Elogio) na veneraçaõ deſta Santa huma porçaõ notavel da ſua piedade, mandando fazer o retabolo, e outras peças, que ainda ſe conſervaõ para ornato da ſua Capella; porem acabando na vida daquelle Heroe eſte culto, renaſceo em outro, mais vivamente a ſua devoçaõ, e eſpirito. Foi eſte o Rmo. P. M. Fr. Antaõ de Faria, que elevou a meſma Capella ao ultimo primor, e adorno. Reformou o retabolo com elegantes pinturas; enriqueceo a Imagem com joyas, e brincos de eſtimaçaõ; cubrio de talha dourada os lados, e arco da Capella, collocou nella quadros admiraveis, hũs de meyo relêvo, outros de boas pinturas; deu-lhe lampada, e caſtiçaes de prata, cortinas, e ſanefas, franjadas de ouro, alem de outras peças de mimo, e valor, que enobrecem aquelle Santuario com aceyo, e riqueza. Neſtas obras da ſua devoçaõ conſumia quanto alcançava para ſeu uzo; porque Santa Gertrudes, e os pobres eraõ os ſeus unicos herdeiros.

Com eſtes moſtrou ſempre, como eſtá referido, a ſua ardente caridade, que bem ſe reconhecerá nas acçoens ſeguintes: Eſtando Provizor no Porto lhe cõſtou do grande deſamparo, em que vivia com hũ filho, huma ſenhora de muita honeſtidade, e recolhimento; e lhe aſſiſtio todos os mezes, com huma congrua ſuſtentaçaõ, mandando cuidar de ſeu filho

para

para o eſtudo das letras. No Moſteiro de Tibaens largou hum manto de limiſte, que trazia aos hombros, a hum Clerigo, que em eſtado deſprezivel lhe pedio eſmola. Aos pobres daquella freguezia aſſiſtia com dinheiro, botica, e galinhas, por maõ de hum Monge, ſeu confidente, que affirmava, ter diſpendido neſtas obras de miſericordia, larga quantia. Das almas do Purgatorio, a que chamava as mais pobres, era taõ compaſſivo, que em muitos annos as ſoccorreo com o ſacrificio das ſuas miſſas.

Occupado neſtes exercicios de piedade vivia o Rmo. P. trazendo ſempre diante dos olhos a certeza da morte, e a incerteza do quando; e ſendo que cuidava em eſtar diſpoſto para o ultimo inſtante, deveo a Deos a miſericordia de o avizar muito anticipadamente com moleſtia, que o emprazou hum anno, hũ mez, e deſaſete dias; principiando a queixa na forma que direi agora. Na tarde de 3.de Mayo de 1720. teve o Rmo. P. avizo, que o Illmo. Primaz de Braga D. Rodrigo de Moura Telles o vinha viſitar. Agradecido a eſta honra, ſahio ás eſcadas da Igreja a eſperalo. Beijou-lhe a maõ pela merce, que lhe fazia com incomodo da ſua peſſoa, e dos ſeus annos, e conduzindo-o á Capella da ſua querida Santa, dequem o meſmo Illmo. Arcebiſpo era tambem devoto, ali meſmo lhe ſobreveyo hum accidente com principios de eſtupor. Foi levado nos braços dos Monges para o ſeu apoſento, onde ſe confeſſou, e recebeo o ſagrado Viatico com toda a preſſa. Teve acordo para ſe fazerem os actos cuſtumados naquella hora, e mandou entregar as chaves de quanto tinha de ſeu uzo ao Prior, que entaõ eſtava

va Presidente da Caza, por se achar o Rmo. P. Geral em visita. Passadas duas horas, repetio o mal com tanta violencia, que naõ so lhe tirou a fala senaõ lhe fez estupida toda a parte direita. A beneficio dos remedios, que se lhe aplicaraõ, se lhe restituîo a fala, depois de oito dias, sendo as primeiras palavras, que proferio: Jesus, Maria, Jozé, indicio bem certo, de que estes nomes suavissimos estavaõ gravados no coraçaõ, pois que da sua abundancia sahiaõ á boca, em vozes, ainda que pouco articuladas, bem entendidas.

Os remedios calidos, que se aplicaraõ á parte do lado offendido, moveraõ aos trinta dias hum arrojo grande de carbunculos, que declinando depois em chagas, lhe apuraraõ notavelmente o sofrimento. A estas molestias sobrevieraõ outras, que se fizeraõ complicaveis, naõ podendo dar-se a humas remedio, porque naõ padecessem as outras mayor damno. Passava os dias com gravissimas dores; as noites em continuas vigilias; mas com tanta paciencia, e conformidade, que na sua boca naõ se ouvia mais que o louvar a Deos, e invocar os Santos, sendo as almas do Purgatorio as que mais efficazmente chamava.

Pouco convalecido da molestia, e dos remedios, foi por conselho dos medicos buscar nas caldas do Gerêz algum alivio. Quazi nenhum experimentou no espaço de trinta dias. Recolheu-se a Tibaens, e continuou os remedios. Estes lhe naõ restituiraõ a saude; mas de tal sorte o melhoráraõ, que com algum trabalho podia andar, encostado em hum criado. Naõ perdia o Rmo. P. tempo de cuidar em

o

o importante negocio da ſua ſalvaçaõ. Emprega-va-ſe com mayor fervor em exercicios devotos, fazendo alguas novenas á ſua amada Santa Gertrudes. Sahindo de orar no Coro no dia de S. Sebaſtiaõ do anno de 1721. o acometeu hum terrivel accidente de gota coral. Acodiraõ os Monges, e imaginando ſer eſte o termo de ſua vida, lhe adminiſtraraõ o Sacramento da Unçaõ. Tornou em ſi; mas eſtando em deſcanço lhe ſobrevieraõ novos accidentes, mais fortes que o primeiro. Aplicáraõ os profeſſores os remedios mayores, e a força delles o reſtituhío ao eſtado, em que ſe achava antes deſte atáque pernicioſo. Reſtituido a melhor diſpoſiçaõ, cuidava mais que dos remedios do corpo, dos eſpirituaes de ſua alma, Em todos os Domingos, e dias ſantos ouvia miſſa, que ſe lhe celebrava no ſeu apozẽto. Comũgava ao menos de oito em oito dias, ſem q̃ para eſte ſagrado acto houveſſe mais deſpertador, que o ſeu cuidado, e amor que teve ſempre aos Sacramentos. Aſſim continuou hum grande regimẽto, ate que o acometeo huma aſcítes, eſpecie de hydropeſia, que empenhada em ſuffocalo, ſe adiantava com paſſos deſmedidos. Cuidou logo o Rmo. P. em adiantar tambem as ſuas preparaçoens para o ultimo combate. Recebeo todos os Sacramentos, pedio repetidas vezes perdaõ dos ſeus deſcuidos a todos; e merecendo a eſtes huma ſaudade a mais terna, em fim eſpirou aos 19. de Junho de 1721. ſendo Geral deſta Congregaçaõ o Rmo. P. M. D. Fr. Jozé de Santa Maria. Seu corpo jaz ſepultado no Cruzeiro do Moſteiro de Tibaens, em que faleceo, á parte da Epiſtola.

Foi

Foi eſte Rmo. P. de todos reſpeitado pelo ſeu naſcimento, como deſcendente de huma familia, e caza taõ illuſtre, como a dos Farias; pelos ſeus empregos, pois foi D. Abbade Geral de noſſa Cõgregaçaõ; Provizor das mitras de Lamego, e Porto, e Examinador das Ordens militares, nomeado pelo Conſelho Ultramarino Biſpo do Rio de Janeiro, e pelo Arcebiſpo Primaz D. Rodrigo de Moura Telles, ſeu Biſpo de anel, cujos empregos naõ tiveraõ effeito neſtas duas ultimas eleiçoens. E mais que tudo conhecido pelo exercicio de muitas virtudes, que eſmaltando o ſangue, e enobrecendo as Dignidades lhe mereceraõ glorioſo nome no mundo, e dentro do Clauſtro.

ELOGIO XXXVII.

DO R.mo P. M. D. Fr. GREGORIO DO ESPIRITO SANTO.

LII. Geral Benedictino.

NASCEO este Rmo. P. na freguesia de Santiago de Figueiró, do Concelho de Santa Cruz de Riba Támega no anno de 1648. Foi baptisado a 4. de Março, tendo por pays Francisco Teixeira, e Anna Francisca. Conseguio nosso santo habito aos 16. annos da sua idade, por merce do Rmo. Fr. Gregorio de Magalhaēs, que concedeo o vestisse no Mosteiro de Renduffe no 1. de Novembro de 1664. Professou a 8. de Novembro de 1665. no Mosteiro de Tibaens, para onde por justos motivos se mudou o noviciado. Sendo Corista fez hum progresso admiravel na gramatica, poesia latina, e bellas letras, o que se reconhece em os varios poemas, e observaçoens selectas, que compoz, e intentava dar ao prelo. Admittido ao Collegio de Artes, foi precizo moderar os seus estudos, porque estes lhe naõ perdessem as forças, e a saude. Passando á Theologia, mereceo no fim deste Curso, que o elegessem Mestre; e continuando os actos da Universidade com grande applauso, naõ merecia menos na Religiaõ, porque zelava a observãncia monastica com o mayor cuidado, sendo Prior no mesmo Collegio de Coimbra.

Attendido o seu merecimento foi eleito em D. Abbade

Abbade do dito Collegio no anno de 1696. e neste emprego mostrou quanto se interessava em o bem espiritual, e temporal, de seus subditos, aquem sabía amar como pay, e estimar como Prelado. Assistia-lhes em tudo, como dispoem as constituiçoẽs; emendãdo no seu tempo algum descuido, que nesta matería se havia introduzido antecedẽtemẽte. Defendeo com actividade, e zelo a posse dos marachoẽs da Insua do Mondego, dos quaes nos intentava despojar mais a industria, e poder, que a justiça. Mandou fazer na Igreja as grades do Cruzeiro, e Capellas. Acabado o seu triennio, voltou sem occupaçaõ para o Collegio, onde teve hũa estranha applicaçaõ aos estudos, ainda que sem esperança de Cadeira por naõ haver Concurso por aquelles tempos. Hum accidente porem lhe adiantou o premio. Estava o Rmo. P. com outros muitos Mestres, assistindo na Cappella da Universidade a hũa funçaõ do Culto Divino; e faltãdo o Pregador lhe fez avízo o Reytor dizendo: que estimaria sobisse ao pulpito. Obedeceo a esta voz sem demora, satisfazendo com admiraçaõ dos ouvintes o empenho. Desta aceitaçaõ resultou, o inspirar-lhe hum dos Collegios que requeresse á Magestade hũa conduta, naõ obstante ser fora de Concurso. Seguio este parecer; e o Illmo. Reytor o informou de sorte, que foi provido como pedira, por despacho de 17. de Janeiro de 1702. compensando-se neste provimẽto, que dignamente cõseguio, o disgosto, que antes houve na Religiaõ, em ser preterido em huma Cadeira o P. M. Fr. Miguel de S. Bento, bem conhecido da Universidade pela sua grande literatura.

Deste graó subio o Rmo. P. á Cadeira pequena de

Efcriptura por Provizaó de 20. de Agofto de 1706. e tomou poffe em 26. de Novembro do dito anno. Foi Lente de Efcoto por Provizaõ de 12. de Janeiro de 1714. tomou poffe a 26. do dito mez. Subio á Cadeira de Vefpera por Provizaõ de 29. de Julho de 1717. tomou poffe no primeiro de Novembro. Em fim confeguio a de Prima por Provizaõ de 23. de Janeiro de 1721. e tomou poffe a 19. de Fevereiro; e nefta Cadeira o apozentaraõ por Provizaõ de 25. de Agofto de 1722.

Sendo eftes os premios q̃ confeguio pelas letras, naõ foraõ menos honorificos, os que mereceo pela virtude. Com applauzo, e acerto o elegeraõ em D. Abbade Geral defta Congregaçaõ no anno de 1713. Governou com muita prudencia, e obfervancia, e efta fe vio florecer no feu tempo, naõ fo na Cõgregaçaõ, fenaõ tambem na Provincia do Brazil. Efta rectidaõ, e zelo lhe grangeou alguns pouco fatisfeitos da fua inteireza; porem os mais advertidos confideravaõ, que o efcrupulo do Rmo. P. naõ o deixava efquecer da fua obrigaçaõ para fazer obfervar as Cõftituiçoẽs, e Leys com a mayor pureza. Era amãte dos fabios, e eftudiofos; e cuidou no augmento de todas as livrarias dos Mofteiros com grande applicaçaõ. Por efta cauza, antes de acabar a vida deu a entender ao Prelado, que dezejava fe fizeffem hũas cazas com a renda da fua Cadeira, para q̃ com ella fe attẽdeffe á livraria do Collegio; o que fe cumprio. Defempenhou fendo Geral a Congregaçaõ em huma foma confideravel, e para que naõ fe gravaffe com mayor empenho, do que lhe permittiaõ as fuas forças, naõ aceitou mais de vinte quatro Noviços, podendo

dendo recolher na Religiaõ trinta, e feis, conforme o numero dos Monges, que faleceraõ no tempo do feu governo.

Concluido efte, fe recolheo ao Collegio de Coimbra, e fatisfazendo às obrigaçoens de Cathedratico pelo efpaço de dez annos, no de 1726. a 19. de Junho, fe vio accometido de hum eftupor. Efteve opprimido dous mezes, e meyo defta queixa de tal forte, que apenas podia articular huma, ou duas palavras. O entendimento moftrou fempre que eftava livre de eftupidêz; e a vontade prompta para os exercicios de devoçaõ. Commungou muitas vezes, e ouvia miffa nos dias de preceito; fazendo outros actos de piedade, como foraõ infinuar, que com os emulumentos da fua Cadeira fe fizeffe hum palio rico, e varios cortinados para a Igreja. Eftando affim difpofto, e augmentando-fe a moleftia perdeo a vida aos 2. de Setembro de 1726. contando 78. annos de idade, e de Religiaõ 62. Sepultaraõ feu corpo na Capella de S. Gregorio Magno, com as honras devidas ao feu merecimento; porque na Congregaçaõ, e na Univerfidade o refpeitavaõ, attendẽdo hũs a fua obfervancia, outros as fuas letras, e todos a excellencia de feus coftumes. Foi eftudiofo, e muito recolhido; devoto fem affectaçaõ; compaffivo com os proximos, e efmoler com animo generofo; virtudes, que o faziaõ refpeitavel aos homens, e grato a Deos, para efperar da fua bondade o defcanço eterno.

ELO-

ELOGIO XXXVIII.

DO R.mo P. P. GERAL Fr. PEDRO DOS MARTIRES.

LIII. Geral Benedictino.

ESTE he o terceiro filho, que a nobre, e antiga Villa de Guimaraens deu á nossa Congregaçaõ para encher nella o emprego de D. Abbade Geral. Nasceo em aquella Villa aos 4. de Junho de 1645. Seus pays eraõ nobres pelo sangue; porem mais illustres pelas virtudes, e acçoens dignas, que praticavaõ. O filho as imitou de tal sorte, que com o exercicio dellas esmaltou a nobreza do nascimento. Esquecido do mundo, quando este se lhe podia insinuar mais ao coraçaõ pelas distraçoens naturaes aos poucos annos, buscou o estado religioso, em que vivesse izento dos cuidados, que precizamente offerece a vida secular. O Rmo. P. M. Fr. Gregorio de Magalhaẽs, que examinou o seu talento, e vocaçaõ, o achou digno, de que vestisse a Cogulla monachal no Mosteiro de Santo Andre de Renduffe aos 28. de Agosto de 1664. Para merecer esta graça concorriaõ nelle, naõ so o nascimento, e bõs costumes, senaõ o escrever com primor, o contar com acerto, e o saber gramatica com perfeiçaõ. Professo com aceitaçaõ de todos os que admiravaõ nelle hũ grande recolhimento, huma mortificaçaõ exemplar, e hum amor das virtudes muito respeitavel, empregou os annos antecedentes aos estudos mayores,

em

em outros que conduziaõ ao ſeu bem eſpiritual, e ſerviço da Religiaõ no tempo futuro. Ouvio Artes, e Theologia com grande aproveitamento;o que bem moſtrou nos exercicios do pulpito, e confeſſionario que frequentou com muito credito, e bom exemplo. Foi Prior, e Vigario no Moſteiro de Baſto, em que preſidio aos Monges, e Parochianos com grande aceitaçaõ de todos.

Conhecido o ſeu talento, e capacidade o elegeraõ Pregador Geral para o Moſteiro de Lisboa. Jubilou neſte emprego, que ſatisfez com aceitaçaõ de todos; e como aſſiſtio na Corte mais de vinte, e ſete annos, ſervindo a Religiaõ, e alguns eſtranhos em negocios de importancia, e difficeis, a todos mereceo hum reſpeito muito particular, porque naõ ſo attendiaõ nelle hum grande preſtimo, ſenaõ hũa ſerie taõ igual de acçoens virtuoſas, que o veneravaõ como hum dos mais exemplares religioſos. Bem eſquecido eſtava o Rmo.P. de occupar os lugares da Religiaõ, quando no anno de 1713. ſe celebrava Capitulo Geral. Tendo Voto nelle, naõ queria uzar do ſeu privilegio. Naõ aſpirava a mais, que a viver em retiro. O ſeu animo era izento de ambiçaõ; a ſua humildade renitia a tudo o que podia ſer eſtimaçaõ. Antepunha a vida particular ás Dignidades, que merecia; a ſugeiçaõ ao mando, que deſprezava. Sendo eſte bem o que mais eſtimava, houve de ceder violento ás inſtancias de amigos, que quazi por força o fizeraõ apparecer naquelle Capitulo. Houve nelle algumas duvidas ſobre a eleiçaõ de D. Abbade do Moſteiro de Santo Thyrſo. Todas ſe deſvaneceraõ ao propor-ſe para eſte lugar o Rmo. P. porque os

Vogaes

Vogaes aſſentárað, em que era digno deſte, e de mayores empregos. Moſtrou a experiencia o acerto deſte juizo. Floreceo no ſeu governo aquelle Moſteiro na obſervancia regular, e nas felicidades temporaes. Era conſolador dos ſubditos; e cheyo de caridade para os enfermos. Muito urbano com os hoſpedes; e ainda mais eſmoler para com os pobres. Dezempenhou o Moſteiro de gravames antigos; e para ſua conſervaçaõ, e ornato mandou fazer obras muito uteis.

Concluìo felizmente o ſeu governo, e entrando no Capitulo Geral de 1716. naõ achárað os Padres Vogaes outro mais digno, nem mais proprio, que eſte para encher a Dignidade de D. Abbade Geral da Congregacaõ. Collocado neſte lugar ſupremo, cuidou deveras quanto era o pezo da Mitra em hum Prelado mayor. Coartou as licenças aos Monges no ſahir da Clauzura; e admoeſtando os Prelados locaes para que naõ permittiſſem ſe excedeſſem, mandou fazer hum livro de regiſtro, em que ſe lançaſſem os nomes dos que as obtinhaõ, e os dias, que lhes concedia. Para evitar as muitas licenças, e Breves, que os Monges conſeguiaõ do Senhor Nuncio neſte Reyno, com detrimento notavel da Clauſura, e obediencia religioſa, recorreo ao Santo P. Clemente XI. que por hum Decreto caſſou todos os Breves, e licenças oppoſtas ao bem comum da obſervancia, clauzura, e obediencia prohibindo, que ſe lavraſſem outros de futuro; de cuja rezoluçaõ ſuprema reſultou a eſta Congregaçaõ, á Provincia do Brazil, e a todas as Sagradas Familias huma utilidade graviſſima; porque era univerſal em todas a meſma

queixa

queixa, e o mesmo damno. No governo dos subditos era rectissimo. Naõ faltava com o premio aos benemeritos; nem com o castigo aos delinquentes. Era nos actos de Communidade, e mortificaçaõ o primeiro, e o mais frequente, para que o seu exemplo servisse de norma a todos para o imitarem. Foi muito zelozo do culto divino, e devotissimo da Virgem Senhora Nossa. Para excitar mayor perfeiçaõ nos Monges, e pessoas devotas, comprava muitos livros devotos, em que se contem oraçoens pias para antes, e depois da celebraçaõ do Sacrificio do Altar, com outros exercicios de piedade, em que as almas dedicadas a Deos, e amantes da virtude achaõ efficazes estimulos de servir ao Senhor com agigantadas forças de espirito.

Cuidou com summo disvelo em conservar o patrimonio da Congregaçaõ, zelando que os Procuradores naõ se descuidassem da sua obrigaçaõ respectiva, seguindo a justiça, que tinhaõ as dependencias que tratavaõ, ate conseguir a decisaõ dellas, segundo o seu merecimento. Mandou fazer para a Sacristia de Tibaens hum ornamento rico de tela, que ainda existe. Deixou para outro tambem rico, e preto, o dinheiro que parecia necessario. Tambem mandou fazer com grandeza a obra da agoa, chamada da Cabrita; e ainda que padece nota na falta de perfeiçaõ, e comodidade, que podia ter o Mosteiro, esta se deve attribuir ao descuido dos artifices, e naõ ao cuidado do Rmo. que em nenhuma couza deixou de assistir com liberal providencia á sua cõstrucçaõ. Para o Mosteiro de S. Bento de Lisboa mandou fazer, á similhança de outra, que há no

Qq Mosteiro

Mosteiro de Tibaens, huma Arvore da familia Benedictina, que se collocou na famosa escada Conventual; fazendo estimavel este quadro naõ so a grãdeza delle, senaõ a perfeiçaõ, e miudeza das pinturas, a que deu o ultimo realce com mais adorno o P. M. Doutor Fr. Antonio de Queiroz, sendo D. Abbade daquelle Mosteiro no anno de 1755. Acudio o Rmo. P. igualmente ao augmento, e perfeiçaõ de outros Mosteiros com as rendas da Congregaçaõ; e havendo concluido felizmente o seu governo, ficou no Mosteiro de Tibaens animãdo com o seu exemplo, e observancia os Monges daquella Caza.

Teve no seu tempo a gloria de rebecer no mez de Novembro de 1717. huma carta de Sua Magestade Fidelissima o Senhor Rey D. Joaõ V. pela qual este Monarcha, digno de eterna memoria, lhe recomendava fizesse celebrar a Conceiçaõ de Maria Sãtissima com a mayor solemnidade de primeira classe. Como o animo do Rmo. era taõ pio, a sua devoçaõ com a Senhora a mais terna, e a sua obediencia ao Rey a mais exacta, elle se empenhou singularmente neste culto. Lembrou-se de que a primeira veneraçaõ da Conceiçaõ da Senhora teve principio em hum Mosteiro Benedictino de Inglaterra, sendo autor desta solemnidade por divina revelaçaõ o Abbade delle Elpino; e lembrando-se tambem de que outro Monge de S. Bento o grande Arcebispo de Cantuaria Santo Anselmo, promovera muito esta festividade com as suas vozes, e com a penna no famozo Comentario, que publicou por gloria daquelle Instante imaculado, que os Benedictinos sempre defenderaõ, elle applicou todas as suas forças,

e

e autoridade, para que nos Mosteiros desta Congregaçaõ se veneraſſe, como recomendava a piedade do Monarca, e ainda mais a devoçaõ, e culto da Senhora.

Chegou o tempo de celebrar Capitulo Geral no anno de 1719. e entrando o Rmo. nesta acçaõ, nelle se admirou o desintereſſe, acompanhado do respeito ao bem da Congregaçaõ. Nem o amor da patria, em que acharia muitos benemeritos, nem o affecto da amizade, em que a mayor parte dos subditos se lhe fazia recomendavel, o obrigaraõ a escolher para suceſſor algum compatriota, ou amigo especial. Attendeo ao que julgou mais digno para sustentar o pezo do lugar, e a observancia. Elegeo ao Rmo. P. M. Doutor Fr. Jozé de Santa Maria, em quem reconhecia, por experiencia de muitos annos, talento, e zelo para conservar, e augmentar na Religiaõ a regularidade monastica, e boa armonia, em que se estabeleceo no seu tempo. Concluío finalmente o seu governo; mas naõ espirou com elle o exemplo, e zelo, com que fez celebre a sua memoria. Aſſistia aos actos Conventuaes com o mayor fervor de espirito, naõ se dispensando nem ainda daquelles, de que o eximiaõ os seus annos, e as suas molestias. Nas ultimas tres semanas, em que viveo, deu as mayores provas da sua religiaõ, e virtude. Naõ foi bastante o grande impedimento da debilidade, que muitas vezes lhe suspendia a voz, para se explicar, para que deixaſſe de frequentar os actos religiosos. Chegou a tanto, que paſſou deste modo ate o dia ultimo em que faleceo. Naõ podendo nelle levantar-se pelo grande cança-

ço que o oprimia, recebeo os Sacramentos com disposiçaõ taõ grande, como era a da sua vida; e faltando-lhe o espirito no dia, em que contava 74. annos 6. mezes, e 8. dias de idade, espirou no Mosteiro de Tibaens aos 12. de Dezembro de 1719. Seu corpo foi sepultado no Cruzeiro da Igreja com sentimento universal de todos os Monges; havendo muitos, que ainda agora louvaõ a pureza de seus costumes, a candura do coraçaõ, o amor da piedade, o fervor da devoçaõ, o dezejo da observancia, junto com a consolaçaõ de seus subditos; em fim, humas acçoens virtuosas, e exemplares, que deixaraõ a todos a moral, e pia certeza, de que seu espirito, solto das prizoens do corpo, goza na visaõ da patria o descanço eterno.

ELOGIO XXXIX.

DO R.mo P. M. D. Fr. JOZE' DE SANTA MARIA.

LIV. e LVII. Geral Benedictino.

EM 29. de Outubro de 1665. nasceo na Villa de Arrifana de Souza o Rmo. P. M. Fr. Jozé de Santa Maria, que na Igreja Parochial de S. Martinho recebeo a graça baptismal no mez de Novembro do mesmo anno. Seus pays Antonio de Souza Pacheco, e Clara Ferreira, nobres, e distintos entre os moradores daquella Villa, cuidaraõ na educaçaõ deste filho com particular disvelo. Aprẽdeo gramatica na sua patria, e recebeu na Cidade de Braga a ultima perfeiçaõ, e algumas liçoens de Filosofia. Com estes predicados, e o de huma excellente pureza de costumes, mereceo o habito de nossa Ordem, que lhe mandou vestir no Mosteiro de Tibaens o Rmo. P. Fr. Vicente dos Santos no anno de 1686.

Estudou Filofia, e Theologia com admiravel applicaçaõ; e sẽdo eleito Mestre, leo Theologia nos Mosteiros de Lisboa, e Basto graduando-se depois na Religiaõ. Retirou-se a viver no Mosteiro de Bostello, todo ẽtregue a exercicios de piedade, em q̃ foi muito exemplar em quanto lhe durou a vida. No anno de 1713. o elegeraõ D. Abbade daquella Caza; e dando admiraveis provas de Prelado observante, e economico, encheo dignamente o lugar com acei-

taçaõ

taçaõ de todos. No Capitulo Geral de 1716. o elegeraõ em companheiro do Rmo. P. P. Geral Fr. Pedro dos Martyres, e de tal ſorte deſempenhou eſte honorifico emprego, que naõ obſtante ſer elle impedimento, para naõ ſer promovido a Geral no Capitulo ſeguinte, os Vogaes o habilitaraõ, attendendo aõ ſeu grande, e diſtinto merecimento.

Entrou a D. Abbade Geral deſta Congregaçaõ no anno de 1719. e reſplandecendo a ſua prudencia no governo, que lhe confiaraõ, ſubio a diſciplina regular a huma eſtupenda obſervancia, ſendo o Rmo. P. quem animava a todos com o ſeu exemplo a executar o que determinava nas ſuas bem reguladas diſpoziçoens. Era frequente na aſſiſtencia do Coro, e mais actos de Comunidade, zelando com tanto cuidado a ſua perfeiçaõ, que a ninguem permittia o que podia reſultar em menos reſpeito, e obſervancia della. Eſmerou-ſe em cõſervar a paz, a uniaõ, e o amor entre os ſeus ſubditos; e por iſſo conſeguio felizmente, que todos o veneraſſem com as eſtimaçoens de Pay.

A todos procurava com ſaudaveis inſtrucçoens o bem eſpiritual de ſuas almas, naõ perdendo de viſta a economia temporal dos Moſteiros, a que ſempre acudio com abundantes ſoccorros para o ſeu deſempenho, merecendo-lhe huma particular attençaõ os de Lisboa, e Porto, por ſer menos dotados. Aos pobres valeo ſempre com liberalidade; aos hoſpedes com grandeza, mas ſem diſperdicios de prodigo. Dava-ſe muito aos ſantos exercicios da Oraçaõ, e liçaõ eſpiritual, e neſtas fontes bebeo ſempre os documentos de religiaõ, e piedade, com que animava

mava os ſubditos, fazendo que o ſeu exemplo, ainda mais que as vozes lhes inſpiraſſe o amor, e pratica das virtudes. Acabou com felicidade o ſeu governo; porem como a Religiaõ conhecia quanta utilidade lhe reſultava delle, no fim do ſexenio o elegeo ſegunda vez em D. Abbade Geral no anno de 1728. Satisfez a expectaçaõ de todos neſte ſegũdo triennio; porque os ſeus ſentimentos foraõ os meſmos que os do primeiro, em promover a obſervancia, que ſempre zelou com incanſavel cuidado. Recolheu-ſe no fim deſte governo a deſcançar dos ſeus trabalhos no Moſteiro de Santo Thyrſo; porem ainda neſte retiro naõ deſcançou de todo, porque no anno de 1737. foi eleito em Diffinidor mór.

A ſerie da ſua vida foi ſempre taõ regulada, como exemplar. Obſervava os jejuns da Igreja, e da Religiaõ, ainda na idade mais avançada: em os mais dias era muito abſtinente, e parco. Amava o ſilencio com eſpecial cuidado; nas manhaãs naõ ſe via mais, que dizendo miſſa, ou orando no coro. Depois da hora de Completa ate as nove da noite ſe empregava indefectivelmente em exercicios eſpirituaes. Frequentando o Coro a todas as horas, ordinariamente era o primeiro em a de Matinas, de que eſtava izento por muitos titulos; nem deſiſtio deſta frequencia, aconſelhado dos medicos, que attendiaõ as ſuas moleſtias, e os muitos annos. So deixou de continuar eſte ſanto exercicio por obedecer aos Prelados; mas ainda deſtes conſeguio licença para naõ faltar áquella hora, nos dias ſolemnes, e feſtividades da Senhora, dequem era devoto com extremo. Zelozo do bem das almas ſe empre-

empregava em confeſſar com grãde aſſiſtencia, percebendo-ſe o fruto da ſua doutrina na boa regularidade de acçoens, com que procediaõ aquellas, que dirigia. Gaſtava por maõ de interpoſta peſſoa com os pobres, e peſſoas recolhidas, e de virtude o que a Religiaõ lhe concedia para ſeu uzo; veſtindo nas feſtas de Natal, e Paſcoa hum pobre, ſem que elles ſoubeſſem qual era a maõ, que lhe liberalizava aquelles beneficios. Conſigo era o mais pobre, e moderado; pois ainda do que era precizo ao ſeu comodo, eſtava carecendo, naõ conſervando em ſeu apozento couza alguma, que naõ reſpiraſſe pobreza, e deſprezo dos bens caducos.

Sendo Geral reformou varios abuzos, e deſordens que a corrupçaõ dos tempos introduzira contra as Leys da Congregaçaõ. Deu novo vigor ás que eſtavaõ em eſquecimento, ou abolitas, tanto na Cõgregaçaõ, como na Provincia do Brazil, áqual dirigio providencias muito eſpeciaes para bem da obſervancia, e dos eſtudos; nomeando para mayor luſtre daquella Provincia para ſeu Chroniſta o P. M. Doutor Fr. Ruperto de Jezus, Monge bem conhecido naquelle Principado. Foi devotiſſimo do Patriarca S. Jozé, e para deſempenho da ſua devoçaõ lhe mãdou formar no interior do Moſteiro de Tibaens hũa Capella de limitada grandeza, porem de muito cuſto, e eſtimaçaõ pelas pinturas, que a adornaõ, e pelas reliquias, que a enobrecem; collocando para mayor conſolaçaõ dos Monges naquelle Santuario o Sacramento Euchariſtico, em cuja prezença orava o Rmo. P. largas horas, tranſportado na veneraçaõ, e amor do meſmo Sacramento.

No

No exercicio destas boas obras, e virtudes, que praticou em toda a vida, o achou a ultima enfermidade. Servio nella de admiraçaõ a todos; pois sendo crueis as dores, que padecia, era notavel a sua paciencia, e de muita edificaçaõ a conformidade. No meyo de suas affliçoens naõ se ouviaõ outras vozes mais, que as de resignaçaõ na vontade divina; e conhecendo claramente, que esta o chamava ja ao descanço, pedio os sacramentos com humildade, e efficacia. Recebeu-os com devoçaõ, que a todos inspirava, entre os impulsos do sentimento, motivos de consolaçaõ, e ternura; e dispondo-se com repetidos actos de amor para entregar nas maons de Deos o seu espirito, em fim deixou de viver aos 15. de Julho de 1745. tendo de Religiaõ cincoenta, e nove annos, e oitenta de idade. Seu corpo está sepultado no Mosteiro de Santo Thyrso, junto da Sacristia, onde huma breve sepultura nos esconde as cinzas de hum Varaõ, que pelo exercicio das virtudes, e pelos seus predicados se fez digno de huma dilatada memoria na posteridade.

ELOGIO XL.

DO R.mo P. Fr. ANTONIO DE S. LOURENÇO.

LV. Geral Benedictino.

NA freguesia de S. Pedro de Cahíde, huma legoa distante da Villa de Arrifana de Souza, nasceo este Rmo. Prelado aos 23. de Abril de 1657. Seus honrados, e virtuosos pays o crearaõ no santo temor de Deos, e no exercicio de muitas virtudes. Applicou-se aos estudos com efficacia, e inclinado suavemente ao amor da vida religiosa, pertendeo estabelecer-se nella, quando se achava na idade de desaseis annos. Conseguio ser admittido á nossa Congregaçaõ pelo Rmo. P. M. Fr. Cypriano de Mendoça. Vestio o habito no Mosteiro de Tibaens aos 16. de Mayo de 1673. Mereceo a profissaõ pelas esperanças, que dava de ser Monge observante, e perfeito, e continuando nestes exercicios de religiaõ com exacta pontualidade, foi admittido ao estudo de Filosofia. Ouvio Theologia no Collegio de S. Bento de Coimbra, e sahindo Pregador, exercitou no Mosteiro de Pombeiro esta occupacaõ; e outras de que o encarregaraõ, com muito acerto.

Mudado para o Mosteiro de Paço de Souza, satisfez muitas vezes o emprego de Prior daquella Caza, com boa aceitaçaõ de todos os Religiosos. Era amante, e zelozo da observancia, ao mesmo tempo,

po, que cuidadozo da benignidade, e amor, com que devia tratar a Communidade. Merecia por affavel o mayor respeito, sendo obedecido, sem contradiçaõ, em o que mandava. Na assistencia dos enfermos resplandecia muito a sua caridade. Cuidava com disvelo extraordinario, em que se lhes naõ faltasse em couza alguma; e que o sustento delles se preparasse com mayor deligencia, e amor do que se praticava. Vivendo no dito Mosteiro trinta, e tres annos, occupou trinta destes em ser Vigario daquelle povo. Exercitou este emprego com grande utilidade dos seus freguezes, aquem ministrava em excellentes docūmētos hũa doutrina a mais pura, e a mais solida. Despido de todo o interesse, deixava a seu Coadjutor os emulumentos do officio, cedendo, em obsequio da pobreza religiosa, a utilidade, que podia perceber como premio da sua occupaçaõ.

Penetrado do espirito de humildade, naõ aspirou ja mais ás Dignidades da Religiaõ; antes fugia de as occupar. Porem attendendo os Vogaes do Capitulo Geral de 1719. o seu merecimento, o elegeraõ, e obrigaraõ a ser D. Abbade do mesmo Mosteiro de Paço de Souza. Desempenhou este lugar com tanta aceitaçaõ, e credito da sua pessoa, que entrando em Capitulo Geral no anno de 1722. naõ lhe faltaraõ os votos para o collocar no emprego supremo de D. Abbade Geral da Congregaçaõ.

Foi taõ prudente o seu governo, que sem faltar á observancia como Prelado, a todos consolava como Pay. Era dotado de brandura, e rectidaõ, de agrado, e de affabilidade. Uzava de muita caridade para com os subditos; e ainda de mayor para

com os pobres. Acudia a todos com largueza de animo, e naõ permitia, que algum se apartasse da sua prezença sem remedio.

Sendo muito zelozo do Culto Divino, cuidou em que os officios do Coro, e Altar se celebrassem com a mayor perfeiçaõ. A este Rmo. se deve especialmente a pia e devota ceremonia, que principiou a exercitar o Rmo. P. M. Fr. Antaõ de Faria, de levantarem os Monges as maõs ao Ceo, quando no Hymno: *Te Deum laudamus*, se cantaõ as palavras: *Te ergò quæsumus tuis famulis subveni, quos pretioso sanguine redimisti.* Empenhado o Rmo. P. na conservaçaõ, e boa armonia da observancia religiosa (e attendendo que os privilegios, e graças pessoaes, que gozaõ os particulares, naõ sendo estabelecidos por ley, que supoem nos sugeitos merecimẽtos antecedentes para os conseguir, alteraõ a regularidade, e cauzaõ perturbaçoens) fez huma supplica ao S. P. Benedicto XIII. que havendo respeito ao requerimento, lhe concedeo Breve derogatorio, em 27. de Janeiro de 1725. em que se cassavaõ ás graças, e favores pessoaes, concedidos em beneficio, e utilidade de alguns Monges. Em fim, cuidou de tal sorte no governo espiritual, e temporal desta Congregaçaõ, que mereceo o respeito, a veneraçaõ, e o amor de seus subditos; sabendo unir com tanta prudencia a observancia monastica com a suavidade, que sem permittir fraçoens das Leys, as via observadas.

Continuãdo em louvaveis exercicios de piedade, se vio accometido de huma enfermidade grave, andando na visita dos Mosteiros; que estaõ proximos á Villa de Vianna do Minho. Foi esta hum accidẽ-

te

te de pedra o mais terrivel. Acudiraõ-lhe com os remedios opportunos; e recebendo por beneficio delles grande melhora, naõ deixou de ſentir no reſtante da vida varias repetiçoens. Seis annos o oprimio a moleſtia; porem elle a ſoffria com tanta paciencia, que admiravaõ todos os actos de conformidade, que exercitava. Eraõ continuos os louvores de Deos em a ſua boca; e ſendo as dores, que experimentava, exceſſivas, naõ ſe ouviaõ queixas, que lhe perdeſſem o merecimento da ſua tribulaçaõ. Naõ deixava por cauza della de frequentar, ainda que com grande trabalho, os actos de Communidade. Aſſiſtia a elles com edificaçaõ de todos, pois ninguem ignorava o muito que padecia. Creſcendo pois a moleſtia com mayor vehemencia, ſe fortaleceo com mayores exercicios para a ultima hora. Recebeu os Sacramentos da Igreja, cheyo de piedade, e devoçaõ, e diſpondo-ſe com a dilatada enfermidade para conſeguir os bens eternos, faleceo no Moſteiro de Tibaens aos 25. de Janeiro de 1731. contando cincoenta, e oito annos de habito, e ſetenta, e quatro de idade. Jaz ſepultado no Cruzeiro da Igreja do meſmo Moſteiro, onde faleceo.

ELO-

ELOGIO XLI.

DO R.mo P. Fr. PAULO DA ASSUMPÇAÕ.

LVI. Geral Benedictino.

ESTE Rmo. Prelado, aquem o ſangue, e o Inſtituto fez duas vezes irmaõ do Rmo. P. M. Fr. Jozé de Santa Maria, Geral de noſſa Ordem, naſceo na Villa de Arrifana de Souza aos 18. de Novembro de 1673. Foraõ ſeus pays Antonio de Souza Pacheco, e ſua ſegunda mulher Anna Leal. Eſtudou a lingua latina na ſua patria, e na Cidade de Braga, e eſtando habil para entrar em Religiaõ eſcolheo a noſſa, em que foi admittido por ſeu parente o Rmo. P. M. Fr. Bento de Santo Thomáz. Tomou o habito no Moſteiro de Tibaens a 30. de Agoſto de 1690. na florente idade de deſaſete annos, reſiſtindo-ſe ás perſuaçoens, com que os Padres da Companhia o ſollicitavaõ, para que veſtiſſe a ſua Roupeta. Profeſſou com goſto ſeu, e aceitaçaõ de todos; e ſendo mudado para o Moſteiro de Travanca, nelle deſempenhou as obrigaçoẽs de Coriſta com hũa promptidaõ excellente.

Foi admittido, quando preſcrevem as Leys da Religiaõ, ao eſtudo de Artes no Moſteiro de Santo Thyrſo, donde paſſou a ouvir Theologia no Collegio de S. Bento de Coímbra, ſatisfazendo em ambor os Curſos a todos os actos com aceitaçaõ de ſeus Meſtres. Mudado para o Moſteiro do Couto, fre-

frequentou os pulpitos, e confessionarios, e como deu a conhecer especial talento para governar muitas almas com prudencia, e boa armonia, foi mudado para o Mosteiro de S. Joaõ da Fóz do Douro; onde com fortuna grande, e mayor acerto soube accomodar como bom Paroco as dissenções, em que se achavaõ os freguezes, moradores daquelle lugar, por occaziaõ de algũas ordẽs, que havia mandado áquella Parochia o Diocesano do Bispado do Porto.

Deste Mosteiro passou ao de Bostello a exercer a obrigaçaõ de Vigario, sendo Dr. Abbade daquella Caza o P.P. Fr. Mathias de Lacerda. Neste emprego deu as mais evidentes provas da sua extremosa caridade. Grassou naquella Parochia hũa epidemia cõtagiosa, e obrigando esta aos pays a desampararem seus filhos, e os espozos a suas consortes, os amigos, e visinhos huns a outros, so o Rmo. P. assistia a todos, exercitando as obrigaçoẽs de Paroco na administraçaõ dos Sacramẽtos, e as de pay nas esmolas de dinheiro, e remedios, que se faziaõ precizos para acudir a taõ grande mal. Era sũmamente zelozo do bem espiritual de suas ovelhas; e passando deste cuidado ao temporal, eraõ multiplicados os beneficios, com que attendia a sua pobreza, e desamparo. Por este motivo sentiraõ todos a sua auzencia, quando a Religiaõ o mudou segunda vez para o Mosteiro de S. Joaõ da Fóz, em que foi Prior, e Procurador com felicidade; merecendo aos moradores daquelle lugar hũ grande respeito; porque sem faltar ás suas obrigaçoẽs, alcançou com grande credito, attrahir os animos de todos a hũa veneraçaõ bem distinta da sua pessoa.

Como

Como eſta era igual na Religiaõ pelo ſeu merecimẽto, foi eleito em D. Abbade do Moſteiro de Sãto Thyrſo no anno de 1722. Neſte emprego moſtrou hũ grande cuidado da obſervancia monaſtica, e da utilidade temporal. Florecia a Religiaõ debaixo de hũa conduta bem regulada: as obras ſe augmẽtavaõ com muita perfeiçaõ; devendo-lhe a quinta da Batalha o mayor diſvelo. Mereceo com eſtes predicados de amavel Prelado, e bom economico a attẽçaõ de todos; e porque de todos era amado, pela candura de animo, e ſingular benignidade, foi elevado pelos Vogaes cõgregados no Capitulo Geral de 1725. em D. Abbade Geral da Cõgregaçaõ. Toda ſe congratulou deſta acertada eleiçaõ; porque no Rmo. P. achavaõ entranhas de Pay, ſem q̃ pelo amor, com que tratava aos ſubditos, faltaſſe ás obrigaçoens indiſpẽſaveis de Prelado.

Reedificou no ſeu tempo com muito diſpendio o Moſteiro de S. Joaõ de Cabanas, que levantou deſde os fundamentos. Deu principio á Igreja do Moſteiro de S. Joaõ de Pendorada. No Moſteiro de Tibaens perfeiçou o Clauſtro da Igreja, e varias officinas. Na cerca fez a admiravel, e cuſtoza obra de jardins, e fõtes, com que ſe adorna; collocando neſtas, repartidas por cada hũa dellas, as figuras das virtudes, Fé, Eſperança, Caridade; Temperança, Fortaleza, Juſtiça, Prudẽcia, e outras mais, q̃ enobrecem as meſmas fontes, e jardins com viſtoſa, e agradavel formoſura.

Rematou toda eſta obra com hũa primoroſa, e rica Capella de S. Bento, que mandou edificar á ſua cuſta; ſendo o lugar eminente, em que ſe acha collocada, hũ dos mais delicioſos aos olhos, porque a

viſta

viſta ſe emprega, naõ ſo em hum bom jardim, que a acompanha, ſenaõ em a Cidade de Braga, em algũs Moſteiros, ſolares, povoaçoens, rios, e campos, que eſtaõ na circumferencia. Reduzio eſte Rmo. a pratica, habilitarem-ſe os Monges deſta Cõgregaçaõ com tres annos de eſtudo theologico para exercer qualquer dignidade, ou lugar; e ſendo na obſervancia regular exacto, e prompto, ſuavemente obrigava a todos para o imitarem. Era naturalmente compaſſivo; amante de ſeus ſubditos, e conſolador de todos com o ſeu favor, ou valimento; merecendo com eſtes predicados, que todos o amaſſem, e nomeaſſem ſempre com o titulo de Pay. Frequentou ſempre o Coro, e mais actos de Cõmunidade com infatigavel eſpirito; pois nem ainda obrigado das moleſtias, e dos annos deixou a ſua aſſiſtencia.

Chegou em fim ao ultimo periodo de ſeus dias, e eſtando conventual no Moſteiro de S. Thyrſo enfermou da doença, que lhe tirou a vida. Conhecido o perigo, em que eſtava, recebeu os Sacramentos, e debilitando a força da moleſtia a fraqueza dos annos, faleceo aos oitenta de idade, e ſeſſenta, e tres de Religiaõ aos 22. de Janeiro de 1753. Seu corpo foi ſepultado na meſma Urna, em que ſe ſepultou ſeu irmaõ o Rmo. P. M. Fr. Jozé de Santa Maria, pedindo o Rmo. P. eſte favor ao Prelado, porque ſendo o meſmo ſangue o que animava a ambos, foſſe huma ſo a ſepultura, que recolheſſe as ſuas cinzas ate o dia fatal da reſſurreiçaõ dos mortos.

ELOGIO XLII.

DO R.mo P. M. D. Fr. MANOEL DOS SERAFINS.

LVIII. Geral Benedictino.

NO lugar da Cova, freguezia de Santiago de Fonte Arcada, Conſelho de Penafiel, do Biſpado do Porto naſceo eſte Rmo. Prelado no 1. de Abril de 1672. Recebeu a agoa do Baptiſmo a dez do dito mez, com o nome de Serafim, que mudou em o de Manoel, quando lhe adminiſtrarão o Sacramento da Confirmação. Teve por pays a Jeronimo de Macedo e Mello, e Izabel Barboza, que por ſer peſſoas de qualificada nobreza, eſtamparão no coração de ſeu filho com as obrigaçoens do ſangue as maximas da religião chriſtaã. Buſcarão para o ſeu enſino meſtres doutos, e virtuoſos, e achando eſtes na ſua boa indole aptidão para as virtudes, e letras lhe inſpirarão junto com o eſtudo da gramatica, em que ſahio perfeito, a pureza dos coſtumes, em que ſe conheceu exemplar. Movido de heroico impulſo pertendeu ſer filho de S. Bento neſta Congregação; e merecendo a ſua vocação as attençoens do Rmo. P.M. Fr. Bento da Aſcenção, veſtio a Cogulla monaſtica em o Moſteiro de S. Bento da Cidade do Porto aos 6. de Julho de 1692.

Merecendo ſer admittido á profiſſão, eſteve nos annos antecedentes aos eſtudos nos Moſteiros de Pombeiro, e Paço de Souza; e como em ambos

deu

deu a ver nas ſuas acçoẽs huma regularidade perfei-ta na obſervancia, eſta o fez digno de o mandar a Congregaçaõ ouvir Artes, que leo no Moſteiro de Santo Thyrſo o P. M. Fr. Manoel Lobo. Paſſou a eſtudos mayores no Collegio de S. Bento de Coimbra, e moſtrando huma comprehenſaõ excellente da theologia, eſcolaſtica, dogmatica, e expoſitiva, mereceo no fim do Curſo ſer eleito Meſtre. Continuou o exercicio literario naquelle Collegio; e ſeguindo a Univerſidade ſe graduou Doutor aos 23. de Julho de 1713. com grãde eſtimaçaõ do ſeu talẽto.

Reconhecido eſte, o nomeou a Religiaõ por Lente de Filoſofia no Moſteiro de Renduffe, e como neſte exercicio ſe conheceu a utilidade de ſeus diſcipulos; naõ ſo no eſtudo da ſciencia, ſenaõ em as maximas de religiaõ, ſegunda vez o deſtináraõ a ler outro Curſo de Artes no Moſteiro de Refoyos de Baſto, emprego, que o Rmo. P. deſempenhou com igual ſatisfaçaõ, que da primeira vez. Paſſou depois ao Collegio de S. Bento de Coimbra, em que exerceo a leitura de Theologia, ate jubilar com avultado credito de ſua peſſoa, e da Religiaõ. Aproveitou-ſe eſta do ſeu talento, e obſervancia para occupar os lugares, que ſaõ premio dos benemeritos. No anno de 1722. o elegeraõ em D. Abbade do Moſteiro de Santarem. No de 1725. em Procurador Geral da Corte de Lisboa. No de 1728. foi promovido a D. Abbade do Moſteiro de S. Bento da Saude. Deu a conhecer neſtes empregos o ſeu talento, e virtudes, porque ſe em quanto Prelado adiantou a obſervãcia com grande diſvelo, naõ foi menor o que empregou na laborioſa occupaçaõ de Procurador Geral, ha-

havendo no ſeu tempo cauzas de grande ponderaçaõ, eſpecialmente com os Rmos. PP. Jeronimos em materia de precedencias, e em ordem ao habito monachal, cujo Breve, e privilegio naõ teve effeito ſenaõ em o feliz reinado do Rey D.Jozé. I.Noſſo Senhor, que lhes permittio ſe verificaſſe a graça, que obtiveraõ em tempo de ſeu auguſto Pay o Senhor D. Joaõ V. de ſaudoza memoria.

Dezempenhando o lugar de D. Abbade de Lisboa com a mayor aceitaçaõ, no Capitulo Geral de 1731. foi com pluridade de votos inſperadamente eleito em D. Abbade Geral da Congregaçaõ. Sendo ouvida dentro, e fora do Clauſtro eſta eleiçaõ, com goſto, e com applauzo, correſponderaõ as excellentes diſpoziçoens do ſeu governo á expectaçaõ de todos. Era amado, e obedecido dos ſubditos; porque achavaõ nelle a ſoberania de Prelado unida com o amor de Pay. Era eſtimado dos eſtranhos; porque na ſua affabilidade experimentavaõ hum attrativo o mais poderoſo a merecer-lhe a eſtimaçaõ, dos que o tratavaõ. Com eſte predicado, e o de bom politico mereceo aos Grandes da Corte huma eſpecial veneraçaõ, ſendo particularmente empenhado em fazer-lhe honra o Eminentiſſimo Senhor D. Thomás de Almeida I. Patriarca de Lisboa. Eſte o convidou para Deſembargador da ſua Relaçaõ, quando acabaſſe de Geral; mas o Rmo. P. ſe eſcuzou do honorifico emprego, ſignificando com demonſtraçoens as mais agradecidas, o quanto ſe obrigava deſta honra, com que o queria occupar no ſeu ſerviço. Eſtando de viſita no Moſteiro de Lisboa lhe concedeu o meſmo Senhor Patriarca celebrar miſſa Pontifical,

tifical, e professar juntamente huma Religiosa do Convento de Santa Martha, da sua jurisdiçaõ, annuindo com gosto ao empenho do seu Secretario, tio da mesma Religiosa, para que o Rmo. P. Geral celebrasse esta funçaõ. Executou-se effectivamente no anno de 1731. ministrando os Mõges Benedictinos naquelle Pontifical ao seu Rmo. com as mesmas Dignidades, e ceremonias, que se praticaõ em similhantes occasioens; resultando de todo aquelle acto, em que assistio grande parte da Nobreza, e pessoas de distinçaõ, hum particular contentamento, tanto pela solemnidade, com que se celebrou a dita profissaõ, como pela edificaçaõ, com que se executáraõ todas as ceremonias do mesmo acto.

Empenhado o Rmo. P. em que a Congregaçaõ florecesse no tempo do seu governo, dilatou a observancia em todos os Mosteiros; continuou as obras do de Tibaens com a mayor actividade, promovendo com o seu exemplo aos mais Prelados, a que se empenhassem para o mesmo fim nos seus Mosteiros respectivos. Conseguio do Smo. P. Clemente XII. para mayor decoro, e autoridade dos Dons Abbades Geraes desta Congregaçaõ o habito Prelaticio, de que uzaõ, sendo elle o primeiro, que o vestio, e gozou desta hõra, por virtude de hũ Breve, expedido em Roma aos 5. de Abril de 1732.

Concluido o tempo do seu Generalato no anno de 1734. ficou vivendo retirado no Mosteiro de Tibaens. Servio a todos de exemplo sete annos, e meyo, que esteve na mesma Caza; porque a sua observancia era exacta, e a sua assistencia aos actos de Communidade a mais continua. Opprimido de annos,

annos, e de moleſtias buſcou por cõſelho dos medicos os ares patrios. Retirou-ſe ao Moſteiro de Paço de Souza, como mais proximo a elles, eſperãdo no beneficio da ſua influencia algũ alivio. Conſeguio-o no eſpaço de cinco annos, em que viveo no dito Moſteiro; mas paſſados eſtes, e alguns dias mais, lhe ſobreveyo hum defluxo, que os medicos deſconhecerao. So no ultimo dia da ſua vida o obrigarao a deſcançar em a cama, para lhe applicar os remedios; porem foi ja inutil eſte reparo. Na meſma noite, que foi a do 1. de Março de 1747, lhe ſobreveyo de novo hum accidente apopletico, que em breve tempo lhe tirou a vida. Eſtá ſepultado na Igreja do Moſteiro de Paço de Souza, dentro da Capella collateral, que he do Santo Chriſto. Faleceo tendo ſetenta, e cinco annos de idade, e cincoenta, e cinco de Religiao; onde a ſua memoria ſe conſerva pela ſaudade, que faz aos que obrigou com o amor de Pay; perpetuando entre todos a ſua veneraçao pelas excellentes qualidades, que enobreciao o ſeu eſpirito, e pelas virtudes, que piamente entendemos, lhe merecerao o deſcanço eterno.

ELO-

ELOGIO XLIII.

DO R.mo P. M. D. Fr. MANOEL DA GRAÇA.

LIX. Geral Benedictino.

EM hum dos terrenos principaes, que enobrecem a Provincia de Entre Douro, e Minho, qual he a Villa de Ponte do Lima, aquem a Rainha D. Thereſa mãy do noſſo primeiro Rey D. Affonſo Henriques reedificou, quazi depois de extincta, no anno de 1125. Villa, que pela delicia do ſitio, e pelo agradavel do rio Lima, mereceo novas attençoens ao Rey D. Pedro I. de Portugal, para que a tornaſſe a reedificar, e cercaſſe de muros para evidente prova do quanto a eſtimava, neſte lugar, e nobre Villa naſceo no 1. de Agoſto de 1670. o Rmo. P. M. Fr. Manoel da Graça. Cuidaraõ ſeus hõrados, e virtuoſos pays na educaçaõ deſte filho com particular diſvelo; pois naõ ſo lhe inſpiravaõ a pureza dos bons coſtumes, ſenaõ o amor das ſciencias deſde os tenros annos. Para o eſtudo da gramatica o enviaraõ na puericia á Cidade de Braga, e frequentando as aulas do Collegio da Companhia, conſeguio a perfeiçaõ da latinidade em breve tempo.

Eſtando na idade de deſoito annos ſe inclinou a ſervir a Deos no eſtado de religiaõ, e eſcolhendo a noſſa, mereceo que o Rmo. P. Fr. Vicente dos Santos lhe mandaſſe veſtir o noſſo ſanto habito no Moſteiro do Porto a 14. de Abril de 1689. ſendo D. Ab-

Abbade daquelle Mosteiro o P. M. Fr. Gaspar dos Reys, e Mestre de Noviços o P. Fr. Bernardo de S. Luiz. Professou com aceitação de todos a 25. de Abril do anno seguinte, e desempenhando com pontual observancia as obrigaçoens do seu Coristado, mereceo de justiça ser admittido a ouvir Artes no Mosteiro de Santo Thyrso debaixo da disciplina do P.M. Fr. Antonio de S. Miguel, hum dos mais benemeritos filhos desta Congregação, que illustrou com as suas virtudes, e letras.

Acabado o estudo da Filosofia, em que mostrou penetração, e engenho, ouvio Theologia com applicação incansavel. Fez-se digno de que no fim della o elegessem Mestre, e dando a conhecer tanto nas conferencias particulares, como nos actos publicos o seu talento, e literatura, mereceo graduar-se Doutor em a Universidade de Coimbra. Pouco depois o destinou a Religião para ler Artes em o Mosteiro da Villa de Santarem; e sendo que na dita Villa tiverão sempre as Religioens homens doutos, e de conhecido merecimento, entre elles conseguio hum lugar muito distinto o Rmo. P. porque não somente nos actos literarios, senão em os pulpitos se ouvio com grande applauzo, merecendo á sua pessoa, e á Congregação hũ credito muito avultado.

Recolhendo-se ao Collegio de Coimbra no fim deste exercicio de Mestre Artes, o elegerão em Prior do mesmo Collegio, sendo D. Abbade o P. M. Fr. Andre de Christo. Exercitou este emprego com tanta aceitação de todos, e tanta observancia regular, que faltando naquelle Collegio a mayor parte do triennio o D. Abbade, por occazião de negocios

tão

taõ urgentes, que lhe impediaõ a residencia no mesmo Collegio, nelle senaõ experimentou a sua falta, porque o Rmo. P. adiantava os exercicios monasticos, e academicos, como se fosse o primeiro Prelado da mesma Caza. Attendeo a Congregaçaõ a este merecimento, que o fazia taõ recomendavel, e entrando os Vogaes a Capitulo Geral no anno de 1713. nelle foi eleito em D. Abbade do dito Collegio de Coimbra. Tomou posse do lugar, ao mesmo tempo, que dos coraçoens dos subditos. Reconheciaõ estes a sua prudẽcia, e por isso o estimavaõ como Prelado. Experimentavaõ o amor de pay, e obedeciaõ ás suas vozes como filhos. Attendiaõ, que era religioso, e douto; e por esta cauza se alegravaõ de que promovesse a observancia, e os estudos com o mayor zelo, e efficacia.

Acabou este emprego, e sendo digno de outros mayores para conciliar distintos creditos á Congregaçaõ, no Capitulo Geral de 1716. o crearaõ Procurador Geral na Corte de Lisboa. Mereceo neste lugar huma aceitaçaõ estupenda dos Grandes, e dos Ministros, porque sabia obsequiar a todos, sem que o estado religioso lhe fizesse esquecer as obrigaçoẽs da civilidade, nem esta declinasse em cortejos, que fizessem menos respeitavel a sua autoridade religiosa. Mereceo tambem á Congregaçaõ hum grande nome, pela actividade, e zelo, com que tratou dependencias de summa ponderaçaõ, e de importancia; mas sendo que o seu merecimento era muito distinto, padeceo alguns golpes, que fulminou a emulaçaõ, com a mayor constancia, talvez compadecido de que os olhos enfermos com a inveja

naõ podeſſem ſuportar outros golpes de luz, com que os feria.

Sahio da Corte, completos os annos de Procurador Geral, e reconhecendo os Vogaes, mais advertidos, quanta era a prudencia, e talento do Rmo. P. ſegunda vez o elegeraõ em D. Abbade do Collegio de Coimbra, attendendo ao goſto, que ſempre conſervou de viver ſeguindo os eſtudos da Univerſidade. Governou o ſeu Collegio neſte ſegundo triennio, com igual acerto, e aceitaçaõ, que a primeira vez, e fazendo-ſe exemplar de obediencia aos ſeus ſubditos, elle moſtrou a mais cega em executar ſem demora huma determinaçaõ forte do Rmo. Geral, que entaõ era, cedendo do parecer que ſeguia, e podera deffender, ſenaõ podeſſe mais com elle o amor da obediencia, e o reſpeito do Prelado mayor, do que a eſtimaçaõ do ſeu juizo, e a força do amor proprio, que ſugeitou ao imperio da voz, que o mandava.

Deſte tempo ſe conſpirou a fortuna contra o Rmo. P. taõ rigoroſamente, que a faltarlhe hum eſpirito taõ ſuperior, qual era o que o enobrecia, perdera ſem duvida a vida no meyo dos ſeus digoſtos. Empenhou-ſe a inveja a ultrajar o ſeu merecimento, e procedẽdo cega em offendelo ſem nenhum acordo, obrigou ao Rmo. P. a deixar de hum ſo lance a Univerſidade, que amava, as Cadeiras, que pertendiaõ os emulos, e o eſtudo das letras, em que naõ o excediaõ os ſeus oppoſtos. Deixou aos inimigos, ſem embaraço, o campo, e buſcando para viver em ſocego hũ bom retiro, ſahio do Collegio de Coimbra para o Moſteiro de Carvoeiro, querendo ſo viver com

Deos,

Deos, longe do comercio dos homens.

Entregue aos cuidados da salvaçaõ eterna se achava o Rmo. P. quando novamente se vio eleito Prelado daquelle Mosteiro, em que era conventual, no anno de 1728. Obedeceo em aceitar o emprego, que naõ estimava; e mostrando na boa armonia, que conservou entre todos, que era mais companheiro seu, do que Abbade, a todos mereceo o respeito, e o amor, q̃ sem violencia lhe tributavaõ. Acabou o seu governo, e naõ suspirando mais que o retiro, voltou ao Mosteiro, de que sahira como Prelado, sem occupaçaõ alguma. Aqui viveo entregue aos exercicios de piedade, e religiaõ o espaço de tres annos; porem como a sua luz, ainda que escondida no recinto do seu Mosteiro, era superabundante a encher de resplandores a Congregaçaõ, esta o buscou pelos votos dos PP. congregados no Capitulo Geral de 1734. para que illustrasse a todos, collocada no lugar supremo de D. Abbade Geral.

Elevado a este emprego, naõ tem valentia a minha penna para dar hũa idea clara do acerto, com q̃ satisfez as suas obrigaçoens. Elle considerou bem o como era responsavel a Deos por conta do lugar, que lhe confiára; por isso naõ se poupou a nenhum trabalho, quando o recomendava a utilidade, e serviço da Religiaõ. Fez jornada a alguns Mosteiros para com a sua prezença compór, e serenar alguns motivos de inquietaçaõ, que faziaõ pouco acorde a boa armonia, que o Rmo. P. desejava nos Mosteiros da sua obediencia. Os do Porto, e Basto saõ ainda testemunhas desta verdade. Foi incansavel o seu cuidado no despacho de todos os negocios do seu

miniſterio, e das cartas, que lhe dirigiaõ os ſubditos. Naõ ſó lia, e revia todas com a mayor attẽçaõ, ſenaõ que deſpachava, e reſpondia a todos de proprio punho. Sempre antepoz o beneficio publico ao deſcanço particular, as obrigaçoens da Dignidade ás comodidaes da peſſoa. Por eſta cauza occupãdo no deſpachò ſobredito as horas vagas do Coro, nunca faltou a eſte no ſeu triennio, nem ainda nas horas mais incomodas, e penoſas como ſe unicamente eſtiveſſe diſtinado para frequentar a todas.

Adminiſtrou com acerto a virtude da juſtiça; pois concedia o favor, que era poſſivel, ſem agravo da inteireza. Era inclinado á piedade, e compaixaõ, eſpecialmente vendo lagrimas nos olhos dos arrepẽpidos, differindo benignamente aos ſeus humildes rogos, com a ponderaçaõ de que o meſmo Deos, que he infinitamente juſto, tem fundado na clemencia, e bondade a mageſtade, e grandeza do ſeu trono. Em fim, concluido o ſeu governo, deixou nas ſuas acçoẽs aos ſuceſſores hum exemplar, a que devem attender os que aſpiraõ a acreditar-ſe Prelados os mais perfeitos; deixando tambem aos ſubditos huma ſaudade, que naõ pode durar menos que a ſua memoria, ſempre reſpeitavel.

Retirou-ſe ao ſeu amado ſocego do Moſteiro de Carvoeiro, e perſeverando ali ſeis annos, depois delles ſe lhe oppoz novamente com aſpero, e deſagradavel ſemblante a fortuna. Attendido pouco o ſeu merecimento, e autoridade, buſcaraõ, os que naõ ſe animavaõ a inquietalo com a propria, ordens ſuperiores, a que o Rmo. P. obedeceo com o reſpeito, que ſe deve ao Soberano. Mudou-ſe para o Moſteiro

de

de S. Joaõ de Arnoya, mas com tanto ſocego de coraçaõ, e eſpirito, que ſervia de admiraçaõ a todos. Os Monges o attendiaõ como modelo de obſervancia; os eſtranhos como imagem da religiaõ nas acçoens, e exercicios de piedade, que praticava. Aſſim perſeverou quazi ſeis annos, vivendo como cedro, ſuperior aos ventos em o ermo, ou como rocha imovel a todas as ondas, que ſe agitaõ no centro de hum mar tempeſtuozo, e forte; porem mudando de roſtro a fortuna, ao ſer Geral ſegunda vez deſta Congregaçaõ o Rmo. P. M. Fr. Joaõ Baptiſta, a inſtancias deſte, ſe vio o Rmo. F. Manoel da Graça reſtituido ao ſeu deſcanço, e retiro do Moſteiro de Carvoeiro.

Ali ſe entregou mais aſtamente aos exercicios ſantos, de que ſe nutria o ſeu eſpirito; e ſendo que no Capitulo Geral de 1752. o convidaraõ muitos a que quizeſſe ſegunda vez occupar a Dignidade de Geral, pois naõ lhe faltavaõ votos; elle deſprezou a propoziçaõ, e a mitra, tendo por mayor ſatisfaçaõ do ſeu goſto ver adornado com ella ao Rmo. P. Fr. Jozé de S. Domingos. Voltou de Capitulo para o ſeu Moſteiro, e vendo que a ſua idade avançada lhe lembrava cada vez mais a eternidade, a que caminhava, ſe entregou a Deos com todas as forças de ſeu eſpirito. Fez repetidas confiſſoens geraes, e celebrando miſſa quotidianamente, obrigava a Santiſſima Virgem com fervoroſos obſequios, eſperando no ſeu amparo em a ultima hora o remedio mais oportuno. O tempo que lhe reſtava de rezar com os joelhos em terra o Officio Divino, da Senhora, e de Defuntos, empregava em oraçaõ, e liçaõ eſpiritual,

tual, tirando destes exercicios taõ copioso fruto, q̃ frequentemente se via banhado todo em lagrimas. Chegou em fim o ultimo de seus dias no de 22. de Agosto de 1753. mas taõ insperadamẽte, que sahindo do seu apozento ás cinco horas da manhaã daquelle dia o creado, que o servia, e deixando-o vivo, quãdo voltou depois de breve tempo o achou morto, e sua alma já na eternidade.

Encheo este repẽtino accidente de incõsolavel magoa os seus companheiros, e a todos os q̃ conheciaõ ao Rmo.P. mas porque os exercicios da sua vida eraõ os mais pios, e os mais louvaveis, todos se consolaraõ com a moral, e pia certeza, de q̃ a sua alma goza o descanço eterno. Havia celebrado missa, e se tinha confessado no dia antecedente, e para mayor credito da sua virtude, e penitencia em idade de 83. annos ja completos, viraõ todos, que o seu corpo estava estreitamente cingido de hũ aspero, e rigorozo cilicio, mostrando, que ainda no tempo, e lugar em que se busca descanço para o corpo, elle o queria reduzir a escravidaõ, e penitencia. No seguinte dia 23. de Agosto celebrou pontificalmẽte as suas exequias o P. D. Abbade Fr. Francisco de Santa Cecilia Lobo, fazendo Oraçaõ funebre das suas acçoens, e virtudes o P. Prior da mesma Caza Fr. Jozé de S. Jeronimo. Seu corpo jaz sepultado na Igreja, junto ao altar de Nossa Senhora do Rosario, cuja Confraria erigio o mesmo Rmo. e a diantou sempre com a mais excessiva piedade.

Foi o Rmo.P. de pequena estatura, mas sem deformidade: de aspecto severo, e melancolico, sendo que na conversaçaõ era muito agradavel. As suas pa-

lavras

lavras eraõ cheyas de viveza, e graça, mas taõ innocentes, e puras, que a ninguem offendiaõ Dotado de hũa composiçaõ de humores taõ perfeita, q̃ naõ experimentou molestia dilatada em toda a vida. Nũca uzou de outros sustẽtos, que naõ fossem os uzuaes da Cõmunidade. Possuhio hũa feliz memoria, tanto das couzas, que aprendeo desde os primeiros annos, como dos nomes das pessoas, com quem tratára; por isso dava fiel conta de sucessos, e historias muito antigas, sem embaraço de circunstancias, nem de tempo. O entendimento era claro, e profundo em comprehender as sciencias, a q̃ se applicou; o que bem mostrava ainda nos ultimos annos, argumẽtando nas concluzoens publicas de Filosofia, e Theologia dos Collegios de Carvoeyro, e Palme, como se estivera versando ainda aquelles estudos. Os que teve da Universidade com a larga duraçaõ da vida o teriaõ elevado á primeira Cadeira daquella Athenas Lusitana, se a oppoziçaõ de seus emulos naõ o disgostasse tanto, que o obrigasse a deixar a Universidade pelo retiro. O seu coraçaõ era grande, e magnanimo; pois em tantos combates da fortuna naõ respirou com espirito de vingança; antes com admiraçaõ mais que ordinaria favoreceo, e estimou como verdadeiro Pay, aquem em outro tempo naõ o estimára como filho. Obrigou com distintos beneficios aos que era menos obrigado; acudindo geralmente a todos com o favor, e consolaçaõ, sem detrimento da observancia, e da justiça. Foi extremosamente compassivo da pobreza, que soccorria com maõ liberal; mas para que o merecimento da esmola ficasse em silencio, acudia ao desamparo do proximo

por

por interpoſtas peſſoas, eſcondendo religioſamente a maõ, com que liberalizava o beneficio.

Amou ſempre com eſpecial ternura a Virgem Senhora Noſſa, naõ deixando quazi nunca da maõ o ſeu Roſario, que repetia mais de huma vez em cada dia; e por obſequio da meſma Senhora erigio no Moſteiro de Carvoeiro, quando deixou a Univerſidade, a Confraria do ſeu Rozario, correndo por ſua conta todo o diſpendio. Para eternizar a ſua memoria deu á meſma Confraria por eſmola quatro centos mil reis, querendo que com os ſeus reditos ſe conſervaſſem os louvores da Senhora, aquem cordealmente amava. Em fim, nenhuma acçaõ teve o Rmo. P. M. D. Fr. Manoel da Graça, que naõ lhe mereceſſe o titulo de Grande, entre os noſſos Mayores. Para deixar de o ſer completamente ſo o raſgo da minha penna o disfigura neſte Elogio; porque ſupoſto o affecto, e a obrigaçaõ me empenha, por haver conſeguido pela ſua grandeza o entrar neſta Congregaçaõ aos 5. de Junho de 1736. recebendo no Moſteiro de Tibaens á ſombra de hum Heroe taõ recomendavel o Santo Habito, naõ póde com tudo remontar-ſe o meu diſcurſo ate onde voa o meu reſpeito, que pelo attributo da gratidaõ dezejára fazer eterno o ſeu nome, e imortal a ſua memoria em toda a poſteridade.

ELO-

ELOGIO XLIV.

DO R.mo P. M. D. Fr. JOAÕ BAPTISTA, *LX. e LXIII. Geral Benedictino.*

NASCEO este Rmo. Prelado na freguezia de Rio Covo, junto a S. Bento da Vargea, no termo de Barcellos, do Arcebispado de Braga, aos 24. de Junho de 1679. Aos 2. do seguinte mez recebeu a graça do baptismo na sua Parochia, devendo ao deligente cuidado de seus honrados, e virtuosos pays desde aquelle tempo hũa seria applicaçaõ aos exercicios da piedade, e estudo das letras. Facilmente se occupou o seu espirito nas verdadeiras maximas da religiaõ christaã, e o seu talento das regras da latinidade, que estudava; tanto assim, q̃ na idade de quinze annos se admirou nelle vocaçaõ, e capacidade para servir a Deos no estado religioso. Escolheo entre as mais Religioẽs a nossa, e estando viva na memoria de todos a de seu parente muito proximo o Rmo. P. M. Fr. Jeronimo de Sãtiago, Geral que foi tres vezes desta Congregaçaõ, com grande gosto concedeo o Rmo. P. M. Fr. Bento da Ascençaõ, que este pertendente recebesse o nosso habito no Mosteiro de Tibaẽs ao 1. de Agosto de 1694.

Professou com aceitaçaõ universal dos Monges daquella Caza, e satisfazendo as obrigaçoens de Corista com exaçaõ, e humildade, foi admittido aos estudos. Mostrou penetrante engenho na compre-

 hensaõ

henſaõ da Filoſofia, e Theologia; e ſendo no fim deſta reputado pelo melhor eſtudante daquelle Curſo, mereceo ſer creado Meſtre, graduando-ſe Doutor alguns annos depois. Reconhecida a ſua capacidade, e talento lhe deo a Religiaõ leitura de Artes no Moſteiro de Tibaens, cujo Curſo ſe completou no Moſteiro de Ganfey. Paſſou a ler Theologia no Collegio da Eſtrela em Lisboa; e ſendo ao meſmo tempo Regente dos Eſtudos no meſmo Collegio, inſtruhia a ſeus diſcipulos igualmente na pratica das virtudes, e no exercicio das letras.

Havendo jubilado com grande applauzo do ſeu talento, o empregou a Congregaçaõ nos lugares, em que podia adiantar as ſciencias, e a obſervancia. No anno de 1722. o elegeraõ D. Abbade do Collegio da Eſtrela. No de 1725. em Vizitador mór da Religiaõ. No de 1728. em D. Abbade do Moſteiro do Porto, em cujos empregos correſpondeo com os mayores acertos á expectaçaõ de todos. Cançado do exercicio deſtes lugares, reſiſtio aceitar outros honorificos, que lhe conferiaõ, pedindo ao Capitulo Geral do anno de 1731. o deixaſſe viver em retiro, tratando ſo comſigo, e com Deos. Recolheu-ſe ao Moſteiro de Carvoeiro, e paſſando em ſocego, e deſcanço de governos, quando menos o eſperava, vio que eſtava eleito em D. Abbade Geral da Congregaçaõ. Renitio eſta eleiçaõ quanto lhe foi poſſivel; porem como os Vogaes congregados em Tibaens no Capitulo Geral de 1737. o elegeraõ em virtude de hũa nominata do S.P. Clemente XII. expedida em Roma a 11. de Março do meſmo anno, em que ſe propunhaõ para a Dignidade de Geral o

P.

P. M.Fr. Antonio de S. Bento Camello ; o P. P. Geral Fr. Thomás do Sacramento ; e o meſmo Rmo. P. M. Fr. Joaõ Baptiſta , houve eſte de ceder ao empenho dos Vogaes attendendo ao ſocego , e utilidade da Congregaçaõ. Veyo para Tibaens ; e terminando as acçoens do dito Capitulo Geral com o mayor acerto , deſempenhou no ſeu governo os titulos de prudente , caritativo , douto , recto , e vigilante , de que o contemplava reveſtido o Breve Apoſtolico.

Como prudente cuidou em conſervar a Religiaõ em paz, e harmonia, a mais conſtante, e reſpeitavel. Como caritativo atendia a ſer verdadeiro Pay de ſeus ſubditos na adminiſtraçaõ da juſtiça , e dos favores, ſendo para com os mais humildes , e obſervantes a ſua comiſeraçaõ mais diſtinta. Como douto ſe empenhou em dar nova forma aos eſtudos , para que as ſciencias , e as letras floreceſſem debaixo da ſua protecçaõ , e amparo. Em fim , como recto , e vigilante ſobre a obſervancia religioſa , naõ ſo promoveo eſta em toda a Congregaçaõ,ſenaõ que deſtinou para Reformadores da Provincia Benedictina no Eſtado do Brazil ao Rmo. P. M. Fr. Antonio do Deſterro (e levado depois pelo Senhor D. Joaõ V. a Biſpo do Reyno de Angola, e hoje digniſſimo Biſpo do Rio de Janeiro) e ao P. M. Fr. Bento de S. Jozé, cuja nomeaçaõ naõ teve effeito , por alguns incidẽtes , que eſtorvaraõ a ſua execuçaõ.

Concluído o tempo de ſeu governo , em que moſtrou diſpoziçoẽs as mais uteis ao bem eſpiritual , e temporal dos Moſteiros da ſua obediencia , ſe recolheu ao Moſteiro de Palme para viver em retiro. Era exemplar a ſua vida , e de edificaçaõ aos Mon-

 ges,

ges, pois entregue aos exercicios de piedade, nenhũa couza pertendia mais, que viver com Deos, tratando do importante negocio da ſua ſalvaçaõ, ſem que algum outro lhe occupaſſe o coraçaõ, nem os cuidados. Para ſe encomendar a Deos com todo o retiro, mandou fazer em hum ſalaõ proximo ao dormitorio huma Capella muito devota, que adornou com todo o aceyo, collocando nella o Santiſſimo Sacramento, para que foſſe de mayor conſolaçaõ para ſi, e para os Monges a rezidencia real do Senhor no interior do Moſteiro. Na Igreja delle mandou tambem fazer dous altares collateraes; dedicando o da parte do Evangelho a Noſſa Senhora do Rozario; e o da Epiſtola a S. Joaõ Baptiſta, conſumindo em todas eſtas obras, que fez á ſua cuſta, o peculio, que a Religiaõ lhe concedia para ſeu uzo.

Tendo aſſiſtido tres annos no Moſteiro de Palme, a falta de ſaude, que padecia o obrigou a ficar no Moſteiro de Tibaens, depois que veyo aſſiſtir ao Capitulo Geral de 1742. em que ſahio por Geral o Rmo. P. M. Fr. Sebaſtiaõ de S. Placido. Continuou os cinco annos, e meyo deſte governo em huma vida a mais exemplar, e a mais bem regulada; porque ſem faltar, quando as ſuas moleſtias naõ o impediaõ, aos actos de Communidade, gaſtava o mais tempo em exercicios de oraçaõ, e de piedade.

Chegou o mez de Outubro de 1748. e havendo de celebrar-ſe Capitulo Geral, que eſtivera ſubſtado dous annos, e meyo, nenhum Monge pareceo mais apto para ſoceder no lugar ſupremo, que eſte Rmo. Ex-Geral. Reſiſtio elle com a mayor cõſtancia a que o ellegeſſem, allegando em favor da ſua reniten-

renitencia as moleſtias, e annos, de que ſe via opprimido; porem como as inſtancias dos Vogaes foraõ as mais fortes, reprezentando-lhe a utilidade publica da Congregaçaõ, e o eſcrupulo grave, que devia fazer de naõ aceitar a Dignidade, que lhe offereciaõ, ſacrificou-ſe ao pezo do governo, naõ tanto por condeſcender com a vontade dos Eleitores, quanto por entender, era eſta võtade a de Deos, em as circunſtancias, e razoẽs, q̃ ſe lhe propunhaõ.

Tomou poſſe do governo, e naõ ſendo as forças corporaes muito avultadas para ſuſtentar o pezo deſte lugar, as do eſpirito foraõ mayores, que as primeiras, com que ja outra vez prezidira a eſta Congregaçaõ. Eſtabeleceo mais profundamente a obſervancia, com ſabias, e diſcretas diſpoziçoens. Cuidou no deſempenho dos Moſteiros, que ſe achavaõ notavelmente gravados; e moſtrando-ſe verdadeiro pay no amor, e conſolaçaõ dos ſubditos, alcançou para alguns, que viviaõ em afflicaõ, e pouco contentes, ſer reſtituidos aos Moſteiros, de que eſtavaõ mudados, annuindo a Clemencia Regia ás ſupplicas repetidas, que por obzequio da paz, e boa armonia da Congregaçaõ, lhe formalizou eſte amabiliſſimo Prelado. Attendendo tambem a que os Moſteiros naõ ſe gravaſſem com o numero de Monges, a que naõ poderiaõ aſſiſtir no tempo futuro com tudo o precizo para a ſua ſubſiſtencia, deixou de aceitar Noviços neſte ſeu ſegundo triennio. Reſiſtio a fortiſſimos empenhos, com que pertendiaõ muitos o ſanto habito, julgando, como algum outro de ſeus anteceſſores, que a obſervancia regular ſe pratica com a mayor exaçaõ em qualquer Ordem, quando

quando os ſeus individuos naõ excedem o numero, a que a meſma Religiaõ pode acudir conforme a poſſibilidade das ſuas rendas.

Acabou em fim o ſeu governo com merecido applauzo da ſua admiravel conduta, e dando a eſta Congregaçaõ hum digno ſucceſſor em o Rmo. P. Fr. Joze de S. Domingos, deixou o Moſteiro de Tibaens, eſcolhendo o de S. Joaõ de Pendorada, para viver em ſocego, e em retiro. Entregou-ſe aos coſtumados exercicios de religiaõ, e piedade; e para moſtrar o ſeu reſpeito com o mayor dos Sacramentos, mandou fazer á ſua cuſta huma Cuſtodia primoroſa, em que ſe expozeſſe o Santiſſimo. Viveo naquelle Moſteiro treze annos, com grande edificaçaõ dos domeſticos, e eſtranhos; porem como os ſeus annos eraõ muitos, e ainda mayores as ſuas queixas, ultimamente enfermou de huma taõ grave, que foi poderoſa a tirar-lhe a vida. Perdeo eſta depois de receber os Sacramentos da Igreja, com demonſtraçoens bem evidentes da ſua piedade, aos 26. de Setembro de 1765. tendo de idade oitenta, e ſeis annos, e de Religiaõ ſetenta, e hum. Seu corpo eſtá ſepultado na Igreja do Moſteiro de Pendorada, defronte do altar de Noſſa Senhora do Rozario, que por devoçaõ pedio, e por devido obzequio á ſua memoria ſe lhe concedeo. Neſta humilde ſepultura deſcançaõ os deſpojos de hum Varaõ, aquem animou hum eſpirito muito ſublime; porque ſe no exercicio das virtudes ſervio de exemplar aos ſeus ſubditos, pelo das letras fez bem conhecido a todos o ſeu nome.

Foi naturalmente eloquente, ſendo as ſuas ex-
preſſoẽs

preſſoens nobres, e valentes; os periodos bem formados, e a locuçaõ muito pura, adornando huma voz mageſtoſa, ſonora, e bem preceptivel aquelles excellentes predicados, com que o enriqueceo, naõ tanto a arte, quanto a natureza. A affabilidade, com que tratava a todos; a elegancia, com que ſe explicava, ainda nas converſaçoens familiares; a graça natural, com que animava o que dizia, o fizeraõ eſtimavel dentro, e fora do Clauſtro; merecendo huma particular attençaõ de todos o haver occupado duas vezes, como por violencia, o lugar Supremo de Geral deſta Congregaçaõ, e ter governado com prudencia, juſtiça, amor, e equidade, em tempos que neceſſariamente pediaõ hum Prelado o mais circunſpecto, vigilante, e politico, para o governo domeſtico. Em fim, a ſua memoria vive em a de todos, eſpecialmente em a minha, naõ ſo porque fui o primeiro profeſſo do ſeu primeiro governo aos 10. de Junho de 1737. ſenaõ porque no ſegundo triennio lhe devi a honra de nomear-me Pregador Geral deſta Congregaçaõ aos 4. de Janeiro de 1749. alem de outras honras, que ſuavemente me obrigaõ a eſtampar o meu reconhecimento neſta publica gratidaõ.

ELO-

ELOGIO XLV.

DO R.mo P.P. GERAL Fr. THOMA'S DO SACRAMENTO.

LXI. Geral Benedictino.

O Rmo. P. Fr. Thomás do Sacramento nasceo em a Cidade do Porto em o 1. de Setembro de 1671. tendo por pays ao Licenciado Manoel da Costa Neves, e Maria Barboza de Barros. A 7. do dito mez recebeo o Sacramẽto do baptismo, q̃ lhe administrou o Paroco da Sé da mesma Cidade. Instruido nas obrigaçoens de catolico pelo vigilante cuidado de seus nobres, e virtuozos pays, passou da freguezia de Valga na Comarca da Feira, onde se educou nos primeiros annos, a estudar gramatica na Cidade do Porto. Conseguio em breve tempo o nome de bom latino, e como a sua propensaõ o inclinava a ser Monge da nossa Congregaçaõ, em que ja estava professo seu irmaõ o P. P. Fr. Bartholomeu de S. Jeronimo, convieraõ seus pays em que este filho abraçasse o mesmo Instituto. Foi admittido a elle pelo Rmo. P. Fr. Vicente dos Santos, e vestindo o habito no Mosteiro de Tibaẽs aos 8. de Mayo de 1688. mereceo pela sua modestia, humildade, e promptidaõ, com que executava as obrigaçoens de Noviço, a profissaõ religiosa porque suspirava.

Completos os annos de Corista, ouvio Artes no Mosteiro de Santo Thyrso, na direcçaõ do P.M.Fr. Antonio de S. Miguel, e logo Theologia, com tanto

to credito seu, e da Religiaõ, que esta o attendeo conferindo-lhe o laborioso emprego de Pregador Geral. Satisfez este exercicio nos Mosteiros de S. Bento de Lisboa, e no do Porto, onde jubilou com aceitaçaõ, e applauzo.

Attendido o seu merecimento foi eleito em Procurador Geral da Religiaõ na Cidade do Porto, no anno de 1713. e logo no seguinte Capitulo de 1716. em Secretario do Rmo. P. P. Geral Fr. Pedro dos Martyres. Desempenhou ambos os lugares com tanto credito, e estimaçaõ, que no anno de 1719. foi promovido a D. Abbade do Mosteiro de S. Bento na Corte de Lisboa. Mostrou neste lugar, que era verdadeiro Prelado, e verdadeiro Pay; porque naõ so adiantava a observancia, sendo nos actos de Cõmunidade o primeiro, e o mais continuo a todas as horas, senaõ que cuidava nos subditos com caridade, e amor, sendo especial o seu zelo a respeito dos enfermos, aquem visitava muitas vezes, servindo em algumas de enfermeiro, para emendar o descuido, que podia haver na assistencia delles, e ensinar com o seu exemplo a caridade, e cuidado, com que se deviaõ attender. Ponderando o trabalho incansavel da sua Cõmunidade na frequencia do Coro, e mais obrigaçoens religiosas, nunca deixou de lhe conceder o alivio, e consolaçaõ, que lhe era permitida. Foi pay para com os pobres, aquem acudia liberalmente, com especialidade a pessoas nobres, e honestas, a cujas cazas enviava, por interposta pessoa, esmolas frequentes, e muito avultadas.

Acabado este governo se recolheo ao Mosteiro de Renduffe, para viver em socego; mas naõ o permit-

Xx tio

cio muito tempo o ſeu merecimẽto; porque no anno de 1728. o elegeraõ Abbade da meſma Caza. Procedeu no governo della com aquelle modo, q̃ teve governãdo a de Lisboa, animando aos ſubditos para ſeguirem as virtudes, naõ com eſtrondo das vozes, ſenaõ com o exemplo de ſua vida. Sẽdo Prelado deſta Caza fez o dormitorio novo, q̃ corre pelo terreiro da Igreja, deſafogando com eſta obra, a eſtreiteza, em que eſtava a Cõmunidade, por falta de accomodaçoẽs. Mãdou tambem fazer o grãde Celeiro de que o Moſteiro carecia para recolhimẽto dos frutos.

No fim deſte triennio pedio a Capitulo Geral, o deixaſſem viver como ſubdito no Moſteiro, em que acabava de Prelado. Conſeguida eſta licença, ſe entregou mais livremẽte aos exercicios de piedade; e para deſafogo do eſpirito fabricou por ſuas maõs, em as horas vagas, hũ pequeno Jericó, ou jardim, q̃ eſtá jũto á parede da Capella mór. Em volta da Horta mãdou fazer á ſua cuſta, a mayor parte das Capellas em q̃ ſe venera a Paixaõ de Chriſto em ſete paſſos.

Chegando finalmente o Capitulo Geral de 1740. o elegeraõ os Vogaes em D. Abbade Geral da Congregaçaõ, tendo naõ ſo prezente neſta eleiçaõ o ſeu avultado merecimento, ſenaõ tambem o voto ſupremo do S. P. Clemente XII. que em hum Breve de 11. de Março de 1737. o propoz ao Capitulo Geral antecedente, como digno do emprego, que neſte ſe lhe conferio, reſpeitando a prudencia, caridade, rectidaõ, obſervancia, e mais virtudes, que enobreciaõ o ſeu eſpirito. Enriquecido com eſtes predicados ſatisfez com o mayor, e mais reſpeitavel acerto as obrigaçoens do lugar, a que o elevara a

Provi-

Providencia. Cuidou no desempenho dos Mosteiros, com zelo inexplicavel, acudindo a esta grande obra com as rendas da Congregaçaõ, que administrava. Deu ao Mosteiro do Porto o mayor impulso, para que se concluissem as obras, que de largos annos esperavaõ o beneficio da ultima perfeiçaõ; o que effectivamente se conseguio a empenho da sua liberalidade, e economia. Conservou e augmentou a observancia em toda a Congregaçaõ, fazendo que della se extirpasse tudo o que podia ser, ou parecer fausto de vaidade mundana, e secular, especialmente nos apozentos. Em si mesmo foi o Rmo. P. o mais pobre, que se pode imaginar; porque a pobreza foi o caracter principal, q̃ enobreceo a sua virtude,bem reconhecida de todos pelo exercicio da caridade, amor fraternal,mortificaçaõ,penitẽcia, e outras mais, q̃ praticou em todo o decurso da sua vida.Dezejozo do augmẽto dos Estudos,quiz enviar á Cõgregaçaõ de S.Mauro em Frãça algũs Mõges,dequem esperava se instruissem no methodo de estudos, q̃ segue aquella florẽtissima Cõgregaçaõ, para q̃ depois o estabelecessem nesta. Naõ teve effeito o seu dezejo, porque naõ faltou quem desvanecesse este grãde dezignio.

Acabãdo em fim o seu trienio, e havẽdo-se recolhido ao Mosteiro de Rẽduffe no anno de 1743. ali viveo quatro annos.Oprimido porem das molestias,q̃ padecia, reconheceo em hũ ataque mais forte, q̃ chegava o ultimo de seus dias. Dispoz-se com hũ Varaõ de grãde virtude para aquella hora, e tẽdo recebido os Sacramẽtos com devoçaõ bem edificãte, rendeo nas maõs de Deos o seu espirito,dia do Corpo de Deos, 1. de Junho de 1747. tẽdo 76. annos de idade, e 59. de Mõge. Seu corpo jaz no Cruzeiro do Mosteiro de Renduffe.

ELOGIO XLVI.

DO R.mo P. M. D. Fr. SEBASTIAÕ DE S. PLACIDO.

LXII. Geral Benedictino.

NASCEO este Rmo. P. na Povoa de Lanhozo, da Provincia do Minho, e Arcebispado de Braga, no anno de 1683. recebendo as agoas do baptismo em os 24. de Junho. Foraõ seus pays o Capitaõ Bento da Silva, e Catherina Vieira. Estudou os primeiros rudimentos da gramatica na Cidade de Braga, e passando a viver na Corte de Lisboa, em companhia de seus parentes, continuou o mesmo estudo, em que se acreditou hum dos mais consumados. Mereceo o nosso santo habito por favor do Rmo. P. M. Fr. Jozé de S. Boaventura, segũda vez Geral, e o vestio no Mosteiro de Tibaẽs a 5. de Setembro de 1702. Ouvio Artes no Mosteiro de Pombeiro, debaixo da disciplina do P. M. Fr. Francisco da Trindade: a Theologia no Collegio de Coimbra, mostrando em ambos os Cursos agudeza, e engenho relevãte, por cujo motivo o elegeraõ Mestre. Tomou depois de alguns annos o graó de Doutor em a Universidade; e foi destinado pelo Rmo. P. Fr. Pedro dos Martyres para Lente de Filosofia no Mosteiro de Renduffe, emprego q̃ satisfez com grãde utilidade de seus Discipulos. Naõ so lhes persuadia o estudo da sciencia, senaõ o amor da virtude; porque naõ se empenhava tanto em q̃ fossem sabios, quanto

quãto em q̃ sahissem virtuosos. Animava-os com o seu exemplo, porque os seus exercicios eraõ todos cheyos de religiaõ, e piedade.

Acabado o triennio passou a ensinar Theologia no Collegio de Coimbra; e sendo que esta obrigaçaõ o empenhava em dictar especulativo, elle se interessava singularmente em ensinar a pratica das virtudes, formando continuas praticas de Theologia mystica, aos mesmos aquem ensinava a especulativa. Cõseguio com este utilissimo disvelo copiosos frutos; porque os discipulos de sua doutrina se deraõ sempre a conhecer doutos, e exemplares na observãcia. No anno de 1725. foi eleito em Capitulo Geral, D. Abbade do Collegio de Coimbra; lugar q̃ segũda vez se lhe conferio no anno de 1737. Em ambos os governos deu o Rmo. P. evidentes signaes do seu talento para os mayores empregos. Era zelozo da observancia, adornado de prudẽçia, cheyo de affabilidade para todos. A sua brandura, e suavidade o faziaõ sumamẽte amavel; mas ella mesma deu algũa vez occaziaõ, a q̃ os pouco advertidos, naõ lhe prestassem o respeito, e veneraçaõ, q̃ se devia ao seu merecimẽto, e virtude.

No anno de 1740. foi eleito Visitador mór da Cõgregaçaõ, e querendo neste emprego satisfazer a sua obrigaçaõ com a mayor inteireza, naõ deixou de experimentar contradiçoẽs, que pozeraõ em dezasocego o seu ministerio. No anno de 1743. a 24. de Junho tomou posse do lugar Supremo de Geral desta Congregaçaõ, a que foi promovido por hum motu proprio do S. P. Benedicto XIV. O seu zelo da observancia regular o moveo ao grande empenho de querer reformar algũas couzas, q̃ lhe pareceraõ uteis

para

para mayor bem da diſciplina monaſtica. Conſeguio para eſte fim hum Breve do Eminentiſſimo Cardeal Odi, Nuncio Apoſtolico neſte Reyno; e ſendo eſte paſſado em 16. de Março de 1744. o munio com hũa carta do Secretario de Eſtado Pedro da Motta e Silva, que da parte de Sua Mageſtade o Senhor Rey D. Joaõ V. lhe recomendava deſſe á execuçaõ o dito Breve, acreſcentando a eſte algũas advertencias cõcernẽtes ao bem da Religiaõ. Entrou o Rmo.P. neſte famozo projecto, e ſendo que trabalhou nelle mais de cinco annos naõ conſeguio nenhũ effeito. A obſervancia ſubſtancial, em que eſtaõ as Leys Benedictinas ha quazi duzentos annos, moveo o animo de muitos para naõ admittir outras de novo. Contradiceraõ o eſtabelecimento contrario ás Cõſtituiçoens obſervadas neſtes dous ſeculos; porque a innovaçaõ de muitos pontos naõ ſe compadecia com a regularidade, em que ſe achava eſta Congregaçaõ. Em fim, acabou o Rmo. P. os primeiros tres annos de ſeu governo; e eſtando para celebrar Capitulo Geral no de 1746. lhe chegou hũa ſubſtatoria, que o demorava por quatro mezes. A 4. de Agoſto do meſmo anno houve ſegunda, por outro tanto tempo; e a 26. de Novembro terceira, em que o Nuncio naõ determinava limitaçaõ de tempo. Veyo Prezidencia do Capitulo futuro ao Nuncio, mas naõ teve effeito, nem igualmente o teve a do Eminẽtiſſimo Senhor Cardeal Manoel, aquem ſe cometeu a ſegunda. De todo eſte empenho, com que ſe demorou o Capitulo Geral, reſultou dilatar-ſe o governo do Rmo. dous annos, e meyo, recebendo a 4. de Julho de 1748. ordem para o poder celebrar, conforme as Conſtituiçoens

a

a votos. Entrou-ſe neſta acçaõ Capitular em 15. de Outubro do meſmo anno; e tendo por digniſſimo ſuceſſor do lugar ao Rmo. P. M. Fr. Joaõ Baptiſta, em tudo o mais ſe procedeo com ſocego, e acerto.

Foi o Rmo. P. conhecido em todo o Reyno, e eſtimado pelas ſuas letras, e virtudes. Era cõſultado em negocios de muita importancia por peſſoas de grãde autoridade, formando das ſuas rezoluçoẽs hũ admiravel conceito. Algũs Senhores Dioceſanos o correſpõdiaõ, querendo ouvir o ſeu parecer em materias intereſſãtes ao governo dos ſeus Biſpados. Deveo muita attençaõ ao Eminẽtiſſimo Cardeal da Mota, a ſeu irmaõ o Secretario de Eſtado Pedro da Mota e Silva. Conſervou particular amizade com o Rmo. P. Fr. Gaſpar Moſcozo, Miſſionario de Varatojo, e Reformador da Cõgregaçaõ de Santa Cruz. O Sereniſſimo Senhor Infante D. Antonio moſtrou com pio, e real animo em muitas occaſioẽs q̃ o eſtimava.

Fazia-ſe o Rmo. P. digno de particular veneraçaõ pelas muitas virtudes, que praticava. Era muito dado á oraçaõ, e liçaõ eſpiritual; amigo do recolhimento, e de vida ſempre occupada. Tinha hum natural deſprezo de ſi meſmo; porque nem as eſtimaçoens, que delle faziaõ, nem as dignidades, que occupava lhe enchiaõ de vaidade o coraçaõ. A ſua pobreza foi rara, e bem notoria. A ſua caridade com os pobres muito eſpecial. Naõ ſe poupava de ſervir a todos em o que podia. Todas as ſuas praticas ſe dirigiaõ a inſpirar o amor, e temor de Deos em os proximos, aquem ſervio ſempre de Meſtre, e Director, como excellente Miſtico.

Eſcreveo muitos papeis, e conſultas, que naõ

viraõ

viraõ a luz publica: entre elles se distingue muito a obra, que escreveo sobre os privilegios da Ordem, a qual naõ teve a ultima lima, porque dizia, que dezejava empregar o tempo em negocios de mayor utilidade, e que só a perfeiçoaria se o mandassem os Prelados, porque entaõ conhecia ser essa a vontade de Deos. Escreveo mais, e deu ao prelo huma obra com o titulo = Manifesto Apologetico, em o qual mostra larga, e doutamente ser nulla a sentença, que se deu a favor das Religiosas de Santa Clara, que se oppuzeraõ á reforma dos habitos, que intentou fazer o Rmo. P.M. Fr. Manoel de S. Caetano, Provincial da Religiaõ de S. Francisco.

Foi o Rmo. P. pelo seu merecimento, e letras provido em huma Cõduta da Universidade. Teve a Cadeira de Vespera de Escriptura, chamada de Conceitos, e finalmente chegou a ser Lente de Durando. Achava-se na regencia desta Cadeira quando lhe sobreveyo a ultima molestia, que foi huma tericia; e acompanhada esta de alguns accidentes, mostrou que era de perigo. Dispoz-se o Rmo. P. com os Sacramentos, e correspondendo o ultimo periodo ao resto de sua vida, em fim acabou esta aos 19. de Março de 1749. Seu corpo jaz sepultado no Cruzeiro da Igreja do Collegio de S. Bento de Coimbra, junto ao altar collateral de Nossa Senhora.

ELO-

ELOGIO XLVII.

DO R.mo P.Fr. JOZE' DE S. DOMINGOS, *LXIV. Geral Benedictino.*

A Villa de S.Pedro do Sul no Bispado de Vizeu foi o berço, em que respirou os primeiros alentos Domingos de Paiva Chaves. Recebeu o sagrado baptismo na Igreja Parochial da mesma Villa a 6. de Dezembro de 1690. Deveo ao cuidado de seus pays nobres, e pios hũa extremosa instrucçaõ das obrigaçoẽs christaãs, que elle desempenhou com põtualidade no decurso de sua vida. Aplicado ao estudo da latinidade se habilitou a merecer qualquer estado decoroso ao seu nascimẽto; e antepondo aos que lhe propunhaõ a abundancia da sua caza, e a fortuna de seus pays, o da Religiaõ, entre as mais familias sagradas, escolheo a nossa. Tomou o habito no Mosteiro de Tibaẽs a 27. de Outubro de 1708. por merce do Rmo. P. M. Fr. Pedro da Ascẽçaõ. Professo com satisfaçaõ dos Mõges, esteve nos Mosteiros de Paço de Souza, e Pombeiro, desempenhãdo as obrigaçoẽs de bom Corista nos annos antecedentes aos estudos. Ouvio Artes no Mosteiro de Renduffe sendo seu Lente o P. M. D. Fr. Antonio da Piedade Gajo. Em o Collegio de Coimbra estudou Theologia; e concluindo os annos, que se applicou a esta sciencia, mereceo no fim delles ser approvado em Pregador.

Sendo mudado para o Mosteiro de S. Bento do

 Porto,

Porto, foi Prior do D. Abbade Fr. Cypriano de S. Francifco, occupaçaõ, que fatisfez com grãde zelo da obfervancia regular, e muita confolaçaõ dos Religiofos. No anno de 1731. o elegeraõ D. Abbade do Mofteiro de S. Joaõ de Cabanas; e concluindo efte lugar com boa reputaçaõ, no Capitulo Geral de 1737. foi promovido a D. Abbade do Mofteiro do Couto. Moftrou nefte emprego com a mayor evidẽcia o feu talento, e economia; porque zelãdo o bem efpiritual com todo o difvelo, na confervaçaõ dos temporaes foi hum dos Prelados mais cuidadofos. Mandou reparar hũa das varandas do Clauftro, que ameaçava ruina; renovar os cubiculos dos Monges, e augmentou a Caza da livraria. Adornou o Coro com grades novas, e a Sacriftia com varias peças. Affiftio aos Monges com liberalidade; aos pobres com efmolas copiofas, julgando acertadamente que eftes difpendios naõ gravaõ os Mofteiros, o q̃ elle bem experimentou na abundãcia de rendas, q̃ á proporçaõ da fua caridade fe augmentavaõ.

Acabando efte lugar com muita fatisfaçaõ, foi eleito no Capitulo Geral de 1740. em Diffinidor; e fendo que nefte tempo as dependencias no tribunal do Diffinitorio eraõ muitas, e o motivo dellas de grande circũfpeçaõ, o Rmo. P. fe houve de tal modo, que fem attender mais que aos dictames da cõfciencia, obrou fegundo o merecimento da juftiça, defprezando qualquer embaraço, que podia efcuzar-lhe a adminiftraçaõ della. Defcançou defte emprego; e achãdo-fe no Mofteiro de Pẽdorada quãdo fe celebrou o Capitulo Geral de 1748. nelle foi eleito em D. Abbade da mefma Caza. Nefte lugar fe mof-

trou

trou o Rmo. P. muito ſuperior ás ſuas forças; porque naõ ſo frequentava os actos de Communidade com aſſiſtencia quazi indefectivel, ſenaõ que adiantava a obra da Igreja, dormitorios, e officinas com huma attençaõ inexplicavel.

Concluìo felizmente o ſeu governo, e entrando em Capitulo Geral de 1752. mereceo os votos, que o ſublimaraõ a D. Abbade Geral da noſſa Congregaçaõ. Soube unir neſte lugar, como prudente, a autoridade, e o amor; porque ſendo benevolo, e exemplar, conſeguia que floreceſſe a obſervancia junto com a conſolaçaõ de ſeus ſubditos. Foi o ſeu governo hum dos mais felizes, que vio a Congregaçaõ; porque os Moſteiros ſe augmentáraõ eſpiritualmente em religiaõ, temporalmente em os bens. Mandou acreſcentar a Capella mór do Moſteiro de Tibaens para mayor comodidade dos officios divinos, e para melhor perfeiçaõ delles mandou compôr varios livros com as ſolfas competentes ás ſolemnidades eſpeciaes, para que naõ as havia. Mandou tambem fazer de novo as grades do Coro, Igreja, e Capellas; muitos cortinados de damaſco para a meſma Igreja, e Sacriſtia, e huma grande parte do ornamẽto vermelho, deixando alem diſto em depoſito alguma porçaõ de dinheiro para o retabulo da Capella mór, que depois ſe executou. Tambem mandou abrir deſde a porta, chamada do Pividal huma boa, e eſpaçoſa eſtrada, que ſahe ao terreiro do Moſteiro de Tibaẽs, evitando com eſta obra os muitos, e attendiveis inconvenientes, que havia no uzo da ſerventia antiga.

Finalizando o ſeu governo com muito credito

 da

da ſua peſſoa, e com grande utilidade da Congregaçaõ, ſe recolheo no anno de 1755. a viver retirado no Moſteiro de Travanca; porem obrigado das inſtancias do Rmo. P. Geral Fr. Franciſco de S. Jozé, ficou conventual em Tibaens, depois do Capitulo Geral de 1758. Continuava neſte Moſteiro as meſmas acçoens de religiaõ, e piedade, em que ſempre fora exemplar, ja frequentando o Coro, em cujo exercicio era continuo, ja os mais actos religioſos, de cuja aſſiſtencia naõ ſe eximia, ſem precizaõ urgẽte. Neſtes louvaveis empregos ſe achava o Rmo. P. todo occupado, quando, lhe ſobreveyo ao lado eſquerdo huma pontada, que naõ ſe imaginando ſenaõ flato em o ſeu principio, pouco depois ſe declarou pleuriz maligno. Acudiraõ os profeſſores com os remedios mais fortes para vencer a queixa; porem como a ſua valentia ſe adiantava a mayores paſſos, reconhecendo o Rmo. o ſeu perigo recebeu ſem demora os Sacramentos. Eſperou com grande deſengano a ultima hora, e conforme com a vontade de Deos pelas ſuas diſpoſiçoẽs, entregou nas maons deſte Senhor o eſpirito aos 6. de Dezembro de 1760. ás ſete horas da manhaã em hum ſabado, á hora em que ſe cantava a miſſa de N. Senhora, de que elle era particular devoto. Seu corpo eſtá ſepultado em o Cruzeiro da Igreja do dito Moſteiro de Tibaens, em que faleceo.

ELO-

ELOGIO XLVIII.

DO R.mo P. Fr. MANOEL DE SANTO THOMA'S.

LXV. Geral Benedictino.

NA Cidade de Vizeu, huma das principaes, que enobrecem a mayor Provincia deste Reyno, a Beira, nasceo o Rmo. P. Fr. Manoel de Santo Thomás. Foraõ seus pays Francisco Paes de Carvalho, e Paula de Mello e Figueiredo, pessoas illustres por nascimento, como descendentes da Caza, que chamaõ de Santo Estevaõ, bem conhecida na mesma Provincia pela sua nobreza, e antiguidade. Recebeu as agoas do batismo a 7. de Janeiro de 1695. e sendo educado com hum particular disvelo, por ser o unico filho Varaõ, que produzio o thalamo, bebeo a pureza dos costumes na excellente piedade de seus pays. Estudou a lingua latina, em que se instruhio com sufficiencia; e estãdo na idade de desaseis annos vestio no Mosteiro de Tibaens o habito monachal a 24. de Setembro de 1711. pelas dez horas da manhaã daquelle dia. Cõseguio esta felicidade por merce do Rmo. P. M. Fr. Antaõ de Faria, sendo protector para o ingresso o Senhor D. Thomás de Almeida, entaõ Bispo do Porto, e depois 1. Patriarca de Lisboa, e Cardeal da Santa Igreja de Roma.

Mereceo ser admittido á profissaõ com gosto universal dos Monges, que admiravaõ nelle huma vocaçaõ

caçaõ perfeita pelo exercicio de muitas virtudes, e continuando assim os annos precedentes ao estudo das sciencias mayores, alcançou entrar nelles quando lhe era permittido. Ouvio Filosofia no Mosteiro de Basto na disciplina do P. M. D. Fr. Antonio da Piedade Gajo, Curso de Artes, que depois completou o P. M. D. Fr. Manoel dos Serafins. No Mosteiro de Pombeiro estudou Theologia; e sendo que naõ seguio a especulativa, se aplicou á moral com tanto cuidado, que lhe servio muito a adiantar a pureza de seus bons costumes, e a reforma dos alheyos.

Concluidos os estudos, exercitou o emprego de Vigario por mais de quinze annos nos Mosteiros de Pombeiro, Couto, e Paço de Souza, desempenhando as obrigaçoens deste lugar com tanta aceitaçaõ, que ainda se faz saudosa entre aquelles povos a sua memoria. Era sumamente cuidadozo no governo de suas Ovelhas, e naõ descarregando o pezo da obrigaçaõ nos Coadjutores, por si mesmo ministrava os Sacramentos, assistia aos moribundos, dava sepultura aos mortos, satisfazendo com promptidaõ, e zelo todas as mais funçoens do seu ministerio. Reprehendia os abuzos, e emendava os erros com prudencia, e moderaçaõ; porque antes das advertencias publicas, estranhava em correçaõ particular os defeitos aos culpados. Era taõ aplicado ao laborioso, e caritativo exercicio do Confessionario, que frequentando-o incansavelmente, delle o tiravaõ algumas vezes, como por violencia, entorpecidos os membros, por cauza dos rigorosos frios, que na Provincia do Minho se experimen-

taõ

taõ na estaçaõ do inverno. Deste emprego se entende, que resultava a Deos muita gloria, e á pessoa do Rmo. P. notavel credito; porque naõ so em seus Paroquianos se admirava a tranquilidade, e pureza de costumes, em que viviaõ, senaõ que alguns Directores affirmavaõ ser as pessoas, que elle dirigia as mais bem reguladas na observancia da ley divina.

De Prior do Mosteiro de Paço de Souza foi promovido a D. Abbade do Mosteiro de S. Bento da Cidade do Porto no anno de 1740. entendendo o Rmo. P. P. Geral Fr. Thomás do Sacramento, que elle era o mais digno de encher o lugar, de que se escuzou o P. P. Geral Fr. Verissimo da Ascençaõ, que na humilde renitencia, que fez deste emprego, lembrou, com encarecido elogio do seu merecimento, ao Rmo. P. Fr. Manoel de Santo Thomás. Collocado neste lugar se fez admiravel aos domesticos, e estranhos: a estes obrigava com a civilidade, áquelles com o amor. Floreceo a observancia regular na quella Caza com tanta singularidade, que estando nella alguns Varoens exemplares do Seminario de Varatojo, naõ só a veneravaõ no particular, senaõ que desde os pulpitos da Cidade a anunciavaõ a todos; querendo que aos seculares servisse de estimulo a observancia, em que os Monges Benedictinos se esmeravaõ. Deste modo, sem faltar a Deos, agradava aos homens; porque a sua prudencia, e religiaõ sabía unir a politica civil com a piedade christaã.

Acabado o seu governo com muito aplauzo, ficou sem emprego no Capitulo seguinte, enobre-

cendo

cendo a ſua inteireza com os eſmaltes de deſinte-reſſada, por naõ manchar a ſua humildade com as ſombras de avarenta. Deſpido de todo o affecto de mandar, teve por mais eſtimavel exercicio o de obedecer. Sendo porem eleito em D. Abbade Geral o Rmo. P. Fr. Jozé de S. Domingos no anno de 1752. attendeo que em beneficio da Congregaçaõ o devia elevar a algum emprego; e com effeito o elegeu em D. Abbade do Moſteiro de S. Miguel de Boſtello. Houve-ſe neſte exercicio o Rmo. P. como no de D. Abbade do Porto, e tendo mayor occaziaõ de moſtrar a ſua piedade, deu bem evidentes provas della, nos actos, que exercitou. Sendo grande a falta de paõ, que experimentou na quelle tempo a Provincia do Minho, naõ foi pequena a fome, que oprimio o territorio de Arrifana de Souza, em que ſe achava o ſeu Moſteiro. A todos acudia a ſua caridade com huma notavel compaixaõ; e ſendo que a deſpeza, que ſe fazia nas eſmolas era grandiſſima, elle antepôz ao intereſſe particular do Moſteiro, a cauza publica do povo. Continuou no beneficio taõ caritativo com os pobres, que Deos attendeu muito á ſua piedade. Creſceraõ as rendas do Moſteiro; e naõ contrahio empenho, ſendo liberal com os Monges, generoſo com os hoſpedes, e eſmoler com os pobres, aquem ſempre favoreceo com profuzaõ, e prodigalidade.

Entrando no Capitulo Geral de 1755. cheyo de reſpeito pelas ſuas acçoens, e de merecimento pelas ſuas virtudes, tanto ſe agradaraõ os Vogaes da ſua conduta, que o elegeraõ em D. Abbade

Geral

Geral deſta Congregaçaõ. Tomou poſſe do lugar com goſto tranſcendente de todos os ſubditos, e formando eſtes das Prelazias, que teve antecedentemente hum fundamento bem certo das felicidades, que ſe lhe prometiaõ de futuro, todas eſtas eſperanças cortou a morte, faltando a vida ao Rmo. Prelado. Sahio eſte do Moſteiro de Tibaens em direitura á Corte, e chegando a ella felizmente, cuidou logo em beijar a maõ á Mageſtade Fideliſſima do Rey D. Jozé I. noſſo Senhor. Seguio-ſe a eſta acçaõ de obediencia ao Soberano, a de autoridade de Geral na Congregaçaõ. Deu principio á viſita daquelle Moſteiro, e conjecturando todos nas ſuas primeiras diſpoſiçoens hum governo plauzivel, e venturoſo, em breves dias mudaraõ de ſemblante eſtas bem fundadas eſperanças. Enfermou de humas ſezoens o Rmo. P. e paſſando eſtas a malignar-ſe, nem a induſtria dos profeſſores da medicina, mais famigerados na Corte, nem a applicaçaõ dos remedios, mais terminantes contra aquella queixa, poderaõ contraſtar a ſua rebeldia. Augmentou as forças a largos paſſos, e dando-ſe a conhecer por mortal, penetrou aos Monges de hum vivo ſentimento. Diſpoz-ſe o Rmo. com os Sacramentos, que recebeo com piedade, e reſignaçaõ conſtante na vontade do Senhor; e naõ podendo as forças reziſtir já á vehemencia da moleſtia, que o oprimia, em fim rendeo o eſpirito ás 8. horas da tarde do dia 20. de Outubro de 1755. tendo de idade ſeſſenta annos, e dez mezes, menos alguns dias, e de religiaõ quarenta, e cinco annos, e vinte,

e ſeis dias. Seu corpo foi ſepultado, no dia ſeguinte ao de ſeu falecimento, na Capella mór do Moſteiro de Lisboa, em que faleceo, celebrando em Pontifical as ſuas exequias o P. M. D. Fr. Antonio de Queiroz, D. Abbade do meſmo Moſteiro naquelle tempo.

Sentiraõ a ſua morte os ſeculares que conheciaõ quantas eraõ as excellencias de urbanidade, attençaõ, e agrado, com que ſe adornava o ſeu eſpirito; e muito mais os ſubditos, que neſte Prelado admiravaõ a inteireza, rectidaõ, prudencia, e mais virtudes, com que ſe fazia de todos reſpeitavel. Sendo na prezença ſevero, a converſaçaõ o dava a conhecer affavel. Foi conſtante nas ſuas reſoluçoens, que a prudencia acreditava bem reguladas. Fiel nas ſuas promeſſas; firme na amizade, e para com os inimigos indulgente. Seguia a verdade, em fallar ſem embaraço o que entendia. Abominava a lizonja, como vicio o mais proprio a corromper o coraçaõ do homem. Era ſincero no trato; religioſo nas acçoens, modeſto em palavras, reformado nos coſtumes. Antepunha ſempre aos motivos do intereſſe as obrigaçoens da honra, naõ ſe deixando já mais preoccupar do ſiſtema da conveniencia, em que muitos formaõ os degraós da ſua fortuna. Em fim, deixou de viver doze dias antes que ſobrevieſſe a Portugal o horrendo terremoto do 1. de Novembro de 1755. que combatendo a Corte com o eſtrago de tantas vidas, e edificios, foi eſpantozo a todo o Reyno, e ſenſivel na mayor parte da Europa.

ELO-

ELOGIO XLIX.

DO R.mo P.M.D.Fr.PAULO DE S.JOZE', *LXVI. Geral Benedictino.*

EM Villa Real, huma das mais nobres, e mais agradaveis povoaçoẽs da Provincia de Traz os montes, nasceo a 10. de Agosto de 1688. este Rmo. Prelado. Teve por pays a Frãcisco Soares de Mẽdoça, e D. Maria de Mendoça, pessoas, q̃ pela nobreza do sangue, que herdárao de seus illustres ascẽdentes forao bem conhecidas, nao só em aquella Villa, de que ambos erao naturaes, senao em a mesma Provincia, e nas visinhas, onde contrahirao parentesco com as familias mais distintas.

Educado com os solidos fundamẽtos da piedade, estudou a lingua latina com grande applicaçao, servindo de grata recompẽsa aos disvelos de seus pays, e de seus mestres o gosto, com que aprendia a pureza dos bõs costumes, junto com o estudo da sciencia. Contava desasete annos quando se aborreceu do mundo; e sendo q̃ este o lisongeava, por ser o primogenito de seus irmaõs, e o herdeiro dos morgados de sua caza, elle renunciou estas riquezas, que erao sobejas para cõservar o decóro do seu nascimento, so por se recolher na Clausura Benedictina. Conseguio sem embaraço o premio da sua vocaçao, porque reconhecida esta pelo Rmo. P. M. F. Pedro da Ascençao lhe lançou o habito no Mosteiro de Tibaãs aos 20. de Setembro de 1705.

Cõcluido o Noviciado com aceitaçaõ de ſeu meſtre, e dos Monges, que o julgaraõ muito digno da profiſſaõ, foi em tempo cõpetẽte admittido aos eſtudos. Ouvio Artes no Moſteiro de Renduffe na diſciplina do Rmo. P. M. D. Fr. Manoel dos Serafins; Theologia no Collegio de S. Bento de Coimbra, merecẽdo da ſua applicaçaõ, e progreſos no eſtudo deſtas ſciencias, q̃ o elegeſſem por Meſtre no fim deſtes Collegios. Foi exercitar eſte emprego, juntamente com o de Prior no Collegio de N. Senhora da Eſtrela; e aſſiſtindo na aula com as obrigaçoens de Lẽte, naõ faltava á de Prior pela frequencia do Coro. Cõtinuou neſta Caza o exercicio literario ate jubilar; e merecendo eſte premio como fruto dos ſeus trabalhos, tomou o graó de Doutor com goſto, e applauzo univerſal.

Cuidando o Rmo. P. que á fadiga de ſeus eſtudos, ſe havia de ſeguir o deſcanço, e retiro, que elle amava por inclinaçaõ, e genio recolhido, naõ permittio a Religiaõ, que gozaſſe eſte bem, ſenaõ que o empregou em lugares de mayor confidencia, como quem altamente reconhecia a ſua capacidade, e talẽto para o deſempenho de todos. Elegeo-o D. Abbade do Collegio da Eſtrella em Lisboa no anno de 1728. Logo Procurador Geral na meſma Corte, no anno de 1731. e ſegunda vez D. Abbade da Eſtrella no anno de 1734. No de 1737. paſſou a Procurador Geral na Curia de Braga, e neſte emprego continuou onze annos, e meyo, ate o Capitulo Geral de 16. de Outubro de 1748.

Em todas eſtas occupaçoens moſtrou bem o acerto da ſua conduta; porque ſe em Prelado promovia a obſer-

obſervancia, em Procurador Geral cuidava nas dependencias da Congregaçaõ com hum trabalho infatigavel. Exercendo na Corte eſte emprego conſeguio da Santidade de Clemente XII. o Breve, porque concedeu aos Rmos. DD. Abbades Geraes deſta Ordem o uzo de habito Prelaticio, dando-ſe á execuçaõ eſta graça com beneplacito do Senhor Rey D. Joaõ V. e ſendo o primeiro q̃ o veſtio o Rmo. P. M. D. Fr. Manoel dos Serafins. Tẽdo na Curia o meſmo emprego de Procurador Geral ſe opôz á Paſtoral do Sereniſſimo Arcebiſpo D. Jozé, datáda em 20. de Mayo de 1742. naquella parte, em q̃ offẽdia a izẽçaõ dos Religioſos, em ordem ao egreſſo dos ſeus Moſteiros, e aſſiſtẽcia em caza de peſſoas ſeculares. E naõ obſtante a autoridade daquelle Senhor ſer taõ grande, e o ſeu poder o mayor, elle ſe houve neſta dependencia taõ activo, e taõ prudente, que a execuçaõ da Paſtoral neſtes pontos naõ teve effeito, ainda que a Mitra Primaz ſe empenhou na ſua obſervancia com toda a efficacia. Em os mais negocios de ponderaçaõ ſe houve ſempre com igual cuidado, e actividade, merecendo no dilatado tempo, em que occupou eſtes empregos hum reſpeito, e veneraçaõ, que perpetuáraõ a ſua memoria.

Chegando o Capitulo Geral de 1748. em que acabava de D. Abbade Geral da Congregaçaõ o Rmo. P. M. D. Fr. Sebaſtiaõ de S. Placido, entráraõ os Vogaes no cuidado de eleger hum Prelado mayor, que deſpido de todo o affecto particular, ſomente cuidaſſe na boa armonia, e intereſſe publico da Congregaçaõ. Buſcavaõ hum, em quem a mizericordia foſſe bem igual com a juſtiça, para que

nem eſta exerceſſe ſem compaixaõ o ſeu imperio ; nem aquella ſatisfizeſſe os ſeus actos ſem uzar da correçaõ, ou do caſtigo. Em fim, buſcavaõ hum ſugeito, o meſmo para todos, talhado ſegundo as circunſtancias criticas, em que ſe achava hum Capitulo Geral, que por varios incidentes ſe demorou o eſpaço de cinco annos, e meyo, vindo a celebrar-ſe em 16. de Outubro do anno ſobredito. Eſtãdo neſte cuidado todos os Vogaes, ſe offereceraõ aos olhos dous objectos taõ dignos deſte emprego, para que buſcavaõ hũ Varaõ completo, como de outros mais avultados. Eraõ ambos doutos ; ambos prudẽtes ; e qualquer delles proprio a executar os mayores acertos, em tempo, que mais ſe precizava das ſuas reſoluçoẽs ſabias, e da ſua admiravel prudencia. E ſendo que no Rmo. P. dequem fallamos ſe empregáraõ muitos votos para o lugar ſupremo, prevaleceraõ os mais que elegeraõ neſta Dignidade ao Rmo. P. M. D. Fr. Joaõ Baptiſta, ſendo a experiencia do ſeu governo em outro triennio, quem fez decidir a ſeu favor neſta perplexidade a queſtaõ, que a reſpeito de ambos eſtava problematica.

Concluida eſta acçaõ Capitular com o mayor ſocego, ſe recolheu ao Moſteiro do Porto ſem nenhum emprego ; mas dezejando viver em mayor retiro, fora dos tumultos de huma Cidade taõ populoſa, qual he a do Porto, e izento dos cortejos, que recebia pelo ſeu caracter, e merecimento, paſſou ao Moſteiro de S. Miguel de Boſtello, querendo viver com Deos, e comſigo, ſem o incomodo de mayores cuidados. Neſte deſcanço ſe achava o Rmo. P. empregado ſomente em cuidar de ſi como Mon-

ge

ge particular; porem como a Religiaõ o attendia pelo mais util ao ſeu governo, celebrando-ſe Capitulo Geral no anno de 1752. foi eleito em D. Abbade do Moſteiro do Porto. Recebeu eſta noticia com deſagrado, porque o ſeu dezejo era viver em retiro. Inſtou com humildade para que o deſobrigaſſem do emprego, mas naõ foi ouvido. Nem ainda a juſta allegaçaõ das moleſtias, que o oprimiaõ, lhe ſervio de empenho para o eximir do pezo do lugar, que lhe offereciaõ. Cedeu em fim ás inſinuaçoens, dequem o podia mandar, e entaõ o rogava como amigo; fazendo-lhe ſuave eſte incomodo as repetidas inſtancias, com que os Monges daquella Caza lhe rogaraõ quizeſſe aceitar a ſua obediencia. Tomou poſſe do lugar, e muito antes do coraçaõ dos ſubditos, que o eſtimavaõ como Prelado, e o amavaõ como Pay. Elle os inſtruhia com o exemplo, conhecendo bem, que eſte tem mais eloquencia, que as palavras para mover os inferiores á perfeiçaõ. Renovou com eſtreitos laços, a boa armonia, que aquelle Moſteiro teve de antigos tempos com os Miniſtros Togados da Relaçaõ da meſma Cidade. Com os Monges era liberal ſem diſperdicio; e ſendo o ſeu Moſteiro, hum dos menos dotados naõ experimentou as faltas, que ordinariamente encontraõ os que na economia entendem, que falta ás ſuas Cazas o que diſcretamente ſe diſpende na conſervaçaõ da familia.

Acabando eſte lugar com aceitaçaõ, e applauzo foi a Capitulo Geral no anno de 1755. ſahio nelle eleito em Viſitador mór da Congregaçaõ; e ſendo que as ſuas inſtancias foraõ as mais fortes para que

o

o eximissem de hum emprego, taõ cheyo de honra, como de trabalho, foraõ mais poderosas as do Rmo. actual para que se sacrificasse a esta laboriosa occupaçaõ. Enfermou o mesmo Rmo. actual em Lisboa, e perdendo a vida a 20. de Outubro de 1755. ficou o Rmo. P. por Constituiçaõ Benedictina, Prezidente da Congregaçaõ, e de Capitulo. Convocou a elle os Vogaes, e respeitando estes o merecimento do Prezidente, em quem a Congregaçaõ havia empregado tanto os olhos em outra occaziaõ, o elevâraõ ao lugar supremo de D. Abbade Geral a 27. de Novembro de 1755. Suavizaraõ todos nesta eleiçaõ a magoa, que os oprimia na falta do Rmo. P. Fr. Manoel de Santo Thomás; só o Rmo. Prelado se affligia na consideraçaõ da pouca saude, que lhe assistia para desempenho das obrigaçoens, que eraõ indispensaveis ao lugar.

Naõ durou o contentamento universal dos Monges muito tempo; porque apenas haviaõ respirado de hum golpe, quando sentiraõ outro. Perderaõ todos, em menos de hum anno, dous Prelados mayores, dignos de huma vida, e duraçaõ a mais dilatada. Padecia o Rmo. ha mais de tres annos hũa molesta, e perigosa enfermidade. Dobrou esta as suas forças cada vez mais, e padecendo em quazi todos os mezes huma supressaõ, no mez de Abril de 1756. lhe sobreveyo huma a mais terrivel. Conhecendo que o perigo era mortal, se dispoz para o ultimo instante com o mayor cuidado. Recebeu os Sacramẽtos com resignaçaõ cõstãte na vontade do Senhor; e na conformidade com que esperou a morte deu bem a conhecer, que havia sempre cuidado em

morrer

morrer bem. Naõ deſcançou em a cama, ſenaõ os minutos precizos para receber o Sacramento da Extrema Unçaõ, antes oprimido da queixa, eſperou de pé o ultimo inſtante, como teſtemunhando que eſtava prompto, e diſpoſto a fazer jornada para a eternidade. Faleceu a 26. de Abril de 1756 no Moſteiro de Tibaẽs, tendo de idade 67. annos 9. mezes, e alguns dias; de Religiaõ 50. annos 7. mezes, e 5. dias, e de Geral deſta Congregaçaõ cinco mezes. Seu corpo eſtá ſepultado no Cruzeiro da Igreja do Moſteiro de Tibaẽs, á parte da Epiſtola, eſperando naquelle lugar as ſuas cinzas a voz, que as ha de animar para ſahir do tumulo a receber o premio, de que a noſſa piedade o conſidera já poſſuidor pelas qualidades, com que ſe enobreceo o ſeu eſpirito, em quanto lhe durou eſta vida.

ELOGIO L.

DO R.mo P.Fr. ANTONIO DE S.CLARA, *LXVII. Geral Benedictino.*

NA Villa de S. Pedro do Sul do Bispado de Vizeu, e Provincia da Beira, nasceo em o mez de Julho de 1699. o Rmo. P. Fr. Antonio de Santa Clara. Baptizou-se a 22. do dito mez; e devendo ao amor, e cuidado de seus pays Joaõ Cardozo Ferreira, Sargento mór do Concelho de Lafoens, e D. Marianna de Chaves hum especial disvelo na sua educaçaõ, correspondeo a esta deligencia felizmente o respeito, e obediencia deste filho. Estudou com applicaçaõ os primeiros rudimẽtos da latinidade, e conseguindo della huma perfeita intelligencia, se habilitou a merecer o estado de religioso, a que o inclinavaõ a piedade, e affecto de seus Pays. O especial amor, com que estes amavaõ a nossa Congregaçaõ, havendo tido nella varios parentes muito proximos, como eraõ o P. Fr. Manoel Cardozo, irmaõ de seu pay, e o Rmo. P. Fr. Jozé de S. Domingos, Geral da mesma Congregaçaõ, e irmaõ de sua mãy, obrigou suavemente ao Rmo. P. Fr. Antonio de S.Clara, a que buscasse ser filho do mesmo Instituto Benedictino. Conseguio esta graça por merce do Rmo. P.P.G. Fr. Pedto dos Martyres, que attendendo ao merecimento, e qualidades do Pertendente lhe mandou vestir a Cogulla monachal em o Mosteiro de S. Bento da Cidade do Porto,

sendo

ſendo D. Abbade daquella Caza o P. M. Fr. André de Chriſto.

Entou a noviciar aos 21. de Dezembro de 1717. e merecendo a approvaçaõ de todos para ſer profeſſo, em os mais annos que exercitou as obrigaçoẽs de Coriſta, ſe fez digno da eſtimaçaõ, com que o attenderaõ ſempre os ſeus Prelados. Em tempo competente foi mandado aos eſtudos, ouvindo Artes no Moſteiro de Baſto ao P.M. Doutor Fr. Manoel da Aſcençaõ, e a Theologia no Collegio de S. Bento da Univerſidade de Coimbra. Acabados os eſtudos com aceitaçaõ de ſeus Meſtres, ſe dedicou todo a ſervir a Deos no exercicio do Coro, e vivendo no Moſteiro do Porto muitos annos, ali mereceo juſtamente a eſtimaçaõ com que o veneravaõ, tanto os Monges, como os eſtranhos. A ſua obſervancia o fazia recomendavel a huns; a ſua urbanidade a outros; e a todos a candura de ſeu genio affavel, e cortezaõ. Sendo de animo generoſo intereſſava o ſeu reſpeito em beneficio de muitas peſſoas, que imploravaõ o ſeu amparo. Naõ deixava de moſtrar eſte aos que ſe valiaõ do ſeu preſtimo, buſcando os Miniſtros, e as peſſoas, que ſem detrimento da juſtiça, e da rectidaõ, attendiaõ a ſua autoridade para condeſcender ao que pedia.

Reconhecido pela Congregaçaõ o ſeu merecimento, e o zelo, com que deſempenhou ſempre outros empregos, em que o haviaõ occupado, o ellegeo em D. Abbade do Moſteiro de Pendorada no Capitulo Geral de 1743. Tomou poſſe do lugar, e juntamente dos coraçoens dos ſubditos; porque os excellentes predicados, de que liberalmente o

dotou a natureza, lhes fazia vaticinar, que achariaõ nelle os affectos de Pay, ainda mais que a foberania de Prelado. Dezempenhou efte conceito a fua conduta, em tudo acertada, e religiofa. Naõ fe efquecendo da obfervancia, q̃ era indifpenfavel, teve fempre prezẽte a fuavidade, e brandura, q̃ lhe era natural. Com efta obrigava a todos a cuidar pontualmente nas fuas obrigaçoens, tendo a gloria de fe ver amado, fem que para fer obedecido uzaffe daquelles termos, que faõ precizos a outros, para fer refpeitados, e temidos.

Concluido o tempo do feu governo, em que deixou faudozos a todos, os que tiveraõ o gofto de o ter por Prelado, ficou em focego, e retiro o triennio feguinte: porem logo no Capitulo Geral de 1755. fe vio occupado no lugar de D. Abbade do Mofteiro de Travanca. Satisfazia o Rmo. P. com agrado dos fubditos, e com acerto ao lugar; porem como eftava deftinado para outro mayor, em que havia fer confolaçaõ, e alivio da pena, que opprimia a Congregaçaõ na falta, que fentio dentro de hum anno de dous Rmos. actuaes, o Rmo. P. Fr. Manoel de S. Thomás, e o Rmo. P.M. Fr. Paulo de S. Jozé, fubio no mez de Mayo de 1756. a encher a Dignidade de D. Abbade Geral da Congregaçaõ. Ouvio-fe em toda ella com fummo gofto efta noticia, e dando-fe parabens feftivos do acerto da eleiçaõ, efta fe confirmou a mais jufta pelas fabias difpoziçoens do feu governo. Cuidou em o dos Mofteiros, para que a obfervancia floreceffe, e no temporal fe augmentaffem, fendo efpecial o feu difvelo no Mofteiro de Tibaens, de que era Prelado imediato.

diato. Mandou adornar a Caza de Capitulo Geral com varios quadros, em que se dão a conhecer pelos seus retratos os dous Rmos. Reformadores desta Congregação, e os Geraes, que ate aquelle anno de 1756. lhe socederão. No salão da Portaria mandou pôr outros dos Senhores Reys Bemfeitores do Mosteiro; e tambem os de alguns Santos mais recomendaveis de nossa Ordem. No Coro mandou fazer as grades, em que se admira não tanto a preciosidade da materia, que he boa, quanto o primor do artifice, que he excellente. Na Igreja mandou collocar duas grandes, e primorosas Imagens de N.P. S. Bento, e Santa Escolastica, sua irmaã. Obras são tambem suas o novo Jericó da portaria; e a formosa escada, q̃ desce para o Refeitorio, sem que me lembre de huma grande quinta, que mandou formar perto do Mosteiro, não perdoando a despezas para augmento do seu ornato, e mayor perfeição. Porem fique rezervada para outra penna, mais apurada, que a minha, o descrever as acçoens deste Rmo. P. que ainda vive para fazer mais celebre o seu nome na memoria de todos.

ELO-

ELOGIO LI.

DO R.mo P.Fr. FRANCISCO DE S. JOZE' LXVIII. *Geral Benedictino.*

SEM incorrer no abominavel vicio da adulaçaõ, naõ escrupulizo affirmar, que neste Elogio se me offerece á vista hum dos mayores Prelados, que illustraraõ esta Congregaçaõ. Nasceo em a Villa de Aveyro, aquem a Augusta Magestade do Rey D. Jozé I. nosso Senhor enobreceo com o titulo de Cidade, o Rmo. P. Fr. Francisco de S. Jozé no mez de Janeiro de 1701. e recebẽdo o Sacramento do baptismo a 3. de Fevereiro, deveo ao cuidado, e vigilancia de seus nobres pays, Manoel de Souza Ribeiro, e D. Maria de Oliveira da Fonseca, a boa educaçaõ, que costumaõ dar a seus filhos, aquelles que de seus antepassados herdaraõ com a nobreza do sangue a pureza dos bons costumes. Instruido nos preceitos da gramatica, aspirou a servir a Deos, seguindo a vida monastica; e differindo a seus piedosos dezejos o Rmo. P. P. Geral Fr. Pedro dos Martyres, recebeo o habito de nossa Ordem em o Mosteiro de S. Bento da Cidade do Porto aos 21. de Dezembro de 1717. sendo D. Abbade daquella Caza o P. M. Fr. Andre de Christo.

Professo com gosto, e aceitaçaõ dos Monges, que observaraõ no anno da sua approvaçaõ hum espirito obediente, e humilde, hum procedimento louvavel, e conforme ás obrigaçoẽs de Religioso, passou

a

a ouvir Artes no Mosteiro de Basto na disciplina do P. M. D. Fr. Manoel da Ascençaõ. Acabado este Curso entrou no de Theologia, e em ambos se applicou tanto, que no fim delles conheceo a Religiaõ, que o Rmo. P. era hum dos filhos mais habeis para instruir nos Confessionarios, e ensinar nos pulpitos os dogmas de religiaõ, e a pratica das virtudes.

Assistio em alguns Mosteiros, empregado nos ministerios, que o encarregou a Congregaçaõ; e dando satisfaçaõ a todos com muita inteireza, mereceo, que no anno de 1742. o elegessem Prior Capitular do Mosteiro de S. Joaõ da Fóz. No anno de 1754. foi eleito em Difinidor; e logo no Capitulo Geral de 1755. em D. Abbade do Mosteiro de Basto; de cujo emprego o elevaraõ no anno de 1758. á Dignidade de D. Abbade Geral da Congregaçaõ.

Em todos estes lugares mostrou o Rmo. P. hum zelo singular da observancia, e hum cuidado muito distinto em utilidade dos Mosteiros. No de Basto deu principio á magestoza Igreja, vencendo as grãdes difficuldades, que se encontraraõ em firmar os alicerses, por ser precizo lançar estes junto a hum ribeiro; em que senaõ achava terra firme. Correo esta obra debaixo da protecçaõ do Rmo. P. ate o seu ultimo complemento, e sendo o templo o da mayor magnificencia na Provincia do Minho, elle mesmo o benzeo no mez de Novembro de 1766. Porem naõ he esta a empreza ainda que grande, porque obra de muito custo, a em que se admirou a grandeza de seu animo, e magnanimidade de seu espirito. Resplandeceo esta, quando sendo Geral se empregou todo em restaurar as perdas, que o memo-

memoravel terremoto do 1. de Novembro de 1755. havia cauzado nos Mosteiros de Santarem, Estrella, e S. Bento da Saude. Para o reparo delles determinou, que os Mosteiros da Cōgregaçaō concorressem com hum grande subsidio, que suposto naō podia ser bastante para total remedio do estrago, que experimentaraō, servio de grande auxilio para com elle se acudir ao mais precizo, em taō urgente necessidade. No Mosteiro de Santarem deu principio á nova Igreja, e Convento, que ao prezente se vay continuando com applicaçaō de novo subsidio. No da Estrella mandou fazer com grande dispendio da Congregaçaō, o dormitorio, que corre da Igreja para o Nascente. No de S. Bento da Saude se levantaraō as abobodas, que haviaō cahido, linharaō-se com muitas cintas de ferro os dormitorios ao Norte, e Nascente, e o do Meyo dia se levantou desde o pavimento, reparando-se as cazas da Sacristia, e Livraria, e mais officinas, em que foraō as ruinas muito consideraveis.

A tudo acudio o Rmo. P. com larga providencia; e na consideraçaō de que o Mosteiro de S. Bento de Lisboa tem posses muito limitadas para conservaçaō dos Monges, que saō precizos para a frequencia do Coro, ministerio do altar, e exercicio dos Confessionarios, e pulpitos, mandou edificar, por conta da Congregaçaō, em huma horta do Mosteiro, huma formosa propriedade de Cazas, que comprehende oito moradas, querendo que o rendimento dellas (satisfeito o grande empenho, que se contrahio para a sua fabrica) sirva de augmento ás rendas do Mosteiro, para comodamente assistir

ao

ao mayor numero de Monges, de que preciza a mesma Caza para satisfazer aos exercicios sobreditos de Coro, Altar, Confessionarios &c.

Sendo estas bem reguladas providencias as que daõ ao Rmo. P. o nome de Bemfeitor singular dos referidos Mosteiros, naõ deveo menos cuidado ao seu zelo o de Tibaens, de que era D. Abbade, como Geral da Congregaçaõ. Mandou dourar primorosamente o grande retabulo, e Tribuna da Capella mór, os dous altares collateraes, os pulpitos, e as seis sanefas das janellas da Capella mór. Fez continuar toda a obra de talha da Igreja, e Sacristia. Mãdou tambem fazer huma Custodia de prata, hum bago de prata dourado; hum ornamento pontifical completo de damasco de ouro; duas mitras preciosas, e huma dellas com pedras entrefinas, e hum anel, em que se engasta hum ametisto roxo, de bastante grandeza, e mayor valor. Foi tambem obra sua o novo Coro, que se fez na Capella mór para serviço da Communidade.

No Mosteiro do Porto naõ so mandou solhar as varandas, e pôr grades de pedra em todas as janelas, que cahem sobre o formoso Claustro, senaõ que concluîo a obra, que ha muitos annos suspiravaõ todos, rebaxando, e fazendo de novo a Caza do Refeitorio, que hoje he o melhor que tem a Congregaçaõ; ficando com esta admiravel obra, em que se achou sempre a mayor difficuldade, vencida a que havia em se cõmunicar o dormitorio da rua das Taipas com o da rua da Victoria, o que effectivamente se executou, admirando-se neste dormitorio pelo generoso animo deste Rmo. P. huma

Bbb for-

formofura igual á que fe confidera no decima.

Porem naõ faõ eftes os unicos lances, em que fe admirou grande o feu efpirito. Outro, em que fe intereffou o credito, e alegria defta Congregaçaõ, moveo ao Rmo. P. a defafogar o feu coraçaõ com mayor exceffo. Havendo o Rey noffo Senhor D. Jozé I. nomeado para Bifpo do Graõ Pará ao Excmo. D. Fr. Joaõ de S. Jozé, natural de Matozinhos, e affiftente no Mofteiro de S. Bento de Lisboa, em 10. de Outubro de 1759. ordenou o Rmo. P. que as defpezas da fagraçaõ correffem todas por conta da Religiaõ. Fez-fe efte acto na Cidade do Porto aos 4. de Mayo de 1760. e fendo fagrante o Excmo. Bifpo de Mauricaftro, aquem acompanharaõ como affiftentes o mefmo Rmo. P. Geral Fr. Francifco de S. Jozé, e o P. M. D. Fr. Rodrigo de S. Jozé, D. Abbade do Mofteiro do Porto, confeguio o Rmo. P. que naquelle Mofteiro fe executaffe hum dos actos mais plauziveis, que tem vifto aquella Cidade. Convocou os DD. Abbades de fete Mofteiros da Congregaçaõ, que condecorados com as infignias Abbaciaes, faziaõ mais folemne o mefmo acto. Mandou affiftir a elle os Monges de melhores vozes, que fe achavaõ difperfos nos Mofteiros, e querendo moftrar que o dia era o mayor para o feu gofto, na pompa, e grandeza, com que attendeo a tudo, moftrou com evidencia, que o feu coraçaõ era o mais dilatado, pois na Igreja, e Refeitorio, fe vio bem explicada a fua generofidade.

Mas deixando, como menos principal efte ponto, he certo que nos de obfervancia, foi o Rmo. P. o mais vigilante, e cuidadozo, naõ fo a refpeito defta Congre-

Congregaçaõ, ſenaõ tambem da Provincia Benedictina do Brazil. Satisfez todas as obrigaçoens de Prelado; mas ſem ſe eſquecer das de Pay. Querendo que as Conſtituiçoens monaſticas ſe obſervaſſem em toda a ſua inteireza, naõ faltava com a conſolaçaõ aos ſubditos, diſpendendo os favores, e beneficios, que naõ ſe oppunhaõ ás Leys da Religiaõ. Naõ omittindo o caſtigo, que mereciaõ os delinquẽtes; tambem naõ faltava com o premio aos benemeritos; porque a ſua prudencia lhe dictava, que a equidade para ſer perfeita, deve ſempre attender aos merecimentos. Em fim, as ſuas acçoens o fizeraõ competidor da veneraçaõ, que ainda hoje dedicamos aos Prelados de mayor nome, que tanta honra, e credito mereceraõ a eſta Congregaçaõ; mas porque naõ he juſto, que as humildes expreſſoens, com que figuro o ſeu caracter, offendaõ o reſpeito dequem ainda vive, como ſuſpiraõ os votos, dos que reconhecem a grandeza do ſeu merecimento, fique reſervado ao raſgo mais nobre de outra penna deſcrever o que eu naõ ſei explicar em o prezente Elogio.

ELOGIO LII.

DO R.mo P. M. D. Fr. FERNANDO DE JESUS MARIA JOZE', LXIX. *Geral Benedictino.*

NA Villa da Feira do Bispado do Porto, nasceo a 22. de Dezembro de 1711. o Rmo. P. de que vou a fallar neste Elogio. Recebeo a graça do baptismo a 31. do mesmo mez, e anno na freguesia de S. Fins daquella Villa, em que eraõ moradores seus pays Francisco Correa de Sá, Capitaõ mor de Villa Pereira Suzan, e Couto de Cortegaça, e D. Marcella da Costa. Sendo estes os progenitores, a que deveo o ser, segundo a natureza, ao seu cuidado deveo tambem desde a primeira idade as instrucçoẽs christaãs, com que os pays virtuosos, e honrados costumaõ alimentar em os annos mais tenros a innocente indole de seus filhos. Occupado no estudo da escola soube brevemente escrever com primoroso, e elegante rasgo, comprehendendo as regras de arithmetica com tanta sciencia, que se acreditou nella hum dos mais perfeitos, e seguros contadores. Estudou gramatica com igual felicidade, e sabendo conservar com a pureza de costumes o exercicio da aula, naõ aspirava a sua inclinaçaõ mais, que a conseguir o estado religiozo. Attendeo ao seu merecimento o Rmo. P. M. Fr. Jozé de Santa Maria, sendo Geral segunda vez desta Congregaçaõ, e querendo enriquecer a esta

esta de sugeitos, que davaõ esperanças da gloria, com que haviaõ de illustrala em o tempo futuro, mandou a este Pertendente vestir o santo habito no Mosteiro de Tibaẽs aos 13. de Fevereiro de 1729.

Deu o Rmo. P. taõ evidentes provas da sua vocaçaõ em o noviciado, que com aceitaçaõ dos Mõges daquella Caza foi admittido á profissaõ. Continuou em louvaveis exercicios os annos, que precederaõ aos estudos mayores; e sendo admittido a elles no anno de 1734. ouvio Artes no Mosteiro de Basto debaixo da disciplina do P. M. Fr. Bento de S. Jozé. Alcançando huma grande intelligencia da Filosofia, passou a estudar Theologia no Collegio de S. Bẽto de Coimbra, merecẽdo no fim deste Curso pela sua capacidade, e talento, que o elegessem Mestre. Continuou na Universidade os actos, e recebeo nella as insignias de Doutor com credito pessoal, e da Religiaõ, que attendendo ao seu merecimento lhe confiou no anno de 1745. a Cadeira de Filosofia, que leo com grande utilidade de seus discipulos em o Mosteiro de Palme. Passou depois a Lente de Theologia no Collegio de N. Senhora da Estrella da Corte de Lisboa, e vagando por este tempo a Abbadia do mesmo Collegio por morte do P. M. Doutor Fr. Jozé de S. Bento, mereceo o Rmo. P. ser promovido a esta Dignidade, na Junta de 4. de Agosto de 1749. Governou o Collegio com augmento da observancia, e dos estudos; e havendo satisfeito com aceitaçaõ as obrigaçoens de Pay, e de Prelado, foi eleito no Capitulo Geral de 1752. em Secretario da Congregaçaõ. Desempenhou este emprego com o mayor acerto, e conhecendo

o

o Rmo. P. Fr. Manoel de Santo Thomás, quanto ſeria grata á ſua peſſoa, e util á Congregaçaõ a aſſiſtencia do Rmo. P. no ſeu governo, o elegeu por Companheiro ſeu no Capitulo Geral de 1755. Satisfez eſte lugar com o meſmo acerto, que moſtrou em todos; e confirmando os Vogaes eſte conceito, no Capitulo ſeguinte de 1758, o elegeraõ em D. Abbade do Moſteiro de Santo Andre de Renduffe.

Foi taõ regular a obſervancia, com que adminiſtrou eſta Caza; tanta a efficacia, com que promoveo nella o eſtudo da Filoſofia em hum numeroroſo Collegio, e taõ recomendavel a brandura, e ſuavidade, com que preſidía aos ſubditos, que chegando o Capitulo Geral de 1761, naõ obſtante a diſcrepancia dos votos, foi elevado ao ſublime emprego de D. Abbade Geral deſta Congregaçaõ. Experimentou ella nas diſpoziçoens bem reguladas do Rmo. Prelado huma ſuceſſiva felicidade; porque o amor, e a paz ſe vio florecer em o ſeu governo. Naõ perdendo de viſta as obrigaçoens de Prelado, em que ſe fazia reſponſavel a Deos, teve ſempre diante dos olhos o amor dos ſubditos, para os eſtimar como filhos. Em nenhuma couza, que julgava conforme á obſervancia lhes faltou com a conſolaçaõ, e com o alivio; em nada, que ſe oppunha a ella deixou de acudir com remedios efficazes, e opportunos. Cuidou igualmente no augmento temporal da Congregaçaõ, e dos Moſteiros, tendo por huma das mayores emprezas o deſempenho de alguns, a que os Prelados mais circunſpectos attenderaõ ſempre. Mandou fazer no Moſteiro de Tibaens hum palio muito rico de tella de ouro, agaloado, e franjado

com

com proporcionado custo, e elevado todo em oito varas. Foi liberal com os Monges, e caritativo com os pobres. Cheyo de affabilidade, e de agrado para com os domesticos, e estranhos. Em fim, adornado de excellentes qualidades que o fazem digno de comparar-se com os Prelados mais respeitaveis, que teve esta Congregação, servindo de exemplar, e modelo aos que lhe socederem nos empregos, e Dignidade. Mas para que naõ pareça, que a minha penna declina em lizonja de hum Prelado, que ainda vive, retirado no Mosteiro de Rendufe ás estimaçoẽs, e applauzos, nestes modestos termos, e concizas expressoens termino o seu Elogio, esperando que na posteridade se escrevaõ com a decencia, que recomenda a singularidade do objecto, as virtudes, e acçoens heroicas, em que se exercita, e o enobrecem.

ELO-

ELOGIO LIII.

DO R.mo P.P. GERAL Fr. JOAÕ BAPTISTA DA GAMA.

LXX. Geral Benedictino.

NASCEO este Rmo. P, na Villa de Canas de Senhorim do Bispado de Vizeu, e aos 30. de Mayo de 1717. recebeo a graça do baptismo. A nobreza de seus pays Antonio de Abreu da Gama, Fidalgo da Caza de S. Mageстade, e Capitaõ mór da Villa de Canas de Senhorim, e D. Eugenia Maria de Figueiredo, lhe inspirou desde o berço os sentimentos mais puros da Religiaõ christaã; e sendo estes os documentos, em que o dezejavaõ bem instruido, naõ foi menos o cuidado, que applicaraõ, para que se adiantasse nos estudos. Comprehendeo em poucos annos a lingua latina com perfeiçaõ; e achando-se em idade competente para abraçar a vida religiosa, conseguiraõ do Rmo. P. M. Fr. Manoel dos Serafins, que o admitisse nesta Congregaçaõ. Vestio o santo habito no Mosteiro de Tibaens a 11. de Dezembro de 1731. e havendo mostrado vocaçaõ, e dezejo de servir a Deos, e a Religiaõ no estado, que abraçára, foi admittido á profissaõ com agrado, e satisfaçaõ de todos os Mõges. Passou a ouvir Artes no Collegio de Rendusse na direçaõ do P. M. D. Fr. Bento de S. Jozé; e sendo promovido ao estudo de Theologia no Collegio de Coimbra, de sorte se applicou a esta sciencia, que no

no fim do Curſo fez Oppoſiçaõ ao magiſterio.

Occupado alguns annos nos exercicios do Pulpito, e Confeſſionario, mereceo, em attencaõ á ſua capacidade, e talento, ſer nomeado Pregador Geral; mas porque a utilidade da Religiaõ pedia, que ſem concluir eſte trabalhozo emprego, tiveſſe outros, em que a ſerviſſe, ſem deixar o exercicio do pulpito, em que ſe occupava, foi eleito em D. Abbade do Moſteiro de Pendorada, no Capitulo Geral de 1755. Deſempenhou com tanta aceitaçaõ eſte lugar, que no ſeguinte Capitulo de 1758. o elegeraõ por Secretario do Rmo. P. Fr. Franciſco de S. Jozé; e porque neſte exercicio ſatisfez com agrado da Congregaçaõ as obrigaçoẽs, que ſaõ adjuntas áquelle lugar, no Capitulo Geral de 1761. o elegeraõ em D. Abbade do Moſteiro de S. Thyrſo.

Cuidou o Rmo. P. como vigilante paſtor nas ſuas ovelhas, e inſpirando neſtas com o ſeu exemplo o fervor da obſervancia, que frequentemente perſuadia com as vozes, logrou aquella Caza a felicidade de ver imitada a perfeiçaõ dos noſſos Mayores, que a habitaraõ no tempo da primitiva, pelos Monges, aquem preſidia eſte admiravel Prelado. Cuidou da meſma ſorte em o bem temporal do dito Moſteiro: e ſendo do Culto Divino muito zelozo, mandou fazer hum ornamento de muito cuſto para celebrar com mayor aſſeyo, e perfeiçaõ os Pontificaes. Procedeo finalmente com tanto acerto no governo eſpiritual, e economico daquella Caza, que no Capitulo Geral de 1764. mereceo o elegeſſem em D. Abbade Geral da Congregaçaõ.

Neſta Dignidade ſuprema tem moſtrado o Rmo.

P. hum zelo ſingular da obſervancia; porque nas doutrinas paſtoraes, que tem dirigido, e nas Viſitas, que tem feito da Congregaçaõ, nenhuma couza reſpira mais, que o dezejo efficaz, do comprimento das Leys, e a pureza de coſtumes, para que a vida monaſtica ſe conſerve em toda a ſua perfeiçaõ. As mais ſingularidades, com que ſe enobrece o ſeu eſpirito, ſaõ todas manifeſtas aos que vivem debaixo da ſua conduta, que temendo naõ poder explicalas, como devo, julgo como acerto paſſalas em ſilencio, até que outras vozes, mais eloquentes, que as minhas façaõ notorias ao mundo as glorioſas acçoens deſte Rmo. P. cuja modeſtia naõ pertende offender, neſte breve Elogio, o meu reſpeito.

MOSTEIRO DE S. MARTINHO de Tibaens.

DESTE Mosteiro, que he a Cabeça da Congregaçaõ Benedictina de Portugal trata a Bened. Lusit. tom. 1. trat. 2. part. 2. pag. 375. A sua fundaçaõ se deve a El-Rey Theodomiro, e a S. Martinho Dumiense, no anno de 562. A sua reedificaçaõ, e augmento a D. Payo Gotterres da Silva pelos annos de 1080. Os Dons Abbades desta Caza, que saõ os Geraes da Congregaçaõ, constaõ do seguinte Cathalogo, conforme a Chronologia do tempo:

O Rmo. P. Fr. Placido de Villalobos governou este Mosteiro por ordem do Cardeal D. Henrique do anno de 1565. atè 22. de Julho de 1569. dia, em que o mesmo Cardeal declarou, conforme as Bullas de S. Pio V. por Abbade, Reformador, e Geral da Congregaçaõ, por espaço de dez annos, ao Rmo. P. Fr. Pedro de Chaves; mas antes de acabar este tempo foi eleito.

1 O Rmo. P. Fr. Pedro de Chaves: Castelhano por mais tres annos, no Cap. Geral de 1578
2 O Rmo. P. Fr. Placido de Villalobos: Lisboa. 1581
3 O mesmo Rmo. P. Fr. Placido de Villalobos. 1584
4 O Rmo. P. Fr. Balthazar de Braga. 1587
5 O Rmo. P. Fr. Gonçalo de Moraes: Traz os montes. 1590
6 O Rmo. P. Fr. Antonio da Silva: Pombeiro. 1593
7 O Rmo. P. Fr. Balthazar de Braga seg. vez. 1596
8 O Rmo. P. Fr. Placido Ferreira: Lisboa. 1599

9 O Rmo. P.Fr.Pedro de Basto: Valdebouro. 1602
10 O Rmo.P.Fr.Balthasar de Braga; terc.vez. 1605
11 O Rmo. P.Fr. Anselmo da Conceiçaõ: Canavezes. 1608
12 O Rmo.P.Fr.Thomás do Soccorro: Braga. 1611
13 O Rmo. P.Fr. Antonio dos Reys: Azurar. 1614
14 O Rmo. P. Fr. Mauro de Santiago: Villa do Conde. 1617
15 O Rmo.P.Fr. Mancio da Cruz: † Braga. 1620
16 O Rmo. P.Fr. Martinho da Apresentaçaõ: Guimaraens. 1621
17 O Rmo.P.Fr.Antonio dos Reys: seg.vez. 1623
18 O Rmo.P.M.D.Fr.Gregorio das Chagas † Lisboa. 1626
19 O Rmo.P.M.D.Fr.Leaõ de Santo Thomás: Coimbra. 1627
20 O Rmo.P.Fr.Thomás do Soccorro: seg.vez. 1629
21 O Rmo.P.Fr.Antonio dos Reys; terc.vez. 1632
22 O Rmo. P. M.Fr. Manoel de Santa Cruz: Villa do Conde. 1635
23 O Rmo.P.M.Fr.Leaõ de S.Thomás: seg.vez. 1638
24 O Rmo. P.M.Fr.Pedro de Souza: Pombal. 1641
25 O Rmo. P. M. Fr. Antonio Carneiro: Villa do Conde. 1644
26 O Rmo. P. M. D.Fr. Miguel de S. Boaventura: Villa do Conde. 1647
27 O Rmo. P.Fr. Francisco dos Reys: Braga. 1650
28 O Rmo. P. M.D. Fr. Antonio de S. Bento: Vianna. 1653
29 O Rmo.P.M.Fr.Miguel de S.Boavẽtura: † segunda vez. 1656
30 O Rmo.P.Fr.Vicente Rangel: Porto. 1657

31

31 O mesmo Rmo. Padre, reeleito. 1659
32 O Rmo. P. M. D. Fr. Luiz de Moura † Tarouquella. 1662
33 O Rmo. P. M. Fr. Gregorio de Magalhaens: Travanca. 1662
34 O Rmo. P. P. G. Fr. Bẽto da Gloria: Arrifana. 1665
35 O Rmo. P. Fr. Damazo da Silva: Guimaraẽs. 1668
36 O Rmo. P. Fr. Bento da Gloria † segũda vez. 1671
37 O Rmo. P. M. D. Fr. Jeronimo de Santiago Melres. 1672
38 O Rmo. P. M. D. Fr. Cypriano de Mendoça: Pônte do Lima. 1674
39 O Rmo. P. M. Fr. Jeronimo de Santiago: segunda vez. 1677
40 O Rmo. P. P. Geral Fr. Joaõ Ozorio, S. Payo de Oliveira. 1680
41 O Rmo. P. M. Fr. Jeronimo de Santiago † terceira vez. 1683
42 O Rmo. P. Fr. Vicente dos Santos: Arrifana. 1685
43 O mesmo Rmo. P. reeleito. 1686
44 O Rmo. P. M. D. Fr. Bento de S. Thomás: Arrifana. 1689
45 O Rmo. P. M. D. Fr. Bẽto da Ascẽçaõ: Arrifana 1692
46 O Rmo. P. M. D. Fr. Jozé de S. Boaventura: Braga. 1695
47 O Rmo. P. Fr. Silvestre da Trindade: Braga. 1698
48 O Rmo. P. M. F. Jozé de S. Boavẽtura: seg. vez. 1701
49 O Rmo. P. M. D. Fr. Pedro da Ascẽçaõ: Braga. 1704
50 O mesmo Rmo. P. M. D. Fr. Pedro por Breve Apostolico, segunda vez. 1707
51 O Rmo. P. M. D. Fr. Antaõ de Faria: Evora. 1710
52 O Rmo. P. M. D. Fr. Gregorio do Espirito

53

Santo : Travanca. 1713
53 O Rmo.P.P.Geral Fr.Pedro dos Martyres : Guimaraens. 1716
54 O Rmo. P.M. D. Fr.Jozé de Santa Maria : Arrifana. 1719
55 O Rmo.P.Fr.Antonio de S.Lourēço:Cahyde.1722
56 O Rmo.P.Fr.Paulo da Aſſumpçaõ:Arrifana.1725
57 O Rmo.P.M.Fr.Jozé de Sāta Maria:ſeg.vez.1728
58 O Rmo. P.M. D.Fr. Manoel dos Serafins : Arrifana. 1731
59 O Rmo. P. M. D. Fr. Manoel da Graça : Ponte do Lima. 1734
60 O Rmo.P.M.D.Fr.Joaõ Baptiſta:Rio covo. 1737
61 O Rmo.P.P.G.Fr.Thomás do Sacramento: Porto. 1740
62 O Rmo. P. M. D. Fr. Sebaſtiaõ de S. Placido : Povoa. 1743
63 O Rmo.P.M.Fr.Joaõ Baptiſta: ſegunda vez.1748
64 O Rmo. P. Fr. Jozé de S. Domingos : S. Pedro do Sul. 1752
65 O Rmo.P.Fr.Manoel de S.Thomás †.Vizeu.1755
66 O Rmo. P. M. D. Fr. Paulo de S. Jozé † Villa Real. 1755
67 O Rmo. P. Fr. Antonio de Santa Clara : S. Pedro do Sul. 1756
68 O Rmo.P.Fr.Franciſco de S.Jozé: Aveyro. 1758
69 O Rmo.P.M.D. Fr. Fernando de Jezus Maria Jozé : Villa da Feira. 1761
70 O Rmo.P.P.Geral Fr. Joaõ Baptiſta: Canas de Senhorim. 1764
71 O Rmo. P.M.D.Fr.Manoel Caetano do Loreto : Eſtarreja. 1767

AP-

APPENDIX

NAõ me ſendo poſſivel dar huma Noticia exacta dos Abbades de cada hum dos Moſteiros deſta Congregaçaõ, da meſma ſorte, que o tenho feito dos ſeus Rmos. Geraes; por obzequio da curioſidade, ajuntarei a eſtes Elogios hum Cathalogo dos q̃ tem havido em cada Moſteiro deſde o tempo da Reforma até o prezente.

Explicaçaõ de algumas notas, de que uzo neſte Cathalogo:

N.A. ſignifica, que o Monge eleito para alguma Abbadia, naõ aceitou.

Ren. ſignifica, que renunciou o tal emprego; tendo nelle actual exercicio.

Rem. ſignifica que foi promovido da tal Abbadía, para outra mayor.

† ſignifica, que faleceu ſendo Prelado.

MOSTEIRO DE LISBOA.

DESTE Moſteiro trata a Benedictina Luſitana no 2. tom. pag. 419. Os ſeus Abbades triennaes ſaõ os ſeguintes:

1 N. P. Fr. Placido de Villalobos: Lisboa. 1575
2 N.P.Fr. Placido: ſegunda vez. 1578
3 N.P.Fr. Pedro de Baſto. Valdebouro. 1581
4 N.P.Fr.Baltazar de Braga. Braga. 1584
5 N.P.Fr. Placido de Villalobos. 1587

6

6 N.P. Fr. Pedro de Baſto , ſegunda vez. 1589
7 O P. Fr. Mauro Ribeiro. Lisboa. 1590
8 N. P. Fr. Placido Ferreira. Lisboa. 1593
9 N.P.Fr.Gonçalo de Moraes.Traz os mōtes.1596
10 O P. Fr. Bazilio da Aſcençaõ. Lisboa. 1599
11 O P.Fr. Mauro da Trindade. Sāto Thyrſo. 1602
12 N. P. Fr. Placido Ferreira. ſegunda vez. 1605
13 O P. Fr. Leandro de Santiago. Villa nova do Porto. 1608
14 N.P.Fr.Martinho da Aprezētaçaõ. Guimar. 1611
15 N.P.Fr.Anſelmo da Conceiçaõ. Canavezes. 1614

No anno de 1615. a 8. de Novembro ſe mudou o Convento do Moſteiro velho, que hoje he Collegio da Eſtrella, para o novo, que he o de S. Bento da Saude.

16 N.P.Fr.Martinho da Aprezentaçaõ,ſeg.vez. 1617
17 O P.Fr.Clemente das Chagas: Guimaraẽs. 1620
18 N.P.Fr.Mauro de Santiago: Villa do Conde. 1623
19 O P.M. Fr. Mauro das Chagas. Souzella. † 1626
20 O P.Fr. Paulo do Eſpirito Santo. Lisboa. 1628
21 O P.Fr.Cypriano de S.Andre: Pōte do Lima. 1629
22 O P. M. Fr. Bento da Cruz. Braga 1632
23 O P. M. Fr. Mancio da Aſſumpçaõ. Villa do Conde. 1635
24 O P. Fr. Maximo Pereira. Baſto. 1638
25 O P. Fr. Bento da Eſperança. Porto. 1641
26 N.P.Fr.Cypriano de Mēdoça. Pōte do Lima. 1644
27 O P.Fr.Bento da Eſperança, ſegunda vez. 1647
28 N. P. Fr. Pedro de Souza. Pombal. 1650
29 N.P.M.Fr. Luiz de Moura. Tarouquella. 1653
30 N.P.Fr.Franciſco dos Reys. Braga. 1656
31 O P. M. Fr. Joaõ de Portugal. Lisboa. 1659

32 O P.P.G.Fr. Antonio Sanhudo. Caſtelloẽs.† 1662
33 O P.M. Fr. Antonio Telles. Lisboa. 1664
34 O meſmo P. M. Telles. 1665
35 O N.P.M.Fr. Jeronimo de Santiago, Melres. 1668
36 O P. M. Fr. Antonio Telles, terceira vez. 1671
37 O P.M. Fr. Balthazar Pinto. Craſto daire. 1674
38 O P.P.G.Fr. Rafael de Jezus. Guimaraens. 1677
39 O P. M.Fr. Gaſpar das Neves. Braga. 1680
40 O P.M.Fr. Balthazar Pinto, ſegunda vez. 1683
41 O N.P.M.Fr. Bento da Aſcençaõ. Arrifana de Souza. 1686
42 O P.P.Fr. Roque da Natividade. Guimaraẽs. 1689
43 O P.M.Fr. Jeronimo de Santiago, Arrifana de Souza. 1692
44 O P.M.Fr. Jozé da Conceiçaõ. Lisboa. 1695
45 O P.P.G.Fr. Antonio da Conceiçaõ. Lisboa. 1698
46 N.P.M.Fr. Pedro da Aſcençaõ. Braga. 1701
47 O P. P. Fr. Gonçalo da Madre de Deos. Ponte do Lima. 1704
48 O P. M.Fr. Gaſpar Barreto. Porto. 1707
49 O P. P. Fr. Mathias de Lacerda N. A. Villa real. 1710
50 O P.M.Fr. Placido de Souza. Lisboa. 1710
51 O P.M.Fr. Ignacio de Jezus. Mathozinhos. 1713
52 O P. P. Fr. Bartholomeu de S. Jeronimo. Porto. 1716
53 N. P.Fr. Thomás do Sacramento. Porto. 1719
54 O P.P.Fr. Leaõ de Santa Eſcolaſtica. Melres. 1722
55 O P.M.Fr. Jozé de S. Jeronimo. Lisboa. 1725
56 N.P.M.Fr. Manoel dos Serafins. Fõtearcada. 1728
57 O P.P. Fr. Joaõ de S. Paulo. Guimaraens. 1731
58 O P. P. Geral Fr. Jozé do Deſterro. Braga. 1734

59 O P. M. Fr. Luiz da Conceição. Porto 1737
60 O P.M.Fr. Manoel da Afcenção. Arrifana de Souza. Renunciou. 1740
61 O P. M. Fr. Jeronimo de Santa Gertrudes. Caftelloens. Na junta de Junho de 1740
62 O P.P.Fr. Antonio da Conceição. Lisboa. 1743
63 O P. M. Fr. Jeronimo de Santa Gertrudes, fegunda vez. 1748
64 O P.P.G.Fr. Marceliano da Afcẽção.Braga. 1752
65 O P. M.Fr.Antonio de Queiroz. Amarante. 1755
66 O P.P.Fr.Francifco de Sãta Cecilia.Porto. 1758
67 O P.M.Fr.Francifco de S.Bento.Leiria.N.A. 1761
68 O P.P.Fr. Francifco de Jezus Maria. Braga Na Junta de Junho de 1761
69 O. P.P. Fr. Manoel da Conceição. Valga. 1764
70 O P. P. Fr. Jozé de S. Jeronimo. Porto. 1767

COLLEGIO DE S. BENTO de Coimbra.

DESTE Collegio trata a Benedictina Lufitana tom. 1.pag. 498. e tom. 2.pag. 434. Deu-lhe principio no anno de 1551. o Rmo. P. Fr. Diogo de Murça da Ordem de S. Jeronimo, e Reytor da Univerfidade, o qual fendo Adminiftrador do Mofteiro Benedictino de Bafto, por morte do Infante D. Duarte, filho del-Rey D. Joaõ III. alcançou huma Bulla de Paulo III. pela qual edificou em Coimbra, com as rendas do Mofteiro de Bafto, o feu Collegio de S. Jeronimo, e o de S. Bento, cujos Prelados trienaes faõ os feguintes:

N.

N. P. Fr. Pedro de Basto, Valdebouro, como Prior, no Cap. G. de Tibaens de 1570
N. P. Fr. Balthazar de Braga, Braga, como Prior no Capitulo Geral de 1575
1 Abbade N. P. Fr. Pedro de Basto. 1578
2 O P. Fr. Cosme de Mendanha, Lisboa. 1581
3 O P. Fr. Mauro de Santiago, Villa do Cõde. 1584
4 O P. Fr. Luiz do Espirito Santo, Lisboa 1586
5 O P. Fr. Luiz de Jezu. Lisboa. 1587
6 O P. Fr. Mauro da Trindade, S. Thyrso. 1590
7 O P. Fr. Joaõ Pinto. Traz os montes. 1593
8 N. P. M. Fr. Gregorio das Chagas, Lisboa. 1596
9 N. P. Fr. Anselmo da Conceiçaõ, Canavezes. 1599
10 O P. Fr. Miguel dos Anjos, Basto. 1602
11 O P. Fr. Simaõ da Assumpçaõ, Guimaraens. 1605
12 N. P. Fr. Gregorio das Chagas, segũda vez. 1608
13 O P. Fr. Bazilio da Ascençaõ, Lisboa. 1611
14 N. P. Fr. Mancio da Cruz, Braga. 1614
15 O P. Fr. Cypriano de S. Andre, Põte do Lima. 1617
16 N. P. M. Fr. Leaõ de S. Thomás, Coimbra. 1620
17 O P. M. Fr. Bento da Cruz, Braga. 1623
18 O P. M. Fr. Theodoro da Cruz, Canavezes. 1626
19 O P. Fr. Sisto da Purificaçaõ, Villa nova do Porto. 1629
20 N. P. M. Fr. Leaõ de S. Thomás, segunda vez. 1632
21 O P. M. Fr. Paulo da Natividade, Guimaraẽs. 1635
22 N. P. M. Fr. Miguel de S. Boaventura, Villa do Conde. 1638
23 O P. M. Fr. Paulo da Natividade, seg. vez. 1641
24 N. P. M. Fr. Antonio de S. Bento, Vianna. 1644
25 O P. M. Fr. Manoel da Ascençaõ, Arrifana. 1647
26 N. P. M. Fr. Cypriano de Mendoça,

Ponte do Lima, 1650
27 N.P.M.Fr.Gregorio de Magalhaẽs,Travãca.1653
28 O P.Fr. Jozé dos Reys, Villa do Conde. 1656
29 O P.P. Geral Fr. Jacinto Pacheco, Porto. 1659
30 O P.M Fr.Thomás da Costa, Lisboa. 1662
31 O P.M. Fr. Antonio da Luz, Guimaraens. 1665
32 O P. M. Fr. Joaõ Turriano, Coimbra. 1668
33 N.P.M.Fr. Bento de S. Thomás, Arrifana. 1671
34 O P. M. Fr. Gaspar das Neves, Braga. 1674
35 O P. M. Fr. Jozé de Andrade, Lisboa. 1677
36 N.P.M. Fr. Bento da Ascençaõ, Arrifana. 1680
37 O P. M. Fr. Jeronimo Sanhudo, Porto. 1683
38 O P.M. Fr. Miguel de S.Bento. Arrifana. 1686
39 N.P. M. Fr. Joze de S. Boaventura, Braga. 1689
40 O P.M.Fr.Miguel de S. Bento, segũda vez. 1692
41 N. P. M. Fr. Gregorio do Espirito Santo, Travanca. 1695
42 O P. M. Fr. Andre de Christo, Feira. 1698
43 O P.P.Fr. Frãcisco de Magalhaẽs,Coimbra. 1701
44 O P.M.Fr. Andre de Christo, segunda vez. 1704
45 O P. M. Fr. Lopo de Attayde, Lisboa 1707
46 O P. M. Fr. Ignacio de Attayde, Lisboa. 1710
47 N.P.M.Fr.Manoel da Graça, Ponte do Lima. 1713
48 O P. M. Fr. Gaspar Barreto, Porto. 1716
49 N.P.M.Fr.Manoel da Graça, segunda vez. 1719
50 O P. M. Fr. Antonio de S. Bento, Braga. 1722
51 N.P.M.Fr. Sebastiaõ de S.Placido, Povoa. 1725
52 O P. M. Fr. Francisco da Trindade, Braga. 1728
53 O P.M.Fr. Manoel da Ascençaõ, Arrifana. 1731
54 O P.M.Fr.Manoel de S.Antonio, Lisboa. 1734
55 N.P.M.Fr.Sebastiaõ de S. Placido, seg. vez. 1737
56 O P. M. Fr. Antonio da Piedade, Braga. 1740

57 O P.M.Fr. Manoel de S.Jozé, Caſtelloens. 1743
58 O P.M.Fr.Jozé de S.M. da Vitoria,Vianna. 1748
59 O P. M. Fr. Bento de S. Jozé , Arrifana. 1752
60 O P.M. Fr. Jeronimo de Santa Gertrudes, Caſtelloens. 1755
61 O P.M. Fr. Raymundo de S.Paulo , Foz. 1758
62 O P. M. Fr. Paulo de S. Mauro , Juſte. 1761
63 O P.M.Fr. Jozé de Jezus Maria , Sidielos. 1764
64 O P.M.Fr. Antonio de S. Jozé, Cumieria. 1767

MOSTEIRO DE S. BENTO da Victoria no Porto.

DESTE Moſteiro trata a Bened. Luſit. tom. 2. pag. 433. Lançou-ſe a primeira pedra a eſte notavel edificio no anno de 1608. Os ſeus Abbades triennaes ſaõ os ſeguintes.

1 N. P. Fr. Pedro de Baſto , Valdebouro. 1599
2 N.P.M. Fr. Gregorio das Chagas, Lisboa. 1602
3 N.P. Fr. Antonio dos Reys, Azurar. 1605
4 O P. Fr. Miguel dos Anjos , Baſto. 1608
5 N.P. Fr. Antonio dos Reys , ſegunda vez. 1611
6 O P. Fr. Antonio Ribeiro, Canavezes. 1614
7 O P. Fr. Luiz de Jezus , Lisboa. 1617
8 O P. Fr. Mauro das Chagas , Souzella. 1620
9 N. P. Fr. Thomás do Soccorro, Braga. 1623
10 N. P. Fr. Martinho Golias , Guimaraens. 1626
11 O P.Fr.Paulo de S.Miguel,Villa do Conde. 1629
12 N.P.Fr.Antonio Carneiro, Villa do Conde. 1632
13 O P. Fr. Diogo de Carvalho , † Lisboa. 1635
14 O P. Fr. Angelo de Azevedo , Porto. 1636

15 O P. M. Fr. Luiz Pereira, Lisboã. 1638
16 N.P.Fr. Francifco dos Reys, Braga. 1641
17 O mefmo Rmo. P. reeleito. 1644
18 O P. Fr. Paulo do Rozario, Porto. 1647
19 N.P.M. Fr. Antonio de S.Bento, Vianna. 1650
20 O P. M. Fr. Joaõ de Portugal, Lisboa. 1653
21 O P.P.G.Fr. Antonio Sanhudo, Caftelloẽs. 1656
22 N.P. Fr. Damazo da Silva, Guimaraens. 1659
23 O P. M. Fr. Jorge de Carvalho, Lisboa. 1662
24 O P. P. G. Fr. Jacinto Pacheco, Porto. 1665
25 O P. M. Fr. Thomás da Cofta, † Lisboa. 1668
26 O P. P. Fr. Mauro das Chagas, S. Joaõ de Covas. 1671
27 O P. P. Fr. Luiz Baptifta, Porto. 1674
28 O P.M.Fr.Pedro do Efpirito Santo,Lisboa. 1677
29 O P.P.G.Fr. Antonio Corte Real, Lisboa. 1680
30 O P. Fr. Antonio da Trindade, † Villa do Conde. 1683
31 O P.P.G. Fr.Agoftinho da Madre de Deos, Melres. 1685
32 O P. M. Fr. Gafpar dos Reys, Barcellos. 1686
33 O P. M. Fr. Jeronimo Sanhudo, Porto. 1689
34 O P. P. Fr. Andre de Faria, † Melres. 1692
35 O P. P. Fr. Domingos da Piedade, Fóz. 1693
36 O P. P. Fr. Pedro Baptifta, Porto. 1695
37 O P.M.Fr.Gregorio de Figueiroa, Vianna. 1698
38 O P. P. Fr. Pedro Baptifta, fegunda vez. 1701
39 O P.P. Fr. Miguel Coimbra, Braga. 1704
40 O P.M.Fr.Izidoro de S.Anna, Matozinhos. 1707
41 O P.M.Fr.Placido de Souza, Lisboa.Ren. 1710
42 O P.P.Fr.Mathias de Lacerda, Villa real. 1710
43 O P.M.Fr.Izidoro de S.Anna fegunda vez. 1713

44 O P.M.Fr. Andre de Cristo, Villa da Feira. 1716
45 O P. M.Fr. Ignacio de Jezus. Matozinhos. 1719
46 O P.P.Fr.Cypriano de S.Frãciſco,Caminha.1722
47 O P.M.Fr.Gabriel de S.Franciſco, Douro. 1725
48 O N. P. M. Fr. Joaõ Baptiſta, Rio covo. 1728
49 O P.P.Fr.Placido de Jezus M. Matozinhos. 1731
50 O P.P.Fr.Conſtantino de S.Luiz, Bitaraẽs. 1734
51 O P.M.Fr.Manoel da Trindade, Arrifana. 1737
52 O P.P.G.Fr. Veriſſimo da Aſcençaõ. N.A. 1740
53 O N.P. Fr. Manoel de S.Thomás, Vizeu. 1740
54 O P. M. Fr. Bento de S. Jozè, Arrifana. 1743
55 O P.M.Fr.Antonio da Natividade,Bitaraẽs.1748
56 O N.P.M.Fr. Paulo de S.Joze, Villareal. 1752
57 O P.P. G. Fr. Joaõ de S. Anna, Maſſarelos.1755
58 O P.M.Fr.Rodrigo de S.Jozé,Pezo da regoa1758
59 O P. P. Fr. Antonio de Madre de Deos, Caniſſadas. 1761
60 O P.P.G.Fr. Joaõ de S.Anna, † ſeg. vez. 1764
61 O P.P.G.Fr. Joaõ do Pilar, Canavezes. 1764
62 O P.P.G.Fr.Thomás de Aquino, Lisboa. 1767

MOSTEIRO DE SANTO THYRSO.

DESTE Moſteiro trata a Bened. Luſit. tom. 2. pag.11. A ſua fundaçaõ he antes do anno de 770. porque ſe achaõ documentos originaes, que moſtraõ haver naquella Caza no dito anno Abbade, e Monges. Entende-ſe com grande probabilidade, que o ſeu fundador he, ou S. Martinho Dumienſe, ou S. Fructuoſo, ambos Monges Benedictinos, e Arcebiſpos de Braga, em tempo dos Suevos, ou Go-

Godos. Os ſeus Prelados, e Abbades triennaes ſaõ os ſeguintes.

1 Prior Fr. Manoel de Taide. 1570
2 N. P. Fr. Pedro de Baſto. 1575
3 O P.Fr. Domingos de Santa Cruz. 1578
4 O P.Fr. Gaſpar da Paz, Villa do Conde. 1581
5 O P. Fr. Bento do Salvador, Soalhaens. 1584
6 O P. Fr. André de Campos, Baſto. 1587
1 Abbade O P.Fr. André de Campos, Baſto. 1589
2 O P.Fr. Luiz do Eſpirito Santo, Lisboa. 1590
3 N.P. Fr. Balthazar de Braga, Braga. 1593
4 O P.Fr. Mauro da Trindade, Santo Thyrſo. 1596
5 O P. Fr. Andre de Campos, ſegunda vez. 1599
6 O P.Fr. Luiz do Eſpirito Santo, ſeg. vez. 1602
7 O P. Fr. Bazilio da Aſcençaõ, Lisboa. 1605
8 O P.Fr.Luiz do Eſpirito Santo, terc.vez. 1608
9 O P. Fr. Cypriano de Santo Andre, Ponte do Lima. 1611
10 O P.Fr. Romano Cerveira, Braga. 1614
11 O P.Fr.Paulo de S.Miguel Villa do Conde. 1617
12 O P.M.Fr.Theodoro da Cruz, Canavezes. 1620
13 O P. Fr. Placido dos Anjos, Coimbra. 1623
14 O P.Fr.Clemente das Chagas, † Guimaraẽs. 1626
15 O Fr. Joaõ do Apocalypſe, Guimarens. 1628
16 O P.Fr Placido dos Anjos, ſegunda vez. 1629
17 O P. M. Fr. Maximo Pereira, Baſto. 1632
18 O P.Fr. Bento da Eſperança, Porto. 1635
19 N.P.M.Fr.Antonio Carneiro, Villa do Cõde. 1638
20 O P. M. Fr. Manoel dos Reys, Villa nova do Porto. 1641
21 O meſmo P.M. Fr. Manoel dos Reys. 1644
22 O P. Fr. Bento da Madre de Deos,

Villa do Conde. 1647
23 N.P.Fr. Antonio Carneiro, ſegunda vez. 1650
24 O P. Fr. Mattheus da Aſſumpçaõ, Azurar. 1653
25 O P. P.Fr. Anſelmo da Purificaçaõ, Porto. 1656
26 N.P.M.Fr. Luiz de Moura, Tarouquella. 1659
27 N.P.P.G.Fr. Bento da Gloria, Arrifana. 1662
28 N.P.Fr. Damazo da Silva, Guimaraens. 1665
29 O P.M.Fr. Balthazar da Cunha † Villa real. 1668
30 O P.P.Fr. Chriſtovaõ de Azevedo, Azevedo. 1670
31 O P.P.Fr. Joaõ Tavares, Santo Thyrſo. 1671
32 O N. P. Fr. Joaõ Ozorio, Travanca. 1674
33 O P.P.Fr. Joaõ Tavares, ſegunda vez. 1677
34 O P.P.Fr. Luiz Baptiſta, Porto. 1680
35 O P.P.Fr. Jacinto da Cunha, Amarante. 1683
36 O P.P.Fr. Luiz Baptiſta, † ſegunda vez. 1686
37 O P.M.Fr. Pedro do Eſpirito Santo, Lisboa. 1686
38 O P. M. Fr. Balthazar Pinto, Craſtodaire. 1689
39 O P.M.Fr. Gaſpar dos Reys, Barcellos. 1692
40 O P.P.Fr. Roque da Natividade, Guimaraẽs. 1695
41 O P. M. Fr. Joaõ de Chriſto, Cumieira. 1698
42 O P. M. Fr. Manoel Gaviaõ, Braga. 1701
43 O P. M. Fr. Gregorio Figueiroa, Vianna. 1704
44 O P.P.Fr. Antonio de Jezus Maria, † Braga. 1707
45 O P. M. Fr. Antonio de S. Bento, Braga. 1709
46 O P.M.Fr. Antonio de S. Bento, reeleito. 1710
47 O N.P.Fr. Pedro dos Martyres, Guimaraẽs. 1713
48 O P. M. Fr. Jozé da Cruz, Porto. 1716
49 O P.P.Fr. Roque da Cõceiçaõ, † Guimaraẽs. 1719
50 O P. P. Fr. Gregorio da Madre de Deos, Arrifana. 1720
51 O N.P.Fr. Paulo da Aſſumpçaõ, Arrifana. 1722
52 O P.M.Fr. Manoel da Trindade, Arrifana. 1725

53 O P.P.Fr. Manoel da Afcençaõ, Cabroelo. 1728
54 O P.P.G.Fr.Veriffimo da Afcẽçaõ,Guilhufe. 1731
55 O P.P.Fr.Manoel da Afcençaõ, fegũda vez. 1734
56 O P.P.Fr. Placido de S. Bento, Braga. 1737
57 O P.P.Fr. Lucas de S. Jozé, Barcellos. 1740
58 O P.P.Fr.Placido de S.Bento,fegunda vez. 1743
59 O P.P.Fr. Lucas de S.Jozé, fegunda vez. 1748
60 O P.P.Fr.Manoel da Afcençaõ, terc. vez. 1752
61 O P.M.Fr.Joze de S.M.da Victoria,Vianna. 1755
62 O P.M.Fr.Frãcifco da Graça,Põte do Lima. 1758
63 O N. P. P. G. Fr. Joaõ Baptifta da Gama, Canas de Senhorim. 1761
64 O P.P.Fr.Frãcifco de Sãta Cecilia, Porto. 1764
65 O P.M.Fr.Alexandre de S.Thomás, Braga. 1767

MOSTEIRO DE POMBEIRO.

DESTE Mofteiro trata a Bened. Lufit. tom. 2. pag. 48. Foi edificado, conforme a melhor opiniaõ, pelos annos de 1041. em tempo de D. Fernando Magno, Rey de Leaõ, por hum defcendente da Illuftriffima Caza, e familia dos Souzas o Conde D. Gomes &c.

Os feus Priores, e Abbades, trienaes faõ eftes:

1 Prior O P.Fr.Jeronimo, Guimaraens. 1570
2 O P.Fr.Ambrozio, Lisboa. 1575
3 O P. Fr. Thomás de Touro. 1578
4 O P.Fr.Bento do Salvador. 1581
5 O P.Fr. Andre de Campos. 1584
6 O P.Fr.Bento do Salvador, fegunda vez. 1587
1 Abbade O P.Fr. Bernardo de Braga. 1590

2 O P.Fr.Bazilio da Afcençaõ, Lisbôa. 1593
3 O P.Fr.Luiz do Efpirito Santo, Lisboa. 1596
4 O N.P.Fr. Antonio da Silva, Pombeiro. 1599
5 O N.P.Fr. Balthazar de Braga. 1602
6 O N.P.Fr.Anfelmo da Cõceiçaõ,Canavezes. 1605
7 O P.Fr. Chriftovaõ da Afcençaõ, Lisboa. 1608
8 O P. Fr. Sifto da Purificaçaõ,
Villa nova do Porto. 1611
9 O P.Fr. Miguel dos Anjos, Bafto. 1614
10 O P.Fr. Mauro da Trindade, S. Thyrfo. 1617
11 O P.Fr. Eugenio de Santiago, Arrifana. 1620
12 O P.Fr.Paulo de S.Miguel, Villa do Cõde. 1623
13 O P.Fr. Antonio Ribeiro, Canavezes. 1626
14 O P. Fr. Balthazar da Aprezentaçaõ,
Paço de Souza. 1629
15 O N.P.Fr.Manoel de S.Cruz,Villa do Cõde. 1632
16 O P.Fr. Angelo de Azevedo, Porto.Rem. 1635
17 O P. Fr. Antonio dos Anjos,
Villa nova do Porto. 1636
18 O P.Fr.Cofme da Efperança, Amarante. 1638
19 O P.Fr.Joaõ de Chrifto, Cantanhede. 1641
20 O P.Fr.Fructuofo Ferreira, Ferreira. 1644
21 O P.Fr. Zacharias Ozorio, Amarante. 1647
22 O P.P.G.Fr. Antonio Sanhudo, Caftelloẽs. 1650
23 O P.P.Fr.Bernardo de Santiago, Arrifana. 1653
24 O P.P.Fr. Roberto dos Reys, Braga. 1656
25 O N.P.M.Fr. Gregorio de Magalhaẽs,
Travanca. 1659
26 O P.M.Fr.Balthazar da Cunha, Villa real. 1662
27 O P.P.Fr. Mathias Cirne, Vianna. 1665
28 O P.P.Fr.Amador de Santa Maria,Cahyde. 1668
29 O P.P.Fr. Mathias Cirne, fegunda vez. 1671

30 N.P.Fr. Vicente dos Santos, Arrifana. 1674
31 O P.P.Fr.Jacinto da Cunha, Amarante. 1677
32 O N.P.Fr.Vicente dos Santos, segũda vez. 1680
33 O P.M.Fr.Placido da Ressurreiçaõ, Amarãte 1683
34 O P.M.Fr. Francisco Bezerra, Vianna. 1686
35 O P.P.Fr. Joaõ de Magalhaẽs, Barrelas. 1689
36 O P.P.Fr. Luiz de S.Bento, Porto. 1692
37 O P.P.Fr.Joaõ de Magalhaẽs, segũda vez. 1695
38 O P.M.Fr.Frãcisco de S.Paulo, Guimaraẽs. 1698
39 O P.P.Fr. Lourenço Pereira, Monçaõ. 1701
40 O P.M.Fr. Francisco de S.Paulo, seg.vez. 1704
41 O P.M.Fr.Joaõ de Carvalhaes, Guimaraẽs. 1707
42 O P.P.Fr. Manoel Cardozo, †
S. Pedro do Sul. 1710
43 O P.P.Fr.Roque da Cõceiçaõ, Guimaraẽs. 1712
44 O mesmo P.Fr.Roque reeleito. 1713
45 O P.M.Fr.Francisco de S.Paulo, † terc.vez. 1716
46 O P.P.Fr. Manoel de Macedo, Faya. 1718
47 O P.M.Fr. Bento da Ascençaõ, Arrifana. 1719
48 O P.P.Fr. Bartholomeu de S. Jeronimo,
Porto. 1722
49 O P.M.Fr. Bento da Ascençaõ, † seg.vez. 1725
50 O P.M.Fr.Francisco de S.Thomás, Porto. 1728
51 O P.P.Fr.Manoel de Macedo, segunda vez. 1728
52 O P.M.Fr. Luiz da Conceiçaõ, Porto. 1731
53 O P.P.Fr. Joaõ de S. Verissimo,
Ponte do Porto. 1734
54 O P.P.Fr.Joaõ do Rozario, Fafe. 1737
55 O P.P.Fr.Ricardo da Conceiçaõ, Meinedo. 1740
56 O P.P.Fr. Joaõ da Ascençaõ, Braga. 1743
57 O P.P.Fr.Manoel das Neves, Basto. 1748
58 O P.P.Fr.Bento de S. Luiz, Braga. 1752

59 O P.M.Fr.Manoel de S.Antonio , Cahyde. 1755
60 O P.P.G.Fr.Pedro de Nazareth, Guimaraẽs. 1758
61 O P.P.Fr.Jozé de S. Caetano , Porto. 1761
62 O P.P.G. Fr. Pedro de Nazareth, ſeg.vez. 1764
63 O P.P.Fr.Frãciſco da Eſperança, Tondella. 1767

MOSTEIRO DE REFOYOS de Baſto.

DESTE Moſteiro trata a Bened. Luſit. tom. 1. pag.493. Entende-ſe ſer fundado em tempo dos Godos pelos annos de 670. ou 701. como ſe prova dos fundamentos, que ſe podem ver no meſmo Autor. Os ſeus Prelados triennaes ſaõ os ſeguintes :

O P.Fr. Thomás de Touro , como Prior. 1570
1 Abbade O meſmo P.Fr.Thomas de Touro. 1575
2 O P.Fr. Alvaro dos Reys , Froſſos. 1578
3 O P.Fr. Mauro de Villa do Conde. † 1580
4 O P.Fr. Bazilio da Aſcençaõ , Lisboa. 1583
5 O P.Fr. Coſme de Mendanha , Lisboa. 1584
6 O P.Fr.Joaõ Pinto , Traz os montes. 1587
7 O P.Fr. Placido de Tibaens , Renunciou. 1590
8 O N.P.Fr. Antonio da Silva , Pombeiro. 1593
9 O N.P.Fr. Pedro de Baſto Valdebouro. 1593
10 O P.Fr. Alvaro dos Reys , ſegunda vez. 1596
11 O P.Fr.Antonio da Aſcençaõ, Montelongo. 1599
12 O P.Fr. Mauro Ribeiro , Lisboa. 1602
13 O P.Fr.Cypriano de S.Andre, Põte do Lima. 1605
14 O P.Fr. Alvaro dos Reys , terceira vez. 1608
15 O P.Fr.Simaõ da Aſſumpçaõ , Guimaraẽs. 1611

16

16 O P.Fr.Luiz do Eſpirito Santo, Lisboa. 1614
17 O N.P.Fr.Thomás do Soccorro, Braga. 1617
18 O P.Fr.Luiz do Eſpirito Santo, ſeg.vez. 1620
19 O P.Fr. Cypriano de S. Andre, ſeg. vez. 1623
20 O P.Fr.Luiz do Eſpirito Santo, † terc.vez. 1626
21 O P.Fr. Feliciano da Graça, Tibaens. 1627
22 O P.Fr. Bento da Eſperança, Porto. Ren. 1629
23 O P.Fr.Luiz da Trindade, Guimaraens. 1632
24 O P.Fr. Fabiaõ dos Martyres, Bayaõ. † 1632
25 O P.Fr. Paulo do Rozario, Porto. 1633
26 O P.Fr. Balthazar da Aprezentaçaõ,
Paço de Souza. 1635
27 O P.P.Fr.Zacharias Ozorio, Amarante. 1638
28 O P.Fr. Bento de Macedo, Guimaraens. 1641
29 O P.Fr.Antonio de S.Joaõ, Villa do Cõde. 1644
30 O P.Fr. Matheos de S.Miguel, Baſto. 1647
31 O P.P.Fr.Antonio Pereira, Farelaens. 1650
32 O P.P.Fr.Agoſtinho da Trindade, Braga. 1653
33 O P.Fr.Manoel do Eſpirito S.Villa do Cõde. 1656
34 O P.P.G.Fr.Clemẽte da Aſſumpçaõ, Lisboa. 1659
35 O P.P.Fr.Amador de Santa Maria, Cahyde. 1662
36 O P.P.G.Fr. Clemente, ſegunda vez. 1665
37 O P.M.Fr. Jorge de Carvalho, Lisboa. 1668
38 O P.P.Fr.Thome da Eſperança, Villafria. 1671
39 O P.P.Fr. Joaõ de Novaes, † Guimaraẽs. 1674
40 O P.P.G.Fr. Mauro da Coſta, Barca. 1674
41 O P.P.Fr. Manoel Peſſoa, † Porto. 1677
42 O P.Fr.Antonio da Trindade, Villa do Cõde. 1679
43 O P.P.Fr. Mauro da Coſta, ſegunda vez. 1680
44 O P.M.Fr.Joaõ de Magalhaens, Aveleda. 1683
45 O P.P.Fr.Rafael de S.Luiz, Pendorada. 1686
46 O P. P. Fr. Gregorio da Madre de Deos,
Arrifana. 1689

47 O P.P.Fr. Rafael de S.Luiz, ſegunda vez. 1692
48 O P.P.Fr.Gregorio da M.de Deos, ſeg.vez. 1695
49 O P.P.Fr. Manoel da Encarnaçaõ, Villa do Conde. 1698
50 O P.P.Fr.Roque da Cõceiçaõ, Guimaraẽs. 1701
51 O P.P.Fr.Cypriano de S.Frãciſco, Caminha. 1704
52 O P.M.Fr. Manoel Gaviaõ, † Braga. 1707
53 O P.P.Fr. Bento de Santiago, Burgaens. 1708
54 O P.P.Fr. Miguel Coimbra, Braga. 1710
55 O P.M.Fr. Lope de Attaide, Lisboa. 1713
56 O P.Fr. Cypriano de S.Franciſco ſeg.vez. 1716
57 O P.P.Fr.Joaõ de Mõte Caſſino, Guimaraẽs. 1719
58 O P.M.Fr.Franciſco da Trindade, Braga. 1722
59 O P.P.Fr. Antonio do Eſpirito S. Arrifana. 1725
60 O P.P.Fr. Manoel do Rozario, Guilhufe. 1728
61 O P.P.Fr.Jorge da Conceiçaõ, Guimaraẽs. 1731
62 O P.P.Fr.Gabriel de S. Thereza, Braga. 1734
63 O P.P.Fr.Antonio de S.Jozé, Vianna. 1737
64 O P.P.Fr.Alexandre da Aſcẽçaõ, Cobernes. 1740
65 O P.M.Fr.Antonio de Jezus M. † Arrifana. 1743
66 O P.P.Fr. Joaõ de S. Jozé, Souza. 1744
67 O P.P.Fr.Alexandre da Aſcençaõ, ſeg.vez. 1748
68 O P.P.Fr. Joaõ do Rozario, Fafe. 1752
69 O N.P. Fr. Franciſco de S.Jozé, Aveiro. 1755
70 O P.P. Fr. Manoel de S. Jacinto, Braga. 1758
71 O P.P.Fr.Franciſco da Eſperança, Tondela, 1761
72 O P.P.Fr.Franciſco de Santa Anna, Foz. 1764
73 O P.P.Fr.Luiz de S.Caetano, ~~Barcellos.~~ Caſtouvado 1767

MOS-

MOSTEIRO DE SANTO ANDRE de Renduffe.

DESTE Mosteiro falla a Bened. Lusit. tom. 2ª pag. 328. O seu fundador foi D. Egas Pays de Penagate, hum dos principaes Fidalgos, que acompanharaõ a Corte do nosso Conde D. Henrique. No anno de 991 ja neste Mosteiro havia Abbade: os que teve trienaes depois da Reforma saõ os seguintes:

1	N.P.Fr.Placido de Villalobos, Lisboa.	1570
2	O P.Fr. Cosme de Mendanha, Lisboa.	1575
3	O mesmo P.Fr. Cosme, reeleito.	1578
4	N.P.Fr. Balthazar de Braga, Braga.	1581
5	N.P.Fr. Pedro de Basto, Valdebouro.	1584
6	N.P.Fr, Gonçalo de Moraes, Traz os mõtes.	1587
7	N.P.Fr.Anselmo da Conceiçaõ, Canavezes.	1590
8	O P. Fr. Luiz de Jezus, Lisboa.	1593
9	O P.Fr. Eugenio de Santiago, Arrifana.	1596
10	N.P.Fr. Martinho Golias, Guimaraens.	1599
11	O P.Fr.Eugenio de Santiago, segnnda vez.	1602
12	O P.Fr.Mãcio dos Martyres, Villa do Cõde.	1605
13	O P.Fr.Joaõ do Apocalypse, Guimaraens.	1608
14	O P.Fr.Antonio da Ascençaõ, Mõte longo.	1611
15	O P.Fr.Eugenio, terceira vez.	1614
16	O P.Fr. Placido dos Anjos, Louzaã.	1617
17	O P.Fr.Diogo de Carvalho, Lisboa.	1620
18	O P.Fr.Antonio Ribeiro, Canavezes.	1623
19	O P.Fr.Roberto de Jezus, Sande.	1626
20	O P.Fr. Jeronimo de Azevedo, Azevedo.	1629
21	O P.Fr.Feliciano da Graça, Tibaens.	1632
22	O P.Fr. Placido dos Anjos, segunda vez.	1635

23 O P.Fr. Bernardino de Oliveira † Lisboa. 1638
24 O P.Fr. Antaõ da Conceiçaõ, Coimbra. 1639
25 O meſmo P.Fr. Antaõ, reeleito. 1641
26 O P.Fr. Anſelmo da Purificaçaõ, Porto. 1644
27 O P.Fr. Gaſpar Peſſoa, Quebrantoens. 1647
28 O P.M.Fr. Manoel dos Reys,
Villa nova do Porto. 1650
29 N.P.Fr. Vicente Rangel, Porto. 1653
30 O P.P.Fr. Fructuoſo dos Reys, † Braga. 1656
31 N.P.P.G.Fr. Bento da Gloria, Arrifana. 1656
32 O P.P.Fr. Agoſtinho da Trindade, † Braga. 1659
33 O P.P.Fr. Conſtantino do Amparo, Braga. 1659
34 O P.P.Fr. Antonio da Paz, Villa do Côde. 1662
35 O P,P.Fr. Mathias de S.Maria, Guimaraẽs. 1665
36 O P.P.Fr. Joaõ de Novaes, Guimaraens. 1668
37 O P.P.G.Fr. Rafael de Jezus, Guimaraens. 1671
38 O P.Fr. Joaõ de Azevedo, Azevedo. 1674
39 O P.P.Fr. Mathias Cirne, Vianna. 1677
40 O P.P.Fr. Diogo do Rozario, Porto, 1680
41 O P.Fr. Balthazar de S. Paulo, Braga. 1683
42 O P.M.Fr. Gaſpar das Neves, Braga. 1686
43 O P.P.Fr. Joaõ da Graça, Barcellos. 1689
44 O P.M.Fr. Franciſco Bezerra, Vianna. 1692
45 O P.P.Fr. Joaõ da Graça, ſegunda vez. 1695
46 O P.M.Fr. Franciſco de S. Bento,
Villa do Conde. 1698
47 O P.P.Fr. Antonio dos Anjos, † Braga. 1701
48 O P. P. Fr. Theotonio de Villasboas,
Eſpozende. 1702
49 O P.M.Fr. Franciſco de S.Bento, ſeg,vez. 1704
50 O P.M.Fr. Gaſpar dos Reys, Barcellinhos. 1707
51 O P.M.Fr. Franciſco de S.Bento, terc. vez. 1710

52 O P.P.G.Fr.Luiz de S.Boaventura,Lisboa. 1713
53 O P.P.G.Fr.Manoel das Neves, Valongo. 1716
54 O P.M.Fr. Joaõ de S. Bento, Lamoza. 1719
55 O P.P.Fr. Manoel de S. Joze, Faya. 1722
56 O P.M.Fr.Lopo de Attayde, Lisboa. 1725
57 O N.P.P.G. Fr. Thomás do Sacramento,
Porto. 1728
58 O P.P.Fr. Placido de S. Bento, Braga. 1731
59 O P.M.Fr.Manoel da Expetaçaõ,Villa Cova 1734
60 O P.P.Fr. Jeronimo de S. Bento, Barca. 1737
61 O P.P.G.Fr.Jozé do Desterro, Braga. 1740
62 O P.P.Fr. Antonio de S.Boaventura, †
Ponte do Lima. 1743
63 O P.P. Fr. Manoel dos Anjos, Braga. 1745
64 O P.P.Fr. Jeronimo de S.Bento, seg. vez. 1748
65 O P.P.Fr. Joaõ de S. Verissimo,
Ponte do Porto. 1752
66 O P.P.Fr.Jeronimo de S. Bento, terc.vez. 1755
67 N.P.M.Fr.Fernando de Jezus Maria Jozé.
Feira. 1758
68 O P.P.Fr.Francisco de Jezus Maria, Braga. 1761
69 O P.M.Fr. Manoel dos Serafins, Basto. 1761
70 O P.M.Fr. Fernando da Graça, †
Ponte do Lima. 1764
71 O P.P.Fr.Joaõ de S.Gertrudes,Matozinhos. 1765
72 O P.P.Fr. Matias da Conceiçaõ, Feira. 1767

MOS-

MOSTEIRO DO SALVADOR de Travanca.

DESTE Mosteiro falla a Bened. Lusit. tom. 2. pag. 253. Fundou-o D.Garcia Moniz, aquem seu pay D.Munio Viegas deu a Granja de Travanca, para fundar seu Padroado a 16 de Agosto do anno de Christo 1008. Os seus Abbades triennaes saõ os seguintes:

1	O P.Fr. Domingos Teixeira, Renunciou.	1578
2	O P.Fr. Andre de Campos, Basto.	1580
3	N.P.Fr. Placido Ferreira, Lisboa.	1583
4	O P.Fr. Bazilio da Ascençaõ, Lisboa.	1584
5	N.P.Fr. Placido Ferreira, segunda vez.	1587
6	O P.Fr. Eugenio de Santiago, Arrifana.	1590
7	O P.Fr.Bẽto dos Rios,Entre ambos os rios.	1593
8	O P.Fr. Christovaõ da Ascençaõ Lisboa.	1596
9	O P.Fr.Bento dos Rios, segunda vez.	1599
10	O P.Fr.Christovaõ da Ascençaõ, seg.vez.	1602
11	O P.Fr. Sisto da Purificaçaõ, Villa nova do Porto.	1605
12	N.P.Fr.Thomás do Soccorro, Braga.	1608
13	O P.Fr.Serafino da Apresẽtaçaõ,Guimaraẽs.	1611
14	O P.Fr. Bartholomeu da Esperança, Canavezes.	1614
15	O P.Fr.Luiz da Ascençaõ, † Lisboa.	1617
16	O P.Fr. Pedro Quaresma, Bárreiro.	1617
17	O P.Fr. Andre da Ascençaõ, Porto.	1620
18	O P.Fr.Sisto da Purificaçaõ, segunda vez.	1623
19	O P.Fr. Romano Cerveira, Braga.	1626
20	O P.Fr. Chrisostomo da Cruz, Setuval	1629
21	O P.Fr.Jozé do Prezepio, Braga.	1632

22 O P.Fr.Jeronimo Peſſoa, Porto. 1635
23 O P.Fr. Braz Soares, Monçaõ. 1638
24 O P.Fr.Diogo da Aſcençaõ, Coimbra. 1641
25 O P.Fr. Antonio Sanhudo, Caſtelloens. 1644
26 O P.Fr.Luiz Pereira, Lisboa. 1647
27 O P.P.Fr. Fructuoſo dos Reys, Braga. 1650
28 N.P.Fr.Damazo da Silva, Guimaraens. 1653
29 O P.P.Fr.Balthazar dos Reys, † Abragaõ. 1656
30 O P.P.Fr.Antonio Pinto, Porto. 1658
31 O meſmo P.Fr. Antonio, reeleito. 1659
32 O P.P.Fr. Antonio de S. Bento, Villa nova do Porto. 1662
33 O P.Fr.Bento dos Reys, Villa do Conde. 1665
34 O P.Fr.Mancio dos Martyres,† Maſſarelos. 1668
35 O P.P.Fr.Agoſtinho da M.de Deos,Melres. 1668
36 O P.P.G.Fr.Clemẽte da Aſſumpçaõ,Lisboa. 1671
37 O P.M.Fr.Frãciſco da Viſitaçaõ,Carapeços. 1674
38 O P.P.Fr.Thome da Eſperança, Villa fria. 1677
39 O P.M.Fr. Gaſpar dos Reys, Barcellos. 1680
40 O P.Fr.Simaõ da Aſſumpçaõ, Pendorada. 1683
41 O P.P.G.Fr. Alexãdre da Paixaõ,Amarãte. 1686
42 O P.M.Fr. Martinho da Conceiçaõ, S. Martinho. 1689
43 O P.P.Fr. Manoel da Encarnaçaõ, Villa do Conde. 1692
44 O P.P.Fr. Antonio da Aſcençaõ, Lisboa. 1695
45 O P.Fr. Miguel Coimbra, Braga. 1698
46 O P.P.Fr. Joaõ de Monte Caſſino, Guimaraens. 1701
47 O P.M.Fr. Joaõ de Chriſto, Cumieira. 1704
48 O P.M.Fr. Joze da Cruz, Porto. 1707
49 O P.M.Fr.Franciſco de S.Paulo Guimaraẽs. 1710

50 O P.M,Fr.Joaõ de S.Bento, Lamoza. 1713
51 O P.P.Fr.Joaõ de S. Lourenço, Douro. 1716
52 O P.P.Fr. Jeronimo de Sampayo, Ponte do Lima. 1719
53 O P.P.Fr. Bento do Eſpirito S.Burgaẽs. 1722
54 O P.P.Fr.Jorge da Conceiçaõ. Guimaraẽs. 1725
55 O P.P.G.Fr.Manoel das Neves, Valongo. 1728
56 O P.P.Fr. Antonio da Piedade, Arrifana. 1731
57 O P.P.Fr. Domingos da Conceiçaõ, Guimaraens. 1734
58 O P.P.Fr.Manoel de Jezus, Recezinhos. 1737
59 O P.P.Fr.Damiaõ de Chriſto, † Mendroẽs. 1740
60 O P.M.Fr. Manoel dos Santos, Porto. 1742
61 O meſmo P.M. Fr. Manoel, reeleito. 1743
62 O P.M.Fr.Jozé de S.Boaventura, Arrifana. 1748
63 O P.P.Fr. Manoel de S.Bento, Villaverde. 1752
64 O N.P.Fr. Antonio de Santa Clara, S. Pedro do Sul. 1755
65 O P.P.Fr. Franciſco de Jezus, M. Braga. 1756
66 O P.M.Fr. Joaõ de S. Bento, Londrez. 1758
67 O P.P.Fr.Mathias da Conceiçaõ, Feira. 1761
68 O P.P.Fr.Luiz de S. Bernardo. Sever. 1764
69 O P.P.Fr.Jozé de S.Maria, Arrifana. 1767

MOSTEIRO DO SALVADOR de Paço de Souza.

DESTE Moſteiro trata a Bened. Luſit. tom. 2. pag. 261. Foi fundado por D. Troycoſendo Guedes, como eſcreve o Conde D. Pedro no tit. 41. §. 1. e 7. do ſeu Nobiliario, ſagrãdo o Arcebiſpo Primáz D. Pedro a Igreja aos 29. de Setembro de 1088

1088. Os ſeus Abbades depois da Reforma ſaõ eſtes.

1 N.P.Fr.Placido Ferreira, Lisboa. 1580
2 O P.Fr. Andre de Campos, Baſto. 1583
3 N.P.Fr.Antonio da Silva, Pombeiro. 1584
4 O P.Fr. Bazilio da Aſcençaõ, Lisboa. 1587
5 O P.Fr. Salvador, Soalhaens. 1590
6 O P.Fr.Antonio da Aſcençaõ, Mõte longo. 1592
7 O meſmo P. Fr. Antonio, reeleito. 1593
8 O P.Fr. Domingos Teixeira. 1596
9 O P.Fr.Gaſpar da Paz, Villa do Conde. 1599
10 O P.Fr.Alvaro dos Reys, Braga. 1602
11 N.P.Fr. Martinho Golias, Guimaraens. 1605
12 O P.Fr. Antonio Ribeiro, Canavezes. 1608
13 N.P.Fr.Mauro de Santiago, Villa do Cõde. 1611
14 O P.P.Fr.Leaõ de S. Bento, Braga. 1614
15 O P.Fr. Ignacio dos Reys, Braga. 1617
16 N.P.Fr.Manoel de S. Cruz, Villa do Cõde. 1620
17 O P.Fr. Ignacio dos Reys, † ſegunda vez. 1623
18 O P.Fr. Diogo da Aſcençaõ, Lisboa. 1626
19 O P.Fr. Boaventura de S. Bento, Paço de Souza. 1626
20 O P.Fr.Diogo de Carvalho, Lisboa. 1629
21 O P.Fr. Ruperto de Jezus, † Sande. 1632
22 O P.Fr.Gerardo de S.Thyrſo, Boſtello. 1634
23 O P.Fr.Jeronimo de Azevedo, Azevedo. 1635
24 O P.Fr. Pedro da Encarnaçaõ, Coimbra. 1638
25 O P.Fr.Simaõ Borges, Ourem. 1641
26 O P.Fr.Bernardo de Santiago, Bitaraens. 1644
27 O P.Fr.Placido da Cruz, Villa do Conde. 1647
28 O P.Fr. Anſelmo da Purificaçaõ, Porto. 1650
29 O P.P.Fr.Joaõ Baptiſta, Villa do Conde. 1653
30 O P.P.Fr.Antonio Carneiro, Villa do Cõde. 1656

31

31	O P.P.Fr.Matheus da Aſſumpçaõ, Azurar.	1659
32	O P.Fr. Salvador de Jezus, Pendorada.	1662
33	N.P.Fr. Joaõ Ozorio, Oliveira.	1665
34	O P.P.Fr.Luiz Baptiſta, Porto.	1668
35	O P.P.Fr.Manoel Peſſoa, Porto.	1671
36	O P.P.Fr.Agoſtinho da M.de Deos, Melres.	1674
37	O P.Fr.Leandro do Soccoro, Famelicaõ.	1677
38	O P.P.G.Fr. Jeronimo do Roſario, Paço de Souza.	1680
39	O P.Fr. Paulo de Jezus, Vizella.	1683
40	O P.P.Fr. Andre de Faria, Melres.	1686
41	O P.P.Fr. Pedro Baptiſta, Porto.	1689
42	O P.P.Fr.Baptiſta de Jezus, Pendorada.	1692
43	O P.P.Fr.Franciſco Magalhaens, Coimbra.	1695
44	O P.P.Fr.Baptiſta de Jezus, † ſegũda vez.	1698
45	O P.P.Fr.Luiz de S.Bento, Porto.	1700
46	O P.P.Fr.Gregorio da M.de Deos, Arrifana.	1701
47	O P.P.Fr.Manoel da Encarnaçaõ, † Villa do Conde.	1704
48	O P.M.Fr.Jeronimo Peixoto, Guimaraẽs.	1705
49	O P.P.Fr.Pedro Baptiſta, ſegunda vez.	1707
50	O P.M.Fr. Andre de Chriſto, Feira.	1710
51	O P.M.Fr.Miguel da Trindade, Soutello.	1713
52	O P.P.Fr.Leaõ de Sãta Eſcolaſtica, Melres.	1716
53	N.P.Fr.Antonio de S. Lourenço, Cahyde.	1719
54	O P.M.Fr.Antonio de Queiroz, Amarante.	1722
55	O P.P.G.Fr.Veriſſimo da Aſcẽçaõ, Guilhufe	1725
56	O P.P.Fr.Leaõ de S.Eſcolaſtica, † ſeg.vez.	1728
57	O P.P.Fr.Joaõ de S. Clara, Arrifana.	1728
58	O P.P.Fr.Joaõ da Encarnaçaõ, Arrifana.	1731
59	O P.P.Fr.Joaõ de S. Clara, ſegunda vez.	1734
60	O P.M.Fr.Antonio da Natividade, Bitaraẽs.	1737

61

61 O P.P.Fr. Manoel das Neves, Basto. 1740
62 O P.P.Fr. Joaõ do Rozario, Fafe. 1743
63 O P.P.Fr.Fulgencio do Espirito S.Braga. 1748
64 O P.P.Fr.Manoel dos Anjos, Braga. 1752
65 O P.P.Fr. Fulgencio, segunda vez. 1755
66 O P.P.Fr.Francisco de S.Antonio, Porto. 1758
67 O P.P.Fr.Melchior de S. Gregorio Arcos. 1761
68 O P.P.Fr.Francisco de S.Antonio, seg.vez. 1764
69 O P.P.Fr.Sebastiaõ de S.Jozé, Pruzelo. 1767

MOSTEIRO DE S. BENTO de Santarem.

DESTE Mosteiro trata a Bened. Lusit. tomo. 2. pag. 368. A Serenissima Senhora Infante D. Maria, filha do Senhor Rey D. Manoel, alcançou dos Conegos da Alcaçova da mesma Villa, a Ermida, em que estava a Imagem do Santo Christo. Fez doaçaõ della á nossa Ordem no anno de 1571, e determinando fazer ali hum Mosteiro, naõ se effeituou a sua intençaõ, porque a morte frustrou este acto da sua piedade. A Congregaçaõ o edificou alguns annos depois; e delle tem sido Prelados os que se seguem;

N.P.Fr.Gonçalo de Moraes, Traz os mõtes, como Prior nos annos de 1581. e 1584
1 Abbade Fr. Serafino da Aprezentaçaõ, Guimaraens. 1617
2 O P.Fr. Sisto da Purificaçaõ, Villa nova do Porto. 1620
3 O P.Fr.Bento da Esperança, Porto. 1623

4

4 O P.Fr. Diogo da Aſcençaõ, Coimbra. 1626
5 O P.Fr.Alberto do Salvador, Baſto. 1629
6 O P.Fr.Joaõ da Cruz, † Baſto. 1632
7 O P.Fr.Antonio Carneiro, Villa do Cõde. 1635
8 O P.Fr. Anſelmo de Jezus, Granja. 1638
9 O P.Fr.Paulo do Rozario, Porto. 1641
10 O P.Fr. Antonio dos Anjos,
Villa nova do Porto. 1644
11 O P.P.Fr.Pedro de Chriſto, † Obidos. 1647
12 N.P.M.Fr. Luiz de Moura, Tarouquella. 1647
13 N.P.P.Fr.Bento da Gloria, Arrifanna. 1650
14 O P.P.Fr.Aleixo de S. Paulo, † Golegaã. 1653
15 O P.P.Fr.Amador de S.Maria, Cahyde. 1656
16 O P.M.Fr. Jorge de Carvalho, Lisboa. 1656
17 O P.P.Fr. Antonio de S.Thomás, Braga. 1659
18 O P.P.G.Fr.Antonio da Silva, Alcobaça. 1662
19 O P.P.Fr.Antonio de S. Thomás, ſeg.vez. 1665
20 O P.P.Fr. Antonio da Paz,
Villa do Conde, Ren. 1668
21 O P.P.Fr. Jozé dos Reys, † Lisboa. 1669
22 O P.M.Fr. Gaſpar das Neves, Braga. 1669
23 O P.M.Fr.Mauro de Lemos, Lisboa. 1671
24 O P.P.G.Fr. Antonio Corte real, Lisboa. 1674
25 O P.P.Fr.Roque da Natividade, Guimaraẽs. 1677
26 O P.P.Fr. Leaõ de S.Paulo, Aveiro. 1680
27 O P.P.Fr.Franciſco das Chagas, Lisboa. 1683
28 O P.P.G.Fr.Antonio da Conceiçaõ, Lisboa. 1686
29 O P.P.Fr.Antonio da Aſcençaõ, Lisboa. 1689
30 O P.P.G.Fr.Antonio Corte real, ſeg.vez. 1692
31 O P.P.Fr.Bernardo de Santiago, † Ermelo. 1695
32 O P.M.Fr.Manoel Gaviaõ, Braga. 1696
33 O P.M.Fr.Paſcoal do Eſpirito S. Lisboa. 1698

34 O P.M.Fr.Lopo de Attayde, Lisboa. 1701
35 O P.M.Fr.Paſcoal, ſegunda vez. 1704
36 O P.M.Fr.Jozé da Conceiçaõ, Lisboa. 1707
37 O P.M.Fr.Paſcoal de S. Cypriano, Ponte do Lima. 1710
38 O P.M.Fr.Jozé de S. Jeronimo, Lisboa. 1713
39 O P.P.Fr.Joaõ da Luz, † Lisboa. 1716
40 O P.M.Fr.Jozé de Andrade, Lisboa. 1717
41 O meſmo P.M.Fr.Jozé, reeleito. 1719
42 N.P.M.Fr.Manoel dos Serafins, Fõtearcada. 1722
43 O P.P.Fr.Apolinario de S.Boavẽtura, Cete. 1725
44 O P.M.Fr.Bernardo Sarmẽto, Lisboa.N.A. 1728
45 O P.M.Fr.Manoel da Expectaçaõ, Villa Cova. 1728
46 O P.M.Fr.Jozé da Luz, Braga. 1731
47 O P.P.Fr.Frãciſco da Aſſumpçaõ, † Porto. 1734
48 O P.P.Fr.Antonio de S. Boaventura, Ponte do Lima. 1736
49 O P.P.G.Fr.Lourenço Juſtiniano, Lisboa. 1737
50 O P.P.G.Fr.Marceliano da Aſcençaõ, Braga. 1740
51 O P.M.Fr.Jozé de Jezus Maria, Arrifana. 1743
52 O P.P.G.Fr.Caetano Leite, Barca. 1748
53 O P.P.G.Fr.Lourenço Juſtiniano, † ſeg.vez. 1752
54 O P.M.Fr.Luiz de S. Jozé, Baſto. 1754
55 O P.P.Fr.Antonio de Santo Ignacio, Matozinhos. 1755
56 O P.P.Fr.Jozé de S.Caetano, Coimbra.Ren. 1758
57 O P.P.Fr.Joaõ Chriſoſtomo, Lisboa. 1760
58 O meſmo P.Fr.Joaõ Chriſoſtomo, reeleito. 1761
59 O P.P.G.Fr.Felippe de Santiago, Lisboa. 1764
60 O P.P.Fr.Joaõ Chriſoſtomo, ſegunda vez. 1767

COL-

COLLEGIO DA ESTRELLA de Lisboa.

DESTE Collegio, que foi o primeiro Mosteiro, que a Religiaõ Benedictina teve na Corte, trata a Bened.Lusit. no tom. 2. pag. 419. Edificou-se pelos annos de 1572. e para distinçaõ do Mosteiro de S.Bento da Saude, chamado o Novo, conservou entre os nossos mayores, o nome de S. Bento o Velho. Como delle se trasladou o Convento para o novo Mosteiro de S. Bento da Saude, nelle se instituhio Caza de Estudos com Theologia. Os seus Prelados tiveraõ o nome de Reitores do anno de 1632. ate o de 1710. de cujo tempo em diante se nomeaõ Abbades. A serie de huns, e outros he na forma seguinte:

Reitores.

1	O P M.F .Manoel dos Reys, Villa nova do Porto.	1632
2	N.P.M.Fr.Cypriano de Mendoça, Ponte do Lima.	1635
3	N.P.M.Fr. Pedro de Souza, Pombal,	1638
4	O P.M.Fr.Joaõ de Portugal, Lisboa.	1641
5	O P.P.Fr.Jozé Moutinho, Amarante.	1644
6	O P.Fr.Estevaõ Pereira, Quebrantoens.	1647
7	O P.M.Fr.Jorge de Carvalho, Lisboa.	1650
8	O P.P.Fr.Bento da Esperança, Porto.	1653
9	O P.M.Fr.Joaõ Pereira, Villa real.	1656
10	O P.M.Fr.Mauro de Lemos, Lisboa.	1659
11	O P.M.Fr.Joaõ Pereira, segunda vez.	1662
12	O P.P.G.Fr.Rafael de Jezus, Guimaraens.	1665
13	O P.M.Fr.Joaõ Pereira, terceira vez.	1668

14 O P.M.Fr.Gaſpar dos Reys , Barcellos. 1671
15 O P.M.Fr.Joaõ Turrianno , Coimbra. 1674
16 O P.P.G.Fr.Antonio da Silva, † Alcobaça. 1677
17 O P.M.Fr.Placido da Reſſurreiçaõ , Amarante. 1677
18 O P.M.Fr.Joaõ Pereira , quarta vez. 1680
19 O P.P.Fr.Manoel do Eſpirito Santo , Villa do Conde. 1683
20 O P.P.G.Fr.Antonio Corte real, Lisboa. 1686
21 O P.M.Fr.Jozé da Conceiçaõ , Lisboa. 1689
22 O P.P.G.Fr.Antonio da Cõceiçaõ, Lisboa. 1692
23 O P.P.G.Fr.Roque de S.Vicẽte,Guimaraẽs. 1695
24 O P.P.Fr.Joaõ dos Reys, † Braga. 1698
25 O P.M.Fr.Gaſpar Barreto , Porto. 1700
26 O meſmo P.M.Fr. Gaſpar , reeleito. 1701
27 O P.P.G.Fr.Antonio da Conceiçaõ,ſeg.vez. 1704
28 O P.P.Fr.Manoel da Silva , Lisboa. 1707

Abbades.

1 O P.P.Fr.Joaõ da Luz , Lisboa. 1710
2 O P.P.Fr.Bento de S. Gregorio , Porto. 1713
3 O P.M.Fr.Manoel da Trindade , Arrifana. 1716
4 O P.M.Fr.Jozé de S.Jeronimo , Lisboa. 1719
5 N.P.M.Fr.Joaõ Baptiſta , Rio Covo. 1722
6 O P.M.Fr.Manoel de S. Antonio. Lisboa. 1725
7 N.P.M.Fr.Paulo de S.Jozé, Villa real. 1728
8 O P.M.Fr.Jozé de S.Jeronimo, ſegũda vez. 1731
9 N.P.M.Fr.Paulo de S. Jozé, ſegunda vez. 1734
10 O P.M.Fr.Antonio do Deſterro , Vianna. 1737
11 O P.M.Fr.Jozé de S.Bento , Lisboa. 1739
12 O meſmo P.M.Fr. Jozé , reeleito. 1740
13 O P.P.Fr.Antonio de S.Eſcolaſtica,Braga. 1743
14 O P.M.Fr.Jozé de S.Bento, † ſegunda vez. 1748

15 O P.M.Fr.Antonio de Queiroz,
Amarante N.A. 1749
16 N.P.M.Fr.Fernando de J.M.J. Feira. 1749
17 O P.M.Fr.Paulo de S. Mauro, Juſte. 1752
18 O P.M.Fr.Luiz de S.Jozé, Baſto. 1755
19 O P.M.Fr.Manoel de S.Luiz.Paredes.N.A. 1758
20 O P.P.Fr.Joaõ Roby, Vianna. N. A. 1758
21 O P.M.Fr.Fernando da Graça, Põte do Lima. 1758
22 O P.P.Fr.Jozé de Santa Anna, Ovar. 1761
23 O P.P.Fr.Jozé de Santa Gertrudes, Lisboa. 1764
24 O P.P.G.Fr.Luiz de S. Thereza, Porto. 1767

MOSTEIRO DE S. JOAÕ de Pendorada

DESTE Moſteiro trata a Bened. Luſit. tom. 2. pag. 200. Teve principio eſta Caza pelos annos de 1024. Os ſeus Priores, e Abbades ſaõ os que ſe ſeguem.

1 Prior O P.Fr. Paulo de Touro. 1570
2 Prior O P.Fr.Gaſpar de Penella, † 1575
3 Prezidẽte O P.Fr.Mauro de Villa do Cõde. 1578
1 Abbade O P.Fr.Alvaro dos Reys, Braga. 1580
2 O P.Fr. Mauro de Villa do Conde. 1583
3 N.P.Fr.Placido Ferreira, Lisboa. 1584
4 O P.Fr.Gregorio de Chriſto, Coimbra. 1587
5 O P.Fr.Alvaro dos Reys ſegunda vez. 1590
6 O P.Fr.Andre de Campos, Baſto. 1593
7 O P.Fr.Leandro de Santiago,
Villa nova do Porto. 1596

No Capitulo Geral de 1599. ſe uniraõ

as

as rendas do Moſteiro de Pendorada ao do Porto, que ſe hia edificando. Ficou governado por Prezidentes, que foraõ os ſeguintes:

O P.Fr.Gaſpar Pinto, Entre ambos os rios. 1599
O P.Fr.Siſto da Purificaçaõ,
Villa nova do Porto. 1602
O P.Fr.Jeronimo Peixoto,
Entre Homem, e Cadavo. 1605
O P.Fr.Gaſpar Pinto, ſegunda vez. 1608

Paſſados eſtes doze annos, ſe deſuniraõ do Moſteiro do Porto as rendas de Pendorada, elegendo-ſe novamente Abbades.

8 O P.Fr.Jeronimo Freire, † 1611
9 O P.Fr.Urbano de S.Paulo, Braga. 1612
10 O P.Fr.Thomás do Salvador, Villa do Cõde. 1614
11 O P.Fr.Caliſto dos Santos, Guimaraens. 1617
12 O P.Fr.Thomás do Salvador, ſegũda vez. 1620
13 O P.Fr.Simaõ Borges, Ourem. 1623
14 O P.Fr.Thomé da Reſſurreiçaõ,
Torres vedras. 1626
15 O P.Fr.Simaõ Borges, ſegunda vez. 1629
16 O P.Fr.Thomás do Salvador, terceira vez. 1632
17 O P.Fr.Simaõ Borges, terceira vez. 1635
18 O N.P.Fr.Vicente Rangel, Porto. 1638
19 O P.Fr.Bernardo de Santiago, Bitaraens. 1641
20 O P.Fr.Pedro de Chriſto, Melres. 1644
21 O P.Fr.Gaſpar da Cruz, Villa do Conde. 1647
22 O P.P.Fr.Simaõ da Purificaçaõ, Braga. 1650
23 O P.Fr.Sebaſtiaõ Carneiro, Chaves. 1653
24 O P.P.Fr.Antonio de S. Bento.
Villa nova do Porto. 1656

25 N.P.Fr.Joaõ Ozorio, S. Payo de Oliveira. 1659
26 O P.P.Fr.Luiz Baptiſta, Porto. 1662
27 O P.P.Fr.Matheus da Aſſumpçaõ, Azurar. 1665
28 O P.Fr.Salvador de Jezus, Pendorada. 1668
29 O P.Fr.Bento dos Reys, Villa do Conde. 1671
30 O P.P.G.Fr.Jeronimo do Rozario,
Paço de Souza. 1674
31 O P.P.Fr.Antonio da Trindade, †
Villa do Conde. 1677
32 O P.P.Fr.Andre de Faria,
Entre ambos os rios. 1679
33 O meſmo P.Fr.Andre reeleito. 1680
34 O P.P.Fr.Pedro Baptiſta, Porto. 1683
35 O P.P.Fr.Luiz de S. Bento, Porto. 1686
36 O P.P.Fr.Luiz Peixoto, Pombeiro. 1689
37 O P.P.Fr.Manoel da Aſcençaõ, Arrifana. 1692
38 O P.P.Fr.Martinho de Chriſto, Recezinhos. 1695
39 O P.P.Fr.Manoel das Neves, Arrifana. 1698
40 O P.P.Fr.Manoel do Eſpirito Santo, Porto. 1701
41 O P.P.Fr.Ignacio Leite, Guimaraens. 1704
42 O P.M.Fr.Manoel Lobo, Villa real. 1707
43 O P.P.Fr.Domingos do Rozario, Requiaõ. 1710
44 O P.M.Fr.Gabriel de S.Franciſco, Douro. 1713
45 O P.P.Fr.Placido de S. Jeronimo.
Rio de Moinhos. 1716
46 O P.P.Fr.Jorge da Conceiçaõ, Guimaraẽs. 1719
47 O P.P.Fr.Manoel de S.Boavẽtura, Arrifana. 1722
48 O P.P.Fr.Joaõ da Encarnaçaõ, Arrifana. 1725
49 O P.M.Fr.Thomás da Purificaçaõ, Porto. 1728
50 O P.P.Fr.Apollinario de S.Boavẽtura, Cete. 1731
51 O P.P.Fr.Diogo da Luz, Seára. 1734
52 O P.P.G.Fr.Caetano Leite, Arcos. 1737

53 O P.P.Fr.Antonio da Purificaçaõ ; Crasto daire. 1740
54 N.P.Fr.Antonio de S.Clara, S.Pedro do Sul. 1743
55 N.P.Fr Jozé de S.Domingos, S.Pedro do Sul 1748
56 O P.P.Fr.Thomas de S.Jozé, Porto. 1752
57 O N.P.P.G.Fr.Joaõ Baptista, Canas de Senhorim. 1755
58 O P.P.Fr.Thomás de S.Jozé, segunda vez. 1758
59 O P.P.Fr.Miguel da Conceiçaõ, Adaens. 1761
60 O P.P.Fr.Thomás de S.Jozé, terceira vez. 1764
61 O P.P.Fr.Miguel da Conceiçaõ, seg.vez. 1767

MOSTEIRO DE S. ROMAÕ.

DESTE Mosteiro trata a Bened. Lusit. tom. 2. pag. 324. Fundou-o D.Payo Soares Caminhaõ, filho de Payo Mendes, fidalgo illustre no tempo del-Rey D. Affonso VI. de Leaõ, pelos annos de Christo de 1100. Os seus Abbades triennaes saõ os seguintes :

1 O P.Fr.Joaõ de Tavilla. 1570
2 O P.Fr.Cosme de Mendanha, Lisboa. 1575
3 O P.Fr.Domingos Teixeira. 1578
4 N.P.Fr.Balthazar de Braga. 1578
5 O P.F.Thomás de Touro, Guarda. 1581
6 O P.Fr.Gaspar da Paz, Villa do Conde. 1584
7 O P.Fr.Cosme de Mendanha, segunda vez. 1587
8 O P.Fr.Damiaõ de Mendanha, † Lisboa. 1590
9 O P.Fr.Christovaõ da Ascençaõ, Lisboa. 1592

Mo Cap.G.celebrado em Lisboa a 9.de Mayo de 1593. se unio este Mosteiro ao

de

de Lisboa, e assim esteve doze annos governado por Presidentes ate Cap. Geral de 1605.

10 O P.Fr.Estevaõ da Cruz, † Coura. 1605
11 N.P.Fr.Thomás do Soccorro, Braga. 1607
12 O P.Fr.Feliciano da Graça, Tibaens. 1608
13 O P.P.Fr.Mauro da Trindade, S.Thyrso. 1611
14 O P.Fr.Clemente das Chagas, Guimaraẽs. 1614
15 O P.Fr.Theodozio de S.Bento, Lamego. 1617
16 O P.Fr.Balthazar Carneiro, Villa do Cõde. 1620
17 O P.Fr.Jeronimo de Azevedo, Azevedo. 1623
18 O P.Fr.Serafino da Aprezẽtaçaõ, Guimaraẽs 1626
19 O P.Fr.Chrisostomo dos Reys, Renduffe. 1629
20 O P.Fr.Hilario do Espirito S. † Villa real. 1632
21 O P.Fr.Cosme da Esperança, Amarante. 1632
22 O P.Fr.Paulo de S.Miguel, Villa do Cõde. 1635
23 O P.Fr.Balthazar Carneiro, segunda vez. 1638
24 O P.Fr.Luiz Pereira, Guimaraens. 1641
25 O P.P.Fr.Bernardo da Motta, Põte do Lima. 1644
26 O P.Fr.Basilio Carneiro, Villa do Conde. 1647
27 O P.P.Fr.Roberto dos Reys, Braga. 1650
28 O P.P.Fr.Jeronimo da Trindade, Ribeira de Pena, 1653
29 O P.P.Fr.Andre Pereira, † Britiandos. 1656
30 O P.P.G.Fr.Jacinto Pacheco, Porto. 1658
31 O P.P.Fr.Joaõ Baptista, Villa do Conde. 1659
32 O P.P.Fr.Antonio da Paixaõ, † Braga. 1662
33 O P.P.Fr.Boaventura de S.Maria, † Cahyde, 1663
34 O P.P.Fr.Joaõ Tavares, Santo Thyrso. 1664
35 O mesmo P.Fr. Joaõ Tavares, reeleito. 1665
36 O P.M.Fr.Joaõ de Azevedo, Azevedo. 1668
37 P.P.Fr.Jeronimo da Trindade, segũda vez. 1671

38 O P.P.Fr.Manoel Francez,Ponte do Lima. 1674
39 O P.Fr.Jeronimo da Trindade, terc.vez, 1677
40 O P.P.Fr.Luiz do Eſpirito Sãto, Pombeiro. 1680
41 O P.P.Fr.Joaõ da Graça, Barcellos. 1683
42 O P.P.Fr.Franciſco de S.Pedro, Caſtelloẽs. 1686
43 O P.P.Fr.Marcos de S.Bento, Braga. 1689
44 O P.M.Fr.Joaõ de Chriſto, Cumieira. 1692
45 O P.P.Fr.Theotonio dos Sãtos, Eſpozẽde. 1695
46 O P.M.Fr.Franciſco Bezerra, Vianna. 1698
47 O P.P.Fr.Theotonio dos Santos, ſegunda vez. Ren. 1701
48 O P.P.Fr.Antonio de Jezus Maria, Braga. 1702
49 O P.P.Fr.Domingos do Rozario, Requiaõ. 1704
50 O P.P.Fr.Domingos da Trindade, Vianna. 1707
51 O P.P.Fr.Ricardo de Jezus, Braga. 1710
52 O P.P.G.Fr.Roque de S.Vicẽte, Guimaraẽs. 1713
53 O P.P.Fr.Manoel de Macedo, Faya. Rem. 1716
54 O P.P.Fr, Manoel de Santiago, Braga. 1718
55 O meſmo P.Fr.Manoel de Sãtiago, reeleito. 1719
56 O P.M.Fr.Thomás da Purificaçaõ, Porto. 1722
57 O P.P.Fr.Franciſco da Conceiçaõ, Braga. 1725
58 O P.P.Fr.Gabriel de S. Thereza, Braga. 1728
59 O P.P.Fr.Antonio de S.Jozé, Vianna. 1731
60 O P.P.Fr.Lucas de S.Jozé, Barcellos. 1734
61 O P.P.Fr.Luiz de S.Antonio, Valença. 1737
62 O P.P.Fr.Bento da Conceiçaõ, Vianna. 1740
63 O P.P.Fr.Antonio do Naſcimento, Villa real. Ren. 1743
64 O P.P.Fr.Domingos de S.Jozé, Requiaõ. 1748
65 O P.P.Fr.Jeronimo de S.Miguel, Entre rios. 1748
66 O P.P.Fr.Antonio da Soledade, Marecos. 1752
67 O P.P.Fr.Jozé da Aſſumpçaõ, S.Marta.N.A. 1755

62

68 O P.P.Fr.Jozé de S.Anna, Ovar. 1755
69 O P.P.Fr.Joaquim de S.Anna, Porto. 1758
70 O P.P.Fr.Pedro de S. Paulo, Porto. 1761
71 O P.P.Fr.Joaquim de S.Anna, ſegũda vez. 1764
72 O P.P.Fr.Jozé de S.Anna, ſegunda vez. 1767

MOSTEIRO DO SALVADOR de Ganfey.

DESTE Moſteiro trata a Bened. Luſit. tom. I. pag. 419. Edificou eſte Moſteiro S. Martinho de Dume pelos annos de Chriſto de 560. como eſcrevem huns, ou como dizem outros, S. Fructuozo, Arcebiſpos de Braga, e Monges Bentos. Os ſeus Priores, e Abbades triennaes ſaõ os ſeguintes.

1 Prior O P.Fr.Placido de Coimbra. 1575
2 Prior O P.Fr.Jeronimo, de Tibaens. 1578
1 Abbade O P.Fr.Joaõ Pinto, Traz os mõtes. 1581
2 O meſmo P.Fr.Joaõ Pinto, reeleito. 1584
3 O P.Fr.Thomás do Salvador, Guarda. 1587
4 O P.Fr.Mathias das Chagas. 1590
5 O P.Fr.Gaſpar da Paz, Villa do Conde. 1593
6 O P.Fr.Miguel dos Anjos, Baſto. 1596
7 O P.Fr.Simaõ da Aſſumpçaõ, Guimaraẽs. 1599
8 O P.Fr.Leandro de Santiago, Villa nova do Porto. 1602
9 O P.Fr.Gaſpar da Paz, † ſegunda vez. 1605
10 O P.Fr.Antonio Ribeiro, Canavezes. 1606
11 N.P.Fr.Mancio da Cruz, Braga. 1608
12 O P.Fr.Ignacio dos Reys, Braga. 1611
13 O P.Fr.Balthazar Carneiro, Villa do Conde. 1614

14 O P.Fr.Rafael Nogueira, Coimbra. 1617
15 O P.Fr.Roberto de Jezus, Sande. 1620
16 O P.Fr.Balthazar da Aprezentaçaõ, Paço de Souza. 1623
17 O P.Fr.Ambrozio Pessoa, Barreiro. 1626
18 N.P.Fr.Francisco dos Reys, Braga. 1629
19 O P.Fr.Bernardo da Purificaçaõ, Braga. 1632
20 N.P.Fr.Francisco dos Reys segunda vez. 1635
21 O P.Fr.Ambrozio Pessoa, † segunda vez. 1638
22 O P.Fr.Bernardo de Santiago, Bitaraens. 1640
23 O P.Fr. Jeronimo da Veiga. 1641
24 O P.Fr.Simaõ Borges, Ourem. N.A. 1644
25 O P.Fr.Andre Pereira, Britiandos. 1644
26 O P.M.Fr.Miguel de Figueiredo, Coimbra. 1647
27 O P.M.Fr.Joaõ da Esperança, Coimbra. 1650
28 O P.P.Fr.Antonio de S.Thomás, Braga. 1653
29 O P.P.Fr.Antonio da Paz, Villa do Conde. 1656
30 O P.P.Fr.Manoel Pessoa, Porto. 1659
31 O P.M.Fr.Andre da Cruz, Braga. 1662
32 O P.P.Fr.Thomé da Esperança, Villa fria. 1665
33 O P.P.Fr.Joaõ de S.Maria, Porto. Ren. 1668
34 O P.P.Fr.Domingos da Assumpçaõ, Guimaraens. 1669
35 O P.P.Fr.Antonio da Trindade, Villa do Conde. 1671
36 O P.M.Fr.Paulo da Cruz, Azurar. 1674
37 O P.P.Fr.Bento Machado, Braga. 1677
38 O P.P.Fr.Rafael de S.Luiz, Pendorada. 1680
39 O P.P.Fr.Roque da Natividade, Guimaraẽs 1683
40 O P.P.Fr.Diogo do Rozario, Porto. 1686
41 O P.P.G.Fr.Christovaõ de Almeida, Porto. 1689
42 N.P,Fr.Silvestre da Trindade, Braga. 1692

43 O P.P.Fr.Antonio dos Anjos, Braga. 1695
44 O P.P.Fr.Criſtovaõ da Natividade, Braga. 1698
45 O P.P.Fr.Gregorio dos Anjos, Braga. 1701
46 O P.P.G.Fr.Paulo de S.Antonio, Braga. 1704
47 O P.P.Fr.Joaõ da Coſta, † Barca. 1707
48 O P.P.Fr.Gabriel da Silva, Rio Covo. 1708
49 O P.P.G.Fr.Antonio de Tobar, Porto. 1710
50 O P.P.Fr.Manoel de S.Antonio, Piſcos. 1713
51 O P.P.Fr.Ricardo de Jezus, Braga. 1716
52 O P.M.Fr.Lopo de Atayde, Lisboa. 1719
53 O P.P.Fr.Placido de Jezus M.Matozinhos. 1722
54 O P.P.Fr.Antonio de S.Maria, Aroens. 1725
55 O P.P.Fr.Balthazar de S.Bento, Mezaõ frio. 1728
56 O P.P.Fr.Antonio da Aſcençaõ, Braga. 1731
57 O P.P.Fr.Joaõ da Aſcençaõ, Arcos. 1734
58 O P.M.Fr.Thomás de S.Boaventura, Porto. 1737
59 O P.P.Fr.Manoel de S.Thereza, Vianna. 1740
60 O P.P.Fr.Jozé de S.Boaventura, Braga. 1743
61 O P.P.Fr.Domingos de S.Jozé, Requiaõ. 1748
62 O P.P.Fr.Jozé de S.Maria, Rio de moinhos. 1752
63 O P.P.Fr.Jozé de S.Caetano, Porto. 1755
64 O P.P.Fr.Franciſco de J.M.Ponte do Lima. 1758
65 O P.P.Fr.Manoel de Jezus M. Regalados. 1761
66 O P.P.Fr. Joaõ de Santa Gertrudes, Matozinhos. Rem. 1764
67 O P.P.Fr.Angelo dos Serafins, Lisboa. 1765
68 O P.P.Fr.Melchior de S.Gregorio, Arcos. 1767

MOS-

MOSTEIRO DE S. MIGUEL de Boſtello.

DESTE Moſteiro trata a Bened. Luſit. tom. 2. pag. 249. Entende-ſe, que he fundaçaõ de D.Nuno Paes Souzaõ, tronco nobiliſſimo dos Souzas, em tempo del-Rey D.Fernando Magno, bizavo do noſſo primeiro Rey D.Affonſo Henriques, pelos annos de Chriſto 1039. Os ſeus Priores, e Abbades triennaes ſaõ eſtes.

1 Prior O P.Fr.Antonio de Riodouro. 1575
2 O meſmo Padre Fr.Antonio. 1578
3 O P.Fr.Andre de Rio douro. 1581
4 O P.Fr.Bento de Rio douro. 1587
5 O P.Fr.Bento da Palma. 1590
6 O P.Fr.Bento da Paz, Villa do Conde. 1593
1 Abbade O P.Fr.Joaõ do Rozario, Monte longo. 1596
2 O P.Fr.Antonio de Barboza, † 1599
3 O P.Fr.Archanjo dos Reys, Porto. 1601
4 O meſmo P.Fr.Archanjo, reeleito. 1602
5 O P.Fr.Bento dos Rios, Entre rios. Ren. 1605
6 O P.Fr.Joaõ do Rozario, ſegunda vez. 1607
7 O meſmo P.Fr.Joaõ, reeleito. 1608
8 O P.Fr.Mauro Tinoco, Barcellos. 1611
9 O P.Fr.Feliciano da Graça, Tibaens. 1614
10 O P.Fr.Diogo de Carvalho, Lisboa. 1617
11 O P.Fr.Bento de Lacerda, Porto. 1620
12 O P.Fr.Theodozio de S.Bento, Lamego. 1623
13 N.P.Fr.Manoel de S.Cruz, Villa do Cõde. 1626
14 O P.Fr.Urbano de S. Paulo, Braga. 1629

15 O P.Fr.Thomás do Salvador, Villa do Cõde. 1632
16 O P.Fr.Fructuoso do Espirito S. Ferreira. 1635
17 O P.Fr.Thomás do Salvador, † seg.vez. 1638
18 O N.P.M.Fr.Antonio de S.Bento, Vianna. 1640
19 O P.Fr.Fructuozo do Espirito S.seg.vez. 1641
20 O P.P.Fr.Jozé dos Reys, Villa do Conde. 1644
21 O P.M.Fr.Joaõ de Portugal, Lisboa. 1647
22 O P.P.Fr.Antonio Carneiro, Villa do Cõde. 1650
23 O P.P.G.Fr.Antonio dos Anjos,
Villa nova do Porto. 1653
24 O P.P.Fr.Amador de S. Maria, Cahyde. 1656
25 O P.P.Fr.Mathias Cirne, Vianna. 1659
26 O P.P.Fr.Mancio dos Martyres, Massarelos. 1662
27 O P.P.Fr.Manoel Pessoa, Porto. 1665
28 N.P.Fr.Vicente dos Santos, Arrifana. 1668
29 O P.Fr.Leandro do Soccorro, Dantes. 1671
30 O P.P.Fr.Jeronimo de Christo, Lagares. 1674
31 O P.Fr.Paulo de S.Joze. Portella de Leitoẽs 1677
32 O P.P.Fr.Miguel dos Anjos, † Pendorada. 1680
33 O P.P.G.Fr.Alexandre da Paixaõ, Amarãte. 1680
34 O P.M.Fr.Martinho da Conceiçaõ, Portella. 1683
35 O P.P.Fr.Baptista de Jezus, Pendorada. 1686
36 O P.P.Fr,Balthazar de S.Paulo, † Braga. 1689
37 O P.P.Fr.Manoel do Espirito Santo, Porto. 1689
38 O P.P.Fr.Francisco dos Reys, Leça. 1692
39 O P.P.Fr.Manoel de Espirito Sãto, seg.vez. 1695
40 O P.M.Fr.Jeronimo Peixoto, Guimaraens. 1698
41 O P.P.Fr.Martinho de Christo, †
Recezinhos. 1701
42 O P.P.Fr.Mathias de Lacerda, Villa real. 1702
43 O mesmo P.Fr.Mathias, reeleito. 1704
44 O P.P.G.Fr.Luiz de S.Boaventura, Lisboa. 1707

45 O P.P.Fr.Manoel de Macedo, Faya. 1710
46 N.P.M.Fr.Jozé de S.Maria, Arrifana. 1713
47 O P.P.Fr.Bento do Espirito S. Burgaens. 1716
48 O P.P.Fr.Joaõ Gualberto, Cabril. 1719
49 O P.P.Fr.Joaõ de S.Lourenço, Douro. 1722
50 O P.P.Fr.Luiz da Conceiçaõ, Basto. 1725
51 O P.P.Fr.Joaõ de S.Clara, Lagares. Rem. 1728
52 O P.M.Fr.Francisco de S.Thomás, Porto. 1728
53 O P.M.Fr.Lopo de Atayde, Lisboa. 1731
54 O P.P.Fr.Manoel de S.Antonio, Alvaraẽs. 1734
55 O P.P.Fr.Antonio dos Anjos, Arrifana. 1737
56 O P.M.Fr.Joaõ Baptista, Villa real. 1740
57 O P.P.Fr.Joaõ de S. Verissimo,
Ponte do Porto. 1743
58 O P.P.Fr.Antonio de S.Anna, Ouro. 1748
59 N.P.Fr.Manoel de S.Thomás, Vizeu. 1752
60 O P.M.Fr.Manoel dos Santos, † Porto. 1755
61 O P.P.Fr.Manoel de S.Jacinto, Braga. 1758
62 O P.P.Fr.Jeronimo de S.Thereza, Cadeáde. 1758
63 O P.P.Fr.Luiz de S.Caetano, Cassourado. 1761
64 O P.P.Fr.Manoel de Santo Thomás,
Ponte do Louro. 1764
65 O P.M.Fr.Manoel de S.Antonio, Cahyde. 1767

MOSTEIRO DE S. MARIA de Carvoeiro.

DESTE Mosteiro trata a Bened. Lusit. tom. 2. pag. 109. Entende-se que a sua fundaçaõ foi pelos annos de 900. e que D. Payo Guterres foi o seu fundador. Os seus Priores, e Abbades triennaes saõ os seguintes.

1 Prior O P.Fr.Francifco da Lagoa. 1578
2 O P.Fr.Bernardo de Braga. 1581
3 O P.Fr. Bernardo de Refoyos. 1584
4 O P.Fr.Bento da Paz. 1587
5 O mefmo P.Fr.Bento da Paz. 1589
6 O P.Fr.Rozendo de S.Lourenço. 1590
7 O P.Fr.Andre de Rio douro. 1591
8 O P.Fr.Antonio da Afcençaõ. 1592
9 O P.Fr.Joaõ do Rozario. 1593
10 O P.Fr.Chriftovaõ de Jezus. 1593
11 O P.Fr.Leandro Freire. 1596
12 O P.Fr.Cyprianno de Santo Andre. 1599
1 Abbade O P.Fr. Prudencio de S.Thome, † Monte longo. 1602
2 N.P.Fr.Antonio dos Reys , Azurar. 1604
3 O P.Fr.Antonio da Afcençaõ, Monte longo. 1605
4 O P.Fr.Eugenio de Santiago, Arrifana. 1608
5 O P.Fr.Jeronimo de Azevedo , Azevedo. 1611
6 O P.Fr.Joaõ do Apocalypfe, Guimaraens. 1614
7 O P.Fr.Balthazar da Aprefentaçaõ , Paço de Souza. 1617
8 O P.Fr.Romano Cerveira , Braga. 1620
9 O P.Fr.Miguel da Trindade, Villa do Cõde. 1623
10 O P.Fr.Bento de Lacerda , Porto. 1626
11 N.P.Fr.Thomás do Soccorro , Braga. 1629
12 O P.Fr.Gregorio da Cruz , Braga. 1632
13 N.P.Fr.Thomás do Soccorro , feg.vez. 1635
14 O P.Fr.Gregorio da Cruz , fegunda vez. 1638
15 O P.Fr.Joaõ da Efperança , Coimbra. 1641
16 O P.P.Fr.Francifco Coimbra , Braga. 1644
17 O P.P.Fr.Francifco do Efpirito S. Bafto. 1647
18 O P.P.Fr.Jozé dos Reys Villa do Conde. 1650

† nesto anno foi eleito ...

19 O P.P.Fr.Antonio das Chagas,
Villa do Conde. 1653
20 O P.P.Fr.Joaõ Carneiro, Villa do Conde. 1656
21 O P.P.Fr.Jeronimo da Trindade,
Ribeira de Pena. 1659
22 O P.P.Fr.Antonio Carneiro, Villa do Cõde. 1662
23 O P.P.Fr.Jeronimo da Trindade, ſeg.vez. 1665
24 O P.M.Fr.Andre da Cruz, Braga. 1668
25 O P.P.Fr.Antonio de S.Thomás, Braga. 1671
26 O P.P.Fr. Domingos da Aſſumpçaõ,
Guimaraens. 1674
27 O P.P.Fr.Bento dos Reys, Villa do Cõde. 1677
28 O P.P.Fr.Domingos da Aſſumpçaõ, ſeg.vez. 1680
29 O P.P.Fr.Joaõ Carneiro, † ſegunda vez. 1683
30 O P.P.Fr.Paulo dos Santos, Villa do Cõde. 1684
31 O P.P.Fr.Paulo dos Santos, † reeleito. 1686
32 O P.M.Fr.Dionyzio de Santo Antonio,
Villa do Conde. 1687
33 O P.P.Fr.Manoel dos Reys,
Rio de Moinhos. 1689
34 O P.M.Fr.Franciſco de S. Bento,
Villa do Conde. 1692
35 O P.P.Fr.Manoel Veigaõ, Porto. 1695
36 O P.P.Fr.Luiz de S.Bento. Porto. Rem. 1698
37 O P.P.Fr.Gonçalo da Madre de Deos,
Ponte do Lima. 1700
38 O P.P. Fr.Joaõ da Graça, Barcellos. 1701
39 O P.M.Fr.Jeronimo de Sãtiago, Guimaraẽs. 1704
40 O P.M.Fr.Antonio de S.Miguel, Azurar. 1707
41 O P.P.Fr.Bento do Eſpirito Santo, Burgaẽs. 1710
42 O P.P.Fr.Jeronimo de S. Payo,
Ponte do Lima. 1713
43 O P.P.Fr.Joaõ Salgado, Porto. 1716

44 O P.M.Fr.Joaõ do Espirito S. Braga. Ren. 1719
45 O P.P.G.Fr.Christovaõ de Jezus M.Arcos. 1719
46 O P.P.Fr.Damiaõ do Espirito S.Farelaens. 1722
47 O P.P.Fr.Balthazar de Sãtiago,Fõte arcada. 1725
48 N.P.M.Fr.Manoel da Graça,Põte do Lima. 1728
49 O P.M.Fr.Joaõ do Espirito Sãto , seg.vez. 1731
50 O P.P.Fr.Ricardo da Conceiçaõ, Meinedo. 1734
51 O P.P.Fr.Antonio de S. Boaventura ,
Ponte do Lima. 1737
52 O P.P.Fr.Domingos da Trindade, Braga. 1740
53 O P.P.Fr.Manoel dos Anjos , Braga. Rem. 1743
54 O P.P.Fr.Miguel de S.Antaõ, Guimaraens. 1745
55 O P.P.Fr.Joaõ de S.Maria , S.Thome. 1748
56 O P.P.Fr.Francisco de S.Cecilia , Porto. 1752
57 O P.P.Fr.Jeronimo de S. Miguel ,
Ponte do Porto. 1755
58 O P.P.Fr.Francisco de S.Anna , Foz. 1758
59 O P.P.Fr.Jozé S.Jeronimo , Porto. 1761
60 O P.P.Fr.Pantaleaõ de S.Thomás,Silváde. 1764
61 O P.M.Fr.Antonio de S. Thomás de Cantuaria , Braga. 1767

MOSTEIRO DO SALVADOR de Palme.

DESTE Mosteiro trata a Bened. Lusit. tom. 2. pag. 235. Foi edificado no anno de Christo de 1028. por hum Fidalgo chamado Lovezendo da familia de Sazi , que tinha sua nobre caza entre as ribeiras dos dous rios Lima , e Neiva. Os seus Priores , e Abbades triennaes saõ os seguintes.

1 Prior O.P.Fr.Gonçalo de Geraz. 1575
2 O P.Fr.Bernardo de Refoyos. 1581
3 N.P.Fr.Antonio da Silva, Pombeiro. 1584
4 O P.Fr.Gaſpar da Paz, Villa do Conde. 1587
1 Abbade, O meſmo P.Fr.Gaſpar da Paz. 1588
2 O P.Fr.Domingos da Cruz. 1590

No Cap.G.celebrado em Lisboa a 9. de Mayo de 1593. ſe unio eſte Moſteiro ao de Lisboa ate o anno de 1605.

3 O P.Fr.Rafael Nogueira, Coimbra. 1605
4 O P.Fr.Remigio dos Martyres, Braga. 1608
5 O P.Fr.Pedro Grimpo, Guimaraens. 1611
6 O P.Fr.Gaſpar Pinto, Entre ambos os rios. 1614
7 O P.Fr.Lucas da Conceiçaõ, Braga. 1617
8 O P.Fr.Rogerio dos Santos, Barcellos. 1620
9 O P.Fr.Lucas da Conceiçaõ, ſegunda vez. 1623
10 O P.Fr.Balthazar Carneiro, Villa do Cõde. 1626
11 O P.Fr.Martinho Moreira, Guimaraens. 1629
12 O P.Fr.Zacharias Ozorio, Amarante. 1632
13 O P.Fr.Chriſoſtomo da Cruz, Setuval. 1635
14 O P.Fr.Bento da M.de Deos, Villa do Cõde. 1638
15 O P.Fr.Agoſtinho da Aprezẽtaçaõ, Coimbra. 1641
16 N.P.P.G.Fr.Bento da Gloria, Arrifana. 1644
17 N.P.Fr.Vicente Rangel, Porto. 1647
18 O P.P.Fr.Bento de Jezus, Braga. 1650
19 O P.P.Fr.Clemente da Aſſumpçaõ, Lisboa. 1653
20 O P.P.G.Fr.Antonio da Silva, Alcobaça. 1656
21 O P.P.Fr.Mauro da Coſta, Barca. 1659
22 O P.P.Fr.Joaõ Novaes, Guimaraens. 1662
23 O P.P.Fr.Bento dos Reys, Baſto. 1665
24 O P.P.Fr.Joaõ do Eſpirito S. Recezinhos. 1668
25 O P.P.Fr.Matheus da Aſſumpçaõ,

Vil-

Villa do Conde. 1671
26 O P.P.Fr.Joaõ do Efpirito Santo , feg.vez. 1674
27 O P.P.Fr.Balthazar de S. Paulo, Braga. 1677
28 O P.M.Fr.Francifco Bezerra , Vianna. 1680
29 O P.Fr.Marcos de S.Bento , Braga. 1683
30 O P.P.Fr.Manoel da Encarnaçaõ ,
Villa do Conde. 1686
31 O P.P.G.Fr.Roque de S.Vicẽte,Guimaraẽs. 1689
32 O P.P.Fr.Miguel Coimbra , Braga. 1692
33 O P.P.Fr.Joaõ de S.Thomás , Arrifana. 1695
34 O P.P.Fr.Cypriano de S.Frãcifco,Caminha. 1698
35 O P.P.G.Fr.Manoel de Santiago, Lobaõ. 1701
36 O P.P.Fr.Manoel Cardozo,S.Pedro do Sul. 1704
37 O P.P.Fr.Ambrozio de S. Bento , Vianna. 1707
38 O P.P.G.Fr.Manoel de Santiago , feg.vez. 1710
39 O P.P.Fr.Manoel da Silva , † Lisboa. 1713
40 O P.P.Fr.Joaõ de Mõte Caffino,Guimaraẽs. 1713
41 O P.P.Fr.Chriftovaõ da M.de Deos,Arrifana 1716
42 O P.P.Fr.Joaõ das Chagas, Guimaraens. 1719
43 O P.P.Fr.Bento de S.Thomás, Arrifana. 1722
44 O P.P.Fr.Antonio da Piedade , Arrifana. 1725
45 O P.P.Fr.Domingos da Conceiçaõ ,
Guimaraens. 1728
46 O P.P.Fr.Luiz do Efpirito Santo, Braga. 1731
47 O P.P.Fr.Fulgencio do Efpirito S.Braga. 1734
48 O P.P.Fr.Francifco dos Santos, Ferreira. 1737
49 O P.P.Fr.Manoel do Efpirito S. † Fóz. 1740
50 O P.P.Fr.Joaõ de Santa Maria , S.Thome. 1740
51 O P.P.Fr.Francifco Xavier de S.Placido ,
Ponte do Lima. 1743
52 O P.M.Fr.Manoel de S.Antonio , Cahyde. 1748
53 O P.M.Fr.Joaõ de S. Bento , Londres. 1752

54 O P.P.Fr.Joaõ de S.Maria , segunda vez. 1755
55 O P.P.Fr.Felis dos Martyres, Amarante. 1758
56 O P.P.G.Fr.Joaõ dos Reys, Porto. 1761
57 O P.P.Fr.Manoel da Conceiçaõ, Villa real. 1764
58 O P.P.Fr.Lourenço de S. Jozé, Porto. 1767

MOSTEIRO DE S. JOAÕ de Arnoya.

DESTE Mosteiro trata a Bened. Lusit. tom. 2. pag. 237 Dom Munio Moniz, foi o fundador delle, segundo as melhores conjecturas, como se collige do epitafio da sua sepultura, gravado no anno de 1072. Os seus Prelados trienaes saõ estes:

1 Prior O P.Fr.Mauro da Esperança. 1581
2 O P.Fr.Bento de Lisboa. 1584
3 O P.Fr.Bento dos Rios. 1587
4 O P.Fr.Bernardo de Refoyos. 1590

No Cap. G. celebrado em Lisboa em Mayo de 1593. se unio este Mosteiro ao Collegio de Coimbra, e nos doze annos seguintes, se governou com Prezidentes, que nomeavaõ os Geraes.

1 Abbade O P.Fr.Ildefonso de S.M.Cepeda. 1605
2 O P.Fr.Andre da Ascençaõ, Porto. 1608
3 O P.Fr.Ildefonso de S.Maria, segunda vez. 1611
4 O P.Fr.Andre da Ascençaõ, segunda vez. 1614
5 O P.Fr.Damiaõ da Fonceca, Braga. 1617
6 O P.Fr.Ildefonso de S.Maria, terc. vez. Ren. 1620
7 O P.Fr.Agostinho da Aprezentaçaõ, Coimbra. 1620

8 O P.Fr.Jeronimo Pessoa, Porto. 1623
9 O Pr.Thomé da Ressurreiçaõ,
Torres vedras. 1626
10 O P.Fr.Agostinho da Aprezentaçaõ,seg.vez. 1629
11 O P.Fr.Balthazar Carneiro, Villa do Cõde. 1632
12 O P.Fr.Gerardo de S.Thryso, Bostello. 1635
13 O P.Fr.Miguel da Trindade, Villa do Cõde. 1638
14 O P.Fr.Damiaõ de Jezus, Amarante. 1641
15 O P.Fr.Frãcisco da Annũciaçaõ,Guimaraẽs. 1644
16 O P.Fr.Bento de Meira. 1647
17 O P.Fr.Pedro de Christo, Melres. 1650
18 O P.P.Fr.Bento dos Reys, Villa do Cõde. 1653
19 O P.P.Fr.Thomás da Costa, Lisboa. 1656
20 O P.P.Fr.Bento dos Reys, segunda vez. 1659
21 O P.M.Fr.Joaõ de Azevedo, Azevedo. 1662
22 O P.M.Fr.Christovaõ de Mirãda,Barcellos. 1665
23 O P.P.Fr.Antonio das Chagas,
Villa do Conde. 1668
24 O P.P.Fr.Paulo de S.Jozé,
Portella de Leitoens 1671
25 O P.P.Fr.Miguel dos Anjos,
S. Lourenço do Douro. 1674
26 O P.P.Fr.Thome da Ascençaõ,† Canellas. 1677
27 O P.Fr.Manoel de S.Anna, † Matozinhos. 1678
28 O P.P.Fr.Francisco da Ascençaõ,
Villa nova do Porto. 1679
29 O mesmo P.Fr.Francisco, reeleito. 1680
30 O P.P.Fr.Thomás de S.Bento, Arrancadas. 1683
31 O P.P.Fr.Manoel da Ascençaõ, Arrifana. 1686
32 O P.P.Fr.Paulo de S.Pedro, Abragaõ. 1689
33 O P.P.Fr.Miguel de Lemos, Arrifana. 1692
34 O P.P.Fr.Joaõ de Mõte Cassino,Guimaraẽs. 1695

35

35 O P.P.Fr.Ignacio Leite, Guimaraens. 1698
36 O P.P.Fr.Manoel de S.Antonio, Piscos. 1701
37 O P.P.Fr.Bento de S.Maria, Guimaraens. 1704
38 O P.P.Fr.Joaõ do Espirito S. Basto. 1707
39 O P.P.Fr.Joaõ Baptista, Sentiaens. 1710
40 O P.P.Fr.Joaõ do Espirito Santo, seg.vez. 1713
41 O P.P.Fr.Manoel de S.Gonçalo, Amarante. 1716
42 O P.P.Fr.Antonio da Luz, Guimaraens. 1719
43 O P.M.Fr.Joaõ Evangelista, Arrifana. 1722
44 O P.P.Fr.Lourenço de S.Bento, Porto. 1725
45 O P.P.Fr.Boaventura da Ascençaõ, Azurar. 1728
46 O P.M.Fr.Jozé de S.Boaventura, Arrifana. 1731
47 O P.P.Fr.Mathias de S.Jozé, Lagares. 1734
48 O P.P.Fr.Joaõ de S. Maria de Oliveira, Guimaraens. 1737
49 O P.M.Fr.Roque de S.Antonio, Arrifana. 1740
50 O P.P.Fr.Bento de S.Luiz, Braga. 1743
51 O P.P.Fr.Antonio dos Anjos, Arrifana. 1748
52 O P.P.Fr.Joaõ de S.Jozé, Matozinhos.N.A. 1752
53 O P.P.Fr.Felis dos Martyres, Amarante. 1752
54 O P.P.Fr.Fernando Baptista, Teixeiró. 1755
55 O P.P.Fr.Antonio da Soledade, Marecos. 1758
56 O P.P.Fr.Jozé de S.Gertrudes, Lisboa.N.A. 1761
57 O P.P.Fr.Jozé do Desterro, Villa real. 1761
58 O P.P.Fr.Fernando de S.Jozé, Fõte arcada. 1764
59 O P.Fr.Alexandre de S.Antonio, Fóz. 1767

MOS-

MOSTEIRO DE S. MARTINHO do Couto.

DESTE Mosteiro trata a Bened. Lusit. tom. 2. pag. 277. Dizem huns que o seu fundadòr foi D.Egas Moniz o Gascaõ ; o Conde D. Pedro no tit. 58. affirma, que foi D. Payo Gutteres da Silva ; outros, com melhor fundamento, entendem, que foi huma Senhora D. Godinha, pelos annos de 1091. Os Prelados deste Mosteiro saõ os seguintes :

1 Abbade N.P.Fr. Antonio da Silva, Pombeiro 1584
Naõ teve effeito esta eleiçaõ.
2 O P.Fr.Estevaõ da Cruz, Coura. 1596
3 O mesmo P.Fr.Estevaõ, reeleito. 1599
4 O P.Fr.Prudencio de Beça, Villa Real. 1602
5 O P.Fr.Pedro Quaresma, Barreiro. 1605
6 O P.Fr.Luiz da Assumpçaõ, Lisboa. 1608
7 O P.Fr.Luiz de Jezus, Lisboa. 1611
8 O P.Fr.Bento de Lacerda, Lisboa. 1614
9 O P.Fr.Simaõ Borges, Ourem. 1617
10 O P.Fr.Archanjo, Lisboa. 1620
11 O P.Fr.Chrysostomo da Cruz, Setuval. 1623
12 O P.Fr.Ildefonso de S. Maria, † Cepeda. 1626
13 O P.Fr.Pedro da Encarnaçaõ, Coimbra. 1626
14 O P.Fr.Jeronimo Pessoa, Porto. 1629
15 O P.Fr.Pedro da Encarnaçaõ, seg. vez. 1632
16 O P.Fr.Alberto do Salvador, Arnoya. 1635
17 O P.Fr.Manoel da Cunha, Lisboa. 1638
18 O P.Fr.Agostinho da Aprezẽtaçaõ, Coimbra 1641
19 O P.Fr.Antonio da Trindade, Lisboa. 1641
20 O P.Fr.Domingos dos Martyres, Massarelos 1644

21 O P.Fr.Matheus da Aſſampçaõ, Azurar. 1647
22 O P.P.Fr.Manoel do Eſpirito Santo, Villa do Conde. 1650
23 O P.P.Fr.Mathias Cirne, Vianna. 1653
24 O P.Fr.Gaſpar de Benavides, † Barcellos. 1656
25 O P.P.Fr.Mathias de S.Maria, Guimaraens. 1659
26 O meſmo P.Fr.Mathias, reeleito. 1659
27 O P.P.G.Fr.Antonio dos Anjos, † Villa nova do Porto. 1662
28 O P.P.Fr.Antonio Aranha, Porto. 1663
29 O meſmo P.Fr.Antonio, reeleito. 1665
30 O P.P.Fr.Antonio de S.Bento. Villa nova do Porto. 1668
31 O P.P.Fr.Pedro do Eſpirito S.Lisboa. 1671
32 O P.P.Fr.Manoel Baptiſta, Villa do Cõde. 1674
33 O P.P.Fr.Gabriel do Rozario, Porto. 1677
34 O P.P.Fr.Luiz de S.Bento, Porto. 1680
35 O P.P.Fr.Sebaſtiaõ Freire, Porto. 1683
36 O P.P.Fr.Franciſco dos Reys, Leça. 1686
37 O P.P.Fr.Franciſco de Magalhaẽs, Coimbra. 1689
38 O P.P.Fr.Jacinto de S.Bento, † Arrifana. 1692
39 O P.M.Fr.Gregorio de Figueiroa, Vianna. 1693
40 O P.P.Fr.Clemente do Eſpirito S.Arrifana. 1695
41 O P.P.Fr.Manoel da Aſcençaõ, Arrifana. 1698
42 O P.M.Fr.Manoel Lobo, Villa Real. 1701
43 O P.P.Fr.Manoel da Aſcençaõ, ſegũda vez. 1704
44 O P.P.G.Fr.Bento de Jezus, Porto. Ren. 1707
45 O P.P.Fr.Joaõ de S.Lourenço, Douro. 1709
46 O meſmo P.Fr.Joaõ de S.Lourẽço, reeleito. 1710
47 O P.P.Fr.Joaõ Gualberto. Cabril. 1713
48 O P.P.Fr.Domingos do Roſario, Requiaõ. 1716
49 O P.P.Fr.Jeronimo da Natividade, Guimar. 1719

50 O P.P.Fr.Joaõ de S.Clara , Lagares. 1722
51 O P.P.Fr.Izidoro de S.Antonio , Porto. 1725
52 O P.P.Fr.Antonio da Eſperãça,Rio douro. 1728
53 O P.P.Fr.Lourenço de S.Bento, Porto. 1731
54 O P.P.Fr.Manoel de S.Thereza de J.Vianna. 1734
55 O N.P.Fr.Jozé de S. Domingos,
S. Pedro do Sul. 1737
56 O P.P.Fr.Alexandre de S.Bẽto,Rio de ades. 1740
57 O P.P.Fr.Jozé do Naſcimento, Guimaraẽs. 1743
58 O P.P.Fr.Joaõ de S. Thereza,
Villa nova do Porto. 1748
59 O P.P.Fr.Manoel de Jezus M. Regalados. 1752
60 O P.P.Fr.Franciſco de Jezus Maria, Braga. 1755
61 O P.P.Fr.Antonio da M.de Deos,Caniſſadas 1756
62 O P.P.Fr.Sebaſtiaõ de S.Paulo , Fóz. 1758
63 O P.P.Fr.Manoel de S.Agoſtinho, Arouca. 1761
64 O P.P.Fr.Sebaſtiaõ de S.Paulo, ſeg.vez. 1764
65 O P.P.Fr.Bento da Conceiçaõ, Porto. 1767

MOSTEIRO DE S. MARIA de Miranda.

DESTE Moſteiro trata a Bened. Luſit. tom. 1. pag. 470. A fundaçaõ deſta Caza no aſpero ſitio, em que ſe acha, naõ longe da Villa de Ponte do Lima, ſe attribue a S. Fructuozo Arcebiſpo de Braga, e noſſo Monge, pelos annos de 659. ou alguns antes: Os ſeus Abbades triennaes ſaõ os ſeguintes:

1 N.P.Fr.Mancio da Cruz, Braga. 1599

2 O P.Fr.Feliciano da Graça, Tibaens. 1602
3 O P.Fr.Serafino da Aprefentaçaõ, Guimar. 1605
4 O P.Fr.Honorio do Efpirito S.Medroens. 1608
5 O P.Fr.Hilario do Efpirito S. Villa Real. 1611
6 O P.Fr.Jozé do Prezepio, Braga. 1614
7 O P.Fr.Miguel da Trindade, Villa do Cõde. 1617
8 O P.Fr.Manoel da Cruz, Villa do Conde. 1620
9 O P.Fr.Damiaõ da Fonceca, Braga. 1623
10 O P.Fr.Bartholomeu da Efperança, † Canavezes. 1626
11 O P.Fr.Martinho de Almeida, Lisboa. 1627
12 O P.Fr.Fructuozo Ferreira, Ferreira. 1629
13 O P.Fr.Miguel da Trindade, fegunda vez. 1632
14 O P.Fr.Bento de Macedo, Guimaraens. 1635
15 O P.Fr.Bazilio Carneiro, Villa do Conde. 1638
16 O P.Fr.Lourenço de Jezus, Vianna. 1641
17 O P.Fr.Roberto dos Reys, Braga. 1644
18 O P.Fr.Sebaftiaõ Carneiro, Chavez. 1647
19 O P.Fr.Balthazar dos Reys, Abragaõ. 1650
20 O P.Fr.Mauro da Cofta, Barca. 1653
21 O P.Fr.Antonio dos Reys, Braga. 1656
22 O P.Fr.Sebaftiaõ Carneiro, fegunda vez. 1659
23 O P.Fr.Joaõ de Santa Maria. 1662
24 O P.Fr.Jozé do Defterro, Miragaya. 1665
25 O P.Fr.Manoel Francez, Ponte do Lima. 1668
26 O P.Fr.Frãcifco da Trindade, Villa do Cõde. 1671
27 O P.Fr.Simaõ da Affumpçaõ, Paços de Gayolo. 1674
28 O P.Fr.Paulo de Jezus, Vizella. 1677
29 O P.Fr.Manoel Francez, fegunda vez. 1680
30 O P.Fr.Paulo de S.Pedro, Abragaõ, 1683
31 O P.Fr.Joaõ de S.Miguel, Joanne. 1686

32

32 O P.Fr.Martinho de Christo, Recezinhos. 1689
33 O P.Fr.Ignacio Leite, Guimaraens. 1692
34 O P.Fr.Jozé de Brito, Arcos. 1695
35 O P.Fr.Bento de S.Maria, Guimaraẽs. 1698
36 O P.Fr.Simaõ de Mesquita, Castelloens. 1701
37 O P.Fr.Manoel da Gloria, Ferreira. 1704
38 O P.Fr.Manoel Bravo, Braga. 1707
39 O P.Fr.Gregorio dos Anjos, Braga. 1710
40 O P.Fr.Gabriel da Silva, Rio Covo. 1713
41 O P.Fr.Pedro da Conceiçaõ, Lisboa. 1716
42 O P.Fr.Antonio da Piedade, Arrifana. 1719
43 O P.Fr.Anselmo de S.Gonçalo, Amarante. 1722
44 O P.Fr.Antonio da Ascençaõ, Braga. 1725
45 O P.Fr.Manoel de S.Antonio, Alvaraens. 1728
46 O P.Fr.Joaõ do Rozario, Fafe, 1731
47 O P.Fr.Bento da Conceiçaõ, Vianna. 1734
48 O P.P.Fr.Manoel dos Anjos, Braga. 1737
49 O P.P.Fr.Pedro da Ascençaõ, Braga.N.A. 1740
50 O P.P.Fr.Antonio de S.Anna, Ouro. 1740
51 O P.P.Fr.Manoel de S.Francisco, † Vianna. 1743
52 O P.P.Fr.Antonio de S.Anna, segũda vez. 1748
53 O P.P.Fr.Antonio de S.Maria, † Braga. 1748
54 O P.P.G.Fr.Joaõ de S.Anna, Massarelos.N.A. 1749
55 O P.P.Fr.Manoel de Jezus, † Paranhos. 1749
56 O P.P.Fr.Manoel da Graça, Põte do Lima. 1750
57 O mesmo P.Fr.Manoel, reeleito. 1752
58 O P.P.Fr.Placido de S.Thereza, Braga. 1755
59 O P.P.Fr.Domingos de S.Jozé, Requiaõ. 1758
60 O P.P.Fr.Joaõ de S.Jozé, Ponte do Lima. 1761
61 O P.P.Fr.Manoel de S.Gertrudes, Braga. 1764
62 O P.P.Fr.Manoel de S.Agostinho, Arouca. 1767

MOS-

MOSTEIRO DE S. JOAÕ de Cabanas.

DESTE Mosteiro trata a Bened. Lusit. tom. 1. pag. 409. Consta ser fundado por S. Martinho Dumiense, ou em seu tempo pelos annos de Christo de 564. Os seus Abbades triennaes saõ os seguintes:

1 O P.Fr.Gregorio do Salvador. 1590

2 O P.Fr.Leaõ de S.Bento, Braga. 1613

3 O P.Fr.Thomás do Salvador, Villa do Cõde 1614

4 O P.Fr.Theodozio de S.Bento, † Lamego. 1617

5 O P.Fr.Joaõ do Rozario, Monte longo. 1617

6 O P.Fr.Francisco de Jezus, Lisboa. Ren. 1620

7 O P.Fr.Egidio da Aprezentaçaõ, Villa Real. 1620

8 O P.Fr.Prudencio das Chagas, Villa Real. 1623

9 O P.Fr.Joaõ Baptista, Aveyro. 1626

10 O P.Fr.Paulo do Salvador, Braga. 1629

11 O P.Fr.Manoel da Trindade, Braga. 1632

12 O P.Fr.Domingos dos MM. Villa do Cõde. 1635

13 O P.Fr.Urbano da Gama, Lisboa. 1638

14 O P.Fr.Mauro da Aprezentaçaõ, Lisboa. 1641

15 O P.Fr.Mauro dos Anjos, Villa do Conde. 1644

16 O P.Fr.Manoel Francez, Ponte do Lima. 1647

17 O P.M.Fr.Joaõ Pereira, Villa Real. 1650

18 O P.Fr.Salvador de Jezus, Pendorada. 1653

19 O P.Fr.Salvador, reeleito. 1656

20 O P.Fr.Felis de Barros. 1659

21 O P.Fr.Bernardo Soares. 1662

22 O P.Fr.Leandro do Soccorro, Famelicaõ. 1665

23 O P.Fr.Giraldo da Aprezentaçaõ, Braga. 1668

24 O P.Fr.Roque da Natividade, Guimaraẽs. 1671

25 O P.Fr.Diogo do Rozario. 1674

26

26 O P.Fr.Valentim dos Martyres. 1677
27 O P.Fr.Baptista de Jezus, Pendorada. 1680
28 O P.Fr.Manoel dos Reys, Recezinhos. 1683
29 O P.Fr.Pedro da Piedade, Pendorada. 1686
30 O P.Fr.Manoel Veigaõ, Porto. 1689
31 O P.Fr.Pedro da Piedade, segunda vez. 1692
32 O P.Fr.Roque da Conceiçaõ, Guimaraens. 1695
33 O P.Fr.Manoel da Gloria, Ferreira. 1698
34 O P.Fr.Ricardo de Jezus, Braga. 1701
35 O P.Fr.Pedro de Vascõcelos, Põte do Porto 1704
36 O P.Fr.Manoel de S.Antonio, Piscos. 1707
37 O P.Fr.Jozé das Chagas, Alhos vedros. 1710
38 O P.Fr.Joaõ de S.Miguel, Joanne. 1713
39 O P.Fr.Damiaõ do Espirito S. Farelaens. 1716
40 O P.Fr.Antonio de S.Maria, Aroens. 1719
41 O P.P.Fr.Domingos da Cõceiçaõ, Guimar. 1722
42 O P.P.Fr.Manoel de Jezus, Recezinhos. 1725
43 O P.P.Fr.Constantino de S.Luiz, Bitaraens. 1728
44 N.P.Fr.Jozé de S.Domingos, S.Pedro do Sul. 1731
45 O P.Fr.Luiz da Madre de Deos, Porto. 1734
46 O P.P.Fr.Gabriel da Piedade, Vianna. 1737
47 O P.P.Fr.Manoel da Ascençaõ, Braga. 1740
48 O P.P.Fr.Roque da Ascençaõ, Arrifana. 1743
49 O P.P.G.Fr, Pedro de Nazareth, Guimaraẽs 1748
50 O P.P.G.Fr.Felipe de Santiago, Lisboa. 1752
51 O P.P.Fr.Luiz de S.Carlos, Rẽdufe. Ren. 1755
52 O P.P.Fr.Luiz de S.Jozé, Douro. 1757
53 O P.P.Fr.Luiz de S.Jozé, reeleito. 1758
54 O P.P.Fr.Sebastiaõ de S. Boaventura, Quebrantoens. 1761
55 O P.P.Fr.Fernãdo de S.Placido, Refõtoura. 1764
56 O P.P.Fr.Jozé da Annunciaçaõ, Bayroz. 1767

SEN-

NOTICIA DA PROVINCIA do Brazil.

SENDO a Provincia de S. Bento no Principado do Brazil huma filiaçaõ illuſtre, e eſtimavel deſta Congregaçaõ Benedictina de Portugal, julguei conveniente dar huma noticia della, e dos Prelados Mayores hum Catalogo, neſte lugar, por ſer muito breve a memoria, que faz da meſma Prouincia a Benedictina Luſit.tom.2. pag. 442.

No II. Capitulo Geral de 1575. ſe determinou, que querendo El-Rey, que na India, Brazil, e lugares Ultramarinos tiveſſe a noſſa Religiaõ Moſteiros, poderia o Rmo.P.Geral mandar os Religioſos, que lhe pareceſſe a eſtas fundaçoens.

No IV. Capitulo Geral de 1581. celebrado em Lisboa, pediraõ os moradores da Cidade da Bahia, lhe mandaſſem Mõges deſta nova Reforma para ſua conſolaçaõ, e que ficava á conta do ſeu cuidado o que lhe foſſe precizo para paſſar a vida.

Attendeo o Rmo. Fr. Placido de Villalobos eſta ſupplica, e mandando Religioſos, o Biſpo, e moradores os receberaõ com grande alegria, e lhe deraõ a Ermida, ou Igreja de S.Sebaſtiaõ para edificar hum Moſteiro, o que logo ſe executou.

No V. Capitulo Geral de 1584. celebrado em Pombeiro, ſe unio o dito Moſteiro a eſta Congregaçaõ; e começou a ter Abbades, que foraõ os ſeguintes:

1 O P.Fr.Antonio Ventura, no Cap. G. de 1584
2 O P.Fr.Luiz do Eſpirito Sãto, no Cap.G.de 1587
3 O P.Fr.Thomás de Touro.

Na

Na Junta de 4. de Junho. 1591
4 N.P.Fr. Mancio da Cruz.
Na Junta de 22. de Junho. 1595
5 O P.Fr.Clemente das Chagas.
Na Junta de 22. de Agosto de 1596
Nesta Junta se ordenou, que o Mosteiro da Bahia fosse Cabeça de todos os daquelle Estado, e o Abbade delle fosse Abbade Provincial; e foi o 1. o dito P. Fr.Clemente das Chagas.
2 N.P.Fr.Thomás do Soccorro.
Na Junta de 7. de Setembro de 1602
3 O P.Fr.Luiz Moreira.
Na Junta de 8. de Janeiro de 1607
4 O P.Fr.Romano Cerveira. 1609
Na Jũta de 26. de Junho de 1612. por haver chegado Breve Apostolico para o Provincial gozar todos os privilegios dos Abbades, sem o ser de Caza algũa particular, se estabeleceo, e assentou fosse Provincial, sem ter Abbadia de nenhum Mosteiro, cuja ley ficou em uzo.
5 O P.Fr.Roberto de Jezus.
Na Junta de 11. de Fevereiro de 1613
6 O P.Fr.Paulo Peixoto.
Na Junta de 28. de Dezembro de 1616
7 O P.Fr.Cypriano de S. Bento.
Na Junta de 14. de Junho de 1619
8 O P.Fr.Bernardino de Oliveira.
Na Junta de 12. de Setembro de 1622
9 O P.Fr.Diogo da Silva. †
Na Junta de 6. de Julho de 1628

10 O P.Fr.Angelo de Azevedo.
Na Junta de 31. de Dezembro de 1629

11 O P.Fr.Bernardino de Oliveira, ſegũda vez.
Na Junta de 17. de Mayo de 1632

12 O P.Fr.Domingos do Rozario.
No Capitulo Geral de 1635

13 O Fr.Jozé de Amarante.
Na Junta de 17. de Mayo de 1638

14 N.P.Fr.Damazo da Silva, Guimaraens.
Na Junta de Mayo de 1641

15 O P.Fr.Joaõ da Vitoria
Na Junta de 29 de Julho de 1644

16 N.P.M.Fr.Gregorio de Magalhaẽs, Travãca.
Na Junta de 26. de Setembro de 1647

17 O P.M.Fr.Bernardo de Braga.
Na Junta de 27. de Setembro de 1650

18 O P.Fr.Mancio dos Martyres.
Na Junta de 18. de Mayo de 1656

19 O P.Fr.Bento dos Reys.
Na Junta de 14. de Julho de 1659

20 O P.P.Fr.Diogo Rangel, Rio de Janeiro.
Na Junta de 19. de Julho de 1662

21 O P.M.D.Fr.Franciſco da Viſitaçaõ.
Na Junta de 8. de Agoſto de 1665

22 O P.M.D.Fr.Balthazar Pinto.
Na Junta de 18. de Julho de 1668

23 O P.P.G.Fr.Pedro do Eſpirito Santo.
Na Junta do 1. de Fevereiro de 1671

24 O P.Fr.Antonio da Trindade, Bahia.
Na Junta de 17. de Mayo de 1674

25 O P.P.Pr.Franciſco do Rozario, Barró.
Na Junta de 3. de Janeiro de 1679

26 O P.P.Fr.Bento da Purificaçaõ, Leſſa.
Na Junta de 22. de Setembro de 1682
27 O meſmo P.Fr.Bento, reeleito.
Na Junta de 24. de Novembro de 1687
28 O P.M.Fr.Paſcoal do Eſpirito Sãto,Lisboa.
Na Junta de 5. de Dezembro de 1690
29 O P.M.Fr.Jeronimo de S. Bento, Porto.
Na Junta de 13. de Fevereiro de 1694
30 O P.M.Fr.Chriſtovaõ da Luz, Bahia.
Na Junta de 5. de Fevereiro de 1697
31 O P.P.Fr.Gaſpar das Neves, Braga.
Na Junta de 11. de Janeiro de 1700
32 O P.P.Fr.Manoel dos Anjos, Baſto.
Na Junta de 29. de Março de 1703
33 O P.P.Fr.Coſme de S. Damiaõ.
Na Junta de 4. de Abril de 1707
34 O P.P.Fr.Emiliano da M. de Deos, Porto.
Na Junta de 7. de Abril de 1710
35 O P.M.Fr.Jozé da Natividade, † Rio de
Janeiro. Na Junta de 21. de Junho de 1713
36 O P.P.Fr.Jozé de Santa Catherina, Bahia.
Na Junta de 5. de Novembro de 1714
37 O P.P.Fr.Antonio da Trindade, Villa do
Conde.Na Junta de 26.de Fevereiro de 1717
38 O P.M.Fr.Joaõ Baptiſta da Cruz, Vianna.
Na Junta de 27 de Fevereiro de 1720
39 O P.P.Fr.Manoel do Eſpirito Sãto, Lisboa.
Na Junta de 7. de Junho de 1723
40 O P.P.Fr.Jozé de S.Jeronimo, Porto.
Na Junta de 3. de Abril de 1726
41 O P.P.Fr.Antonio da Trindade,ſegũda vez.
Na Junta de 28. de Julho de 1729

42 O P.M.Fr.Matheus da Encarnaçaõ, Rio de Janeiro. Na Junta de 4.de Setembro de 1732
43 O P.P.Fr.Ignacio do Rozario, Matozinhos. Na Junta de 9. de Janeiro de 1736
44 O P.M.Fr.Roque da Assumpçaõ,† Porto. Na Junta de 26. de Mayo de 1739
45 O P.M.Fr.Manoel de S.Jozé, Bostello. Na Junta de 3. de Outubro de 1740
46 O mesmo P.M.Fr.Manoel de S.Jozé,reeleito. Na Junta de Agosto de 1742
47 O P.P.Fr.Antonio da Luz, Fóz. Na Junta do anno de 1746
48 O P.M.Fr.Manoel do Desterro, Landim. Na Junta do anno de 1749
49 O P.M.Fr.Matheus da Encarnaçaõ,seg.vez. N.A.Na Junta de 18. de Dezembro de 1752
50 O P.P.G.Fr.Calisto de S.Caetano, Bahia. Na Junta de 15. de Outubro de 1753
51 O P.M.Fr.Manoel de S.Jozé, terc.vez. Na Junta de 4. de Fevereiro de 1756
52 O P.M.Fr.Joaõ de Santa Maria, Lisboa. Na Junta de 28. de Mayo de 1759
53 O P.P.Fr.Francisco de S.Jozé, Valença. Na Junta de 4. de Junho de 1762
54 O P.M.Fr.Gaspar da M. de Deos, Villa de Santos. Na Junta de 19. de Agosto de 1765

F I M.

ELO-

ELOGIOS,

Que ſe contem neſte volume.

XXIX.

CA-

CATHALOGO DOS PRELADOS de cada Mosteiro.

PRO-

PROTESTO

do Author.

COMO obediente filho da Santa Igreja Catholica Romana, ſugeito á ſua cenſura, e aos Decretos dos Summos Pontifices, eſpecialmente os de Urbano VIII. tudo quanto neſte livro eſcrevo, naõ pertendendo que ao merecimento, e virtudes de alguns ſugeitos, de quem fallo, ſe dê mayor veneraçaõ, e culto; do que mereceraõ no reſpeito dos homens, que os tratáraõ, e que de ſi meſmo naõ tem mayor credito, e authoridade, que a humana para merecer o louvor, que lhe dedicamos.

Fr. Thomás de Aquino.